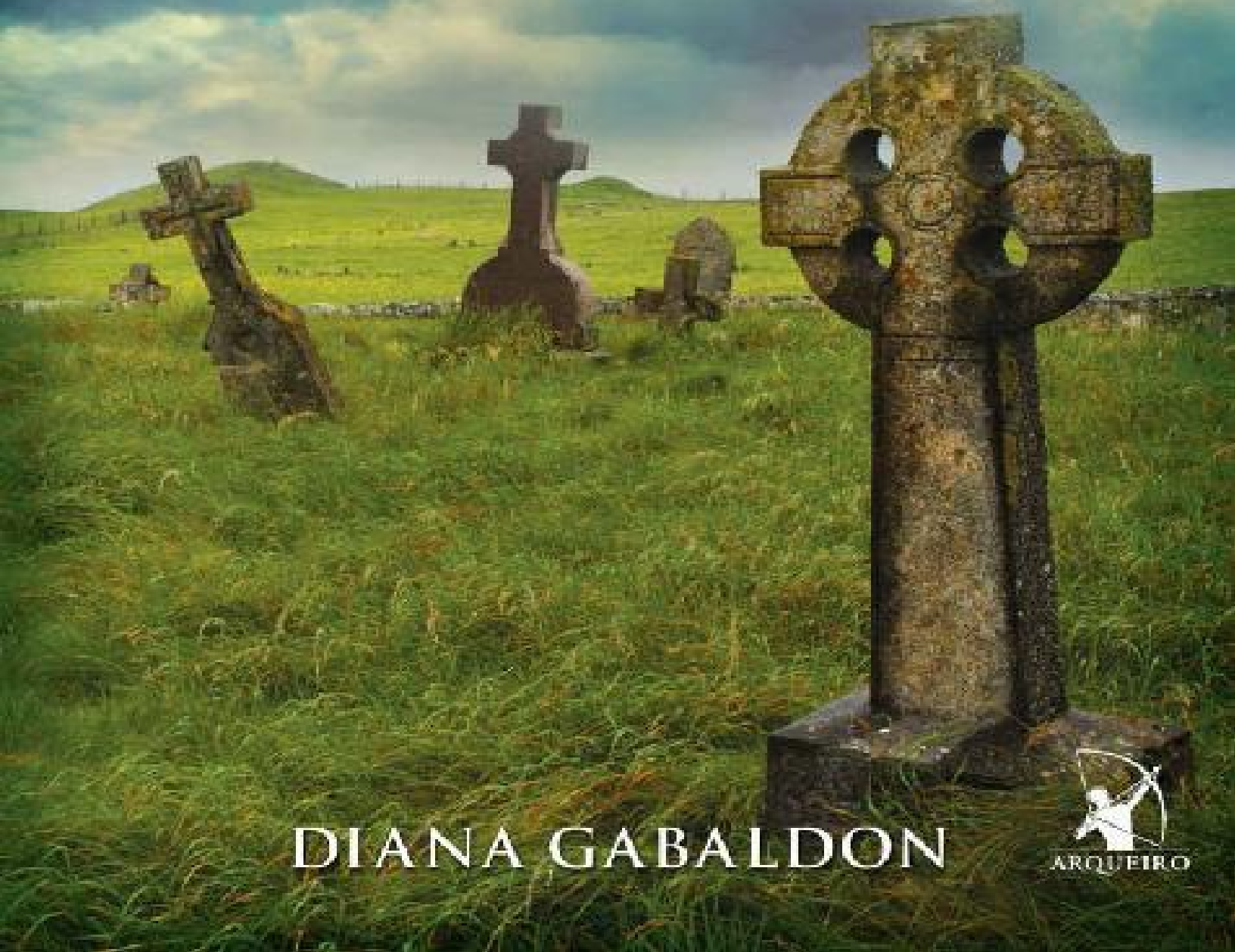


E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO - PARTE II



DIANA GABALDON



ARQUEIRO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OUTLANDER



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos

maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO - PARTE II

DIANA GABALDON



Título original: *The Fiery Cross*

Copyright © 2001 por Diana Gabaldon
Publicado originalmente no Canadá por Anchor Canada, 2002.
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode
ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carolina Caires Coelho

preparo de originais: Marina Vargas

revisão: Ana Grillo e Hermínia Totti

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Saída de Emergência

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: Ronald Summers/ Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G111o

Gabaldon, Diana

Outlander: a cruz de fogo, parte II [recurso eletrônico]/ Diana Gabaldon;
tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: The fiery cross

Sequência de: Outlander: a cruz de fogo, parte I

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-8041-687-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Coelho, Carolina Caires. II. Título.

17-40045

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Este livro é para minha irmã, Theresa Gabaldon,
com quem contei as primeiras histórias.*

PARTE VI

A Guerra da Regulação



“E LUTAR CONTRA ELES, DIZENDO QUE TINHAM HOMENS EM NÚMERO SUFICIENTE PARA MATÁ-LOS, PODEMOS MATÁ-LOS.”

*Depoimento de Waightstill Avery, Testemunha
Carolina do Norte
Mecklenburg County*

Waightstill Avery testemunhou e disse que no dia 6 de março, às nove ou dez horas da manhã, ele, o Depoente, estava na casa onde agora reside um tal Hudgins, que vive na extremidade mais baixa da ilha comprida.

E lá o Depoente viu trinta ou quarenta dessas pessoas que se dizem reguladores, e foi então preso e tomado como prisioneiro por um deles (que disse se chamar James McQuiston), em nome de todos eles, e logo depois certo James Graham (ou Grimes) disse ao Depoente estas palavras: “O senhor agora é prisioneiro e não deve ir a lugar nenhum sem um guarda.” Em seguida, acrescentou: “O senhor deve se manter com seu guarda e não será ferido.”

O Depoente foi então conduzido sob a guarda de dois homens ao acampamento de regulação (como eles o chamam), a cerca de 1,5 quilômetro de distância, onde havia diversas outras pessoas da mesma denominação e outros que chegaram algumas horas depois, em um total, como o Depoente supõe, de cerca de 230.

Por meio deles, o Depoente tomou conhecimento dos nomes de seis de seus capitães ou líderes ali presentes (são eles: Thomas Hamilton e outro Hamilton, James Hunter, Joshua Teague, um tal Gillespie e o já citado James Grimes [ou Graham]). O Depoente ouviu muitos deles, cujos nomes são para ele desconhecidos, proferirem injúrias contra o governador, os juízes do Tribunal Superior, a Assembleia e outras pessoas no governo. Enquanto uma multidão em volta de nós falava coisas ainda mais graves, o dito Thomas Hamilton ficou de pé no meio e disse palavras do seguinte teor e conteúdo (a multidão ainda assentindo e atestando a verdade do que ele dizia):

“Com que direito Maurice Moore atua como juiz? Ele não é juiz, não foi nomeado pelo rei, nem ele nem Henderson, nenhum dos dois vai presidir um tribunal. A Assembleia se reuniu e realizou um Ato Rebelde, e as pessoas estão mais iradas do que nunca. Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para o país, pois agora seremos forçados a matar todos os escravos e advogados, e vamos matá-los, juro que eles serão mortos. Se não tivessem feito esse Ato, poderíamos ter deixado que alguns deles vivessem. Um Ato Rebelde! Nunca houve um ato assim nas Leis da Inglaterra nem de nenhum outro país, exceto a França. Eles o trouxeram da França, e trarão também a Inquisição.”

Muitos disseram que o governador era amigo dos advogados e que a Assembleia havia levado a melhor sobre os reguladores ao promulgar leis sobre honorários. Eles trancafiaram Husband na cadeia para que ele não pudesse ver seus atos maliciosos, e então o governador e a Assembleia fizeram exatamente as leis que os advogados queriam. O governador é amigo dos advogados; estes conseguem tudo, e nomeiam juízes de paz ignorantes e fracos para servir a seus próprios interesses.

Não deveria haver advogados na província, não no que dependesse deles. Fanning fora proscrito no dia 22 de março e

qualquer regulador que o visse depois desse dia poderia assassiná-lo, e alguns diziam que eles não esperariam por isso, desejavam poder vê-lo e juravam que o matariam antes de voltar se pudessem encontrá-lo em Salisbury... Alguns desejavam se deparar com o juiz Moore em Salisbury para poder surrá-lo, outros para poder matá-lo. Um certo Robert Thomson disse que Maurice Moore cometeu perjúrio e o chamou de nomes infames como traste, canalha, patife, miserável etc., e outros concordaram.

Quando chegou a notícia de que o capitão Rutherford, à frente de sua tropa, estava marchando pelas ruas de Salisbury, o Depoente ouviu vários deles insistirem energicamente que todos os reguladores presentes deveriam marchar para Salisbury com suas armas e lutar contra eles, dizendo que tinham homens em número suficiente para matá-los, podemos matá-los, vamos ensinar a eles como nos enfrentar.

Jurado e subscrito neste dia 8 de março de 1771, na minha presença,

(assinado) Waightstill Avery

(testemunha) Wm. Harris, Juiz de Paz

De William Tryon para o general Thomas Gage

Carolina do Norte

New Bern, 19 de março de 1771

Senhor,

Ficou determinado ontem, no Conselho de Sua Majestade desta Província, que um grupo de forças dos regimentos da milícia e tropas devem ser reunidos para marchar até os acampamentos dos Insurgentes, que por seus atos e declarações rebeldes desafiaram este governo.

Como temos poucas máquinas ou implementos militares neste país, peço sua ajuda no sentido de obter para mim, para esse serviço, os itens (canhão, balas, bandeiras, tambores, etc.) relacionados aqui.

Pretendo começar minha marcha a partir desta cidade, por volta do dia 20 do próximo mês, e reunir a milícia conforme marcho pelos condados. Meu plano é reunir 1.500 homens, embora, pela disposição que agora surge no lado do governo, esse número possa ser consideravelmente mais alto.

*Com muito respeito e estima,
seu mais obediente servo,
Wm. Tryon*

AGORA, EU ME DEITO PARA DORMIR...

Cordilheira dos Frasers
15 de abril de 1771

Roger estava deitado na cama, ouvindo o zumbido intermitente de um pernilongo invisível que havia passado pela pele que cobria a janela da cabine. O berço de Jem estava coberto por um mosquiteiro, mas ele e Brianna não tinham a mesma proteção. Se o inseto ao menos pousasse nele, Roger o mataria, só que o maldito parecia apenas voar em círculos acima da cama deles, descendo ocasionalmente para cantar um suave e irritante zzzz em seu ouvido, antes de desaparecer de novo na escuridão.

Ele deveria estar cansado o suficiente para adormecer mesmo diante de um ataque aéreo de esquadrões de pernilongos, depois dos últimos dias de intensa atividade. Dois dias percorrendo os vales e cumes das montanhas, espalhando a notícia pelos povoados mais próximos, cujos habitantes, por sua vez, alertariam os membros da milícia que estivessem mais distantes. O plantio da primavera tinha sido realizado em tempo recorde: todos os homens disponíveis haviam passado o dia inteiro, do nascer ao pôr do sol, nos campos. Ele ainda estava tomado pela adrenalina, que percorria sua mente e seus músculos em pequenos espasmos, como se ele estivesse recebendo café diretamente na veia.

Roger havia passado o dia ajudando a preparar a fazenda para a partida dos homens, e imagens fragmentadas das rodadas de tarefas lhe ocorriam, uma a uma, sempre que ele fechava os olhos. Consertar cercas, transportar

feno, uma ida rápida ao moinho para pegar os sacos de farinha necessários para alimentar o regimento durante a marcha. Consertar um aro quebrado na roda da carroça, emendar uma rédea rompida, ajudar a capturar a porca branca que tinha tentado escapar do estábulo, cortar lenha e, finalmente, cavar depressa, por uma hora pouco antes do jantar, para que Claire pudesse plantar suas pequenas mudas de batata-doce e amendoim antes de eles partirem.

Apesar da pressa e do trabalho, a escavação no crepúsculo tinha sido um descanso bem-vindo da correria do dia. Pensar nisso permitiu que ele fizesse uma pausa, revivendo aquele momento na esperança de desacelerar a mente e se acalmar o suficiente para dormir.

Era abril, um mês quente para aquela estação, e o jardim de Claire estava exuberante: espigas verdes, folhas e pequenas flores brilhantes brotando, trepadeiras que se enroscavam nas paliçadas com flores brancas que se abriam lentamente como trombetas silenciosas acima de sua cabeça enquanto ele trabalhava na penumbra.

O cheiro das plantas e da terra recém-mexida o envolvia conforme o ar esfriava, forte como incenso. As mariposas iam até as flores abertas, formas suaves que saíam voando da mata em nuances de branco, cinza e preto. Nuvens de maruins também surgiram, atraídos pelo suor dele, e depois deram lugar a pernilongos graúdos, criaturas escuras e ferozes, de asas estreitas e corpos com penugem, que zumbiam pelos arbustos com a atitude agressiva de torcedores arruaceiros.

Ele esticou os dedos compridos dos pés contra o peso dos cobertores, roçando a perna da esposa, e se lembrou do peso da pá, a extremidade dura sob seu pé, e a sensação satisfatória da terra rachando e das raízes se partindo conforme as pás se cravavam no chão, a terra negra e úmida raiada pelo rizoma branco e impenetrável da grama e pelo brilho fugidio das minhocas que se contorciam.

Uma enorme mariposa-cecrópia passara voando acima da cabeça de Roger, atraída pelos odores do jardim. Suas asas marrons eram do tamanho da mão dele, com duas manchas que pareciam olhos, surreais em sua beleza

silenciosa.

Quem planta um jardim trabalha com Deus. Era o que estava escrito na borda do velho relógio de sol de cobre no jardim da casa em Inverness onde ele havia crescido. Irônico, já que o reverendo não tinha tempo nem talento para a jardinagem, e o lugar era uma selva de grama não aparada e roseiras antigas que tinham crescido selvagens e galhudas por falta de cuidado. Ele sorriu ao se lembrar, e deu boa-noite em sua mente à sombra do reverendo.

Boa noite, pai. Que Deus o abençoe.

Já fazia muito tempo que ele perdera o hábito de dizer boa-noite dessa maneira a uma lista curta de familiares e amigos – vestígio de uma infância de preces noturnas que terminavam com a lista de sempre de “Deus, abençoe a vovó, o vovô Guy no céu, meu melhor amigo Peter, Lilian, a cachorra, e o gato do dono da mercearia...”

Há anos não fazia aquilo, mas a lembrança da paz daquele pequeno ritual fez com que ele elaborasse uma nova lista. Era melhor do que contar carneirinhos, ele acreditava – e desejava a sensação de paz da qual se recordava, mais do que desejava dormir.

Boa noite, sra. Graham, pensou, e sorriu para si mesmo, evocando uma imagem breve e vívida da antiga governanta do reverendo, mergulhando a mão em uma tigela e espirrando água sobre uma grelha quente para ver se as gotas dançavam. *Deus a abençoe.*

O reverendo, a sra. Graham, sua neta Fiona e o marido, Ernie... seus pais, apesar de aquele ser um cumprimento *pro forma* para duas pessoas sem rosto. Claire, na casa-grande, e, com uma leve hesitação, Jamie. Então, sua própria pequena família. Ele se sentiu confortado ao pensar neles.

Boa noite, rapazinho, pensou, virando a cabeça na direção do berço onde Jemmy dormia. *Deus o abençoe.* E Brianna.

Ele virou a cabeça para o outro lado e abriu os olhos, vendo o rosto ovalado dela adormecido, voltado para ele, a menos de 30 centímetros no travesseiro. Ele se virou de lado da maneira mais suave possível e ficou observando Brianna. Eles tinham deixado o fogo se apagar, já que teriam que sair cedo na manhã seguinte. Estava tão escuro no quarto que ele não

conseguia distinguir, do rosto dela, nada além do contorno das sobrancelhas e dos lábios.

Brianna nunca ficava acordada na cama. Ela se deitava de barriga para cima, se esticava com um suspiro de satisfação, respirava fundo três vezes e apagava como uma luz. Talvez fosse a exaustão, talvez só o fato de ser saudável e ter a consciência tranquila, mas às vezes ele achava que era vontade de escapar para sua terra de sonhos particular, aquele lugar onde ela andava sem rumo ao volante do carro, os cabelos se agitando ao vento.

Com que ela estaria sonhando naquele momento?, perguntou-se ele. Podia sentir o suave calor do hálito dela em seu rosto.

Ontem à noite, sonhei que fazia amor com Roger. A lembrança daquela entrada no diário ainda mexia com ele, por mais que tivesse tentado esquecer. Ele estava quase dormindo, entorpecido por esses pensamentos, mas lembrar-se do diário fez com que despertasse novamente. Era melhor que ela não estivesse sonhando com aquilo agora! Não depois dos momentos que acabara de dividir com ela.

Ele fechou os olhos de novo, concentrando-se na respiração regular de Brianna. Sua testa estava a poucos centímetros da dela. Talvez ele pudesse capturar o eco dos sonhos dela através dos ossos do crânio? O que ele sentiu, no entanto, foi o eco de sua carne, e as reverberações da despedida, com todas as suas dúvidas e prazeres.

Ela e o rapazinho partiriam pela manhã também; as coisas deles estavam arrumadas junto das dele ao lado da porta. O sr. Wemyss os levaria até Hillsborough, onde, em tese, ela estaria segura e lucrativamente ocupada pintando o retrato da sra. Sherston.

– Você deve tomar muito cuidado – dissera a ela pela terceira vez na mesma noite.

Hillsborough ficava bem no centro do território dos reguladores, e ele não aprovava muito a decisão dela de ir para lá. Brianna ignorara a preocupação dele, no entanto, rindo da ideia de que ela ou Jem pudessem estar em perigo. Provavelmente estava certa – ainda assim, ele não tinha certeza de que ela agiria diferente se *houvesse* perigo. Estava tão animada com a ideia da

bendita encomenda, pensou ele, que enfrentaria multidões armadas para chegar a Hillsborough.

Ela cantava baixinho para si mesma “Lago Lomond”, justamente aquela canção. “Ah, você vai tomar o caminho mais nobre, e eu, a estrada de terra, e chegarei à Escócia aaaaantes de você...”

– Você me ouviu? – perguntara ele, segurando seu braço enquanto ela dobrava as roupas de Jemmy.

– Sim, querido – murmurara ela, piscando e fingindo submissão.

Aquilo o irritara tanto que ele a segurara pelos punhos e a virara para ele.

– Estou falando sério – rosnara.

Olhou nos olhos dela, que estavam arregalados, um traço de zombaria ainda brilhando naqueles triângulos azuis. Ele segurou o pulso dela com mais força; por mais alta e forte que ela fosse, seus ossos pareciam delicados, quase frágeis na mão dele. De repente, imaginou os ossos de Brianna embaixo da pele: as maçãs do rosto altas e amplas, o crânio arredondado e os dentes longos e brancos. Era fácil demais imaginar aqueles dentes expostos até a raiz em um sorriso forçado permanente e ossudo.

Ele a puxara para si com uma violência repentina e a beijara com força suficiente para que os dentes dos dois se chocassem, sem se importar se um dos dois se machucaria.

Brianna usava apenas um vestido solto e ele não se dera ao trabalho de tirá-lo, apenas deitou-a de costas na cama e o ergueu acima das coxas. Ela estendeu as mãos para Roger, mas ele não permitiu que ela o tocasse; prendeu os braços dela para cima e depois a pressionou contra o colchão com o peso de seu corpo, roçando, ofegando, procurando conforto na carne fina e macia que separava os ossos dela dos dele.

Eles tinham feito tudo em silêncio, meio conscientes do filho adormecido por perto. E ainda assim, no meio do ato, o corpo dela havia reagido ao dele, de uma forma profunda e surpreendente que ia além das palavras.

– Estou falando sério – repetira ele, momentos depois, falando baixinho em meio aos cabelos dela.

Ele estava deitado sobre ela, envolvendo-a com os braços, impedindo que

ela se movesse. Brianna se remexera e ele a segurara com mais força, para que ela permanecesse imóvel. Ela suspirou, e ele sentiu sua boca se mexer, os dentes se afundando delicadamente na carne na base do pescoço dele. Ela o mordeu. Não de forma abrupta, mas uma mordida lenta, sugando a pele, fazendo com que ele ofegasse e se erguesse para se afastar.

– Eu sei – dissera ela, e livrara os braços para envolvê-lo pelas costas e apertá-lo contra sua maciez úmida e quente. – Eu também estou.

– Era isso que você queria?

Ele sussurrava as palavras agora, mas baixinho, para não despertá-la. O calor do corpo dela atravessava as roupas de cama; ela dormia profundamente.

Se era o que ela queria... o que, exatamente, era? Seria a natureza brutal do modo com que ele fizera amor que a levava a reagir? Ou será que ela teria sentido a força do que havia por trás e reconhecido o desespero da necessidade que ele tinha de mantê-la segura?

E se fosse a forma bruta... Ele engoliu em seco, cerrando um punho ao se lembrar de Stephen Bonnet. Ela nunca lhe havia contado o que acontecera entre ela e Bonnet – e era impensável para ele perguntar. Mais impensável ainda que suspeitasse de que alguma coisa naquela situação pudesse ter mexido com ela. E, ainda assim, Brianna estremecia visivelmente nas raras vezes em que alguma coisa o levava a tomá-la de modo abrupto, sem a delicadeza de sempre.

Ele estava longe de rezar agora.

Tinha a mesma sensação de antes, preso em um inferno de rododendros, com o mesmo labirinto de raízes úmidas e folhas pendentes sempre diante dele, não importava em que direção virasse. Túneis escuros pareciam oferecer esperança de fuga, e no entanto levavam apenas a mais emaranhados.

Pois eu e meu verdadeiro amor nunca mais nos encontraremos nas margens formosas do lago Lomond...

Ele estava tenso de novo, a pele formigando e as pernas se contraindo,

inquieta. O pernilongo zumbiu e ele deu um tapa – tarde demais, claro. Incapaz de se manter parado, saiu silenciosamente da cama e fez uma série rápida de agachamentos para relaxar os músculos retesados.

Aquilo proporcionou certo alívio, e ele se abaixou para fazer flexões, contando mentalmente enquanto se abaixava na direção das tábuas do chão. Um. Dois. Três. Quatro. Concentrando-se apenas no ardor crescente no peito, nos braços e nos ombros, na relaxante monotonia da contagem: 26, 27, 28...

Por fim, com os músculos trêmulos devido à exaustão temporária, ele se levantou, tirou a pele da janela e ficou de pé, nu, deixando o ar frio e úmido da noite envolver seu corpo. Talvez ele estivesse permitindo que mais pernilongos entrassem, mas o que já se encontrava ali poderia sair também.

A mata estava prateada com o luar, e o tênue brilho de uma fogueira na escuridão indicava a milícia acampada ali. Os homens tinham chegado durante todo o dia, em mulas ou cavalos velhos, mosquetes sobre as trouxas de roupas. Ele ouviu o som de vozes e de risadas casuais, um fragmento trazido pela brisa. Pelo menos ele não era a única pessoa acordada; saber disso era um conforto.

Uma luz mais forte brilhou na lateral da casa-grande, do outro lado da clareira. Uma lamparina. Duas pessoas caminhando juntas; uma alta, a outra mais baixa.

Um homem disse algo, fez uma pergunta, e Roger reconheceu a voz de Jamie, mas não entendeu o que ele dizia.

– Não – respondeu a voz de Claire, mais suave e mais clara conforme eles se aproximavam.

Ele viu as mãos dela se agitarem, recortadas contra o brilho da lamparina.

– Estou imunda depois de trabalhar na terra. Vou me lavar antes de entrar. Vá para a cama.

A figura maior hesitou, em seguida entregou a lamparina a ela. Roger viu o rosto de Claire à luz por um momento, virado para cima, sorrindo. Jamie se inclinou e a beijou brevemente, então deu um passo para trás.

– Depressa – disse ele, e Roger pôde imaginá-lo sorrindo. – Não durmo bem sem você ao meu lado, Sassenach.

– Você não vai dormir agora, vai?

O tom de Claire era brincalhão.

– Logo, logo, não. – A figura de Jamie tinha desaparecido na escuridão, mas a brisa soprava em direção à casa, e a voz dele surgiu das sombras, parte da noite: – Mas também não consigo fazer a outra coisa se você não estiver ao meu lado, não é?

Claire riu, mas de modo suave.

– Comece sem mim – disse ela, virando-se em direção ao poço. – Eu o alcanço depois.

Roger esperou perto da janela até vê-la voltar, a lamparina oscilando no ritmo rápido de seus passos, e entrar. A brisa havia mudado, e ele não ouvia mais os homens na mata, apesar de a fogueira deles ainda estar acesa.

– Você está adiantado, amigo – disse ele, estendendo um dedo em direção a um vaga-lume e cutucando-o delicadamente. – Acha que já tem alguém por aí?

O inseto se moveu alguns centímetros e em seguida parou, piscando teimosamente.

Ele olhou em direção à mata, a pele agora fria, e sentiu os pelos do peito se arrepiarem. Passou a mão sobre eles distraidamente e notou o ponto sensível onde ela o havia mordido. Estava escuro ao luar, uma mancha clara em sua pele. Ainda estaria ali de manhã?, ele se perguntou.

Ao esticar o braço para colocar a pele de volta sobre a janela, ele viu o brilho da lua no vidro. A pequena coleção de objetos pessoais de Brianna estava na estante perto da janela: o par de pentes de casco de tartaruga que Jocasta dera a ela, a pulseira de prata; o pequeno frasco de óleo de tanásia, dois ou três pedacinhos de esponja ao lado; e o brilho mais forte do frasco cheio de sementes de cenoura. Ela não tivera tempo de usar o óleo de tanásia naquela noite, mas ele tinha certeza de que ela havia tomado as sementes naquele dia.

Abaixou a pele e voltou para a cama, parando perto do berço para sentir a respiração do bebê através do mosquiteiro, quente e reconfortante contra sua pele.

Jem havia afastado as cobertas. Roger ergueu o mosquiteiro e as puxou para cima, prendendo-as com firmeza. Havia algo macio... Ah, o boneco de pano de Jemmy, que o bebê abraçava contra o peito. Roger permaneceu ali por um momento, com a mão nas costas do pequeno, sentindo o subir e descer reconfortantes de sua respiração.

– Boa noite, rapazinho – sussurrou ele, por fim, e tocou o traseiro fofo do menino. – Que Deus o abençoe e guarde.

FELIZ ANIVERSÁRIO

*1º de maio de 1771**Acampamento da União*

Acordei logo depois do amanhecer, incomodada por um inseto que subia pela minha perna. Sacudi o pé e o que quer que fosse fugiu apressado em direção à grama, evidentemente assustado por descobrir que eu estava viva. Mexi os dedos dos pés, desconfiada, mas não encontrei mais nenhum intruso em meu cobertor, então respirei fundo o ar fresco com cheiro de seiva e relaxei.

Eu podia ouvir uma leve agitação por perto, mas era apenas o resfolegar e o bater dos cascos dos cavalos dos oficiais, que acordavam muito antes dos homens. O acampamento em si ainda estava silencioso, ou tão silencioso quanto um acampamento com várias centenas de homens podia ficar em qualquer momento. A cobertura de lona acima de nós brilhava com a luz suave e as sombras das folhas, mas o sol ainda não tinha nascido por completo. Semicerrei os olhos, feliz por saber que não teria que me levantar ainda – e, quando me levantasse, outra pessoa já teria preparado o café da manhã.

Tínhamos chegado ao acampamento na noite anterior, depois de uma tortuosa jornada descendo as montanhas e atravessando o piemonte para chegar ao local de encontro, na propriedade do coronel Bryan. Estávamos adiantados; Tryon ainda não havia chegado com as tropas de New Bern, nem os destacamentos de Craven e Carteret County, que traziam as peças de artilharia e os canhões giratórios. As tropas de Tryon estavam sendo

esperadas para aquele dia, ou assim nos dissera o coronel Bryan durante o jantar na noite anterior.

Um gafanhoto pousou na lona acima de nós com um baque audível. Eu o observei com os olhos semicerrados, mas o bicho não parecia interessado em entrar, graças a Deus. Talvez eu devesse ter aceitado a oferta da sra. Bryan de me conseguir uma cama dentro da casa, junto com as esposas de alguns outros oficiais que tinham ido acompanhar os maridos. No entanto, Jamie havia insistido em dormir no campo com seus homens e eu fui com ele, preferindo uma cama na qual houvesse Jamie e insetos a uma sem ele.

Olhei para os lados, tomando o cuidado de não mexer para o caso de ele estar dormindo, mas me enganei. Ele estava deitado imóvel, muito relaxado, exceto pela mão direita. Jamie a havia erguido e parecia examiná-la com atenção, virando-a de um lado para o outro e abrindo e fechando os dedos lentamente – tanto quanto podia. O quarto dedo tinha a articulação permanentemente enrijecida, e o dedo do meio era levemente torto, com uma cicatriz branca e profunda dando a volta na articulação do meio.

Sua mão era cheia de calos e áspera por causa da labuta, e ainda havia a tênue cicatriz do ferimento feito por um prego, rosada, no meio da palma. A pele da mão era muito bronzeada e maltratada pelo tempo, coberta de pelos dourados, e de sardas por causa da exposição ao sol. Eu a considerava extremamente bonita.

– Feliz aniversário – falei, baixinho. – Está fazendo um balanço dos anos?

Ele deixou a mão cair sobre o peito e virou a cabeça para olhar para mim, sorrindo.

– Sim, mais ou menos isso. Mas acho que ainda tenho algumas horas até fazer aniversário. Eu nasci às seis e meia; só completarei meio século de vida na hora do jantar.

Eu ri e rolei de lado, afastando o cobertor. O ar ainda estava deliciosamente frio, mas isso não duraria muito.

– Acha que vai envelhecer muito mais até o jantar? – perguntei, provocando-o.

– Bem, acho que nada vai cair até lá – disse ele, pensativo. – Quanto ao

funcionamento... bem...

Ele arqueou a costas, espreguiçando-se, e recostou-se de novo com um gemido de satisfação quando minha mão pousou sobre ele.

– Parece que está tudo na mais perfeita ordem – assegurei. Dei um puxão de leve, fazendo com que ele gritasse. – Não está nem um pouco solto.

– Ótimo – disse ele, pousando a mão com firmeza sobre a minha para impedir mais experimentos não autorizados. – Como você sabia o que eu estava fazendo? Um balanço dos anos, como chama?

Deixei que ele segurasse minha mão, mas me movimentei para apoiar o queixo no centro do peito dele, onde havia uma pequena depressão que parecia ter sido feita exatamente para isso.

– Sempre faço isso no aniversário – respondi –, embora geralmente na noite anterior. É como olhar para trás, acho, refletindo um pouco sobre o ano que passou. Mas dou uma conferida nas coisas; acho que todo mundo faz isso. Só para ter certeza de que somos a mesma pessoa que no dia anterior.

– Tenho quase certeza de que sou – garantiu-me ele. – Você não está vendo nenhuma mudança visível, está?

Ergui o queixo do peito dele e o examinei com cuidado. Na verdade, era meio difícil olhar para Jamie de modo objetivo; eu estava tão acostumada com aqueles traços e gostava tanto deles que tendia a perceber pequenos e adoráveis detalhes – a sarda no lóbulo da orelha, o incisivo inferior se projetando mais à frente, ligeiramente desalinhado em relação a seus companheiros – e a reagir à menor mudança em sua expressão, mas não a vê-lo como um todo.

Ele tolerou minha análise com tranquilidade, olhos semicerrados contra a luz cada vez mais forte. Seus cabelos tinham se soltado enquanto ele dormia e se espalhavam sobre os ombros, as ondas ruivas emoldurando um rosto profundamente marcado tanto pelo humor quanto pela intensidade, mas que tinha uma capacidade paradoxal e admirável de se manter inexpressivo.

– Não – falei finalmente, apoiando o queixo de novo com um suspiro satisfeito. – Ainda é você.

Ele resmungou baixinho, divertindo-se, mas permaneceu deitado. Ouvi

um dos cozinheiros ali perto, xingando ao tropeçar na haste de uma carroça. O acampamento ainda estava sendo montado; algumas outras companhias – com um grande contingente de ex-soldados entre seus oficiais e homens – eram metódicas e organizadas. Muitas outras não, e havia tendas cambaleantes e equipamentos espalhados pela campina em uma miscelânea, por assim dizer, militar.

Um tambor começou a soar, sem qualquer efeito aparente. O exército continuava dormindo.

– Você acha que o governador vai conseguir fazer alguma coisa com essas tropas? – perguntei, em dúvida.

Jamie também parecia ter voltado a dormir. Ao ouvir minha pergunta, no entanto, os cílios ruivos compridos se ergueram em uma resposta preguiçosa.

– Ah, sim. Tryon é um soldado. Ele sabe muito bem o que fazer, pelo menos para começar. Não é muito difícil colocar os homens para marchar em colunas e cavar fossos, sabe? Fazê-los lutar é outra coisa.

– Será que ele consegue?

O peito sob meu queixo se ergueu em um suspiro profundo.

– Talvez sim, talvez não. A questão é... será que ele vai ter que fazer isso?

Essa era de fato a questão. Boatos tinham se espalhado em torno de nós como folhas de outono em um vendaval, vindos da Cordilheira dos Frasers. Os reguladores tinham dez mil homens, que estavam marchando em uma tropa em direção a New Bern. O general Gage estava navegando de Nova York com um regimento de tropas oficiais para subjugar a Colônia. Os integrantes da milícia de Orange County tinham se revoltado e matado seus oficiais. Metade dos homens de Wake County haviam desertado. Hermon Husband tinha sido preso e colocado em um navio para ser levado a Londres, onde seria julgado por traição. Hillsborough fora tomada pelos reguladores, que se preparavam para incendiar a cidade e executar Edmund Fanning e todos os seus comparsas. Eu torcia muito para que isso não fosse verdade – ou para que, caso fosse, Hubert Sherston não fosse íntimo de Fanning.

Em meio aos boatos, às suposições e à pura invenção desenfreada, a única coisa da qual podíamos ter certeza parecia ser o fato de que o governador

Tryon estava a caminho para se unir à milícia. Depois disso, teríamos que ver, eu acreditava.

A mão livre de Jamie estava apoiada nas minhas costas, o polegar traçando preguiçosamente a linha do meu ombro. Com sua costumeira disciplina mental, ele parecia ter deixado de lado a incerteza dos prospectos militares e pensava em outra coisa totalmente diferente.

– Você já parou para pensar... – começou ele, em seguida parou.

– Pensar no quê?

Eu me inclinei para a frente e beijei seu peito, arqueando as costas para incentivá-lo a acariciá-las, e ele obedeceu.

– Bem... não sei se consigo explicar, mas me ocorreu agora que eu vivi mais do que o meu pai, algo que eu não esperava que fosse acontecer – disse ele, com uma leve ironia. – É que... bem, parece estranho, só isso. Só fiquei imaginando se você pensa nisso... já que perdeu sua mãe quando era jovem.

– Sim. – Meu rosto estava enterrado no peito dele, minha voz abafada pelo tecido de sua camisa. – Eu pensava... quando era mais jovem. Como viajar sem um mapa.

A mão dele em minhas costas parou por um momento.

– Sim, é isso. – Ele pareceu um pouco surpreso. – Eu sabia mais ou menos como seria um homem de 30 ou 40 anos... mas e agora?

Seu peito se moveu suavemente, com um barulho que podia ser uma mistura de diversão e confusão.

– Você se inventa – respondi baixinho, para as sombras dentro dos cabelos que tinham caído sobre o meu rosto. – Você observa outras mulheres... ou homens, tenta ver como vivem. Aproveita o que puder usar, olha para dentro de si em busca daquilo que não consegue encontrar em lugar nenhum. E sempre... sempre... se pergunta se está fazendo as coisas direito.

A mão dele estava quente e pesada sobre as minhas costas. Ele sentiu as lágrimas que escorreram inesperadamente dos cantos dos meus olhos e molharam sua camisa, e com a outra mão tocou minha cabeça e alisou meus cabelos.

– Sim, é isso – disse ele de novo, delicadamente.

O acampamento começava a se agitar do lado de fora, com ruídos metálicos e surdos, e o som rouco das vozes sonolentas. Acima de nós, o gafanhoto começou sua ladainha, como alguém raspando um prego em uma panela de cobre.

– Esta é uma manhã que meu pai nunca viu – comentou Jamie, ainda tão baixo que eu ouvi a frase tanto através de seu peito quanto com os ouvidos. – O mundo e cada dia nele são um presente, *mo chridhe*... não importa o que traga o amanhã.

Suspirei profundamente e virei a cabeça, descansando o rosto contra o peito dele. Jamie estendeu a mão e limpou meu nariz com uma dobra da camisa.

– E quanto a fazer um balanço do tempo – disse ele de maneira prática –, tenho todos os meus dentes, nenhuma parte me falta, e meu pau ainda sobe sozinho de manhã. Poderia ser pior.

MÁQUINAS MILITARES

*Diário da expedição contra os Insurgentes
Mantido por William Tryon, governador*

Quinta-feira, 2 de maio

Os destacamentos de Craven e Carteret marcharam de New Bern com duas peças de artilharia, seis canhões giratórios montados em carroças, dezesseis carroças grandes e quatro carrinhos, carregados de bagagens, munição e provisões suficientes para manter os vários destacamentos que se uniriam a eles a caminho da propriedade do coronel Bryan, o local de encontro geral.

O governador saiu de New Bern no dia 27 de abril e chegou à propriedade do coronel Bryan em 1º de maio. Hoje, as tropas dos dois distritos se uniram.

Sexta-feira, 3 de maio, Union Camp

Ao meio-dia, o governador passou em revista os destacamentos na campina em Smiths Ferry, no lado oeste do rio Neuse.

Sábado, 4 de maio

O grupo marchou até o Tribunal Johnston. Catorze quilômetros.

Domingo, 5 de maio

Marchou até a propriedade do major Theophilus Hunter, em Wake County. Vinte e um quilômetros.

Segunda-feira, 6 de maio

O exército fez uma parada e o governador passou em revista o Regimento de Wake em uma inspeção geral. O sr. Hinton, coronel do regimento, informou ao governador que conseguira apenas 22 homens da companhia que havia recebido ordens para reunir, devido a um descontentamento entre os habitantes do condado.

Observando um descontentamento geral no Regimento de Wake ao passar pela primeira fileira do batalhão, vendo que não mais do que um homem em cada cinco tinha armas e descobrindo que, depois de sua convocação para que se voluntariassem para o serviço, eles se recusaram a obedecer, o governador ordenou que o exército cercasse o batalhão. Feito isto, ordenou que três de seus coronéis separassem quarenta dos homens mais certos e ativos, manobra que causou grande pânico no regimento, consistindo, naquele momento, de cerca de quatrocentos homens.

Durante o recrutamento, os oficiais do exército trabalharam com afinho para convencer os homens a se alistar, e em menos de duas horas completaram a Companhia de Wake com cinquenta homens. Ao cair da noite, o Regimento de Wake foi dispensado,

muito envergonhado tanto de sua desonra quanto de sua má conduta que a ocasionou. O exército voltou ao acampamento.

Quarta-feira, 8 de maio

O destacamento do coronel Hinton foi deixado para trás, com o objetivo de impedir que os descontentes naquele condado formassem um corpo, unindo-se aos reguladores nos condados adjacentes.

Esta manhã, um destacamento marchou até a residência de Turner Tomlinson, um regulador notório, e o levou como prisioneiro para o acampamento, onde ele foi encarcerado. Ele confessou ser um regulador, mas não fez revelações.

O exército marchou e montou acampamento perto da propriedade de Booth, em New Hope Creek.

Sexta-feira, 10 de maio

Fizemos uma parada, mandei que as carroças fossem consertadas, que os cavalos fossem ferrados e que tudo fosse reparado. Inspeionei em Hillsborough duas companhias da Milícia Laranja.

O prisioneiro Tomlinson escapou esta noite. Destacamentos partiram atrás dele, mas sem sucesso.

Domingo, 12 de maio

Marchamos, atravessamos o rio Haw e acampamos no lado oeste. Era esperado que os reguladores se opusessem à passagem

dos monarquistas pelo rio, como era a intenção deles, mas, sem suspeitar que o exército sairia de Hillsborough antes de segunda, foram, por esse movimento repentino, derrotados nessa parte de seu plano.

Recebi hoje notícias rápidas de que o general Waddell foi forçado pelos reguladores, com as tropas sob seu comando, a voltar a atravessar o rio Yadkin.

Serviço divino, com sermão, realizado pelo reverendo sr. McCarty. Texto: “Se não tiver espada, venda suas roupas e compre uma.”

Hoje, vinte cavalheiros se alistaram voluntariamente no exército, a maioria dos condados de Granville e Bute. Foram reunidos em uma tropa de cavalaria ligeira sob o comando do major MacDonald. Um regulador foi capturado pelos grupos de flanqueamento enquanto estava em uma emboscada com sua arma. O comissário tirou de sua casa parte dos barris de rum alojados ali para uso dos reguladores. Também alguns leitões que iriam para sua família.

Segunda-feira, 13 de maio

Marchamos até O’Neal. Ao meio-dia, um mensageiro expresso chegou enviado pelo general Waddell com uma mensagem verbal; não quis arriscar levar uma carta por medo de que ela fosse interceptada. O conteúdo dessa mensagem era que na quinta à noite, no nono dia do presente mês, os reguladores, em número de dois mil, cercaram seu acampamento e, do modo mais ousado e insolente, exigiram que o general se retirasse com suas tropas, atravessando o rio Yadkin, a 3 quilômetros de distância. Ele se recusou a obedecer, insistindo que tinha ordens do governador para avançar. Isso os deixou mais insolentes e, com muitos brados

indígenas, eles se esforçaram para intimidar seus homens.

O general, ao ver que seus homens não passavam de trezentos, e em geral não dispostos a travar batalhas, e depois que muitas de suas sentinelas foram até os reguladores, foi obrigado a concordar com o pedido deles e, bem cedo no dia seguinte, voltou a atravessar o rio Yadkin, com seu canhão e sua bagagem. Os reguladores concordaram em se dispersar e voltar a suas casas.

Um conselho de guerra foi realizado imediatamente para deliberar a respeito das informações trazidas pelo mensageiro expresso, composto pelos respeitáveis John Rutherford, Lewis DeRosset, Robert Palmer e Sam Cornell, do Conselho de Sua Majestade, e pelos coronéis e oficiais de campo do exército, durante o qual ficou resolvido que a tropa mudaria sua rota, tomaria a estrada na propriedade do capitão Holt que leva de Hillsborough a Salisbury, passando pelos rios Grande e Pequeno Alamance com toda a diligência possível e marchando sem perda de tempo para se unir ao general Waddell. Conforme determinado, o exército começou a marcha e, antes de escurecer, acampou no lado oeste do Pequeno Alamance, e um forte destacamento foi enviado para tomar a margem oeste do Grande Alamance, a fim de impedir que os grupos inimigos ocupassem aquele posto.

Esta noite, recebi informações de que os reguladores estavam enviando sentinelas avançadas a todos os seus povoamentos e se reunindo em Sandy Creek, perto da propriedade de Hunter.

Marchamos e nos unimos ao destacamento na margem oeste do Grande Alamance, onde um acampamento forte foi escolhido. Aqui, o exército estacionou até que mais provisões pudessem ser trazidas de Hillsborough, e para isso várias carroças foram esvaziadas e enviadas do acampamento até Hillsborough.

Tendo recebido informações esta noite de que os rebeldes pretendiam atacar o acampamento durante a madrugada, foram feitos os preparativos necessários para um confronto. Um terço do

exército recebeu ordens de permanecer armado a noite toda, e o restante, de se deitar perto de suas armas. Nenhum alarme foi dado.

Terça-feira, 14 de maio

Parados, os homens receberam ordens de continuar no acampamento.

O exército permaneceu armado a noite toda, como na noite anterior. Sem surpresas.

Quarta-feira, 15 de maio

Por volta das seis da tarde, o governador recebeu uma carta dos insurgentes e a mostrou ao Conselho de Guerra, que determinou que o exército deveria marchar contra os rebeldes na manhã seguinte, que o governador deveria enviar a eles uma carta oferecendo um acordo e, no caso de recusa, deveria atacá-los.

Os homens permaneceram armados a noite toda. Sem sustos, apesar de os rebeldes estarem a 8 quilômetros do acampamento.

*Do diário de sonhos:
Hillsborough, 15 de maio*

Ontem à noite, dormi cedo e acordei antes do amanhecer dentro de uma nuvem cinza. Durante todo o dia, era como se eu estivesse andando envolta em uma névoa. As pessoas falam comigo e eu não as ouço; posso ver que mexem a boca, assinto e sorrio, e então vou embora. O ar está quente e abafado e tudo tem cheiro de metal quente. Minha cabeça dói, e o cozinheiro está batendo panelas.

Tentei me lembrar o dia todo do que sonhei, mas não consigo. Há apenas cinza e uma sensação de medo. Nunca estive perto de uma batalha, mas tenho a sensação de que estou sonhando com fumaça de canhão.

CONSELHO DE GUERRA

Jamie voltou do Conselho de Guerra bem depois do jantar e informou os homens brevemente a respeito dos planos de Tryon. A reação geral foi de aprovação, se não do mais completo entusiasmo.

– Precisamos ir agora – disse Ewald Mueller, esticando os braços compridos e estalando todos os nós dos dedos de uma só vez. – Se ficarmos parados, o musgo vai crescer!

Essa frase foi recebida com riso e gestos de concordância. O espírito da companhia se elevou notavelmente diante da perspectiva de ação pela manhã. Homens se reuniram para conversar ao redor das fogueiras, com os raios de sol reluzindo nas canecas de latão e nos cabos polidos dos mosquetes posicionados cuidadosamente aos seus pés.

Jamie fez uma rápida inspeção, respondendo a perguntas e encorajando os homens, depois veio se juntar a mim diante de nossa pequena fogueira. Encarei-o com os olhos semicerrados. Apesar do estresse da situação, havia uma sensação de satisfação reprimida nele que instigou imediatamente minhas suspeitas.

– O que você fez? – perguntei, entregando a ele uma fatia grande de pão e uma tigela de ensopado.

Ele não se deu ao trabalho de negar que tinha feito alguma coisa.

– Consegui passar tempo suficiente sozinho com Cornell depois do Conselho para perguntar a ele sobre Stephen Bonnet. – Ele arrancou um naco de pão com os dentes e o engoliu quase sem mastigar. – Meu Deus, estou morrendo de fome. Não comi nada o dia todo depois de rastejar pela

vegetação feito uma cobra.

– Certamente Samuel Cornell não estava rastejando pela vegetação.

Cornell era um dos conselheiros reais do governador, um comerciante atarracado e abastado de Edenton e, considerando sua constituição física, sua estatura e seu temperamento, definitivamente não tinha sido feito para rastejar pela vegetação.

– Não, isso foi mais tarde.

Ele mergulhou o pão no ensopado, deu mais uma mordida enorme e balançou a mão, momentaneamente sem poder falar. Entreguei a ele um copo de sidra, que ele bebeu para ajudar a engolir a comida.

– Estávamos procurando as linhas dos rebeldes – explicou ele, agora com a boca vazia. – Eles não estão longe. Apesar de as “linhas” estarem dando a eles o benefício de uma dúvida considerável – acrescentou, comendo mais ensopado. – Não via uma turba assim desde que lutei na França, e tomamos um vilarejo onde estava um bando de contrabandistas de vinho. Metade com prostitutas e todos eles embriagados: tivemos que erguê-los do chão para podermos prendê-los. Esse grupo é um pouco melhor, pelo que pude ver. Mas não há muitas prostitutas – acrescentou, para ser justo, e enfiou o resto do pão na boca, de forma ávida.

Pelo menos metade do exército do governador estava completamente embriagada naquele momento, mas isso era algo tão comum que nem sequer gerava comentários. Dei a ele outro pedaço de pão, concentrando-me no aspecto importante da conversa.

– Então, você descobriu alguma coisa sobre Bonnet, afinal?

Ele assentiu, mastigou e engoliu.

– Cornell não se encontrou com ele, mas ouviu algumas coisas. Parece que ele perambula pela região dos Outer Banks durante um tempo, em seguida desaparece por três ou quatro meses. Então, de repente, um belo dia, ele está de volta, bebendo nas tavernas em Edenton ou Roanoke, com os bolsos cheios de moedas de ouro.

– Então ele está trazendo produtos da Europa para vender.

Três ou quatro meses era o tempo que uma pessoa demoraria para ir de

navio até a Inglaterra e voltar, pensou.

– Contrabando, imagino? – acrescentei.

Jamie assentiu.

– É o que Cornell acha. E você sabe onde ele desembarca as mercadorias?
– Ele passou as costas da mão na boca, parecendo divertir-se de uma maneira sombria. – No desembarcadouro na propriedade de Phillip Wylie. Ou assim dizem os rumores.

– O que... Isso significa que Phillip Wylie está mancomunado com ele?

Fiquei chocada – e um tanto aflita – ao ouvir aquilo, mas Jamie balançou a cabeça.

– Não sei dizer – respondeu ele. – Mas o desembarcadouro fica bem ao lado da fazenda de Phillip Wylie, isso é certo. E aquele merdinha *estava* com Bonnet na noite em que foi a River Run, não importa o que possa ter dito a respeito mais tarde.

Balançou a mão, deixando Phillip Wylie de lado por um momento.

– Mas Cornell disse que Bonnet desapareceu de novo; ele está sumido este último mês. Então minha tia e Duncan provavelmente estão seguros por enquanto. É uma coisa a menos com que me preocupar... e isso é muito bom, já tenho preocupações suficientes.

Ele falou sem ironia, olhando ao redor, para o acampamento que se espalhava à nossa volta. Conforme a luz diminuía, as fogueiras começaram a brilhar na escuridão do crepúsculo, como centenas de vaga-lumes ao longo das margens do Grande Alamance.

– Hermon Husband está aqui – disse ele.

Ergui o olhar da tigela de ensopado que estava servindo.

– Você falou com ele?

Ele balançou a cabeça, negando.

– Eu não pude me aproximar. Ele está com os reguladores, certo? Eu estava em um pequeno monte, olhando em direção ao rio, e o vi a distância; ele estava no meio de muitos homens, mas eu não confundiria sua roupa.

– O que ele vai fazer? – Entreguei a ele a tigela cheia. – Com certeza não vai lutar... nem permitir que eles lutem.

Eu estava inclinada a ver a presença de Husband como um sinal de esperança. Hermon Husband era o mais próximo que os reguladores tinham de um verdadeiro líder; eles o ouviriam, eu tinha certeza.

Jamie balançou a cabeça, parecendo preocupado.

– Não sei, Sassenach. Ele não vai pegar em armas, não... mas quanto ao resto...

Ele parou de falar, pensativo. Então, pareceu tomar uma decisão rápida. Devolveu-me a tigela e, virando-se, atravessou o acampamento.

Vi quando ele tocou o ombro de Roger e fez com que ele se afastasse dos outros. Eles conversaram por alguns momentos, então Jamie enfiou a mão no bolso do casaco, tirou algo branco e entregou a Roger, que olhou para o objeto por um momento, em seguida assentiu e o guardou no próprio casaco.

Jamie deu um tapinha no ombro dele, afastou-se e voltou a atravessar o acampamento, parando para rir e trocar comentários grosseiros com os irmãos Lindsays.

Ele voltou sorrindo e pegou de volta a tigela, parecendo aliviado.

– Pedi a Roger Mac que fosse logo de manhã encontrar Husband – disse ele, comendo o ensopado com apetite renovado – e que o trouxesse até aqui... para falar cara a cara com Tryon. Se ele não conseguir convencer Tryon, e não vai conseguir, talvez Tryon convença Husband de que ele está falando sério. Se Hermon perceber que isso vai significar um derramamento de sangue, então talvez ele convença seus homens a desistir.

– Você acha mesmo?

Havia caído uma chuva fina à tarde, e montes de nuvens ainda cobriam o céu a leste. As bordas delas tinham um tênue brilho vermelho – não por causa dos raios do sol que se punha, mas devido às fogueiras dos reguladores, acampados fora do alcance da vista na margem oposta do Alamance.

Jamie esvaziou a tigela e deu uma última mordida no pão, balançando a cabeça.

– Não sei – disse ele simplesmente. – Mas não temos mais o que tentar, temos?

Assenti e me abaixei para colocar mais lenha no fogo. Ninguém ia dormir

cedo naquela noite.

As fogueiras permaneceram acesas o dia todo, esfumaçando e crepitando sob a chuva fina. Agora, porém, a garoa havia estiado e as nuvens tinham se espaçado, formando cirros compridos que brilhavam como fogo por todo o arco do céu a oeste, eclipsando os débeis esforços das chamas das fogueiras. Ao ver isso, coloquei a mão no braço de Jamie.

– Veja – falei.

Ele se virou, pensando que alguém havia aparecido atrás dele com um novo problema, mas seu rosto se relaxou quando fiz um gesto para cima.

Quando eu chamava Frank para admirar uma maravilha da natureza enquanto estava preocupado com um problema, ele pausava apenas o suficiente para não parecer mal-educado, dizia “Ah, sim, que lindo, não é?”, e voltava imediatamente ao labirinto de seus pensamentos. Jamie virou o rosto para a glória luminosa do céu e ficou parado.

Qual é o seu problema?, pensei. *Não consegue deixar Frank Randall descansar em paz?*

Jamie passou o braço por meus ombros e suspirou.

– Na Escócia, o céu ficava da cor do chumbo o dia todo, e mesmo no crepúsculo, não dava para ver mais do que o sol afundando no mar como uma bola de canhão em chamas. Nunca víamos um céu como este.

– O que o fez pensar na Escócia? – perguntei, intrigada por sua mente funcionar como a minha, sempre no passado.

– Amanhecer e entardecer, e a estação do ano – disse ele, seus lábios se curvando ligeiramente para cima ao se lembrar. – Sempre que há uma mudança no ar ao meu redor, penso no que foi e no que é agora. Nem sempre faço isso em uma casa, mas, quando estou vivendo ao ar livre, costumo acordar sonhando com pessoas que conheci, então fico em silêncio ao anoitecer, pensando em outras épocas e em outros lugares. – Ele encolheu um pouco os ombros. – Agora o sol está se pondo, e é a Escócia que me vem à mente.

– Ah – falei, confortada com aquela explicação. – Deve ser isso.

– Deve ser o quê?

O sol que se punha cobria o rosto dele com uma luz dourada, suavizando as linhas de tensão enquanto ele olhava para mim.

– Eu também estava pensando em outras épocas e em outros lugares – expliquei, e encostei a cabeça no ombro dele. – Mas agora... não consigo pensar em nada além disto.

– É mesmo? – Ele hesitou por um momento e, em seguida, disse cuidadosamente: – Não falo muito sobre isto, Sassenach, porque, se a resposta for “sim”, não vai haver muito que eu possa fazer a respeito... mas você costuma sentir saudade de... outros tempos?

Esperei três batidas do coração para responder. Eu o ouvia, o coração de Jamie batendo lentamente sob o meu ouvido, e fechei a mão esquerda, sentindo o metal liso da aliança de ouro no meu dedo.

– Não – respondi –, mas eu me lembro deles.

ULTIMATOS

*Acampamento do Grande Alamance
16 de maio de 1771*

Para as pessoas agora reunidas com armas, que se dizem reguladores

Em resposta a seu pedido, venho informar-lhes que sempre estive atento ao real interesse deste país e de todas as pessoas que aqui residem. Lamento a necessidade fatal a que me obrigam agora, ao se afastarem da misericórdia da Coroa e das leis de seu país, de pedir aos que se reúnem como reguladores que larguem suas armas, entreguem os líderes criminosos e se submetam às leis nacionais, para em seguida se valer da leniência e da misericórdia do governo. Se aceitarem esses termos no prazo de uma hora a contar da entrega deste comunicado, vocês impedirão um derramamento de sangue, já que, neste momento, encontram-se em estado de guerra e rebelião contra seu rei, seu país e suas leis.

Wm. Tryon

Jamie já havia partido quando acordei. Seu cobertor estava cuidadosamente dobrado ao meu lado, e Gideon não estava mais preso ao poste de carvalho ao qual Jamie o havia amarrado na noite anterior.

– O coronel foi se encontrar com o Conselho de Guerra do governador –

disse Kenny Lindsay bocejando. Ele piscou, sacudindo-se como um cachorro molhado. – Chá, senhora, ou café?

– Chá, por favor.

Eu acreditava que era o curso dos acontecimentos atuais que me fazia pensar no Boston Tea Party. Não conseguia me lembrar exatamente quando aquele rebuliço e seus desdobramentos iam acontecer, mas tinha uma obscura sensação de que deveria aproveitar todas as oportunidades para beber chá enquanto ainda podia encontrá-lo, na esperança de saturar meus tecidos – como um urso atacando bichinhos e bagas à espera do inverno.

O dia havia amanhecido calmo e claro. Apesar do frio, já havia um toque de umidade no ar por causa da chuva do dia anterior. Beberiquei meu chá, sentindo pequenas mechas de cabelo escaparem da faixa e se encaracolarem em torno do meu rosto, grudando nas minhas bochechas com o vapor que saía da xícara.

Com os tecidos temporariamente restaurados, peguei alguns baldes e parti em direção ao rio. Esperava que não fosse precisar, mas seria bom ter uma boa quantidade de água fervida e esterilizada à mão, só por precaução. E, se não fosse necessária para propósitos médicos, eu poderia lavar minhas meias, que precisavam muito de cuidados.

Apesar do nome, o Grande Alamance não era um rio particularmente grande, tendo entre 4 e 6 metros de largura em quase toda a sua extensão. Também era raso e lamacento e serpeava como um fiapo de lã, com múltiplos pequenos braços e tributários que se espalhavam pela paisagem. Eu acreditava que fosse uma boa demarcação militar: apesar de um grupo de homens certamente poder vadear o rio sem muitos problemas, não havia chance de o fazerem sem chamar atenção.

Libélulas sobrevoavam a água e as cabeças de alguns homens da milícia que conversavam animadamente enquanto se aliviavam nas águas turvas do rio. Fiquei parada atrás de um arbusto até eles saírem. Enquanto descia a margem em declive com meus baldes, refleti que era muita sorte que a maioria das tropas só pensasse em *beber* água quando estava morrendo desidratada.

Quando voltei, o acampamento estava completamente desperto, todos os homens em alerta, ainda que com os olhos vermelhos. No entanto, a atmosfera era de atenção, e não de prontidão para a batalha, e não houve nada além de uma agitação geral de interesse quando Jamie voltou montado em Gideon, percorrendo o caminho entre as fogueiras com uma agilidade surpreendente.

– Como estavam as coisas, *Mac Dubh*? – perguntou Kenny, ficando de pé para cumprimentá-lo quando Jamie puxou as rédeas. – Alguma dificuldade?

Jamie balançou a cabeça. Ele estava vestido com uma elegância que beirava a severidade, os cabelos presos para trás, punhal e pistolas embainhados no cinto, a espada na lateral do corpo. Uma insígnia de fitas amarelas presa em seu casaco era o único toque decorativo. Pronto para a batalha, e um pequeno arrepio percorreu-me a espinha ao pensar nisso.

– O governador enviou uma carta aos reguladores. Quatro xerifes pegaram uma cópia cada; eles devem ler a mensagem para todos os grupos que encontrarem. Nós vamos apenas esperar e ver o que acontece.

Segui o olhar dele em direção à terceira fogueira. Roger provavelmente havia saído assim que raiara o dia, antes de o acampamento acordar.

Eu havia esvaziado os baldes, enchendo a chaleira para ferver a água. Peguei-os novamente para mais uma ida ao rio, quando as orelhas de Gideon se eriçaram e ele levantou a cabeça de repente, com um rápido relinchar de cumprimento. No mesmo instante, Jamie cutucou o cavalo à minha frente e levou a mão à espada. Minha visão estava bloqueada pelo peito robusto de Gideon; eu não conseguia ver quem se aproximava, mas reparei que a mão de Jamie relaxou no cabo da espada quando ele soube de quem se tratava. Então era amigo.

Ou ainda que não fosse exatamente um amigo, pelo menos era alguém que ele não queria atropelar nem golpear de cima da sela. Ouvi uma voz familiar elevando-se em um cumprimento, espiei por baixo do focinho de Gideon e vi o governador Tryon atravessando a pequena campina a cavalo, acompanhado de dois ajudantes.

Tryon cavalgava razoavelmente, mesmo que sem grande estilo, e estava

vestido de modo costumeiro para uma campanha militar, com casaco azul e calças de couro de corça, uma insígnia de fitas amarelas que os oficiais usavam no chapéu e uma das espadas da cavalaria chamada alfanje ao seu lado – não por ostentação; havia marcas no cabo e a bainha estava puída.

Tryon parou o cavalo e meneou a cabeça, tocando o chapéu para cumprimentar Jamie, que fez o mesmo. Ao me ver escondida à sombra de Gideon, o governador educadamente tirou o chapéu, fazendo uma reverência de cima da sela.

– Sra. Fraser, a seu dispor. – Ele olhou para os baldes que eu levava, em seguida se virou na sela, gesticulando para um de seus ajudantes. – Sr. Vickers, por gentileza, ajude a sra. Fraser.

Entreguei os baldes ao sr. Vickers, um jovem de rosto corado de 18 anos, aproximadamente, mas, em vez de acompanhá-lo, apenas mostrei aonde ele deveria ir. Tryon ergueu uma das sobrancelhas para mim, mas eu respondi à sua expressão de leve descontentamento com um sorriso meigo e me mantive firme. Eu não iria a lugar algum.

Ele foi inteligente o suficiente para perceber isso e não dar importância a minha presença. Deixando-me de fora da conversa, assentiu de novo para Jamie.

– Suas tropas estão em ordem, coronel Fraser?

Ele olhou ao redor. Os únicos soldados visíveis no momento eram Kenny, que estava com o nariz enfiado na caneca de chá, e Murdo Lindsay e Geordie Chisholm, entretidos em um jogo com facas à sombra do arvoredor.

– Sim, senhor.

O governador ergueu as sobrancelhas com um ceticismo evidente.

– Chame-os, senhor. Vou ver se estão de fato prontos.

Jamie parou por um momento, juntando as rédeas. Semicerrou os olhos contra o sol, analisando a montaria do governador.

– É um belo cavalo, senhor. Ele é firme?

– Claro – respondeu o governador, franzindo o cenho. – Por quê?

Jamie jogou a cabeça para trás e emitiu um brado das Terras Altas, do tipo para ser ouvido a hectares montanha acima. O cavalo do governador deu

um puxão nas rédeas, revirando os olhos. Homens da milícia se precipitaram de dentro da mata, gritando como loucos, e uma nuvem negra de corvos saiu voando das árvores acima deles como uma nuvem de fumaça de canhão, voando e grasnando. O cavalo se empinou, atirando Tryon sobre um montículo na grama e saiu em disparada em direção às árvores do lado mais distante da campina.

Dei vários passos para trás, saindo do caminho.

O governador se sentou, com o rosto arroxado e ofegante, e se viu no meio de um círculo de milicianos, todos apontando as armas para ele. Arregalou os olhos para o cano do rifle que o mantinha sob a mira e o afastou com uma das mãos, emitindo pequenos sons de engasgo, como um esquilo bravo. Jamie pigarreou de modo significativo e os homens voltaram para o arvoredo em silêncio.

Pensei que, de maneira geral, seria um erro oferecer a mão para que o governador se levantasse ou deixar que ele visse minha expressão. Virei-me de costas com diplomacia e me afastei alguns passos, fingindo que acabara de descobrir uma nova e interessantíssima planta nascendo a meus pés.

O sr. Vickers reapareceu da mata, parecendo assustado, carregando um balde cheio de água em cada mão.

– O que aconteceu?

Ele foi em direção ao governador, mas eu pousei a mão em sua manga para impedi-lo. Seria melhor que o sr. Tryon tivesse um momento para recuperar o fôlego e a dignidade.

– Nada de importante – falei, pegando os baldes antes que ele os virasse.

– Ahn... quantas tropas de milícia estão reunidas aqui, você sabe?

– Mil e sessenta e oito, senhora – respondeu ele, parecendo completamente desorientado. – Isso sem contar as tropas do general Waddell, claro. Mas o que...

– E vocês têm canhão?

– Ah, sim, vários, senhora. Temos dois destacamentos com artilharia. Dois canhões de balas de 3 quilos, dez canhões giratórios e dois morteiros de 4 quilos.

Vickers se endireitou um pouco, sentindo-se importante diante da ideia de toda aquela destruição em potencial.

– Há dois mil homens do outro lado do rio, senhor, mas a maioria deles mal tem armas. Muitos carregam apenas uma faca.

A voz de Jamie surgiu atrás de mim, desviando a atenção de Vickers. Eu me virei e vi que Jamie tinha apeado e estava cara a cara com o governador, segurando o chapéu dele. Ele bateu o chapéu casualmente contra a coxa e o ofereceu de volta ao dono, que o aceitou com o máximo de elegância possível diante das circunstâncias.

– Eu fui informado, sr. Fraser – disse ele de modo seco –, mas fico feliz em saber que suas informações corroboram as minhas. Sr. Vickers, pode fazer a gentileza de buscar meu cavalo?

O tom arroxado havia desaparecido do rosto de Tryon e, apesar de sua atitude ainda ser um pouco contida, ele não parecia guardar ressentimento. Tryon tinha senso de justiça e – mais importante naquele momento – senso de humor, e ambos pareciam ter sobrevivido à recente demonstração de prontidão militar.

Jamie assentiu.

– Acredito que seus agentes também tenham lhe informado que os reguladores não têm um líder propriamente dito.

– Pelo contrário, sr. Fraser. Tenho a impressão de que Hermon Husband é e tem sido, há um tempo considerável, um dos principais agitadores do movimento. James Hunter também é um nome que vejo com frequência mencionado em cartas de reclamação e nas intermináveis petições que chegam a mim em New Bern. E há outros: Hamilton, Gillespie...

Jamie fez um gesto de impaciência, afastando uma nuvem de mosquitos do rosto.

– Em algumas circunstâncias, senhor, eu estaria disposto a discutir se a caneta é mais poderosa do que a espada, mas não à beira de um campo de batalha, que é onde estamos. A coragem para escrever panfletos não capacita um homem para liderar tropas, e Husband é um cavalheiro quacre.

– Eu fui informado – disse Tryon. Ele fez um gesto em direção ao rio

distante, erguendo uma das sobrancelhas em desafio. – E, ainda assim, ele está aqui.

– Ele está aqui – concordou Jamie.

Fez uma pausa, sondando o humor do governador antes de continuar. O homem estava tenso; não havia como ignorar o retesamento de seu corpo e o brilho de seus olhos. No entanto, a batalha ainda não era iminente e a tensão estava bem controlada. O governador ainda podia ouvi-lo.

– Eu alimentei o homem em minha própria casa, senhor – disse Jamie com cautela. – Eu comi na casa dele. Ele não faz segredo sobre suas opiniões nem sobre seu caráter. Se ele veio até aqui hoje, tenho certeza de que o fez com a mente atormentada.

Jamie respirou fundo. Estava pisando em terreno perigoso.

– Mande um homem até a outra margem do rio, senhor, para encontrar Husband e implorar que ele aceitasse falar comigo. Pode ser que eu consiga convencê-lo a usar sua considerável influência para fazer com que esses homens, esses cidadãos – ele fez um gesto breve em direção ao rio e aos homens invisíveis além – abandonem o desastroso plano de ação, que só pode acabar em tragédia. – Ele olhou diretamente nos olhos de Tryon. – Posso pedir, senhor, posso implorar que, se Husband vier, o senhor fale diretamente com ele?

Tryon ficou em silêncio, alheio ao chapéu tricorne empoeirado que ele girava sem parar nas mãos. Os ecos da comoção recente tinham se dissipado; um pássaro cantava nos galhos do olmo acima de nós.

– Eles são cidadãos desta Colônia – disse o governador por fim, inclinando a cabeça na direção do rio. – Não gostaria que nenhum mal lhes acontecesse. As injustiças que eles sofrem têm seu mérito. Eu mesmo reconheci isso, publicamente, e tomei medidas para repará-las.

Ele olhou na direção de Jamie, como se para verificar se sua declaração tinha sido aceita. Jamie ficou em silêncio, esperando.

Tryon respirou fundo e bateu com o chapéu na perna.

– Ainda sou o governador desta Colônia. Não posso permitir que a paz seja perturbada, que a lei seja desrespeitada, que tumultos e derramamento de

sangue ocorram livremente e sem punição! – Ele olhou com frieza para mim.
– Não vou permitir.

Ele voltou a atenção para Jamie outra vez.

– Acho que ele não virá, senhor. O curso deles já foi determinado. – Ele gesticulou mais uma vez em direção às árvores que margeavam o rio Alamance. – E o meu também. Ainda assim... – Ele hesitou por um momento, então se decidiu e balançou a cabeça. – Não. Se ele *realmente* vier, então, sem dúvida, argumente, e se ele concordar em mandar seus homens para casa em paz... traga-o até mim e acertaremos os termos. Mas não posso contar com essa possibilidade.

O sr. Vickers tinha recuperado a montaria do governador. O rapaz se manteve um pouco afastado, segurando os dois cavalos pelas rédeas, e eu o vi assentir discretamente nesse momento, como se quisesse reafirmar as palavras do governador. O chapéu o protegia do sol, mas seu rosto estava corado e os olhos, brilhantes; ele ansiava pela batalha.

Tryon e Jamie não ansiavam, mas estavam prontos. Fraser olhou nos olhos do governador por um momento e em seguida assentiu, aceitando o inevitável.

– Quanto tempo? – perguntou baixinho.

Tryon olhou para cima, para o sol; já havia se passado quase metade da manhã. Roger tinha partido quase duas horas antes. Quanto tempo ele demoraria para encontrar Hermon Husband e voltar?

– As tropas estão em formação de batalha – disse Tryon. Ele olhou para o arvoredo e o canto de sua boca se contraiu. Então, voltou um olhar sombrio para o rosto de Jamie. – Não tardará muito. Fique a postos, sr. Fraser.

Ele se virou e, colocando o chapéu na cabeça, pegou as rédeas do cavalo e montou na sela. Afastou-se cavalgando, sem olhar para trás, seguido por seus ajudantes.

Jamie o observou partir, impassível.

Eu fiquei ao lado dele e toquei sua mão. Não precisei dizer que esperava que Roger se apressasse.

“RETARDATÁRIOS E SUSPEITOS”

Artigo 12: *Nenhum oficial ou soldado deve ir além dos limites do acampamento, que está dentro da área da Grande Guarda.*

Artigo 63: *Oficiais de Comando devem revistar todos os retardatários e suspeitos, e aqueles que não conseguirem se explicar satisfatoriamente devem ser confinados e levados ao Quartel-general.*

“Obrigações e Regras do Acampamento”: Ordens dadas por Sua Excelência, o Governador Tryon, aos provincianos da Carolina do Norte.

Roger tocou o bolso da calça, onde tinha guardado sua insígnia da milícia. Um botão de metal de 4 centímetros de diâmetro, com a borda perfurada e a estampa “CF” de “Companhia dos Frasers” e que deveria ser costurado no casaco ou no chapéu. Essas insígnias – e as insígnias de fitas – eram os únicos itens do uniforme da maioria das tropas de infantaria do governador, e a única maneira de distinguir um membro da milícia de um dos reguladores.

– E exatamente como você sabe em quem deve atirar? – perguntara ele com ironia quando Jamie lhe entregou a insígnia durante o jantar, dois dias antes. – Se você se aproximar o bastante para ver a insígnia antes de atirar, o outro não vai acertá-lo primeiro?

Jamie havia lançado a ele um olhar igualmente irônico, mas foi cortês e evitou fazer observações a respeito da pontaria de Roger e da possibilidade – ou não – de ele causar danos com seu mosquete.

– Eu não esperaria para ver – disse ele. – Se alguém correr na sua direção com uma arma, atire e cruze os dedos.

Alguns homens sentados perto deles ao redor da fogueira riram, mas Jamie os ignorou. Pegou um esperto e tirou três batatas-doces assadas da brasa, de modo que elas ficassem lado a lado, negras e fumegantes no ar frio da noite. Ele chutou uma delas delicadamente, fazendo com que rolasse de volta para as cinzas.

– Estes somos nós – explicou ele e chutou a batata seguinte. – Esta é a companhia do coronel Leech, e esta... – ele chutou a terceira, que rolou de modo errático atrás de suas companheiras –... é a do coronel Ashe. Está vendo? – Ele ergueu uma das sobrancelhas para Roger. – Cada companhia vai em frente seguindo seu próprio caminho, então é improvável que vejamos outras milícias, pelo menos no começo. Qualquer um vindo na nossa direção provavelmente é o inimigo. – Sua boca se curvou um pouco quando ele fez um gesto em direção aos homens ao redor deles, ocupados com seus jantares. – Conhece cada homem aqui bem o suficiente? Então não atire em nenhum deles e vai ficar tudo bem, certo?

Roger sorriu para si mesmo com um ar lúgubre enquanto descia cuidadosamente uma encosta coberta com arbustos de florezinhas amarelas. Era um bom conselho. Ele estava muito menos preocupado com a possibilidade de levar um tiro do que com o medo de machucar alguém por acidente – incluindo o temor justificável de estourar alguns dos próprios dedos.

No íntimo estava decidido a não atirar em ninguém, independentemente da circunstância ou da possibilidade de acertar o tiro. Ele já tinha ouvido muitas histórias dos reguladores – Abel MacLennan, Hermon Husband. Mesmo considerando o estilo hiperbólico de Husband, seus panfletos transbordavam um senso de injustiça inescapável. Como Roger poderia pensar em matar um homem ou mutilá-lo apenas por protestar contra abusos e uma corrupção tão notórios que ofenderiam qualquer pessoa justa?

Historiador treinado, ele já tinha visto o suficiente das circunstâncias atuais para entender como os problemas eram generalizados, como tinham

sucedido – e compreendia bem o suficiente as dificuldades de corrigi-los. Ele era solidário com a posição de Tryon – até certo ponto –, mas sua solidariedade acabava bem antes de fazer dele um soldado engajado na causa de proteger a autoridade da Coroa – ainda menos na causa de preservar a reputação e a fortuna pessoal de William Tryon.

Ele parou por um momento ao ouvir vozes e se posicionou discretamente atrás do tronco de um grande álamo.

Três homens apareceram pouco depois, conversando casualmente. Os três tinham armas e caixas de balas, mas a impressão que davam era de três amigos indo caçar coelhos, em vez de soldados empenhados na véspera da batalha.

Na verdade, eles aparentavam ser exatamente o que eram: caçadores. Um deles tinha um amontoado de corpos peludos pendurados no cinto e outro carregava um saco de musselina com manchas que podiam ser de sangue fresco. Enquanto Roger observava do abrigo do álamo, um dos homens parou, estendeu o braço para conter os companheiros, que se retesaram como cães de guarda, com o nariz apontando uma pequena mata de árvores a cerca de 50 metros dali.

Mesmo sabendo que havia alguma coisa adiante, Roger levou algum tempo para ver o pequeno veado, parado diante de um arbusto, um véu de luz sarapintada que atravessava as folhas primaveris acima dele camuflando-o quase com perfeição.

O primeiro homem tirou furtivamente a arma do ombro, pegando a vareta e o cartucho, mas um dos outros dois o impediu pousando a mão em seu braço.

– Calma, Abram – disse o segundo homem, falando baixo, mas claramente. – Não deve atirar tão perto do rio. Você ouviu o que o coronel disse: os reguladores estão estacionados na margem perto daquela ponta. – Ele meneou a cabeça em direção aos amieiros e salgueiros que pontuavam a margem do rio invisível, a menos de 100 metros. – Não deve provocá-los, não ainda.

Abram assentiu, relutante, e colocou a arma no ombro de novo.

– É, você tem razão. Acha que será hoje?

Roger olhou novamente para os arbustos, mas o veado havia desaparecido, silencioso como fumaça.

– Não vejo motivo para não ser. – O terceiro homem tirou um lenço amarelo da manga e limpou o rosto. O tempo estava quente e o ar, úmido. – Tryon está com as armas a postos desde o amanhecer. Ele não é o tipo de pessoa que se deixa surpreender. Pode ser que espere pelos homens de Waddell... mas pode pensar que não precisa deles.

Abram resmungou com certo desdém.

– Para acabar com aquela gentilha? Você os viu? Aposto que nunca viu um grupo de soldados mais miserável.

O homem com o lenço abriu um sorriso cínico.

– Bem, pode ser, Abie. Mas já viu parte da milícia do interior? Por falar em gentilha. E por falar em reguladores, há muitos deles, gentilha ou não. Dois para cada um de nós, segundo o capitão Neale.

Abram resmungou, lançando um último olhar relutante em direção à mata e ao rio adiante.

– Gentilha – repetiu ele, de modo mais confiante, e se virou. – Vamos, então, vamos dar uma olhada encosta acima.

Os caçadores estavam do mesmo lado que ele. Não usavam fitas, mas ele viu as insígnias da milícia no peito e no chapéu, cintilando douradas ao sol da manhã. Ainda assim, Roger permaneceu nas sombras até os homens desaparecerem, conversando casualmente entre si. Ele tinha quase certeza de que Jamie o havia mandado naquela missão sem nenhuma autoridade além da dele próprio; era melhor que ele não tivesse que se explicar.

A atitude da maior parte da milícia em relação aos reguladores era, na melhor das hipóteses, desdenhosa. Na pior – nos postos mais altos de comando –, era friamente vingativa.

– Acabe com eles de uma vez por todas – dissera Caswell, enquanto tomava café diante da fogueira na noite anterior.

Proprietário de terras da parte leste da Colônia, Richard Caswell não se comovia nem um pouco com as injustiças sofridas pelos reguladores.

Roger apalpou o bolso de novo, pensando. Não, era melhor deixar a insígnia onde estava. Poderia pegá-la se fosse desafiado, e não acreditava que alguém fosse atirar nele pelas costas sem pelo menos gritar para alertá-lo. Ainda assim, sentia-se estranhamente exposto ao caminhar pela relva vicejante da campina à beira do rio, e suspirou de alívio quando os galhos dos salgueiros na margem o envolveram em uma sombra fria.

Ele deixara, com a aprovação de Jamie, seu mosquete para trás, e fora desarmado, exceto pela faca no cinto, um equipamento normal para qualquer homem. O único outro item de equipamento que levava era um grande lenço branco, dobrado dentro do casaco.

– Se for ameaçado, em qualquer lugar, balance-o e grite “trégua” – instruíra Jamie. – Então, peça para me chamarem e não diga mais nada até eu chegar. Se ninguém o impedir, traga Husband até mim sob a proteção dele.

Imaginar-se conduzindo Hermon Husband através do rio, segurando o lenço em uma vara acima da cabeça como um guia conduzindo turistas em um aeroporto fez com que ele tivesse vontade de rir alto. Jamie não rira, no entanto, nem mesmo um sorriso, de forma que ele aceitou o pano solenemente, guardando-o com cuidado. Espiou através da cortina de galhos caídos, mas o rio brilhava ao sol do novo dia, silencioso, exceto pela torrente de água correndo sobre pedras e argila. Não havia ninguém à vista, e o barulho da água abafava qualquer som que pudesse vir das árvores na margem oposta. Ainda que um integrante da milícia não fosse atirar em suas costas, ele não estava muito otimista em relação à possibilidade de os reguladores atirarem nele pela frente, se o vissem vindo do lado do governo.

Ainda assim, não podia passar o dia escondido entre as árvores. Foi até a margem e desceu o rio em direção ao ponto que os caçadores tinham indicado, observando as árvores com atenção à procura de sinais de vida. A travessia perto daquela ponta era melhor, a água era rasa e o fundo, cheio de pedras. Ainda assim, se os reguladores estivessem “estacionados” em algum ponto perto dali, estavam sendo muito discretos.

Era difícil imaginar uma cena mais pacífica, ainda assim seu coração subitamente começou a latejar em seus ouvidos. Teve, de novo, a estranha

sensação de que havia alguém perto dele. Olhou ao redor em todas as direções, mas nada se movia, exceto a água correndo e as frondes farfalhantes dos salgueiros.

– É você, pai? – disse ele baixinho, sussurrando, e se sentiu um tolo. Ainda assim, a sensação de que havia alguém por perto continuava forte, embora benigna.

Tentando afastar esse pensamento, ele se abaixou e tirou os sapatos e as meias. Deviam ser as circunstâncias, pensou. Não que fosse possível comparar atravessar um riacho raso à procura de um agitador quacre com pilotar um avião Spitfire sobre o canal da Mancha à noite durante um bombardeio contra a Alemanha. Mas uma missão era uma missão, ele supunha.

Olhou ao redor mais uma vez, mas viu apenas girinos se contorcendo na água rasa. Com um sorriso ligeiramente contrariado, entrou no rio, afugentando-os.

– Por cima, então – disse a um pato selvagem.

A ave o ignorou e continuou a procurar comida em meio à vegetação aquática.

Nenhuma ameaça vinha das árvores de ambos os lados; nenhum som, exceto os pios animados dos pássaros fazendo ninhos. Foi apenas quando se sentou em uma pedra banhada pelo sol, para secar os pés antes de calçar as meias e os sapatos, que ele finalmente ouviu algum sinal de que o lado mais distante do rio era habitado por seres humanos.

– O que você quer, então, querido?

A voz vinha do arbusto atrás dele, e Roger ficou paralisado, com o sangue latejando nos ouvidos. Era a voz de uma mulher. Antes que pudesse se mover ou pensar em reagir, no entanto, ouviu uma risada, de um tom mais grave e com uma entonação particular que fez com que ele relaxasse.

Seus instintos lhe informaram antes mesmo da razão que vozes com aquela entonação não eram uma ameaça.

– Não sei, meu bem, quanto isso vai me custar?

– Ah, pare com isso! Não é hora de contar moedas, é?

– Não se preocupem, senhoritas, faremos uma coleta entre nós, se for preciso.

– Ah, é assim? Muito bem, senhor, mas saibam que, nesta congregação, a coleta vem *antes* da cantoria!

Ao ouvir essa discussão amigável, Roger deduziu que as vozes em questão pertenciam a três homens e duas mulheres, todos os quais pareciam confiantes de que, qualquer que fosse o acordo financeiro, três se satisfariam com duas de maneira bastante equilibrada, sem constrangimentos.

Pegando os sapatos, ele se afastou em silêncio, deixando aquelas sentinelas não vistas – se é que era isso que eram – fazendo suas contas. Evidentemente, o exército da Regulação não era tão organizado quanto as tropas do governo.

Menos organizado era um eufemismo, ele pensou, pouco depois. Havia permanecido na margem do rio por certa distância, sem ter certeza de onde o corpo principal do exército poderia estar. Caminhara por quase 600 metros sem ver nem ouvir ninguém além das duas prostitutas e seus clientes. Sentindo-se cada vez mais surreal, passava por pequenos arvoredos de pinheiros e pelas margens de campinas verdejantes sem nenhuma companhia exceto os pássaros e pequenas borboletas laranja e amarelas.

– Que maneira maluca é essa de fazer uma guerra? – murmurou ele, abrindo caminho em meio a uma amoreira.

Era como uma daquelas histórias de ficção científica, na qual todo mundo menos o herói de repente desaparece da face da Terra. Ele estava começando a ficar ansioso; e se não conseguisse encontrar o maldito quacre – ou mesmo o exército – antes que os tiros comessem?

Então, dobrou uma curva do rio e teve o primeiro vislumbre dos reguladores de fato: um grupo de mulheres, lavando roupa na água corrente perto de um monte de pedras.

Voltou a se esconder atrás do arbusto antes que elas o vissem e deu as costas para o rio, encorajado. Se as mulheres estavam ali, os homens não estariam longe.

Não estavam. Depois de mais alguns metros, ele ouviu os sons do

acampamento – vozes casuais, riso, o bater de colheres e chaleiras, além do som de lenha sendo cortada. Ao contornar um arbusto espinhoso, quase foi derrubado por um grupo de jovens que passou correndo, gritando e fazendo algazarra, enquanto perseguiam um rapaz que levava acima da cabeça um rabo de guaxinim recém-cortado, que balançava na brisa enquanto ele corria.

Eles passaram por Roger sem lhe dar importância, e ele continuou, um pouco menos cauteloso. Não fora ameaçado; não havia sentinelas. Na verdade, um rosto desconhecido não parecia ser uma novidade nem um risco. Alguns homens olharam casualmente para ele, em seguida se viraram e voltaram a conversar, sem ver nada de estranho em sua aparência.

– Estou procurando Hermon Husband – disse ele sem cerimônia a um homem que assava um esquilo sobre chamas pálidas de uma fogueira.

O homem pareceu confuso por um momento.

– O quacre – acrescentou Roger.

– Ah, sim, ele – disse o homem, com o rosto menos sério. – Ele está mais adiante... naquela direção, acho.

Fez um gesto prestativo com o espeto, o esquilo chamuscado apontando o caminho com os tocos escurecidos das patas dianteiras.

“Mais adiante naquela direção” era uma direção. Roger passou por mais três acampamentos antes de chegar ao que parecia ser o corpo principal do exército – se é que podia ser chamado assim. De fato, parecia haver um clima maior de seriedade; havia menos descontração do que ele testemunhara perto do rio. Ainda assim, não era o Quartel General do Comando Estratégico, nem de longe.

Ele começou a se sentir levemente esperançoso de que a violência ainda pudesse ser evitada, mesmo com os exércitos cara a cara e as tropas armadas a postos. Havia um ar de animada prontidão entre os homens da milícia quando ele passou por suas linhas, mas nenhuma atmosfera de ódio ou sede de sangue.

Ali, a situação era bem diferente das linhas organizadas da milícia, mas eles pareciam ainda menos inclinados a hostilidades imediatas. Conforme ele avançava, no entanto, pedindo orientações em cada fogueira por que passava,

começou a sentir algo diferente no ar – uma sensação de crescente urgência, quase desespero. As brincadeiras que tinha visto nos acampamentos de fora haviam desaparecido; os homens estavam reunidos, conversando em grupos pequenos, próximos uns dos outros, ou sentados sozinhos, carregando armas e afiando facas.

Conforme se aproximava, o nome de Hermon Husband passou a ser reconhecido por todos, e os dedos que apontavam tinham mais certeza da direção. O nome parecia quase um ímã, levando-o cada vez mais para o centro de uma massa crescente de homens e garotos, todos animados... todos armados. O barulho aumentava continuamente, as vozes reverberando em seus ouvidos como martelos em uma forja.

Finalmente, ele encontrou Husband, de pé sobre uma rocha como um grande lobo-cinzento na defensiva, cercado por um grupo de cerca de trinta ou quarenta homens, todos gritando, agitados e irados. Eles se acotovelavam e pisavam duro, sem se preocupar com o impacto em seus companheiros. Claramente, estavam exigindo uma resposta, mas eram incapazes de parar por tempo suficiente para ouvir uma resposta se ela fosse dada.

Husband, em mangas de camisa e com o rosto vermelho, gritava com um ou dois dos que estavam mais próximos dele, mas Roger não conseguia ouvir nada do que diziam em meio ao barulho. Ele abriu caminho pelo círculo externo de espectadores, mas, quando estava mais perto do centro, foi impedido de prosseguir pela turba de homens. Pelo menos ali conseguiu ouvir algumas palavras.

– Chegou a hora! Você sabe disso, Hermon, não temos escolha! – gritava um homem alto e magro com um chapéu surrado.

– *Sempre* há escolha! – berrou Husband em resposta. – Agora é o momento de escolher, e Deus permita que façamos isso com sabedoria!

– Sei... com canhões apontados para nós?

– Não, não, adiante, precisamos ir adiante, ou tudo estará perdido!

– Perdido? Já perdemos tudo! Chegou a hora...

– O governador nos tirou a nossa escolha, chegou a hora...

– Chegou a hora...

– Chegou a hora...!

Todas as palavras se perderam em um rugido generalizado de raiva e frustração. Ao ver que não ganharia nada esperando pela plateia, Roger se intrometeu obstinadamente entre dois agricultores e puxou Husband pela manga da camisa.

– Preciso falar com o senhor! – gritou ele no ouvido do quacre.

Husband olhou para Roger com um olhar vidrado e fez menção de se livrar dele, mas então se deteve, piscando ao reconhecê-lo. O rosto quadrado estava corado onde se podia ver por sobre a barba rala, e os cabelos espessos e grisalhos de Husband, soltos, estavam eriçados como as cerdas de um porco-espinho. Ele balançou a cabeça e fechou os olhos, em seguida voltou a abri-los, olhando para Roger como um homem que tenta afastar uma visão impossível, sem sucesso.

Ele segurou Roger pelo braço e, com um gesto brusco para a multidão, desceu da pedra e partiu na direção do abrigo de uma cabana caindo aos pedaços, inclinada à sombra de um arvoredor de bordos. Roger o seguiu, olhando de cara fechada para os homens mais próximos a fim de desencorajá-los a irem atrás deles.

Alguns os seguiram mesmo assim, balançando os braços e protestando com fervor, mas Roger bateu a porta na cara deles e fechou a trava, apoiando as costas na porta por garantia. Estava mais frio ali dentro, apesar do ar estagnado e do cheiro de cinzas de madeira e comida queimada.

Husband ficou parado, ofegante, no meio do cômodo, em seguida pegou uma cuia e bebeu um longo gole do líquido que havia em um balde ao lado da fogueira – o único objeto que fora deixado na cabana, Roger percebeu. O casaco e o chapéu de Husband estavam cuidadosamente pendurados em um gancho ao lado da porta, mas havia detritos espalhados no chão de terra batida. O dono da cabine evidentemente tinha partido às pressas, carregando seus objetos.

Acalmado pela pausa momentânea, Husband ajeitou a camisa amassada e arrumou os cabelos despenteados.

– O que o traz aqui, amigo MacKenzie? – perguntou ele, com a

tranquilidade característica. – Por certo não veio se unir à causa da Regulação.

– Não, de maneira nenhuma – assegurou-lhe Roger.

Olhou atentamente para a janela, caso a multidão tentasse entrar por ali, mas apesar de continuar ouvindo as discussões do lado de fora, não ouviu nenhum barulho que indicasse uma invasão.

– Vim perguntar se pode atravessar o rio comigo... com uma bandeira branca, sua segurança garantida... para falar com Jamie Fraser – concluiu Roger.

Husband também olhou para a janela.

– Receio que o tempo de conversar passou há muito – disse ele, contraindo os lábios.

Roger também estava inclinado a pensar assim, mas pressionou, determinado a cumprir sua missão.

– Não no que diz respeito ao governador. Ele não deseja um massacre de seus cidadãos; se a multidão for convencida de se dispersar em paz...

– Acredita que esse seja um cenário provável?

Husband fez um gesto em direção à janela, lançando a ele um olhar cínico.

– Não. – Roger foi forçado a admitir. – Ainda assim, se pudesse ir... Se eles pudessem ver que ainda existe uma possibilidade de...

– Se houvesse possibilidade de reconciliação e de reparação, deveria ter sido oferecida muito tempo atrás – falou Husband de modo decisivo. – É um sinal da sinceridade de governador, vir com tropas e canhões, mandar uma carta que...

– Não reparação – disse Roger sem rodeios. – Eu me referia à possibilidade de salvar a vida de todos nós.

Husband ficou parado. A vermelhidão de seu rosto foi desaparecendo, apesar de ele ainda parecer calmo.

– Chegamos a esse ponto? – perguntou ele baixinho, olhando no rosto de Roger.

Roger respirou fundo e assentiu.

– Não temos muito tempo. O sr. Fraser me pediu para lhe dizer, se não puder ir falar com ele pessoalmente, que há duas tropas de artilharia mobilizadas contra o senhor, e oito tropas de milícia, todos bem armados. Tudo de prontidão... e o governador só vai esperar até o amanhecer, no máximo.

Ele sabia que era traição dar essa informação ao inimigo – mas era o que Jamie Fraser teria dito, se pudesse ter ido até lá ele mesmo.

– Há cerca de dois mil homens da Regulação aqui – disse Husband, como se falasse sozinho. – Dois mil! Era de imaginar que algo assim o influenciasse. O fato de tantos terem saído de casa, deixado seus lares e terem vindo aqui protestar...

– Na opinião do governador eles estão em rebelião, portanto em estado de guerra – interrompeu Roger. Ele olhou para a janela, cuja cobertura de papel oleado estava em farrapos. – E depois de vê-los, devo dizer que acho que ele tem motivos razoáveis para ter essa opinião.

– Não é uma rebelião – retrucou Husband com teimosia. Ele se endireitou e tirou uma fita de seda preta surrada do bolso, com a qual prendeu os cabelos. – Mas nossas queixas legítimas foram ignoradas, deixadas de lado! Não temos escolha além de vir como um grupo físico, para mostrar nossa insatisfação ao sr. Tryon e, assim, impressioná-lo com a justeza da nossa objeção.

– Pensei que tivesse ouvido o senhor falar de escolha agora há pouco – disse Roger de modo seco. – E se agora é o momento de escolher, como você diz, me parece que a maioria dos reguladores escolheu a violência, a julgar pelos comentários como os que ouvi até chegar aqui.

– Talvez – disse Husband com relutância. – Ainda assim, nós, eles não são um exército vingador, nem uma turba...

Seu olhar reticente em direção à janela, no entanto, sugeria que ele tinha consciência de que uma turba era de fato o que estava se formando às margens do Alamance.

– Eles têm um líder eleito, alguém que possa falar oficialmente por eles? – interrompeu Roger mais uma vez, impaciente para transmitir sua mensagem

e partir. – O senhor ou talvez o sr. Hunter?

Husband fez uma longa pausa, passando as costas da mão na boca como se quisesse tirar dali um gosto rançoso e persistente. Ele balançou a cabeça.

– Eles não têm um líder de fato – disse ele baixinho. – Jim Hunter é corajoso, mas não tem talento para comandar homens. Eu o questionei, e ele respondeu que cada um deve agir por conta própria.

– O senhor tem talento. Pode liderá-los.

Husband pareceu escandalizado, como se Roger o tivesse acusado de ter talento para o trapacear em um jogo de cartas.

– Não eu.

– O senhor os trouxe até aqui...

– Eles *vieram* para cá! Não pedi a ninguém...

– O senhor está aqui. Eles o seguiram.

Husband se retraiu levemente ao ouvir isso, com os lábios contraídos. Ao ver que suas palavras tinham surtido efeito, Roger insistiu.

– O senhor falou com eles antes, e eles o ouviram. Vieram com o senhor, afinal. Ainda vão ouvi-lo, com certeza!

Ele percebeu que o barulho do lado de fora aumentava; a multidão estava impaciente. Se ainda não era uma turba, viraria uma em breve. E o que fariam se soubessem quem ele era e o que tinha ido fazer ali? As palmas de suas mãos estavam suando; ele as pressionou contra o tecido do casaco, sentindo o relevo de sua insígnia da milícia no bolso, e se arrependeu de não ter parado para enterrá-la em algum lugar depois de cruzar o rio.

Husband olhou para ele por um momento, em seguida estendeu os braços e segurou as mãos dele.

– Reze comigo, amigo – disse ele baixinho.

– Eu...

– Não precisa dizer nada – insistiu Husband. – Sei que você é papista, mas não costumamos rezar em voz alta. Se puder apenas permanecer ao meu lado e pedir em seu coração que a sabedoria nos seja concedida... não só a mim, mas a todos aqui...

Roger se conteve para não corrigir Husband; sua religião pouco

importava naquele momento, mas era evidente que a do outro importava. Ele assentiu, controlando a impaciência, e apertou as mãos do homem mais velho, oferecendo o pouco apoio que podia dar.

Husband ficou parado, com a cabeça ligeiramente abaixada. Um punho bateu com insistência na frágil porta da cabana, com vozes chamando.

– Hermon! Está tudo bem aí dentro?

– Vamos, Hermon! Não temos tempo para isso! Caldwell voltou de uma conversa com o governador...

– Uma hora, Hermon! Ele está nos dando uma hora, nada mais!

Uma gota de suor escorreu pelas costas de Roger entre as escápulas, mas ele ignorou as cócegas, incapaz de alcançá-la.

Ele olhou dos dedos castigados pelo tempo para o rosto de Husband e viu os olhos do homem aparentemente fixos nos dele, mas ao mesmo tempo distantes, como se ele estivesse ouvindo uma voz distante, ignorando os gritos urgentes que atravessavam as paredes. Até mesmo os olhos de Husband eram de um cinza quacre, Roger pensou – como poças de água da chuva, tremulando até parar depois de uma tempestade.

Roger estava certo de que eles iam derrubar a porta. Mas não; os golpes diminuíram e se tornaram batidas impacientes, depois baques aleatórios. Ele conseguia sentir as batidas do próprio coração, diminuindo gradualmente até um latejar tranquilo e constante em seu peito, a ansiedade desaparecendo de seu sangue.

Ele fechou os olhos, tentando se concentrar em seus pensamentos, fazer o que Husband pedira. Procurou em sua mente alguma oração adequada, mas nada lhe ocorreu além de fragmentos confusos do Livro da Adoração.

Ajude-nos, ó Senhor...

Ouça-nos...

Ajude-nos, ó Senhor, a voz de seu pai sussurrou. Seu outro pai, o reverendo, falando em algum lugar no fundo de sua mente. Ajude-nos, ó Senhor, a lembrar a frequência com que os homens erram por não refletir, e não por falta de amor; e que são engenhosas as armadilhas que nos fazem tropeçar.

Cada palavra tremeluziu por um instante em sua mente como uma folha ardendo, sendo levada pelo vento de uma fogueira e desaparecendo em cinzas antes que ele pudesse pegá-la. Ele desistiu e apenas ficou de pé, segurando as mãos de Husband, ouvindo a respiração do homem, uma nota baixa e áspera.

Por favor, pensou, mesmo sem ter a menor ideia do que pedia. Aquela palavra também evaporou, sem deixar nada em seu lugar.

Nada aconteceu. As vozes ainda chamavam do lado de fora, mas não pareciam mais importantes agora do que o piar dos pássaros. O ar na sala estava estagnado, mas ao mesmo tempo frio e agitado, como se uma corrente de ar passasse pelos cantos, sem tocá-los no ponto onde estavam, no centro do cômodo. Roger sentiu a própria respiração se acalmar, o coração bater ainda mais devagar.

Ele não se lembrava de ter aberto os olhos, mas eles estavam abertos. Os olhos acinzentados de Husband eram salpicados de pontos azuis e pequenas manchas pretas. Os cílios eram grossos, e havia um leve inchaço na base de um deles, um terçol quase curado. O minúsculo domo era liso e vermelho, desvanecendo de um tom mais vivo no centro em sucessões de carmim, rosa e rosado que poderiam ter pintado o céu ao pôr do sol no dia da Criação.

O rosto à frente dele era esculpido em linhas duras que desenhavam arcos do nariz à boca, se curvavam acima das sobrancelhas pesadas e grisalhas, de fios compridos e arqueados com a elegância da asa de um passarinho. Os lábios eram amplos e macios, rosa escuro; a borda branca de um dente brilhou, estranhamente rígida em contraste com a carne macia que o abrigava.

Roger ficou imóvel, admirado com a beleza do que via. A ideia de Husband como um homem atarracado de meia-idade e feições imprecisas não fazia sentido; o que ele via agora era uma singularidade desoladora, uma coisa única e maravilhosa; insubstituível.

Ele se deu conta de que aquele era o mesmo sentimento com o qual observara seu filho pequeno, maravilhado com a perfeição de cada dedinho, a curva do rosto e a orelha que apertavam seu coração, o brilho da pele de recém-nascido que deixava que a inocência interior transparecesse. E ali estava a mesma criação, não mais nova, talvez menos inocente, mas não

menos incrível.

Ele olhou para baixo e viu suas mãos, então, ainda segurando as mãos menores de Husband. Foi tomado por uma sensação de reverência ao perceber a beleza de seus próprios dedos, o contorno dos ossos do pulso e dos nós dos dedos, a graciosidade encantadora de uma cicatriz fina e avermelhada que atravessava a falange de seu polegar.

A respiração de Husband se tornou um suspiro profundo, e ele afastou as mãos. Roger sentiu-se momentaneamente perdido, mas em seguida foi tomado de novo pela paz do lugar, o assombro da beleza sucedido por uma sensação de profunda calma.

– Eu lhe agradeço, amigo Roger – disse Husband, baixinho. – Não pensei que receberia essa graça... mas ela é bem-vinda.

Roger assentiu, sem dizer nada. Observou Husband pegar o casaco e vesti-lo, o rosto tomado por linhas de serena determinação. Sem hesitar, o quacre levantou a trava da porta e a abriu.

A multidão de homens do lado de fora se conteve, a surpresa em seus rostos dando espaço em seguida à impaciência e a à irritação. Husband ignorou a enxurrada de perguntas e comentários, e caminhou diretamente até um cavalo que estava amarrado a uma árvore pequena atrás da cabana. Ele o desamarrou e montou na sela, e só então olhou para os rostos de seus companheiros reguladores.

– Vão para casa! – disse ele em voz alta. – Devemos deixar este lugar; todos os homens devem voltar para suas casas!

O anúncio foi recebido com um momento de silêncio atônito, e então, por gritos de perplexidade e indignação.

– Que casa? – perguntou um jovem com uma barba ruiva e desgrenhada.
– Talvez você tenha uma casa para onde ir. Eu, não!

Husband permaneceu sentado firmemente na sela, sem se abalar com a gritaria.

– Vão para casa! – gritou de novo. – Eu lhes peço... Não resta nada além de violência a ser cometido aqui!

– Sim, e vamos recorrer a ela! – gritou um homem atarracado, erguendo o

mosquete acima da cabeça e sendo seguido por um coro de gritos dissonantes.

Roger havia seguido Husband e foi ignorado pelos reguladores. Ele ficou um pouco distante, observando enquanto o quacre começou lentamente a se afastar, inclinando-se sobre a sela para gritar e gesticular aos homens que corriam e se acotovelavam ao lado dele. Um dos homens agarrou Husband pela manga, e o quacre puxou a rédea, abaixando-se para ouvir o que era, obviamente, um discurso arrebatado.

No fim, porém, ele se endireitou, balançando a cabeça, e voltou a colocar o chapéu.

– Não posso ficar e permitir que sangue seja derramado por causa da minha decisão. Se permanecerem aqui, amigos, haverá assassinatos. Vão embora! Ainda podem ir... rogo para que façam isso!

Ele não estava mais gritando, mas o barulho ao redor dele havia cessado por tempo suficiente para que suas palavras fossem ouvidas. Ele olhou para a frente com o rosto tomado de preocupação e viu Roger de pé à sombra de um corniso. A paz o abandonara, mas Roger viu que o olhar de determinação ainda tomava seus olhos.

– Eu vou! – disse ele. – Imploro a todos... vão para casa!

Ele puxou a rédea do cavalo com repentina decisão e começou a trotar. Alguns homens correram atrás dele, mas logo pararam. Eles se viraram, parecendo perplexos e ressentidos, murmurando em pequenos grupos e balançando a cabeça, confusos.

O barulho começou a aumentar de novo, enquanto todos falavam juntos, discutindo, insistindo, negando. Roger se virou, caminhando em silêncio em direção à cobertura do bosque de bordos. Parecia mais sábio partir o mais rápido possível, agora que Husband tinha ido embora.

Alguém pousou a mão em seu ombro e fez com que ele se virasse.

– Quem diabos é você? O que disse a Hermon para fazer com que ele partisse?

Um rapaz desalinhado, vestindo um colete de couro puído, o confrontou com os punhos cerrados. O homem parecia irritado, pronto para descontar sua

frustração no primeiro que aparecesse.

– Eu disse a ele que o governador não quer que ninguém seja ferido, se isso puder ser evitado – explicou Roger, no que ele esperava que fosse um tom calmo.

– Você veio a pedido do governador? – perguntou um homem de barba preta, em dúvida, olhando para as roupas simples e sujas de Roger. – Veio oferecer termos diferentes daqueles que Caldwell propôs?

– Não.

Roger ainda estava sob os efeitos do encontro com Husband, sentindo-se protegido das correntes de raiva e histeria incipiente que circundavam a cabana, mas aquela paz estava desaparecendo depressa. Outros se aproximavam para se unir ao interrogatório, atraídos pelo som da altercação.

– Não – disse ele de novo, mais alto. – Eu vim para alertar Husband... para alertar todos vocês. O governador quer...

Ele foi interrompido por um estrépito de gritos rudes, indicando que o que Tryon queria era uma questão que não interessava aos que estavam ali presentes. Ele olhou ao redor, para os rostos, mas não viu ninguém com expressão indulgente, muito menos simpática. Ele deu de ombros e deu um passo para trás.

– Façam como quiserem, então – disse ele, do modo mais frio possível. – O sr. Husband lhes deu o melhor conselho que poderia dar... e eu o reforço.

Ele se virou para partir, mas foi impedido por um par de mãos que segurou seus ombros, puxando-o com força para ficar de frente para o círculo de interrogadores mais uma vez.

– Calma, camarada – disse o homem de colete de couro. Ele ainda estava corado por causa da irritação, mas os punhos não estavam mais cerrados. – Você conversou com Tryon?

– Não – admitiu Roger. – Fui enviado...

Ele hesitou; será que deveria usar o nome de Jamie Fraser? Não, melhor não. A chance de causar problemas era a mesma de evitá-los.

– Vim pedir a Hermon Husband que atravessasse o rio e veja com os próprios olhos em que pé estão as coisas. Ele decidiu, em vez disso, aceitar

meu relato da situação. Vocês viram qual foi a resposta dele.

– É o que *você* diz! – Um homem corpulento, com costeletas ruivas, ergueu o queixo de modo belicoso. – E por que deveríamos aceitar seu relato da situação?

Ele imitou o sotaque escocês de Roger com exagero, fazendo seus companheiros rirem.

A tranquilidade que tinha sentido na cabana não o abandonara por completo; Roger lançou mão de tudo que restava dela e disse baixinho:

– Não posso forçá-los a me ouvir, senhor. Mas quem estiver disposto... ouça o que vou dizer.

Ele olhou de rosto em rosto, e relutantemente, um a um, eles deixaram de fazer barulho até ele estar no meio de um círculo de pessoas prestando atenção.

– As tropas do governador estão a postos e bem armadas. – Sua voz parecia estranha a seus próprios ouvidos, calma mas de alguma forma abafada, como se outra pessoa estivesse falando a certa distância. – Não estive com o governador pessoalmente, mas soube de seu propósito: ele não quer ver sangue sendo derramado, mas está determinado a tomar as atitudes que julgar necessárias para dispersar essa reunião. No entanto, se vocês voltarem pacificamente para casa, ele está disposto a ser leniente.

Um momento de silêncio se seguiu, interrompido por uma escarrada ruidosa. Uma bolha de muco se projetou, manchada de marrom do sumo do tabaco, e pousou na lama perto da bota de Roger, fazendo barulho.

– Isso – disse o cuspidor de maneira concisa – é pela leniência do governador.

– E isto é para você, imbecil! – disse um de seus companheiros, agitando a mão aberta na direção do rosto de Roger.

Ele desviou do golpe e, abaixando o ombro, atacou o homem, que perdeu o equilíbrio e se afastou cambaleando. Havia mais além dele, entretanto; Roger ficou parado com os punhos cerrados, pronto para se defender se precisasse.

– Não o machuquem, rapazes – disse o homem com o colete de couro. –

Pelo menos não ainda.

Ele rodeou Roger, mantendo-se fora do alcance dos punhos dele, e o examinou com atenção.

– Independentemente de ter visto o rosto de Tryon, imagino que tenha visto as tropas, certo?

– Vi.

O coração de Roger batia depressa, e o sangue fervia em suas têmporas, mas, estranhamente, ele não estava com medo. A multidão era hostil, mas não tinha sede de sangue... não ainda.

– Quantos homens Tryon tem?

O homem o observava atentamente, com um brilho nos olhos. Era melhor responder com sinceridade; eram grandes as chances de ele já conhecer a resposta; não havia nada que impedisse os homens da Regulação de atravessar o Alamance e avaliar a situação por si mesmos.

– Um pouco mais de mil – respondeu Roger, observando o rosto do homem com cuidado. Não era surpresa; ele *sabia*. – Mas são uma milícia treinada – acrescentou Roger, olhando de relance para vários reguladores que, tendo perdido o interesse em Roger, tinham voltado a uma brincadeira de luta livre ali perto. – E eles têm artilharia. Acho que o senhor não tem nada, certo?

O rosto do homem ficou sério.

– Pense o que quiser – disse ele. – Mas pode dizer a Tryon que temos o dobro disso. E, *treinados* ou não... – ele entortou a boca ironicamente –, estamos todos armados, cada homem com um mosquete. – Ele inclinou a cabeça para trás, semicerrando os olhos contra a luz. – Uma hora, certo? – perguntou, mais delicadamente. – Antes disso, eu acho.

Ele olhou Roger nos olhos.

– Volte para o outro lado do rio, então, senhor. Diga ao governador Tryon que não pretendemos mudar de ideia e estamos dispostos a fazer o que for preciso. Se ele ouvir e fizer o que queremos, muito bem. Caso contrário...

Ele tocou o cabo da pistola no cinto e assentiu uma vez, com o rosto sério.

Roger olhou ao redor, para os semblantes silenciosos. Alguns

demonstravam incerteza, mas a maioria estava obstinada ou totalmente desafiadora. Ele se virou sem dizer nada e se afastou, as palavras do reverendo sendo sussurradas por entre as folhas de primavera enquanto ele passava embaixo das árvores.

Abençoados sejam os que promovem a paz, pois eles serão chamados de filhos de Deus.

Ele torceu para que uma pessoa levasse o crédito por tentar.

O LIVRO DO CIRURGIÃO I

Artigo 28 – *Os cirurgiões devem manter um livro e registrar cada homem que for cuidado por ele, incluindo o nome do homem, a tropa à qual ele pertence, o dia em que foi cuidado e o dia em que recebeu alta.*

Obrigações e Regras do Acampamento

Senti uma brisa fria tocar meu rosto e estremeci, apesar de o dia estar bastante quente. Tive a impressão absurda e repentina de que tinha sido o toque fugaz da pena de uma asa, como se o Anjo da Morte tivesse passado por mim em silêncio, concentrado em seu trabalho sinistro.

– Besteira – falei em voz alta.

Evan Lindsay me ouviu. Vi sua cabeça se virar momentaneamente, e em seguida retomar a posição original. Como todos os outros, ele volta e meia olhava em direção ao leste.

As pessoas que não acreditam em telepatia nunca pisaram em um campo de batalha, nem serviram com um exército. Alguma coisa passa sem ser vista de homem a homem quando um exército está prestes a se mover – o próprio ar fica tomado de sentimento. Metade temor, metade impaciência, ele dança sobre a pele e percorre toda a espinha com uma urgência como um desejo repentino.

Nenhum mensageiro havia chegado ainda, mas alguém estava a caminho, eu sabia. Alguma coisa havia acontecido em algum lugar.

Todos estavam parados, esperando. Senti uma vontade enorme de me mexer, de quebrar aquele feitiço, e me virei de repente, as mãos se flexionando com a necessidade de se mover, de fazer alguma coisa. A chaleira tinha fervido, a água estava pronta, coberta com um pedaço de linho limpo. Eu havia colocado a caixa de remédios sobre um cepo; levantei a tampa e comecei a remexer o conteúdo sem pensar mais uma vez, embora soubesse que tudo estava em ordem.

Toquei os frascos reluzentes um a um, seus nomes uma litania calmante.

Atropina, beladona, láudano, elixir paregórico, óleo de lavanda, óleo de junípero, poejo, vulnerária... e a garrafa marrom achatada de álcool. Sempre álcool. Eu tinha um barril dele, ainda na carroça.

Percebi um movimento pelo canto do olho; era Jamie, o sol brilhando em seus cabelos por entre as folhas enquanto ele se movimentava silenciosamente embaixo das árvores, inclinando-se para falar alguma coisa no ouvido de alguém aqui, tocar um ombro acolá, como um mágico dando vida a estátuas.

Fiquei parada, com as mãos retorcidas sob as dobras do avental, sem querer distraí-lo, mas ao mesmo tempo desejando muito chamar sua atenção. Ele se movia com tranquilidade, brincando, tocando as pessoas de modo casual – e ainda assim eu percebia a tensão em seu corpo. Quando tinha sido a última vez que ele estivera com um exército, esperando a ordem para atacar?

Em Culloden, pensei, e os pelos de meus braços se arrepiaram, pálidos ao sol da primavera.

Ouvi o barulho de patas de cavalo por perto e o som dos animais passando pelos arbustos. Todos se viraram, ansiosos, com os mosquetes nas mãos. Ouviu-se um ofegar generalizado e murmúrios quando o primeiro cavaleiro apareceu, abaixando a cabeça ruiva sob os galhos do bordo.

– Meu Deus – disse Jamie, alto o bastante para ser ouvido do outro lado da clareira. – O que diabos *ela* está fazendo aqui?

As risadas dos homens que a conheciam romperam a tensão como rachaduras no gelo. Os ombros de Jamie relaxaram um pouco, mas seu rosto

estava sério enquanto ele caminhava na direção dela.

Quando Brianna parou o cavalo e apeou ao lado dele, eu já havia alcançado os dois.

– O que... – comecei, mas Jamie já estava cara a cara com a filha, a mão em seu braço, olhos semicerrados e falando depressa em um gaélico baixo.

– Sinto muito, senhora, mas ela *decidiu* vir. – Um segundo cavalo apareceu em meio às árvores, montado por um negro com uma expressão de quem se desculpava. Era Joshua, o cavalariaço de Jocasta. – Não consegui impedi-la, nem a srta. Sherston. E nós tentamos.

– Imagino – falei.

O rosto de Brianna estava corado por causa do que Jamie dizia, mas não dava sinais de que voltaria a subir no cavalo para partir. Ela disse algo a ele, também em gaélico, que eu não consegui ouvir, e ele deu um passo para trás como se tivesse sido picado no nariz por uma vespa. Ela assentiu decidida uma vez, como se estivesse satisfeita com o impacto do que dissera, e deu meia-volta. Então ela me viu e um grande sorriso transformou seu rosto.

– Mamãe!

Ela me abraçou, com o vestido cheirando a sabão, cera de abelha e terebintina. Havia uma mancha pequena de tinta azul-cobalto em seu rosto.

– Oi, querida. De onde você está vindo?

Eu beijei seu rosto e dei um passo para trás, animada por vê-la, apesar de tudo. Ela estava vestida de modo bastante simples, com o vestido marrom que usava na Cordilheira dos Frasers, mas as roupas estavam limpas e lavadas. Seus longos cabelos ruivos estavam presos para trás em uma trança e um grande chapéu de palha jazia em suas costas, pendurado pelo cordão.

– Hillsborough – respondeu ela. – Alguém que foi jantar na casa dos Sherstons ontem à noite nos contou que a milícia estava acampada aqui... então eu vim. Trouxe comida... – ela fez um gesto indicando os alforjes volumosos do cavalo – e algumas ervas da horta dos Sherstons que achei que talvez você pudesse usar.

– Ah? Ah, sim, que ótimo. – Eu estava um pouco incomodada com a presença de Jamie em algum lugar atrás de mim, mas não me virei para olhar.

– Ah, não quero dar a impressão de que não estou feliz por vê-la, querida, mas possivelmente vai haver uma batalha aqui em breve, e...

– Eu sei disso.

Seu rosto ainda estava corado, e a vermelhidão se intensificou ao ouvir aquilo. Ela elevou ligeiramente a voz.

– Tudo bem; não vim para lutar. Se tivesse, teria vestido minhas calças.

Ela lançou um olhar para trás do meu ombro, e eu ouvi um resmungo alto vindo daquela direção, seguido por gargalhadas dos irmãos Lindsays. Ela abaixou a cabeça para esconder um sorriso, e eu também não consegui evitar e sorri.

– Vou ficar com vocês – disse ela, baixando a voz também e tocando meu braço. – Se for preciso cuidar de alguém... depois... posso ajudar.

Hesitei, mas não havia dúvidas de que, se as coisas terminassem em uma batalha, haveria feridos para tratar, e um par de mãos a mais seria útil. Brianna não era enfermeira treinada, mas entendia bastante sobre germes e antissepsia, conhecimento de muito mais valor por si só do que noções de anatomia ou fisiologia.

Bree tinha se endireitado. Ela olhou para os homens que esperavam à sombra dos bordos, procurando.

– Onde está Roger? – perguntou ela, com a voz baixa, mas equilibrada.

– Ele está bem – garanti a ela, torcendo para que fosse verdade. – Jamie mandou que ele atravessasse o rio hoje cedo, com uma bandeira branca, para trazer Hermon Husband para conversar com o governador.

– Ele está *lá*? – Sua voz se elevou involuntariamente, e ela voltou a falar mais baixo, constrangida. – Com o inimigo? Se é que podemos chamá-los assim.

– Ele vai voltar. – Jamie estava ao meu lado, olhando para a filha sem muito entusiasmo, mas obviamente resignado com sua presença. – Não se preocupe, querida. Ninguém vai perturbá-lo com uma bandeira branca.

Bree ergueu a cabeça, olhando o mais longe que conseguia em direção ao rio. Seu rosto estava sério, pálido e apreensivo.

– Uma bandeira branca vai ajudá-lo se ele ainda estiver lá quando os tiros

começarem?

A resposta para essa pergunta – que ela obviamente sabia – era “provavelmente não”. Jamie também sabia, e não se deu ao trabalho de responder. Também não se deu ao trabalho de dizer que talvez não chegasse a tanto; o clima era de ansiedade e o ar estava tomado pelo cheiro de pólvora derramada e suor de nervosismo.

– Ele vai voltar – repetiu Jamie, mas em um tom mais suave. Ele tocou o rosto dela, ajeitando atrás da orelha uma mecha solta de cabelo. – Prometo, querida. Ele vai ficar bem.

O olhar de apreensão se suavizou um pouco enquanto ela o observava. Ela parecia ter encontrado certa segurança no rosto dele, pois um pouco de sua tensão se dissipou, e ela assentiu, aceitando em silêncio. Jamie se inclinou para a frente e a beijou na testa, então se virou para falar com Rob Byrnes.

Bree ficou parada olhando para ele por um momento, então soltou os cordões de seu chapéu e se sentou ao meu lado sobre uma pedra. Suas mãos tremiam um pouco. Ela respirou fundo e apertou os joelhos para sossegá-los.

– Posso fazer algo para ajudar agora? – perguntou ela, inclinando a cabeça na direção da caixa de remédios aberta. – Precisa que eu vá buscar alguma coisa?

Neguei, balançando a cabeça.

– Não, tenho tudo de que preciso. Não há nada a fazer além de esperar. – Fiz uma careta. – É a parte mais difícil.

Ela emitiu um pequeno som de concordância relutante e relaxou, com um esforço visível. Avaliou o equipamento, franzindo o cenho de leve; o fogo, a água fervente, a mesa dobrada, a caixa grande de instrumentos e a bolsa menor onde ficava meu kit de emergência.

– O que tem aqui? – perguntou ela, apontando com a bota para o saco de lona.

– Álcool e bandagens, um bisturi, fórceps, serra de amputação, torniquetes. Eles vão trazer os feridos para cá; se puderem, os levarão a um dos outros cirurgiões. Mas se eu tiver que atender um homem ferido no

campo de batalha, alguém em situação crítica demais para andar ou ser carregado, posso pegar esse kit e ir imediatamente.

Ouvi quando ela engoliu em seco e quando olhei para ela, as sardas se destacavam na ponte de seu nariz. Ela meneou a cabeça e respirou fundo para falar. Mas sua expressão mudou de repente, passando da seriedade à repugnância – foi cômico. Ela fungou uma vez, desconfiada, enrugando o nariz como um tamanduá.

Eu senti o cheiro também; o fedor de fezes frescas, vindo do bosque bem atrás de nós.

– Isso é muito comum antes de uma batalha – falei, em voz baixa, tentando não rir da expressão dela. – Eles são pegos desprevenidos, coitados.

Ela pigarreou e não disse nada, mas vi que olhava ao redor, parando em um homem, depois outro. Eu sabia o que ela estava pensando. Como era possível? Como uma pessoa podia olhar para algo tão ordenado e compacto quanto um homem, com a cabeça abaixada para ouvir as palavras de um amigo, braço esticado para pegar um cantil, rosto mudando do sorriso à carranca, olhos brilhando e músculos firmes – e pensar em rupturas, escoriações, fraturas... e morte?

Não era possível. Era um esforço da imaginação que estava além da capacidade de alguém que nunca tinha visto uma transformação tão absurda.

Mas era possível, no entanto, se lembrar. Eu tossi e me inclinei para a frente, esperando distrair a nós duas.

– O que disse ao seu pai? – perguntei, pelo canto da boca. – Quando você chegou, quando estavam falando em gaélico.

– Ah, aquilo. – Um rubor temporário suavizou sua palidez. – Ele estava me repreendendo, querendo saber o que eu achava que estava fazendo... se eu pretendia deixar meu filho órfão arriscando a minha vida e a de Roger. – Ela afastou uma mecha de cabelos ruivos da boca e me lançou um sorriso discreto. – Então eu perguntei a ele, se era tão perigoso, o que ele estava pensando, correndo o risco de *me* deixar órfã, já que você está aqui também.

Eu ri, mas também disfarcei.

– Não é perigoso para você, é? – perguntou ela, esquadrinhando o

acampamento da milícia. – Aqui, quero dizer.

Neguei, balançando a cabeça.

– Não, se a batalha chegar perto de onde estamos, vamos embora no mesmo instante. Mas não acho...

Fui interrompida pelo som de um cavalo se aproximando depressa, e me levantei de imediato, juntamente com o restante do acampamento, quando o mensageiro apareceu; era um dos ajudantes de ordens de Tryon, pálido de ansiedade.

– Fiquem a postos – disse ele, pendurado na sela, meio sem fôlego.

– E o que você acha que estamos fazendo desde a madrugada? – perguntou Jamie, impaciente. – O que, em nome de Deus, está acontecendo, homem?

Muito pouco, aparentemente, mas o pouco que estava acontecendo era suficientemente importante. Um ministro do lado dos reguladores tinha ido conversar com o governador.

– Um ministro? – perguntou Jamie. – Você se refere a um quacre?

– Não sei, senhor – disse o ajudante, irritado por ser interrompido. – Os quacres não têm clérigos, todo mundo sabe disso. Não, foi um ministro chamado Caldwell, reverendo David Caldwell.

Independentemente da religião, Tryon não se deixara levar pelos apelos do embaixador. Ele não poderia e não faria isso, lidar com uma turba, e tinha um motivo. Quando os reguladores se dispersassem, ele prometia considerar qualquer reclamação justa feita a ele de modo correto. Mas eles tinham que se dispersar, em uma hora.

– Poderia em uma caixa? – murmurei, um pouco perturbada com a espera. – Poderia com uma bolacha?

Jamie tinha tirado o chapéu, e o sol brilhava forte em seus cabelos ruivos. Bree soltou uma risadinha sufocada, uma mistura de choque e diversão com a paródia aos versos de Dr. Seuss.

– Ele não poderia com uma multidão – disse ela. – Não poderia... em sua função?

– Mas ele pode – falei em voz baixa. – E temo que o faça.

Pela centésima vez naquela manhã, olhei na direção dos salgueiros em meio aos quais Roger havia desaparecido para realizar sua missão.

– Uma hora – repetiu Jamie em resposta à mensagem do ajudante. Ele olhou em direção ao rio. – E quanto tempo ainda temos?

– Talvez meia hora. – De repente, o ajudante pareceu muito mais jovem até mesmo do que era. Engoliu em seco e colocou o chapéu. – Preciso ir, senhor. Fiquem atentos ao canhão, senhor, e boa sorte!

– Para você também, senhor.

Jamie tocou o braço do ajudante em despedida, em seguida deu um tapa na anca do cavalo, mandando-o embora.

Como se tivesse sido um sinal, o acampamento começou a fervilhar de atividade, antes mesmo de o ajudante do governador desaparecer entre as árvores. Armas já carregadas e a postos foram verificadas várias vezes, fivelas desatadas e atadas, insígnias polidas, chapéus desempoeirados e fitas presas, meias puxadas para cima e firmemente amarradas, cantis cheios balançados para ter certeza de que seu conteúdo não tinha evaporado nos últimos quinze minutos.

Era contagiante. Eu me vi passando os dedos pelas fileiras de frascos de vidro na caixa mais uma vez, os nomes sendo murmurados e confundidos na minha mente como as palavras de alguém rezando com um rosário de contas, o sentido perdido no fervor da súplica. *Alecrim, atropina, lavanda, óleo de cravo...*

Bree se destacava por sua imobilidade em meio à movimentação. Estava sentada na pedra, sem nenhum movimento, exceto uma brisa casual em suas saias, os olhos fixos nas árvores distantes. Ouvi quando ela disse algo, baixinho, e me virei.

– O que você disse?

– Não está nos livros.

Ela não tirou os olhos das árvores, e suas mãos estavam unidas no colo, apertadas, como se, assim, pudesse fazer Roger aparecer em meio aos salgueiros. Ela levantou a cabeça, meneando-a em direção ao campo, às árvores, aos homens ao nosso redor.

– Isto – disse ela. – Não está nos livros de história. Li sobre o Massacre de Boston. Eu o vi *lá*, nos livros de história, e o vi *aqui*, no jornal. Mas nunca li uma palavra sequer a respeito do governador Tryon, da Carolina do Norte. Então, nada vai acontecer. – Ela falava com intensidade, desejando que fosse verdade. – Se tivesse ocorrido uma grande batalha aqui, alguém teria escrito *alguma coisa* a respeito. Ninguém escreveu... então nada vai acontecer. Nada!

– Espero que esteja certa – falei, e senti um leve calor na parte inferior das costas.

Talvez ela estivesse certa. Definitivamente não poderia ser uma grande batalha, pelo menos. Estávamos a menos de quatro anos do início da Revolução; até mesmo as menores escaramuças que antecederam aquele conflito eram bem conhecidas.

O Massacre de Boston acontecera pouco mais de um ano antes – uma briga de rua, um confronto entre uma multidão e uma tropa de soldados nervosos. Insultos gritados, algumas pedras lançadas. Um tiro não autorizado, uma saraivada de balas precipitada, e cinco homens mortos. Tinha sido relatado, com uma boa dose de acalorada editorialização, em um dos jornais de Boston; eu o vira, na sala de Jocasta; um de seus amigos havia enviado uma cópia.

E duzentos anos depois, aquele breve incidente foi imortalizado em livros escolares, prova do crescente descontentamento dos colonos. Olhei para os homens que estavam à nossa volta, preparando-se para lutar. Definitivamente, se ia haver uma grande batalha ali, um governador real reprimindo o que era, essencialmente, uma revolta dos contribuintes, seria digno de nota!

Ainda assim, isso era teoria. E eu estava inquietantemente consciente de que nem as guerras nem a história levavam muito em conta o que *deveria* acontecer.

Jamie estava ao lado de Gideon, que ele havia amarrado a uma árvore. Ele iria para a batalha com seus homens, a pé. Estava pegando suas pistolas do alforje, guardando a munição extra na bolsa presa ao cinto. A cabeça

estava baixa, concentrada nos detalhes do que ele estava fazendo.

Senti uma urgência repentina e assustadora. Precisava tocá-lo, precisava dizer alguma coisa. Tentei dizer a mim mesma que Bree estava certa; que aquilo não era nada; provavelmente nem mesmo um tiro seria disparado – e, ainda assim, havia três mil homens armados nas margens do Alamance, e a consciência do derramamento de sangue pairava entre eles.

Deixei Brianna sentada na pedra, os olhos fixos no bosque, e corri até ele.

– Jamie – falei e apoiei a mão em seu braço.

Foi como tocar um fio de alta voltagem. A eletricidade zumbia sob sua pele, pronta para explodir em um clarão de luz crepitante. Dizem que uma pessoa não consegue soltar um fio assim; uma vítima de eletrocussão simplesmente fica grudada ao fio, incapaz de se mexer ou de se salvar, enquanto a corrente queima seu coração e seu cérebro.

Ele pousou a mão sobre a minha, olhando para baixo.

– *A nighean donn* – disse ele, e sorriu um pouco. – Veio me desejar boa sorte, então?

Sorri de volta da melhor maneira que consegui, apesar de a corrente percorrer o corpo, deixando tensos os músculos do meu rosto enquanto queimava.

– Não podia deixar que você partisse sem dizer... alguma coisa. Acho que “boa sorte” basta.

Hesitei, as palavras se acumulando em minha garganta com a urgência repentina de dizer muito mais do que havia tempo para dizer. No fim, disse apenas as coisas importantes:

– Jamie, eu te amo. Tome cuidado!

Ele não se lembrava de Culloden, segundo dizia. De repente, eu me perguntei se aquela perda de memória se estendia às horas que antecederam a batalha, quando ele e eu nos despedimos. Então olhei nos olhos dele e soube que não.

– “Boa sorte” basta – disse ele, e apertou minha mão, paralisada pela corrente que corria entre nós. – Mas “eu te amo” é bem melhor.

Ele tocou minha mão, ergueu a dele e acariciou meus cabelos, meu rosto,

olhando em meus olhos como se quisesse capturar minha imagem naquele momento – apenas para o caso de ser a última vez que me visse.

– Talvez chegue o dia em que eu e você nos separemos de novo – disse ele baixinho, por fim, e seus dedos tocaram meus lábios, suaves como o toque de uma folha caindo. Sorriu levemente. – Mas não será hoje.

Os acordes de uma corneta atravessaram as árvores, ao longe, penetrantes como o pio de um pica-pau. Eu me virei para olhar. Brianna estava parada como uma estátua na pedra, olhando em direção à mata.

SINAL PARA A AÇÃO

Atenção, no mês de março, o disparo de três tiros de canhão será o sinal para formar a linha de batalha, e cinco será o sinal para a ação.

Ordem de Batalha, Wm. Tryon

Roger caminhou lentamente para longe do acampamento dos reguladores, concentrando-se para não correr nem olhar para trás. Alguns insultos e ameaças foram gritados na direção dele, mas quando alcançou as árvores, a multidão já tinha perdido o interesse nele, atraída de volta para a controvérsia em andamento. Passava do meio-dia, e era um dia quente para maio, mas ele percebeu que a camisa estava ensopada e grudada no corpo de um modo mais próprio de julho.

Ele parou assim que ficou fora de vista. Respirava ofegante e se sentia zozinho, um pouco enjoado com os efeitos da adrenalina. No centro daquele círculo de rostos hostis, ele não sentia nada... nada. Afastado e em segurança, entretanto, os músculos de suas pernas tremiam e os punhos doíam por terem ficado cerrados. Ele os abriu, flexionou os dedos tensos e tentou diminuir o ritmo da respiração.

Talvez tivesse sido mais parecido com o sobrevoo noturno do canal da Mancha e a artilharia antiaérea do que ele pensara, afinal.

Mas ele havia voltado. Iria para casa ver a esposa e o filho. A ideia provocou-lhe uma estranha pontada no peito e um alívio profundo e um pesar

ainda maior, inesperado, por seu pai, que não tivera a mesma sorte.

Uma brisa suave o envolveu, esvoaçando os pelos úmidos de seu pescoço com um agradável sopro de frescor. Ele tinha ensopado a camisa e o casaco de suor, e a gola úmida de repente começou a dar a sensação de que ia sufocá-lo. Tirou o casaco e o segurou pela gola, chacoalhando-o com dedos trêmulos, em seguida permaneceu de pé, com os olhos fechados e a peça de roupa na mão, respirando profundamente, até a sensação momentânea de náusea passar.

Lembrou-se da última vez que vira Brianna, emoldurada pela porta, com Jemmy no colo. Viu seus cílios molhados pelas lágrimas e os olhos redondos e sérios do bebê, e percebeu um eco profundo da sensação que tivera na cabana com Husband; uma visão de beleza, uma convicção de felicidade que acalmaram sua mente e tranquilizaram sua alma. Voltaria para eles, era só o que importava.

Depois de um momento, ele abriu os olhos, pegou o casaco e partiu, começando a sentir o corpo mais tranquilo, ainda que a mente se agitasse, ao avançar lentamente em direção ao rio.

Não havia levado Husband de volta até Jamie, mas tinha conseguido tanto quanto o próprio Jamie poderia conseguir. Era possível que a turba – não eram um exército, não importava o que Tryon pensasse deles – de fato se separasse, se dispersasse e fosse para casa, privada de qualquer coisa que fosse remotamente semelhante à liderança de Husband. Era o que ele esperava.

Ou talvez não. Outro homem podia surgir daquela turba agitada, alguém capaz de assumir o comando. Um pensamento lhe ocorreu ao se lembrar de uma frase ouvida durante a confusão perto da cabana.

“Veio oferecer termos diferentes daqueles que Caldwell propôs?”, o homem de barba escura perguntara a ele. E mais cedo, ouvido vagamente em meio às batidas na porta da cabana, enquanto ele rezava com Husband: “Não temos tempo para isso!”, alguém gritara. “Caldwell voltou de uma conversa com o governador...” e outra pessoa havia acrescentado, em tom de desespero: “Uma hora, Hermon! Ele está nos dando uma hora, nada mais!”

– Merda – disse ele em voz alta.

David Caldwell, o ministro presbiteriano que havia casado ele e Bree. Tinha que ser ele. Evidentemente, o homem tinha ido falar com Tryon em nome dos reguladores – e tinha sido repellido com um alerta.

“Uma hora, nada mais.” Uma hora para se dispersar e partir em paz? Ou uma hora para responder a um ultimato?

Ele olhou para cima. O sol estava alto, passava um pouco do meio-dia. Vestiu o casaco e colocou a gola do uniforme no bolso, ao lado da bandeira branca não usada. O que quer que significasse aquele intervalo de uma hora, estava claro que era hora de ir.

O dia ainda estava claro e quente, o cheiro da grama e das folhas das árvores pungente com a seiva que se acumulava. Agora, no entanto, sua sensação de urgência e a lembrança dos reguladores, zumbindo como vespas, impediam que ele apreciasse as belezas da natureza. Mesmo assim, ainda havia um resquício de paz dentro dele enquanto caminhava depressa em direção ao rio; um tênue eco da sensação que tivera na cabine.

Aquela sensação estranha de reverência havia permanecido com ele, escondida, mas acessível, como uma pedra lisa em seu bolso. Ele a revirou em sua mente enquanto caminhava em direção ao rio, quase sem prestar atenção aos galhos e folhas em seu caminho.

Que peculiar, pensou. Nada tinha *acontecido*, e na verdade a experiência toda parecera bem normal – nada fora do comum nem sobrenatural. E ainda assim, depois de ver aquela luz particularmente intensa, não conseguia esquecer. Conseguiria explicar a Brianna?, ele se perguntou.

Um galho raspou em seu rosto e ele esticou o braço para afastá-lo, sentindo, enquanto fazia isso, uma leve surpresa diante do brilho das folhas verdes, a delicadeza singular de suas bordas, dentadas como facas, mas leves como papel. Um eco, tênue, mas reconhecível, do que ele tinha visto antes, aquela beleza penetrante. Será que Claire tinha visto isso?, ele pensou de repente. Será que ela via o toque de beleza nos corpos sob suas mãos? Será que era assim e, por causa disso, ela era uma curandeira?

Husband também tinha visto, ele sabia; havia compartilhado essa

percepção. E, ao vê-la, havia confirmado seus princípios quacres e deixara o campo de batalha, incapaz de cometer violência ou de permiti-la.

E quanto a seus próprios princípios? Acreditava que continuassem inalterados; se não queria atirar em ninguém antes, queria ainda menos agora.

Os cheiros da primavera ainda permaneciam no ar, e uma pequena borboleta azul passou por seu joelho sem nenhuma preocupação aparente. Ainda era um belo dia de primavera, mas toda a ilusão de tranquilidade havia desaparecido. O cheiro de suor, sujeira, medo e raiva que parecia pairar no ar do acampamento ainda estava em suas narinas, misturado ao cheiro mais limpo de trílio e água.

E os princípios de Jamie Fraser?, ele se perguntou, passando pelo bosque de salgueiros que marcava o vau do rio. Ele sempre se perguntava o que movia Fraser, atraído tanto pelo afeto que sentia por ele quanto por sua curiosidade fria de historiador. Roger tomara sua própria decisão a respeito daquele conflito... ou deixara que fosse tomada por ele. Não podia, em sua consciência, pensar em ferir ninguém, apesar de supor que fosse capaz de defender a própria vida, se fosse preciso. Mas Jamie?

Ele tinha quase certeza de que Jamie simpatizava com os reguladores. Também achava provável que seu sogro não tivesse nenhum senso de lealdade pessoal para com a Coroa; com ou sem juramento, certamente nenhum homem poderia sobreviver a Culloden e suas consequências acreditando que devesse fidelidade ao rei da Inglaterra, muito menos qualquer outra coisa mais substancial. Não, não à Coroa, mas talvez a William Tryon?

Não havia nenhuma lealdade de natureza pessoal ali, tampouco – mas certamente havia um senso de obrigação. Tryon havia convocado Jamie Fraser, e ele estava ali. Considerando as condições, ele não tivera muita escolha. Mas estando ali... ele lutaria?

Como poderia não lutar? Tinha que liderar seus homens e, se houvesse uma batalha – Roger olhou para trás, como se a nuvem de raiva que pairava sobre o exército dos reguladores pudesse estar agora visível, avolumando-se, negra, acima das árvores –, sim, ele teria que lutar, não importavam quais

fossem seus sentimentos pessoais em relação ao assunto.

Roger tentou se imaginar mirando um mosquete em um homem com quem não tivesse nenhuma desavença e puxando o gatilho. Ou, pior, derrubando um vizinho com o cavalo, empunhando a espada. Cortando a cabeça de Kenny Lindsay, por exemplo? Não conseguia imaginar. Não era à toa que Jamie havia buscado a ajuda de Husband para pôr fim ao conflito antes que começasse!

Ainda assim, Claire dissera a ele, uma vez, que Jamie havia lutado como mercenário na França, quando jovem. Presumivelmente, ele *tinha* matado homens com quem não tinha nenhuma desavença. Como...

Roger abriu caminho entre os salgueiros e ouviu as vozes antes de vê-las. Um grupo de mulheres estava trabalhando mais adiante no rio; acompanhantes do acampamento. Algumas estavam agachadas na água, com as pernas nuas, lavando, outras carregavam roupas molhadas margem acima, para pendurá-las em árvores e arbustos. Ele olhou casualmente além delas, e então deu um passo para trás ao ver... o quê? O que era aquilo?

Ali. Ele não sabia ao certo por que a notara – não havia nada que chamasse a atenção para ela. E, ainda assim, ela se destacava das outras mulheres como se tivesse sido traçada, desenhada com tinta preta para se destacar contra o rio e a folhagem.

– Morag – sussurrou ele, e seu coração bateu de repente com um leve choque de alegria. Ela estava viva.

Ele estava prestes a deixar a proteção dos salgueiros quando lhe ocorreu pensar no que estava fazendo, sem falar em por que estava fazendo. Já era tarde demais, no entanto; ele já estava na margem, caminhando em direção a elas.

Várias das mulheres olharam para ele; algumas meio paralisadas, atentas. Mas ele era apenas um homem, desarmado. Havia mais de vinte mulheres à beira do rio, e seus homens estavam por perto. Elas observaram, curiosas, mas não alarmadas, enquanto ele avançava pelo rio raso.

Ela ficou imóvel, com a água do rio na altura dos joelhos, as saias puxadas para cima, observando-o se aproximar. Ela o achava familiar, ele

percebeu, mas não deu nenhum sinal de reconhecê-lo.

As outras mulheres recuaram um pouco, desconfiadas. Ela estava em meio às libélulas dardejantes, com mechas de cabelos castanhos escapando da touca, um avental molhado esquecido nas mãos. Ele se aproximou, saindo da água, e ficou diante dela, molhado até os joelhos.

– Sra. MacKenzie – disse ele baixinho. – Que bom vê-la.

Ela esboçou um pequeno sorriso. Seus olhos eram castanhos; ele não tinha notado antes.

– Sr. MacKenzie – falou ela, e fez um aceno discreto de cabeça.

A mente dele trabalhava sem parar, pensando no que fazer. Tinha que alertá-la, mas como? Não na frente de todas as outras mulheres.

Ele ficou parado e sem jeito por um momento, sem saber o que fazer, e então, inspirado, abaixou-se e pegou as roupas molhadas que flutuavam na água perto das pernas dela. Ele se virou e subiu a margem do rio com elas, e Morag o seguiu com uma pressa repentina.

– O que está fazendo? – perguntou ela. – Volte aqui com minhas roupas!

Ele carregou as roupas molhadas até as árvores, então as depositou casualmente sobre um arbusto, lembrando-se que tinham sido lavadas e, por isso, tomando o cuidado de não deixar que encostassem na terra. Morag estava logo atrás dele, com o rosto corado de indignação.

– O que acha que está fazendo, seu ladrão de roupas? – perguntou ela, irritada. – Devolva isso, já!

– Não estou roubando as roupas – assegurou Roger. – Só queria conversar a sós com você um pouco.

– É mesmo? – Ela lançou a ele um olhar desconfiado. – O que é, então?

Ele sorriu para ela. Morag ainda era magra, mas os braços estavam morenos e o rosto tinha uma cor saudável – ela estava limpa e tinha perdido a aparência pálida e abatida de quando se achava a bordo do *Gloriana*.

– Queria saber se você está bem – disse ele com delicadeza. – E seu filho... Jemmy?

A menção àquele nome causou uma estranha comoção dentro dele, e por uma fração de segundo ele viu a imagem de Brianna na porta, com o filho no

colo, se sobrepondo à lembrança que tinha de Morag, segurando o filho na penumbra do porão do navio, disposta a matar ou morrer para ficar com ele.

– Ah – disse ela, e a suspeita desapareceu levemente, substituída por um reconhecimento relutante de que ele tinha o direito de perguntar. – Estamos bem... nós dois. E meu marido também – acrescentou ela de maneira contundente.

– Fico feliz em saber. Muito feliz. – Ele procurou mais alguma coisa para falar, sentindo-se estranho. – Eu... penso em vocês de vez em quando... me pergunto se... se tudo está bem. Quando vi você agora há pouco... bem, pensei em perguntar, só isso.

– Ah, sim. Sim, entendo. Bem, eu lhe agradeço, sr. MacKenzie. – Ela levantou a cabeça e o encarou com seus olhos castanhos e sinceros. – Eu reconheço o que fez por nós. Nunca me esquecerei; rezo por você todas as noites.

– Ah. – Roger sentiu como se um leve peso o tivesse atingido no peito. – Ah... obrigado.

Ele se perguntava, de vez em quando, se ela pensava nele. Será que se lembrava do beijo que ele lhe dera, no porão do navio, buscando um pouco de seu calor para se proteger do frio da solidão? Ele pigarreou, corando ao se lembrar.

– Você... mora aqui perto?

Ela balançou a cabeça e um pensamento, uma lembrança, fez seus lábios se contraírem.

– Morávamos, mas agora não mais... Bem, não importa. – Ela se virou, de repente séria, e começou a recolher as roupas molhadas do arbusto, sacudindo cada uma antes de dobrá-las. – Agradeço a preocupação, sr. MacKenzie.

Ele estava claramente sendo dispensado. Secou as mãos na calça e mexeu os pés, sem querer partir. Precisava dizer a ela... mas depois de encontrá-la de novo, sentiu-se estranhamente relutante em simplesmente alertá-la e partir; a curiosidade fervilhava dentro dele... curiosidade e uma sensação peculiar de conexão.

Talvez não tão peculiar; aquela mulher morena e franzina era sua parente,

sua família... a única pessoa de seu sangue que ele conheceria desde a morte dos pais. Ao mesmo tempo, era *muito* peculiar, ele se deu conta quando estendeu a mão e segurou o braço dela. Ela era sua antepassada distante, afinal de contas.

Ela ficou tensa, tentou se desvencilhar, mas ele continuou segurando-a pelo braço. A pele dela estava fria por causa da água, mas ele sentiu sua pulsação sob seus dedos.

– Espere – disse ele. – Por favor, só um momento. Eu... Eu preciso dizer... algumas coisas.

– Não, não precisa. Prefiro que não diga.

Ela puxou com mais força e sua mão escorregou pela dele, libertando-se.

– Seu marido. Onde ele está?

Conclusões tardias estavam se formando em seu cérebro. Se ela não morava perto, então era o que ele pensou que fosse assim que viu as mulheres: uma acompanhante do acampamento. Não era uma prostituta, ele apostaria a vida que não; então, estava acompanhando o marido, o que significava que...

– Ele está muito perto daqui!

Ela deu um passo para trás, calculando a distância entre ela e o restante da roupa. Roger estava entre ela e o arbusto; ela teria que passar perto dele para recuperar suas anáguas e meias.

Percebendo, de repente, que ela sentia um pouco de medo dele, Roger se virou depressa, pegando algumas coisas aleatoriamente.

– Sinto muito. Suas roupas... Tome.

Ele as entregou a ela, que estendeu os braços para pegá-las por reflexo. Algo caiu – uma roupa de bebê –, e os dois se abaixaram para pegá-la, batendo as testas com força.

– Ai, ai! Minha nossa!

Morag levou a mão à cabeça, embora ainda segurasse as roupas molhadas contra o peito com a outra mão.

– Meu Deus, você está bem? Morag... Sra. MacKenzie... está bem? Sinto muito!

Roger tocou o ombro dela, fitando-a com os olhos semicerrados, marejados de dor. Ele se abaixou para pegar a roupinha que tinha caído no chão entre eles e fez um esforço para limpar as manchas de lama da roupa molhada. Ela piscou, com os olhos igualmente lacrimejantes, e riu da expressão de consternação dele.

A colisão tinha quebrado a tensão entre eles, de certo modo. Ela deu um passo para trás, mas não parecia mais se sentir ameaçada.

– Sim, estou bem. – Ela fungou e secou os olhos, em seguida tocou o ponto dolorido na testa com cuidado. – Tenho uma cabeça dura, minha mãe sempre dizia. Você está bem?

– Sim, bem.

Roger tocou a própria testa, percebendo repentinamente que a curva do osso da sobrancelha sob seus dedos era exatamente igual à da pessoa a sua frente. A dela era menor, mais delicada, mas igual.

– Também tenho a cabeça dura. – Ele sorriu para ela, sentindo-se ridiculamente feliz. – É de família.

Ele entregou a ela a blusa manchada de lama, com cuidado.

– Sinto muito – disse ele, desculpando-se de novo, não só pela roupa suja. – Seu marido. Perguntei sobre ele porque... ele é um dos reguladores, então?

Ela olhou para ele com curiosidade, erguendo a sobrancelha.

– Claro. Você não está com os reguladores?

Claro. Daquele lado do Alamance, o que mais podia ser? As tropas de Tryon estavam reunidas em boa ordem militar no campo além do rio. Ali, os reguladores enxameavam como abelhas, sem liderança nem direção, uma massa irada zumbindo com violência.

– Não – respondeu ele. – Vim com a milícia.

Ele acenou em direção ao borrão distante, onde a fumaça dos acampamentos de Tryon podia ser vista, bem além do rio. Os olhos dela ficaram desconfiados novamente, mas não assustados; ele era apenas um homem.

– Era o que eu queria dizer a você – explicou ele. – Alertar você e seu marido. O governador está falando sério desta vez; ele trouxe tropas

organizadas, trouxe canhões. Muitas tropas, todas armadas.

Ele se inclinou na direção dela, entregando-lhe as meias molhadas restantes. Ela estendeu a mão para pegá-las, mas continuou à espera, olhando para ele.

– Ele quer pôr fim a essa rebelião, custe o que custar. Já deu ordens para matar, se houver resistência. Compreende? Deve dizer isso a seu marido, fazer com que ele parta antes... antes que alguma coisa aconteça.

Ela empalideceu e levou a mão à barriga, em um reflexo. A água das roupas havia molhado a musselina fina de seu vestido, e ele viu o leve inchaço escondido ali, redondo e liso como um melão sob a roupa úmida. Sentiu o medo dela no próprio corpo, como se as meias molhadas que ela segurava conduzissem eletricidade.

“Morávamos... mas agora não mais”, dissera ela quando ele perguntou se moravam perto. Talvez ela quisesse dizer apenas que eles tinham se mudado para um novo lugar, mas... havia coisas de bebê entre as roupas; o filho estava com ela ali. O marido estava em algum lugar com os outros homens.

Um homem solteiro podia pegar sua arma e se unir a uma turba, por nenhum motivo além da bebida ou do tédio; um homem casado e com filhos, não. Era um sinal de forte descontentamento, de uma injustiça significativa. E levar a esposa e o filho para a guerra sugeria que ele não tinha um lugar seguro onde deixá-los.

Roger concluiu que era provável que Morag e o marido não tivessem onde morar, e compreendeu o medo dela perfeitamente. Se seu marido fosse morto ou ficasse incapacitado, como ela sustentaria Jemmy e o bebê que crescia em seu ventre? Ela não tinha ninguém, não tinha família a quem recorrer.

Na verdade, tinha, mas não sabia. Ele segurou a mão dela com força, puxando-a na direção dele, tomado pela necessidade de protegê-la e a seus filhos de algum modo. Ele já os salvara uma vez; poderia salvá-los de novo.

– Morag – disse ele. – Ouça. Se alguma coisa acontecer... qualquer coisa, me procure. Se precisar de qualquer coisa, eu cuidarei de você.

Ela não fez nenhum esforço para se afastar, mas o encarou com os olhos

castanhos e sérios, franzindo levemente o cenho. Ele sentiu uma vontade irresistível de estabelecer um contato físico entre eles – dessa vez, por ela, não só por ele. Inclinou-se para a frente e a beijou com muita delicadeza.

Ele abriu os olhos então e ergueu a cabeça, e viu-se olhando por cima do ombro dela, para o rosto incrédulo de seu bisavô distante.

– Afaste-se de minha esposa.

William Buccleigh MacKenzie saiu do meio dos arbustos com um forte farfalhar de folhas e um olhar de sinistra determinação. Ele era um homem alto, quase da mesma altura de Roger, e de ombros largos. Mais detalhes pessoais pareciam irrelevantes, já que ele também portava uma faca. Ainda estava embainhada no cinto, mas ele havia pousado a mão no cabo de maneira sugestiva.

Roger resistiu a seu primeiro impulso, que tinha sido dizer: “Não é o que você está pensando.” Não era, mas não havia alternativas plausíveis a sugerir.

– Eu não tive a intenção de desrespeitá-la – disse ele, então, endireitando-se lentamente. Sentiu que não seria inteligente de sua parte fazer nenhum movimento brusco. – Peço desculpas.

– Não? E o que diabos pretendia, então?

MacKenzie apoiou a mão de modo possessivo no ombro da esposa, olhando de forma ameaçadora para Roger. Ela se retraiu; os dedos do marido estavam cravados em sua pele. Roger gostaria de afastar aquela mão, mas provavelmente causaria mais problemas do que já tinham sido criados.

– Conheci sua esposa... e você – disse ele – a bordo do *Gloriana*, um ou dois anos atrás. Quando a reconheci aqui, pensei em perguntar sobre o bem-estar da família. Só isso.

– Ele não me fez mal, William. – Morag tocou a mão do marido, que aliviou a pressão. – É exatamente o que ele disse. Não se lembra dele? Foi ele quem encontrou Jemmy e eu no porão quando nos escondemos lá... Ele levou água e comida para nós.

– Você me pediu para cuidar deles – acrescentou Roger. – Durante a luta,

naquela noite em que os marinheiros lançaram os doentes ao mar.

– Ah, é? – Os traços de MacKenzie se suavizaram um pouco. – Então era você? Não vi seu rosto, estava escuro.

– Também não vi o seu.

Mas o via claramente agora, e apesar da estranheza das circunstâncias, observou o rosto com interesse.

Então aquele era o filho – não reconhecido – de Dougal MacKenzie, outrora chefe de guerra dos MacKenzies de Leoch. Parecia ser. O rosto dele era uma versão mais rude, mais quadrada e mais clara do rosto da família, mas, olhando com atenção, Roger conseguiu perceber facilmente as maçãs do rosto amplas e a testa alta que Jamie Fraser tinha herdado do clã de sua mãe. Isso e a altura da família; MacKenzie tinha mais de 1,80 metro, quase da mesma altura de Roger.

O homem se virou um pouco ao ouvir um som vindo do arbusto e o sol iluminou seus olhos verdes. Roger sentiu uma súbita vontade de fechar os olhos, para que MacKenzie não o reconhecesse.

Mas MacKenzie tinha outras preocupações. Dois homens saíram dos arbustos, com olhar desconfiado e sujos devido ao tempo passado no acampamento. Um deles levava um mosquete; o outro estava armado apenas com um porrete cortado de um galho caído.

– Quem é esse aí, Buck? – perguntou o homem com a arma, olhando para Roger com suspeita.

– É o que estou tentando descobrir. – O abrandamento temporário havia desaparecido, deixando o rosto de MacKenzie ameaçadoramente sério. Ele virou a esposa de costas e lhe deu um leve empurrão. – Volte para junto das mulheres, Morag. Vou cuidar desse sujeito.

– Mas, William... – Morag olhou para Roger e para o marido, com o rosto tomado de aflição. – Ele não fez nada...

– Ah, então você acha que não é nada um homem beijar você em público, como se isso fosse normal?

William olhou para ela com uma expressão ameaçadora, e ela enrubesceu, evidentemente lembrando-se do beijo, mas continuou, gaguejando:

– Eu... não, quero dizer... é que... ele foi gentil conosco. Não devíamos...

– Eu disse para você voltar!

Ela abriu a boca para protestar, mas se retraiu quando William fez um movimento brusco na direção dela, com o punho cerrado. Sem pensar, Roger se virou, acertando um soco no rosto de MacKenzie com um baque que fez seu braço tremer até o cotovelo.

Perdendo o equilíbrio, William cambaleou e caiu apoiado em um dos joelhos, balançando a cabeça. O sobressalto de Morag foi encoberto pelas exclamações perplexas dos outros homens. Antes que pudesse se virar para olhar para eles, Roger ouviu um som atrás de si – silencioso, mas alto o bastante para fazer seu sangue gelar; o som frio de um martelo se afastando para golpear.

Ouviu-se um breve *pst!* de pólvora sendo acesa, e então um *pfoom!* quando a arma disparou com um rugido e uma nuvem de fumaça preta. Todos se assustaram e tropeçaram com o ruído, e Roger se viu lutando de maneira confusa com um dos outros homens, ambos tossindo e meio ensurdecidos. Quando se desvencilhou do agressor, viu Morag ajoelhada sobre as folhas, passando uma das roupas molhadas no rosto do marido. William a empurrou para longe com brutalidade, levantou-se e partiu para cima de Roger, com os olhos arregalados e o rosto vermelho de ódio.

Roger se virou, escorregando nas folhas, e se livrou das garras do homem armado, correndo para se esconder nos arbustos. Então, embrenhou-se na mata, gravetos e pequenos galhos se partindo ao seu redor, arranhando o rosto e os braços ao abrir caminho. Um baque pesado e o som de uma respiração surgiram atrás dele e uma mão apertou seu ombro com força.

Ele segurou a mão e a torceu forte, ouvindo o estalar da articulação e do osso. O dono da mão gritou e se afastou, e Roger se lançou na direção de uma abertura nos arbustos.

Caiu no chão, batendo um dos ombros, meio curvado, rolou, atravessou um arbusto pequeno e escorregou pela margem íngreme e lamacenta, e caiu na água, aterrissando com um *splash*.

Lutando para encontrar apoio, ele se levantou, tossiu e ficou de pé,

afastando os cabelos e a água dos olhos, e viu William MacKenzie no alto da margem acima dele. Ao ver o inimigo em desvantagem, MacKenzie se lançou sobre ele com um grito.

Algo como uma bola de canhão atingiu o peito de Roger, e ele caiu na água com estardalhaço, ouvindo os gritos distantes das mulheres. Não conseguia respirar nem ver, mas lutava com a confusão de roupas, membros e lama, batendo no fundo enquanto tentava em vão encontrar um ponto de apoio, os pulmões ardendo em busca de ar.

Conseguiu colocar a cabeça para fora da água. Abriu e fechou a boca como um peixe, respirando com dificuldade, e ouviu o ruído de sua respiração, e a de MacKenzie também. MacKenzie se afastou, cambaleando, e ficou de pé alguns metros à frente, arquejando como um motor enquanto a água escorria de suas roupas. Roger se curvou, se esforçando para respirar, as mãos apoiadas nas coxas e os braços tremendo devido ao esforço. Engolindo o ar mais uma última vez, ele se endireitou e afastou os cabelos molhados do rosto.

– Ouça – começou ele, ofegante –, eu...

Não disse mais nada, já que MacKenzie, ele mesmo ainda ofegante, avançou na direção dele pela água que chegava a sua cintura. O rosto do homem tinha uma expressão estranha, arrebatada, e os olhos verde-musgo brilhavam intensamente.

Tarde demais, Roger pensou em outra coisa. O homem era o filho de Dougal MacKenzie. Mas também era filho de Geillis Duncan, a bruxa.

Em algum lugar além dos salgueiros, ouviu-se um ribombar pesado, e bandos de pássaros assustados saíram grasnando das árvores. A batalha tinha começado.

ALAMANCE

O governador, então, mandou o capitão Malcolm, um de seus ajudantes de campo, e o xerife de Orange, com sua carta, exigindo que os rebeldes abaixassem as armas, entregassem seus líderes, etc. Aproximadamente às dez e meia, o capitão Malcolm e o xerife voltaram com a informação de que o xerife havia lido a carta diversas vezes, para diferentes divisões de rebeldes, que rejeitaram os termos oferecidos, com desdém, disseram que não queriam tempo para pensar e com clamores rebeldes pediram uma batalha.

“Diário da expedição contra os Insurgentes”, Wm. Tryon

– Fique atento a MacKenzie. – Jamie tocou o ombro de Geordie Chisholm, e Geordie virou-se para olhar, compreendendo a mensagem com um leve meneio de cabeça.

Todos eles sabiam. Eram bons rapazes, tomariam cuidado. Eles o encontrariam, com certeza, voltando na direção deles.

Ele disse isso a si mesmo pela décima vez, mas a afirmativa soou tão vazia dessa vez como tinha soado antes. Meu Deus, o que teria acontecido com o homem?

Ele passou à frente, afastando os arbustos com violência, como se fosse um inimigo pessoal. Se ficassem atentos, veriam MacKenzie a tempo, não atirariam nele por engano. Ou foi o que ele disse a si mesmo em uma tentativa de se convencer, pois sabia perfeitamente bem que no meio dos

inimigos e no calor da batalha, uma pessoa atirava em qualquer coisa que se movesse, e raramente havia tempo para conferir os traços de um homem que vinha na sua direção em meio à fumaça.

Não que fosse fazer muita diferença quem fizesse isso por MacKenzie, se alguém o fizesse. Brianna e Claire o responsabilizariam pela vida do homem, e com razão.

Então, para seu alívio, não havia mais tempo para pensar. Eles chegaram a terreno aberto e os homens se espalharam e correram, abaixando-se, ziguezagueando pela grama em grupos de três ou quatro, como ele havia ensinado, um soldado mais experiente em cada grupo. Atrás deles, o primeiro tiro de canhão soou como um trovão no céu ensolarado.

Ele viu os primeiros reguladores nesse momento, um grupo de homens correndo, como eles, vindo do outro lado do terreno aberto. Eles ainda não tinham visto os homens dele.

Antes que os vissem, ele gritou “*Casteal an DUIN!*”, e os atacou, mosquete erguido sobre a cabeça em sinal para os homens atrás dele. Gritos e berros cortaram o ar, e os reguladores, assustados e pegos desprevenidos, pararam desalinhados, atrapalhando-se com suas armas e uns com os outros.

– *Thugham! Thugham!*

Para mim, para mim! Por pouco, foi por pouco. Ele se apoiou em um dos joelhos, curvado sobre o mosquete, empunhou-o e atirou acima das cabeças dos homens que avançavam.

Atrás de si, ele ouviu o grunhido de seus homens se abaixando em posição de tiro, o som da pederneira e, por fim, o barulho ensurdecedor da saraivada.

Um ou dois dos reguladores se abaixaram, atirando de volta. O restante saiu correndo em busca de abrigo, em direção a uma pequena elevação no campo.

– *A draigha! Esquerda! Nach links! Isolem-nos!* – ele se ouviu gritar, mas o fez sem pensar, já correndo.

O pequeno grupo de reguladores se separou, alguns partindo em direção ao rio, o resto se unindo como cordeiros, correndo em disparada em busca da

proteção da pequena elevação no campo.

Eles conseguiram, desaparecendo atrás da curva do monte, e Jamie chamou as tropas de volta, com um assovio agudo que podia ser ouvido acima do estrondo das armas. Ele ouvia os tiros agora, o som dos mosquetes, à esquerda deles. Partiu nessa direção, confiando que eles o seguiriam.

Um erro. A terra ali era pantanosa, cheia de buracos encharcados e lama pegajosa. Ele gritou e acenou de novo, indo de volta em direção ao terreno mais elevado. Recuariam para aquele ponto e deixariam que o inimigo fosse até eles, se quisesse.

O terreno elevado era coberto de vegetação, seca, pelo menos. Ele abriu a mão e acenou, fazendo um gesto para que os homens se espalhassem, buscassem abrigo.

O sangue latejava em suas veias, e sua pele ardia e formigava. Uma nuvem de fumaça cinza-esbranquiçada surgiu entre as árvores próximas, acre com o cheiro de pólvora. O ribombar das armas era regular agora, conforme as tropas de artilharia entravam no ritmo, martelando como um enorme e lento coração a distância.

Ele avançou lentamente na direção oeste, mantendo-se atento. A vegetação ali era composta, em grande parte, por sumagre e olaia, com emaranhados de espinheiros na altura da cintura e pequenas matas de pinheiros que passavam de sua cabeça. A visibilidade era ruim, mas ele ouviria se alguém se aproximasse, muito antes de ver – ou de ser visto.

Nenhum de seus homens estava à vista. Ele se abrigou sob um corniso e deu um grito agudo, parecido com o grasnado de uma codorna. Gritos similares vieram de trás dele, nenhum da frente. Ótimo, eles sabiam mais ou menos onde os outros estavam. Com cautela, ele foi adiante, abrindo caminho por entre a mata. Estava mais fresco ali, com a sombra das árvores, mas o ar estava carregado e o suor escorria por seu pescoço e por suas costas.

Ele ouviu o ruído de passos e se escondeu de novo entre os galhos de um pinheiro, deixando que as agulhas escuras o cobrissem, com o mosquete erguido em uma abertura na folhagem. Quem quer que fosse, avançava depressa. O quebrar de galhos no chão e o som da respiração pesada, e um

jovem apareceu entre os arbustos, ofegante. Não tinha arma, mas uma faca pequena brilhava em sua mão.

O rapaz era familiar, ele percebeu ao olhar para ele, e a memória de Jamie deu nome ao jovem antes que seu dedo relaxasse no gatilho.

– Hugh! – chamou ele, com a voz baixa, mas firme. – Hugh Fowles!

O jovem deixou escapar um grito assustado e se virou para olhar. Viu Jamie e sua arma através da tela de agulhas e ficou paralisado como um coelho.

Então, uma onda de determinação movida pelo pânico tomou seu rosto, e ele se lançou na direção de Jamie, gritando. Surpreso, Jamie quase não conseguiu erguer o mosquete a tempo de conter a lâmina com o cano. Ele forçou a faca para cima e para trás; ela raspou o cano com um ruído metálico agudo, atingindo de raspão os nós dos dedos de Jamie. O jovem Hugh afastou o braço para dar um golpe, e ele chutou o rapaz com força no joelho, saindo do caminho quando o jovem perdeu o equilíbrio e cambaleou para o lado, girando a faca sem controle.

Jamie o chutou de novo, e ele caiu, a faca se enterrando no chão.

– Quer parar com isso? – perguntou Jamie, um tanto irritado. – Pelo amor de Deus, rapaz, não me conhece?

Ele não sabia se Fowles o conhecia ou não – nem mesmo se o rapaz o ouvira. Com o rosto pálido e os olhos arregalados, Fowles se debatia em pânico, ofegando enquanto procurava se levantar, ao mesmo tempo que tentava pegar a faca.

– Você pode... – começou Jamie, e pulou para trás quando Fowles desistiu da faca e foi para cima dele.

O peso do garoto fez Jamie tombar para trás, e suas mãos o apalparam, tentando agarrar sua garganta. Ele largou o mosquete, fez um movimento com o ombro na direção de Fowles e pôs fim àquela besteira com um golpe rápido e brutal na barriga do garoto.

Hugh Fowles caiu e ficou encolhido no chão, contorcendo-se como uma centopeia ferida e fazendo as caretas chocadas e ofegantes típicas de alguém cujo café da manhã acabara de ser mandado para seus pulmões.

Jamie levou a mão direita à boca, sugando o sangue dos nós dos dedos feridos. A faca do rapaz havia cortado a pele de quatro deles, e o soco piorara a situação. Os dedos ardiam como fogo, e o sangue tinha um gosto metálico.

Mais passos, aproximando-se com rapidez. Ele mal teve tempo de pegar o mosquete antes que os arbustos se abrissem de novo, dessa vez revelando o sogro de Fowles, Joe Hobson, segurando um mosquete.

– Pare onde está.

Jamie se agachou atrás de sua arma, apontando para o peito de Hobson, que parou como se fosse uma marionete puxada pelas cordas.

– O que você fez com ele?

Hobson olhou para Jamie e em seguida para seu genro.

– Nada permanente. Abaixei a arma, sim?

Hobson não se mexeu. Ele estava coberto de sujeira e com a barba por fazer, mas os olhos estavam brilhantes e atentos em seu rosto.

– Não quero lhe fazer mal. Abaixei a arma!

– Não seremos capturados – disse Hobson.

Seu dedo se apoiou no gatilho da arma, mas havia um tom hesitante em sua voz.

– Você já está capturado, seu tolo. Não se preocupe, nada de ruim vai acontecer com você nem com o rapaz. Estarão mais seguros na prisão do que aqui, homem!

Um estrondo sibilante pontuou sua frase quando algo voou por entre as árvores alguns metros acima deles, partindo galhos no caminho. Uma bala encadeada, pensou Jamie automaticamente ao se abaixar por reflexo, tenso.

Hobson se abaixou aterrorizado, virando o cano da arma na direção de Jamie. Ele se moveu bruscamente de novo, e seus olhos se arregalaram de surpresa quando uma mancha vermelha apareceu lentamente em seu peito. Olhou para ela, atordoado, o cano da arma pendendo como um caule murcho. Então ele soltou a arma, sentou-se de repente, recostou-se contra uma árvore caída e morreu.

Jamie se virou, ainda agachado, e viu Geordie Chisholm atrás dele, o rosto meio enegrecido com a fumaça do tiro, olhando para o corpo de Hobson

como se estivesse se perguntando como *aquilo* tinha acontecido.

O estrondo da artilharia foi ouvido de novo, e mais um míssil passou voando pelos galhos e caiu perto de onde eles estavam com um baque que Jamie sentiu através das solas das botas. Ele se deitou de barriga para baixo e rastejou na direção de Hugh Fowles, que estava apoiado nas mãos e nos joelhos agora, vomitando.

Ele segurou o braço de Fowles, ignorando a poça de vômito, e deu um puxão violento.

– Vamos! – Ele se levantou, puxando Fowles pela cintura e pelos ombros, e o arrastou em direção ao abrigo do arvoredado atrás deles. – Geordie! Geordie, me ajude!

Chisholm estava ali. Os dois colocaram Fowles de pé e meio que o arrastaram, meio que o carregaram, correndo e tropeçando pelo caminho.

O ar estava tomado pelo cheiro pungente de seiva das árvores, que vazava dos galhos partidos, e ele pensou rapidamente na horta de Claire, na terra revolvida, na terra acumulada sob suas botas, na terra recém-remexida de sulcos e covas, e em Hobson sentado ao sol junto ao tronco, o olhar de surpresa ainda em seus olhos.

Fowles fedia a vômito e fezes. Ele esperava que fosse Fowles.

Pensou que ele mesmo ia vomitar de tanto nervosismo, mas mordeu a língua, sentindo gosto de sangue de novo, e contraiu os músculos da barriga, fazendo com que a bile descesse de volta.

Alguém apareceu no arbusto a sua esquerda. Ele segurava a arma na mão esquerda e a ergueu por reflexo, atirando com uma só mão. Atravessou a fumaça cambaleando, viu que a pessoa em quem ele tinha atirado se virou e correu, partindo às cegas em meio às árvores.

Fowles estava de pé agora, e Jamie soltou seu braço, deixando que Geordie cuidasse dele. Caiu apoiado em um joelho, à procura de pólvora, abriu o cartucho com os dentes e sentiu o gosto dela misturado ao de sangue, carregou a arma, apertou a pólvora com a vareta, enchendo o tambor, checkou a pederneira – e, enquanto fazia isso, notou, surpreso, que suas mãos não estavam tremendo nem um pouco, mas executavam sua tarefa com uma

calma hábil, como se soubessem exatamente o que fazer.

Ele levantou o cano e arreganhou os dentes, não de todo ciente do que fazia. Havia homens se aproximando, três, e ele ergueu a arma para mirar no primeiro. Com um último fio de consciência, ele a ergueu mais e atirou acima da cabeça deles, o mosquete dando um solavanco em suas mãos. Eles pararam e ele soltou a arma, pegou o punhal do cinto e os atacou, gritando.

As palavras arranharam sua garganta, que ardia por causa da fumaça.

– Corram!

Como se a distância, ele observou a si mesmo, pensando que era o que Hugh Fowles tinha feito, e que ele havia achado tolice.

– Corram!

Os homens se dispersaram. Como um lobo faria, ele foi imediatamente atrás do mais lento, saltando sobre o terreno acidentado, sentindo uma alegria feroz tomar suas pernas, crescer em sua barriga. Ele poderia correr para sempre, com o vento frio tocando sua pele e zumbindo em seus ouvidos, o impulso da terra sob ele erguendo seus pés de forma que ele voasse por cima da grama e das rochas.

O homem que ele perseguia ouviu quando ele se aproximou, olhou para trás e, com um grito de terror, chocou-se com toda a força contra uma árvore. Jamie se lançou sobre a presa, caindo sobre as costas do homem e sentindo o rachar das costelas sob o joelho. Ele agarrou uma mecha de cabelos, escorregadios e quentes por causa do suor, e puxou a cabeça do homem para trás. Controlou-se para não cortar o pescoço a sua frente, esticado e indefeso. Podia sentir o choque da lâmina contra a carne, o calor do sangue jorrando, e teve vontade.

Engoliu o ar, ofegante.

Muito lentamente, afastou a faca da pele pulsante. O movimento o deixou tremendo de desejo, como se ele tivesse sido arrancado do corpo de sua mulher à beira do gozo.

– Você é meu prisioneiro – disse ele.

O homem olhou para ele, sem entender. Estava chorando, as lágrimas deixando marcas na sujeira em seu rosto, e tentava falar, soluçando, mas

incapaz de inspirar ar suficiente para formar palavras com a cabeça puxada para trás. Vagamente, ocorreu a Jamie que ele tinha falado em gaélico; o homem não tinha entendido.

Lentamente, ele afrouxou a mão, obrigando-se a soltar a cabeça do homem. Procurou as palavras em inglês, enterradas em algum lugar sob a sede de sangue que pulsava por seu cérebro.

– Você é... meu... prisioneiro – disse ele por fim, ofegando entre as palavras.

– Sim! Sim! O que quiser, não me mate, por favor, não me mate!

O homem se curvou abaixo dele, soluçando, com as mãos unidas na nuca e os ombros curvados, como se temesse que Jamie fosse cravar os dentes em seu pescoço e partir sua coluna.

Ao pensar nisso, ele sentiu um obscuro desejo de fazê-lo, mas o latejar de seu sangue estava diminuindo. Ele começou a escutar de novo, enquanto seus batimentos cardíacos diminuía nos ouvidos. O vento não cantava mais para ele, mas cumpria seu trajeto, desatento e solitário, em meio às folhas acima. Ouviu-se um pipocar de tiros distantes, mas o estrondo da artilharia havia cessado.

O suor pingava do queixo e das sobrancelhas, e sua camisa estava ensopada, fedendo.

Ele escorregou lentamente de cima de seu prisioneiro e se ajoelhou ao lado do corpo inclinado. Os músculos de sua coxa tremiam e ardiam com o esforço da perseguição. Sentiu uma repentina e inexplicável ternura pelo homem e estendeu a mão para tocá-lo, mas a sensação foi sucedida por um senso de horror, igualmente repentino, e que desapareceu igualmente depressa. Ele fechou os olhos e engoliu em seco, sentindo-se enjoado, o ponto onde ele havia mordido a língua latejando.

A energia que a terra emprestara a ele se esvaía de seu corpo agora, fluindo de suas pernas, voltando à origem. Ele estendeu o braço e tocou o ombro do prisioneiro, desajeitado, então ficou de pé, lutando contra o peso morto de sua exaustão.

– Levante-se – ordenou.

Suas mãos tremiam e ele precisou de três tentativas para desembainhar o punhal.

– *Ciamar a tha thu, Mac Dubh?*

Ronnie Sinclair estava a seu lado, perguntando se ele estava bem. Ele assentiu e deu um passo para trás enquanto Sinclair puxava o homem para que se levantasse e fazia com que ele virasse o casaco do avesso. Os outros estavam vindo, sozinhos e em duplas: Geordie, os Lindsays, Gallegher, alcançando-os e se reunindo ao redor dele como limalha de ferro atraída por um ímã.

Os outros tinham reunido prisioneiros também – seis no total, parecendo carrancudos, temerosos ou simplesmente exaustos, com os casacos virados do avesso para deixar claro seu status. Fowles estava entre eles, pálido e desolado.

Sua mente havia clareado, apesar de seu corpo parecer flácido e pesado. Henry Gallegher tinha um ferimento ensanguentado na testa; um dos homens de Brownsville – Lionel? – levava um dos braços em um ângulo esquisito, obviamente quebrado. Tirando isso, ninguém parecia estar ferido, o que era bom.

– Pergunte se eles viram MacKenzie – disse ele a Kenny Lindsay em gaélico, com um breve gesto em direção aos prisioneiros.

Os tiros tinham cessado quase por completo. Havia apenas saraivadas aleatórias agora, e um bando de pombas passou por cima deles em uma confusão de asas, tardiamente assustadas.

Ninguém tinha visto Roger MacKenzie, para conhecê-lo. Jamie assentiu, ouvindo, e secou o resto do suor do rosto com a manga.

– Ou ele voltou em segurança, ou não. Mas o que quer que tenha acontecido, já aconteceu. Vocês foram muito corajosos, rapazes... Vamos.

UM SACRIFÍCIO NECESSÁRIO

Esta noite, os mortos foram enterrados com honras militares; e três fora da lei capturados na batalha foram enforcados diante do exército. Isso proporcionou grande satisfação aos homens e neste momento foi um sacrifício necessário para apaziguar os murmúrios das tropas, que acreditavam que a justiça pública deveria ser imediatamente administrada contra alguns dos fora da lei que foram capturados em ação e em oposição a quem eles tinham enfrentado tantos perigos, e sofrido tamanha perda de vidas e sangue.

“Diário da expedição contra os Insurgentes”, Wm. Tryon

Roger puxou com força a corda ao redor de seus pulsos, mas conseguiu apenas fazer com que se enterrasse ainda mais em sua carne. Podia sentir a ardência da pele ferida pelo atrito e uma sensação úmida que achava ser sangue escorrendo, mas suas mãos estavam tão dormentes que ele não tinha certeza. Os dedos pareciam ser do tamanho de linguças, a pele retesada.

Ele estava deitado onde Buccleigh e seus amigos o tinham jogado, depois de amarrar seus punhos e tornozelos, à sombra de um tronco caído. Totalmente ensopado com a água do rio, ele estaria tremendo de frio se não estivesse se esforçando tão desesperadamente para se soltar. Em vez disso, suor escorria por seu pescoço, o rosto ardia e ele tinha a sensação de que a cabeça iria explodir com o influxo violento de sangue.

Eles o tinham amordaçado com a bandeira branca, enfiando o tecido tão fundo em sua garganta que ele estava quase sufocando e cobrindo sua boca com a própria meia. Antepassado ou não, ele iria acabar com William Buccleigh MacKenzie, ainda que fosse a última coisa que fizesse.

Tiros ainda estavam sendo disparados ali perto; não em saraivadas, mas em um pipocar intermitente. O ar fedia a fumaça de pólvora e, de vez em quando, ouvia-se algo passar sibilando pelas árvores como um jaguadarte, arrancando e partindo galhos e folhas. Bala encadeada? Balas de canhão?

Uma bala de canhão caíra com estrondo na margem do rio mais cedo, enterrando-se em uma pequena explosão de lama e interrompendo momentaneamente a batalha. Um dos amigos de Buccleigh gritara e saíra correndo, espalhando água, para se abrigar entre as árvores, mas o outro ficara, lutando e socando, alheio aos tiros e gritos, até ele e Buccleigh conseguirem enfiar a cabeça de Roger embaixo da água e dominá-lo. Ele ainda podia sentir a água do rio queimando suas narinas.

Ele havia conseguido ficar de joelhos agora, encolhido como uma minhoca, mas não ousou levantar a cabeça acima do tronco, por medo de ser acertado por um tiro. A fúria corria tão forte por suas veias que ele não sentira medo, nem mesmo ao se dar conta de que a batalha se desenrolava ao redor dele, mas não havia perdido a cabeça por completo.

Esfregou o rosto com força contra a casca do tronco, tentando livrar-se da faixa de linho amarrada em torno de sua cabeça. Deu certo; o tecido se prendeu ao toco de um galho, e ele levantou a cabeça com força, puxando a meia para baixo do queixo. Grunhindo com o esforço, ele empurrou um pouco para fora o lenço enfiado em sua boca, prendeu-o ao mesmo galho e se afastou, o pano molhado saindo de sua garganta como um engolidor de serpentes em movimento contrário.

Ele engasgou por reflexo, sentindo a bile subir no fundo da garganta. Engoliu o ar, em busca de oxigênio, e seu estômago se acalmou um pouco.

Ótimo, conseguia respirar, e agora? Tiros ainda estavam sendo disparados, e ele podia ouvir estrépitos à sua esquerda enquanto vários homens abriam caminho pelos arbustos, sem se importar com a obstrução.

O ruído de passos indicou pessoas correndo na direção dele. Roger se abaixou atrás do abrigo do tronco, bem a tempo de evitar ser derrubado quando um corpo foi catapultado por cima dele. Seu novo companheiro se ergueu, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, escorando-se contra o tronco, e só então percebeu que ele estava ali.

– Você!

Era o Barba Negra, do acampamento de Husband. Ele olhou para Roger, com o rosto sendo lentamente coberto de sangue. Ele podia sentir o cheiro do homem, um fedor rançoso e penetrante de medo e raiva.

Barba Negra o agarrou pela gola da camisa, puxando-o para perto.

– Isso é culpa sua! Maldito!

Com as mãos e os pés ainda amarrados, ele não tinha como se defender, mas se jogou para trás, tentando se desvencilhar.

– Solte-me, seu tolo!

Só então o homem percebeu que ele estava amarrado, e com a surpresa, soltou-o. Sem equilíbrio, Roger caiu de lado, raspando o rosto dolorosamente no casco áspero do tronco. Os olhos de Barba Negra se arregalaram de assombro, em seguida se estreitaram de satisfação.

– Por Deus, você foi capturado! Que sorte! Quem o prendeu, idiota?

– Ele é meu. – Uma voz escocesa baixa atrás dele anunciou o retorno de William Buccleigh MacKenzie. – O que você quis dizer quando disse que é culpa dele? O quê?

– Isto!

Barba Negra esticou um braço, indicando o campo ao redor deles, e a batalha que terminava. A artilharia tinha cessado e não se ouvia nada além de tiros de rifle a distância.

– Esse malandro veio ao acampamento hoje cedo, perguntando por Hermon Husband, e o levou para conversar a sós. Não sei o que ele disse, mas, quando terminou, Husband saiu, montou em seu cavalo, mandou que fôssemos para casa e partiu!

Barba Negra lançou um olhar furioso para Roger e, afastando a mão, deu-lhe um forte tapa no rosto.

– O que você disse a ele, imbecil?

Sem esperar pela resposta, ele se voltou para Buccleigh, que olhava de um lado para outro entre o cativo e seu visitante, um olhar de profundo interesse fazendo as sobrancelhas grossas e claras se franzirem.

– Se Hermon tivesse ficado conosco, poderíamos ter resistido – disse Barba Negra, furioso. – Mas com a partida dele, daquele modo, ficamos sem chão, ninguém sabia bem o que fazer, e quando nos demos conta, Tryon estava berrando para que nos rendêssemos, e é claro que não faríamos isso, mas também não dava para dizer que estávamos preparados para a luta...

Ele parou de falar quando viu que Roger olhava para ele, constrangido, pois sabia que ele o vira fugir em pânico.

Não havia nada além de silêncio do outro lado do tronco; todos os tiros tinham cessado. Roger começou a se dar conta de que a batalha não apenas tinha terminado, mas também estava de fato perdida. O que significava, por sua vez, que a milícia provavelmente tomaria aquele lugar em pouco tempo. Os olhos dele ainda estavam marejados por causa do tapa, mas ele piscou para afastar as lágrimas, olhando furioso para Barba Negra.

– Eu disse a Husband o mesmo que vou dizer a vocês – vociferou, reunindo o máximo de autoridade que conseguiu, deitado no chão como um ganso de Natal. – O governador está falando sério. Ele quer acabar com essa rebelião e, ao que parece, é o que acabou de fazer. Se tiverem um pouco de apreço por sua pele, e acho que têm...

Com um rosnado de raiva, Barba Negra segurou Roger pelos ombros e tentou bater a cabeça dele no tronco.

Roger se retorceu como uma enguia. Jogou-se para trás, livrando-se das garras do homem, em seguida se lançou para a frente, acertando-o em cheio e esmagando o nariz dele com a testa. Ele sentiu o quebrar satisfatório de ossos e cartilagem e o espirrar de sangue quente e úmido contra seu rosto, e caiu para trás, apoiado em um dos cotovelos, ofegante.

Nunca dera uma cabeçada no nariz de ninguém, mas o ímpeto pareceu vir naturalmente. O movimento fez seu punho doer, mas ele não se importou. Desejava apenas que Buccleigh se aproximasse o suficiente para receber a

sua, era só o que ele queria.

Buckleigh olhou para ele com uma mistura de diversão e respeito cauteloso.

– Ah, é um homem de muitos talentos, então? Traidor, ladrão de esposa e um belo de um brigão, tudo no mesmo pacote, certo?

Barba Negra vomitou, engasgando com o sangue do nariz quebrado, mas Roger não prestou atenção. Com a visão clara agora, manteve os olhos fixos em Buckleigh. Ele sabia qual dos dois representava a maior ameaça.

– Um homem que confia na esposa não precisa se preocupar com a possibilidade de outro homem roubá-la – disse ele, a raiva apenas ligeiramente contida pela cautela. – Tenho confiança na minha esposa, e não preciso da sua, *amadain*.

Buckleigh estava queimado de sol e muito corado por causa da luta, mas, ao ouvir isso, um vermelho ainda mais intenso se espalhou por seu rosto. Ainda assim, ele manteve a compostura, sorrindo.

– Então é casado? Sua mulher deve ser bem sem graça, para você vir atrás da minha. Ou será que ela o colocou para fora da cama dela, porque você não a satisfazia?

O raspar da corda em seus punhos fez Roger se lembrar de que não estava em posição de discutir. Com esforço, ele conteve a resposta que estava na ponta da língua e a engoliu. O gosto era péssimo.

– A menos que queira que sua esposa fique viúva, acho que está na hora de irmos, certo? – disse ele.

Meneou a cabeça para o outro lado do tronco, onde o breve silêncio tinha sido sucedido pelo som de vozes distantes.

– A batalha terminou, sua causa está perdida. Não sei se eles pretendem fazer prisioneiros...

– Eles já fizeram muitos.

Buckleigh franziu o cenho, claramente indeciso. Não havia muitas opções, Roger pensou: Buckleigh teria que escolher entre soltá-lo, deixá-lo amarrado ou matá-lo. As duas primeiras opções pareciam aceitáveis. Quanto à terceira, estava certo de que, se Buckleigh pretendesse matá-lo, ele já estaria

morto.

– É melhor irem enquanto podem – sugeriu Roger. – Sua esposa vai ficar preocupada.

Foi um erro mencionar Morag de novo. O rosto de Buccleigh ficou ainda mais sinistro, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, ele foi interrompido pela mulher, que vinha na companhia do homem que ajudara Buccleigh a amarrá-lo mais cedo.

– Will! Ah, Willie! Graças a Deus você está bem! Você se feriu?

Ela estava pálida e aflita, e levava uma criança pequena nos braços, agarrada a ela como um macaquinho. Apesar do peso, ela estendeu a mão para tocar o marido, para ter certeza de que ele realmente estava bem.

– Não se preocupe, Morag – disse Buccleigh de modo rude. – Não aconteceu nada comigo.

Ainda assim, deu um tapinha na mão dela e beijou sua testa.

Ignorando esse terno encontro, o companheiro de Buccleigh cutucou as costelas de Roger com a ponta da bota.

– O que vamos fazer com ele, então, Buck?

Buccleigh hesitou, a atenção desviada momentaneamente pela esposa. Morag, vendo Roger no chão, emitiu um grito abafado e levou a mão à boca.

– O que você fez, Willie? – perguntou ela. – Deixe-o ir, pelo amor de Santa Brígida!

– Não! Ele é um maldito traidor.

Buccleigh contraiu os lábios, obviamente insatisfeito com o fato de a esposa ter visto Roger.

– Ele não é, não pode ser!

Segurando o filho contra o peito, Morag se abaixou para olhar para Roger, com as sobrancelhas franzidas de angústia. Ao ver o estado de suas mãos, ela se sobressaltou e se virou para o marido.

– Will! Como pode tratar esse homem assim, depois de ele ter feito o que fez para salvar sua esposa e seu filho?

Pelo amor de Deus, Morag, vá embora!, pensou Roger, ao ver o punho de Buccleigh se fechar de repente. Buccleigh já era um ciumento maldito, para

começar, e o fato de estar no lado perdedor da batalha não estava contribuindo para melhorar seu temperamento.

– Suma daqui, Morag! – ordenou Buccleigh, ecoando o sentimento de Roger de um jeito menos elegante. – Aqui não é lugar para você nem para a criança. Leve-a daqui.

Barba Negra tinha se recuperado um pouco àquela altura, e se posicionou ao lado de Buccleigh. Olhou com fúria para Roger, as mãos pressionando de leve o nariz inchado.

– Corte o pescoço dele e pronto.

Ele enfatizou essa opinião com um chute nas costelas que fez Roger se encolher como um camarão.

Morag deu um grito e chutou a canela de Barba Negra.

– Deixe-o em paz!

Barba Negra, pego desprevenido, soltou um ganido e deu um passo para trás. O outro parceiro de Buccleigh pareceu achar aquilo bastante engraçado, mas conteve a risada quando Buccleigh se virou e lançou um olhar ameaçador para ele.

Morag estava de joelhos, com a pequena faca que levava no cinto na mão, tentando cortar a corda que prendia os punhos de Roger. Por mais que ele apreciasse a tentativa, Roger preferiria que ela não tentasse ajudá-lo. Estava bem claro que o monstro de olhos verdes do ciúme havia tomado conta da alma de William Buccleigh MacKenzie e observava a cena através dos olhos deste com fúria.

Buccleigh pegou a esposa pelo braço e a puxou para que se levantasse. O bebê, assustado, começou a chorar.

– Saia, Morag! – ordenou Buccleigh. – Vá, agora!

– Sim, vá! – interferiu Barba Negra com um olhar ameaçador. – Não precisamos de sua ajuda, sua ordinária enxerida!

– Não fale assim com a minha mulher!

Virando-se, Buccleigh deu um soco no estômago de Barba Negra. O homem caiu sentado, a boca se abrindo e se fechando de modo cômico. Roger quase sentiu pena de Barba Negra, que não parecia estar se saindo

muito melhor entre os dois MacKenzies do que ele próprio.

O outro amigo de Buccleigh, que observava o embate com o fascínio de quem assistia a uma acirrada partida de tênis, aproveitou a oportunidade para entrar na conversa, intrometendo-se enquanto Morag tentava acalmar o bebê que chorava.

– O que quer que pretenda fazer, Buck, é melhor fazermos logo e irmos embora.

Ele meneou a cabeça em direção ao rio, inquieto. Havia vários homens indo na direção deles, a julgar pelo som de vozes. Não eram reguladores em fuga; era um som firme. Integrantes da milícia, indo atrás de prisioneiros? Roger esperava que sim.

– Sim.

Buccleigh olhou na direção dos ruídos, em seguida se voltou para a esposa. Ele a segurou pelos ombros, mas com delicadeza.

– Vá, Morag. Quero que fique em segurança.

Ela percebeu o tom de súplica na voz dele e seu rosto se suavizou. Ainda assim, olhou para o marido e para Roger, que agora tentava se comunicar por telepatia, enviando pensamentos a ela com um desespero crescente.

Vá, pelo amor de Deus, mulher, antes que eles me matem!

Morag se voltou para o marido, com o pequeno rosto determinado.

– Eu vou. Mas jure para mim, William Buccleigh, que não vai tocar em um fio de cabelo desse homem!

Buccleigh arregalou os olhos e cerrou os punhos, mas Morag se manteve firme.

– Jure! – disse ela. – Por Santa Brígida, não vou dividir a cama com um assassino!

Tomado pela dúvida, Buccleigh olhou para Barba Negra e para seu outro amigo, que alternava o pé de apoio como um homem precisando urgentemente ir ao banheiro. O grupo da milícia se aproximava. Por fim, ele olhou para o rosto da esposa.

– Tudo bem, Morag – disse ele, bruscamente, empurrando-a de leve. – Agora vá!

– Não.

Ela estendeu o braço e segurou a mão do marido com firmeza, puxando-a em direção ao seu peito. O pequeno Jemmy havia superado o susto, e estava aconchegado no ombro da mãe, chupando o polegar de modo ruidoso. Morag colocou a mão do pai na cabeça do menininho.

– Jure com a mão na cabeça de seu filho que não vai machucar nem matar esse homem.

Roger aplaudiu mentalmente o gesto, mas temeu que ela tivesse ido longe demais. Buccleigh se retesou por um instante, e o sangue tomou seu rosto de novo. Depois de um momento de tensão, no entanto, ele assentiu uma vez.

– Eu juro – disse baixinho, soltando a mão.

O rosto de Morag relaxou e, sem nada dizer, ela se virou e partiu, segurando o bebê junto ao peito.

Roger soltou a respiração que estava prendendo. Deus, que mulher! Ele desejou intensamente que ela e o bebê *ficassem* seguros, mas se o marido teimoso tropeçasse em um buraco e quebrasse o pescoço...

William Buccleigh olhava para ele, com os olhos verdes estreitados enquanto pensava, ignorando a impaciência cada vez maior do amigo.

– Vamos, Buck! – O homem olhou para trás, em direção ao rio, onde gritos e respostas indicavam que homens vasculhavam a área. – Não temos tempo a perder. Eles disseram que Tryon pretende enforcar prisioneiros, e eu não quero ser um!

– É mesmo? – disse Buccleigh baixinho.

Manteve os olhos fixos nos de Roger, que pensou por um momento ter visto algo familiar despertar dentro deles. Um arrepio de inquietação percorreu-lhe a espinha.

– Ele tem razão – disse ele a Buccleigh, meneando a cabeça em direção ao outro homem. – Vá, não direi nada contra você... pela sua esposa.

Buccleigh contraiu os lábios, pensando.

– Não. Acho que não vai fazer isso. Deixar de falar contra mim, quero dizer. – Ele se abaixou e pegou a bandeira outrora branca e agora suja e manchada do chão. – Vá embora, Johnny. Cuide de Morag. Eu os encontrarei

mais tarde.

– Mas, Buck...

– Vá! Estou seguro.

Com um leve sorriso, ainda olhando para Roger, Buccleigh levou a mão ao saco de couro e tirou um objeto de metal prateado. Levemente chocada, Roger reconheceu sua insígnia da milícia, com as letras CF gravadas no disco.

Girando a insígnia na palma da mão, Buccleigh se virou para Barba Negra, que subitamente demonstrava um interesse renovado pelos acontecimentos.

– Tive uma ideia, senhor, em relação a nosso amigo em comum. – Ele meneou a cabeça na direção de Roger. – Se estiver de acordo.

Barba Negra olhou para Roger, e então para MacKenzie, e um sorriso discreto começou a aparecer por baixo de seu nariz avermelhado. O arrepio de inquietação nas costas de Roger de repente se transformou em uma onda de medo.

– Socorro! – berrou ele. – Socorro, milícia! Socorro!

Ele rolou, girando para evitá-los, mas Barba Negra o segurou pelos ombros e o puxou para trás. Gritos vieram de trás das árvores, e também o som de pés começando a correr.

– Não, senhor – disse William Buccleigh, ajoelhando-se diante dele. Ele segurou o rosto de Roger com força, abafando seus gritos e apertando suas bochechas para forçá-lo a abrir a boca. – Não acho que você vá falar, não mesmo.

Com um leve sorriso, ele enfiou o pano sujo na boca de Roger de novo e amarrou com firmeza o lenço de pescoço ao redor.

Ele se levantou, então, com a insígnia da milícia na mão. Quando os arbustos se abriram, ele se virou em direção aos homens e acenou em um cumprimento caloroso.

SALDO

Por serem duas e meia da tarde, e como o inimigo se dispersou por completo e o exército estava a 8 quilômetros do acampamento, era recomendável que não perdêssemos tempo e voltássemos imediatamente ao acampamento no Alamance. Carroças vazias foram trazidas para levar os mortos e feridos entre os legalistas, e até mesmo vários dos rebeldes feridos, os quais admitiram que, se tivessem vencido naquele dia, nenhuma trégua teria sido dada a não ser àqueles que fossem reguladores, mas receberam cuidados e tiveram seus ferimentos tratados mesmo assim.

“Diário da expedição contra os Insurgentes”, Wm. Tryon

Um tiro de mosquete havia despedaçado o cotovelo de David Wingate. Azar; se tivesse acertado um centímetro mais para cima, teria fraturado o osso, que se calcificaria sem problemas. Eu havia aberto a articulação com uma incisão semicircular no lado externo, e retirara tanto a bala achatada quanto vários fragmentos de osso, mas a cartilagem tinha sido muito afetada, e o tendão do bíceps fora rompido por completo. Eu podia ver a ponta brilhante de uma das extremidades, escondendo-se na carne vermelha do músculo.

Mordi o lábio inferior, pensando. Se eu deixasse as coisas como estavam, o braço ficaria permanentemente – e severamente – defeituoso. Se eu conseguisse religar os tendões rompidos e alinhar bem as extremidades dos ossos na articulação, talvez ele conseguisse recuperar parte dos movimentos.

Olhei ao redor do acampamento, que agora lembrava um pronto-socorro, cheio de corpos, equipamentos e curativos manchados de sangue. A maioria dos corpos estava se mexendo, felizmente, ainda que apenas para xingar ou gemer. Um homem chegara morto quando os amigos o trouxeram; fora deixado à sombra de uma árvore, enrolado em um cobertor.

A maioria dos ferimentos que eu via era leve, apesar de haver dois homens que tinham sido atingidos por tiros; eu não podia fazer nada por eles além de mantê-los aquecidos e torcer pelo melhor. Brianna os monitorava em intervalos de alguns minutos à procura de sinais de choque e febre, entre as rondas, dando água com mel para aqueles com ferimentos mais superficiais. Era melhor que ela se mantivesse ocupada, pensei, e ela de fato não parava de se movimentar, apesar de seu rosto estar parecido com uma das ipomeias na vinha que subia pelo arbusto atrás de mim – pálida e crispada, afligida pelos terrores daquele dia.

Eu tivera que amputar uma perna logo depois do fim da batalha. Era um dos homens da Companhia de Mercer – que estavam acampados perto de nós, sem cirurgião –, atingido pelo estilhaço de um morteiro que ricocheteara, arrancando quase todo o seu pé e deixando a carne da parte inferior da perna pendurada em tiras no osso quebrado. Pensei que ela fosse desmaiar quando o membro pesado caiu no chão a seus pés, e ela pensou a mesma coisa, mas por algum milagre manteve-se firme, segurando o paciente – que *tinha* desmaiado, graças a Deus pelas pequenas misericórdias – enquanto eu cauterizava as veias e fazia um curativo no coto com muita rapidez.

Jamie tinha desaparecido; ele havia trazido seus homens de volta, me abraçara com força e me beijara, em seguida partira com os Lindsays para levar os prisioneiros ao governador – e tentar obter notícias de Roger pelo caminho.

O alívio com o retorno de Jamie animou meu coração, mas o temor por Roger era um pequeno e pesado contrapeso em meu peito. Conseguia ignorá-lo enquanto trabalhava, no entanto. Não ter notícias ainda era um bom sinal por algum tempo, e eu aceitei de bom grado as realidades imediatas de triagem e tratamento para fugir da minha imaginação.

Nada mais parecia urgente. Homens ainda chegavam, mas Bree avaliava cada um, com um olhar compassivo. Se algum deles precisasse de mim, ela me chamaria. Certo, decidi. Havia tempo; eu ia tentar. Havia pouco a perder, exceto um pouco mais de sofrimento para o sr. Wingate, e eu ia perguntar se ele estava disposto.

Ele estava pálido como cera e suave, mas ainda se mantinha de pé. Assentiu, dando-me permissão, e eu entreguei a garrafa de uísque a ele de novo; ele a levou à boca com a mão boa como se ali estivesse o elixir da vida. Chamei um dos outros homens para segurar o braço dele enquanto eu trabalhava, e fiz uma rápida incisão na pele acima da dobra do cotovelo na forma de um “T” invertido, expondo a extremidade inferior do bíceps e tornando o local mais acessível. Comecei a investigar com meu fórceps mais comprido, desenredando o firme cordão prateado do tendão rompido, puxando-o para baixo o máximo que consegui até encontrar um ponto onde pudesse suturar, em seguida me dediquei ao delicado trabalho de religar as pontas rompidas.

Nesse momento, me desconectei de tudo ao meu redor, toda a minha atenção voltada para o problema à minha frente. Estava vagamente consciente do respingar de gotas batendo no chão a meus pés, mas não sabia se era o suor que escorria por meus braços e meu rosto, o sangue do paciente, ou ambas as coisas. As mãos de uma enfermeira cirúrgica treinada seriam úteis, mas não contava com nenhuma, então me virei sozinha. Eu tinha uma agulha fina de cirurgia, no entanto, e suturas finas de seda. Os pontos apareciam pequenos e bem-feitos, um zigue-zague preto perfeito, que marcava os pontos resistentes unindo o tecido brilhante e escorregadio. Eu costumava usar suturas de fibra animal para um trabalho interno como aquele, pois elas se dissolviam aos poucos e eram absorvidas pelo organismo. Mas os tendões cicatrizavam tão lentamente – quando cicatrizavam –, que eu não poderia correr esse risco. Os pontos de seda simplesmente ficariam para sempre no lugar, e eu torcia para que não causassem nenhum problema.

Então, a parte difícil fora feita, e o tempo começou a correr de novo. Eu consegui falar suavemente com David, que havia passado por tudo aquilo de

maneira corajosa. Ele assentiu e tentou sorrir quando eu disse que tinha terminado, apesar de seus dentes estarem trincados e o rosto, banhado de lágrimas. David gritou quando lavei os ferimentos com álcool diluído – as pessoas sempre gritavam; não conseguiam evitar, coitadas –, mas em seguida se recostou, tremendo, enquanto eu suturava as incisões cirúrgicas e cobria os ferimentos.

Isso, porém, não exigia grande habilidade. Eu podia dividir minha atenção, e aos poucos percebi que alguns dos homens atrás de mim discutiam a batalha recente, cobrindo o governador Tryon de elogios.

– Você viu, então? – um deles perguntava animado. – Ele fez mesmo o que disseram?

– Que minhas tripas sejam servidas fritas no café da manhã se não for verdade – respondeu seu companheiro. – Eu o vi com os próprios olhos, sabe? Ele ficou a menos de 100 metros daqueles filhos da mãe e ordenou que eles se rendessem, cara a cara com eles. Eles não responderam de imediato, apenas se entreolharam para ver quem ia falar, e então alguém gritou que não, que se danasse tudo, eles não iam se render de jeito nenhum. Então o governador, com aquele jeito ameaçador que assusta qualquer um, empinou o cavalo e ergueu a espada bem alto, e em seguida a baixou e gritou: “Atirem neles!”

– E eles fizeram isso na mesma hora?

– Não, não fizemos – disse com uma voz mais educada e mais séria. – Pode nos culpar? Uma coisa é receber uma recompensa de quarenta xelins para se unir à milícia, mas atirar a sangue-frio em pessoas conhecidas é outra completamente diferente. Eu olhei para o outro lado e quem vi senão o primo da minha esposa, sorrindo para mim! Veja bem, não estou dizendo que o malandro é minha pessoa favorita, nem da minha família, mas como vou voltar para casa e dizer a minha Sally que acabei de encher o primo dela, Millard, de tiros?

– É melhor do que se o primo Millard fizesse a mesma coisa com você – disse a primeira voz, com um sorriso perceptível, e o terceiro homem riu.

– Verdade. Mas não esperamos para ver se chegaria a isso. O governador

ficou vermelho feito um tomate quando os homens que estavam com ele hesitaram. Ele ficou de pé nos estribos com a espada erguida no alto, olhou para nós furioso e gritou: “Atirem, malditos! Atirem neles ou em mim!”

O narrador conferiu bastante entusiasmo a sua fala, e ouviu-se um murmúrio de admiração vindo de quem ouvia.

– Isso, sim, é um soldado! – disse uma voz, seguida pelo burburinho dos que concordavam com ele.

– Então, atiramos – continuou o narrador, como se desse de ombros. – Não demorou muito depois que começamos. O primo Millard se mostrou bastante rápido, ao que parece, quando começou a correr. O desgraçado escapou sem deixar rastro.

Mais risos quando ele disse isso, e eu sorri, dando tapinhas no ombro de David. Ele também estava ouvindo, e a conversa era uma distração bem-vinda.

– Não, senhor – concordou outro. – Parece que Tryon quer ter certeza da vitória dessa vez. Ouvi dizer que ele vai enforcar os líderes da Regulação no campo de batalha.

– Ele o quê?

Eu me virei ao ouvir isso, com a bandagem ainda na mão.

O pequeno grupo de homens piscou para mim, surpreso.

– Sim, senhora – confirmou um dos homens, puxando a aba do chapéu. – Um rapaz da brigada de Lillington foi quem me disse; ele estava partindo para assistir à diversão.

– Diversão – murmurou outro dos homens, e se benzeu.

– Uma pena se ele enforcar o quacre – opinou outro, com o rosto sério. – O velho Husband é um terror em se tratando de impressos, mas não é um facínora. Nem James Hunter ou Ninian Hamilton.

– Talvez ele enfoque o primo Millard – sugeriu outro, cutucando o vizinho com um sorriso. – Então, você estará livre dele e sua esposa pode culpar o governador!

Ouviu-se um coro de risos, mas o tom era cauteloso. Eu voltei ao meu trabalho, concentrando-me firmemente para apagar a imagem do que estava

acontecendo agora no campo de batalha.

A guerra em si já era ruim o bastante, mesmo quando necessária. Vingança a sangue-frio por parte dos vitoriosos estava um grau além. No entanto, do ponto de vista de Tryon, aquilo podia ser necessário, também. No que dizia respeito a batalhas, aquela tinha sido rápida e relativamente sem importância em termos de perdas. Eu tinha apenas vinte e poucos homens sob meus cuidados, e tinha visto apenas uma morte. Certamente havia mortos em outros pontos, claro, mas pelos comentários das pessoas próximas, tinha sido uma confusão, mas não um massacre, e a maioria dos homens da milícia não parecia nada entusiasmada em relação a matar seus conterrâneos, primos ou não.

Isso significava que a maioria dos homens da Regulação sobrevivera incólume. Eu acreditava que o governador talvez achasse que um gesto drástico se fazia necessário para selar sua vitória, intimidar os sobreviventes e acabar de uma vez por todas com o pavio de combustão longa daquele perigoso movimento.

Ouviru-se uma comoção e o som de patas de cavalos. Olhei para a frente – ao meu lado, Bree levantou a cabeça, com o corpo tenso ao ver Jamie retornando com Murdo Lindsay. Os dois apearam, e ele dispensou Murdo, pedindo que ele cuidasse de Gideon, em seguida veio até mim.

Vi pelo olhar aflito que ele não conseguira notícias de Roger. Fitou o meu rosto e viu a resposta para sua pergunta nele. Ele abaixou os ombros levemente, desanimado, e então se endireitou, tenso.

– Vou procurar no campo – disse a mim, em voz baixa. – Já mandei avisar em todas as companhias. Se ele for encontrado em algum lugar, alguém virá nos dizer.

– Vou com você.

Brianna já estava tirando o avental sujo, embolando-o.

Jamie olhou para ela e então assentiu.

– Sim, querida, claro. Só um minuto, então... vou chamar o pequeno Josh para ajudar sua mãe.

– Vou... preparar os cavalos.

Seus movimentos foram rápidos e tensos, sem a graça atlética de sempre, e ela deixou cair a garrafa de água que estava segurando, atrapalhando-se várias vezes até conseguir pegá-la de novo. Eu a tomei dela antes que a derrubasse mais uma vez e apertei sua mão com força.

O canto de sua boca tremeu quando ela olhou para mim; pensei que ela estivesse tentando sorrir.

– Ele vai ficar bem. Vamos encontrá-lo.

– Sim – concordei, e soltei a mão dela. – Sei que vão.

Observei quando ela atravessou a clareira depressa, com as mãos fechadas em torno das saias erguidas, e senti o contrapeso do medo em meu peito se soltar, caindo como uma pedra em minha barriga.

EXECUÇÃO DE ORDENS

Roger acordou lentamente, sentindo uma dor latejante com uma sensação assustadora de urgência. Ele não fazia ideia de onde estava, ou de como havia chegado até ali, mas ouviu vozes, muitas vozes, algumas ele quase conseguia compreender, outras apenas piavam como harpias, destoantes. Por um momento, sentiu como se as vozes estivessem dentro de sua cabeça. Conseguia vê-las, coisinhas marrons com asas de couro e dentes afiados, chocando-se umas contra as outras em paroxismos de interrupção que faziam com que pequenas bombas de luz explodissem atrás de seus olhos.

Ele podia sentir a fissura ao longo da qual sua cabeça certamente ia se partir sob a pressão, uma linha quente que percorria o topo de seu crânio. Queria que alguém viesse e a abrisse, para deixar que todas as vozes voadoras e toda a sua balbúrdia saíssem, deixando seu crânio vazio, apenas o osso reluzente.

Não percebeu que abria os olhos, e olhou para a frente, entorpecido, por alguns minutos, achando que a cena que via ainda fazia parte da confusão dentro de seu crânio. Homens estavam reunidos na frente dele em um mar de cores, azuis, amarelos e vermelhos misturados a borrões verdes e marrons.

Um problema em sua visão o impedia de ver com clareza e fazia com que enxergasse apenas fragmentos – um amontoado distante de cabeças flutuando como balões cabeludos, um braço em movimento agitando uma bandeira vermelha, parecendo decepado do corpo. Vários pares de pernas que deviam estar próximos... ele estava sentado no chão? Estava. Uma mosca passou perto de seu ouvido e pousou, zumbindo, em seu lábio superior, e ele fez um

movimento reflexo para espantá-la, só então notando que estava acordado de fato... e ainda amarrado.

Suas mãos estavam dormentes a ponto de ele não sentir mais dor, que latejava agora pelos músculos exaustos de seus braços e ombros. Balançou a cabeça para clarear os pensamentos, um erro terrível. Uma dor lancinante deixou seus olhos marejados.

Ele piscou com força e respirou fundo, esforçando-se para retomar o mínimo senso de realidade, voltar a si. *Foco*, pensou. *Aguente firme*. As vozes cantarolantes tinham se dissipado, deixando apenas um zumbido baixo em seus ouvidos. Os outros ainda estavam falando, no entanto, e agora que ele sabia que o som era real, conseguia distinguir uma palavra aqui e outra ali, e examiná-las à procura de sentido.

—... exemplo...

—... governador...

—... corda...

—... mijo...

—... reguladores...

—... ensopado...

—... pé...

—... força...

—... Hillsborough...

—... água...

—... água.

Esta fazia sentido. Ele sabia o que era água. *Queria* água, queria muito. Sua garganta estava seca, a boca parecia estar cheia de... estava cheia de alguma coisa; ele engasgou quando sua língua se mexeu em uma tentativa inconsciente de engolir saliva.

— Governador.

A palavra repetida, pronunciada logo acima dele, fez com que olhasse para cima. Fixou o olhar em um rosto. Magro, escuro, franzido em concentração.

— Tem certeza? — perguntou o rosto, e ele se perguntou vagamente:

Certeza do quê?

Ele não tinha certeza de nada, exceto de que estava tendo um péssimo dia.

– Sim, senhor – disse outra voz, e ele viu outro rosto aparecer ao lado do primeiro.

Esse parecia familiar, emoldurado por uma barba preta e espessa.

– Eu o vi no acampamento de Hermon Husband, conversando com Husband. Pergunte aos prisioneiros, senhor... eles atestarão.

A primeira cabeça assentiu. Virou-se para o lado e para cima, dirigindo-se a alguém mais alto. Roger olhou para cima, procurando, e se endireitou com uma exclamação abafada ao ver os olhos verdes voltados para ele, frios.

– É James MacQuiston – disse o homem de olhos verdes, confirmando. – De Hudgin's Ferry.

– Você o viu na batalha?

O primeiro homem estava ganhando foco; parecia um soldado de pouco menos de 40 anos, usando um uniforme. Mais alguma coisa ganhava foco – James MacQuiston. Ele ouvira falar de MacQuiston... o quê...?

– Ele matou um homem da minha companhia – disse Olhos Verdes, a voz áspera de raiva. – Atirou nele a sangue-frio enquanto o homem estava caído e ferido no chão.

O governador – devia ser ele, governador... Tryon! Era este o nome! O governador estava assentindo, fechando a cara.

– Leve-o também, então – disse ele, e se virou. – Três bastam por enquanto.

Mãos seguraram os braços de Roger e o levantaram, apoiando-o por um momento, e então o puxaram e ele tropeçou, perdendo o equilíbrio, e se viu meio caminhando, com o peso apoiado por dois homens vestidos com uniforme. Ele tentou se desvencilhar, querendo se virar para procurar Olhos Verdes... maldição, qual era o nome do homem? Mas eles o puxaram de volta, fazendo com que ele tropeçasse em uma pequena elevação, sobre a qual havia um enorme carvalho branco.

A elevação estava cercada por um mar de homens, mas eles se afastaram, abrindo caminho para Roger e sua escolta. A sensação de urgência voltou,

como um formigamento sob a superfície de seu cérebro.

MacQuiston, ele pensou, o nome repentinamente claro em sua memória. *James MacQuiston*. MacQuiston era um líder secundário da Regulação, um agitador de Hudgin's Ferry cujo discurso inflamado, repleto de ameaças e acusações tinha sido publicado no *Gazette*. Roger o vira.

Por que diabos Olhos Verdes... Buccleigh! Era Buccleigh. Seu alívio por se lembrar do nome foi sucedido instantaneamente pelo choque ao se dar conta de que Buccleigh dissera a eles que ele era MacQuiston. Por que...

Nem sequer teve tempo de formular a pergunta quando as últimas fileiras de homens se abriram diante dele, e ele viu os cavalos embaixo da árvore, as cordas laçadas penduradas em galhos acima das selas vazias.

Eles seguraram os cavalos pela cabeça enquanto os homens eram colocados em cima deles. Folhas roçaram seu rosto, galhos se prenderam em seus cabelos e ele se abaixou, virando a cabeça por instinto para evitar que os olhos fossem atingidos.

Em algum lugar do outro lado da clareira, viu uma mulher, meio escondida na multidão; indistinta, mas com a curva inconfundível de uma criança nos braços, uma pequena Madona marrom. A visão fez com que ele se erguesse com uma fígada no peito e na barriga, a memória de Bree com Jemmy nos braços atravessando sua mente.

Ele se jogou para o lado, com as costas arqueadas, sentiu que deslizava e não tinha mãos para se segurar. Outras mãos o pegaram, colocaram-no de volta, e uma delas acertou um golpe forte em seu rosto. Ele balançou a cabeça, com os olhos marejados, e através do borrão de lágrimas, viu a Madona marrom entregar a criança a alguém, erguer as saias e correr como se o diabo estivesse em seu encalço.

Algo caiu sobre o peito dele, deslizando pesado como uma serpente. Uma corda áspera tocou seu pescoço, apertando sua garganta, e ele gritou por trás da mordaca.

Ele se debateu sem pensar nas consequências ou nas possibilidades,

impelido pelo desespero do instinto de sobreviver. Ignorando os pulsos sangrando e os músculos doloridos, as coxas contraídas com tanta força em torno do corpo do cavalo que o animal se sacudiu sob ele, protestando, ele tentou romper as amarras com uma força além do que ele imaginava que possuía.

Do outro lado da clareira, a criança tinha começado a gritar pela mãe. A multidão estava em silêncio e os gritos do bebê ressoavam alto. O soldado escuro se posicionou sobre o cavalo, braço levantando, erguendo a espada. Ele parecia falar, mas Roger não ouvia nada além do sangue rosnando em seus ouvidos.

Os ossos de sua mão estalaram e uma sensação abrasadora se irradiou por um dos braços quando o músculo se rompeu. A espada desceu, um raio de sol brilhou na lâmina com um clarão. Suas nádegas deslizaram para trás sobre as ancas do cavalo, as pernas se contorcendo, impotentes, e seu peso se soltou em queda livre.

Um solavanco...

Ele estava girando, sufocando, lutando para respirar, os dedos procuravam, as unhas puxando com força a corda afundada em sua pele. Suas mãos tinham se soltado, mas era tarde demais, ele não conseguia senti-las, não conseguia controlá-las. Seus dedos escorregaram e resvalavam nos fios retorcidos, inúteis, paralisados e insensíveis, como se fossem de madeira.

Ele balançou, chutando, e ouviu um murmúrio vindo da multidão. Chutou e relutou, os pés dando patadas no vazio, as mãos agarrando o pescoço. O peito se retesou, as costas arquearam, e sua visão enegreceu, luzes fracas brilhando nos cantos dos olhos. Recorreu a Deus e não ouviu nenhuma súplica por misericórdia dentro de si, apenas um grito de *não!* que ecoou em seus ossos.

E então o impulso teimoso o deixou e ele sentiu o corpo se alongar e se soltar, buscando, buscando a terra. Um vento frio o envolveu e ele sentiu o calor reconfortante dos vazios de seu corpo. Uma luz brilhante se acendeu por trás de seus olhos, e ele não ouviu mais nada além da explosão de seu coração e do choro distante de uma criança órfã.

EMERGÊNCIA TERRÍVEL

Jamie e Bree estavam quase prontos para partir. Mesmo sujos de fuligem e cansados, vários homens tinham se oferecido para se juntar ao grupo de buscas, mas Bree mordeu o lábio e recusou. Estava grata pela oferta de ajuda, eu sabia, mas é preciso tempo para movimentar um grupo maior, e eu podia ver a impaciência surgindo em manchas vermelhas sob sua pele enquanto as armas eram limpas, os cantis eram cheios e os sapatos eram localizados.

O “pequeno Josh” estava levemente apreensivo com sua nova posição como assistente de cirurgiã, mas ele era um cavaleiro, afinal, portanto estava acostumado a cuidar dos males dos cavalos. A única diferença, como expliquei a ele – fazendo-o sorrir –, era que os pacientes humanos conseguiam dizer onde doía.

Eu tinha feito uma pausa para lavar as mãos antes de suturar um couro cabeludo lacerado quando percebi certa perturbação ocorrendo às margens da campina atrás de mim. Jamie também ouviu, virou a cabeça e então voltou depressa pela clareira, com as sobrancelhas erguidas.

– O que foi?

Eu me virei para olhar e vi uma jovem mulher, em um estado terrível, vindo em nossa direção em um trote meio cambaleante. Ela era franzina e mancava muito – tinha perdido o sapato em algum lugar –, mas ainda assim tentava correr, apoiada de um lado por Murdo Lindsay, que parecia protestar contra ela ao mesmo tempo que a ajudava.

– Fraser – eu a ouvi dizer. – Fraser!

Ela se livrou de Murdo e passou pelos homens que esperavam,

observando os rostos enquanto passava, procurando. Seus cabelos castanhos estavam despenteados e cheios de folhas, o rosto arranhado e sangrando.

– James... Fraser... preciso... Você é...?

Ela estava ofegante, o peito subindo e descendo e o rosto tão vermelho que parecia estar prestes a ter uma apoplexia.

Jamie deu um passo à frente e a segurou pelo braço.

– Sou Jamie Fraser, moça. É comigo que quer falar?

Ela assentiu, arfando, mas não tinha fôlego para as palavras. Enchi um copo com água e lhe ofereci, mas ela balançou a cabeça com violência, erguendo os braços com agitação, gesticulando sem parar em direção ao rio.

– Rog... er – ela conseguiu dizer, engolindo o ar como se fosse um peixe fora d'água. – Roger... MacKen... zie.

Antes de a sílaba final sair de sua boca, Brianna estava ao lado da jovem.

– Onde ele está? Está ferido?

Ela segurou o braço da mulher, tanto para conseguir respostas quanto para oferecer apoio.

A garota sacudiu a cabeça de forma desvairada e disse:

– Enforcando... Eles... Eles estão... enforcando ele! O gover.... nador!

Brianna a soltou e correu em direção aos cavalos. Jamie já estava lá, desatando as rédeas com a mesma veloz intensidade que demonstrara quando a luta começara. Sem dizer uma palavra, ele se abaixou, com as mãos formando um apoio, onde Brianna pisou para montar na sela, golpeando o cavalo com as pernas para que ele se movimentasse antes mesmo de Jamie chegar a sua montaria. Gideon alcançou a égua momentos depois, no entanto, e os dois animais desapareceram em meio aos salgueiros, como se tivessem sido engolidos.

Eu disse algo bem baixinho, sem nem perceber se era um palavrão ou uma prece. Coloquei a agulha e a sutura nas mãos assustadas de Josh, peguei o saco com o kit de emergência e corri até meu cavalo, deixando a mulher de cabelos castanhos caída na grama, vomitando devido ao esforço.

Eu os alcancei alguns momentos depois. Não sabíamos exatamente onde Tryon estava realizando seu Conselho de Guerra, e perdemos um tempo valioso, pois Jamie foi obrigado a parar várias vezes e se inclinar sobre o cavalo para pedir informações – que muitas vezes eram confusas e contraditórias. Bree estava tentando se controlar, tremendo como vara verde, pronta para sair em disparada, mas sem saber aonde ir.

Tentei me preparar para qualquer coisa, incluindo o pior. Eu não tinha ideia das preliminares que Tryon teria realizado nem de quanto tempo poderia transcorrer entre a condenação e a execução. Não muito, pensei. Eu conhecia Tryon havia tempo suficiente para saber que ele agia com cautela, mas também com rapidez – e ele sabia que, se coisas como aquela tivessem que ser feitas, era melhor que ocorressem depressa.

Quanto ao porquê... minha imaginação falhou completamente. Eu só podia torcer para que a mulher estivesse errada, para ela ter confundido Roger com outra pessoa. Mas não acreditava que isso tivesse acontecido; tampouco Brianna, que instava o cavalo a passar por um trecho encharcado à frente com uma intensidade que sugeria que ela preferiria apear e carregá-lo ela mesma pela lama.

A tarde caía, e nuvens de insetos nos cercavam, mas Jamie não se esforçou para afastá-los. Seus ombros estavam firmes como rochas, prontos para aguentar o peso da verdade. Era isso, além de meus próprios medos, que me diziam que Roger provavelmente estava morto.

A ideia martelava minha cabeça sem parar. Até aquele momento, eu sentia apenas choques breves e recorrentes de uma perda imaginária a cada vez que olhava para o rosto pálido de Brianna, pensava no pequeno Jemmy sem pai, ouvia o eco da voz grave e suave de Roger, rindo a distância, cantando em meu coração. Não tentei afastar os pensamentos insistentes; não ia adiantar. Eu sabia que não ia desmoronar de verdade enquanto não visse o corpo dele.

E, mesmo então, o desmoronamento seria interno. Brianna ia precisar de mim. Jamie se manteria firme como uma rocha por ela, faria o que tivesse que ser feito, mas também precisaria de mim mais tarde. Ninguém poderia

absolvê-lo da culpa que eu sabia que ele sentia, só que eu poderia pelo menos ouvir sua confissão, e poderia interceder por ele com Brianna. Meu luto poderia ficar para depois – bem depois, eu esperava.

O terreno se abriu, dando lugar a uma ampla campina, e Jamie golpeou Gideon com as pernas para que ele galopasse, os outros cavalos seguindo atrás dele. Nossas sombras voavam como morcegos pela grama, o som das patas dos animais perdido entre os ruídos de um grupo de homens que tomavam o campo.

Em uma elevação na outra extremidade da campina, havia um enorme carvalho branco, as folhas brilhando sob o sol poente. Meu cavalo se movimentou de repente, passando por um grupo de homens, e eu os vi, três figuras esguias, penduradas à sombra grande da árvore. O martelo golpeou uma última vez, e meu coração se despedaçou como gelo.

Tarde demais.

Foi um enforcamento malfeito. Sem dispor de tropas oficiais, Tryon não tivera ninguém à mão com as macabras – e necessárias – habilidades de um carrasco. Os três homens condenados tinham sido colocados sobre cavalos, as cordas em volta do pescoço amarradas em três galhos da árvore, e, ao sinal, os cavalos tinham sido conduzidos para longe deles, deixando-os dependurados.

Só um tivera a sorte de morrer com o pescoço quebrado. Eu podia ver o ângulo acentuado da cabeça, a flacidez dos membros. Não era Roger.

Os outros tinham sufocado lentamente e estavam retorcidos, presos pela corda na posição final de sua luta. Um homem – um corpo – foi retirado do galho quando cheguei, e passou por mim, carregado nos braços do irmão. Não havia muitas diferenças entre os rostos, ambos contorcidos, escurecidos em sua própria agonia. Eles haviam usado a corda que tinham disponível, nova e sem desgastes. Os dedos dos pés de Roger tocavam a terra; ele era mais alto do que os outros. Suas mãos tinham se soltado e ele havia conseguido enfiar os dedos de uma das mãos por baixo da corda. Os dedos

estavam quase pretos, a circulação cortada. Não consegui olhar para o rosto dele de imediato. Olhei para o de Brianna, em vez disso, pálido e completamente imóvel, cada osso e tendão tenso como a morte.

O rosto de Jamie estava igual, mas, enquanto os olhos de Brianna se mantinham inexpressivos com o choque, os de Jamie ardiam, buracos negros no seu crânio. Ele ficou parado um momento diante de Roger, então se benzeu e disse algo bem baixinho em gaélico. Pegou o punhal do cinto.

– Vou segurá-lo. Corte a corda, querida.

Jamie entregou a faca a Brianna, sem olhar para ela, e deu um passo à frente, segurando o corpo pela cintura, erguendo-o um pouco para aliviar a pressão da corda.

Roger gemeu. Jamie ficou paralisado, os braços segurando-o com força, e me encarou, os olhos arregalados de choque. Tinha sido um som muito discreto; foi apenas a reação de Jamie que me convenceu de que eu de fato o ouvira, assim como Brianna. Ela se aproximou da corda e começou a cortá-la com um furor silencioso, e eu – tão perplexa que, por um momento, não consegui me mexer – comecei a pensar o mais rápido possível.

Talvez não. Talvez fosse apenas o som do ar residual saindo do corpo dele com o movimento, mas não era; eu podia ver o rosto de Jamie segurando-o, e soube que não era.

Avancei rapidamente, estendendo os braços quando o corpo de Roger caiu, para segurar a cabeça dele e estabilizá-lo enquanto Jamie o colocava no chão. Ele estava frio, mas firme, pois estava vivo. Eu havia me preparado para o toque da carne flácida dos mortos, e o choque por sentir a vida em minhas mãos foi considerável.

– Uma prancha – falei, sem fôlego, como se tivesse acabado de levar um soco no estômago. – Uma prancha, uma porta, alguma coisa sobre a qual eu possa colocá-lo. Não devemos mover a cabeça dele; o pescoço pode estar quebrado.

Jamie engoliu em seco, com força, então meneou a cabeça de um jeito esquisito e partiu, caminhando obstinado a princípio, depois cada vez mais rápido, passando pelos grupos de pessoas pesarosas e observadores ávidos,

cujo olhar curioso se voltava agora em nossa direção.

Brianna ainda segurava o punhal. Conforme as pessoas começaram a vir em nossa direção, ela passou por mim, e eu vi seu rosto de relance. Ainda estava pálido, ainda estava sério, mas os olhos agora ardiam com uma luz negra capaz de dilacerar qualquer alma imprudente o bastante para se aproximar.

Eu não podia dar atenção a interferências, a nada mais. Ele não estava respirando visivelmente; não havia movimento perceptível do peito, os lábios e as narinas não se mexiam. Procurei em vão a pulsação em seu punho livre – não adiantava apalpar a massa de tecido inchado em seu pescoço – e finalmente encontrei pulsação abdominal, batendo de leve logo abaixo do esterno.

A corda tinha penetrado fundo em sua carne. Procurei freneticamente meu canivete dentro do bolso. Era uma corda nova, crua. As fibras eram peludas, com manchas marrons de sangue seco. Registrei o fato vagamente, na parte remota de minha mente que tinha tempo para essas coisas enquanto minhas mãos estavam ocupadas. Cordas novas se esticam. Um verdadeiro carrasco tem suas próprias cordas, já esticadas e oleadas, bem testadas para facilitar o uso. A corda crua se enterrou dolorosamente embaixo de minhas unhas enquanto eu a puxava, tentando cortá-la.

O último fio se soltou, e eu o puxei, sem me preocupar com lacerações – isso não importava. Não ousei inclinar novamente a cabeça dele para trás; se a vértebra cervical estivesse fraturada, eu poderia aleijá-lo ou matá-lo. E se ele não conseguisse respirar, isso também não teria relevância.

Segurei a mandíbula dele, tentei enfiar meus dedos em sua boca, para tirar muco e obstruções. Não adiantou, a língua estava inchada; não se projetava para fora, mas estava no caminho. O ar ocupa menos espaço do que dedos, no entanto. Apertei o nariz dele com força, respirei duas ou três vezes, do modo mais profundo que consegui, então encostei minha boca na dele e soprei.

Se eu tivesse visto o rosto dele quando foi enforcado, teria percebido de imediato que ele não estava morto; seus traços tinham relaxado com a perda da consciência e seus lábios e suas pálpebras estavam azulados, mas seu rosto

não estava preto com o sangue congestionado, e os olhos estavam fechados, não arregalados. Ele havia perdido o controle do esfíncter, mas a medula não fora lesionada, e ele ainda não tinha sido asfixiado... Ainda.

Mas estava prestes a morrer por asfixia bem diante de meus olhos. O peito não se movia. Respirei fundo de novo e soprei, a mão livre em seu peito. Nada. Soprei. Nenhum movimento. Soprei. Alguma coisa. Não o suficiente. Soprei. O ar escapou pelas extremidades da minha boca. Soprei. Era como soprar uma rocha, não um balão. Soprei de novo.

Vozes confusas em minha mente, Brianna gritando, e Jamie ao meu lado.

– Aqui está a prancha – disse ele calmamente. – O que devemos fazer?

Respirei fundo e sequei a boca.

– Segure o quadril dele, Bree segura os ombros. Levantem-no quando eu mandar, não antes.

Nós o posicionamos depressa. Eu segurei sua cabeça como se fosse o Santo Graal. Havia pessoas ao nosso redor agora, mas eu não tinha tempo nem de olhar nem de ouvi-las; só tinha olhos para o que precisava ser feito.

Rasguei minha anágua, enrolei-a e a usei para escorar o pescoço dele; eu não tinha sentido nada de anormal no pescoço de Roger quando o erguemos, mas precisaria de toda a sorte que tinha para outras coisas. Por teimosia ou por puro milagre, ele não estava morto. Mas permanecera pendurado pelo pescoço por quase uma hora, e o inchaço dos tecidos da garganta realizaria, em pouco tempo, o trabalho que a corda em si não havia realizado.

Eu não sabia se tinha alguns minutos ou uma hora, mas o processo era inevitável, e só havia uma coisa a fazer. Não mais do que algumas moléculas de ar passavam pela massa de tecido esmagado e lacerado; um pouco mais de inchaço fecharia a abertura por completo. Se o ar não conseguia chegar aos pulmões dele pelo nariz ou pela boca, outro canal precisava ser providenciado.

Eu me virei para olhar para Jamie, mas era Brianna quem estava ajoelhada ao meu lado. Certo ruído ao fundo indicava que Jamie estava lidando com os espectadores.

Uma traqueostomia? Rápida, sem exigir muita habilidade, mas difícil de

manter aberta – e talvez não bastasse para aliviar a obstrução. Uma de minhas mãos estava apoiada no esterno de Roger, o leve pulsar de seu coração firme sob meus dedos. Forte o suficiente... talvez.

– Certo – disse a Brianna, esperando parecer calma. – Vou precisar de um pouco de ajuda.

– Sim – concordou ela, e graças a Deus *ela* parecia calma. – O que devo fazer?

Essencialmente, nada muito difícil; apenas segurar a cabeça de Roger bem para trás e mantê-la firme enquanto eu cortasse a garganta. Claro, esticar o pescoço demais poderia lesionar a medula se houvesse uma fratura, ou comprimi-la de modo irreversível. Mas Brianna não tinha que se preocupar com isso – nem saber disso, para falar a verdade.

Ela se ajoelhou ao lado da cabeça dele e fez o que eu mandei, e o mediastino da traqueia apareceu quando a pele e a fáscia sobre ele se retesaram. Lá estava, cuidadosamente alinhada – eu esperava – entre as grandes artérias de ambos os lados. Se não estivesse, eu poderia facilmente lacerar a carótida ou a jugular interna, e ele sangraria até morrer nas minhas mãos.

A única virtude de uma terrível emergência é que ela dá licença para que uma pessoa teste coisas que nunca poderiam ser realizadas a sangue-frio.

Peguei o pequeno frasco de álcool que levava no bolso. Quase o derrubei, mas quando derramei o conteúdo sobre meus dedos e limpei o bisturi e o pescoço de Roger, a cirurgiã que existe dentro de mim tinha assumido o controle e minhas mãos estavam mais uma vez firmes.

Demorei um momento, com as mãos no pescoço dele, os olhos fechados, sentindo o leve latejar da artéria, apalpando a massa um pouco mais suave da tireoide. Empurrei para cima; sim, ela se moveu. Massageei o istmo da tireoide, tirando-o do caminho, com força em direção à cabeça, e com a outra mão pressionei a lâmina do bisturi sobre a quarta cartilagem da traqueia.

A cartilagem ali tinha formato de U, o esôfago por trás dela macio e vulnerável; eu não devia cortar fundo demais. Senti o romper fibroso da pele e da fáscia, depois resistência, então o som suave da lâmina penetrando.

Houve um gorgolejar alto e repentino, e um ruído como um assovio úmido: o som do ar passando pelo sangue. O peito de Roger se moveu. Eu senti, e foi só então que percebi que meus olhos ainda estavam fechados.

TUDO ESTÁ BEM

A escuridão o aninhava, reconfortante em sua completude calorosa. Ele sentiu uma leve agitação do lado de fora, uma presença dolorosa e intrusiva, e voltou a se refugiar no abrigo da escuridão. Ela estava se dissipando ao redor dele, no entanto, expondo lentamente partes dele à luz e à aspereza.

Ele abriu os olhos. Não sabia o que estava vendo e lutou para entender. Sua cabeça latejava, e também uma dezena de pulsações menores, cada uma delas uma explosão brilhante de dor. Ele sentia as pontadas de dor como agulhas que o espetavam, como uma borboleta presa a uma tábua. Se conseguisse se libertar delas, podia voar para longe...

Fechou os olhos de novo, buscando o conforto da escuridão. Teve uma lembrança distante de um esforço terrível, os músculos em volta das costelas se rompendo enquanto ele lutava para puxar o ar. Havia água em algum lugar em sua lembrança, enchendo seu nariz, a umidade inflando os vãos de suas roupas... Estava se afogando? A ideia fez uma leve onda de alarme percorrer sua mente. Diziam que era uma morte fácil, se afogar, como pegar no sono. Estaria ele afundando, mergulhado em uma tranquilidade traiçoeira e final, enquanto buscava a escuridão sedutora?

Ele se sacudiu, agitando os braços, tentando se virar e chegar à superfície. A dor explodiu em seu peito e ardeu em sua garganta; ele tentou tossir e não conseguiu, tentou puxar o ar e não encontrou nada, bateu em algo duro...

Algo o segurou e o fez ficar imóvel. Um rosto apareceu acima dele, um borrão de pele, um vislumbre de cabelos ruivos. Brianna? O nome flutuou em sua mente como um balão colorido. Então seus olhos recuperaram um pouco

do foco, revelando um rosto mais rígido e feroz. Jamie. O nome pairou a sua frente, flutuando, mas parecendo de alguma forma reconfortante.

Pressão, calor... uma mão segurava seu braço, outra segurava seu ombro, pressionando. Ele piscou, a visão desfocada, clareando aos poucos. Ele não sentiu o ar passando pela boca nem pelo nariz, sua garganta estava fechada e o peito ainda ardia, mas *estava* respirando. Sentia a dor dos pequenos músculos entre as costelas enquanto se movimentavam. Ele não havia se afogado, então; doía demais.

– Você está vivo – disse Jamie. Olhos azuis se fixaram nos dele, tão perto que ele sentiu o hálito quente em seu rosto. – Você está vivo. Está inteiro. Está tudo bem.

Ele analisou as palavras com uma sensação de afastamento, revirando-as como um punhado de seixos, sentindo o peso delas na palma da mente.

Você está vivo. Está inteiro. Está tudo bem.

Uma vaga sensação de conforto o tomou. Parecia que isso era tudo que ele precisava saber naquele momento. Qualquer outra coisa poderia esperar. A escuridão se ergueu de novo, com o aspecto convidativo de um sofá macio, e ele se deixou afundar, feliz, ainda ouvindo as palavras como acordes de harpa.

Você está vivo. Está inteiro. Está tudo bem.

UMA DÉBIL FAÍSCA

– Sra. Claire?

Era Robin McGillivray, perto da porta da tenda, com os cabelos crespos e negros arrepiados como uma escova. Ele parecia um guaxinim assustado, com a pele ao redor dos olhos livre do suor e da sujeira, o restante do rosto ainda escurecido pela fumaça da batalha.

Ao vê-lo, Claire se levantou.

– Estou indo.

Ela estava de pé, com o kit na mão e indo em direção à porta antes que Brianna pudesse falar.

– Mãe!

Não passava de um sussurro, mas o tom de pânico fez Claire se virar como se tivesse pisado em uma plataforma giratória. Os olhos cor de âmbar se fixaram no rosto de Brianna por um momento, voltaram-se para Roger, e de volta para a filha.

– Observe a respiração dele – disse ela. – Mantenha o tubo limpo. Dê a ele água com mel, se ele estiver consciente o bastante para engolir. E toque-o. Ele não pode virar a cabeça para ver você; precisa saber que está com ele.

– Mas... – Brianna parou, com a boca seca demais para falar.

Não vá!, ela sentiu vontade de gritar. Não me deixe sozinha! Não posso mantê-lo vivo, não sei o que fazer.

– Eles precisam de mim – disse Claire, muito delicadamente.

Ela se virou, saias farfalhando, na direção de Robin, que esperava impacientemente, e desapareceu no crepúsculo.

– E eu não?

Brianna moveu os lábios, mas não sabia se tinha falado em voz alta ou não. Não importava; Claire havia desaparecido, e ela estava sozinha.

Ela se sentiu zozna e percebeu que estava prendendo a respiração. Expirou e inspirou profunda e lentamente. O medo era uma cobra venenosa, se enroscando em sua espinha, deslizando por sua mente. Pronta para enterrar as presas em seu coração. Ela respirou fundo mais uma vez entre os dentes, pegou a cobra pela cabeça, enfiou-a mentalmente dentro de um cesto e colocou a tampa. Chega de pânico.

Sua mãe não teria partido se houvesse perigo imediato, ela disse a si mesma com firmeza, não se houvesse mais alguma coisa que pudesse ser feita do ponto de vista médico. Então, não havia. Havia algo que *ela* pudesse fazer? Ela respirou fundo, fundo o bastante para fazer com que a estrutura de seu corpete rangesse.

Toque-o. Fale com ele. Mostre que você está com ele. Fora o que Claire dissera, falando com urgência mas de certo modo distraída, durante os momentos confusos que sucederam a traqueostomia improvisada.

Brianna se virou de volta para Roger, procurando em vão algo seguro para tocar. As mãos dele estavam inchadas como luvas infladas, com manchas vermelho-arroxeadas de hematomas, os dedos esmagados quase pretos, marcas de corda tão profundas na carne de seus punhos que ela tinha a certeza nauseante de que conseguia ver os ossos brancos. Os ferimentos pareciam irreais, uma maquiagem malfeita para uma peça de horror.

Por mais grotescos que estivessem, estavam melhores do que o rosto, que também estava inchado e machucado, com uma pavorosa gola de sanguessugas presas embaixo da mandíbula, mas parecia mais sutilmente deformado, como um desconhecido sinistro fingindo ser Roger.

As mãos dele também estavam profusamente decoradas com sanguessugas. Ele devia estar usando todas as sanguessugas disponíveis, ela pensou. Claire mandara Josh correndo em busca dos outros cirurgiões, para implorar que emprestassem as que tinham, e em seguida o mandara, com os dois Findlays, para as margens do rio à procura de mais.

Observe a respiração dele. Isso ela podia fazer. Sentou-se, movendo-se o mais silenciosamente que conseguiu, tentando não despertá-lo. Pousou a mão de leve sobre o coração dele, tão aliviada por senti-lo quente ao toque que soltou um suspiro profundo. Ele fez uma careta ao sentir a respiração dela em seu rosto, ficou tenso e em seguida relaxou de novo.

A respiração dele era tão superficial que ela afastou a mão, sentindo que a pressão da palma de sua mão sobre o peito dele poderia ser o suficiente para impedir o movimento realizado com esforço. Mas ele *estava* respirando; ela ouvia o leve assóvio do ar passando pelo tubo em sua garganta. Claire havia requisitado o cachimbo inglês importado do sr. Caswell, quebrando sem piedade o tubo cor de âmbar. Lavado rapidamente com álcool, o tubo ainda tinha manchas de alcatrão, mas parecia estar funcionando bem.

Dois dedos da mão direita de Roger estavam quebrados, e todas as unhas ensanguentadas, lascadas ou arrancadas. Ela sentiu a própria garganta se estreitar diante dessa prova de como ele tinha lutado para viver. Seu estado parecia tão precário que ela hesitou em tocá-lo, como se pudesse sobressaltá-lo e fazê-lo atravessar algum limiar invisível entre a vida e a morte. Ainda assim, entendia o que a mãe quisera dizer: o mesmo toque poderia segurá-lo, impedir que ele tropeçasse nesse limiar e se perdesse na escuridão.

Ela apertou a coxa dele, confortada ao sentir o músculo comprido e curvado sob o cobertor que cobria a parte de baixo de seu corpo. Ele emitiu um tênue ruído, ficou tenso e relaxou de novo. Ela se perguntou por um momento surreal se deveria tocar sua genitália.

– Assim, ele saberia com certeza que estou aqui – murmurou ela, controlando uma vontade histérica de rir.

A perna dele estremeceu um pouco ao som da voz dela.

– Pode me ouvir? – perguntou ela baixinho, inclinando-se para a frente. – Estou aqui, Roger. Sou eu... Bree. Não se preocupe, não está sozinho.

Sua voz soava estranha; alta demais, tensa e esquisita.

– *Bi socair, mo chridhe* – disse ela, relaxando um pouco. – *Bi samnach, tha mi seo.*

Era mais fácil, de certo modo, em gaélico, sua formalidade uma estreita

barragem, contendo a intensidade de sentimentos que podiam inundá-la, se um dia jorrassem livres. Amor, medo e raiva, tudo junto em uma mistura tão forte que sua mão chegava a tremer.

Ela percebeu, de repente, que seus seios estavam túrgidos, doloridos por causa do leite. Não houvera tempo nas últimas horas nem sequer para pensar naquilo, muito menos para aliviar a pressão. Os mamilos arderam e formigaram quando ela pensou nisso, e ela rangeu os dentes ao sentir o leite que escorria em seu corpete, misturando-se ao suor. Ela olhou para Roger, desejando de repente amamentá-lo, aninhá-lo contra seu seio e deixar a vida fluir dela para ele.

Toque-o. Ela estava se esquecendo de tocá-lo. Acariciou seu braço, apertou o antebraço com delicadeza, esperando esquecer o desconforto.

Ele pareceu sentir a mão dela em seu braço; um olho se abriu um pouco, e ela pensou ter visto um lampejo de consciência da presença dela tremeluzir no fundo dele.

– Você está parecendo a versão masculina da Medusa – comentou ela, dizendo a primeira coisa que lhe ocorreu.

Uma sobrançelha escura se ergueu de leve.

– As sanguessugas – disse ela. Tocou uma das que estavam no pescoço dele, e o bichinho se contraiu, já meio cheio. – Uma barba de serpentes. Consegue senti-las? Elas incomodam? – perguntou ela antes de se lembrar do que a mãe dissera.

Mas os lábios dele se moveram, formando um “não” sem som, com grande esforço.

– Não fale.

Ela olhou para a outra cama, constrangida, mas o homem ferido nela estava calado, de olhos fechados. Ela se virou, inclinou-se e beijou Roger rapidamente, um leve toque de lábios. Ele entortou a boca; ela achou que ele queria sorrir.

Sentiu vontade de gritar com ele. *O que aconteceu? Que diabo você FEZ?* Mas ele não podia responder.

De repente, a fúria tomou conta dela. Sabendo que as pessoas passavam

por ali sem parar, ela não gritou, mas se inclinou para a frente e agarrou o ombro dele – que parecia um dos pontos razoavelmente sem ferimentos – e sussurrou em seu ouvido:

– Como, em nome de Deus, conseguiu isso?

Ele rolou os olhos devagar na direção dela, concentrando-se em seu rosto. Fez uma leve careta que ela não conseguiu interpretar, e então o ombro sob a mão dela começou a vibrar. Ela olhou para ele totalmente perplexa por alguns segundos antes de perceber que ele estava rindo. Rindo!

O tubo na garganta dele se agitou um pouquinho e emitiu um assovio suave, o que fez com que ela se irritasse além do limite. Brianna ficou de pé, as mãos pressionadas contra os seios doloridos.

– Volto já – disse ela. – Não ouse sair daqui, seu desgraçado!

ACENDALHA E CARVÃO

Gerald Forbes era um advogado bem-sucedido, e em geral era o que aparentava ser. Mesmo vestido com seu uniforme de campanha e com a sujeira da pólvora manchando seu rosto, ainda tinha um ar de firmeza que lhe caía bem como capitão da milícia. Aquele ar não o havia abandonado de todo, mas ele parecia visivelmente inquieto, enrolando e desenrolando a aba do chapéu, parado na porta da tenda.

A princípio, pensei que fosse apenas o desconforto que aflige muitas pessoas na presença de doentes – ou talvez um constrangimento provocado pelas circunstâncias dos ferimentos de Roger. Mas evidentemente era algo mais; ele mal meneou a cabeça em direção a Brianna, que estava ao lado da cama de Roger.

– Sinto muito por seu sofrimento, senhora – disse ele, e em seguida se virou para Jamie. – Sr. Fraser. Se eu puder... ter uma palavra? E com a sra. Fraser também – disse ele, com uma reverência em minha direção.

Eu olhei para Jamie e, quando ele assentiu, me levantei, pegando meu kit médico por reflexo.

Não havia muito que eu pudesse fazer; isso era óbvio. Isaiah Morton estava deitado de lado na barraca de Forbes, com o rosto muito pálido e coberto de suor. Ainda respirava, mas lentamente, e com um gorgolejar horrível que me fazia lembrar, de maneira desagradável, do som emitido quando perfurei a garganta de Roger. Ele não estava consciente, o que chegava a ser uma bênção. Fiz um exame rápido e me agachei, secando o suor de meu rosto com a barra do avental; a noite não tinha esfriado muito, e

estava quente e abafado ali dentro.

– Um tiro no pulmão – falei, e os dois homens assentiram, embora ambos claramente já soubessem disso.

– Tiro nas costas – disse Jamie, com um tom sério.

Ele olhou para Forbes, que assentiu, sem tirar os olhos do homem ferido.

– Não – disse ele baixinho, respondendo a uma pergunta não feita. – Ele não era um covarde. E foi um ataque limpo, nenhuma outra tropa na linha atrás de nós.

– Nenhum regulador atrás de vocês? Nenhum atirador? Nenhuma emboscada? – perguntou Jamie, mas Forbes estava balançando a cabeça antes de as perguntas serem finalizadas.

– Perseguimos alguns reguladores até o rio, mas paramos ali e os deixamos ir.

Forbes ainda segurava o chapéu entre os dedos, e enrolava e desenrolava a aba mecanicamente, sem parar.

– Eu não tive estômago para matar.

Jamie assentiu, em silêncio.

Eu limpei a garganta e coloquei os restos da camisa de Morton com delicadeza sobre ele.

– Ele levou *dois* tiros nas costas – falei.

O segundo tinha passado de raspão pelo braço, mas eu podia ver com clareza a direção do sulco que ele havia deixado.

Jamie fechou os olhos por um momento, e então voltou a abri-los.

– Os Browns – disse ele, resignado.

Gerald Forbes olhou para ele, surpreso.

– Brown? Foi o que ele disse.

– Ele falou?

Jamie se abaixou ao lado do homem ferido, franzindo as sobrancelhas ruivas. Ele olhou para mim e eu balancei a cabeça em silêncio. Eu estava segurando o pulso de Isaiah Morton e podia sentir sua pulsação leve. Ele provavelmente não voltaria a falar.

– Quando o trouxeram – Forbes se agachou ao lado de Jamie, pousando

por fim seu chapéu maltratado –, ele perguntou por você, Fraser. E então, disse: “Diga a Ally. Ally Brown.” Ele disse isso diversas vezes antes de...

Ele fez um gesto silencioso para Morton, cujas pálpebras semicerradas mostravam uma parte da esclera, os olhos revirados em agonia.

Jamie disse algo obsceno, bem baixinho, em gaélico.

– Você acha mesmo que eles fizeram isso? – sussurrei.

O pulso se debateu e estremeceu sob meu polegar, em um último esforço.

Ele assentiu, olhando para Morton.

– Eu não deveria ter deixado que eles partissem – disse ele, como se falasse sozinho.

Ele se referia a Morton e Alicia Brown.

– Você não poderia tê-los impedido.

Estendi minha mão livre na direção dele, para tocá-lo e confortá-lo, mas não consegui alcançá-lo, presa como estava ao pulso de Morton.

Gerald Forbes olhava para mim, confuso.

– O sr. Morton... fugiu com a filha de um homem chamado Brown – expliquei delicadamente. – Os Browns não ficaram muito felizes com isso.

– Ah, compreendo. – Forbes assentiu de modo compreensivo. Olhou para o corpo de Morton e estalou a língua, um som que era um misto de censura e compaixão. – Os Browns... sabe a qual companhia eles pertencem, Fraser?

– À minha – disse Jamie de modo sucinto. – Ou pertenciam. Não vi nenhum deles desde o fim da batalha. – Ele se virou para mim. – Há alguma coisa que possamos fazer por ele, Sassenach?

Balancei a cabeça, mas não soltei seu pulso. A pulsação não tinha melhorado, mas também não havia piorado.

– Não. Pensei que ele já tivesse partido, mas ele não está morrendo ainda. O tiro não deve ter atingido nenhuma artéria importante. Mesmo assim...

Balancei a cabeça de novo.

Jamie suspirou profundamente e assentiu.

– Sim. Vai ficar com ele, então, até...?

– Sim, claro. Mas pode voltar para a nossa barraca e ver se tudo está sob controle por lá? Se Roger... quero dizer, venha me buscar, se precisar de

mim.

Ele assentiu mais uma vez e saiu. Gerald Forbes se aproximou e apoiou uma mão vacilante no ombro de Morton.

– A esposa dele... Vou me certificar de que ela receba ajuda. Se ele recobrar a consciência de novo, pode dizer isso a ele?

– Sim, claro – falei de novo, mas minha hesitação fez com que ele olhasse para a frente, sobrancelhas erguidas.

– É só que ele... hum... tem *duas* esposas – expliquei. – Ele já era casado quando fugiu com Alicia Brown. Daí a dificuldade com a família dela, entende?

O rosto de Forbes ficou inexpressivo de um jeito cômico.

– Entendo – disse ele, e piscou. – A... hum... primeira sra. Morton. Sabe qual é o nome dela?

– Não, receio que...

– Jessie.

A palavra não passava de um sussurro, mas poderia ter sido um tiro, por seu efeito de interromper a conversa.

– O quê?

Devo ter apertado o braço de Morton com mais força, pois ele fez uma careta, e eu o soltei.

O rosto dele ainda estava muito pálido, mas os olhos estavam abertos, enevoados pela dor, mas definitivamente conscientes.

– Jessie... – sussurrou ele de novo. – Jeze... bel. Jessie Hatfield. Água?

– Ág... Ah, sim!

Soltei seu braço e peguei a garrafa de água. Ele a teria bebido toda, mas deixei que ele tomasse apenas pequenos goles, por enquanto.

– Jezebel Hatfield e Alicia Brown – disse Forbes, cauteloso, evidentemente gravando os nomes em sua mente de advogado. – Está correto? E onde essas mulheres vivem?

Morton respirou fundo, tossiu e interrompeu a tosse abruptamente com um gemido de dor. Ele respirou com esforço por um momento, mas em seguida voltou a falar.

– Jessie... em Granite Falls. Ally está... em Greenboro.

Ele respirava de modo muito superficial, puxando o ar entre as palavras. Ainda assim, não ouvi o gorgolejar de sangue em sua garganta, nem sangue escorrendo pelo nariz ou pela boca. Ainda podia ouvir o som de algo sendo sugado no ferimento em suas costas e, movida pela inspiração, puxei-o um pouco para a frente e afastei os pedaços de sua camisa.

– Sr. Forbes, tem uma folha de papel?

– Bem... sim. Eu... quer dizer...

Forbes enfiou a mão no casaco em uma reação automática e pegou uma folha de papel dobrada. Eu a peguei, desdobrei, despejei água sobre ela e a coloquei bem em cima do pequeno orifício logo abaixo da escápula de Morton. A tinta misturou-se com o sangue e escorreu em linhas escuras pela pele pálida, mas o barulho de sucção parou abruptamente.

Mantendo o papel no lugar com a mão, eu sentia as batidas do coração dele. Ainda estavam fracas, porém mais constantes – sim, estavam mais constantes.

– Minha nossa – falei, inclinando-me para o lado para olhar no rosto dele.
– Você não vai morrer, não é?

O suor escorria pelo rosto dele e os trapos de sua camisa estavam escuros e encharcados sobre o peito, mas os lábios tremeram em uma tentativa de sorriso.

– Não, senhora – disse ele. – Não vou. – Ele ainda respirava ofegante, mas a inspiração se tornava mais profunda. – Ally. O bebê... mês... que vem. Disse a ela... que estaria lá.

Peguei a barra do lençol com a mão livre e limpei um pouco o suor do rosto dele.

– Faremos tudo que pudermos para garantir que esteja lá – disse a ele, em seguida olhei para o advogado, que observava tudo com a boca entreaberta. – Sr. Forbes. Acho que seria melhor se levássemos o sr. Morton para a minha tenda. Pode encontrar dois homens que o carreguem?

Ele fechou a boca abruptamente.

– Ah, sim. É claro, sra. Fraser. É para já.

Ele não se moveu de imediato, no entanto, e eu vi seus olhos se voltarem para a folha de papel grudada nas costas de Morton. Olhei para ela. Consegui ler apenas algumas palavras indistintas entre meus dedos, mas elas foram suficientes para me mostrar que as referências casualmente ofensivas de Jamie a Forbes como sodomita eram provavelmente inexatas. “Minha querida Valencia”, começava a carta. Eu só conhecia uma mulher chamada Valencia nos arredores de Cross Creek – na colônia da Carolina do Norte, para falar a verdade. A esposa de Farquard Campbell.

– Sinto muito por sua folha de papel – falei, encarando Forbes.

Olhando nos olhos dele, esfreguei a palma da mão com cuidado sobre a folha de papel, manchando irrevogavelmente cada palavra, transformando-as em um borrão de sangue e tinta.

– Temo que esteja arruinada por completo.

Ele respirou fundo e voltou a colocar o chapéu na cabeça.

– Tudo bem, sra. Fraser. Perfeitamente bem. Vou... buscar alguns homens.

A noite trouxe certo alívio em relação às moscas e também ao calor. Atraídas pelo suor, pelo sangue e pelas fezes, elas infestavam o acampamento, picando, rastejando e zumbindo de forma enlouquecedora. Mesmo depois que elas desapareceram, eu continuava dando tapinhas nos braços e no pescoço, imaginando que sentia o pousar das patinhas.

Mas elas tinham sumido, finalmente. Olhei ao redor do meu pequeno reino, vi que todos estavam respirando – ainda que com uma variedade confusa de efeitos sonoros – e saí da tenda para respirar ar fresco, sozinha.

Uma atividade muito desvalorizada, respirar. Fiquei ali por um momento, de olhos fechados, apreciando o subir e descer de meu peito, o leve inspirar, o expirar reparador. Depois de passar as últimas horas mantendo o ar fora do peito de Isaiah Morton e colocando ar para dentro do de Roger, eu estava inclinada a valorizar o privilégio. Nenhum dos dois respiraria sem dor por algum tempo – mas ambos *estavam* respirando.

Eles eram meus únicos pacientes; os outros feridos mais graves estavam sob os cuidados dos cirurgiões de suas companhias ou tinham sido levados para a tenda do governador para serem tratados por seu médico pessoal. Aqueles com ferimentos leves tinham voltado para junto de seus companheiros para ostentar suas cicatrizes ou tratar suas dores com cerveja.

Ouvi um rufar de tambores a distância e fiquei parada, ouvindo. Uma cadência solene tocou e parou de repente. Fez-se um momento de silêncio, durante o qual toda a movimentação pareceu suspensa, e em seguida ouviu-se um tiro de canhão.

Os irmãos Lindsays estavam próximos, esparramados no chão perto da fogueira. Eles também tinham olhado para cima ao som dos tambores.

– O que é isso? – perguntei a eles. – O que está acontecendo?

– Eles estão trazendo os mortos, sra. Fraser – respondeu Evan. – Não se preocupe, sim?

Eu fiz um aceno para tranquilizá-los e comecei a caminhar em direção ao rio. Os sapos coaxavam, em contraste com os tambores distantes. Honras militares para os mortos em batalha. Eu me perguntei se os dois líderes dos rebeldes seriam enterrados no mesmo lugar, ou se covas separadas e menos honradas seriam abertas para eles, se as famílias não reclamassem os corpos. Tryon não era o tipo de homem que deixava alguém às moscas, nem mesmo um inimigo.

Ele já devia estar sabendo àquela altura, certamente. Viria pedir desculpas pelo erro? Que desculpa era possível, afinal? Fora apenas por sorte e porque a corda era nova que Roger estava vivo.

E ainda corria risco de morrer.

Quando pousei a mão sobre Isaiah Morton, pude sentir o arder da bala alojada em seu pulmão, mas também percebi o ardor mais forte da vontade que ele tinha de viver apesar disso. Quando pousei a mão sobre Roger, senti esse mesmo ardor... mas era uma faísca débil. Ouvi o assovio de sua respiração e, em minha mente, vi madeira queimada, com uma pequena área de brasa ainda acesa, porém vacilante, à beira de uma extinção abrupta.

Acendalha, pensei, de modo absurdo. Era o que se fazia com um fogo que

ameaçava se apagar. Era preciso soprar a faísca, mas para isso era preciso carvão; algo em que a faísca pudesse pegar, que a alimentasse para que crescesse.

O som de rodas de carroça fez com que eu olhasse para a frente, desviando o olhar de uma moita. Era uma carroça pequena, com um único cavalo e um único condutor.

– Sra. Fraser? É a senhora?

Demorei um pouco para reconhecer a voz.

– Sr. MacLennan? – perguntei, surpresa.

Ele parou ao meu lado e levou a mão ao chapéu. À luz das estrelas, seu rosto estava tomado pela sombra e pela seriedade.

– O que está fazendo aqui? – perguntei, me aproximando e baixando a voz, apesar de não haver ninguém por perto para me ouvir.

– Vim procurar Joe – respondeu ele, com um movimento leve de cabeça em direção à carroça.

Eu não deveria ter me chocado; passara o dia vendo morte e destruição, e conhecia muito pouco Joe Hobson. Não sabia que ele estava morto, no entanto, e os pelos de meus braços se eriçaram.

Sem dizer mais nada, dei a volta por trás da carroça. Senti o leve solavanco e a vibração pela madeira quando Abel acionou o freio e desceu para se juntar a mim.

O corpo não estava coberto, mas alguém havia colocado um lenço grande e não muito sujo sobre o rosto. Três enormes moscas estavam sobre ele, imóveis e inchadas. Não fazia diferença, mas eu as afastei com as costas da mão. Elas se afastaram zumbindo e pousaram de novo, longe de meu alcance.

– O senhor estava na batalha? – perguntei, sem olhar para Abel MacLennan.

Ele deveria estar com os reguladores, mas não senti cheiro de pólvora.

– Não – respondeu ele atrás de mim. – Eu não quis lutar. Vim com Joe Hobson, o sr. Hamilton e os outros... mas quando percebi que ia haver uma batalha, fui embora. Eu me afastei, caminhei até o moinho do outro lado da cidade. E então, quando o sol se pôs, e não havia sinal de Joe... voltei – disse

ele simplesmente.

– E agora? – perguntei.

Nós dois falávamos baixo, como se pudéssemos perturbar o sono do morto.

– Quer ajuda para enterrá-lo? Meu marido... – indaguei.

– Ah, não – interrompeu ele, baixinho. – Vou levá-lo para casa, sra. Fraser. Mas agradeço pela gentileza. Se puder me dar um pouco de água, no entanto, ou comida para a viagem...

– Claro. Espere aqui... vou pegar.

Voltei correndo para nossa tenda, pensando, no caminho, na distância até Drunkard's Spring, partindo de Alamance. Quatro dias, cinco, seis? E o sol tão quente, e as moscas... mas eu reconhecia um escocês decidido e fui sem discutir.

Parei um momento para checar como estavam os dois homens – ambos respiravam. Com ruído, dolorosamente... mas respiravam. Eu havia trocado o papel molhado sobre o ferimento de Morton por um pedaço de linho oleado, as bordas grudadas com mel, que funcionava como um excelente selante. Não havia vazamento; muito bom.

Brianna ainda estava sentada ao lado de Roger. Ela havia encontrado um pente de madeira e estava penteando os cabelos embaraçados dele, removendo pedaços de folhas e galhos, cuidando das madeixas, lenta e pacientemente. Cantava baixinho... “Frère Jacques”. No corpete de seu vestido havia marcas úmidas e redondas. Ela havia tirado o leite uma ou duas vezes durante o dia para aliviar a pressão, mas estava claro que era o momento de tirar mais. Ao vê-la, meus seios doeram, pois me lembrei do esforço.

Ela olhou para cima e nossos olhares se cruzaram. Toquei meu seio brevemente e assenti na direção da porta da tenda, com as sobancelhas levantadas. Ela respondeu com um meneio de cabeça e um leve sorriso, cuja intenção era ser corajosamente reconfortante, mas pude ver a tristeza em seus olhos. Imaginei que ela tivesse se dado conta de que, mesmo que Roger sobrevivesse, ele provavelmente nunca mais ia cantar – talvez nem mesmo

falar.

Não consegui dizer nada, sentindo um nó na garganta; apenas assenti e saí apressada de novo, com um pacote embaixo do braço.

Uma pessoa surgiu na escuridão à minha frente e quase trombei com ela. Eu me detive com uma exclamação, segurando o pacote contra o peito.

– Minhas desculpas, sra. Fraser. Não notei que não tinha me visto.

Era o governador. Ele deu mais um passo para a luz que vinha da tenda.

Estava sozinho e parecia muito cansado, a pele do rosto enrugada e flácida. Cheirava a álcool. Seu Conselho e os oficiais da milícia deviam estar comemorando a vitória, pensei. Os olhos estavam claros, no entanto, e o passo, firme.

– Seu genro – disse ele, e olhou na direção da tenda atrás de mim. – Ele...

– Ele está vivo – disse uma voz suave e profunda atrás do governador.

Ele se virou com uma exclamação sufocada, e eu ergui a cabeça.

Vi uma sombra se mover e tomar forma, e Jamie surgiu devagar, envolto na escuridão da noite; tinha estado sentado ao pé de uma nogueira, invisível no escuro. Há quanto tempo estava ali?, eu me perguntei.

– Sr. Fraser.

O governador tinha se assustado, mas firmou a mandíbula, com os punhos cerrados ao lado do corpo. Foi obrigado a inclinar a cabeça para trás para olhar para Jamie, e eu percebi que ele não gostava daquilo. Jamie também notou, e claramente não se importou nem um pouco. Ele estava perto de Tryon, assomando sobre ele, com uma expressão que teria abalado a maioria das pessoas.

Pareceu abalar Tryon, também, mas ele ergueu o queixo, determinado a dizer o que quer que tivesse ido até ali para dizer.

– Vim pedir desculpas pelo mal causado a seu genro – disse ele. – Foi um erro imperdoável.

– Imperdoável – repetiu Jamie, com uma entonação irônica. – Importa-se de me dizer, senhor, como esse... erro... aconteceu?

Ele deu um passo à frente, e Tryon automaticamente deu um passo para trás. Eu vi o governador corar e sua mandíbula ficar tensa.

– Foi um erro – disse ele, entre os dentes. – Ele foi erroneamente identificado como um dos líderes fora da lei da Regulação.

– Por quem? – A voz de Jamie era educada.

Pequenos pontos vermelhos queimavam nas bochechas do governador.

– Não sei. Por diversas pessoas. Eu não tinha motivos para duvidar da identificação.

– De fato. E Roger MacKenzie não disse nada em sua própria defesa? Não disse quem era?

Os dentes de baixo de Tryon mordiscaram brevemente o lábio superior, em seguida soltaram.

– Ele... não disse.

– Porque estava amarrado e amordaçado! – exclamei.

Eu mesma tinha tirado a mordaca da boca de Roger, quando Jamie o tirou da árvore na qual estava pendurado.

– O senhor não *deixou* que ele falasse... seu... seu...

A lamparina na entrada da tenda iluminou a peça metálica na gola de Tryon, uma meia-lua pendurada em torno do pescoço. Jamie ergueu a mão lentamente – tão lentamente que Tryon não pensou se tratar de uma ameaça – e a encaixou depressa ao redor da garganta do governador, logo acima da gargantilha.

– Deixe-nos a sós, Claire – disse ele.

Não havia ameaça clara em sua voz; ele parecia apenas determinado. Um clarão de pânico se acendeu nos olhos de Tryon e ele recuou, a peça metálica brilhando à luz da lamparina.

– Ousa colocar as mãos em mim, senhor?

O pânico fora embora de uma vez, substituído pela fúria.

– Ah, pode apostar que sim. Assim como colocou as mãos em meu filho.

Eu não *achava* que Jamie pretendia machucar o governador. Por outro lado, aquele não era, de modo nenhum, apenas um ato de intimidação; eu podia sentir a ira dentro dele, podia vê-la ardendo fria em seus olhos. Assim como Tryon.

– Foi um erro! E um erro que vim remediar, de todas as maneiras que

puder! – Tryon estava firme, a mandíbula travada ao olhar para cima.

Jamie emitiu um som de desdém no fundo da garganta.

– Um erro. Então a perda da vida de um homem inocente não passa disso para o senhor? O senhor mata e fere, em nome da sua glória, e não se importa com a destruição que causa, desde que o registro de suas façanhas seja ampliado. Como as coisas vão ser contadas nos relatórios que enviar à Inglaterra... senhor? Que apontou o canhão para seus próprios cidadãos, armados com nada além de facas e porretes? Ou vai estar escrito que o senhor pôs fim à rebelião e preservou a ordem? Vai relatar que em sua pressa de se vingar, enforcou um inocente? Vai dizer que cometeu um “erro”? Ou vai alegar que puniu a perversidade e fez justiça em nome do rei?

Os músculos do rosto de Tryon se salientaram e seus membros tremeram, mas ele manteve a calma. Respirou fundo pelo nariz, inspirou e expirou, antes de falar.

– Sr. Fraser. Vou lhe dizer algo que algumas pessoas já sabem, mas que ainda não é de conhecimento público.

Jamie não respondeu, mas ergueu a sobrancelha, brilhando vermelha sob a luz. Seus olhos estavam frios, sombrios e impassíveis.

– Fui nomeado governador da colônia de Nova York – disse Tryon. – A carta de nomeação chegou há mais de um mês. Devo partir até julho para assumir o novo cargo; Josiah Martin será o novo governador da Carolina do Norte. – Ele olhou para Jamie e para mim. – Então, entendam: não tive nenhum interesse pessoal nisso; nenhuma necessidade de glorificar minhas proezas, como diz.

Sua garganta se moveu quando ele engoliu em seco, mas o medo tinha sido substituído por uma frieza similar à de Jamie.

– Fiz o que fiz no cumprimento do meu dever. Não deixaria esta colônia em um estado de desordem e rebelião para que o meu sucessor lidasse com o problema, como poderia ter feito.

Ele respirou fundo e deu um passo para trás, forçando-se a relaxar as mãos, fechadas em punhos cerrados.

– O senhor tem experiência na guerra, sr. Fraser, e no cumprimento do

dever. E, se for um homem honesto, vai saber que erros são cometidos, com frequência, em ambos os aspectos. Não pode ser diferente.

Ele olhou diretamente nos olhos de Jamie, e eles ficaram ali, se encarando.

Minha atenção foi desviada do confronto de repente pelo som distante de um bebê chorando. Eu me virei, erguendo a cabeça, no mesmo momento em que Brianna saiu da tenda atrás de mim, com um farfalhar de saias agitadas.

– Jem – disse ela. – É Jemmy!

Era, de fato. Um burburinho de vozes do lado mais distante do acampamento se aproximou, tomando forma na figura arredondada de Phoebe Sherston, que parecia assustada, mas determinada, seguida por dois escravos: um homem que carregava dois cestos enormes e uma mulher, com um bebê que se remexia em seus braços, fazendo um terrível alvoroço.

Brianna correu em direção ao bebê como a agulha de uma bússola apontando o norte, e o choro cessou quando Jemmy emergiu dos cobertores, os cabelos ruivos arrepiados e os pés dando chutes alegres de alívio. Mãe e filho desapareceram depressa sob as sombras das árvores, e certa confusão se seguiu, com a sra. Sherston explicando de forma incoerente para um grupo crescente de curiosos que tinha ficado *tão* perturbada ao ouvir relatos da batalha, tão terríveis, e teve medo... mas o escravo do sr. Rutherford chegou para dizer que tudo estava bem... e ela pensou que talvez... e então... e a criança *não* parava de gritar... então...

Jamie e o governador, distraídos do confronto cara a cara, também tinham se retirado para as sombras. Eu podia vê-los, duas sombras firmes, uma alta e outra mais baixa, lado a lado. Entretanto, o elemento de perigo havia desaparecido do tête-à-tête entre eles. Eu vi a cabeça de Jamie se inclinar levemente na direção da sombra de Tryon, ouvindo.

–... trouxe comida – dizia Phoebe Sherston, com o rosto redondo corado com uma animada presunção. – Pão e manteiga frescos, um pouco de geleia de amora, frango frio e...

– Comida! – exclamei, e de repente me lembrei do pacote que levava embaixo do braço. – Com licença!

Abri um sorriso e saí, deixando-a boquiaberta em frente à tenda.

Abel MacLennan estava onde eu o havia deixado, esperando pacientemente sob as estrelas. Ele dispensou meus pedidos de desculpa, agradecendo pela comida e pela cerveja.

– Tem alguma coisa...? – comecei, e parei.

O que mais eu poderia fazer por ele?

E ainda assim parecia haver alguma coisa.

– O jovem Hugh Fowles – disse ele, enfiando com cuidado o pacote sob o assento da carroça. – Disseram que ele foi levado prisioneiro. Acha que seu marido pode interceder a favor dele? Como fez por mim?

– Imagino que sim. Vou pedir a ele.

Estava silencioso ali, longe o suficiente do acampamento para que o som das conversas não fosse mais alto do que o dos sapos e grilos e o da água.

– Sr. MacLennan – falei, tomada pelo impulso –, para onde vai? Depois que levar Joe Hobson de volta, quero dizer.

Ele tirou o chapéu e coçou a cabeça quase careca, sem constrangimento, apesar de o gesto não ser de alguém confuso, mas sim de alguém que se preparava para dizer algo já decidido.

– Ah – disse ele. – Não pretendia ir a lugar algum. Há as mulheres lá, certo? E as crianças. Não existem mais homens, já que Joe está morto e Hugh foi preso. Acho que vou ficar.

Ele fez uma reverência para mim e colocou o chapéu. Eu apertei a mão dele – surpreendendo-o –, e em seguida ele subiu na carroça e estalou a língua para que o cavalo andasse. Ergueu a mão para mim em despedida e eu respondi, percebendo a diferença nele ao fazer isso.

Ainda havia pesar em sua voz e tristeza sobre seus ombros, mas, mesmo assim, ele se sentou ereto no cumprimento de sua tarefa, a luz das estrelas brilhando em seus cabelos empoeirados. A voz estava firme, e a mão também. Se Joe Hobson tinha partido para a terra dos mortos, Abel MacLennan havia voltado de lá.

As coisas tinham se acalmado, de certo modo, quando voltei à tenda. O governador e a sra. Sherston tinham partido, assim como os escravos dela.

Isaiah Morton dormia, gemendo de vez em quando, mas sem febre. Roger permanecia imóvel como uma estátua, o rosto e as mãos escurecidos pelos hematomas, o assovio baixo do tubo de respiração servindo como contraponto à canção murmurada por Brianna enquanto ninava Jemmy.

O semblante do garotinho estava tranquilo, a boca levemente entreaberta, entregue ao sono. Com uma inspiração repentina, estendi os braços, e Bree, parecendo surpresa, deixou que eu o pegasse. Com muito cuidado, deitei o corpinho pesado sobre o peito de Roger. Bree fez um leve movimento, como se quisesse segurar o bebê e impedir que ele escorregasse, mas o braço de Roger se levantou, rígido e lento, e se posicionou sobre o bebê que dormia. *Acendalha*, pensei, satisfeita.

Jamie estava do lado de fora da tenda, recostado na nogueira. Quando me certifiquei de que estava tudo certo do lado de dentro, saí e me juntei a ele nas sombras. Ele levantou os braços sem dizer nada e eu me aconcheguei neles.

Ficamos juntos nas sombras, ouvindo o crepitar das fogueiras e a música dos grilos.

Respirando.

Grande Acampamento de Alamance *Sexta, 17 de maio de 1771*

Senha – Granville

Contrassenha – Oxford

O governador, tomado pelo mais afetuoso senso de gratidão, agradece aos oficiais e aos soldados do Exército pelo apoio vigoroso e generoso que lhe deram ontem na batalha perto de Alamance, pois foi graças à honra e à conduta firme deles que ele conseguiu, com a providência de Deus Todo-Poderoso, a vitória memorável sobre rebeldes obstinados e determinados. Sua

Excelência apresenta suas condolências aos Legalistas pelos homens corajosos que caíram e foram feridos em ação, mas quando reflete sobre o fato de que o destino da Constituição dependia do sucesso do dia e sobre os importantes serviços assim prestados ao seu rei e ao seu país, considera essa perda (ainda que no momento seja causa de sofrimento para seus parentes e amigos) um monumento de glória e honra duradouras para eles e suas famílias.

Os mortos serão enterrados às cinco horas da tarde de hoje, na frente do Parque da Artilharia, e o serviço funerário será realizado com honras militares – depois da cerimônia, serão feitas orações e agradecimentos pela vitória memorável que a Divina Providência concedeu ontem ao exército sobre os Insurgentes.

PARTE VII

Alertas de luta e fuga



UM TOM MAIS PÁLIDO

A sra. Sherston, com uma generosidade inesperada, nos ofereceu sua hospitalidade. Eu fui para a casa ampla dos Sherstons em Hillsborough com Brianna, Jemmy e meus dois pacientes. Jamie dividia seu tempo entre Hillsborough e o acampamento da milícia, que permaneceu montado perto do Alamance enquanto Tryon se certificava de que a Regulação tinha sido, de fato, definitivamente arrasada.

Apesar de eu não conseguir alcançar a bala alojada no pulmão de Morton com o fórceps, ela não parecia estar incomodando muito, e o ferimento havia começado a se fechar de modo satisfatório. Não dava para saber exatamente onde se instalara, mas estava claro que não tinha atingido artérias importantes; contanto que o projétil não se movesse, era bem possível que ele simplesmente vivesse com a bala alojada dentro do corpo. Eu já tinha conhecido muitos veteranos de guerra na mesma situação – Archie Hayes era um deles.

Eu não sabia ao certo quão estável era meu pequeno estoque de penicilina, mas parecia funcionar. Havia uma leve vermelhidão e uma pequena infiltração no local da ferida, mas não estava infeccionado, e ele tivera pouca febre. Além da penicilina, o aparecimento, alguns dias depois da batalha, de Alicia Brown, agora em uma fase muito avançada da gravidez, foi o maior incentivo para a recuperação de Morton. Uma hora depois da chegada dela, ele estava sentado na maca, pálido, mas feliz, com os cabelos arrepiados e a mão pressionada contra a barriga que abrigava seu filho ainda não nascido.

Roger era outra história. Ele não tinha ferimentos muito graves, além do esmagamento da garganta, embora isso já fosse ruim o suficiente. As fraturas de seus dedos eram simples; eu as havia estabilizado com talas, e eles iam se curar sem problema. Os hematomas desapareceram razoavelmente depressa, transformando-se de manchas vermelhas e azuis em uma série espetacular de roxos, verdes e amarelos que davam a impressão de que ele tinha acabado de ser exumado depois de estar morto havia uma semana, mais ou menos. Seus sinais vitais estavam excelentes. Sua vitalidade, não.

Ele dormia muito, o que deveria ser bom, mas não parecia descansar; havia algo inquietante em seu sono, como se ele buscasse a inconsciência com um forte anseio e, quando a conseguia, se agarrasse a ela com uma teimosia que me incomodava mais do que eu queria admitir.

Brianna, que tinha seu próprio tipo de teimosia, se empenhava em acordá-lo a cada poucas horas, para comer alguma coisa e para que o tubo e a incisão fossem limpos. Durante esses procedimentos, ele mantinha os olhos fixos a meia distância e olhava sombriamente para o nada, fazendo leves sinais de que tomava conhecimento dos comentários dirigidos a ele. Quando terminava, seus olhos se fechavam de novo, e ele se deitava no travesseiro, com as mãos enfaixadas sobre o peito como uma múmia, sem emitir nenhum som exceto pelo assovio baixo que saía do tubo em seu pescoço.

Dois dias depois da batalha de Alamance, Jamie chegou à casa dos Sherstons em Hillsborough pouco antes do jantar, cansado da longa da viagem e coberto de uma poeira avermelhada.

– Conversei um pouco com o governador hoje – disse ele, pegando o copo de água que eu havia levado para ele no quintal. Ele bebeu tudo de uma vez e suspirou, secando o suor do rosto com a manga do casaco. – Ele estava ocupado com todas as coisas que tinha que fazer e não conseguia parar para falar sobre o que aconteceu depois da batalha... mas *eu* não ia deixar por isso mesmo.

– Imagino que não tenha sido muito difícil – murmurei, ajudando-o a tirar o casaco empoeirado. – William Tryon não é escocês, muito menos um Fraser.

Ao dizer isso, recebi um meio sorriso relutante. “Teimoso como uma mula” era a descrição sucinta do clã dos Frasers que eu ouvira anos antes – e nada nos anos que se seguiram me dera motivos para achar que fosse uma descrição equivocada.

– Sim, bem... – Ele deu de ombros e se alongou, as vértebras estalando devido à longa viagem. – Ah, Deus. Estou morrendo de fome. Tem comida?

Ele relaxou e ergueu o nariz comprido, farejando o ar.

– Presunto assado e torta de batata-doce – informei a ele, desnecessariamente, uma vez que o cheiro de mel de ambos tomava o ar úmido. – O que o governador disse, afinal, depois que você o deixou devidamente intimidado?

Ele sorriu de leve diante da minha descrição de seu encontro com Tryon, mas percebi, por seu ar de satisfação, que não estava totalmente incorreta.

– Ah, muitas coisas. Mas, para começar, insisti que ele me esclarecesse as circunstâncias nas quais Roger Mac foi levado; quem o entregou e o que foi dito. Queria saber exatamente o que aconteceu.

Ele tirou a tira que prendia os cabelos e balançou as mechas úmidas, escurecidas por causa do suor.

– Ele se lembrou de alguma coisa quando você o pressionou?

– Sim, um pouco mais. Tryon disse que três homens fizeram Roger Mac prisioneiro; um deles tinha o distintivo da Companhia dos Frasers, então é claro que ele pensou que o homem fosse um dos meus, diz ele – acrescentou Jamie com ironia.

Teria sido uma conclusão razoável, pensei, mas Jamie claramente não estava disposto a ser razoável.

– Devia ser o distintivo de Roger que o homem tinha consigo – falei. – O resto da sua companhia voltou com você... todos, menos os Browns, e não teriam sido eles.

Os Browns tinham desaparecido, aproveitando a oportunidade da confusão da batalha para se vingar de Isaiah Morton e em seguida escapar antes que alguém descobrisse o crime. Eles não teriam ficado por lá para incriminar Roger, mesmo que tivessem motivos para isso.

Ele assentiu, rejeitando a conclusão com um gesto breve.

– Sim. Mas por quê? Ele disse que Roger Mac estava amarrado e amordaçado, uma maneira nada honrosa de se tratar um prisioneiro de guerra, como eu disse a ele.

– E o que ele respondeu quando você disse isso?

Tryon podia ser um pouco menos teimoso do que Jamie, mas não era nem um pouco mais receptivo a insultos.

– Ele disse que não era uma guerra; era uma insurreição traidora, e ele tinha motivos para tomar medidas sumárias. Mas prender e enforcar um homem, sem permitir que ele dissesse uma palavra sequer em sua própria defesa... – Seu rosto estava ficando perigosamente vermelho. – Juro para você, Claire, se Roger Mac tivesse morrido naquela corda, eu teria quebrado o pescoço de Tryon e o deixaria para os corvos!

Eu não duvidei nem um pouco de que ele faria exatamente isso; podia até ver sua mão, encaixando-se lenta e delicadamente no pescoço do governador acima da gargantilha de prata. Eu me perguntei se William Tryon tivera a mais vaga noção do perigo que havia enfrentado naquela noite depois da batalha.

– Ele não morreu, e não vai morrer.

Eu esperava estar certa, mas falei com o máximo de firmeza que consegui, pousando a mão em seu braço. Os músculos de seu antebraço se contraíram e se moveram com o desejo contido de golpear alguém, mas se acalmaram com meu toque, quando ele olhou para mim. Ele respirou fundo uma vez, depois outra, tamborilou os dedos enrijecidos duas vezes na coxa e controlou a raiva mais uma vez.

– Pois bem, ele disse que o homem identificou Roger Mac como James MacQuiston, um dos líderes da Regulação. Tenho buscado informações sobre MacQuiston – acrescentou ele, olhando para mim de novo. Estava ficando um pouco mais calmo enquanto conversávamos. – Você se surpreenderia, Sassenach, se eu dissesse que ninguém conhece o rosto de MacQuiston?

Sim, e foi o que disse. Ele assentiu, o rosto ficando um pouco menos vermelho.

– Também me surpreendi. Mas é isso mesmo; as palavras do homem estão no papel para quem quiser ver, mas ninguém nunca o viu. Nem o velho Ninian, nem Hermon Husband, nem qualquer dos reguladores que consegui encontrar e com quem conversei, apesar de a maioria deles estar mentindo agora, certamente. Até encontrei o impressor que colocou um dos discursos de MacQuiston no papel; ele disse que o texto foi deixado à sua porta uma manhã, com um pedaço de queijo e dois certificados de dinheiro de proclamação para pagar a impressão.

– Bem, isso é interessante – comentei. Tirei a mão de seu braço com cuidado, mas ele parecia estar sob controle. – Então, você acha que “James MacQuiston” é um nome inventado.

– A possibilidade é grande.

Pensando nas implicações dessa linha de pensamento, tive uma ideia repentina.

– Você acha que talvez o homem que identificou Roger para o governador como MacQuiston pode ter sido o próprio MacQuiston?

Jamie ergueu as sobrancelhas e assentiu lentamente.

– E procurou se proteger fazendo com que Roger Mac fosse enforcado no lugar dele? Estar morto é uma excelente maneira de evitar a prisão. Sim, é uma ótima ideia... ainda que um pouco cruel – acrescentou ele de forma sensata.

– Ah, só um pouco.

Ele parecia ter menos raiva do cruel e fictício MacQuiston do que do governador, mas não havia dúvida a respeito do que Tryon tinha feito.

Tínhamos passado do quintal ao poço. Havia um balde pela metade em cima do muro, com água morna e salobra devido ao calor do dia. Ele enrolou as mangas, formou conchas com as mãos e jogou água do balde no rosto, em seguida balançou a cabeça violentamente, espalhando gotas nas hortênsias da sra. Sherston.

– O governador se lembra de como eram esses homens que pegaram Roger? – perguntei, entregando a ele uma toalha de linho amassada. Ele a pegou e secou o rosto, balançando a cabeça.

– Só um. O que estava com o distintivo, que foi o que mais falou. Ele disse que era um homem de cabelos claros, muito alto e corpulento. Olhos verdes, ele acha. Tryon não estava prestando muita atenção à aparência dele, claro, já que estava concentrado no momento. Mas ele se lembrou disso.

– Jesus H. Roosevelt Christ – falei, diante de um súbito pensamento. – Alto, cabelos claros e olhos verdes. Você acha que pode ter sido Stephen Bonnet?

Ele arregalou os olhos e olhou para mim por cima da toalha por um momento, com uma expressão de perplexidade.

– Jesus – disse ele, e pousou a toalha distraidamente. – Não tinha pensado nisso.

Nem eu. O que eu sabia sobre Stephen Bonnet não parecia se encaixar na imagem de um regulador; a maioria deles eram homens pobres e desesperados, como Joe Hobson, Hugh Fowles e Abel MacLennan. Alguns eram idealistas ousados, como Husband e Hamilton. Stephen Bonnet podia ter sido pobre e desesperado em algumas ocasiões – mas eu estava razoavelmente certa de que a ideia de procurar reparação por parte do governo por meio de protestos não era algo que teria ocorrido a ele. Ele o faria à força, certamente. Matar um juiz ou xerife em vingança por alguma ofensa, bem possível. Mas não, era ridículo. Se eu tinha certeza de alguma coisa relacionada a Stephen Bonnet, era de que ele não pagava impostos.

– Não.

Jamie balançou a cabeça, chegando à mesma conclusão, evidentemente. Secou uma gota que restara na ponta de seu nariz.

– Não há dinheiro nenhum em questão nesse caso. Até mesmo Tryon teve que apelar ao conde de Hillsborough para obter fundos para pagar a milícia. E os reguladores... – Ele balançou a mão, afastando a ideia de os reguladores pagarem alguém para fazer alguma coisa. – Eu não sei tudo sobre Stephen Bonnet, mas, pelo que vi do homem, acho que só ouro ou a promessa de ouro o levaria a um campo de batalha.

– É verdade. – Ouvi o leve tilintar de louça e de talheres de prata pela janela aberta, acompanhado das vozes baixas dos escravos; a mesa estava

sendo arrumada para o jantar. – Acho que não tem como Bonnet ser James MacQuiston, tem?

Ele riu, o rosto relaxando pela primeira vez.

– Não, Sassenach. *Disso* eu tenho certeza. Stephen Bonnet não sabe ler nem escreve muita coisa além de seu nome.

Olhei para ele.

– Como sabe disso?

– Samuel Cornell me disse. Ele não conheceu Bonnet pessoalmente, mas disse que Walter Priestly o procurou, certa vez, para pedir dinheiro emprestado com urgência. Ele ficou surpreso, pois Priestly é um homem abastado, mas Priestly disse que tinha um carregamento chegando que devia ser pago em ouro, e que o homem que o traria não aceitaria recibos de depósito de mercadorias, dinheiro de proclamação nem ordens de pagamento. Ele não confiava em palavras no papel que não pudesse ler, nem em ninguém que as lesse para ele. Só ouro serviria.

– Sim, isso parece coisa de Bonnet.

Eu estava segurando o casaco dele, dobrado sobre um de meus braços. Agora eu o sacudia, começando a bater a poeira vermelha e virando o rosto para o lado por causa das nuvens de pó.

– O que você disse sobre ouro... acha que Bonnet pode ter ido a Alamance por acidente? A caminho de River Run, talvez?

Ele pensou por um momento, em seguida balançou a cabeça, desenrolando as mangas da camisa.

– Não foi uma grande guerra, Sassenach... nem o tipo de coisa na qual um homem pode se envolver sem se dar conta e se deixar levar. Os exércitos se enfrentaram por mais de dois dias, e as linhas de frente tinham tantos furos quanto uma rede de pesca. Qualquer pessoa poderia ter saído de Alamance, ou dado a volta. E Alamance não fica perto de River Run. Não, quem quer que seja que tenha tentado matar Roger, foi alguém que estava lá por conta própria.

– Então voltamos ao misterioso sr. MacQuiston... quem quer que seja.

– Talvez – disse ele em dúvida.

– Mas quem mais poderia ser? – protestei. – Ninguém entre os reguladores poderia ter alguma coisa pessoal contra Roger!

– Acho que não – admitiu Jamie. – Mas não vamos saber até que ele nos conte, certo?

Depois do jantar – durante o qual naturalmente MacQuiston, Stephen Bonnet ou qualquer outra coisa de natureza perturbadora foi mencionado – fui ver como Roger estava. Jamie foi comigo e dispensou discretamente a escrava que estava sentada perto da janela, costurando. Alguém tinha que permanecer ao lado de Roger o tempo todo, para garantir que o tubo em sua garganta não entupisse nem se deslocasse, já que continuava sendo seu único modo de respirar. Ainda precisaríamos esperar alguns dias para que o inchaço nos tecidos de sua garganta diminuísse o suficiente para eu arriscar tirá-lo.

Jamie esperou até eu ter checado a pulsação e a respiração de Roger, e então, quando meneei a cabeça, sentou-se ao lado da cama dele.

– Sabe os nomes dos homens que o denunciaram? – perguntou ele diretamente.

Roger olhou para ele, franzindo o cenho, as sobrancelhas escuras unidas. Então, assentiu lentamente e levantou um dedo.

– Um deles. Quantos havia?

Três dedos. Isso batia com a lembrança de Tryon, então.

– Eles eram reguladores?

Assentiu de novo.

Jamie olhou para mim e, de novo, para Roger.

– Não era Stephen Bonnet?

Roger se levantou de repente, a boca aberta. Segurou o tubo na garganta, esforçando-se em vão para falar, e balançou a cabeça com veemência.

Segurei o ombro dele, levando uma das mãos ao tubo. A violência de seu movimento quase o deslocou da incisão, e uma gota de sangue desceu por seu pescoço onde o ferimento voltou a se abrir. Roger parecia não ter notado; seus olhos estavam fixos nos de Jamie e sua boca se movia com urgência,

fazendo perguntas silenciosas.

– Não, não. Se você não o viu, então não estava lá. – Jamie segurou o outro ombro dele com firmeza, ajudando-me a deitá-lo de novo no travesseiro. – É só que Tryon descreveu o homem que entregou você como sendo um camarada alto e de cabelos claros. Olhos verdes, talvez. Pensamos que talvez...

O rosto de Roger relaxou ao ouvir aquilo. Balançou a cabeça de novo e se recostou, retorcendo um pouco a boca. Jamie continuou:

– Mas você conhece o homem. Já o viu antes?

Roger desviou o olhar, assentiu e deu de ombros. Parecia irritado e impotente. Ouvi sua respiração se acelerar, assoviando pelo tubo cor de âmbar. Pigarreei alto, franzindo o cenho para Jamie. Roger estava fora de perigo imediato, mas isso não significava que estivesse bem, nem perto disso.

Jamie me ignorou. Ele havia pegado a caixa de desenhos de Bree no caminho para o segundo andar; colocando uma folha de papel sobre ela, ele a ajeitou sobre o colo de Roger, em seguida ofereceu um dos bastões de carvão a ele.

– Quer tentar de novo?

Ele tinha tentado fazer Roger se comunicar pelo papel desde que recobrava a consciência, mas as mãos de Roger estavam muito inchadas até mesmo para segurar uma caneta. Ainda estavam inchadas e cheias de ferimentos, mas o uso de sanguessugas e massagens delicadas tinham feito com que elas melhorassem a ponto de pelo menos se *parecerem* com mãos de novo.

Roger pressionou os lábios momentaneamente, mas segurou o bastão de carvão de modo desajeitado. Os dois primeiros dedos daquela mão estavam quebrados; as talas formavam um “V” rudimentar, o que eu pensei ser muito apropriado, naquelas circunstâncias.

Roger franziu o cenho, concentrado, e começou a rabiscar algo lentamente. Jamie observava com atenção, segurando o papel esticado com as duas mãos para evitar que escorregasse.

O bastão de carvão se quebrou ao meio, e os fragmentos se espalharam

pelo chão. Eu me abaixei para pegá-los, enquanto Jamie se inclinou, franzindo o cenho enquanto olhava para a folha de papel manchada. Havia um “W” e um “M”, um espaço, e um “MAC” esquisito.

– William? – Ele olhou para Roger para ter certeza.

O suor brilhava no rosto de Roger, mas ele assentiu muito brevemente.

– William Mac – falei, espiondo por cima do ombro de Jamie. – Um escocês, então... ou um nome escocês, pelo menos? – Não que isso reduzisse muito as possibilidades: MacLeod, MacPherson, MacDonald, MacDonnel, Mac... Quiston?

Roger ergueu a mão e bateu contra o peito. Bateu de novo, e disse uma palavra sem emitir som. Lembrando-me de programas de TV com base em charadas, eu fui mais rápida do que Jamie.

– MacKenzie? – perguntei, e fui recompensada com um rápido vislumbre de olhos verdes e um movimento de confirmação.

– MacKenzie. William MacKenzie.

Jamie franzia o cenho, obviamente repassando uma lista mental de nomes e rostos, sem encontrar uma correspondência.

Eu observava o rosto de Roger. Ainda muito machucado, o rosto também começava a parecer mais normal, apesar do vívido vergão embaixo do queixo, e pensei que havia algo esquisito em sua expressão. Conseguia ver a dor física em seus olhos, a impotência e a frustração com sua incapacidade imediata de dizer a Jamie o que ele queria saber, mas achei que havia algo mais ali. Ira, certamente, mas algo como desconcerto também.

– Você conhece algum William MacKenzie? – perguntei a Jamie, que tamborilava levemente sobre a mesa enquanto pensava.

– Sim, quatro ou cinco – respondeu ele, franzindo o cenho, ainda concentrado. – Na Escócia. Mas nenhum aqui, e nenhum que...

Roger ergueu a mão de repente ao ouvir a palavra “Escócia”, e Jamie parou, os olhos fixos no rosto de Roger como um cão farejador.

– Escócia – disse ele. – Algo a ver com a Escócia? O homem é um novo imigrante?

Roger balançou a cabeça com força, e então parou abruptamente, fazendo

uma careta de dor. Fechou os olhos com força por um momento, em seguida os abriu e estendeu a mão para pegar os pedaços de carvão que eu ainda segurava.

Foram necessárias várias tentativas, e no fim Roger se recostou exausto no travesseiro, com a gola da camisa úmida de suor e manchada de sangue de seu pescoço. O resultado de seu esforço eram rabiscos borrados e irregulares, mas eu consegui ler a palavra com clareza.

Dougal, estava escrito. O olhar de interesse de Jamie se transformou em circunspecção.

– Dougal – repetiu com cautela. Ele também conhecia muitos Dougals; alguns deles residentes da Carolina do Norte. – Dougal Chisholm? Dougal O'Neill?

Roger balançou a cabeça e o tubo em sua garganta assoviou com sua respiração. Ele ergueu a mão e apontou enfaticamente para Jamie com os dedos fraturados. Ao receber um olhar inexpressivo como resposta, ele procurou o pedaço de carvão de novo, mas ele rolou da caixa de desenho e se espatifou no chão.

Seus dedos estavam cobertos de poeira de carvão. Fazendo uma careta, ele pressionou a ponta do dedo anelar contra a página e, usando a força dos outros dedos, produziu um borrão tênue e fantasmagórico que fez com que uma corrente elétrica percorresse minha espinha.

Geilie, estava escrito.

Jamie olhou para o nome por um momento. Então, vi que um arrepio o percorreu, e ele se benzeu.

– *A Dhia* – disse ele baixinho, e olhou para mim.

Uma consciência se condensou entre nós. Roger viu e voltou a se recostar no travesseiro, o ar fazendo um forte ruído pelo tubo ao ser expirado.

– O filho de Dougal com Geillis Duncan – disse Jamie, virando-se para Roger com a incredulidade estampada no rosto. – Ele se chamava William, eu acho. É isso? Tem certeza?

Um meneio de cabeça leve, e os olhos de Roger se fecharam. Então, se abriram de novo; um dedo fraturado se ergueu e ele apontou para o próprio

olho – de um verde claro e profundo, da cor do musgo. Ele estava pálido como o lençol sobre o qual estava deitado, e seus dedos sujos de carvão tremiam. Sua boca se contorcia; ele queria muito falar, explicar, mas as explicações teriam que esperar, pelo menos por um tempo.

Ele abaixou a mão e fechou os olhos de novo.

A revelação da identidade de William Buccleigh MacKenzie não alterou o desejo urgente de Jamie de encontrar o homem, mas mudou sua intenção de assassiná-lo assim que o encontrasse. De modo geral, eu fiquei grata pelas pequenas bênçãos.

Brianna, convocada a deixar sua pintura para trocar impressões conosco, chegou ao meu quarto usando seu avental, com um cheiro forte de terebintina e óleo de linhaça e uma mancha azul-cobalto no lóbulo de uma das orelhas.

– Sim – disse ela, assustada com as perguntas abruptas de Jamie. – Ouvi falar dele. William Buccleigh MacKenzie. A criança trocada.

– A criança o quê?

As sobrancelhas de Jamie se ergueram quase até a linha dos cabelos.

– Foi como passei a chamá-lo – expliquei. – Quando vi a árvore genealógica de Roger, e percebi quem William Buccleigh MacKenzie devia ser. Dougal deu a criança a William e a Sarah MacKenzie, lembra? E eles deram ao bebê o nome do filho que tinham perdido dois meses antes.

– Roger mencionou ter visto William MacKenzie e a esposa, a bordo do *Gloriana*, quando ele veio da Escócia para a Carolina do Norte – acrescentou Brianna. – Mas ele disse que só se deu conta de quem era o homem muito tempo depois, e não teve oportunidade de falar com ele. Então ele está aqui, William, quero dizer... mas por que ele tentaria matar Roger, e por que desse modo?

Ela estremeceu de leve, embora no quarto estivesse bastante quente. Era começo do verão, e mesmo com as janelas abertas, o ar estava quente e tomado pela umidade.

– Ele é filho da bruxa – disse Jamie de modo sucinto, como se fosse

resposta suficiente... e talvez fosse.

– Eles também pensavam que eu era uma bruxa – lembrei a ele, de modo um pouco mordaz.

Ao dizer isso, ganhei um olhar de canto de olho e um esboço de sorriso.

– É verdade – disse ele. Pigarreou e passou a manga pela testa suada. – Sim, bem. Acho que vamos ter que esperar para descobrir. E ter um nome ajuda. Vou escrever para Duncan e Farquard; para que eles divulguem essa informação. – Ele respirou fundo, exasperado, e soltou o ar. – Mas o que vou fazer quando encontrá-lo? Filho de bruxa ou não, ele é sangue do meu sangue. Não posso matá-lo. Não depois de Dougal... – Ele se conteve a tempo e tossiu. – Quero dizer, ele é filho de Dougal. É meu primo, pelo amor de Deus!

Eu sabia o que ele queria dizer de verdade. Quatro pessoas sabiam o que tinha acontecido naquele porão na Casa Culloden, na véspera daquela batalha distante. Um deles estava morto, o outro havia desaparecido e era quase certo que também tivesse morrido, no tumulto da revolta. Só restava eu como testemunha do sangue de Dougal e da mão que o havia derramado. Não importava o crime que William Buccleigh MacKenzie tivesse cometido, Jamie não o mataria, por seu pai.

– Você ia matá-lo? Antes de descobrir quem ele era?

Bree não pareceu chocada com a ideia. Segurava um trapo manchado, que torcia lentamente.

Jamie se virou para olhar para ela.

– Roger Mac é seu homem, o filho de minha casa – disse ele, muito seriamente. – Claro que eu ia vingá-lo.

Brianna olhou de relance para mim, em seguida desviou o olhar. Parecia pensativa, com certa determinação que me deu uma leve inquietude.

– Ótimo – disse ela, baixinho. – Quando encontrar William Buccleigh MacKenzie, quero ser informada.

Ela dobrou o pano, enfiou-o no bolso do avental e voltou ao trabalho.

Brianna raspou um pequeno borrão de verde-azulado na borda da paleta e espalhou um pouco na grande mancha cinza-claro que tinha criado. Hesitou por um momento, inclinando a paleta para trás e para a frente sob a luz que entrava pela janela para avaliar a cor; em seguida, acrescentou um leve toque de cobalto do outro lado da mancha, criando uma variedade de tons sutis que iam do cinza-azulado ao cinza-esverdeado, tudo tão claro que mal se distinguiria do branco para um olho não treinado.

Ela pegou um dos pincéis curtos e grossos e aplicou os tons de cinza na curva da mandíbula em sua tela com pequenas pinceladas sobrepostas. Sim, estava bom; pálido como porcelana, mas com uma sombra vívida por baixo – algo ao mesmo tempo delicado e real.

Ela pintava tão concentrada que estava alheia a tudo ao redor, absorta na visão dupla de artista, comparando a imagem que surgia na tela com aquela imutavelmente gravada em sua memória. Não que nunca tivesse visto um morto antes. Seu pai – Frank – fora velado em um caixão aberto, e ela já havia ido a velórios de amigos mais velhos da família em seu tempo. Mas as cores da arte do embalsamento eram cruas, quase rudes em comparação com as de um cadáver recente. Ela ficara surpresa com o contraste.

Era o sangue, pensou, pegando um pincel fino de dois fios para acrescentar um ponto de verde-escuro na curva profunda das órbitas oculares. Sangue e osso – mas a morte não alterava a curva dos ossos, nem as sombras que eles projetavam. O sangue, no entanto, coloria essas sombras. Em vida, havia os azuis, vermelhos, rosas e lavandas do sangue em movimento por baixo da pele; na morte, o sangue parava, se acumulava e escurecia... azul-escuro, violeta, índigo, marrom-arroxado... e algo novo: aquele verde delicado e transitório, que quase não se via, e que sua mente de artista classificava com uma clareza brutal como “apodrecimento precoce”.

Vozes desconhecidas vinham do corredor e ela parou para ouvir, atenta. Phoebe Sherston gostava de levar visitantes para admirar o quadro em progresso. Normalmente, Brianna não se importava de ser observada, nem de falar sobre o que estava fazendo, mas aquele era um trabalho difícil e com tempo limitado; ela não podia trabalhar com cores tão sutis a não ser por um

curto período pouco antes do pôr do sol, quando a luz era clara, mas difusa.

No entanto, as vozes passaram ao salão, e ela relaxou, pegando o pincel mais grosso de novo.

Ela retomou a visão em sua mente: o homem morto que eles tinham colocado sob uma árvore em Alamance, perto do hospital de campanha improvisado de sua mãe. Ela achou que ia ficar chocada com os ferimentos de guerra e com a morte – mas na verdade ficou chocada com o próprio fascínio. Vira coisas terríveis, mas não era como auxiliar a mãe em suas cirurgias usuais, quando havia tempo para se solidarizar com os pacientes, para se dar conta de todas as pequenas indignidades e toda a sordidez da carne fraca. As coisas aconteciam muito rápido em um campo de batalha; havia muito a ser feito para se deixar levar por suscetibilidades.

E, apesar da pressa e da urgência, sempre que passava perto daquela árvore, ela parava por um instante. Inclina-se para afastar o lençol sobre o cadáver e olhar o rosto do homem; horrorizada com o próprio fascínio, mas sem fazer esforço para resistir a ele – gravando na memória a mudança incrível e inexorável de cor e sombra, o endurecimento dos músculos e a mudança de forma, conforme a pele se grudava ao osso e os processos da morte e do apodrecimento começavam a fazer sua mágica tenebrosa.

Não havia pensado em perguntar o nome do homem. Estaria sendo insensível?, ela se questionou. Provavelmente; o fato era que todos os seus sentimentos estavam, na ocasião, mobilizados por outra coisa... e ainda estavam. Ainda assim, ela fechou os olhos por um momento e fez uma oração rápida para o repouso da alma de seu modelo desconhecido.

Ela abriu os olhos e viu que a luz estava se dissipando. Raspou a paleta e começou a limpar os pincéis e as mãos, voltando lenta e relutantemente ao mundo fora do trabalho.

Jem já devia ter jantado e tomado banho, mas ele se recusava a dormir sem ser amamentado e ninado. Seus seios formigaram um pouco quando pensou nele; estavam cheios, apesar de quase não ficarem mais dolorosamente túrgidos desde que ele começara a comer alimentos sólidos e, assim, diminuía suas exigências vorazes em relação ao corpo dela.

Ela amamentaria Jem e o colocaria para dormir, em seguida jantaria na cozinha. Não tinha comido com os outros, querendo aproveitar a luz do fim de tarde, e seu estômago começou a roncar baixinho quando os aromas da comida no ar substituíram os odores adstringentes de terebintina e óleo de linhaça.

E então... então, subiria para ver Roger. Contraiu os lábios ao pensar nele; percebeu isso, e forçou os lábios a relaxarem, soprando o ar para que vibrassem com um som áspero como o de um barco a motor.

Naquele infeliz momento, Phoebe Sherston enfiou a cabeça entoucada pela abertura da porta. Ela piscou levemente, mas conseguiu se comportar bem o suficiente para fingir que não tinha visto nada.

– Ah, minha nossa, aí está você! Venha até o salão um minuto, sim? O sr. e a sra. Wilbur querem *muito* conhecê-la.

– Ah... bem, sim, claro – respondeu Brianna, com o máximo de graciosidade que conseguiu demonstrar, enquanto indicava o avental manchado de tinta. – Vou só me trocar e...

A sra. Sherston fez um gesto para que ela não fizesse isso, obviamente querendo ostentar sua artista com as roupas de trabalho.

– Não, não se preocupe com isso. Estamos bem simples esta noite. Ninguém vai se importar.

Brianna se moveu relutantemente em direção à sala.

– Tudo bem. Mas apenas por um minuto. Preciso colocar Jem para dormir.

Os lábios corados da sra. Sherston se franziram levemente ao ouvir aquilo; ela não via por que seus escravos não podiam tomar conta da criança sozinhos... mas já tinha ouvido as opiniões de Brianna a respeito do assunto, e foi sensata o bastante para não insistir.

Os pais de Brianna estavam na sala com os Wilburs, que se revelaram um casal idoso muito agradável – o que sua mãe chamaria de feitos um para o outro. Eles falaram com simpatia sobre a aparência dela, insistiram educadamente em ver o retrato, expressaram profunda admiração pelo tema e pela pintora – embora tenham pestanejado um pouco ao admirar o quadro – e,

de modo geral, se comportaram com tanta gentileza que ela relaxou.

Estava prestes a pedir licença quando o sr. Wilbur aproveitou uma pausa na conversa para se virar para ela, sorrindo de modo benevolente.

– Imagino que devo parabenizá-la por sua sorte, sra. MacKenzie.

– Hã? Ah... obrigada – disse ela, sem saber bem por que estava sendo cumprimentada.

Olhou para a mãe para entender; Claire fez uma careta sutil e olhou para Jamie, que tossiu.

– O governador Tryon deu a seu marido 2 mil hectares de terra no interior – disse ele.

Sua voz estava calma, quase indiferente.

– É mesmo? – Ela ficou momentaneamente confusa. – Mas o que... Por quê?

Houve um breve momento de embaraço, com pigarros e olhares maritais trocados entre os Sherstons e os Wilburs.

– Indenização – disse a mãe dela de maneira sucinta, lançando seu próprio olhar marital para Jamie.

Brianna compreendeu então; ninguém seria tão deselegante a ponto de mencionar o enforcamento acidental de Roger abertamente, mas era uma história extraordinária demais para não ter sido comentada por toda a sociedade de Hillsborough. De repente, ela se deu conta de que o convite da sra. Sherston para que seus pais e Roger ficassem em sua casa talvez não tivesse sido motivado puramente por bondade. A notoriedade de ter o homem enforcado como hóspede faria com que todas as atenções de Hillsborough se voltassem para os Sherstons do modo mais gratificante – melhor, até, do que ter um retrato não convencional pintado.

– Espero que seu marido tenha melhorado, minha querida – disse a sra. Wilbur, tomando cuidado ao tocar no assunto. – Sentimos muito quando ficamos sabendo de seus ferimentos.

Ferimentos. Era a descrição mais circunspecta da situação que se podia imaginar.

– Sim, ele está bem melhor, obrigada – respondeu ela, sorrindo com o

máximo de educação que conseguiu antes de se virar para o pai.

– Roger sabe disso? Sobre a concessão de terras?

Ele olhou para ela, em seguida desviou o olhar, pigarreando.

– Não. Pensei que talvez você quisesse contar a ele.

A primeira reação dela foi de gratidão; teria algo a dizer a Roger. Era estranho, conversar com alguém que não podia responder. Ela colecionava coisas para dizer durante o dia; pequenas ideias ou acontecimentos que pudesse transformar em histórias para contar a ele quando o visse. O estoque de histórias, porém, acabou depressa, e ela ficava sentada ao lado da cama, pensando em futilidades.

A segunda reação foi certa irritação. Por que o pai não havia contado a ela em particular, em vez de expor os assuntos de família a completos estranhos? Então notou a troca sutil de olhares entre seus pais e percebeu que a mãe tinha acabado de perguntar a mesma coisa a ele, em silêncio – e ele havia respondido com um leve piscar de olhos em direção ao sr. Wilbur, em seguida em direção à sra. Sherston, antes de os cílios compridos descerem e esconderem seu olhar.

É melhor dizer a verdade diante de uma testemunha respeitável, a expressão dele dizia, do que deixar que os rumores se espalhem por conta própria.

Ela não se preocupava muito com a própria reputação – “notória” não dava nem para começar –, mas compreendia o suficiente das realidades sociais para perceber que um grande dano poderia ser causado à reputação de seu pai pelo escândalo. Se um falso relato se espalhasse, por exemplo, de que Roger na verdade era um líder da Regulação, então a lealdade de Jamie seria colocada em dúvida.

Ela havia começado a perceber, ao ouvir as conversas na sala dos Sherstons nas últimas semanas, que a Colônia era uma grande teia de aranha. Havia diversos fios de relações sociais pelos quais poucas aranhas grandes – e várias menores – faziam seu delicado caminho, sempre à escuta do zumbido baixinho de aflição de uma mosca que tinha se chocado contra a teia, sempre testando um fio mais fino, um elo rompido.

As entidades menores deslizavam com cautela pelas margens da teia, sempre atentas aos movimentos das maiores – pois aranhas eram canibais, assim como os homens ambiciosos, ela pensou.

A posição de seu pai era proeminente – mas de modo algum tão segura a ponto de resistir aos efeitos prejudiciais de rumores e suspeitas. Ela e Roger já tinham conversado sobre isso antes, em particular, especulando; as marcas de ruptura já estavam aparentes, claras o suficiente para alguém que sabia o que estava por vir; as pressões e tensões que iam se intensificar até abrir um súbito abismo – profundo o bastante para separar as colônias da Inglaterra.

Se a pressão aumentasse demais, depressa demais, se os elos entre a Cordilheira dos Frasers e o restante da Colônia se desgastassem demais... poderiam se romper, as extremidades pegajosas dos fios envolvendo sua família em um casulo suspenso por um fio – sozinhos e presa fácil para aqueles que quisessem sugar seu sangue.

Você está mórbida hoje, ela pensou consigo mesma, intrigada com as imagens escolhidas por sua mente. Achou que pintar a morte dava nisso.

Nem os Wilburs nem os Sherstons pareciam ter notado seu humor; sua mãe notara e lhe dirigira um olhar demorado e sério... mas não dissera nada. Ela trocou mais algumas amenidades e então pediu licença para se retirar.

Seu humor não melhorou ao descobrir que Jemmy havia se cansado de esperar por ela e adormecera com marcas de lágrimas no rosto. Ela se ajoelhou ao lado do berço dele por um minuto, com uma das mãos pousada de leve em suas costas, torcendo para que ele sentisse sua presença e despertasse. Suas pequenas costas subiam e desciam no ritmo quente da mais profunda paz, mas ele não se moveu. O suor brilhava nas dobras de seu pescoço.

O calor do dia subia, e o segundo andar da casa sempre ficava abafado à noite. A janela, claro, estava firmemente fechada, para que o vento da noite não entrasse e fizesse mal ao bebê. A sra. Sherston não tinha filhos, mas sabia as precauções a tomar.

Nas montanhas, Brianna não teria hesitado em abrir a janela. Em uma cidade populosa como Hillsborough, cheia de estranhos vindos do litoral e

repleta de cochos com água estagnada e poços úmidos...

Comparando o perigo relativo dos mosquitos transmissores de malária *versus* o perigo de sufocamento, Brianna decidiu tirar o leve cobertor que cobria o filho e o despiu com cuidado, deixando-o confortavelmente deitado sobre o lençol usando apenas uma fralda, com a pele macia úmida sob a luz fraca.

Suspirando, ela apagou a vela e saiu, deixando a porta entreaberta para que pudesse ouvir se ele acordasse. Já estava quase escuro; a luz passava pela balaustrada vinda do andar abaixo, mas o corredor de cima estava tomado pelas sombras. As mesas douradas da sra. Sherston e os retratos dos ancestrais do sr. Sherston não passavam de sombras espectrais na escuridão.

Havia uma luz acesa no quarto de Roger; a porta estava fechada, mas uma réstia da luz suave de uma vela se estendia pelas tábuas polidas por baixo dela, iluminando a beirada da passadeira no corredor. Ela se movimentou em direção à porta, os pensamentos relacionados a comida suplantados por uma fome mais intensa de toque. Seus seios tinham começado a doer.

Uma escrava estava cochilando no canto, as mãos frouxas sobre o tricô que tinha caído em seu colo. Ela se sobressaltou, assustada, quando a porta se abriu, e piscou de modo culpado para Brianna.

Bree olhou imediatamente para a cama, mas estava tudo certo; ela conseguia ouvir o sussurro e o sibilar da respiração dele. Franziu o cenho para a mulher, mas fez um leve gesto dispensando-a. A mulher pegou as meias inacabadas e saiu, evitando olhar nos olhos de Brianna.

Roger estava deitado de barriga para cima, olhos fechados, um lençol cobrindo cuidadosamente os ângulos de seu corpo. *Ele está tão magro*, ela pensou, *como ele emagreceu tanto, tão depressa?* Ele não conseguia engolir mais do que umas poucas colheradas de sopa e a mistura de penicilina de Claire, mas certamente dois ou três dias não eram tempo suficiente para que seus ossos ficassem tão proeminentes.

Então, ela se deu conta de que ele provavelmente já estava magro, devido ao estresse da campanha – até mesmo seus pais estavam mais magros do que o normal. A proeminência dos ossos dele tinha sido disfarçada pelo inchaço

assustador de seu corpo; agora que o inchaço havia diminuído, as maçãs do rosto estavam altas e descarnadas, e a linha graciosa de sua mandíbula, mais uma vez visível, marcada acima do linho branco da bandagem ao redor do pescoço ferido.

Ela percebeu que estava observando com atenção a mandíbula dele, analisando a cor dos hematomas que desapareciam. O verde-amarelado de um hematoma se curando era diferente do delicado verde-acinzentado da morte recente; igualmente doentio, contudo, uma cor de vida. Ela respirou fundo, percebendo de repente que a janela naquele quarto também estava fechada, e o suor escorria por suas costas, penetrando de maneira desagradável entre suas nádegas.

O som da janela sendo aberta o acordou – ele virou a cabeça no travesseiro e sorriu levemente quando a viu.

– Como você está?

Ela falava sussurrando, como se estivesse em uma igreja. Sua voz sempre parecia alta demais quando falava sozinha.

Ele ergueu um ombro em um movimento breve, mas disse um “bem” sem emitir som. Parecia abatido e úmido, os cabelos pretos em suas têmporas encharcados de suor.

– Está muito quente, não acha?

Ela fez um gesto em direção à janela, por onde o ar quente – mas em movimento – entrava. Ele assentiu, puxando a gola da camisa com a mão enfaixada. Ela percebeu e a desamarrou, abrindo a camisa o máximo que conseguiu para expor o peito dele à brisa.

Os mamilos dele eram pequenos e bonitos, as aréolas de um marrom rosado sob os pelos escuros e encaracolados. A imagem fez com que ela se lembrasse de seus seios cheios de leite, e sentiu uma vontade repentina de erguer a cabeça dele, baixar a parte de cima do vestido e colocar a boca dele em seu seio. Ela teve uma lembrança repentina do momento em que ele fizera isso, sob os salgueiros em River Run, e sentiu uma onda quente percorrer seu corpo, entorpecendo-o dos seios ao útero. Corando, ela se virou para olhar o que havia no criado-mudo.

Havia caldo de carne frio – com penicilina – em uma tigela coberta, e uma garrafa de chá adoçado com mel ao lado. Ela pegou a colher e ergueu uma das sobrancelhas de modo questionador, a mão pairando sobre a mesa.

Ele fez uma careta, mas assentiu para o caldo. Ela pegou o copo e se sentou no banco ao lado dele.

– Abra a porteira – disse ela, animada, fazendo um movimento circular com a colher em direção à boca de Roger, como se ele fosse Jem. – Lááá vem o cavalo!

Ele revirou os olhos, exasperado.

– Quando eu era pequena – disse ela, ignorando a careta dele –, meus pais diziam coisas como “Abra a ponte levadiça, lá vem o rebocador” ou “Abra a garagem, lá vem o carro!”, mas não posso fazer o mesmo com Jem. Sua mãe usava carros e aviões?

Ele entortou os lábios, mas por fim sorriu de modo relutante. Balançou a cabeça e ergueu uma das mãos, apontando na direção do teto. Ela se virou e viu uma mancha escura no gesso – olhando mais de perto, conseguiu ver que era uma abelha, que tinha vindo do jardim durante o dia e que agora estava sonolenta à sombra.

– É? Bem, lá vem a abelhinha – disse ela, mais suavemente, escorregando a colher para dentro da boca de Roger. – Bzzz, bzzz, bzzz.

Ela não conseguiu manter o clima de descontração, mas a atmosfera tinha ficado mais leve. Falou sobre Jem, que tinha agora uma nova palavra preferida, “agga”, mas ninguém ainda sabia o que ele queria dizer com isso.

– Pensei que pudesse ser “gato”, mas ele chama o gato de “mau-mau”.

Ela secou uma gota de suor da testa com as costas da mão e mergulhou a colher na tigela de novo.

– A sra. Sherston disse que ele já deveria estar andando – continuou ela, olhos fixos na boca dele. – Os filhos da irmã dela já estavam todos andando com 1 ano de idade, naturalmente! Mas perguntei a mamãe e ela disse que ele está bem. Falou que as crianças começam a andar quando estão prontas e que isso pode acontecer em qualquer momento entre 10 meses e 1 ano e meio, mas que andar com 1 ano e 3 meses costuma ser o mais comum.

Ela precisava olhar para a boca de Roger a fim de guiar a colher, mas percebia os olhos dele observando-a. Queria olhar dentro deles, mas estava com medo do que poderia ver naquelas profundezas verde-escuras; seria o Roger que ela conhecia ou o desconhecido silencioso... o enforcado?

– Ah... quase me esqueci. – Ela se interrompeu no meio de um relato sobre os Wilburs. Não tinha se esquecido, mas não queria dar a notícia logo de cara. – Papai falou com o governador esta tarde. O governador vai dar a você uma concessão de terras. Dois mil hectares.

Enquanto falava, percebeu o absurdo da situação. Dois mil hectares de mata selvagem em troca de uma vida quase destruída. *Cancele o “quase”*, ela pensou de repente, olhando para Roger.

Ele franziu o cenho para ela, parecendo confuso, em seguida balançou a cabeça e se deitou no travesseiro, fechando os olhos. Ergueu as mãos e deixou que caíssem, como se aquilo fosse simplesmente demais para processar. Talvez fosse.

Ela permaneceu parada observando-o, mas ele não abriu os olhos. Havia rugas profundas onde suas sobrancelhas se uniam.

Movida pela necessidade de tocá-lo, de derrubar a barreira do silêncio, ela traçou com o dedo a sombra do hematoma na maçã do rosto dele, quase sem tocar a pele.

Ela podia ver os contornos estranhamente borrados do hematoma, quase conseguia ver o sangue escuro coagulado por baixo da pele, onde os capilares tinham se rompido. Estava começando a amarelar; a mãe tinha explicado que os leucócitos do corpo se reuniam no local de um ferimento, onde aos poucos decompunham as células lesionadas, reciclando lentamente o sangue extravasado; as cores cambiantes eram resultado desse controle celular.

Os olhos dele se abriram, fixos no rosto dela, a expressão impassível. Ela sabia que parecia preocupada, e tentou sorrir.

– Você não parece morto – disse ela.

Isso derrubou a fachada impassível; ele ergueu as sobrancelhas, e um brilho fraco de humor surgiu em seus olhos.

– Roger...

Sem saber o que dizer, ela se moveu impulsivamente na direção dele, que ficou tenso, encolhendo-se de maneira instintiva para proteger o tubo frágil em sua garganta, mas ela passou os braços ao redor de seus ombros com cuidado, precisando desesperadamente sentir a pele dele.

– Eu amo você – sussurrou ela, apertando o músculo do braço dele, para que ele acreditasse.

Ela o beijou. Os lábios dele estavam quentes e secos, familiares – ainda assim, ela sentiu uma onda de choque percorrer seu corpo. Não sentiu o ar se movendo contra seu rosto, não sentiu o hálito quente vindo do nariz ou da boca dele. Foi como beijar uma máscara. O ar, úmido, vindo das profundezas dos pulmões dele, soprava frio pelo tubo cor de âmbar contra seu pescoço, como a exalação de uma caverna. Ela sentiu os pelos dos braços se arrepiarem e deu um passo para trás, torcendo para que nem o choque nem a repulsa ficassem evidentes em seu rosto.

Os olhos dele estavam fechados com força. O músculo de sua mandíbula se retesou; ela viu o movimento da sombra ali.

– Você... descanse – conseguiu dizer com a voz embargada. – Eu... volto de manhã.

Ela desceu a escada, quase sem notar que a vela no corredor estava acesa agora, ou que a escrava que esperava silenciosamente nas sombras voltou para dentro do quarto.

A fome havia voltado, mas ela não desceu em busca de comida. Precisava antes fazer alguma coisa em relação ao leite não utilizado. Virou-se em direção ao quarto dos pais, sentindo uma leve brisa soprar nas sombras sufocantes. Apesar do ar quente e abafado, seus dedos estavam frios, como se a terebintina ainda estivesse evaporando de sua pele.

Ontem à noite, sonhei com minha amiga Deborah. Ela costumava ganhar dinheiro jogando tarô no grêmio estudantil; ela sempre se oferecia para ler as cartas para mim, de graça, mas nunca deixei.

A irmã Marie Romaine nos disse, no quinto ano, que os católicos não podiam fazer jogos de adivinhação – não devíamos tocar tabuleiros Ouija, cartas de tarô ou bolas de cristal, porque coisas assim são tentações do D-E-M-Ô-N-I-O – ela sempre soletrava o nome, nunca dizia a palavra em si.

Não sei bem onde o Demônio entrava nessa história, mas de alguma forma não conseguia deixar que Deb lesse as cartas para mim. Mas ela estava em meu sonho ontem à noite.

Eu costumava observá-la lendo as cartas para outras pessoas; as cartas de tarô me fascinavam – talvez apenas porque parecessem proibidas. Mas os nomes eram muito bacanas: Arcanos Maiores e Arcanos Menores; Cavaleiro de Ouros, Valete de Copas, Rainha de Paus, Rei de Espadas. A Imperatriz, o Mágico. E o Enforcado.

Bem, com o que mais eu sonharia? Não se tratava de um sonho sutil, sem dúvida. Lá estava, bem no meio das cartas, e Deb me falava sobre ele.

“Um homem está pendurado por um dos pés em uma vara de madeira atravessada entre duas árvores. Os braços, cruzados atrás das costas, juntamente com a cabeça formam um triângulo com a ponta virada para baixo; as pernas formam uma cruz. De certa forma, o Enforcado ainda está ligado à terra, pois seu pé está preso à madeira.”

Eu podia ver o homem na carta, suspenso permanentemente no meio do caminho entre o céu e a terra. Aquela carta sempre me parecera estranha – o homem não parecia nem um pouco preocupado, apesar de estar pendurado de cabeça para baixo e de olhos vendados.

Deb não parava de embaralhar as cartas e distribuí-las de novo, mas aquela carta aparecia todas as vezes.

“O Enforcado representa o processo necessário de entrega e sacrifício”, disse ela. “Essa carta tem significado profundo”,

explicou, e olhou para mim, batendo o dedo na carta. “Mas grande parte desse significado é velado; você precisa descobrir o sentido sozinha. A autoentrega leva à transformação da personalidade, mas a pessoa tem que fazer sua própria regeneração.”

Transformação da personalidade. É isso que temo, com certeza. Eu gostava da personalidade de Roger como era!

Bem... inferno. Não sei o que o D-E-M-Ô-N-I-O tem que ver com isso, mas sei que tentar ver muito longe no futuro é um erro. Pelo menos agora.

OS SONS DO SILÊNCIO

Foram necessários dez dias para que o retrato de Penelope Sherston ficasse como ela queria. Àquela altura, Isaiah Morton e Roger já tinham se recuperado o suficiente para viajar. Devido à iminência do nascimento do filho de Morton e ao perigo de ele se aproximar de Granite Falls ou Brownsville, Jamie havia conseguido que ele e Alicia ficassem hospedados com o mestre cervejeiro da cervejaria do sr. Sherston; Isaiah começaria a trabalhar como carroceiro para o estabelecimento assim que sua força permitisse.

– Não consigo imaginar por quê – dissera Jamie quando estávamos a sós –, mas comecei a gostar um pouco desse jovem imoral. Não gostaria de vê-lo assassinado a sangue-frio.

O ânimo de Isaiah havia se revigorado espetacularmente com a chegada de Alicia, e uma semana depois, ele desceu para ficar observando Alicia como um cachorro dedicado enquanto ela trabalhava na cozinha – e fizera uma parada ao voltar para a cama a fim de tecer comentários a respeito do progresso do retrato da sra. Sherston.

– Não é que se parece com ela? – disse ele admirado, de pé, vestindo apenas uma camisola, na porta da sala onde o retrato estava sendo pintado. – Só de olhar o quadro dá para ver quem é.

Considerando o fato de a sra. Sherston ter escolhido ser pintada como Salomé, eu não tinha certeza de que isso podia ser considerado um elogio, mas ela corou e agradeceu a ele, evidentemente reconhecendo a sinceridade em sua voz.

Bree *tinha mesmo* feito um trabalho incrível, conseguindo retratar a sra. Sherston ao mesmo tempo de modo realista e lisonjeiro, mas sem ironia evidente – por mais difícil que fosse. O único ponto em que ela não resistira à tentação foi em um pequeno detalhe; a cabeça decepada de São João Batista lembrava claramente os traços saturninos do governador Tryon, mas eu duvidava que alguém fosse notar, com todo aquele sangue.

Estávamos prontos para ir para casa, e a casa estava tomada por um clima de animação e alívio – exceto por Roger.

Roger estava inegavelmente melhor, em termos estritamente físicos. Tinha recuperado os movimentos das mãos, exceto os dedos quebrados, e a maior parte dos hematomas no rosto e no corpo tinha sumido. Melhor de tudo, o inchaço no pescoço diminuía o suficiente para ele conseguir respirar pelo nariz e pela boca de novo. Consegui tirar o tubo de sua garganta e suturei a incisão – um procedimento simples mas doloroso, que ele suportou com o corpo tenso e os olhos arregalados, olhando para o teto enquanto eu trabalhava.

Em termos psicológicos, eu não tinha certeza de sua recuperação. Depois de dar os pontos no pescoço, eu o ajudei a se sentar, sequei seu rosto e servi um pouco de água misturada com brande como tônico. Observei com atenção enquanto ele engolia, em seguida encostei os dedos suavemente em seu pescoço, apalpei com cuidado e pedi a ele que engolisse de novo. Fechei os olhos, sentindo o movimento da laringe, os anéis da traqueia enquanto ele engolia, avaliando da melhor maneira que consegui a extensão dos danos.

Finalmente, abri os olhos e encontrei os olhos dele a 5 centímetros dos meus e ainda arregalados, o questionamento neles frio e duro como gelo.

– Não sei – disse por fim, minha própria voz não mais que um sussurro.

Meus dedos ainda estavam pousados na garganta dele; sentia o correr do sangue pela carótida sob minha palma, e a vida dele fluindo logo abaixo da pele. Mas a rigidez angular de sua laringe permanecia imóvel sob meus dedos, estranhamente deformada; não senti pulsação ali, nenhuma vibração do ar passando pelas cordas vocais.

– Não sei – repeti, e afastei os dedos lentamente. – Você... quer tentar

agora?

Ele balançou a cabeça, se levantou da cama e foi até a janela, de costas para mim. Seus braços estavam apoiados no batente enquanto ele olhava para a rua, e uma memória vaga e inquietante despertou em minha mente.

Era noite de lua, não dia claro... em Paris. Eu acordei e vi Jamie de pé, nu, perto da janela, as cicatrizes em suas costas de um prateado pálido, os braços apoiados e o corpo brilhando devido ao suor frio. Roger também estava suando, por causa do calor; o linho de sua camisa estava grudado ao corpo – e as linhas do corpo eram as mesmas; a aparência de um homem preparado para enfrentar o medo; um homem que escolhera encarar seus demônios sozinho.

Eu ouvia vozes vindas da rua lá embaixo; Jamie, voltando do acampamento, com Jemmy à frente dele na sela. Ele tinha desenvolvido o hábito de levar Jem com ele em suas atividades diárias, para que Bree pudesse trabalhar sem distrações. Consequentemente, Jemmy havia aprendido quatro palavras novas – apenas duas delas obscenas –, e o casaco de Jamie tinha manchas de geleia e cheiro de fralda suja, mas os dois pareciam, de modo geral, satisfeitos com aquele arranjo.

A voz de Bree veio atrás, rindo enquanto ia pegar o filho. Roger permaneceu imóvel, como se tivesse sido entalhado na madeira. Não podia chamá-los, mas poderia ter batido no batente da janela ou feito qualquer outro barulho, acenado para eles. Mas não se moveu.

Depois de um momento, eu me levantei em silêncio e saí do quarto, sentindo um nó na garganta, duro e impossível de engolir.

Quando Bree levou Jemmy para tomar banho, Jamie me disse que Tryon tinha mandado soltar a maioria dos homens capturados durante a batalha.

– Entre eles, Hugh Fowles. – Ele tirou o casaco e abriu a gola da camisa, erguendo o rosto para a brisa leve vinda da janela. – Intercedi por ele... e Tryon ouviu.

– Como era de esperar – falei, com a voz um pouco alterada.

Ele olhou para mim e emitiu um ruído bem no fundo da garganta. Aquilo fez com que eu me lembrasse de Roger, cuja laringe não era mais capaz de se

expressar daquele modo peculiarmente escocês.

Devo ter parecido perturbada ao pensar nisso, porque Jamie ergueu as sobrancelhas e tocou meu braço. Estava quente demais para abraçá-lo, mas pressionei o rosto em seu ombro por um momento, reconfortada pela solidez de seu corpo por baixo do linho fino e úmido.

– Suturei a garganta de Roger – falei. – Ele consegue respirar... mas não sei se vai conseguir falar de novo.

Muito menos cantar. O pensamento não expressado flutuou na atmosfera abafada.

Jamie emitiu outro ruído, dessa vez, grave e irado.

– Conversei com Tryon a respeito da promessa que ele fez a Roger Mac também. Ele me deu o documento de concessão das terras, 2 mil hectares, contíguos aos meus. Seu último ato como governador... quase.

– Como assim?

– Eu disse que ele soltou a maioria dos prisioneiros. – Ele se afastou, inquieto. – Todos, menos doze. Ele ainda está mantendo uma dúzia de homens presos, líderes criminosos da Regulação. Ou é o que ele diz. – A ironia em sua voz era densa como o ar poeirento. – Vai levá-los a julgamento daqui a um mês, sob a acusação de rebelião.

– E se eles forem considerados culpados...

– Pelo menos vão poder falar antes de serem enforcados.

Ele tinha parado na frente do retrato, franzindo o cenho, embora eu não soubesse se o estava vendo ou não.

– Não vou ficar para ver isso. Disse a Tryon que tínhamos que ir, para cuidar de nossas plantações e terras. Ele liberou a companhia da milícia nesses termos.

Senti o peso em meu coração diminuir. O clima estaria mais ameno nas montanhas, o ar fresco e cheio de vida. Era um bom lugar para se curar.

– Quando partimos?

– Amanhã.

Ele *tinha* notado o retrato; assentiu para a cabeça boquiaberta na bandeja aprovando com seriedade.

– Só havia um motivo para ficarmos, mas acho que não faz mais sentido agora.

– Que motivo?

– O filho de Dougal – respondeu ele, virando-se de costas para o quadro.
– Procurei William Buccleigh MacKenzie de uma ponta a outra do condado por dez dias. Encontrei algumas pessoas que o conheciam, mas ninguém o viu desde Alamance. Alguns disseram que talvez ele tenha deixado a Colônia de vez. Muitos dos reguladores fugiram; Husband se foi, levou a família para Maryland, disseram. Mas quanto a William MacKenzie, o homem desapareceu feito uma cobra em um buraco de rato; ele e a família dele.

Ontem à noite, sonhei que estávamos deitados sob uma grande sorveira-brava, Roger e eu. Era um belo dia de verão, e estávamos tendo uma daquelas conversas que costumávamos ter o tempo todo, a respeito das coisas das quais sentíamos falta. Mas as coisas sobre as quais falávamos estavam bem ali na grama entre nós.

Eu disse que venderia minha alma por uma barra de chocolate com amêndoas, e lá estava o chocolate. Tirei a embalagem e senti o cheiro do chocolate. Desdobrei o papel branco de dentro e comecei a comer o chocolate, mas era do papel que estávamos falando então... da embalagem.

Roger o pegou e disse que a coisa da qual mais sentia falta era papel higiênico; aquele era escorregadio demais para ele limpar a bunda. Eu ri e disse que não havia nada de muito complicado a respeito de papel higiênico – as pessoas poderiam fazer papel higiênico agora, se quisessem. Havia um rolo de papel higiênico no chão; eu apontei para ele, e um grande zangão surgiu, pegou a ponta dele e saiu voando, desenrolando o papel higiênico. Ele voou de um lado para outro, trançando-o pelos galhos acima de nós.

Então Roger disse que era blasfêmia pensar em se limpar com papel – é, aqui. Minha mãe escreve com uma letra bem pequena

quando faz suas anotações, e quando meu pai escreve para a Escócia, ele usa os dois lados da folha, em seguida vira a página de lado e escreve nas laterais, de um modo que fica parecendo renda.

Então pude ver meu pai, sentado no chão, escrevendo uma carta para tia Jenny no papel higiênico, e a carta ficava cada vez mais longa, e o marimbondo a carregava pelo ar, voando para longe, em direção à Escócia.

Eu uso mais papel do que qualquer um. Tia Jocasta me deu alguns de seus cadernos de desenho antigos para usar, e um maço de papel para aquarela – mas eu me sinto culpada quando os uso, porque sei que custam caro. Eu tenho que desenhar, no entanto. Uma coisa boa de fazer esse retrato para a sra. Sherston é que, já que estou ganhando dinheiro, sinto que posso usar um pouco de papel.

Então, o sonho mudou e eu estava fazendo desenhos de Jemmy com um lápis amarelo 2B. Estava escrito “Ticonderoga” nele com letras pretas, como os que usávamos na escola. Eu estava desenhando em papel higiênico, no entanto, e o lápis rasgava o papel o tempo todo, e eu fiquei tão frustrada que amassei uma bola na mão.

Então, passei a sonhar um daqueles sonhos chatos e desconfortáveis nos quais você anda por aí procurando um lugar para usar o banheiro e não consegue encontrar – e finalmente você acorda o suficiente para perceber que precisa ir ao banheiro.

Não consigo decidir se preferiria a barra de chocolate, o papel higiênico ou o lápis. Acho que seria o lápis. Posso sentir o cheiro da madeira recém-apontada, e senti-la entre os dedos e entre os dentes. Eu costumava mastigar a ponta dos meus lápis quando era pequena. Ainda me lembro de como era morder com força e sentir a tinta e a madeira cedendo, apenas um pouco, e mordiscar toda a extensão do lápis até ficar parecendo que foi roído por um castor.

Eu estava pensando sobre isso essa tarde. Fiquei triste por imaginar que Jem não terá um lápis amarelo novo, nem uma lancheira do Batman quando começar a ir à escola... se é que um dia ele vai à escola.

As mãos de Roger ainda não estão boas o suficiente para segurar um lápis.

E agora eu sei que não quero lápis nem chocolate, nem papel higiênico. Quero que Roger volte a falar comigo.

DIGA MEU NOME

Nossa viagem de volta à Cordilheira dos Frasers foi muito mais rápida do que a viagem para Alamance, apesar de o retorno ser ladeira acima. Era fim de maio, e os pés de milho já estavam altos e verdes nos campos ao redor de Hillsborough, lançando pólen dourado ao vento. Os grãos estariam crescendo nas montanhas e os filhotes nascendo: bezerros, potros e carneirinhos precisando de proteção contra lobos, raposas e ursos. A companhia da milícia havia se dispersado imediatamente ao receber a dispensa do governador, e seus membros partiram em todas as direções, apressados para voltar para seus lares e suas plantações.

Assim, éramos um grupo muito menor na volta; apenas duas carroças. Alguns dos homens que viviam perto da Cordilheira dos Frasers tinham decidido viajar conosco, assim como os garotos Findlays, já que passaríamos pela casa da mãe deles no caminho.

Lancei um olhar discreto para os Findlays, que estavam ajudando a descarregar a carroça e montar o acampamento para passarmos a noite. Bons garotos, apesar de silenciosos. Eles eram respeitosos – e até reverentes – em relação a Jamie, mas tinham desenvolvido um senso peculiar de lealdade a Roger ao longo da campanha de curta duração, e essa singular fidelidade havia persistido, mesmo depois da separação da milícia.

Os dois tinham ido vê-lo em Hillsborough, remexendo os dedos dos pés descalços com embaraço nos tapetes turcos de Phoebe Sherston. Com o rosto vermelho e praticamente mudos, tinham levado para Roger três maçãs, frutos ainda verdes, obviamente roubados do pomar de alguém ao longo do

caminho.

Ele abriu um amplo sorriso para eles em agradecimento, pegara uma das maçãs e dera uma mordida heroica nela antes que eu o impedisse. Ele não engolia nada além de sopa havia uma semana, e quase morreu engasgado. Ainda assim, conseguiu engolir, sufocando e arfando, e os três ficaram ali sentados, sorrindo uns para os outros sem dizer nada, com lágrimas nos olhos.

Os Findlays costumavam ser encontrados perto de Roger enquanto viajávamos, sempre atentos, prontos para ajudar com qualquer coisa que ele não conseguia fazer com as mãos feridas. Jamie havia me contado sobre o tio deles, Iain Mhor; claramente, eles tinham muita experiência em se antecipar a necessidades não expressadas.

Jovem e forte, Roger tinha se curado depressa, e as fraturas não eram graves – mas duas semanas não era tempo suficiente para que ossos quebrados se calcificassem. Eu teria preferido mantê-lo enfaixado por mais uma semana, mas ele estava obviamente irritado com a limitação. Relutante, eu havia tirado as talas de seus dedos no dia anterior, alertando-o para que fosse com calma.

– Não ouse – falei, segurando seu braço quando ele o estendeu para pegar um dos pesados sacos de mantimentos dentro da carroça. Ele olhou para mim, erguendo a sobrancelha, e então encolheu os ombros, bem-humorado, e deu um passo para trás, deixando que Hugh Findlay pegasse o saco e o carregasse para longe. Roger apontou para o círculo de pedras que Iain Findlay estava arrumando, em seguida para a mata perto dali. Poderia pegar lenha?

– Certamente não – falei com firmeza.

Ele fez um gesto como se bebesse água e ergueu as sobrancelhas. Pegar água?

– Não – falei. – Basta que um balde escorregue e...

Olhei ao redor, tentando pensar em algo que ele pudesse fazer com segurança, mas todas as tarefas de montagem do acampamento envolviam trabalho pesado. Ao mesmo tempo, eu sabia como ele detestava ficar parado,

sentindo-se inútil. Estava cansado de ser tratado como um inválido, e podia ver o brilho da revolta incipiente em seus olhos. Mais um “não” e ele provavelmente tentaria pegar a carroça, só para me irritar.

– Ele consegue escrever, Sassenach?

Jamie tinha parado ao lado da carroça e percebera o impasse em que estávamos.

– Escrever? Escrever o quê? – perguntei, surpresa, mas ele já estava passando por mim, tirando a mesinha dobrável que levava nas viagens.

– Cartas de amor? – sugeriu Jamie, sorrindo para mim. – Ou talvez sonetos? – Ele jogou a mesa portátil para Roger, que a agarrou com cuidado nos braços, mesmo diante dos meus protestos. – Mas talvez antes de compor um épico em homenagem a William Tryon, Roger Mac, você pode me entreter com o relato de como nosso parente comum tentou matá-lo, sim?

Roger ficou parado por um momento, segurando a mesa, mas então abriu um sorriso torto para Jamie e assentiu lentamente.

Ele começou enquanto o acampamento era montado, fez uma pausa para jantar, em seguida, retomou a tarefa. Era um trabalho cansativo e muito lento; as fraturas estavam quase curadas, mas suas mãos ainda estavam rígidas, doloridas e estranhas. Ele deixou a pena cair uma dezena de vezes. Minhas articulações doíam só de observá-lo.

– Ai! Quer *parar* com isso?

Olhei para a frente, parando de arear uma panela com um punhado de juncos e areia, e vi Brianna envolvida em um combate mortal com o filho, que estava arqueado para trás como um arco nos braços dela, chutando, se contorcendo e fazendo o tipo de pirraça irritante que faz até mesmo pais devotados pensarem em infanticídio por um momento. Vi quando os ombros de Roger se ergueram diante da algazarra, mas continuou escrevendo.

– Qual é o seu *problema*? – perguntou Bree, irritada.

Ela se ajoelhou e se esforçou para colocar Jemmy em uma posição quase sentada, tentando fazer com que ele se deitasse para poder trocar a fralda.

A fralda em questão estava definitivamente precisando de cuidados; estava molhada, suja e tinha escorregado quase até a metade das pernas do

menino. Jem, depois de passar a maior parte da tarde dormindo na carroça, havia acordado confuso, irritado e sem paciência para brincadeiras, muito menos para trocar a fralda e ser colocado para dormir.

– Talvez ele ainda não esteja cansado – sugeri. – Mas ele comeu, não comeu?

Foi uma pergunta retórica; o rosto de Jemmy estava sujo de mingau, e havia pedaços de torrada com ovo em seus cabelos.

– Comeu.

Bree correu a mão pelos cabelos, que estavam mais limpos, mas igualmente despenteados. Jem não era o único que estava irritado na família MacKenzie.

– Talvez *ele* não esteja cansado, mas *eu* estou.

E estava; ela havia caminhado ao lado da carroça a maior parte do dia, para poupar os cavalos nas subidas íngremes. Eu também.

– Por que não o deixa aqui e vai se lavar? – falei, contendo generosamente um bocejo.

Peguei uma colher grande de madeira e a balancei na direção de Jem, que oscilava para trás e para a frente apoiado nas mãos e nos joelhos, emitindo gemidos horríveis. Ao ver a colher, ele parou de gemer, mas ficou agachado onde estava, olhando para mim com suspeita.

Acrescentei um copinho vazio de metal ao chamariz e coloquei os objetos no chão perto dele. Foi o suficiente; ele se sentou, pegou a colher com as duas mãos e começou a tentar enfiar o copo na terra com ela.

Bree me lançou um olhar de profunda gratidão, ficou de pé e desapareceu na mata, descendo a encosta em direção ao riacho. Lavar-se rapidamente na água fria, cercada pela floresta escura, não era exatamente a fuga voluptuosa que um banho de espuma à luz de velas poderia ser, mas “fuga” era a palavra importante naquele momento. Um pouco de solidão fazia maravilhas a uma mãe, como eu sabia por experiência própria. E se a limpeza não levava uma pessoa ao paraíso, ter pés, mãos e rosto limpos definitivamente melhorava a perspectiva de uma pessoa em relação ao Universo, principalmente depois de um dia de suor, fuligem e fraldas sujas.

Examinei minhas mãos com atenção; entre guiar o cavalo, acender a fogueira, cozinhar e arear as panelas, minha própria visão em relação ao Universo também precisava de alguma melhoria.

Ainda assim, a água não era o único líquido capaz de elevar o ânimo de uma pessoa. Jamie pousou a mão em meu ombro, colocou um copo de alguma coisa em minhas mãos e se sentou ao meu lado, também ele segurando um copo.

– *Slàinte, mo nighean donn* – disse ele suavemente, sorrindo para mim ao erguer o copo em um brinde.

– Humm. – Fechei os olhos, sentindo os aromas fragrantos. – É adequado dizer “*Slàinte*”, se não estiver bebendo uísque?

O líquido no copo era vinho – e dos bons, rascante com um aroma suave, que evocava sol e folhas de vinha.

– Não vejo por que não – disse Jamie de maneira lógica. – É só para desejar saúde, afinal.

– É verdade, mas eu acho que “saúde” pode ser mais um desejo prático do que um desejo figurativo, pelo menos com alguns uísques, de que você espera que a pessoa que está brindando sobreviva à experiência de bebê-lo, é o que quero dizer.

Ele riu e seus olhos se estreitaram, entretidos.

– Ainda não matei ninguém com meu destilado, Sassenach.

– Não me refiro ao seu – assegurei a ele, parando para tomar mais um gole. – Ah, isso é bom. Eu estava pensando naqueles três homens da milícia, do regimento do coronel Ashe.

Os três em questão tinham sido encontrados completamente bêbados – um deles, literalmente cego de tanto beber – por uma sentinela depois de terem bebido uma garrafa de algo que supunham ser uísque, que haviam conseguido Deus sabe onde.

Como na Companhia de Ashe não havia cirurgião, e estávamos acampados ao lado deles, eu tinha sido chamada no meio da noite para lidar com o problema da melhor maneira que pudesse. Os três haviam sobrevivido, mas um deles tinha perdido a visão de um olho e outro claramente tinha

sofrido um pequeno dano cerebral – ainda que, pessoalmente, eu tivesse minhas dúvidas a respeito de quão inteligente ele era antes.

Jamie deu de ombros. A embriaguez era um fato da vida, e a bebida ruim, outro.

– *Thig a seo, a chuisle!* – disse ele, ao ver Jemmy, que tinha perdido o interesse na colher e no copo e avançava engatinhando em direção à cafeteira, que tinha sido deixada, para manter-se quente, entre as pedras do círculo em volta da fogueira. Jemmy ignorou as advertências, mas foi salvo do perigo por Tom Findlay, que o pegou pela cintura e o entregou, irado, a Jamie.

– Sente-se – disse Jamie com firmeza para ele e, sem esperar resposta, colocou a criança no chão e entregou-lhe sua bola de trapos. Jemmy pegou a bola, olhando astuciosamente para o avô e para o fogo.

– Lance isso ao fogo, *a chuisle*, e vou dar um tapa em seu bumbum – disse Jamie, de modo agradável.

As sobrancelhas de Jemmy se franziram e o lábio inferior se projetou para a frente, tremendo de forma dramática. Mas ele não jogou a bola no fogo.

– *A chuisle?* – falei, experimentando a pronúncia. – Isso é novo. O que quer dizer?

– Ah. – Jamie esfregou um dedo na ponte do nariz, pensando. – Significa “meu sangue”.

– Pensei que isso fosse *mo fuil*.

– Sim, é, mas é sangue como o que sai quando nos ferimos. *A chuisle* é mais como... “Ó, tu em cujas veias corre meu sangue.” Só se diz isso a uma criança, na maior parte das vezes. Uma com quem você tenha parentesco, claro.

– Que adorável.

Coloquei o copo de vinho vazio no chão e me recostei no ombro de Jamie. Ainda me sentia cansada, mas a magia do vinho havia suavizado as arestas ásperas do meu cansaço, deixando-me agradavelmente embotada.

– Você chamaria Germain assim, ou Joan? Ou *a chuisle* tem um significado muito literal?

– Eu estou mais inclinado a chamar Germain de *un petit emmerdeur* –

disse ele, com um leve resfolegar de diversão. – Mas Joan... sim, eu chamaria a pequena Joanie de *a chuisle*. É sangue do coração, sabe, não só do corpo.

Jemmy havia deixado a bola de trapos cair no chão e estava olhando, encantado e boquiaberto, para os vaga-lumes, que tinham começado a piscar na grama conforme escurecia. Com o estômago cheio e descansando, todos estávamos começando a sentir os efeitos calmantes da noite que se aproximava.

Os homens estavam esparramados na grama sob o plátano, passando a garrafa de vinho de mão em mão e conversando de modo tranquilo e meio incoerente, como fazem os homens que se conhecem bem. Os garotos Findlays estavam no caminho da carroça, que na verdade era o único espaço amplo e vazio, lançando algo de um lado a outro, errando a metade dos lances conforme a escuridão aumentava e trocando insultos aos gritos.

Ouviu-se um farfalhar alto de arbustos além do fogo, e Brianna apareceu, parecendo úmida, mas muito mais animada. Ela parou perto de Roger, pousando a mão suavemente em suas costas, e olhou por cima do ombro para o que ele estava escrevendo. Ele olhou para ela, dando de ombros com resignação, recolheu as páginas terminadas de sua obra e entregou a ela. Ela se ajoelhou ao lado dele e começou a ler, afastando as mechas molhadas de cabelo e semicerrando os olhos para enxergar as letras à luz da fogueira.

Um vaga-lume pousou na camisa de Jamie, brilhando em um tom verde nas dobras sombreadas do tecido. Estendi um dedo na direção dele, que fugiu, voando em espiral acima do fogo, como uma faísca fugidia.

– Foi uma boa ideia fazer Roger escrever – falei, olhando para o outro lado da fogueira com aprovação. – Mal posso esperar para descobrir o que realmente aconteceu com ele.

– Eu também – concordou Jamie. – Mas com William Buccleigh desaparecido, o que aconteceu com Roger Mac talvez não seja tão importante quanto o que *vai* acontecer com ele.

Eu não tive que perguntar o que ele quis dizer com aquilo. Mais do que qualquer pessoa, ele sabia o que significava ter a vida arrancada de si – e a força necessária para reconstruí-la. Eu estendi o braço para pegar a mão

direita dele, e ele deixou que eu a tomasse na minha. Protegida pela escuridão, acariciei seus dedos paralisados, traçando os contornos grossos das cicatrizes.

– Então, não importa para você descobrir se seu primo é um assassino frio ou não? – perguntei com delicadeza, para encobrir a conversa mais séria que acontecia em silêncio entre nossas mãos.

Ele emitiu um som curto e áspero, que poderia ter sido uma risada. Seus dedos se dobraram sobre os meus, lisos por causa dos calos, apertando-os em reconhecimento.

– Ele é um MacKenzie, Sassenach. Um MacKenzie de Leoch.

– Hum.

Os Frasers eram teimosos como mulas, me disseram. E o próprio Jamie tinha descrito os MacKenzies de Leoch – *encantadores como cotovias no campo... e espertos como raposas com elas*. Isso certamente era verdade em relação aos tios dele, Colum e Dougal. Eu não tinha ouvido nada que indicasse que a mãe dele, Ellen, partilhasse daquela característica familiar – mas Jamie tinha apenas 8 anos quando ela morreu. Sua tia Jocasta? Nada boba, claro, mas com bem menos inclinação para conspirar e maquirar do que seus irmãos tiveram, pensei.

– Você o quê?

A exclamação de Brianna chamou minha atenção de volta para o outro lado da fogueira. Ela estava olhando para Roger, com as páginas na mão, uma expressão que era uma mistura de diversão e consternação. Eu não conseguia ver o rosto de Roger; ele estava virado na direção dela. Sua mão se ergueu, fazendo sinal para que ela falasse mais baixo, no entanto, e ele virou a cabeça na direção da árvore onde os homens estavam bebendo, para ter certeza de que ninguém tinha ouvido a exclamação.

Vi a luz do fogo iluminando os ossos do rosto dele, e então sua expressão mudou em um instante, de cautela para horror. Ele se levantou, com a boca aberta.

– STOKH! – rugiu ele.

Foi um grito terrível, alto e rouco, mas com um tom estrangulado

medonho, como um grito forçado por alguém que tem um punho enterrado na boca. Fez com que todos que o ouviram ficassem paralisados – incluindo Jemmy, que havia abandonado os vaga-lumes e voltara sorrateiramente a investigar a cafeteira. Ele olhou para o pai, com a mão a 15 centímetros do metal quente. Então seu rosto se contorceu e ele começou a chorar de medo.

Roger estendeu o braço e o pegou. O menininho gritou, chutando e se contorcendo para escapar daquele desconhecido assustador. Bree se apressou em pegá-lo, segurando-o contra o peito e escondendo o rosto dele em seu ombro. O rosto dela estava pálido pelo choque.

Roger também parecia chocado. Levou a mão à garganta, com cuidado, como se não tivesse certeza se estava tocando a própria carne. As bordas da cicatriz do ferimento provocado pela corda continuavam escuras sob sua mandíbula; eu podia vê-las, mesmo à luz do fogo, assim como a linha menor e mais uniforme da minha incisão.

O choque inicial do grito dele havia desaparecido. Os homens saíram cambaleando de baixo da árvore, e os Findlays vieram correndo da estrada e se juntaram aos outros ao redor de Roger, exclamando de surpresa e cumprimentando-o. Roger assentia, permitindo que apertassem sua mão e dessem tapinhas em suas costas, mas durante todo o tempo dando a impressão de que preferiria estar em outro lugar.

– Diga outra coisa – incentivou Hugh Findlay.

– Sim, senhor, o senhor consegue – disse Iain, com o rosto redondo e sorridente. – Diga... Diga: “O rato roeu a roupa do rei de Roma!”

Essa sugestão provocou risos e foi substituída por outras propostas animadas. Roger estava começando a parecer desesperado, a mandíbula contraída. Jamie e eu tínhamos nos levantado; eu senti que Jamie se preparava para intervir de algum modo.

Então Brianna abriu caminho entre as pessoas animadas, com Jemmy apoiado em seu quadril, observando a movimentação com intensa desconfiança. Segurou a mão de Roger com sua mão livre e sorriu para ele, o sorriso vacilando apenas um pouco nos cantos da boca.

– Consegue dizer meu nome? – perguntou ela.

O sorriso de Roger refletia o dela. Eu podia ouvir o ar passando por sua garganta quando ele respirou fundo.

Dessa vez, ele falou baixinho; muito baixinho, mas todos ficaram em silêncio, inclinando-se para a frente para ouvir. Foi um sussurro irregular, rouco e doloroso, a primeira sílaba empurrada com força para fazê-la passar pelas cordas vocais avariadas, e o fim foi quase inaudível. Mas:

– BREEEEEa... ana – disse ele, e ela começou a chorar.

DINHEIRO SANGRENTO

*Cordilheira dos Frasers**Junho de 1771*

Eu estava sentada na cadeira de visitante no escritório de Jamie, ralando raízes de sanguinária e fazendo companhia enquanto ele lidava com as contas do trimestre. Ambas as tarefas eram lentas e tediosas, mas podíamos dividir a luz de uma única vela e aproveitar a companhia um do outro – e eu gostava muito de me distrair ouvindo os comentários criativos que ele dirigia ao papel sob sua pena.

– Filho de um porco-espinho chupador de ovos! – murmurou ele. – Veja isso, Sassenach, o homem não passa de um ladrão comum! Tem 2 xelins, 3 centavos por duas barras de açúcar e uma pedra de índigo!

Estalei a língua indicando que me solidarizava com ele, contendo-me para não comentar que 2 xelins pareciam um preço bem modesto para substâncias produzidas nas Índias Ocidentais, transportadas por navio até Charleston, e então levadas de carroça, piroga, cavalo e a pé por mais centenas de quilômetros terra adentro, até serem finalmente entregues em nossa porta por um mascate itinerante que só recolhia o pagamento três ou quatro meses depois, em sua visita seguinte – e que, de qualquer modo, provavelmente não receberia dinheiro em espécie, mas sim seis jarros de geleia de groselha ou um pedaço de carne de veado defumada.

– Olha isso! – disse Jamie retoricamente, acompanhando uma coluna de números e chegando ao fim com um golpe. – Um barril de vinho por 12

xelins, dois rolos de musselina por 3 e 10 cada, ferragens... Que diabo o pequeno Roger quer com ferragens, será que encontrou uma maneira de fazer música com elas? Dez e seis!

– Acho que era um arado – falei pacificamente. – Não é nosso. Roger o comprou para Geordie Chisholm.

Arados eram, na verdade, bem caros. Como tinham que ser importados da Inglaterra, eram raros entre os pequenos agricultores da Colônia, muitos dos quais não tinham nada além de semeadores de madeira e pás, com um machado e talvez uma enxada de ferro para limpar o terreno.

Jamie estreitou os olhos sinistramente para os números, passando a mão pelos cabelos.

– Sim – disse ele. – Mas Geordie não tem um tostão sobrando, pelo menos não até o ano que vem, quando a produção for vendida. Então, sou eu quem vai pagar os 10 e 6 agora, certo? – Sem esperar resposta, ele voltou aos cálculos, resmungando. – Filho de um cágado voador comedor de fezes – praguejou baixinho, sem indicar se isso se aplicava a Roger, a Geordie ou ao arado.

Terminei de ralar uma raiz e coloquei o caule dentro de um jarro sobre a mesa. A sanguinária tem um nome adequado. Seu sumo é vermelho, ácido e viscoso. A tigela em meu colo estava cheia de fragmentos úmidos e gosmentos, e minhas mãos estavam vermelhas como se eu estivesse estripando pequenos animais.

– Tenho seis dúzias de garrafas de cordial prontas – falei, pegando outra raiz. Como se ele não soubesse disso; a casa toda estava cheirando a xarope para tosse havia uma semana. – Fergus pode levá-las a Salem para vender.

Jamie assentiu, distraído.

– Sim, estou contando com isso para comprar semente de milho. Temos mais alguma coisa que possamos mandar para Salem? Velas? Mel?

Lancei a ele um olhar irado, mas encontrei apenas os redemoinhos encaracolados no topo de sua cabeça, debruçada diligentemente sobre os números. As velas e o mel eram um assunto delicado.

– Acho que posso dispor de 50 litros de mel – falei com cautela. – Talvez

dez... tudo bem, doze dúzias de velas.

Ele coçou a ponta do nariz com a ponta da pena, deixando uma mancha de tinta.

– Pensei que você tivesse tido um bom ano com as colmeias – disse ele.

Tive; minha única colmeia original havia se expandido, e agora eu tinha nove colmeias em torno do meu jardim. Já tinha retirado quase 200 litros de mel delas, e cera suficiente para fazer cerca de trinta dúzias de velas. Por outro lado, eu já havia planejado como ia usar aquelas coisas.

– Preciso de parte do mel para o consultório – expliquei. – É um bom curativo antibacteriano para feridas.

Jamie ergueu a sobrancelha, apesar de estar de olho nas contas que fazia.

– Eu achava que atrairia moscas – retrucou – ou, quem sabe, ursos. – Ele mexeu a pena, afastando a ideia. – De quanto você precisa, então? Não acho que vá receber tantos feridos em seu consultório para precisar de 150 litros, a menos que esteja banhando todos eles com mel, da cabeça aos pés.

Eu ri, apesar da ponderação.

– Não, algo entre 8 e 12 litros devem bastar para os curativos... ou talvez 20, para deixar um pouco a mais para os fluidos eletrolíticos.

Ele olhou para mim, com as sobrancelhas erguidas.

– Elétricos? – Ele olhou para a vela, com a chama tremeluzindo por causa da brisa que entrava pela janela, e em seguida para mim. – Brianna não disse que isso tinha alguma coisa a ver com as luzes? Ou com os raios, pelo menos?

– Não, eletrólitos – expliquei. – Açúcar-água. Você sabe, quando uma pessoa está em choque, ou doente demais para comer, ou com disenteria... o fluido eletrolítico ajuda o corpo devolvendo a ele os íons essenciais que foram perdidos com o sangramento ou com a diarreia... o sal, o açúcar e outras coisas... o que, por sua vez, devolve água ao sangue e restaura a pressão sanguínea. Você já me viu usando esses fluidos.

– Ah, é assim que funciona?

O rosto dele se iluminou com interesse, e ele parecia prestes a pedir uma explicação. Então viu uma pilha de recibos e correspondência ainda

esperando sobre a mesa, suspirou e pegou a pena de novo.

– Muito bem, então – concordou ele. – Fique com o mel. Posso vender o sabão?

Assenti, satisfeita. Eu havia, com muita experimentação cuidadosa, conseguido, finalmente, produzir um sabão que não tinha cheiro de porco morto mergulhado em soda cáustica e que não removia a camada externa da epiderme. Mas era preciso usar óleo de girassol ou azeite de oliva no lugar do sebo, e ambos eram muito caros.

Eu pretendia trocar com as mulheres cherokees o mel que tinha sobrando pelo óleo de girassol, com o qual produziria mais sabão e xampu. Estes, por sua vez, poderiam ser vendidos a preços excelentes em quase qualquer lugar – Cross Creek, Wilmington, New Bern, até mesmo em Charleston, se um dia nos aventurássemos a ir tão longe. Ou assim eu achava. No entanto, eu não sabia muito bem se Jamie concordaria em apostar nessa empreitada; demoraria meses para dar frutos, enquanto ele poderia vender o mel e obter lucro imediato. Mas, se ele tivesse certeza de que o sabão renderia muito mais do que o mel cru, eu não teria dificuldades em conseguir o que queria.

Antes que eu pudesse falar sobre essa possibilidade, ouvimos o som de passos leves no corredor e uma batidinha na porta.

– Entre – disse Jamie, endireitando-se.

O sr. Wemyss espiou dentro do escritório, mas hesitou, parecendo um tanto assustado ao ver as manchas vermelhas em minhas mãos. Jamie o convidou a entrar com um movimento de sua pena.

– Sim, Joseph?

– Posso ter uma palavrinha com o senhor?

O sr. Wemyss estava vestido de modo casual, de camisa e calça, mas tinha penteado os cabelos finos e claros, que estavam molhados, indicando certa formalidade em relação à situação.

Afastei a cadeira, pegando minhas coisas para sair, mas o sr. Wemyss me impediu com um gesto breve.

– Ah, não, senhora. Se não se importa, gostaria que ficasse. É sobre Lizzie, e gostaria da opinião de uma mulher nessa questão.

– Claro. – Eu voltei a me sentar, erguendo as sobrancelhas com curiosidade.

– Lizzie? Então encontrou um marido para nossa moça, Joseph? – Jamie colocou a pena dentro do jarro sobre a mesa e se inclinou para a frente, interessado, fazendo um gesto para que ele se sentasse em um banco vazio.

O sr. Wemyss assentiu, a luz da vela destacando os ossos de seu rosto magro. Ele se sentou no banco com certo ar de dignidade, que não combinava muito com sua atitude comum de leve desconcerto.

– Acredito que sim, sr. Fraser. Robin McGillivray me fez uma rápida visita esta manhã, para pedir a mão de minha Elizabeth, para que ela se case com seu filho, Manfred.

Ergui as sobrancelhas um pouco mais. Até onde eu sabia, Manfred McGillivray tinha visto Lizzie menos de uma dúzia de vezes, e não dissera a ela mais do que algumas breves gentilezas. Não era impossível que ele tivesse se sentido atraído; Lizzie havia se tornado uma garota bonita e delicada, e apesar de ainda ser muito tímida, tinha bons modos. Mas isso não parecia o suficiente para um pedido de casamento.

Conforme o sr. Wemyss ia expondo a questão, as coisas ficavam um pouco mais claras. Jamie prometera a Lizzie um dote, consistindo em um trecho de terras de boa qualidade, e o sr. Wemyss, livre dessa obrigação, tinha direito a 20 hectares como homem livre – dos quais Lizzie era herdeira. A terra dos Wemyss ficava junto à propriedade dos McGillivrays, e as duas juntas formariam uma propriedade respeitável. Evidentemente, com suas três filhas já casadas ou adequadamente comprometidas, o casamento de Manfred era o passo seguinte no grande plano de Ute McGillivray. Ao considerar todas as garotas disponíveis em um raio de 30 quilômetros da Cordilheira dos Frasers, ela havia decidido que Lizzie era a melhor candidata, e mandara Robin para dar início às negociações.

– Bem, os McGillivrays são uma família decente – disse Jamie.

Enfiou um dedo na tigela de raspas de raízes e pressionou-o com cuidado em seu mata-borrão, deixando uma série de impressões digitais vermelhas.

– Eles não têm muitas terras, mas Robin tem uma boa situação, e o jovem

Manfred é trabalhador, até onde sei.

Robin era armeiro e tinha uma pequena oficina em Cross Creek. Manfred tinha sido aprendiz de outro armeiro em Hillsborough, mas agora era oficial.

– Ele a levaria para morar em Hillsborough? – perguntei.

Aquilo poderia pesar para Joseph Wemyss. Apesar de estar disposto a fazer qualquer coisa para garantir o futuro da filha, ele amava muito Lizzie, e eu sabia que perdê-la seria difícil para ele.

Ele balançou a cabeça. Seus cabelos tinham secado e estavam começando a ficar arrepiados como sempre.

– Robin diz que não. Segundo ele, o rapaz planeja montar seu negócio em Woolam's Creek, desde que consiga uma pequena oficina. Eles morariam na fazenda.

Ele lançou um olhar de soslaio para Jamie, em seguida desviou o olhar, corando.

Jamie inclinou a cabeça, e vi o canto de sua boca se encolher. Então era aí que ele entrava na negociação. Woolam's Creek era um povoado pequeno mas em expansão na base da Cordilheira dos Frasers. Apesar de os Woolams, uma família quacre da região, serem proprietários do moinho e da terra do lado mais distante do rio, Jamie era dono de toda a terra em torno da Cordilheira dos Frasers.

Até então, ele havia cedido terras, ferramentas e suprimentos para Ronnie Sinclair, Theo Frye e Bob O'Neill, para a construção de uma oficina de tanoeiro, uma forja – ainda em construção – e uma pequena loja de artigos diversos, tudo em termos que nos garantiam uma parte dos lucros, mas não uma renda imediata.

Se Jamie e eu tínhamos planos para o futuro, Ute McGillivray também tinha. Ela sabia, é claro, que Lizzie e seu pai eram muito estimados por Jamie, e que ele provavelmente se comprometeria a fazer o que pudesse por ela. E isso – claro – era o que Joseph Wemyss estava pedindo com bastante tato agora; será que Jamie poderia oferecer as instalações para Manfred em Woolam's Creek como parte do acordo?

Jamie olhou para mim de canto de olho. Ergui um dos ombros de modo

muito discreto, me perguntando se a fragilidade física de Lizzie entrara nos cálculos de Ute McGillivray. Havia muitas garotas mais fortes do que ela, e com mais potencial para a maternidade. Mas se Lizzie morresse durante o parto, os McGillivrays ficariam mais ricos tanto por causa de seu dote quanto pela propriedade em Woolam's Creek – e não seria tão difícil encontrar novas esposas.

– Acho que podemos chegar a um acordo – disse Jamie com cautela.

Vi quando ele olhou para o livro-razão aberto, com suas colunas de números deprimentes, e em seguida olhou para mim com um ar especulativo. A terra não era problema; sem dinheiro e pouco e precioso crédito, ferramentas e materiais seriam. Contraí os lábios e olhei de volta para ele. Não, ele não poria as mãos no meu mel!

Ele suspirou e se recostou, batendo os dedos manchados de vermelho no mata-borrão.

– Vou dar um jeito – disse ele. – O que a moça diz, então? Vai aceitar Manfred?

O sr. Wemyss pareceu levemente em dúvida.

– Ela diz que sim. Ele é um rapaz decente, apesar de a mãe... uma boa mulher – ele acrescentou depressa –, muito boa. Só um pouco... hum. Mas...

– Ele se virou para mim, franzindo o cenho estreito. – Não sei bem se Elizabeth está certa de sua decisão, senhora, para ser sincero. Sabe que seria um bom casamento, e que assim ela ficaria perto de mim... – Sua expressão se suavizou ao dizer isso, mas logo voltou a ficar firme. – Mas não quero que ela se case apenas porque acha que eu aprovo.

Ele olhou para Jamie com timidez, e em seguida para mim.

– Eu amei muito a mãe dela – disse ele, e as palavras saíram depressa, como se confessasse um segredo vergonhoso.

Ele ficou muito corado e olhou para as mãos magras unidas em seu colo.

– Compreendo – falei, desviando o olhar com tato, afastando restos de raízes de minha mesa. – Gostaria que eu conversasse com ela?

– Ah, eu ficaria muito grato, senhora!

Tomado de alívio, ele se levantou praticamente de um pulo. Apertou a

mão de Jamie com fervor, fez repetidas reverências a mim e finalmente saiu, com acenos e murmúrios de agradecimento.

A porta se fechou atrás dele, e Jamie suspirou, balançando a cabeça.

– Só Deus sabe como é difícil casar filhas quando elas *estão* certas da decisão – disse ele com seriedade, obviamente pensando em Brianna e Marsali. – Talvez seja mais fácil quando elas não estão.

A única vela derretia rapidamente, lançando sombras bruxuleantes pelo cômodo. Eu me levantei e fui até a estante onde havia algumas velas novas. Para minha surpresa, Jamie se levantou e se juntou a mim. Ele esticou o braço além dos acendedores e das velas novas, pegando o relógio de vela achatado que estava atrás delas, escondido nas sombras.

Ele o colocou em cima da mesa e usou um dos acendedores para acendê-lo. O pavio já estava escurecido; a vela já tinha sido usada, apesar de ainda não ter queimado muito. Ele olhou para mim, e eu fui em silêncio fechar a porta.

– Você acha que está na hora? – perguntei baixinho, voltando para ficar ao lado dele.

Ele balançou a cabeça, mas não respondeu. Recostou-se um pouco na cadeira, as mãos cruzadas sobre o colo, observando a chama se firmar e aumentar, emitindo uma luz inconstante.

Jamie suspirou e estendeu a mão para virar o livro-razão na minha direção. Eu podia ver a situação de nossos negócios claramente – péssima, financeiramente falando.

Poucas transações na Colônia eram feitas com base em dinheiro – quase nenhuma a oeste de Asheville. Os colonos das montanhas negociavam todos na base da permuta, e nesse sentido conseguíamos nos manter muito bem. Tínhamos leite, manteiga e queijo para trocar; batatas e grãos, carne de porco e de veado, legumes e hortaliças frescos e frutas secas, um pouco de vinho feito de uvas scuppernong do outono anterior. Tínhamos feno e lenha – apesar de todos também terem –, meu mel e minha cera de abelha. E, acima

de tudo, tínhamos o uísque de Jamie.

Era um recurso limitado, no entanto. Tínhamos seis hectares de cevada nova, que – salvo chuvas de granizo, incêndios florestais e outros atos divinos – seriam transformados em quase cem barricas de uísque, que poderiam ser vendidas ou trocadas de maneira vantajosa, ainda que totalmente cruas ou não envelhecidas. Mas a cevada ainda estava verde nos campos, e o uísque ainda era uma perspectiva distante de lucro.

Enquanto isso, tínhamos usado ou vendido todas as bebidas que possuíamos. Na verdade, ainda restavam catorze barris pequenos de bebida – enterradas em uma pequena gruta acima da fonte de uísque –, mas não podiam ser usadas. A cada destilação, Jamie reservava dois barris, que eram religiosamente mantidos para envelhecer. O barril mais velho no depósito tinha apenas dois anos; permaneceria ali por mais dez, com a graça de Deus, para emergir como ouro líquido – e quase tão valioso quanto ouro sólido.

Mas as demandas financeiras imediatas não esperariam dez anos. Além da possibilidade de uma oficina de armeiro para Manfred McGillivray e de um dote modesto para Lizzie, havia as despesas normais com as plantações e o cuidado dos animais, e o plano ambicioso de dar um arado a cada arrendatário – muitos dos quais ainda lavravam a terra com as mãos.

E além de nossas despesas, havia uma obrigação bastante onerosa. A maldita Laoghaire MacKenzie infernal Fraser.

Ela não era exatamente uma ex-esposa – mas também não deixava de ser exatamente uma ex-esposa. Pensando que eu havia partido para sempre, se é que não tinha de fato morrido, Jamie se casara com ela, sob a insistência de sua irmã Jenny. O casamento logo se mostrou um erro, e quando reapareci, eles buscaram uma anulação, para o alívio – até certo ponto – de todos os envolvidos.

Mas, por ser muito generoso, Jamie havia concordado em pagar uma grande quantia a ela como pensão anual, além de um dote para cada uma de suas filhas. O dote de Marsali estava sendo pago aos poucos, em terras e em uísque, e não havia notícias a respeito do casamento de Joan. Mas o prazo para enviar a pensão para manter Laoghaire, qualquer que fosse o estilo de

vida que ela mantinha na Escócia, estava vencendo – e não tínhamos o dinheiro.

Olhei para Jamie, que estava pensando, olhos semicerrados sobre o nariz comprido e afilado. Não me dei ao trabalho de sugerir que deixássemos que Laoghaire pendurasse uma placa de vadia no pescoço e saísse mendigando pela paróquia. Independentemente do que ele pensasse sobre a personalidade da mulher, ele a considerava sua responsabilidade, e isso encerrava o assunto.

Eu acreditava que pagar a dívida em barris de peixe seco ou sabão de lixívia também não era uma opção adequada. Assim, restavam três opções: poderíamos vender o uísque do estoque, ainda que isso fosse significar uma grande perda a longo prazo. Poderíamos pegar dinheiro emprestado com Jocasta; possível, mas muito desagradável. Ou poderíamos vender alguma outra coisa. Vários cavalos, por exemplo. Um grande número de porcos. Ou uma joia.

A vela ardia forte e a cera ao redor do pavio havia derretido. Ao olhar para baixo, para a poça de cera derretida, eu as vi: três pedras preciosas, escuras contra a pálida luz dourado-acinzentada da vela, os tons vívidos suavizados, mas ainda visíveis na cera. Uma esmeralda, um topázio e um diamante negro.

Jamie não as tocou, ficou apenas olhando, as sobrancelhas ruivas e espessas franzidas em concentração.

Vender uma pedra preciosa na Carolina do Norte colonial não seria fácil; provavelmente exigiria uma viagem a Charleston ou Richmond. Era possível, entretanto, e resultaria em dinheiro suficiente para pagar a maldita pensão de Laoghaire, além de cobrir as outras despesas. Contudo, as pedras preciosas tinham um valor que ia além do dinheiro – eram a moeda de viagem pelas pedras; proteção para a vida de um viajante.

As poucas coisas que sabíamos a respeito daquela perigosa viagem se baseavam principalmente nas coisas que Geillis Duncan tinha escrito ou contado a mim; ela acreditava que as pedras preciosas não apenas davam proteção a um viajante contra o caos naquele espaço indescritível entre as camadas do tempo, mas também ofereciam a habilidade de navegar, por

assim dizer – escolher a época para a qual se desejava ir.

Movida pelo impulso, voltei para a estante e, ficando na ponta dos pés, peguei o embrulho envolto em um pedaço de couro que estava escondido nas sombras ali. Senti o peso e o abri com cuidado, colocando a pedra oval sobre a mesa ao lado da vela. Era uma opala grande, seu centro brilhoso revelado dentro de uma matriz de pedra pelo entalhe que cobria a superfície – uma espiral; um desenho primitivo da serpente que come a própria cauda.

A opala era propriedade de outro viajante – o misterioso índio chamado Dente de Lontra. Um índio cujo crânio revelava obturações prateadas nos dentes; um índio que parecia já ter falado inglês. Ele chamava aquela pedra de sua “passagem de volta” – então aparentemente Geilie Duncan não era a única a acreditar que as pedras preciosas tinham algum poder naquele terrível lugar... entre.

– Cinco, segundo a bruxa – disse Jamie pensativo. – Ela disse que você precisaria de cinco pedras?

– Ela acreditava que sim.

A noite estava quente, mas os pelos de minha nuca se eriçaram ao pensar em Geilie Duncan, nas pedras – e no índio que eu havia encontrado em uma encosta escura, com o rosto pintado de preto para a morte, pouco antes de eu encontrar a opala e o crânio enterrado com ela. Seria o crânio dele que tínhamos enterrado, com as obturações de prata e tudo?

– As pedras precisavam ser polidas ou lapidadas?

– Não sei. Acho que ela disse que as lapidadas eram melhores, mas não sei por que ela achava isso, nem se estava certa.

Esse era sempre o problema; nós sabíamos muito pouco.

Ele resmungou e esfregou lentamente o nariz com o nó de um dos dedos.

– Bem, temos essas três, e o rubi de meu pai. São pedras lapidadas e polidas, e totalizam quatro. E também temos esta – ele olhou para a opala – e a pedra em seu amuleto.

A questão era que as pedras lapidadas ou polidas renderiam muito mais dinheiro do que a opala sem polimento ou a safira bruta no meu saco de remédios. Ainda assim, deveríamos arriscar perder uma pedra da qual

podíamos precisar, que um dia poderia significar a diferença entre a vida e a morte para Bree ou para Roger?

– Não é provável – falei, respondendo aos pensamentos dele, mas não às suas palavras. – Bree vai ficar, certamente até Jemmy crescer; talvez para sempre.

Afinal, como alguém poderia abandonar um filho, a possibilidade de ter netos? E no entanto eu tinha feito isso. Passei um dedo distraidamente pelo metal liso de minha aliança de ouro.

– Sim. Mas e o rapaz?

Ele olhou para mim, a sobrancelha erguida, a luz da vela brilhando em seus olhos, azuis como safiras lapidadas e polidas.

– Ele não faria isso – respondi. – Ele não deixaria Bree e Jemmy.

Falei com firmeza, mas havia um fio de dúvida em meu coração, que se refletiu em minha voz.

– Não ainda – disse Jamie, baixinho.

Respirei fundo, mas não respondi. Eu sabia muito bem o que ele queria dizer. Envolto em silêncio, Roger parecia se afastar cada dia mais.

Seus dedos estavam curados; eu havia sugerido a Brianna que talvez ele encontrasse consolo em seu *bodhrán*. Ela assentira, em dúvida. Eu não sabia se ela tinha falado com ele ou não, mas o *bodhrán* continuava pendurado na parede do chalé deles, silencioso como seu dono.

Ele ainda sorria e brincava com Jemmy, e era sempre atencioso com Brianna –, mas a sombra em seus olhos nunca diminuía, e quando não era requisitado em uma tarefa, ele desaparecia por horas, às vezes o dia todo, em caminhadas pelas montanhas, e voltava quando já estava escuro, exausto, sujo de terra... e calado.

– Ele não tem dormido com ela, tem? Desde que aconteceu?

Suspirei, afastando uma mecha de cabelos da testa.

– Algumas vezes. Eu perguntei. Mas eu diria que não tem acontecido ultimamente.

Bree estava fazendo o melhor que podia para mantê-lo por perto, para tirá-lo das profundezas de sua depressão, mas estava ficando claro para mim,

e também para Jamie, que ela estava perdendo a batalha, e sabia disso. Ela também estava cada vez mais calada, com sombras nos olhos.

– Se ele voltasse... existiria cura para sua voz? Na sua época?

Jamie passou um dedo sobre a opala enquanto falava, os olhos seguindo a espiral conforme seu dedo a tocava.

Suspirei de novo e me sentei.

– Não sei. Haveria recursos... talvez cirurgia, com certeza terapia para a fala. Não sei *quanto* ajudaria; ninguém saberia dizer. A questão é... pode ser que ele recupere grande parte de sua voz naturalmente, se fizer um esforço. Mas ele não vai fazer isso. E, claro – precisei acrescentar com sinceridade –, pode ser que ele *não* recupere, por mais que se esforce.

Jamie assentiu, em silêncio. Independentemente das possibilidades de ajuda médica, a verdade era que, se o casamento de Roger e Brianna fracassasse, não havia nada que o prendesse ali. Se ele escolhesse voltar...

Jamie se endireitou na cadeira e apagou a vela.

– Ainda não – disse ele na escuridão, com a voz firme. – Ainda temos algumas semanas até eu mandar o dinheiro para a Escócia; verei o que mais podemos arranjar. Por enquanto, guardaremos as pedras.

Ontem à noite, sonhei que estava fazendo pão. Ou, pelo menos, tentava fazer pão. Eu estava misturando a massa e, de repente, percebia que não tinha farinha. Então, colocava o pão em formas e levava ao forno, e então percebia que ele não tinha crescido, e o tirava. Eu sovava a massa sem parar e a levava dentro de uma tigela coberta com um pano, procurando um lugar aquecido onde colocá-lo, porque é preciso manter a massa aquecida, ou o fermento morre, e eu estava ficando nervosa porque não conseguia encontrar um lugar quente. Um vento frio soprava e a tigela estava pesada e escorregadia, e pensei que ia deixá-la cair; minhas mãos e meus pés estavam congelando e ficando dormentes.

Então, acordei e realmente estava com frio. Roger havia

puxado todos os cobertores e se enrolado neles, e uma corrente de vento terrível soprava por baixo da porta. Eu o cutuquei e puxei os cobertores, mas não consegui soltá-los e não queria fazer muito barulho para não acordar Jemmy. Por fim, eu me levantei, tirei a capa do cabide e voltei a dormir me cobrindo com ela.

Roger se levantou antes de mim hoje cedo e saiu; acho que ele não percebeu que tinha me deixado passando frio.

UM PACOTE DE LONDRES

O pacote chegou em agosto, por intermédio dos bons serviços de Jethro Wainwright, um dos poucos mascates itinerantes arrojado o suficiente para subir os caminhos íngremes e tortuosos que levavam à Cordilheira dos Frasers. Com o rosto vermelho e ofegante por causa da subida e do trabalho de descarregar o burro, o sr. Wainwright me entregou o pacote com um meneio de cabeça e saiu em direção à cozinha quando o convidei, deixando o burro pastar lá fora.

Era um pacote pequeno, uma espécie de caixa, envolta cuidadosamente em oleado e amarrada com barbante para garantir. Era pesada. Eu a chacoalhei, mas ouvi apenas um leve ruído surdo, como se o conteúdo estivesse envolto em um pano. Na etiqueta estava escrito simplesmente: “Para o sr. James Fraser, Cordilheira dos Frasers, Carolinas”.

– Bem, o que acha que é? – perguntei ao burro.

Era uma pergunta retórica, mas o burro, uma criatura amável, desviou os olhos da refeição e zurrou em resposta, pedaços de feno caindo pelos cantos da boca.

O barulho provocou berros de curiosidade de Clarence e dos cavalos, e em poucos segundos, Jamie e Roger apareceram, vindos do celeiro, Brianna saiu da casa da fonte, e o sr. Bug surgiu atrás do monte de esterco, em mangas de camisa, como um abutre que se ergue de uma carniça, todos atraídos pelo barulho.

– Obrigada – falei para o burro, que sacudiu a orelha para mim e voltou a pastar.

– O que é isso? – Brianna estava na ponta dos pés espiando por cima do ombro de Jamie, que tirou o pacote de minhas mãos. – Não é de Lallybroch, é?

– Não, não é a letra de Ian... nem da minha irmã – respondeu Jamie com não mais que uma breve hesitação, apesar de eu tê-lo visto olhar duas vezes para ter certeza. – Mas veio de longe... de navio?

Ele segurou o pacote perto de meu nariz, interrogativamente. Eu cheirei e assenti.

– Sim, tem cheiro de alcatrão. Não tem nenhum documento?

Ele virou o pacote, negando com a cabeça.

– Tinha um selo, mas saiu.

Havia fragmentos acinzentados de cera no barbante, mas o selo que poderia dar uma pista a respeito do remetente tinha sucumbido às vicissitudes da viagem e da bolsa do sr. Wainwright.

– Humpf. – O sr. Bug balançou a cabeça, contrariado, estreitando os olhos. – Não é uma picareta.

– Não, não é uma picareta – concordou Jamie, observando o pacote. – Nem um livro, muito menos um maço de papéis. Não encomendei mais nada de que consiga me lembrar. Acha que podem ser sementes, Sassenach? O sr. Stanhope prometeu que enviaria sementes do jardim do amigo dele, não?

– Ah, pode ser!

Era uma possibilidade interessante. O amigo do sr. Stanhope, o sr. Crossley, tinha um enorme jardim ornamental, com um grande número de espécies exóticas e importadas, e Stanhope tinha se oferecido para verificar se Crossley estaria disposto a fazer uma troca; sementes e mudas de algumas das ervas mais raras da Europa e da Ásia de sua coleção, por bulbos e sementes do que Stanhope descrevia como meu “baluarte da montanha”.

Roger e Brianna se entreolharam. Sementes eram bem menos interessantes para eles do que papel ou livros. Ainda assim, a novidade de receber qualquer carta ou pacote bastava para que ninguém sugerisse abri-lo antes que se esgotasse toda a diversão relacionada à especulação sobre o conteúdo.

No caso, o pacote só foi aberto depois da ceia, quando todos já tinham tido a oportunidade de segurá-lo, tocá-lo e cheirá-lo, e dar uma opinião a respeito do conteúdo. Afastando o prato vazio, Jamie finalmente pegou o pacote com a devida cerimônia, voltou a chacoalhá-lo e o entregou a mim.

– Esse nó é uma tarefa para mãos de cirurgiã, Sassenach – disse ele com um sorriso.

Era mesmo. Quem quer que o houvesse feito não era marinho, mas havia substituído a meticulosidade por conhecimento. Levei vários minutos tentando, mas finalmente desfiz o nó, e enrolei o barbante para ser usado no futuro.

Jamie, então, cortou a costura cuidadosamente com a ponta do punhal e tirou uma pequena caixa de madeira, sob arfadas de surpresa. Era simples, mas elegante, feita de madeira escura polida, com dobradiças e fecho de latão, e uma pequena placa de latão na tampa.

– Da oficina dos srs. Halliburton e Halliburton, 14 Portman Square, Londres. – leu Brianna, inclinando-se sobre a mesa e virando o pescoço. – Quem diabos são Norman e Greene?

– Não faço a menor ideia – respondeu Jamie.

Ele abriu o fecho com um dedo e levantou delicadamente a tampa. Dentro havia um saco pequeno de veludo vermelho-escuro. Ele o pegou, abriu o cordão e lentamente tirou uma... coisa.

Era um disco chato e dourado, com cerca de 10 centímetros de diâmetro. Olhando admirada, vi que a borda era levemente elevada, como a de um prato, e havia pequenos símbolos de algum tipo entalhados. Na parte central do disco, havia um estranho arranjo entalhado, feito de metal prateado. Consistia de um pequeno mostrador aberto, muito parecido com a face de um relógio, mas com três braços ligando sua borda ao centro do disco maior e dourado.

O pequeno círculo prateado também era adornado com o desenho de arcanos, quase delicados demais para se ver, e preso a uma peça com a forma de uma lira, que descansava em cima da barriga de uma enguia prateada comprida e chata, cujas costas se curvavam acompanhando a borda interna do

disco dourado. Por cima de tudo, havia uma barra dourada, afunilada nas extremidades como uma agulha de bússola muito grossa e afixada com um alfinete que atravessava o centro do disco e permitia que a barra girasse. Impresso com letras floreadas no centro da barra estava o nome “James Fraser”.

– Mas o que, em nome de Deus, é isso? – perguntou a sra. Bug, naturalmente depois de se recuperar da surpresa.

– É um astrolábio planisférico – respondeu Jamie, recuperado da sua surpresa e soando agora quase prático.

– Ah, *claro* – murmurei. – Naturalmente!

Ele virou o objeto na mão, mostrando uma superfície chata com entalhes de vários círculos concêntricos, por sua vez, subdivididos por centenas de pequenas marcas e símbolos. Daquele lado havia uma parte que virava como a haste parecida com a agulha de uma bússola do outro lado, mas em formato retangular, e com as pontas viradas para cima, achatadas e interligadas de modo que as ligações formavam um par de miras.

Bree esticou um dedo e tocou a superfície brilhante com reverência.

– Meu Deus – disse ela. – Isso é *ouro* mesmo?

– É. – Jamie colocou o objeto com cuidado na palma da mão dela. – E o que gostaria de saber é: por quê?

– Por que ouro ou por que um astrolábio? – perguntei.

– Por que ouro – respondeu ele, franzindo o cenho para o objeto. – Queria um instrumento assim há algum tempo, e não conseguia encontrar em lugar nenhum entre Albany e Charleston. Lorde John Grey prometeu que me enviaria um de Londres, e acho que é este. Mas por que, em nome de Deus...

A atenção de todos ainda estava voltada para o astrolábio em si, mas Jamie desviou o olhar, pegando a caixa dentro da qual ele tinha vindo. E, como era de esperar, no fundo da caixa havia um bilhete, dobrado de qualquer modo e selado com cera azul. A insígnia, no entanto, não era a costumeira meia-lua sorridente com estrelas de lorde John, mas um brasão desconhecido, mostrando um peixe com um anel na boca.

Jamie olhou para o brasão, franzindo o cenho, e então rompeu o selo e

abriu o bilhete.

*Sr. James Fraser,
da Cordilheira dos Frasers
Colônia Real da Carolina do Norte*

Meu caro senhor,

Tenho a honra de lhe enviar este objeto, com os cumprimentos de meu pai, lorde John Grey. Quando parti para Londres, ele me deu instruções para obter o melhor instrumento que conseguisse, e sabendo da alta estima que ele dedica a sua amizade, me esforcei para fazê-lo. Espero que aprove.

A seu dispor,

*William Ransome, lorde Ellesmere,
Capitão, 9º Regimento*

– William Ransome? – Brianna havia se levantado para poder ler por cima do ombro de Jamie. Ela olhou para mim, franzindo o cenho. – Ele diz que lorde John é pai dele, mas o filho de lorde John não é um menino ainda?

– Ele tem 15 anos.

Havia uma nota estranha na voz de Jamie, e vi Roger erguer o olhar abruptamente do astrolábio em suas mãos, com os olhos verdes subitamente atentos. Ele olhou para mim, com aquele olhar estranho que tinha desenvolvido ultimamente, como se ouvisse algo que ninguém conseguia ouvir. Desviei o olhar.

–... não é Grey – dizia Brianna.

– Não.

Jamie ainda estava olhando para o bilhete em suas mãos e parecia meio distante. Balançou a cabeça brevemente, como se afastasse um pensamento, e voltou a se concentrar no assunto em questão.

– Não – repetiu ele com mais firmeza, deixando o bilhete de lado. – O rapaz é enteado de John. O pai dele era o conde de Ellesmere; o garoto é o nono a deter o título. Ransome é o sobrenome da família de Ellesmere.

Mantive o olhar fixo diligentemente na mesa e na caixa vazia, com medo de erguer o rosto e minha expressão transparente acabar revelando alguma coisa – mesmo que fosse apenas o fato de que havia algo a ser revelado.

O pai de William Ransome não era, na verdade, o oitavo conde de Ellesmere. Seu pai era James Fraser, e eu podia sentir a tensão na perna de Jamie tocando a minha por baixo da mesa, apesar de seu rosto agora demonstrar apenas uma leve irritação.

– O rapaz por certo comprou uma patente – disse ele, dobrando a carta com cuidado e enfiando-a dentro da caixa de novo. – Então, partiu para Londres e comprou o objeto lá seguindo as instruções de John. Mas imagino que para um rapaz como ele, “melhor” deve necessariamente significar “de ouro”!

Ele estendeu a mão e o sr. Wainwright, que estava admirando seu reflexo na superfície dourada polida, entregou o astrolábio com relutância.

Jamie o analisou de modo crítico, girando a enguia prateada com o dedo indicador.

– Ah, bem – disse ele, quase a contragosto. – É muito bonito, no que diz respeito ao acabamento.

– Bonito. – O sr. Bug assentiu, aprovando, e pegou um dos bolinhos que sua esposa estava oferecendo. – Medição?

– Sim, isso mesmo.

– Medição? – Brianna pegou dois bolinhos de batata e se sentou ao lado de Roger, passando um para ele automaticamente. – É para fazer um levantamento topográfico?

– Entre outras coisas. – Jamie virou o astrolábio nas mãos e empurrou a barra achatada com delicadeza, fazendo com que as miras girassem. – Esta parte... é usada como trânsito. Sabe o que é?

Brianna assentiu, parecendo interessada.

– Claro. Sei fazer diferentes tipos de agrimensura, mas geralmente

usávamos...

Vi Roger fazer uma careta ao engolir, a massa do bolinho presa em sua garganta. Ergui a mão em direção à jarra de água, mas ele olhou para mim e balançou a cabeça quase imperceptivelmente. Engoliu de novo, com mais facilidade dessa vez, e tossiu.

– Eu me lembro de você ter dito que sabia fazer agrimensura. – Jamie olhou para a filha com aprovação. – Por isso eu queria isto – ele indicou o objeto que estava segurando –, apesar de ter algo menos espalhafatoso em mente. Estanho teria sido mais funcional. Ainda assim, contanto que eu não tenha que pagar por isso...

– Deixe-me ver.

Brianna estendeu a mão e pegou o objeto, franzindo o cenho ao mover a barra interna.

– Você sabe usar um astrolábio? – perguntei a ela, em dúvida.

– Eu sei – disse Jamie, com certo grau de ostentação. – Aprendi na França.

Ele se levantou e fez um movimento com o queixo indicando a porta.

– Vamos lá para fora, moça. Vou mostrar como ver as horas.

–... sim, isso mesmo. – Jamie inclinou-se sobre o ombro de Bree, apontando para um ponto na barra externa. Ela moveu a barra interna com cuidado para emparelhá-las, olhou para o sol e moveu o ponteiro menos de 1 centímetro.

– Cinco e meia! – exclamou ela, corando de alegria.

– Cinco e trinta e cinco – corrigiu Jamie, com um sorriso amplo. – Está vendo aqui?

Ele apontou para um dos minúsculos símbolos na borda, que, àquela distância, não parecia ser nada além de um borrão para mim.

– Cinco e trinta e cinco – disse a sra. Bug, admirada. – Veja só, Arch! Não sei que horas são ao certo desde... desde...

– Edimburgo – disse o marido, assentindo.

– Sim, isso mesmo! Minha prima Jane tinha um relógio, uma coisa linda,

que ressoava como o sino de uma igreja, com números de latão e um par de pequenos querubins voando, então...

– É a primeira vez que sei que horas são desde que deixamos a casa dos Sherstons.

Bree estava ignorando tanto o êxtase da sra. Bug quanto o instrumento que tinha nas mãos. Vi quando ela olhou nos olhos de Roger e sorriu – e, depois de um momento, ele sorriu também. Há quanto tempo ele não sabia que horas eram?

Todos olhavam com os olhos estreitados para o sol que se punha, afastando nuvens de mosquitos dos olhos e discutindo sobre a última vez que tinham sabido as horas. Que curioso, pensei, me divertindo. Por que essa preocupação com medir o tempo? E, no entanto, eu tinha a mesma preocupação.

Tentei pensar quando tinha sido a última vez para mim. No casamento de Jocasta? Não, no campo perto de Alamance Creek, um pouco antes da batalha. O coronel Ashe tinha um relógio de bolso e – eu parei, lembrando. Não, foi depois da batalha. E provavelmente tinha sido a última vez que Roger soubera que horas eram – se é que ele estava suficientemente consciente para ouvir um dos cirurgiões do Exército anunciar que eram quatro da tarde – em seguida dando sua opinião ponderada de que Roger não sobreviveria até as cinco.

– O que mais podemos fazer com ele, pai?

Bree devolveu o astrolábio com cuidado para Jamie, que o pegou e começou imediatamente a tirar as marcas de dedo dele com a barra da camisa.

– Ah, muitas coisas. Você pode determinar sua posição, na terra ou no mar, saber que horas são, encontrar uma determinada estrela no céu...

– Muito útil – observei. – Mas talvez não tão conveniente quanto um relógio. Mas imagino que saber as horas não era seu principal objetivo.

– Não. – Ele negou, balançando a cabeça, enquanto guardava o astrolábio em seu saco de veludo. – Preciso fazer um levantamento correto das terras das duas concessões, e logo.

– Por que logo?

Bree estava se virando para partir, mas se virou de volta ao ouvir isso, levantando a sobrancelha.

– Porque estamos ficando sem tempo.

Jamie olhou para ela, o prazer de sua aquisição dando lugar à seriedade. Olhou por cima do ombro, mas não havia ninguém mais na varanda além de nós dois, Brianna e Roger.

O sr. Wainwright, que não tinha interesse em questões científicas, tinha ido até o quintal e estava transportando seus pacotes para dentro de casa, ajudado pelo sr. Bug e estorvado pelos comentários incessantes da sra. Bug. Todos na Cordilheira dos Frasers sabiam que ele ficaria ali até o dia seguinte, e iriam à casa para comprar, vender e ouvir as notícias mais recentes.

– Vocês dois sabem o que virá. – Jamie olhou para Bree e para Roger. – O rei pode cair, mas a terra permanecerá. E se quisermos manter estas terras, precisamos medi-las e registrá-las corretamente. Quando há conflitos, quando as pessoas precisam deixar suas terras ou as veem confiscadas, é difícil tê-las de volta, mas talvez seja possível, se você tiver um documento que diga que elas já foram suas.

O sol brilhou como ouro e fogo atrás da curva da cabeça dele quando ele olhou para a frente. Ele meneou a cabeça em direção à linha escura das montanhas, delineadas por um borrifo glorioso de nuvens rosa e douradas, mas eu podia ver, pelo olhar distante dele, que ele estava vendo algo muito além.

– Lallybroch... nós a mantivemos por meio de um documento de *sasine*. E o jovem Simon, filho de Lovat, ele lutou por suas terras, depois de Culloden, e por fim conseguiu reaver a maior parte delas. Mas só porque tinha os papéis que provavam que já tinham sido dele. Então.

Ele recolocou a tampa da caixa que tinha levado consigo e pôs a bolsa de veludo dentro dela.

– Terei os documentos. E, se for um George ou outro que governar na época, esta terra será nossa. E de vocês – acrescentou ele delicadamente, olhando nos olhos de Brianna. – E de seus filhos, depois de vocês.

Coloquei minha mão sobre a dele, onde estava, pousada em cima da caixa. A pele dele estava quente por causa do trabalho e do calor do dia, e ele cheirava a suor. Os pelos de seu braço brilhavam ruivos e dourados ao sol, e eu entendi muito bem naquele momento por que os homens mediam o tempo. Eles desejam fixar um momento, na esperança vã de que, ao fazer isso, o tempo não passe.

NÃO É POUCO

Brianna tinha ido à casa-grande para pegar um livro emprestado. Deixou Jemmy na cozinha com a sra. Bug e atravessou o corredor até o escritório do pai. Ele não estava, o cômodo estava vazio, apesar de seu cheiro permanecer ali – um cheiro masculino indefinível, composto de couro, serragem, suor, uísque, esterco... e tinta.

Ela passou um dedo embaixo do nariz, as narinas contraídas, e sorriu ao pensar que Roger também recendia às mesmas coisas, mas ao mesmo tempo tinha um cheiro próprio, no fundo. O que era?, ela se perguntou. As mãos dele costumavam ter um cheiro suave de verniz e metal quando ele tinha um violão. Mas isso tinha sido muito atrás, muito longe dali.

Afastando o pensamento, ela olhou para os livros na estante. Fergus havia trazido de volta três livros novos de sua última viagem a Wilmington: uma coletânea de ensaios de Michael de Montaigne – em francês, então nada feito –, uma cópia surrada de *Moll Flanders*, de Daniel Defoe, e um livro muito fino, com capa de papel, de B. Franklin, *Os meios e as maneiras de obter virtudes*.

Não tem nem comparação, ela pensou, pegando *Moll Flanders*. O livro tinha sido muito usado; a lombada estava rasgada e as páginas, soltas. Esperava que todas estivessem ali. Nada pior do que chegar a uma boa parte da história e descobrir que as vinte páginas seguintes estavam faltando. Ela folheou o livro com cuidado, conferindo, mas as páginas pareciam estar completas, ainda que algumas estivessem enrugadas ou manchadas de comida. O livro tinha um cheiro bem peculiar, como se tivesse sido

mergulhado em sebo.

Um barulho vindo do consultório de Claire a tirou de sua distração com os livros. Ela procurou por Jem instintivamente, mas é claro que ele não estava ali. Colocando o livro de volta no lugar, ela foi depressa até o consultório e viu a mãe correndo pelo corredor, vinda da cozinha.

Ela chegou à porta do consultório um segundo antes de Claire.

– Jem!

A porta do armário grande estava aberta, e havia um forte cheiro de mel no ar. Havia um jarro de barro quebrado no chão em uma poça dourada e grudenta, e Jemmy estava sentado bem no meio dela, completamente besuntado, com os olhos azuis muito redondos, a boca aberta devido à culpa e ao choque.

Ela sentiu o sangue subir. Ignorando o fato de que ele estava todo melado, ela o segurou pelo braço e o colocou de pé.

– Jeremiah Alexander MacKenzie – disse Brianna, em um tom severo –, você é um menino malcriado!

Ela o examinou depressa à procura de sangue ou ferimentos, não encontrou nada e deu uma palmada no traseiro dele, forte o bastante para fazer sua mão arder.

O grito subsequente fez com que ela fosse invadida por uma onda de culpa instantânea. Então, viu o restante da destruição no consultório e conteve o impulso de bater nele de novo.

– Jeremiah!

Ramos secos de alecrim, erva-dos-carpinteiros e tomilho tinham sido arrancados da estante de secagem e estavam espalhados no chão em pedaços. Uma das prateleiras de gaze da estante tinha sido puxada e o tecido estava rasgado e pendurado. Garrafas e jarras dos armários estavam viradas e espalhadas; algumas das rolhas tinham saído, espalhando pós e líquidos de várias cores pelo chão. Um saco grande de linho cheio de sal grosso fora esvaziado, e punhados dos cristais de sal tinham sido atirados por toda parte.

Pior de tudo, o amuleto de sua mãe estava no chão, o saco pequeno de couro aberto, vazio. Havia pedaços de plantas secas, alguns ossinhos e outros

destroços espalhados ao redor.

– Mãe, sinto muito. Eu não estava olhando, deveria ter cuidado melhor...

Ela quase teve que gritar o pedido de desculpas para ser ouvida acima dos berros de Jemmy.

Claire, retraindo-se levemente diante do barulho, olhou ao redor, fazendo um rápido inventário de tudo que havia sido estragado. Então, abaixou-se e pegou Jemmy no colo, sem se importar com o mel.

– Shhhh – fez ela, colocando a mão sobre os lábios dele de leve.

Como não obteve êxito, passou a dar tapinhas sobre a boca aberta, produzindo um “ua-ua-ua” que fez Jemmy parar de berrar na mesma hora. Ele enfiou um polegar na boca, chupando o dedo e fazendo barulho, e encostou o rosto sujo no ombro de Claire.

– Bem, eles realmente mexem nas coisas – disse ela a Bree, parecendo se divertir mais do que demonstrar irritação. – Não se preocupe, querida, foi só um pouco de bagunça. Graças a Deus, ele não alcançou as facas, e eu mantenho os venenos no alto, também.

Brianna sentiu o coração começar a se acalmar. Sua mão estava quente, pulsando com sangue.

– Mas seu amuleto... – disse ela, e viu uma sombra passar pelo rosto da mãe quando ela percebeu o estrago.

– Ah.

Claire respirou fundo, deu um tapinha nas costas de Jemmy e o colocou no chão. Mordeu o lábio inferior, abaixou-se e pegou o saco vazio com as penas desgrenhadas.

– Sinto muito – repetiu Brianna, sem saber o que fazer.

Ela viu quanto custou, mas a mãe fez um gesto para indicar que não importava antes de se agachar para recolher os pedaços e fragmentos do chão. Seus cabelos encaracolados estavam soltos e escorregaram para a frente, escondendo seu rosto.

– Sempre quis saber o que tinha dentro dessa coisa – disse Claire.

Começou a recolher os ossinhos, reunindo-os com cuidado na palma da mão.

– Você acha que são ossos de quê? Musaranho?

– Não sei. – De olho em Jemmy, Brianna se abaixou e começou a catar as coisas. – Pensei que pudessem ser de um rato ou de um morcego.

A mãe olhou para ela, surpresa.

– Você é esperta... Veja.

Ela pegou um objeto marrom, parecido com papel, do chão e o ergueu. Inclinando-se para olhar mais de perto, Brianna viu que o que parecia uma folha seca amassada era na verdade o pedaço de uma asa de morcego, o frágil couro translúcido, um osso fino como uma agulha curvado ao longo dele como a nervura central de uma folha.

– Olho de salamandra, e dedo de sapo. Asa de morcego e língua de cachorro – disse Claire. Ela espalhou os ossos sobre o balcão, olhando para eles com fascinação. – O que será que ela quis dizer com isso?

– Ela?

– Nayawenne... a mulher que me deu o amuleto.

Abaixando-se, Claire recolheu os pedaços de folhas na mão – pelo menos Brianna esperava que fossem folhas de verdade – e os cheirou. Havia tantos odores no ar do consultório que ela mesma não conseguia distinguir nada além da doçura forte do mel, mas obviamente o nariz sensível da mãe não teve dificuldade em identificar os aromas individuais.

– Faia-da-terra, bálsamo, gengibre selvagem e erva-de-bicho – disse ela, farejando como um cão de caça. – Um pouco de sálvia, também, acho.

– Salva? Foi o que ela achou que você estava?

Apesar da irritação, Brianna riu.

– Haha, engraçadinha – respondeu a mãe, colocando algumas folhas secas na mesa com os ossos. – Conhecida também como pimenta-d’água. É uma coisinha irritante que cresce perto de riachos. Provoca bolhas e irrita os olhos, ou outras coisas, imagino, se você for descuidado o bastante para se sentar nela sem querer.

Jemmy, reprimendas esquecidas, havia pegado uma pinça cirúrgica e a virava de um lado a outro, obviamente tentando decidir se era comestível. Brianna pensou em tirá-la da mão dele, mas como sua mãe sempre

esterilizava os equipamentos de metal com água fervente, decidiu que a deixaria com ele por enquanto, já que não tinha pontas afiadas.

Deixando-o com Claire, ela foi até a cozinha para pegar água quente e alguns panos para limpar o mel. A sra. Bug estava lá, mas dormia profundamente, roncando baixinho, com as mãos dobradas sobre a barriga redonda e o lenço sobre uma das orelhas.

Ao voltar na ponta dos pés com um balde de água e um monte de panos, ela viu que a maior parte da sujeira já tinha sido varrida e que a mãe estava agachada, olhando embaixo dos móveis.

– Perdeu alguma coisa?

Ela olhou para a prateleira inferior do armário, mas viu que nada faltava, exceto a jarra de mel. Os outros frascos tinham sido colocados de volta no lugar, fechados com rolhas, e tudo parecia como sempre.

– Sim. – Claire abaixou-se ainda mais, franzindo o cenho ao olhar embaixo do armário. – Uma pedra. Mais ou menos deste tamanho... – Ela estendeu a mão, formando um círculo com o indicador e o polegar, descrevendo uma esfera aproximadamente do diâmetro de uma moeda pequena –... e meio azul-acinzentada. Translúcida em alguns pontos. É uma safira bruta.

– Estava no armário? Pode ser que a sra. Bug tenha mudado de lugar.

Claire se sentou sobre os calcanhares, balançando a cabeça.

– Não, ela não toca nada aqui. Além disso, não estava no armário... estava ali dentro.

Ela meneou a cabeça indicando a mesa, onde o saco vazio do amuleto estava ao lado dos ossos e dos restos de plantas.

Uma busca rápida – seguida de uma mais minuciosa – no consultório não revelou nem sinal da pedra.

– Sabe – disse Claire, passando a mão pelos cabelos enquanto olhava para Jemmy, pensativa. – Detesto sugerir isso, mas você acha...?

– Mer... Ou melhor, meu Deus – disse Brianna, a preocupação se tornando um leve desespero.

Ela se abaixou para olhar para Jemmy, que a ignorou, concentrado na

tarrafa de enfiar a pinça na narina esquerda.

– *Havia* fragmentos de plantas secas no mel ao redor da boca de Jemmy, mas certamente era só alecrim ou tomilho...

Incomodado por ser examinado tão de perto, ele tentou acertá-la com a pinça, mas ela segurou seu braço com força, tirando a pinça dele com a outra mão.

– Não bata na mamãe – disse ela automaticamente. – Não é legal. Jem... Você engoliu a pedra da vovó?

– Não – respondeu ele, de modo igualmente automático, pegando a pinça. – Minha!

Ela cheirou o rosto dele, fazendo-o se afastar assustado, mas não teve certeza. No entanto, não acreditava se tratar de alecrim.

– Venha cheirá-lo – disse ela à mãe, levantando-se. – Não consigo identificar.

Claire se abaixou para cheirá-lo e Jemmy se contorceu e começou a rir, preparando-se para uma divertida brincadeira de “venha me comer”. Mas ficou decepcionado: a avó apenas respirou fundo e disse com determinação “gengibre selvagem”, em seguida se aproximou para ver melhor, pegando um pano úmido para limpar o mel, apesar dos gritos de protesto cada vez mais fortes.

– Olhe.

Claire apontou a pele macia ao redor da boca de Jemmy.

Limpa, Brianna conseguiu ver com clareza – duas ou três bolhinhas, como pequenas pérolas.

– Jeremiah – disse ela com firmeza, tentando olhar nos olhos dele. – Diga à mamãe. Você comeu a pedra da vovó?

Jeremiah evitou o olhar dela e recuou, escondendo as duas mãos atrás do corpo.

– Não bate – disse ele. – Não bom!

– Não vou bater em você – garantiu ela, segurando um de seus pés. – Só quero saber. Você engoliu uma pedra deste tamanho?

Ela mostrou o polegar e o indicador. Jemmy riu.

– Quente – disse ele.

Aquela era sua nova palavra preferida, aplicada sem distinção a qualquer objeto do qual ele gostasse.

Brianna fechou os olhos, suspirando irritada, em seguida os abriu para olhar para a mãe.

– Acho que sim. Vai machucá-lo?

– Acho que não.

Claire olhou para o neto pensativa, dando batidinhas nos lábios com o dedo. Então, atravessou a sala, abrindo um dos armários altos e tirando de lá uma garrafa de vidro marrom.

– Óleo de rícino – explicou ela, procurando uma colher na gaveta. – Não é *tão* gostoso quanto mel – acrescentou, olhando para Jemmy –, mas *muito* eficiente.

Óleo de rícino podia ser eficiente, mas demorava um pouco a fazer efeito. De olho em Jemmy, que foi colocado para brincar com seu cesto de blocos de madeira depois de tomar o óleo, Brianna e Claire usaram o tempo de espera para arrumar o consultório e em seguida se voltaram para a tarefa tranquila, mas demorada, de fazer remédios. Fazia muito tempo que Claire não tinha tempo para isso, e havia uma quantidade enorme de folhas, sementes e raízes para serem rasgadas, raladas, trituradas e fervidas em água, colocadas em infusão em óleo, extraídas com álcool, coadas com gaze, misturadas a cera de abelha ou banha de urso derretidas, misturadas a talco ou transformadas em pílulas, e por fim colocadas em frascos e jarros ou em sacos para serem preservadas.

O dia estava agradavelmente quente, e elas deixaram as janelas abertas para que o vento entrasse, ainda que isso significasse ter que ficar espantando moscas e outros insetos e recolhendo abelhas que caíam em alguma solução fervente.

– Cuidado, querido! – Brianna se abaixou depressa para afastar uma abelha que havia pousado em um dos blocos de Jemmy pouco antes de Jem

pegá-lo. – Inseto malvado. Ai!

– Elas sentem o cheiro do mel nele – disse Claire, afastando outra. – É melhor eu devolver um pouco para elas.

Ela colocou uma tigela de água com mel na janela, e em poucos minutos as abelhas estavam aglomeradas na borda, bebendo sem parar.

– Decididas, não? – Brianna observou, secando uma gota de suor que descia entre seus seios.

– Bem, a determinação leva longe – murmurou Claire distraída, franzindo levemente o cenho ao misturar uma solução que esquentava sobre uma chama a álcool. – Isso parece pronto para você?

– Você sabe muito mais do que eu. – Ainda assim, ela se inclinou para a frente e cheirou. – Acho que sim; o cheiro é bem forte.

Claire enfiou o dedo na tigela e o levou à boca.

– Hum, sim, acho que sim.

Tirando a tigela da chama, ela despejou o líquido verde-escuro cuidadosamente por uma peneira de gaze dentro de uma garrafa. Havia várias outras garrafas de vidro altas enfileiradas sobre o balcão, a luz do sol fazendo seu conteúdo brilhar como pedras preciosas vermelhas, verdes e amarelas.

– Você sempre soube que nasceu para ser médica? – perguntou Brianna, com curiosidade.

A mãe balançou a cabeça, cortando com cuidado um punhado de casca de corniso com uma faca afiada.

– Nunca pensei nisso quando era jovem. A maioria das mulheres não pensava nisso naquela época, claro. Quando era novinha, sempre pensei que ia me casar, ter filhos, constituir família... Você acha que Lizzie está bem? Achei que ela estava um pouco amarelada ontem à noite, mas talvez fosse apenas a luz da vela.

– Acho que ela está bem. Será que ela realmente está apaixonada por Manfred?

Eles tinham comemorado o noivado de Lizzie e Manfred McGillivray na noite anterior, com a família McGillivray inteira vindo de sua casa para um jantar farto. A sra. Bug, que gostava muito de Lizzie, tinha feito o melhor que

podia; não era à toa que estava sonolenta agora.

– Não – disse Claire com franqueza. – Mas desde que ela não esteja apaixonada por mais ninguém, provavelmente vai ficar tudo bem. Ele é um bom rapaz e bem bonito. E Lizzie gosta da mãe dele, o que também é bom, dadas as circunstâncias.

Ela sorriu ao pensar em Ute McGillivray, que passara a tratar Lizzie como uma filha, pegando os petiscos mais deliciosos e servindo-os a Lizzie, como um pássaro alimentando seus filhotes no ninho.

– Acho que ela gosta mais da sra. McGillivray do que de Manfred. Ela era muito jovem quando a mãe morreu e, de certo modo, vai ser bom para ela ter alguém que cumpra esse papel.

Brianna olhou para a mãe pelo canto do olho. Ela se lembrava muito bem da sensação de não ter mãe – e da pura alegria de voltar a ter. Por reflexo, olhou para Jemmy, que estava mantendo uma conversa animada, ainda que ininteligível, com o gato Adso.

Claire assentiu, colocando a casca picada em suas mãos dentro de um jarro pequeno e redondo cheio de álcool.

– Sim. Ainda assim, acho que é bom que eles esperem um pouco, Lizzie e Manfred, quero dizer... para se acostumarem um com o outro.

Ficou decidido que o casamento aconteceria no verão seguinte, depois que Manfred tivesse terminado de montar sua loja em Woolam's Creek.

– Espero que isso funcione.

– O quê?

– A casca de corniso. – Claire tampou a garrafa com uma rolha e a colocou no armário. – No livro do dr. Rawlings está escrito que pode ser usado como substituto da casca de quinquina, para o quinino, você sabe. Certamente é mais fácil de conseguir, sem falar que é menos caro.

– Ótimo... Espero que funcione.

A malária de Lizzie estava controlada havia vários meses, mas sempre havia a ameaça de recorrência, e a casca de quinquina *era* terrivelmente cara.

O assunto da conversa que tiveram antes permaneceu na mente dela, e ela o retomou ao pegar um punhado de folhas frescas de sálvia para colocar no

almofariz, amassando-as cuidadosamente antes de colocá-las em infusão.

– Você disse que não pretendia ser médica quando era jovem. Mas pareceu bastante determinada a isso depois.

Brianna tinha lembranças esparsas mas muito claras do tempo de formação médica de Claire; ainda podia sentir o cheiro de hospital nas roupas e nos cabelos da mãe, e sentir o toque suave e frio das roupas verdes de cirurgia que a mãe usava às vezes quando ia beijá-la à noite, ao chegar tarde do trabalho.

Claire não respondeu de imediato, concentrando-se nos cabelos de milho secos que estava limpando, tirando as partes apodrecidas e jogando-as pela janela aberta.

– Bem – disse ela, finalmente, sem desviar os olhos do trabalho. – As pessoas, e não só as mulheres, claro... as pessoas que sabem quem são, e o que devem se tornar... elas encontram um jeito. Seu pai... e me refiro a Frank... – Ela pegou os cabelos de milho limpos e os colocou em um cesto pequeno, espalhando pedacinhos sobre o balcão. – Ele era um ótimo historiador. Gostava do assunto, e tinha o dom da disciplina e da concentração que o tornaram um sucesso, mas não era, de fato, uma... *uma vocação*. Ele mesmo me disse que poderia ter feito outras coisas igualmente bem, e não teria importado muito. Para algumas pessoas, uma determinada coisa importa *muito*, no entanto. E quando importa... bem, a medicina era muito importante para mim. Eu não sabia, no começo, mas depois percebi que era o que eu estava destinada a fazer. E quando eu soube disso...

Ela deu de ombros, limpando as mãos, e cobriu o cesto com um pedaço de linho, amarrando-o com barbante.

– Sim, mas... nem sempre podemos fazer o que nascemos para fazer, certo? – perguntou ela, pensando na cicatriz do pescoço de Roger.

– Bem, a vida realmente nos força a fazer algumas coisas – murmurou a mãe. Ela ergueu o olhar, encontrando os olhos de Brianna, e seus lábios se abriram em um sorriso tímido. – E para o homem comum, ou para a mulher comum, a vida que eles encontram costuma ser a vida que levam. Marsali, por exemplo. Acho que nunca passou pela cabeça dela que poderia fazer

outra coisa. A mãe dela cuidava da casa e dos filhos, e ela não vê motivos para fazer diferente. E ainda assim... – Claire deu de ombros e estendeu o braço sobre a mesa para pegar o outro almofariz. – Marsali tinha uma grande paixão... por Fergus. E isso bastou para tirá-la do rumo que sua vida estava tomando...

– Rumo a outra igual à anterior?

Claire abaixou a cabeça assentindo, sem olhar para a frente.

– Sim... exceto pelo fato de que ela está na América, e não na Escócia. E ela tem Fergus.

– Como você tem Jamie?

Ela raramente se referia a ele pelo nome, e Claire olhou para ela, surpresa.

– Sim – disse ela. – Jamie faz parte de mim. Assim como você. – Ela tocou o rosto de Bree, depressa e com leveza, e então se virou, esticando-se para pegar um punhado de ramos de manjerona da fileira de ervas penduradas na viga sobre a lareira. – Mas nenhum de vocês dois é toda a minha pessoa – disse ela, de costas. – Eu sou... o que sou. Médica, enfermeira, curandeira, bruxa... como as pessoas quiserem chamar, o nome não importa. Eu nasci para ser isso, e serei isso até morrer. Se eu perdesse você, ou Jamie, não seria mais uma pessoa completa, mas ainda teria isto. Por um tempo – continuou ela, tão baixo, que Brianna teve que se esforçar para ouvi-la –, depois que voltei... antes de você... isso era tudo o que eu tinha. Só o conhecimento.

Claire amassou a manjerona seca no almofariz e pegou o pilão para triturá-la. O som de botas veio do lado de fora, e em seguida a voz de Jamie, um comentário simpático para uma galinha que atravessou seu caminho.

E amar Roger, amar Jemmy, não bastava para ela? Certamente deveria bastar. Ela teve uma sensação assustadora, de vazio, de que talvez não fosse o bastante, e falou depressa, antes que o pensamento encontrasse palavras:

– E o papai?

– O que tem ele?

– Ele... você acha que ele sabe o que é?

As mãos de Claire pararam e o pilão deixou de fazer barulho.

– Ah, sim – respondeu ela. – Ele sabe.

– Um proprietário de terras? É assim que você chamaria?

A mãe hesitou, pensando.

– Não – disse ela por fim. Pegou o pilão e começou a triturar de novo. O cheiro da manjerona seca tomou conta do consultório como incenso. – Ele é um homem – disse ela –, e isso não é pouco.

SOZINHA

Brianna fechou o livro com uma mistura de alívio e agouro. Ela não se opusera à ideia de Jamie para que ensinasse as meninas da Cordilheira dos Frasers a ler. Isso enchia a casa de movimento por algumas horas, e Jemmy adorava ser mimado por meia dúzia de mães em miniatura.

Ela, entretanto, não tinha o dom de lecionar, e sempre se sentia aliviada ao fim de cada aula. A sensação de agouro sempre vinha em seguida. A maioria das meninas ia até lá sozinha, ou sob os cuidados de uma irmã mais velha. Anne e Kate Henderson, que viviam a 3 quilômetros, eram acompanhadas pelo irmão mais velho, Obadiah.

Ela não sabia bem como ou quando tinha começado. Talvez desde o primeiro dia, quando ele a olhara nos olhos, sorrindo brevemente, e mantivera o olhar fixo por um momento um pouco longo demais antes de dar um tapinha na cabeça das irmãs e deixá-las a seus cuidados. Mas não houvera nada a que ela pudesse se opor razoavelmente. Nem agora, nem no início. Mas ainda assim...

Para ser sincera, Obadiah Henderson a assustava. Era um rapaz alto de cerca de 20 anos, musculoso e de aparência agradável, cabelos castanhos e olhos azuis. Mas havia alguma coisa nele que não estava certa; uma sensação de algo brutal em relação a sua boca, algo feroz nos olhos fundos. E algo muito perturbador no modo com que olhava para ela.

Detestava ir até a porta no fim da aula. As menininhas saíam correndo em uma confusão de vestidos e risos – e Obadiah estava sempre esperando, recostado em uma árvore, sentado na amurada do poço, certa vez inclusive

recostado preguiçosamente no banco do lado da porta.

A incerteza constante por nunca saber onde ele estaria, mas sabendo que ele estava ali, em algum lugar, a irritava quase tanto quanto aquele meio sorriso dele, e a risadinha silenciosa ao se afastar, quase piscando, como se ele soubesse algum segredo obscuro sobre ela, mas tivesse decidido guardá-lo para si... por enquanto.

Ela pensou, com certa ironia, que seu desconforto perto de Obadiah se devia, pelo menos em parte, a Roger. Ela havia se acostumado a ouvir coisas que não eram ditas em voz alta.

E Obadiah não falava em voz alta. Ele não dizia nada a ela, não tinha atitudes inadequadas em relação a ela. Podia pedir que não olhasse para ela? Seria ridículo. Era ridículo, também, que algo tão simples fizesse seu coração se acelerar quando abria a porta, e o suor se acumular em suas axilas quando o via.

Preparando-se, ela abriu a porta para as meninas e disse adeus quando elas se dispersaram, e então ficou parada na porta e olhou ao redor. Ele não estava ali. Não estava perto do poço, embaixo da árvore, no banco... em lugar nenhum.

Anne e Kate não estavam olhando; já estavam no meio da clareira com Janie Cameron, as três de mãos dadas.

– Annie! – chamou ela. – Onde está seu irmão?

Annie se virou, com as marias-chiquinhas balançando.

– Ele foi para Salem, senhora – respondeu ela. – Vamos jantar na casa de Jane hoje!

Sem esperar resposta, as meninas saíram saltitantes, como três bolinhas quicando.

A tensão desapareceu lentamente de seu pescoço e de seus ombros quando ela respirou fundo. Sentiu-se vazia por um momento, como se não soubesse exatamente o que fazer. Então, endireitou-se e alisou o avental amassado. Jemmy estava dormindo, ninado pela cantoria anasalada das meninas cantarolando a música do alfabeto. Ela podia aproveitar o cochilo dele para buscar um pouco de nata na casa da fonte. Roger gostava de

biscoitos de nata; ela os prepararia para a ceia, com um pouco de presunto.

A casa da fonte estava fria e escura, e repousante com o som da água correndo por um canal feito de pedras no chão. Ela adorava entrar ali e esperar os olhos se ajustarem à escuridão, para que pudesse admirar as algas verde-escuras grudadas na pedra, sendo levadas pela corrente. Jamie tinha mencionado que uma família de morcegos havia fixado residência na despensa também – sim, lá estavam eles, quatro pacotinhos dependurados no canto mais escuro, cada um deles com pouco mais de 5 centímetros, como rolinhos gregos envoltos em folhas de uva. Ela sorriu ao pensar nisso, mas em seguida sentiu uma súbita angústia.

Ela comera os rolinhos gregos com Roger, em um restaurante em Boston. Não gostava muito de comida grega, mas seria uma lembrança de sua época para dividir com ele, quando contasse sobre os morcegos. Se ela contasse a ele agora, pensou, ele sorriria em resposta – mas o sorriso não estaria em seus olhos, e ela se lembraria sozinha.

Saiu da casa da fonte, caminhando lentamente, com o pote de nata em uma das mãos e um pedaço de queijo na outra. Um omelete de queijo seria uma boa opção para o almoço: fácil de fazer e Jemmy adorava. Ele preferia usar a colher para matar sua presa, e em seguida a devorava desajeitadamente com as duas mãos, mas se alimentava sozinho, e isso era um progresso.

Ela ainda estava sorrindo quando olhou para a varanda e viu Obadiah Henderson sentado em seu banco.

– O que você está fazendo aqui? – Sua voz saiu cortante, porém mais alta do que pretendia. – As meninas disseram que você tinha ido a Salem.

– Eu fui. – Ele se levantou e deu um passo à frente, com aquele sorrisinho. – E voltei.

Ela se controlou para não dar um passo para trás. Aquela era a casa dela e ele não ia fazer com que ela recuasse diante da própria porta.

– Bem, as meninas já foram – disse ela, da maneira mais calma que conseguiu. – Estão na casa dos Camerons.

Seu coração estava acelerado, mas ela passou por ele, a fim de colocar o balde na varanda.

Ela se abaixou e ele apoiou a mão na parte baixa de suas costas. Ela ficou momentaneamente paralisada. Ele não tirou a mão, não tentou acariciar nem apertar, mas ela pesava sobre sua coluna como uma cobra morta. Ela se levantou subitamente e se virou, dando um passo para trás, sem se importar se ele ia perceber que a havia intimidado. Já tinha feito isso.

– Trouxe uma coisa para você – disse ele. – De Salem.

Ele ainda sorria, mas o sorriso agora parecia totalmente desconectado do olhar.

– Não quero – disse ela. – Ou melhor... obrigada. Mas não. Não está certo você... Meu marido não ia gostar de saber disso.

– Ele não precisa saber.

Ele deu um passo na direção dela; ela deu um passo para trás, e o sorriso dele se abriu mais.

– Soube que seu marido não tem ficado muito em casa, ultimamente – disse ele. – Você deve se sentir sozinha.

Ele estendeu uma mão grande em direção ao rosto dela. Então ouviu-se um som estranho e baixo, uma espécie de *tst!*, e o rosto dele ficou inexpressivo, os olhos arregalados, em choque.

Ela olhou para ele por um momento, sem conseguir entender o que havia acontecido. Então, ele virou os olhos arregalados para a mão estendida, e ela viu a pequena faca enfiada na carne de seu braço, e a mancha vermelha que crescia na camisa ao redor da lâmina.

– Saia daqui.

A voz de Jamie estava baixa, mas clara. Ele saiu de trás das árvores, os olhos fixos em Henderson de um modo nada amigável. Ele chegou até eles em três passadas, estendeu a mão e arrancou a faca do braço de Henderson. Obadiah emitiu um som baixo, no fundo da garganta, como um animal ferido, assustado e miserável.

– Vá – disse Jamie. – E não volte mais aqui.

O sangue escorria pelo braço de Obadiah, pingando de seus dedos. Algumas gotas caíram na nata, flutuando vermelhas na superfície amarela. Ainda aturdida, ela reconheceu a beleza atroz daquilo – pareciam rubis

engastados em ouro.

E então o rapaz se foi, a mão livre segurando o braço ferido, andando trôpego e em seguida correndo em direção à trilha. Ele desapareceu em meio às árvores e o jardim na frente da casa ficou muito silencioso.

– Você tinha que fazer isso?

Foi a primeira coisa que ela conseguiu dizer. Estava atordoada, como se ela mesma tivesse sido atingida por algo. As gotas de sangue começavam a se espalhar, as bordas se dissolvendo na nata, e ela achou que ia vomitar.

– Eu deveria ter esperado?

O pai a pegou pelo braço e a puxou para que se sentasse na varanda.

– Não. Mas você... não podia simplesmente... ter *dito* alguma coisa a ele?

Seus lábios estavam dormentes e havia pequenos pontos brilhantes na periferia de seu campo visual. Vagamente, ela percebeu que ia desmaiar e se inclinou para a frente, com a cabeça entre os joelhos, o rosto enterrado na proteção do avental.

– Eu fiz isso. Eu disse para ele ir embora.

A varanda rangeu quando Jamie se sentou ao lado dela.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

Sua voz soava estranha para ela mesma, abafada nas dobras do tecido. Ela se endireitou lentamente; o espruce vermelho perto da casa-grande tremeu levemente diante de seus olhos, mas em seguida se estabilizou.

– O que estava *fazendo*? Se exibindo? Como pôde ter certeza de que acertaria alguém com a faca àquela distância? E o que era aquilo, afinal? Um canivete?

– Sim. Era o que eu tinha no bolso. E, na verdade, eu não pretendia acertá-lo – admitiu Jamie. – Eu pretendia cravá-lo na parede do chalé, e quando ele olhasse para ver a origem do barulho, eu o acertaria por trás. Mas ele se mexeu.

Ela fechou os olhos e respirou fundo pelo nariz, tentando se acalmar.

– Você está bem, *a muirninn*? – perguntou ele baixinho.

Pousou a mão com gentileza em suas costas – em um ponto acima de onde Obadiah a tocara. A sensação foi boa; a mão era grande, quente e

reconfortante.

– Estou bem – respondeu ela, abrindo os olhos. Ele parecia preocupado, e ela fez um esforço, sorrindo. – Bem.

Ele relaxou um pouco, e seus olhos pareceram menos aflitos, apesar de continuarem olhando nos olhos dela.

– Bem – disse ele. – Não é a primeira vez, certo? Há quanto tempo aquele idiota está perturbando você?

Ela respirou fundo de novo e forçou os punhos a se abrirem. Queria minimizar a situação, movida por uma sensação de culpa – deveria ter encontrado uma maneira de pôr fim àquilo. Diante daqueles olhos azuis, no entanto, não podia mentir.

– Desde a primeira semana – respondeu ela.

Ele arregalou os olhos.

– Tanto tempo? E por que não disse nada a seu marido? – perguntou ele, incrédulo.

Ela foi pega de surpresa e procurou uma resposta.

– Eu... bem... não pensei... Quero dizer, não era problema dele.

Ela o ouviu inspirar subitamente, sem dúvida antecedendo algum comentário mordaz a respeito de Roger, e se apressou a defendê-lo.

– Ele... na verdade não *fez* nada. Só olhares. E... sorrisos. Como eu podia dizer a Roger que ele estava *olhando* para mim? Não queria parecer fraca nem indefesa.

Apesar de ter sido ambas as coisas, sabia disso. Essa consciência queimava sob sua pele como mordidas de formiga.

– Eu não queria... ter que pedir a ele que me defendesse.

Ele olhou para ela, com o rosto tomado pela incompreensão. Balançou a cabeça lentamente, sem tirar os olhos dela.

– Para que, em nome de Deus, você acha que um homem *serve*? – perguntou ele, por fim. Ele falava baixo, mas com um tom da mais completa perplexidade. – Quer que ele seja um animal de estimação, é isso? Um cachorrinho? Ou um passarinho engaiolado?

– Você não entende!

– Ah! Não? – Ele soltou o ar, no que poderia ser entendido como um riso sarcástico. – Estou casado há quase trinta anos, e você, há menos de dois. O que acha que não entendo, moça?

– Não é a mesma coisa entre você e a mamãe e entre mim e Roger! – protestou ela.

– Não, não é – concordou ele, com a voz tranquila. – Sua mãe tem respeito pelo meu orgulho, e eu pelo dela. Ou você acha que ela é uma covarde, que não sabe travar as próprias batalhas?

– Eu... Não. – Ela engoliu em seco, sentindo que estava prestes a chorar, mas determinada a não deixar as lágrimas escaparem. – Mas, pai... é diferente. Somos de outro lugar, de outra época.

– Sei muito bem disso – retrucou ele, e ela viu o canto de sua boca se curvar em um meio sorriso. A voz dele se suavizou: – Mas não acho que homens e mulheres fossem tão diferentes na sua época.

– Talvez não. – Ela engoliu em seco, forçando sua voz a não se alterar. – Mas talvez Roger esteja diferente. Desde Alamance.

Ele inspirou como se fosse falar, mas soltou o ar de novo lentamente, sem dizer nada. Ele havia afastado a mão, e ela sentia falta do toque. Ele se recostou um pouco, olhando para a frente, e seus dedos tamborilaram as tábuas da varanda entre eles.

– Sim – disse ele, por fim. – Talvez sim.

Ela ouviu uma pancada abafada na casa atrás deles, então mais uma. Jem estava acordado, jogando os brinquedos para fora do berço. Logo ele ia começar a chamá-la para pegá-lo. Ela se levantou de repente, ajeitando o vestido.

– Jem acordou. Preciso entrar.

Jamie se levantou, pegou o balde e jogou a nata na grama.

– Vou buscar mais – falou, e se foi antes que ela pudesse dizer a ele que não se preocupasse.

Jem estava de pé, segurando-se na lateral do berço, pronto para fugir, e se lançou nos braços dela quando ela se abaixou para pegá-lo. Ele estava ficando pesado, mas ela o apertou contra o peito, pressionando o rosto em sua

cabeça de cabelos úmidos por causa do suor. Seu coração batia com força, dolorido dentro do peito.

“Você deve se sentir sozinha”, dissera Obadiah Henderson. E ele tinha razão.

CREME DE COALHADA

Jamie se inclinou para trás, suspirando satisfeito. Quando começou a se levantar, no entanto, a sra. Bug saiu de onde estava e balançou um dedo para ele, em advertência.

– Pare, senhor, pare. Não vai a lugar nenhum, pois preparei bolo de gengibre e coalhada fresca e não pretendo jogá-los no lixo!

Brianna cobriu a boca, com o som abafado característico de quem espirra leite pelo nariz. Jamie e o sr. Bug olharam para ela com curiosidade, mas não fizeram comentários.

– Bem, certamente vou explodir, sra. Bug, mas espero morrer feliz – disse Jamie. – Pode trazer, então... No entanto, vou pegar uma coisinha enquanto a senhora serve.

Com agilidade impressionante para um homem que havia acabado de consumir quase 1 quilo de salsicha apimentada com maçãs fritas e batatas, ele saiu da cadeira e desapareceu pelo corredor em direção a seu escritório.

Respirei fundo, feliz por ter sentido o cheiro dos bolinhos de gengibre sendo preparados naquela tarde e por ter tomado a precaução de tirar meu corpete antes de me sentar para jantar.

– Qué culhada! – gritou Jemmy, acentuando a palavra de forma infalivelmente calculada para causar consternação maternal. Ele batia com as mãos na mesa em êxtase, cantarolando a plenos pulmões. – CU-lhada! CU-lhada!

Roger olhou para Bree sorrindo timidamente, e eu fiquei feliz em ver que ela percebeu o sorriso e retribuiu enquanto segurava as mãos de Jemmy e

dava início à tarefa de limpar os restos do jantar do rosto dele.

Jamie voltou quando os bolinhos e a coalhada – adoçada e batida até virar um creme – foram servidos. Ele passou o braço por cima do ombro de Roger e colocou a saco de tecido sobre a mesa diante dele, e em cima a pequena caixa de madeira contendo o astrolábio.

– O clima vai ficar bom por mais dois meses, talvez – disse ele casualmente, sentando-se e enfiando o dedo na grande colherada de creme de coalhada em seu prato. Levou o dedo à boca, fechando os olhos com prazer.

– É mesmo? – A palavra saiu engasgada e quase inaudível, mas foi o suficiente para fazer Jemmy parar de balbuciar e olhar para o pai boquiaberto. Eu me perguntei se era a primeira vez que Roger tinha falado naquele dia.

Jamie tinha aberto os olhos e pegado a colher, olhando para a sobremesa com a determinação de um homem que pretende morrer lutando.

– Sim, bem, Fergus vai para o litoral pouco antes de a neve começar a cair, e se ele puder levar os relatórios do levantamento topográfico para serem registrados em New Bern, será ótimo, não acha?

Ele comia os bolinhos de forma metódica, sem olhar para a frente.

Todos ficaram em silêncio, ouviam-se apenas as respirações pesadas e o bater das colheres nos pratos de madeira. E então Roger, que não tinha pegado a colher, falou:

– Eu posso... fazer isso.

Poderia ter sido apenas o esforço necessário para forçar o ar a passar por sua garganta, mas ele deu ênfase à última palavra, e Brianna se retraiu. Só um pouco, mas eu percebi... e Roger também. Ele olhou para ela, e então para o próprio prato, com os cílios compridos sobre a pele escura. Contraíu a mandíbula e pegou a colher.

– Ótimo, então – disse Jamie, de modo ainda mais casual. – Vou mostrar-lhe como fazer. Você pode ir em uma semana.

Ontem à noite, sonhei que Roger estava partindo. Tenho sonhado com a partida dele há uma semana, desde que papai

sugeriu que ele fosse. Sugeriu. Rá-rá. Assim como Moisés trouxe os Dez Mandamentos do monte Sinai.

No sonho, Roger estava guardando as coisas em um grande saco, e eu estava ocupada limpando o chão. Ele não parava de me atrapalhar, e eu empurrava o saco para o lado para poder limpar outra parte do chão. Estava imundo, com todo tipo de manchas e coisas grudentas. Havia ossinhos espalhados por toda parte, como se Adso tivesse comido um pequeno animal ali, e os ossos se enroscavam em meu esfregão.

Não quero que ele vá, mas ao mesmo tempo também quero. Ouço todas as coisas que ele não está dizendo; elas ecoam em minha cabeça. Fico pensando que, quando ele se for, vai haver silêncio.

Ela passou abruptamente do sono para um estado de completa vigília. Acabara de amanhecer, e ela estava sozinha. Havia pássaros cantando na mata. Um deles chilreava perto do chalé, notas agudas e musicais. Seria um tordo?, ela se perguntou.

Sabia que ele havia partido, mas levantou a cabeça para checar. O saco não estava mais ao lado da porta, assim como a trouxa de comida e a garrafa de sidra que ela havia preparado para ele na noite anterior. O *bodhrán* ainda estava pendurado na parede, parecendo flutuar suspenso na luz etérea.

Ela havia tentado fazer com que ele o tocasse de novo, depois do enforcamento, acreditando que ele pelo menos ainda pudesse ter a música, se não a voz. Mas ele resistira, e por fim ela percebeu que o irritava com sua insistência, e parou. Ele faria as coisas à sua maneira... ou não faria nada.

Brianna olhou na direção do berço, mas tudo estava em silêncio, Jemmy ainda dormia. Ela se recostou no travesseiro, levando as mãos aos seios. Estava nua, e os seios estavam macios, arredondados e cheios. Apertou um mamilo delicadamente, e gotinhas peroladas de leite saíram. Uma delas se avolumou, transbordou e escorreu pela lateral de seu seio.

Eles tinham feito amor antes de dormir, na noite anterior. A princípio, ela achou que ele não ia querer, mas quando se aproximou e o abraçou, ele a puxou com força contra si, beijou-a lentamente por muito, muito tempo, e finalmente a levou para a cama.

Ela estava tão angustiada por ele, querendo mostrar seu amor com a boca, as mãos e o corpo, dar a ele algo de si para que levasse, que se esquecera totalmente de si mesma, e se surpreendeu quando o clímax tomou seu corpo. Ela deslizou uma das mãos entre as pernas, lembrando-se da sensação de ser invadida de repente por uma grande onda, ser arrastada por ela sem nada poder fazer. Ela esperava que Roger tivesse notado; ele não tinha dito nada, nem aberto os olhos.

Ele lhe dera um beijo de despedida no escuro antes do amanhecer, ainda em silêncio. Ou não? Ela levou uma mão à boca, subitamente em dúvida, mas não havia vestígios na pele lisa e fria de seus lábios.

Será que ele a beijara antes de partir? Ou ela havia sonhado?

MATADOR DE URSOS

Agosto de 1771

Os cavalos que relinchavam no cercado anunciaram companhia. Curiosa, abandonei meu último experimento e fui espiar pela janela. Não havia cavalo nem homem à vista no jardim da frente, mas os cavalos continuavam resfolegando e se comportando como sempre faziam quando viam alguém novo. A visita deveria estar vindo a pé, então, e devia ter dado a volta até a porta da cozinha – o que a maioria das pessoas faziam, pois eram corteses.

Essa suposição logo foi descartada por um grito estridente vindo da parte dos fundos da casa. Eu espiei no corredor a tempo de ver a sra. Bug sair correndo da cozinha como se fosse uma bola disparada de um canhão, gritando em pânico.

Sem me notar, ela passou em disparada por mim em direção à porta de entrada, que deixou aberta, permitindo que a visse atravessar o jardim da frente e desaparecer na mata, ainda aos berros. Foi uma espécie de anticlímax quando olhei para o outro lado e vi um índio de pé na porta da cozinha, parecendo surpreso.

Nós nos entreolhamos com cautela, mas como eu não parecia inclinada a gritar e sair correndo, ele relaxou um pouco. Como ele parecia estar desarmado, e não tinha o corpo pintado nem outra evidência de que pretendesse fazer algo ruim, relaxei um pouco.

– Osiyo – falei com cuidado, tendo observado que ele era um cherokee e estava vestido para uma visita.

Usava três camisas de calicô, uma por cima da outra, calças simples e um chapéu largo e esquisito, bem parecido com um turbante mal enrolado, que os homens escolhiam para ocasiões formais, além de brincos de prata compridos e um broche bonito em formato de sol nascente.

Ele sorriu abertamente em resposta ao meu cumprimento e disse algo que eu não entendi. Dei de ombros, impotente, mas sorri em resposta, e permanecemos ali, assentindo um para o outro e sorrindo sem parar por muitos momentos, até que o cavalheiro, tomado por uma súbita inspiração, enfiou a mão na gola da camisa – uma peça bonita, com pequenos losangos amarelos sobre um fundo azul – e exibiu uma tira de couro na qual estavam presas as garras curvas de um ou mais ursos.

Ele as ergueu, chacoalhou-as com cuidado, e ergueu as sobrancelhas, olhando de um lado para outro como se procurasse alguém embaixo da mesa ou do armário.

– Ah – falei, compreendendo imediatamente. – Quer falar com meu marido. – Imittei alguém empunhando um rifle. – O Matador de Ursos?

Um vislumbre de belos dentes em um sorriso reluzente recompensou minha inteligência.

– Ele deve chegar a qualquer momento – falei.

Acenei primeiro para a janela, indicando o caminho tomado pela sra. Bug – que, sem dúvida, fora informar a ele que havia selvagens peles-vermelhas na casa, dispostos a matar, mutilar e profanar seu chão limpo –, e em seguida na direção da cozinha.

– Venha comigo, por favor, e aceite alguma coisa para beber.

Ele me seguiu, e estávamos à mesa, bebericando chá e trocando mais meneios de cabeça e sorrisos, quando Jamie entrou, acompanhado não só pela sra. Bug, que vinha grudada nas barras de seu casaco, lançando olhares desconfiados para nosso visitante, mas também por Peter Bewlie.

Nosso convidado foi prontamente apresentado como Tsatsa'wi, irmão da esposa indígena de Peter. Ele vivia em uma cidadezinha a cerca de 45 quilômetros da Linha do Tratado, mas tinha ido visitar a irmã e ia ficar com os Bewlies por um tempo.

– Estávamos fumando um pouco depois da ceia ontem à noite – explicou Peter – e Tsatsa’wi contou à minha esposa a respeito de um problema na aldeia deles... E ela contava a mim, sabem, já que ele não fala inglês e eu não falo muito da língua deles, nada além dos nomes das coisas e de algumas formalidades... Mas, como eu dizia, ele estava contando sobre um urso terrível, que os tem perturbado nos últimos meses.

– Imaginei que Tsatsa’wi estivesse bem preparado para lidar com uma criatura assim, pelo que parece – disse Jamie, indicando o colar de garras do índio com um meneio de cabeça e tocando o próprio peito para indicar.

Ele sorriu para Tsatsa’wi, que evidentemente entendeu o sentido do elogio e abriu um largo sorriso em resposta. Os dois homens se cumprimentaram com um discreto meneio de cabeça enquanto bebiam o chá, em sinal de respeito mútuo.

– Sim – concordou Peter, lambendo as gotas de líquido dos cantos da boca e estalando os lábios em sinal de aprovação. – Ele é um ótimo caçador, Tsatsa’wi, e no curso normal das coisas acho que ele e seus primos cuidariam de tudo sem problema. Mas parece que esse urso em particular é um pouco diferente dos demais. Então eu disse a ele que poderíamos vir aqui e contar a *Mac Dubh* sobre o urso, e talvez ele dispusesse de um pouco de tempo para ir dar um jeito na criatura para eles.

Peter ergueu o queixo para o cunhado e indicou Jamie, com um ar de orgulho. *Está vendo?*, dizia o gesto. *Eu disse a você. Ele consegue.*

Eu me controlei para não sorrir nesse momento. Jamie olhou para mim, pigarreou com modéstia e pousou a xícara.

– Sim, bem, não posso ir de imediato, mas talvez quando tivermos recolhido o feno. Sabe qual é a natureza desse urso problemático, Peter?

– Ah, sim – respondeu Peter animadamente. – É um fantasma.

Engasguei por um momento com o chá. Jamie não pareceu muito chocado, mas esfregou o queixo, em dúvida.

– Hum... Bem, e o que ele fez, afinal?

O urso havia aparecido pela primeira vez quase um ano antes, apesar de ninguém tê-lo visto por um tempo. Houve alguns incidentes comuns de

depredação – desaparecimento de peixes dos varais de secagem ou cordões de milho pendurados do lado de fora das casas, roubo de carne –, mas, a princípio, as pessoas da cidade tinham visto isso apenas como a ação de um urso ligeiramente mais esperto do que o normal, pois o animal comum não se preocupava com o fato de estar sendo observado enquanto agia.

– Ele só vinha à noite, sabe – explicou Peter. – E não fazia muito barulho. As pessoas acordavam e viam seus depósitos arrombados, sendo que não acordaram com nenhum barulho.

Brianna, que vira a saída nada cerimoniosa da sra. Bug e viera investigar a causa, começou a murmurar baixinho – uma canção à qual a memória logo devolveu as palavras. *Ah, ele dormirá até meio-dia, mas antes de escurecer... vai pegar todos os cestos de piquenique do Jellystone Park...* Pressionei um guardanapo nos lábios, secando ostensivamente os restos de chá.

– Eles sabiam que era um urso desde o começo, entende? – explicou Peter. – Pegadas.

Tsatsa’wi conhecia aquela palavra: apoiou as mãos abertas na mesa, polegar com polegar, demonstrando o tamanho da pegada, em seguida tocou a garra mais comprida em seu pescoço, assentindo de modo significativo.

As pessoas da aldeia, totalmente acostumadas com os ursos, tinham tomado as devidas precauções, levando os suprimentos para áreas mais protegidas e deixando os cães fora de casa à noite. O resultado disso foi que vários cães desapareceram – novamente sem um ruído.

Evidentemente, os cães tinham ficado mais cautelosos, e o urso, mais faminto. A primeira vítima foi um homem, morto na floresta. E então, seis meses antes, uma criança tinha sido levada. Brianna parou de murmurar abruptamente.

A vítima era um bebê, levado da margem do rio, onde sua mãe estava lavando roupas ao pôr do sol. Não se ouviu nenhum som, e não foi deixado nenhum vestígio além de uma pegada grande, com marcas de unhas, na lama.

Mais quatro moradores da aldeia tinham sido mortos nos meses que se seguiram. Duas crianças, que colhiam morangos sozinhas no fim da tarde. Um corpo fora encontrado, com o pescoço quebrado, mas nenhum outro

ferimento. O outro havia sumido; marcas indicavam que ele fora arrastado para dentro da floresta. Uma mulher morrera em sua plantação de milho, também pouco antes do pôr do sol, e foi parcialmente comida onde caiu. A última vítima, um homem, estava na verdade caçando o urso.

– Não encontraram nada dele além do arco e de alguns pedaços ensanguentados da roupa – disse Peter.

Ouvi um baque atrás de mim quando a sra. Bug se sentou abruptamente no banco.

– Então eles mesmos o caçaram? – perguntei. – Ou melhor, tentaram?

Peter desviou o olhar de Jamie e me encarou, assentindo com seriedade.

– Ah, sim, sra. Claire. Foi assim que souberam o que era, finalmente.

Um pequeno grupo de caçadores tinha saído à caça do urso, armados com arcos, flechas e dois mosquetes da aldeia. Tinham dado a volta na aldeia perfazendo voltas crescentes, convencidos de que, como o urso se interessava pela aldeia, ele não se afastaria demais. Procuraram por quatro dias, vez ou outra encontrando rastros antigos, mas nenhum sinal do animal.

– Tsatsa’wi estava com eles – disse Peter, apontando o cunhado. – Ele e um de seus amigos ficavam de guarda à noite, vigiando enquanto os outros dormiam. A lua tinha acabado de nascer quando ele se levantou para urinar. Virou-se de volta para a fogueira bem a tempo de ver seu amigo sendo arrastado, morto, com o pescoço esmagado nas garras do animal!

Tsatsa’wi acompanhava o relato com atenção. Nesse momento, ele assentiu, e fez um gesto que parecia ser o equivalente cherokee para o sinal da cruz, um gesto formal e rápido para afugentar o mal. Começou a falar, então, agitando as mãos enquanto explicava os acontecimentos subsequentes.

Claro que ele havia gritado, acordando os outros companheiros, e correria em direção ao urso, esperando assustá-lo para que largasse seu amigo – apesar de ver que o homem já estava morto. Inclinou a cabeça para indicar o pescoço quebrado, deixando a língua de fora em uma expressão que teria sido muito engraçada em circunstâncias diferentes.

Os caçadores estavam acompanhados por dois cães, que também tinham atacado o urso, latindo. A fera derrubou sua presa, mas, em vez de fugir, foi

na direção de Tsatsa'wi, que se jogou para o lado. O urso parou por tempo suficiente para jogar um dos cães longe, e em seguida desapareceu na escuridão da mata, seguido pelo outro cachorro, uma saraivada de flechas e alguns tiros de mosquete – mas não foi atingido por nada.

Eles perseguiram o urso mata adentro com tochas, mas não conseguiram encontrá-lo. O segundo cachorro tinha voltado, um tanto cabisbaixo – Brianna emitiu um leve som sibilante diante da imitação de Tsatsa'wi –, e os caçadores, desalentados, voltaram para sua fogueira e passaram o resto da noite acordados, retornando à aldeia pela manhã. Por isso, Tsatsa'wi indicou com um gesto gracioso, ele estava ali para solicitar a ajuda do Matador de Ursos.

– Mas por que eles acham que é um fantasma?

Brianna se inclinou para a frente, o interesse substituindo o horror inicial ao ouvir a história.

Peter olhou para ela com a sobrancelha erguida.

– Ah, sim, ele não disse... ou melhor, suponho que tenha dito, mas não de um jeito que você entenderia. O animal era muito maior do que um urso normal, segundo ele, e totalmente branco. Ele falou que quando se virou para olhá-lo; os olhos do urso brilhavam como chamas vermelhas. Eles souberam na hora que era um fantasma, por isso não ficaram surpresos quando as flechas não o acertaram.

Tsatsa'wi interveio de novo, apontando primeiro para Jamie, em seguida tocando seu colar de garras, e então – para minha surpresa – apontou para mim.

– Eu? – exclamei. – O que eu tenho a ver com isso?

O cherokee percebeu meu tom de surpresa, pois se inclinou sobre a mesa, pegou minha mão e a acariciou – não de modo carinhoso, mas apenas para indicar minha pele. Jamie riu baixinho.

– Você é muito branca, Sassenach. Talvez o urso pense que você também é um espírito.

Ele fez uma careta para mim, mas Tsatsa'wi claramente entendeu, pois assentiu com seriedade. Ele soltou minha mão e emitiu um som parecido com

o grasnado de um corvo.

– Ah – falei, claramente inquieta.

Não sabia as palavras em cherokee, mas evidentemente as pessoas da aldeia de Tsatsa’wi já tinham ouvido falar do Corvo Branco, assim como do Matador de Ursos. Qualquer animal branco era considerado importante, e muitas vezes sinistro. Eu não sabia se eles queriam dizer que eu poderia exercer algum poder sobre o urso-fantasma – ou simplesmente servir de isca –, mas evidentemente eu estava incluída em seu convite.

E assim, uma semana depois, com o feno armazenado em segurança e quatro peças de carne de veado penduradas no defumador, partimos em direção à Linha do Tratado, determinados a fazer um exorcismo.

Além de Jamie e eu, o grupo era formado por Brianna e Jemmy, os gêmeos Beardsleys e Peter Bewlie, que nos guiaria até a aldeia, já que sua esposa havia seguido na frente com Tsatsa’wi. Brianna não queria nos acompanhar, mais por medo de levar Jemmy mata adentro do que por não querer se unir a nós na caçada, eu supunha. Mas Jamie havia insistido para que ela fosse, alegando que sua boa pontaria seria valiosa. Como ainda não queria desmamar Jemmy, ela foi obrigada a levá-lo – apesar de ele parecer adorar a viagem, os olhos brilhando na frente de sua mãe na sela, tagarelando sozinho sobre tudo o que via ou chupando o dedo, sonolento.

Quanto aos Beardsleys, era em Josiah que Jamie estava interessado.

– O rapaz já matou dois ursos, pelo menos – disse ele a mim. – Vi as peles na Reunião. E se o irmão dele quer nos acompanhar, não vejo mal nisso.

– Nem eu – concordei. – Mas por que está fazendo Bree vir conosco? Você e Josiah não conseguem cuidar do urso sozinhos?

– Talvez – respondeu ele, passando um trapo com óleo no cano de sua arma. – Mas se dois são melhores do que um, então três é melhor ainda, não? Principalmente se atirar como ela atira.

– É mesmo? – perguntei, desconfiada. – E o que mais?

Ele olhou para mim e sorriu.

– Você não acha que tenho segundas intenções, não é, Sassenach?

– Não, eu não acho... Tenho certeza.

Ele riu e abaixou a cabeça em direção à arma. Porém, depois de alguns momentos limpando e lustrando, ele disse, sem olhar para mim:

– Tudo bem. Pensei que não seria má ideia ela fazer amizade com os cherokees. Se por acaso precisar de um lugar para onde ir, em algum momento.

O tom casual não me enganou.

– Em algum momento. Você se refere a quando a Revolução acontecer?

– Sim. Ou... quando morreremos. Independentemente de quando seja – acrescentou ele, pegando a arma e estreitando os olhos para checar a mira.

Ainda estava muito quente, mas senti um arrepio na espinha. Na maior parte dos dias, eu conseguia me esquecer do recorte de jornal – aquele que informava o falecimento de um tal James Fraser e sua esposa, que morreram queimados na Cordilheira dos Frasers. Em outros dias, eu me lembrava dele, mas afastava a possibilidade, recusando-me a pensar nela. Mas, de tempos em tempos, eu acordava à noite com labaredas em minha mente, tremendo, aterrorizada.

– No recorte estava escrito que não havia filhos sobreviventes – disse, determinada a dominar o medo. – Você acha que isso quer dizer que Bree e Roger terão partido... para algum lugar... antes disso?

Para viver com os cherokees, talvez. Ou para passar pelas pedras.

– Pode ser que sim.

O rosto dele estava sério, ele estava concentrado no trabalho. Nenhum de nós dois queria admitir a outra possibilidade – não era preciso, de qualquer maneira.

Apesar de ter relutado em nos acompanhar, Brianna parecia estar aproveitando a viagem. Sem Roger, e livre das tarefas domésticas, ela parecia muito mais relaxada, rindo e brincando com os gêmeos Beardsleys, provocando Jamie e amamentando Jemmy diante da fogueira à noite, antes de se aconchegar com ele e dormir tranquila.

Os Beardsleys também estavam se divertindo. A remoção dos adenoides e das amígdalas inflamadas de Keziah não havia curado sua surdez, mas melhorara sua audição consideravelmente. Agora, ele conseguia ouvir quando as pessoas falavam alto, principalmente quando a pessoa estava de frente para ele, falando com clareza, apesar de ele parecer entender tudo o que seu irmão gêmeo dizia com facilidade, independentemente do volume da voz. Ao vê-lo de olhos arregalados enquanto cavalgávamos pela mata densa e cheia de insetos, atravessando riachos e seguindo por caminhos abertos por cervos em meio à vegetação, percebi que ele nunca tinha estado em lugar nenhum na vida que não fosse o entorno da fazenda dos Beardsleys e a Cordilheira dos Frasers.

Fiquei tentando imaginar o que ele acharia dos cherokees – e os cherokees dele e de seu irmão. Peter dissera a Jamie que os cherokees consideravam gêmeos particularmente abençoados e providos de sorte; a notícia de que os Beardsleys iam participar da caçada deixara Tsatsa’wi animado.

Josiah também parecia estar se divertindo – até onde eu podia dizer, já que ele era muito contido. Conforme nos aproximamos da aldeia, no entanto, achei que ele estava ficando ligeiramente nervoso.

Percebi que Jamie também estava um pouco inquieto, apesar de, no caso dele, eu suspeitar do motivo. Ele não se importava nem um pouco de ajudar em uma caçada, e estava satisfeito por ter a oportunidade de visitar os cherokees. Mas eu acreditava que ter a fama de Matador de Ursos anunciada antes dele o deixava desconfortável.

Essa suposição foi reforçada quando acampamos na terceira noite de nossa jornada. Estávamos a menos de 16 quilômetros da aldeia e chegaríamos com facilidade até meio-dia do dia seguinte.

Percebi que ele se decidia sobre algo enquanto seguíamos, e quando nos sentamos para jantar ao redor da fogueira, eu o vi endireitar os ombros de repente e se levantar. Aproximou-se de Peter Bewlie, que estava sentado, olhando sonhadoramente para o fogo, e o encarou com decisão.

– Tem uma coisa que preciso dizer, Peter. Sobre esse urso-fantasma que

estamos indo encontrar.

Peter olhou para cima, retirado do transe. Sorriu, no entanto, e se afastou a fim de dar espaço para Jamie se sentar.

– Ah, sim, *Mac Dubh*?

Jamie se sentou e pigarreou.

– Bem, veja... a verdade é que não sei muita coisa sobre ursos, já que há muitos anos não se vê nenhum na Escócia.

Peter ergueu as sobrancelhas.

– Mas dizem que você matou um urso enorme com nada além de um punhal!

Jamie esfregou o nariz de um jeito que beirava a irritação.

– Ah, bem... sim, é verdade. Mas não cacei a criatura. Ele veio atrás de mim, então não tive escolha, no fim das contas. Não tenho tanta certeza de que vou ajudar muito na descoberta desse urso-fantasma. Deve ser um urso bem esperto, não? Para ter entrado e saído da aldeia deles por meses sem que ninguém o visse.

– É mais esperto que os ursos comuns – concordou Brianna, contraindo a boca de leve.

Jamie olhou para ela com os olhos semicerrados, que voltou para mim quando me engasguei com um gole de cerveja.

– O que foi? – perguntou ele, irritado.

– Nada – respondi. – Nada mesmo.

Virando as costas para nós com profundo desgosto, Jamie deu de cara com Josiah Beardsley, que, embora não estivesse rindo, tentava conter os lábios.

– O que foi? – rugiu Jamie. – Elas não são muito normais – disse ele, indicando Brianna e eu com o dedo –, mas o que deu em você?

Josiah escondeu imediatamente o sorrisinho do rosto e tentou parecer sério, mas o canto de sua boca continuava contraído, e a vermelhidão que se espalhava por suas bochechas era visível mesmo à luz da fogueira. Jamie estreitou o olhar e um som abafado que podia ser uma risada escapou de Josiah. Ele cobriu a boca com a mão, olhando para Jamie.

– O que foi, então? – perguntou Jamie com educação.

Keziah, obviamente percebendo que algo acontecia, se aproximou do irmão gêmeo, abaixando-se ao lado dele para apoiá-lo. Josiah fez um movimento discreto e inconsciente na direção de Kezzie, mas não desviou o olhar de Jamie. Seu rosto ainda estava vermelho, mas ele parecia ter se controlado.

– Bem, acho melhor dizer, senhor.

– Eu também acho.

Jamie lançou a ele um olhar confuso.

Josiah respirou fundo, resignado.

– Não era sempre um urso. Às vezes, era eu.

Jamie olhou para ele por um momento. E então os cantos de sua boca começaram a se contrair.

– É mesmo?

– Não o tempo todo – explicou Josiah.

Mas quando suas caminhadas pela mata o levavam para perto de uma das aldeias indígenas – “Mas só quando estava com muita fome, senhor” –, ele se apressou em acrescentar –, ele ficava à espreita na floresta próxima, entrando sorrateiramente na aldeia quando escurecia e surrupiando qualquer coisa comestível que estivesse à mão. Permanecia na área por alguns dias, comendo das provisões da aldeia até sua força e sua bolsa estarem reabastecidas, e então voltava a caçar, retornando, por fim, com suas peles para a caverna onde havia feito um depósito.

A expressão de Kezzie ao longo da explicação não tinha se alterado; eu não sabia ao certo quanto ele tinha ouvido, mas ele não pareceu surpreso. Apoiou a mão no braço do irmão gêmeo por um momento, e então a tirou, pegando um pedaço de carne.

Brianna tinha parado de rir, e ela ouviu a confissão de Josiah franzindo o cenho.

– Mas você não... quero dizer, tenho *certeza* de que você não levou o bebê. E não matou a mulher que foi parcialmente comida... certo?

Josiah hesitou, apesar de parecer mais desconcertado do que chocado com

a pergunta.

– Ah, não. Por que eu faria isso? Você não acha que eu os comi, acha? – Ele sorriu ao dizer isso, uma covinha aparecendo em uma das bochechas. – Olha, já passei tanta fome algumas vezes, que cheguei a pensar nisso se encontrasse alguém morto, desde que fosse algo bem recente – disse ele. – Mas nunca fiquei faminto o bastante para matar alguém de propósito.

Brianna pigarreou de modo assustadoramente parecido com os ruídos escoceses de Jamie.

– Não, não achei que você os tivesse comido – disse ela, séria. – Só pensei que, se *alguém* os tivesse matado, por algum outro motivo, o urso poderia ter aparecido e comido os corpos.

Peter assentiu pensativo, parecendo interessado, mas alheio às confissões.

– Sim, um urso pode fazer isso – disse ele. – Eles não são muito seletivos em relação à comida. Comem carniça sem grandes problemas.

Jamie assentiu em resposta, mas sua atenção ainda estava fixa em Josiah.

– Sim, já ouvi isso. Mas Tsatsa’wi disse que viu o urso levar seu amigo, então ele realmente *mata* pessoas, não?

– Bem, ele matou aquele – concordou Josiah.

Mas havia um tom estranho em sua voz, e Jamie pareceu mais atento. Ele ergueu uma das sobrancelhas para Josiah, que mexia os lábios lentamente, decidindo algo. Ele olhou para Kezzie, que sorriu para ele. Kezzie, eu reparei, tinha uma covinha na bochecha esquerda, enquanto a de Josiah era na direita.

Josiah suspirou e virou-se para encarar Jamie.

– Eu não ia dizer nada sobre essa parte – disse ele francamente. – Mas o senhor tem sido sincero conosco, e eu não acho certo deixar que o senhor vá caçar aquele urso sem saber o que mais pode estar por lá.

Senti os pelos da nuca se arrepiarem e resisti ao impulso repentino de me virar e olhar para as sombras atrás de mim. A vontade de rir havia desaparecido.

– O que mais? – Jamie baixou lentamente o pedaço de pão que estava prestes a morder. – E... o que mais *pode* haver lá, então?

– Bem, só vi uma vez com certeza, entende? – alertou Josiah. – E era uma

noite sem lua, também. Mas eu havia passado a noite toda fora, e meus olhos estavam bem acostumados com a luz das estrelas... O senhor sabe como é.

Jamie assentiu, parecendo confuso.

– Sim, sei bem o suficiente. E onde você estava nesse momento?

Perto da aldeia para a qual estávamos indo. Josiah já tinha estado lá antes e estava familiarizado com a disposição do lugar. Uma casa no fim da aldeia era sua meta. Havia cordões de milho pendurados para secar embaixo da calha, e ele achava que poderia pegar um deles com facilidade, desde que não despertasse os cães.

– Se um deles desperta, todos saem latindo atrás de você – disse ele, balançando a cabeça. – E ainda faltavam algumas horas para o amanhecer. Então fui me aproximando devagar, procurando para ver se um dos animais estava dormindo encolhido perto da casa na qual eu estava de olho.

Escondido na mata, ele tinha visto uma figura sair da casa. Como nenhum dos cachorros se manifestou, era razoável concluir que a pessoa morava lá. O homem fizera uma pausa para urinar e então, para temor de Josiah, pegou flechas e arco e marchou diretamente para a mata onde ele estava escondido.

– Não pensei que ele pudesse estar atrás de mim, mas subi em uma árvore rápido e silencioso como um felino – disse ele, sem se gabar.

O homem provavelmente era um caçador, partindo em direção a um rio distante onde guaxinins e cervos bebericam água ao amanhecer. Sem ver necessidade de se precaver tão perto de sua aldeia, o homem não tivera cuidado algum, caminhando pela floresta em silêncio, mas sem tentar passar despercebido.

Josiah ficou agachado em sua árvore, poucos metros acima da cabeça do homem, prendendo a respiração. O homem continuou em frente, desaparecendo de vez na mata densa. Josiah estava prestes a descer do galho quando ouviu uma exclamação repentina de surpresa, seguida pelos sons de uma breve luta que terminou com um baque esquisito.

– Igual a uma abóbora madura quando batemos uma pedra nela para abri-la – disse ele a Jamie. – Eu quase me borrei todo ao ouvir aquele barulho, ali no escuro.

Mas o medo não foi páreo para a curiosidade, e ele se esgueirou pela mata na direção do som. Ouviu um farfalhar e, ao espiar com cuidado por entre os galhos de um cedro, viu uma figura humana caída no chão e outra debruçada sobre ela, evidentemente se esforçando para tirar uma peça de roupa do corpo do homem.

– Ele estava morto – explicou Josiah, sério. – Senti o cheiro do sangue, e um cheiro de merda também. Acho que o rapazinho acertou a cabeça dele com uma pedra ou talvez um porrete.

– Rapazinho? – Peter vinha acompanhando a história com muita atenção. – Quão pequeno ele era? Viu o rosto dele?

Josiah balançou a cabeça.

– Não, não vi nada além da sombra dele, movimentando-se por ali. Estava muito escuro; o céu ainda não tinha começado a clarear. – Ele estreitou os olhos, fazendo uma estimativa mental. – Acho que ele era mais baixo do que eu, talvez da mesma altura.

Ele estendeu a mão para ilustrar, medindo uma distância de cerca de 1,40 metro do chão.

O assassino, entretanto, fora interrompido durante seu trabalho de pilhagem do corpo. Josiah, concentrado em observar a cena, não percebeu nada até ouvir o som repentino de um galho se partindo e o *uff* perscrutador de um urso se aproximando.

– Pode acreditar que o rapazinho saiu correndo quando ouviu isso – disse ele a Jamie. – Passou por mim em disparada, à mesma distância que o senhor está de mim agora. Foi a única oportunidade que tive de dar uma boa olhada nele.

– Bem, não nos deixe nesse suspense – falei quando ele parou para beber um gole de cerveja. – *Como* ele era?

Ele limpou a espuma do bigode ralo, parecendo pensativo.

– Bem, senhora, eu tive quase certeza de que ele era o demônio. Só achava que o demônio fosse maior – disse ele, tomando mais um gole.

Essa frase naturalmente causou certa confusão. Depois de mais elucidações, concluímos que Josiah queria dizer que o “rapazinho” misterioso

era negro.

– Só quando fui àquela Reunião de vocês é que percebi que algumas pessoas simplesmente *são* negras – explicou ele. – Eu nunca tinha visto nenhum negro, nem ouvido falar a respeito.

Kezzie assentiu com seriedade ao ouvir isso.

– Demônio no Livro – disse ele, com sua voz estranha e rouca.

“O Livro”, aparentemente, era uma antiga Bíblia que Aaron Beardsley havia pegado em algum lugar para vender e para a qual nunca encontrou um comprador. Nenhum dos dois garotos tinha aprendido a ler, mas gostavam muito de ver as figuras do Livro, entre as quais havia vários desenhos do demônio, ilustrado como uma criatura preta agachada, realizando seu trabalho escuso de tentar seduzir.

– Não vi cauda bipartida – disse Josiah, balançando a cabeça –, mas ele passou tão depressa que eu achei que simplesmente não tinha enxergado no escuro.

Sem querer chamar a atenção de uma pessoa assim para si, Josiah permanecera imóvel e, portanto, em uma posição que lhe permitira ouvir o urso devotando sua atenção ao infeliz morador da aldeia.

– É como o sr. Peter diz – observou ele, assentindo para Peter Bewlie, em reconhecimento. – Os ursos não são cuidadosos. Não cheguei a ver esse, então não sei dizer se era branco ou não, mas ele com certeza comeu aquele índio. Eu o ouvi, mastigando e babando sem parar.

Ele não parecia se incomodar com a lembrança, mas vi Brianna ficar tensa ao pensar na cena.

Jamie e Peter se entreolharam, em seguida voltaram a olhar para Josiah. Jamie passou um dedo lentamente pela ponte do nariz, pensando.

– Bem – disse ele, por fim –, parece que nem todas as coisas ruins que aconteceram na aldeia de seu cunhado podem ser jogadas nas costas do urso, certo? Afinal, Josiah roubou comida e os demônios negros mataram pessoas. O que acha, Peter? Um urso pode tomar gosto pela carne humana depois de experimentá-la e sair caçando seres humanos sozinho?

Peter assentiu lentamente, com o rosto franzido em concentração.

– Pode ser que sim, *Mac Dubh* – respondeu ele. – E se tem um negro maldito na floresta, como saber quantos o urso matou e de quantos o demônio negro deu cabo, com a culpa sendo atribuída ao urso?

– Mas quem é esse demônio negro? – perguntou Bree.

Os homens se entreolharam e deram de ombros ao mesmo tempo.

– Deve ser um escravo fugido, certamente – falei, erguendo as sobrancelhas para Jamie. – Não vejo por que um negro livre, em sã consciência, partiria mata adentro sozinho dessa forma.

– Talvez ele não esteja em sã consciência – sugeriu Bree. – Escravo ou livre. Se ele está por aí matando pessoas...

Ela lançou um olhar inquieto para a mata ao nosso redor e pousou a mão em Jemmy, que estava aconchegado em um cobertor no chão ao lado dela, adormecido.

Os homens olharam automaticamente para suas armas, e até mesmo eu enfiei a mão por baixo do avental para tocar a faca que levava no cinto para cortar e picar.

A floresta pareceu de repente sinistra e claustrofóbica. Era fácil demais imaginar olhos à espreita nas sombras, atribuir o farfalhar suave e constante das folhas a passos furtivos ou ao roçar de uma pelagem.

Jamie pigarreou.

– Sua esposa não mencionou demônios negros, Peter?

Bewlie balançou a cabeça. A preocupação com que ele havia acompanhado a história de Josiah ainda estava estampada em seu rosto, mas um pequeno toque de diversão brilhava em seus olhos.

– Não, não posso dizer que tenha, *Mac Dubh*. A única coisa de que me lembro nesse sentido é do Homem Negro do Oeste.

– E quem é esse? – perguntou Josiah, interessado.

Peter deu de ombros e coçou a barba.

– Sim, bem, eu não diria que é alguém, por assim dizer. Só que os xamãs dizem que existe um espírito que vive em cada uma das quatro direções, e cada espírito tem uma cor. Então, quando eles vão fazer suas orações e coisas assim, podem chamar o Homem Vermelho do Leste para ajudar a pessoa por

quem estão cantando, porque vermelho é a cor do triunfo e do sucesso. Norte é azul, o Homem Azul, para dar ao espírito do Norte o nome certo; significa fracasso e problema. Então, você o invocaria para levar a seu inimigo um pouco de sofrimento, entende? No Sul, é o Homem Branco, e ele significa paz e felicidade; eles cantam para ele para as mulheres grávidas e coisas assim.

Jamie parecia ao mesmo tempo surpreso e interessado ao ouvir aquilo.

– É bem parecido com os nossos quatro *airts*, não acha, Peter?

– Sim – concordou Peter, assentindo. – Estranho, não? Que os cherokees tenham crenças tão parecidas com as nossas, das Terras Altas.

– Bem, não tanto. – Jamie fez um gesto indicando a floresta escura, além do pequeno círculo de nossa fogueira. – Eles vivem como nós, certo? Caçadores e moradores das montanhas. Por que não veriam o que vimos?

Peter assentiu lentamente, mas Josiah estava impaciente com todo esse filosofar.

– Bem, o que é o Homem Negro do Oeste então? – perguntou ele.

Jamie e Peter viraram a cabeça para olhar para ele como se fossem um só. Os dois homens não se pareciam nem um pouco – Peter era baixo, atarracado, barbudo, e Jamie era alto e elegante, mesmo com as roupas de caça –, mas ainda assim havia algo idêntico nos olhos deles que me causava arrepios, como patinhas de ratos percorrendo minha espinha. “O que vimos”, realmente! Eu pensei.

– O Oeste é o lar dos mortos – disse Jamie baixinho, e Peter assentiu, sério.

– E o Homem Negro do Oeste é a própria morte – acrescentou ele. – Ou pelo menos é o que dizem os cherokees.

Josiah murmurou que não gostava muito *daquela* ideia, mas Brianna gostava menos ainda.

– Eu *não* acredito que o espírito do Oeste estivesse na mata golpeando a cabeça das pessoas – declarou ela, com firmeza. – Josiah viu uma pessoa. E foi uma pessoa negra. Portanto, ou era um negro livre ou era um escravo fugido. E dadas as circunstâncias, imagino que fosse um escravo fugido.

Eu não tinha certeza de que se tratasse de uma questão para um processo democrático, mas estava inclinada a concordar com ela.

– E tem mais uma coisa – disse ela, olhando ao redor. – E se esse negrinho for o responsável por algumas das pessoas meio comidas? Alguns dos escravos africanos não são canibais?

Os olhos de Peter Bewlie se arregalaram ao ouvir aquilo; os dos Beardsleys também. Kezzie lançou um olhar desconfiado por cima do ombro e se aproximou de Josiah.

No entanto, Jamie pareceu animado com a sugestão.

– Bem, acho que é possível encontrar canibais em alguns lugares na África – concordou ele. – Mas não posso dizer que já tenha ouvido falar sobre um deles entre os escravos. Acho que eles não seriam empregados domésticos muito bons, certo? A pessoa teria medo de virar de costas e levar uma mordida no traseiro.

Esse comentário fez todos rirem e aliviou um pouco a tensão. As pessoas começaram a se movimentar e a se preparar para dormir.

Tivemos o cuidado de colocar a comida em dois dos alforjes, que Jamie pendurou em uma árvore, a uma boa distância do acampamento. Mesmo que o urso-fantasma tivesse se revelado menos poderoso do que se supunha, todos concordaram sem precisar dizer nada que não havia motivos para arriscar.

Na maior parte do tempo, eu conseguia deixar de lado o fato de vivermos no meio do mato. De vez em quando, alguma evidência clara esfregava esse fato no meu nariz: visitas noturnas de raposas, gambás e guaxinins, ou os ocasionais urros irritantes de panteras, com sua sinistra semelhança com os gritos de mulheres ou crianças pequenas. Estava silencioso agora, onde estávamos. Mas não havia como ficar no meio daquelas montanhas à noite, submersos no completo breu, ouvindo os murmúrios secretos das grandes árvores acima e fingindo que estávamos em qualquer outro lugar que não nas garras da floresta virgem – ou de duvidar de que a mata pudesse nos engolir de uma só vez, se quisesse, sem deixar nenhum vestígio de nossa existência.

Apesar de toda a lógica, Brianna não estava de modo algum imune aos

sussurros da floresta – não com uma criança pequena para cuidar. Ela não ajudou com os preparativos do acampamento para dormirmos; em vez disso, ficou sentada ao lado de Jemmy, carregando seu rifle.

Jamie, depois de olhar para Brianna rapidamente, anunciou que ele e ela ficariam de guarda na primeira parte da noite; Josiah e eu seríamos os próximos, e Peter e Kezzie seriam os últimos. Até aquele momento, não tínhamos montado guarda, mas ninguém reclamou da sugestão dele.

Um longo dia em cima de uma sela é um dos melhores soníferos, e me deitei ao lado de Jamie com aquela gratidão profunda por estar deitada que compensa até mesmo a cama mais dura de todas. A mão de Jamie permaneceu delicadamente pousada em minha cabeça; virei meu rosto e beijei a palma de sua mão, sentindo-me segura e protegida.

Os gêmeos Beardsleys e Peter adormeceram em segundos; eu os ouvia roncando do outro lado da fogueira. Eu mesma estava quase dormindo, ninada pela conversa tranquila e sussurrada de Jamie e Bree, quando me dei conta de que o tom da conversa havia mudado.

– Está preocupada com seu homem, *a nighean*? – perguntou ele baixinho. Ela emitiu uma risada baixa, triste.

– Ando preocupada com ele desde que o enforcaram – disse ela. – Agora, estou aterrorizada também... ou devo dizer temerosa? – perguntou ela, tentando fazer graça com o sotaque dele.

Jamie emitiu um som gutural baixo, que eu acredito que tinha a intenção de tranquilizá-la.

– Ele não está correndo mais perigo hoje do que estava correndo ontem, querida... ou em qualquer outra noite desde que partiu.

– É verdade – respondeu ela, de modo seco. – Mas o fato de eu não saber a respeito dos ursos-fantasmas e dos assassinos negros na semana passada não significa que eles não existam.

– Foi exatamente o que eu quis dizer – retrucou ele. – Roger não vai ficar mais protegido por causa do seu medo, certo?

– Não. Você acha que isso vai fazer com que eu pare de me preocupar?

Ele riu baixinho em resposta.

– Acho que não, não mesmo.

Fez-se um breve silêncio antes de Brianna falar de novo.

– Eu só... fico pensando. O que vou fazer se alguma coisa realmente acontecer... se ele... não voltar? Fico bem durante o dia, mas à noite não consigo parar de pensar...

– Bem... – disse ele, lentamente. Eu o vi erguer a cabeça para as estrelas brilhando acima de nós. – Quantas noites há em vinte anos, *a nighean*? Quantas horas? Porque eu passei todo esse tempo me perguntando se minha esposa ainda estava viva, e como ela estava. Ela e minha filha.

Ele passou a mão delicadamente pela minha cabeça, acariciando meus cabelos. Brianna não disse nada em resposta, mas emitiu um pequeno som gutural.

– É para isso que serve Deus. A preocupação não ajuda... mas a oração, sim. Às vezes – acrescentou ele com sinceridade.

– Sim – disse ela, parecendo em dúvida. – Mas e se...

– Se ela não tivesse voltado para mim – ele a interrompeu com firmeza –, se você não tivesse vindo, se eu nunca tivesse sabido, ou se eu tivesse certeza de que vocês duas estavam mortas... – Ele virou a cabeça para olhar para ela, e eu senti seu corpo se mover quando ele ergueu a mão de meus cabelos e estendeu a outra para tocá-la. – Então, eu ainda teria vivido, *a nighean*, e feito o que tivesse que ser feito. E você também vai fazer.

UM CÉU ESCURO

Roger abriu caminho por uma mata densa de liquidâmbar e carvalho rosado, suando. Estava perto da água; ainda não conseguia ouvir, mas sentia o cheiro doce e resinoso de uma planta que crescia nas margens. Não sabia o nome, nem qual planta era ao certo, mas reconhecia o cheiro.

A alça de sua mochila se prendeu em um galho, e ele a puxou para soltá-la, espalhando folhas amarelas pelo ar como um bando de borboletas. Ficaria feliz ao chegar ao rio, e não apenas por causa da água, apesar de precisar dela. As noites estavam ficando frias, mas os dias ainda eram quentes, e ele havia esvaziado seu cantil antes do meio-dia.

Mais urgentemente do que precisava de água, no entanto, ele precisava de ar livre. Ali nas terras baixas ao longo do rio, a mata de cornisos e loureiros era tão espessa que ele mal conseguia ver o céu, e onde o sol conseguia atravessar as folhas, a grama espessa chegava aos joelhos, e as folhas pontiagudas o espetavam quando ele passava.

Ele havia levado o burro Clarence, por ser mais adequado que os cavalos para o trabalho de atravessar a mata espessa, mas alguns pontos eram difíceis demais até mesmo para o animal. Ele havia deixado Clarence amarrado em um ponto mais alto, com seu colchonete e seus alforjes, enquanto abria caminho pela mata até o ponto seguinte de levantamento topográfico.

Um pato-carolino surgiu do arbusto aos pés dele, quase fazendo com que seu coração parasse ao bater suas asas. Ele ficou imóvel, o coração martelando nos ouvidos, e um bando de pequenos periquitos veio chilreando pelas árvores, voando mais baixo para olhar para ele, simpáticos e curiosos.

Então, algo que ele não conseguiu ver os assustou e eles voaram aos grasnados, disparando por entre as árvores.

Estava quente. Ele tirou o casaco e amarrou as mangas ao redor da cintura, em seguida secou o rosto com a manga da camisa e voltou a caminhar, o astrolábio pendurado em um cordão ao redor do pescoço. Do topo de uma montanha, ele podia olhar para baixo, para os vales tomados pela névoa e para os penhascos cobertos pela mata, e sentir certa reverência ao pensar que era dono de um lugar como aquele. Ali embaixo, lutando com vinhas selvagens, rabos-de-raposa e matagais de juncos mais altos do que ele, a ideia de posse era absurda – como algo daquele tipo, aquele maldito pântano primitivo, podia ser *propriedade* de alguém?

Deixando a questão da propriedade de lado, ele queria terminar logo o que tinha de fazer naquela selva e voltar para terreno mais elevado. Mesmo que as árvores gigantescas da mata virgem se elevassem muito acima dele, um homem podia respirar no espaço logo abaixo. Os galhos das árvores gigantes de liriodendro e das castanheiras se estendiam em um dossel que deitava sombras no chão, de modo que só coisas pequenas cresciam embaixo – tapetes de delicadas flores selvagens, sapatinhos-de-vênus e lírios-do-bosque –, e as folhas mortas das árvores desciam em tamanha profusão que os pés afundavam vários centímetros na superfície macia.

Era incompreensível que um lugar como aquele um dia se alterasse – e, no entanto, se alterou, ia se alterar. Ele sabia muito bem disso; *sabia* – mais do que saber, tinha *visto*! Tinha dirigido um carro por uma estrada pavimentada bem no meio de um lugar que já fora exatamente como aquele. Ele sabia que era possível mudá-lo. E enquanto avançava com dificuldade pela mata de sumagre e gualtéria, sabia melhor ainda que aquele lugar poderia engoli-lo sem um segundo de hesitação.

Ao mesmo tempo, havia algo a respeito da escala absolutamente enorme da floresta que o acalmava. Entre as árvores gigantescas e a abundante vida selvagem, ele encontrava um pouco de paz; paz das palavras represadas em sua mente, da preocupação silenciosa nos olhos de Brianna, do julgamento nos olhos de Jamie – julgamento que ele não expressava, mas que permanecia

lá como uma espada sobre sua cabeça. Paz dos olhares de pena ou curiosidade, do esforço constante, lento e doloroso para falar – paz da lembrança de quando cantava.

Ele sentia saudade de todos, principalmente de Bree e Jem. Raramente sonhava com coerência; não era como Bree – o que ela estaria escrevendo agora em seu caderno? –, mas ele havia despertado naquela manhã com uma impressão vívida de Jem, engatinhando por cima dele como gostava de fazer, tocando e enfiando o dedinho com curiosidade, em seguida dando tapinhas suaves no rosto de Roger, explorando olhos e orelhas, nariz e boca, como se procurasse as palavras perdidas.

Nos primeiros dias de agrimensura, ele não dissera nada, extremamente aliviado por não ter que falar. Mas agora estava começando a falar de novo – detestando o som rouco e deturpado das palavras, mas não tão perturbado, já que não havia ninguém mais para ouvir.

Ele escutou o gorgolejar da água passando por cima de pedras, atravessou uma barreira de árvores jovens de salgueiro e encontrou o riacho bem a seus pés, o sol brilhando na água. Ajoelhou-se e bebeu, lavou o rosto e escolheu os pontos ao longo da margem de onde faria medições. Tirou o caderno, a tinta e a pena da bolsa de couro que levava pendurada no ombro e pegou o astrolábio de dentro da camisa.

Tinha uma canção na cabeça – de novo. Elas surgiam furtivamente quando ele estava distraído, melodias se insinuando em seus ouvidos como sereias nas pedras, prontas para fazê-lo em pedaços.

Mas não aquela. Ele sorriu ao tocar a barra do astrolábio e mirar em uma árvore na margem oposta. Era uma canção infantil, uma das canções de números que Bree cantarolava para Jemmy. Uma daquelas músicas horrorosas que entravam na mente de uma pessoa e não saíam mais. Enquanto fazia as medições e as registrava em seu caderno, ele cantava baixinho, ignorando a distorção dos sons.

– As... formigas... marcham... uma a uma.

Dois mil hectares. Que diabo ele ia fazer com aquilo? Que diabo ia fazer, ponto?

– No... ch-chão... para s-sair... na CHUVA... bum, bum, bum...

Logo descobri por que meu nome parecera ter um significado a Tsatsa'wi; o nome da aldeia era Kalanun'yi-Raventown, Cidade dos Corvos. Não vi nenhum corvo quando chegamos, mas ouvi um deles, grasnando roucamente das árvores.

A aldeia ficava em um local encantador: o vale estreito de um rio aos pés de uma pequena montanha. A aldeia em si era cercada por uma pequena extensão de campos e pomares. Um riacho não muito fundo a cortava, descendo em uma pequena catarata e correndo vale abaixo, para dentro do que parecia, a distância, um grande bosque de bambus – bambuzal, era como se chamava, os bambus gigantes e folhosos brilhando com um dourado pálido ao sol do início da tarde.

Fomos recebidos com entusiasmo cordial pelos moradores da vila, alimentados com fartura e entretidos durante um dia e uma noite. Na tarde do segundo dia, fomos convidados a participar do que entendi ser uma festa em homenagem a qualquer que fosse a divindade cherokee responsável pela caça, para pedir boa vontade e proteção para a expedição contra o urso-fantasma, que aconteceria no dia seguinte.

Não havia me ocorrido, antes de conhecer Jackson Jolly, que poderia haver uma variação de talento tão grande entre os xamãs indígenas como havia entre os clérigos cristãos. Eu já tinha, àquela altura, conhecido muitos exemplares de ambas as espécies, mas, limitada pelos mistérios do idioma, não havia percebido que a vocação para xamã não necessariamente garantia a uma pessoa a posse de magnetismo pessoal e força espiritual ou o dom da pregação.

Ao ver os traços das pessoas dentro da casa do pai da esposa de Peter Bewlie ficarem aos poucos impassíveis, percebi que, independentemente de seu charme pessoal e de suas conexões com o mundo espiritual, Jackson Jolly infelizmente não possuía o último desses talentos.

Eu havia notado certo olhar de resignação no rosto de alguns membros da

congregação quando o xamã se sentou diante da fogueira, vestindo um tipo de xale parecido com um cobertor de flanela vermelha e usando uma máscara entalhada na forma do rosto de um pássaro. Quando ele começou a falar, com uma voz alta e arrastada, a mulher ao meu lado transferiu o peso do corpo de uma perna para a outra e suspirou.

O suspiro era contagioso, mas não tão ruim quanto os bocejos. Em poucos minutos, metade das pessoas ao meu redor estava abrindo a boca, com os olhos marejados como fontes. Os músculos de minha mandíbula doíam por causa da força que eu mesma fazia para não bocejar, e vi que Jamie piscava como uma coruja.

Jolly era, sem dúvida, um xamã sincero; mas também parecia ser um xamã entediante. A única pessoa que parecia concentrada em suas palavras era Jemmy, que estava nos braços de Brianna, boquiaberto.

O canto para a caça ao urso era bem monótono, com repetições intermináveis de “*He! Hayuya’haniwa, hayuya’haniwa, hayuya’haniwa...*” Em seguida, ligeiras variações sobre o tema, cada verso terminando com um “*Yoho!*” alto – e meio assustador –, como se todos estivéssemos prestes a navegar para os mares da Espanha com uma garrafa de rum.

A congregação, no entanto, demonstrou mais entusiasmo durante essa canção e finalmente me dei conta de que o problema talvez não fosse o xamã em si. O urso-fantasma vinha atormentando a aldeia havia meses; eles deviam ter realizado aquela mesma cerimônia diversas vezes, sem sucesso. Não, a questão não era que Jackson Jolly fosse um mau orador, e sim que sua congregação estava sofrendo de falta de fé.

Depois que a canção terminou, Jolly bateu os pés com firmeza na terra para enfatizar algo que estava dizendo, em seguida pegou um maço de sálvia de dentro do saco, colocou no fogo e começou a marchar pela sala, espargindo a fumaça sobre a congregação. As pessoas abriram caminho educadamente quando ele foi até Jamie e deu a volta ao redor dele e dos gêmeos Beardsleys várias vezes, cantando e perfumando-os com baforadas de fumaça fragrante.

Jemmy achou aquilo muito engraçado. Assim como sua mãe, que estava

de pé ao meu lado, tremendo enquanto tentava segurar o riso. Jamie permaneceu de pé com as costas eretas, parecendo extremamente honrado, enquanto Jolly – que era bem baixo – pulava ao redor dele como um sapo, erguendo a parte de trás do casaco para defumar seu traseiro. Não ousei olhar nos olhos de Brianna.

Depois dessa parte da cerimônia, Jolly retomou sua posição perto do fogo e começou a cantar de novo. A mulher ao meu lado fechou os olhos e fez uma leve careta.

Minhas costas começavam a doer. Por fim, o xamã concluiu a cerimônia com um grito. Então, retirou-se do círculo e tirou a máscara, secando do rosto o suor do trabalho digno, satisfeito consigo mesmo. O líder da aldeia, então, deu um passo à frente para falar, e as pessoas começaram a se mover e se agitar.

Eu me espreguicei, da maneira mais discreta que pude, tentando imaginar o que seria servido no jantar. Distraída com esses pensamentos, não notei de imediato que a movimentação e a agitação se intensificaram. Então, a mulher ao meu lado se endireitou abruptamente e disse alguma coisa alto, em um tom de comando. Ela inclinou a cabeça para um lado, ouvindo.

O líder parou de falar e, ao meu redor, as pessoas começaram a olhar para cima. Corpos se enrijeceram e olhos se arregalaram. Eu também ouvi, e um tremor repentino fez meus braços se arrepiarem. O ar foi tomado por um farfalhar de asas.

– Que diabo está acontecendo? – sussurrou Brianna para mim, olhando para cima como todo mundo. – A vinda do Espírito Santo?

Eu não fazia ideia, mas o ruído estava ficando mais alto – muito mais alto. O ar começava a vibrar, e o som era como um trovão longo e contínuo.

– *Tsiskwa!* – gritou um homem na multidão, e de repente houve uma debandada em direção à porta.

Ao correr para fora da casa, de início pensei que uma tempestade tinha começado repentinamente. O céu estava escuro, o ar tomado por trovões, e uma luz estranha e fraca tremeluziu sobre tudo. Mas não havia umidade no ar, e um cheiro peculiar tomou meu nariz. Definitivamente, não era chuva.

– Pássaros, meu Deus, são pássaros!

Mal ouvi Brianna atrás de mim, em meio às reações de surpresa de todos. Todo mundo estava na rua, olhando para cima. Várias crianças, assustadas com o barulho e com a escuridão, começaram a chorar.

Era assustador. Eu nunca tinha visto nada igual – nem a maioria dos cherokees, a julgar pela reação deles. O chão parecia tremer e o ar vibrava ao bater de asas como um tambor sendo tocado por mãos frenéticas. Eu sentia a pulsação em minha pele, e o tecido de meu lenço se esticou, querendo levantar ao vento.

A paralisia da multidão não durou muito. Ouvi gritos por toda parte, e de repente as pessoas estavam correndo de um lado para outro pela rua, entrando apressadas em casa e saindo de novo, com arcos. Em poucos segundos, uma saraivada perfeita de flechas atingiu a nuvem de pássaros e corpos penados caíram do céu em borrões flácidos e ensanguentados, atingidos por elas.

Corpos não eram a única coisa que caía do céu. Algo molhado caiu em meu ombro, e eu vi uma chuva de partículas, uma precipitação repugnante vinda do bando de aves acima, levantando pequenas nuvens de poeira da rua ao atingirem o chão. Plumas dos pássaros que passavam sobre nós flutuavam no ar como sementes de dente-de-leão e, aqui e ali, penas maiores caídas de caudas e asas se precipitavam em espiral como lanças em miniatura sendo levadas pelo vento. Eu me afastei depressa, procurando abrigo embaixo dos beirais de uma casa com Brianna e Jemmy.

Observamos temerosos de nosso abrigo enquanto os moradores se acotovelavam na rua, arqueiros atirando o mais depressa que podiam, uma flecha atrás da outra. Jamie, Peter Bewlie e Josiah correram para pegar suas armas, e estavam entre as pessoas, atirando, sem nem ao menos se dar ao trabalho de mirar. Não era necessário, ninguém erraria. Crianças, sujas de cocô de passarinho, ziguezagueavam pela multidão, pegando as aves caídas e empilhando-as perto da entrada das casas.

Deve ter durado mais ou menos meia hora. Ficamos abaixados sob os beirais, meio ensurdecidos por causa do barulho, hipnotizados pelo fluxo incessante acima. Depois do susto inicial, Jemmy parou de chorar, mas se

aconchegou nos braços da mãe, escondendo o rosto nas dobras do lenço dela.

Era impossível identificar um único pássaro naquela precipitação violenta; um rio de penas tomava o céu de um lado a outro. Acima do trovejar de asas, eu podia ouvir as aves chamando umas às outras, um rumorejar constante, como uma tempestade de vento atravessando a floresta.

Por fim – depois de um bom tempo – o grande bando passou, com pássaros errantes em seu rastro enquanto cruzava a montanha e desaparecia.

A aldeia suspirou em uníssono. Vi pessoas esfregando as orelhas, tentando se livrar dos sons e do eco do voo. No meio da multidão, Jackson Jolly estava parado, sorrindo, coberto de penas e fezes de pássaros, os olhos brilhando. Ele abriu os braços e disse alguma coisa, e as pessoas ao redor murmuraram em resposta.

– Fomos abençoados – traduziu a irmã de Tsatsa’wi para mim, parecendo muito impressionada. Ela assentiu para Jamie e para os gêmeos. – O Velho Branco nos mandou um grande sinal. Eles vão encontrar o urso maligno, com certeza.

Eu assenti, ainda meio chocada. A meu lado, Brianna se inclinou e pegou um pássaro morto, segurando-o pela flecha fina que o atravessava. Era um pássaro roliço e muito bonito, com uma cabeça azul-clara delicada, penas bege no peito e asas marrom-avermelhadas. A cabeça pendia inerte, os olhos cobertos por pálpebras frágeis, enrugadas e azuladas.

– É, não é? – perguntou ela, baixinho.

– Acho que deve ser – respondi, também baixinho.

Cautelosamente, estiquei um dedo e toquei a plumagem macia. No que dizia respeito a sinais e agouros, eu não sabia bem se aquilo era um bom ou mau presságio. Nunca tinha visto um antes, mas tinha quase certeza de que o pássaro que tocava era um pombo-passageiro.

Os caçadores partiram antes do amanhecer no dia seguinte. Brianna se separou relutantemente de Jemmy, mas montou na sela com uma leveza que me fez pensar que ela não se lamentaria por ele enquanto estivesse caçando.

Quanto a Jemmy, estava muito ocupado em esvaziar os cestos sob a cama para notar que a mãe estava partindo.

As mulheres passaram o dia arrancando penas, assando, defumando e preservando os pombos com cinzas de madeira. O ar foi tomado por plumas e ficou carregado com o cheiro de fígado de pombo grelhado enquanto toda a aldeia devorava essa iguaria. De minha parte, ajudei com os pombos, intercalando esse trabalho com conversas divertidas e permutas rentáveis, parando de vez em quando para olhar em direção à montanha para onde os caçadores tinham ido e fazer uma oração breve e silenciosa pelo bem-estar deles – e de Roger.

Eu havia levado comigo 100 litros de mel, além de algumas das ervas e sementes importadas da Europa que conseguira por intercâmbio em Wilmington. A troca foi rápida e, à tarde, eu já tinha trocado minhas ervas por quantidades de ginseng selvagem, erva-de-são-cristóvão e – uma verdadeira raridade – cogumelo chaga. Este item, um fungo enorme e verrugoso que cresce no tronco de bétulas velhas, tinha a reputação – ou assim diziam – de curar câncer, tuberculose e úlceras. Um item útil para qualquer médico ter à mão, pensei.

Quanto ao mel, eu o havia trocado logo por 100 litros de óleo de girassol. O óleo vinha em grandes sacos de couro, que estavam empilhados sob os beirais da casa na qual estávamos hospedados, como uma pequena montanha de balas de canhão. Eu parava para observá-los com satisfação sempre que saía da casa, imaginando o sabão macio e perfumado que seria feito com o óleo – nada de mãos fedendo a gordura de porco morto! Se tivesse sorte, eu poderia vender a maior parte por um preço alto o bastante para completar a parcela seguinte do maldito dinheiro de Laoghaire, aquela desgraçada.

Passei o dia seguinte nos pomares com minha anfitriã, outra irmã de Tsatsa'wi, chamada Sungi. Uma mulher alta, de rosto meigo, de 30 poucos anos, ela falava poucas palavras em inglês, mas algumas de suas amigas falavam um pouco mais do que ela – o que era bom, já que meus conhecimentos da língua cherokee se restringiam a “olá”, “bom” e “mais”.

Apesar de as índias se tornarem cada vez mais fluentes, eu tinha certa

dificuldade para entender exatamente o que “Sungi” queria dizer – dependendo da pessoa com quem eu falasse, parecia significar “cebola”, “hortelã” ou “vison”, o que me confundia. Depois de alguns desentendimentos e esclarecimentos, cheguei à conclusão de que a palavra não significava nada disso exatamente, mas parecia indicar algum tipo de cheiro forte.

As macieiras no pomar eram novas, ainda tinham caules finos, mas estavam bastante carregadas, produzindo uma pequena fruta verde-amarelada que tinha uma textura crocante e um sabor ácido – excelente antídoto para o gosto de gordura dos fígados de pombo. O ano tinha sido seco, dissera Sungi, franzindo o cenho para as árvores, de modo crítico; não houvera tantas frutas como no ano anterior, e o milho também não estava muito bom.

Sungi pôs as duas filhas para cuidar de Jemmy, obviamente alertando-as para que tomassem cuidado, apontando a floresta com insistência.

– É bom Matador de Ursos aqui – disse ela, virando-se de novo para mim, com o cesto de maçãs apoiado no quadril. – Esse urso não urso; não fala nós.

– Ah, sim – falei, assentindo para mostrar que entendia.

Uma das outras mulheres se apressou em desenvolver essa ideia, explicando que um urso razoável prestaria atenção ao chamado do xamã, que invocava o espírito do urso, para que os caçadores e os ursos pudessem se encontrar de maneira adequada. Considerando a cor daquele urso, assim como seu comportamento insistente e malicioso, estava claro que não se tratava de um urso de verdade, mas de algum espírito maligno que havia resolvido se manifestar como um urso.

– Ah – falei, compreendendo melhor. – Jackson mencionou o “Velho Branco”. Era do urso que ele estava falando?

Peter, entretanto, dissera que o branco era uma cor favorável.

Outra índia – que me dissera seu nome em inglês, Anna, em vez de tentar explicar o que seu nome cherokee significava – riu, chocada com o que eu disse.

– Não, não! Velho Branco, ele o fogo.

Depois que algumas outras mulheres deram sua contribuição, finalmente

consegui entender que o fogo, embora claramente poderoso, devendo ser tratado com profundo respeito, era uma entidade do bem. Daí a atrocidade do comportamento do urso; animais brancos normalmente eram respeitados e considerados portadores de mensagens do outro mundo – nesse momento, uma ou duas das mulheres olharam para mim de soslaio –, mas aquele urso não estava se comportando de nenhuma maneira que elas compreendessem.

Sabendo o que eu sabia sobre a ajuda que o urso recebera de Josiah Beardsley e do “pequeno demônio negro”, eu conseguia entender perfeitamente. Eu não queria comprometer Josiah, mas comentei ter ouvido histórias, tomando o cuidado de não dizer onde, sobre um homem negro na floresta, que fazia coisas ruins. Elas tinham ouvido falar?

Ah, sim, elas me garantiram, mas eu não devia me preocupar. Havia um pequeno grupo de homens negros que viviam “lá” – elas menearam a cabeça na direção do outro lado da aldeia, do bambuzal e das terras baixas invisíveis depois do rio. Era possível que aquelas pessoas fossem demônios, especialmente porque vinham do oeste.

Era possível que não fossem. Alguns dos caçadores da aldeia os haviam encontrado e os seguiram com cautela por vários dias, observando para averiguar o que eles faziam. Os caçadores contaram que os negros viviam na miséria, vestiam trapos e não tinham casas decentes. Demônios que se prezassem não viveriam assim.

No entanto, eram poucos e pobres demais para serem atacados – e os caçadores disseram que havia apenas três mulheres, todas muito feias – e podiam ser demônios, no fim das contas. Assim, os moradores da aldeia acharam melhor deixá-los sossegados por ora. Os negros nunca se aproximavam da aldeia, acrescentou uma das índias, torcendo o nariz; os cachorros sentiriam o cheiro deles. A conversa morreu, então, quando nos espalhamos pelo pomar, colhendo frutas maduras dos pés, enquanto as meninas recolhiam do chão aquelas que tinham sido derrubadas pelo vento.

Voltamos para casa no meio da tarde, cansadas, queimadas de sol e cheirando a maçã, e descobrimos que os caçadores tinham voltado.

– Quatro gambás, dezoito coelhos e nove esquilos – disse Jamie,

limpando o rosto e as mãos com um pano úmido. – Encontramos muitos pássaros também, mas, como já havia os pombos, não nos demos ao trabalho de pegá-los, a não ser um belo falcão que George Gist quis trazer por causa das penas. – Seus cabelos estavam despenteados por causa do vento, o nariz vermelho por causa do sol, mas ele parecia muito animado. – E Brianna, abençoada seja, abateu um belo alce do outro lado do rio. Um tiro no peito, mas ela o derrubou e cortou a garganta dele, embora isso seja arriscado com o animal ainda se debatendo.

– Ah, que ótimo – falei, um pouco desanimada, imaginando cascos afiados e chifres letais próximos de minha filha.

– Não se preocupe, Sassenach – disse ele, ao ver minha expressão. – Eu ensinei a ela como fazer do jeito certo. Ela se aproximou por trás.

– Ah, ótimo – falei, com um pouco mais de sarcasmo. – Imagino que tenha impressionado os caçadores.

– Muito – disse ele, animado. – Você sabia, Sassenach, que os cherokees deixam suas mulheres irem à guerra, além de sair para caçar? Não é sempre, mas de vez em quando, uma delas cisma e parte para o combate como uma Mulher da Guerra, como eles dizem. Os homens são comandados por ela, na verdade.

– Muito interessante – falei, tentando não imaginar Brianna sendo convidada a liderar um grupo de guerreiros cherokees. – Está no sangue, suponho.

– O quê?

– Nada. Por acaso viram algum urso, ou estavam ocupados demais trocando informações antropológicas?

Ele estreitou um olho para mim por cima da toalha com a qual limpava o rosto, mas respondeu sem se abalar:

– Encontramos alguns vestígios de urso. Josiah tem um olho afiado para isso. Não apenas as fezes; ele identificou uma árvore na qual o urso deve ter se coçado, pois havia pelos presos na casca. Segundo ele, um urso tem uma ou duas árvores favoritas e sempre volta para a mesma, por isso, quando uma pessoa quer matar um determinado urso, deve acampar perto dela e esperar.

– Imagino que essa estratégia não tenha funcionado dessa vez.

– Acredito que teria funcionado – respondeu ele, rindo –, mas era o urso errado. Os pelos na árvore eram marrom-escuros, não brancos.

A expedição, no entanto, não tinha sido um fracasso. Os caçadores tinham percorrido um semicírculo em torno da aldeia, adentrando bastante a floresta e em seguida descendo até o rio. E, no solo macio das terras baixas perto do bambuzal, encontraram pegadas.

– Josiah disse que eram diferentes das pegadas do urso cujos pelos localizamos, e Tsatsa’wi achou que eram as mesmas pegadas que ele viu quando o urso branco matou seu amigo.

Todos os especialistas em urso presentes chegaram à conclusão lógica de que o urso-fantasma provavelmente havia feito seu abrigo no bambuzal. Esses lugares eram densos, escuros e frescos no auge do verão, cheios de pássaros e pequenas presas. Até cervos se escondiam lá nas épocas muito quentes.

– Não dá para entrar em um lugar desses a cavalo, dá? – perguntei.

Ele balançou a cabeça, passando os dedos pelos cabelos para retirar as folhas.

– Não, nem é possível avançar muito depressa a pé, pois a mata é muito densa. Mas não tínhamos a intenção de entrar atrás do urso.

O plano era atear fogo ao bambuzal, obrigando o urso – e qualquer outro animal presente – a sair para as terras baixas do outro lado, onde poderiam matá-lo com facilidade. Era uma prática comum em caçadas, principalmente no outono, quando os bambuzais ficavam secos e inflamáveis. No entanto, a queimada provavelmente afugentaria muitos outros animais além do urso. Assim, enviaram um convite a outra aldeia, a cerca de 40 quilômetros, para que os caçadores de lá se unissem aos de Raventown na empreitada. Com sorte, caçariam presas suficientes para sustentar ambas as aldeias durante o inverno e, com mais caçadores, o urso-fantasma não escaparia.

– Muito eficiente – falei, rindo. – Espero que eles não afugentem os escravos com a fumaça.

– O quê?

Ele parou o que estava fazendo.

– Demônios negros ou algo assim.

Contei a eles o que sabia sobre o assentamento, se é que era um assentamento, de escravos fugidos, se é que eram escravos fugidos.

– Bem, não acredito que sejam demônios – disse ele secamente, sentando-se à minha frente para que eu prendesse seus cabelos. – Mas não acho que estejam correndo perigo. Devem viver longe do bambuzal, na outra margem do rio. Mas vou perguntar. Temos tempo; os caçadores de Kanu’gala’yi só devem chegar daqui a três ou quatro dias.

– Ah, ótimo – falei, fazendo um laço com a tira de couro. – Assim você terá tempo de comer todos os fígados de pombo que sobraram.

Os dias seguintes foram agradáveis, mas permeados por uma expectativa crescente que culminou com a chegada dos caçadores de Kanu’gala’yi – Briertown, a Vila da Roseira-Brava, como me disseram. Eu me perguntei se eles tinham sido convidados devido a um conhecimento especial em lidar com territórios espinhosos, mas não perguntei. Jamie, com sua facilidade para aprender idiomas, já entendia diversas palavras da língua cherokee, mas eu não quis abusar de sua habilidade pedindo que traduzisse trocadilhos.

Jemmy parecia ter herdado a facilidade do avô para aprender idiomas, e na semana seguinte à nossa chegada, seu vocabulário já havia quase duplicado, e agora metade de suas palavras era em inglês e a outra metade, em cherokee, o que fazia com que ninguém além de sua mãe conseguisse entender o que ele dizia. Meu próprio vocabulário havia aumentado com o acréscimo das palavras para “água”, “fogo”, “comida” e “socorro!” – para o resto, eu contava com a bondade dos cherokees que falavam inglês.

Depois das cerimônias costumeiras e de um enorme banquete de boas-vindas, no qual foram servidos fígado de pombo defumado e maçãs fritas, o grande grupo de caçadores partiu ao amanhecer, equipado com tochas de pinho e fogareiros, além de arcos, mosquetes e rifles. Depois de nos despedirmos deles com um café da manhã reforçado – mingau de milho

misturado com fígado de pombo e maçãs frescas –, aqueles de nós que não faziam parte do grupo de caça retornaram às casas, para passar o tempo fazendo cestaria, costurando e conversando.

O dia estava quente, úmido e parado. Nem uma brisa soprava nos campos, onde os talos secos do milho e dos girassóis colhidos se espalhavam uns por cima dos outros. Nem um sopro de ar levantava poeira na rua de terra da aldeia. Se alguém pretendia atear fogo a alguma coisa, era um bom dia para fazê-lo. Eu preferi me abrigar à sombra, no interior fresco da tenda de Sungi.

Durante as conversas daquele dia, pensei em perguntar sobre os componentes do amuleto que Nayawenne fizera para mim. Está certo que ela era uma curandeira tuscarora, e por isso as crenças podiam não ser as mesmas, mas eu estava muito curiosa em relação ao morcego.

– Há uma história sobre morcegos – começou Sungi, e eu contive um sorriso.

Os cherokees eram, de fato, muito parecidos com os escoceses das Terras Altas, principalmente no gosto por histórias. Eu já tinha ouvido diversas delas nos poucos dias passados na aldeia.

– Os animais e os pássaros resolveram jogar bola – disse Anna, traduzindo devagar conforme Sungi falava. – Na época, os morcegos caminhavam sobre quatro patas, como os outros animais. Mas, quando quiseram jogar bola, os outros animais não permitiram; os morcegos eram pequenos demais e certamente seriam esmagados. Os morcegos não gostaram.

Sungi franziu a testa, fazendo uma carranca para indicar um morcego zangado.

– Então, os morcegos procuraram os pássaros e se ofereceram para jogar do lado deles. Os pássaros aceitaram a oferta e, assim, pegaram gravetos e folhas e fizeram asas para os morcegos. Os pássaros ganharam o jogo e os morcegos gostaram tanto das asas que...

Sungi parou de falar abruptamente. Ergueu a cabeça e farejou o ar. Todas as mulheres à nossa volta se calaram. Sungi levantou-se depressa e foi até a

porta, apoiando-se no batente enquanto olhava para fora.

Eu estava sentindo o cheiro de fumaça – já vinha sentindo havia uma hora, a fumaça sendo trazida pelo vento –, mas percebi que o cheiro de queimado estava muito mais forte agora. Sungi saiu; eu me levantei e fui atrás dela com as outras mulheres, um formigamento de inquietação começando a pinicar atrás de meus joelhos.

O céu começava a escurecer com nuvens de chuva, mas a nuvem de fumaça era ainda mais escura, uma mancha negra nebulosa que se erguia acima das árvores distantes. Um vento havia começado a soprar, vindo à frente da tempestade que se aproximava, e folhas secas passavam girando por nós com um som parecido com o de passos de pés pequenos e apressados.

A maioria dos idiomas tem alguns monossílabos para serem usados em situações de súbito temor, e esse é o caso da língua cherokee. Sungi disse alguma coisa que eu não entendi, mas o significado era claro. Uma das mulheres mais jovens lambeu um dedo e o ergueu, mas o gesto era desnecessário – eu sentia o vento em meu rosto, forte o suficiente para levantar os cabelos de meus ombros, soprando frio em minha nuca. Soprava diretamente na direção da aldeia.

Anna inspirou longa e profundamente. Vi quando inflou o peito, endireitou os ombros e se preparou para enfrentar a situação. Então, ao mesmo tempo, todas as mulheres começaram a se movimentar, correndo pela rua na direção de suas casas, chamando as crianças, parando para guardar apressadamente nas dobras da saia a carne que estava secando ou para arrancar cebolas e abóboras dos beirais ao passar.

Eu não sabia ao certo onde Jemmy estava; uma das meninas mais velhas o levava para brincar, mas, em meio ao alvoroço, eu não me lembrava qual delas tinha sido. Ergui as saias e corri pela rua, abaixando-me e entrando em todas as casas sem permissão, à procura dele. Havia uma forte sensação de urgência no ar, mas não de pânico. O som de folhas secas parecia constante, um farfalhar fraco que me seguia por onde eu fosse.

Encontrei Jemmy na quinta casa, dormindo profundamente com várias outras crianças de idades variadas, todas aconchegadas como cachorrinhos

nas dobras de um cobertor de pele de búfalo. Eu nunca o encontraria, não fossem os cabelos claros, brilhando como um farol na penumbra. Acordei as crianças com a maior delicadeza que consegui e peguei Jemmy. Ele acordou na hora e ficou olhando ao redor, piscando, atordoado.

– Venha com a vovó, querido – falei. – Temos que ir agora.

– Cavalinho? – perguntou ele, animando-se logo.

– Que ótima ideia! – respondi, e o acomodei em meu colo. – Vamos procurar o cavalinho?

O cheiro de fumaça estava muito mais forte quando saímos na rua. Jemmy tossiu e eu senti um gosto acre e amargo no fundo da garganta ao respirar. A evacuação estava a pleno vapor; as pessoas – a maioria mulheres – entravam e saíam correndo das casas, empurrando crianças à sua frente, carregando trouxas improvisadas com seus pertences. Ainda assim, não havia a sensação de pânico ou alarme na fuga; todos pareciam preocupados, mas bastante pragmáticos a respeito da coisa toda. Ocorreu-me, naquele momento, que uma aldeia de madeira localizada no meio da floresta devia ficar exposta ao risco de incêndio de tempos em tempos. Sem dúvida, os moradores já haviam enfrentado ao menos a possibilidade de um incêndio na floresta, e estavam preparados para lidar com a situação.

Essa constatação me acalmou um pouco – apesar de a constatação seguinte, de que o constante rumor de folhas secas que eu estava ouvindo era na verdade o crepitar do fogo que se aproximava, não ser nada tranquilizadora.

A maioria dos cavalos havia sido levada pelos caçadores. Quando cheguei ao cercado de sebe, restavam apenas três. Um dos homens mais velhos da aldeia estava montado em um deles e pronto para ir embora, com Judas e o outro cavalo já no cabresto. Judas estava selado, com os alforjes e um cabresto de corda. Quando o velho me viu, sorriu e gritou alguma coisa, indicando Judas.

– Obrigada! – respondi.

O homem inclinou-se, pegou Jemmy dos meus braços com destreza, esperando que eu montasse Judas e segurasse as rédeas adequadamente antes

de me devolver Jemmy com muito cuidado.

Os cavalos estavam inquietos, batendo as patas e se remexendo. Eles sabiam o que era um incêndio tão bem quanto nós – e gostavam menos ainda. Segurei o cabresto firmemente com uma das mãos e, com a outra, segurei Jemmy com mais força ainda.

– Certo, fera – falei para o cavalo, tentando demonstrar autoridade. – Podemos ir agora.

Judas foi totalmente a favor dessa sugestão; seguiu para a abertura que havia na sebe como se fosse a linha de chegada de uma corrida, raspando minhas saias nos espinhos da cerca viva quando passamos. Consegui contê-lo um pouco, tempo suficiente para o velho índio e seus dois cavalos saírem do curral e nos alcançarem.

O homem gritou alguma coisa para mim e apontou na direção da montanha, longe do incêndio. O vento estava mais forte; fazia os cabelos longos e grisalhos dele esvoaçarem sobre seu rosto, abafando suas palavras. Ele balançou a cabeça para afastá-los, mas não se deu ao trabalho de repetir o que dissera e se limitou a fazer os cavalos seguirem na direção indicada.

Cutuquei Judas com as pernas, fazendo-o virar para seguir o velho, mas mantive a rédea curta, hesitando. Olhei para trás, na direção da aldeia, e vi grupos de pessoas andando em meio às casas, todas seguindo na direção indicada pelo índio. Ninguém corria, mas todos caminhavam decididos.

Bree viria atrás de Jemmy assim que se desse conta de que a aldeia estava em perigo. Sabia que ela confiava em mim para zelar pelo bem-estar dele, mas nenhuma mãe em circunstância parecida descansaria enquanto não estivesse perto do filho. Não corríamos nenhum perigo imediato, por isso segui mais atrás, esperando, apesar de Judas se mostrar cada vez mais inquieto.

O vento açoitava as árvores agora, derrubando folhas verdes, amarelas e vermelhas que caíam sobre nós, prendendo-se às minhas saias e aos pelos de Judas como retalhos outonais. Todo o céu estava preto-arroxeadado, e eu ouvi os primeiros sons de trovão sob o assovio do vento e o crepitar do fogo. Sentia o cheiro forte da chuva que se aproximava, mesmo em meio à fumaça,

e senti uma pontada de esperança. Um bom aguaceiro parecia ser exatamente o que a situação exigia, e quanto antes viesse, melhor.

Jemmy estava extremamente agitado com os ruídos e batia as mãozinhas gordinhas na ponta da sela, entoando um hino de guerra próprio em direção aos céus, algo muito parecido com “Uugui-uugui-uugui!”.

Judas não gostava nem um pouco desse tipo de comportamento. Eu estava tendo cada vez mais dificuldade para mantê-lo minimamente sob controle; ele fazia movimentos abruptos para puxar o cabresto enquanto executava uma espécie de manobra em espiral que fazia com que ficássemos rodando em círculos erráticos. A corda enrolada começava a cortar minha mão e os calcanhares descalços de Jemmy golpeavam minhas coxas.

Eu havia acabado de desistir e deixar que o cavalo seguisse sua vontade quando ele se virou de repente e levantou à cabeça, à espreita, relinchando alto na direção da aldeia.

De fato, havia cavaleiros chegando; vi vários cavalos saindo da floresta do outro lado da aldeia, trotando. Judas, feliz em ver outros cavalos, parecia bem disposto a voltar para a aldeia, apesar de ela estar na direção do fogo.

Encontrei Jamie e Brianna no meio da aldeia, ambos olhando angustiados ao redor enquanto percorriam a rua. Jemmy deu gritinhos de alegria ao ver a mãe, lançou-se em seus braços, de um cavalo para o outro, e por pouco não caiu em meio à confusão de cascos.

– Pegaram o urso? – perguntei a Jamie.

– Não! – respondeu ele, também gritando acima do vento cada vez mais forte. – Vamos embora, Sassenach!

Bree já havia partido, seguindo em direção à floresta, onde os últimos habitantes da aldeia desapareciam em meio às árvores. Agora que não tinha mais que me preocupar com Jemmy, no entanto, eu havia pensado em outra coisa.

– Só um minuto! – gritei.

Freei e apeei, jogando as rédeas de Judas na direção de Jamie. Ele se inclinou para pegá-las e gritou alguma coisa atrás de mim, mas eu não entendi.

Estávamos na frente da casa de Sungi e eu vi os sacos de couro com óleo de girassol empilhados sob o beiral do telhado. Lancei um olhar rápido na direção do bambuzal. O fogo realmente estava se aproximando; havia filetes visíveis de fumaça rodopiando ao meu redor e eu pensei ter visto o brilho de chamas distantes entre as árvores. Ainda assim, eu tinha quase certeza de que, a cavalo, poderíamos ser mais rápidos que o fogo – e ali no chão havia o equivalente ao lucro de um ano com a venda de mel; eu não ia deixá-lo ali para que o fogo o consumisse.

Corri para dentro da casa, ignorando os berros furiosos de Jamie, e fuzei sem pensar muito entre os cestos espalhados, na esperança de que Sungi não tivesse levado... não havia levado. Agarrei um punhado de tiras de couro e corri novamente para fora.

Ajoelhada em meio à fumaça e à poeira que giravam em redemoinho, passei tiras de couro ao redor da abertura de dois dos sacos de couro e amarrei as pontas compridas das duas tiras, puxando o couro com o máximo de força que consegui. Segurando os dois sacos no colo, andei com dificuldade até os cavalos.

Jamie, ao ver o que eu estava fazendo, pegou as duas rédeas com uma das mãos, inclinou-se e segurou os dois sacos pela alça improvisada, passando-a pelo pescoço de Gideon, de forma que cada bolsa ficasse pendurada de um lado.

– Vamos! – gritou ele.

– Mais uma! – respondi, já correndo de volta para a casa.

Pelo canto do olho, eu podia vê-lo se esforçando para conter os cavalos, que relinchavam e se contorciam, ansiosos para ir embora. Ele berrava impropérios para mim em gaélico, mas percebi certa resignação em sua voz e não consegui conter um sorriso, apesar da aflição que comprimia meu peito e fazia com que eu me atrapalhasse com as tiras de couro escorregadias.

Judas relinchava e revirava os olhos, arreganhando os dentes intermitentemente, com medo; mas Jamie o puxou para si e segurou sua cabeça com firmeza enquanto eu lançava os outros dois sacos de óleo por cima da sela e montava o cavalo.

Assim que Jamie soltou um pouco as rédeas, Judas disparou. O cabresto estava em minhas mãos, mas, ao perceber sua inutilidade, me agarrei à sela com todas as forças, sentindo os sacos de óleo baterem freneticamente contra minhas pernas enquanto seguíamos em busca do terreno mais seguro.

A tempestade estava bem mais próxima agora; o vento tinha diminuído, mas o estrondo de um trovão fez Judas sair em disparada e cavalgar pelo terreno aberto como um louco. Judas detestava trovões. Quando me lembrei do que tinha acontecido da última vez que o montara durante uma tempestade, deitei sobre o cavalo e me agarrei a ele como um carrapato, firmemente decidida a não ser atirada longe nem escorregar durante sua carreira alucinada.

Logo estávamos na floresta, e galhos sem folhas me açoitavam como chicotes. Eu me agarrei ainda mais ao cavalo, fechando os olhos para que não fossem arrancados. Judas avançava mais devagar agora, por necessidade, mas claramente ainda estava em pânico; eu podia sentir o movimento de suas ancas, levando-nos para cima, e ouvir sua respiração ruidosa.

Outro trovão retumbou e ele perdeu o equilíbrio nas folhas escorregadias, derrapando de lado e chocando-se contra um monte de árvores jovens. A vegetação flexível nos protegeu de maiores ferimentos e, com dificuldade, conseguimos nos reequilibrar para continuar subindo. Abri um dos olhos com cuidado e vi que o cavalo havia conseguido encontrar uma trilha – pude ver a linha tênue, zigzagueando pela vegetação à nossa frente.

Em seguida, a mata ficou cerrada de novo, e eu não conseguia ver nada além de uma rede claustrofóbica de galhos e troncos entremeados com restos amarelados de madressilvas silvestres e um vislumbre de trepadeiras rubras. A vegetação densa fez o cavalo diminuir ainda mais a velocidade, e eu finalmente pude respirar fundo e tentar descobrir onde Jamie estava.

O trovão ressoou de novo e logo depois dele, ouvi um relincho agudo atrás de mim. Claro, Judas odiava trovões, mas Gideon detestava seguir outro cavalo. Ele devia estar logo atrás, tentando nos alcançar.

Uma gota pesada de chuva caiu em minhas costas, e eu ouvi o som da chuva que começava, pingando gota a gota nas folhas, nos troncos e no chão

ao meu redor. O cheiro de ozônio penetrou forte em minhas narinas, e toda a mata parecia suspirar, abrindo-se para a chuva.

Respirei fundo também, aliviada.

Judas deu alguns passos adiante e parou, ofegando. Antes que outro trovão o fizesse sair em disparada de novo, deslizei para o chão e, agarrando as rédeas, amarrei-o em uma árvore pequena, o que não foi fácil, já que minhas mãos estavam rígidas e trêmulas.

Bem na hora. Um novo estrondo retumbou, um som tão alto que pude senti-lo na pele. Judas zurrou e recuou, puxando as rédeas, mas elas já estavam amarradas no tronco da árvore. Recuei para me afastar do cavalo em pânico e Jamie me segurou por trás. Ele começou a dizer alguma coisa, mas o trovão ressoou novamente, abafando sua voz.

Eu me virei e me segurei a ele, tremendo com a adrenalina do choque tardio. A chuva começou a cair com força, gotas frias batendo em meu rosto. Ele beijou minha testa e me levou para baixo da copa de uma grande cicuta, cujos leques de agulhas continham a chuva, proporcionando um abrigo fragrante, quase seco.

Conforme a adrenalina que corria pelo meu corpo começou a diminuir, parei um momento para olhar ao redor e percebi que não éramos os primeiros habitantes daquele refúgio.

– Veja – falei, apontando as sombras.

Os vestígios eram poucos, mas óbvios; alguém comera ali, deixando um montinho de pequenos ossos. Animais não eram tão cuidadosos. Tampouco juntavam agulhas secas para formar um confortável travesseiro.

Jamie se retraiu ao ouvir um novo estrondo de trovão, mas assentiu.

– Sim, é um posto de matador, apesar de eu achar que não foi usado recentemente.

– Um *o quê*?

– Matador – repetiu Jamie, e o clarão de um relâmpago surgiu atrás dele, uma lâmina brilhante que imprimiu sua silhueta em minha retina. – É como chamam as sentinelas, os guerreiros que ficam fora da aldeia, para montar guarda e parar qualquer um que chegue desavisado. Está vendo?

– Não consigo ver nada no momento.

Estendi a mão, Tateando, e toquei a manga de seu casaco, enfiando-me no abrigo de seus braços. Fechei os olhos, na esperança de restaurar minha visão, porém, mesmo com as pálpebras cerradas, eu via a luz e o clarão do raio.

Os trovões pareciam estar se afastando um pouco, ou pelo menos ficando menos frequentes. Pisquei e descobri que conseguia enxergar de novo. Jamie se afastou, fazendo um gesto, e eu vi que estávamos em uma espécie de rebordo, com a face da montanha se erguendo íngreme atrás de nós. Escondida de quem olhasse de baixo por uma fileira de coníferas, havia uma clareira estreita – obviamente feita pelo homem, já que esse era o único tipo de clareira que havia naquelas montanhas. Ao olhar através dos ramos das coníferas, no entanto, tive uma vista deslumbrante do pequeno vale onde ficava Raventown.

A chuva havia diminuído. Mas, ao observar daquele ponto de vista privilegiado, pude ver que as nuvens não eram de uma única tempestade, mas de várias. Retalhos de chuva escura caíam de modo aleatório das nuvens, como véus de veludo cinza, e o zigue-zague silencioso de raios surgia de repente no céu escuro acima dos picos distantes, o trovão ressoando logo em seguida.

Ainda havia fumaça saindo do bambuzal, uma coroa baixa e chata de cinza-claro, quase branca em contraste com o céu escuro. Mesmo ali no alto onde estávamos, o cheiro de queimado ardia em nossas narinas, misturando-se estranhamente ao cheiro de chuva. Em alguns pontos, eu ainda via labaredas ardendo no bambuzal, mas estava claro que a maior parte do incêndio havia sido apagada; o aguaceiro seguinte se encarregaria de apagar o que restava. Eu via, também, as pessoas retornando à aldeia, pequenos grupos saídos da floresta, levando crianças e trouxas de pertences.

Procurei pessoas a cavalo, mas não vi nenhuma, muito menos uma ruiva. Mas certamente Brianna e Jemmy estavam em segurança, não? Estremeci de repente; com a instabilidade do clima nas montanhas, o ar passara de sufocante a frio em menos de uma hora.

– Tudo bem, Sassenach?

Jamie pousou a mão quente em minha nuca, os dedos massageando delicadamente os músculos tensos dos meus ombros. Respirei fundo e relaxei o máximo que consegui.

– Sim. Acha seguro descer agora?

A única coisa de que eu me lembrava sobre a trilha era que se tratava de um caminho estreito e íngreme; que agora estaria lamacento e escorregadio por causa das folhas mortas molhadas.

– Não – disse Jamie –, mas não acho...

Ele parou repentinamente, franzindo a testa, concentrado, enquanto observava o céu. Olhou para trás; eu mal conseguia ver a silhueta dos cavalos, parados juntos embaixo da árvore onde eu havia amarrado Judas.

– Eu ia dizer que não acho muito seguro permanecer aqui – disse ele, por fim.

Tamborilava gentilmente em meu ombro enquanto pensava, como pingos de chuva.

– Mas a tempestade está se movendo rápido. Dá para ver os raios acima da montanha, e os trovões...

Em um momento melodramático, um estrondo ribombante de um trovão ressoou pelo vale. Ouvi o relincho agudo de um dos cavalos e o farfalhar da folhagem quando ele tentou puxar as rédeas. Jamie olhou para trás, com uma expressão desanimada.

– Seu cavalo detesta trovões, Sassenach.

– Sim, eu notei – falei, aproximando-me mais dele para me aquecer.

O vento estava ficando mais forte de novo com a aproximação da tempestade.

– Sim, ele provavelmente vai quebrar o próprio pescoço, e o seu também, se tiver o azar de estar naquela trilha quando...

Outro trovão abafou suas palavras, mas eu entendi o que ele quis dizer.

– Vamos esperar – disse ele, decidido.

Jamie me puxou para a frente dele e passou os braços ao redor de meu corpo, suspirando quando apoiou o queixo no topo da minha cabeça. Ficamos

juntos sob a cicuta, esperando a tempestade vir.

Lá embaixo, o bambuzal fervia e chiava, a fumaça da queimada começando a subir e ser levada pelo vento. Para longe da aldeia, desta vez, em direção ao rio. Eu me perguntei de repente onde Roger estaria – em algum lugar sob aquele céu obscuro. Teria encontrado um refúgio seguro durante a tempestade?

– Eu também me pergunto onde estará o urso – falei, expressando parte de meus pensamentos.

O peito de Jamie se moveu com uma risada pesarosa, mas o trovão abafou sua voz.

FOGARÉU

Roger começou a despertar ao sentir o cheiro de fumaça ardendo em sua garganta. Tossiu e adormeceu outra vez, sonhando com imagens fragmentadas de uma lareira cheia de fuligem e linguças queimadas desaparecendo na névoa. Cansado depois de uma manhã abrindo caminho por um matagal impenetrável de arbustos e bambus, havia feito uma refeição rápida e deitara-se para descansar por uma hora à sombra de um salgueiro-preto na margem do rio.

Embalado pelo murmúrio da água correndo, teria voltado a dormir profundamente, mas um grito agudo e distante fez com que ele acordasse de um sobressalto, alerta. O grito se repetiu, distante, mas alto. O burro!

Já estava de pé, tropeçando na direção do som, quando se lembrou do saco de couro com penas e tinta, além dos preciosos registros de medição. Voltou para pegá-lo e correu pelos baixios na direção dos zurros histéricos de Clarence, o astrolábio pendurado na tira ao redor de seu pescoço, batendo no peito. Enfiou-o na camisa para que não se enroscasse nos galhos, procurando desesperadamente o caminho por onde viera.

Fumaça – ele *realmente* sentia cheiro de fumaça. Tossiu, quase sufocando ao tentar reprimir a tosse. Tossir fazia sua garganta doer, uma dor dilacerante, que dava a impressão de que a pele das cicatrizes internas estava se rasgando.

– Estou indo – murmurou ele, na direção de Clarence.

Não teria feito diferença se ele pudesse gritar; mesmo quando tinha voz, ela não tinha o alcance dos zurros de Clarence. Havia deixado o burro amarrado em um capinzal à beira do bambuzal, mas não muito para dentro.

– Outra vez – murmurou, jogando o próprio peso contra uma touceira de bambus novos para conseguir passar. – Grite... outra vez... Inferno!

O céu estava escuro. Depois de despertar subitamente e partir como fizera, ele não fazia ideia de onde estava, a não ser por Clarence.

Merda, o que estava acontecendo? O cheiro de fumaça estava claramente mais forte; quando conseguiu afastar de vez o sono e o pânico, percebeu que havia algo muito errado. Os pássaros, em geral sonolentos no meio do dia, estavam inquietos, voando acima dele com grasnados dissonantes. O ar soprava agitado por entre os bambus, balançando as folhas irregulares, e ele sentiu uma baforada quente no rosto – não o calor úmido, pegajoso e abrangente do bambuzal abafado, mas um toque quente, seco, que roçou seu rosto e fez com que ele sentisse um arrepio paradoxal na espinha. Santo Deus, o lugar estava pegando fogo.

Respirou fundo, em uma tentativa consciente de se acalmar. O bambuzal parecia ter ganhado vida ao seu redor; um vento quente soprava, sacudindo os bambus secos, empurrando à sua frente bandos de periquitos e pássaros canoros, lançados como punhados de confetes coloridos em meio às folhas. A fumaça penetrou seu peito e chegou aos seus pulmões, ardendo, impedindo-o de respirar fundo.

– Clarence – disse ele, com a voz rouca, o mais alto que conseguiu.

Sem sucesso; mal conseguia ouvir a si mesmo em meio à crescente agitação no bambuzal. Não ouvia nenhum sinal do burro. Será que o maldito animal já tinha sido engolido pelo incêndio? Não, era mais provável que tivesse arrebitado a corda e galopado para longe, a fim de se proteger.

Algo roçou em sua perna e ele olhou para baixo a tempo de ver a cauda escamosa e sem pelos de um gambá correndo para dentro do mato. Era uma direção tão boa quanto qualquer outra, ele pensou, e correu mata fechada adentro atrás do animal.

Ouviu um grunhido ali perto; um pequeno porco surgiu de uma moita de chá-dos-apalaches e cruzou seu caminho, dobrando à esquerda. Porco, gambá – qual deles tinha melhor senso de direção? Hesitou por um instante e então foi atrás do porco; por ser grande, poderia ajudar a abrir caminho.

E parecia haver um caminho. Pequenos pontos de terra sem vegetação apareciam de tempos em tempos entre os tufo de capim. Orquídeas selvagens destacavam-se entre eles, brilhantes como pequenas joias, e ele se admirou com a delicadeza delas – como podia notar uma coisa dessas em um momento como aquele?

A fumaça estava ficando cada vez mais espessa. Ele teve que parar e tossir, se dobrando para a frente e levando as mãos ao pescoço, como se pudesse manter o tecido intacto, como se pudesse impedir, com as mãos, que ele se rasgasse. Com os olhos lacrimejando, endireitou-se e viu que o caminho havia desaparecido. O pânico pareceu torcer suas entranhas quando ele viu um filete de fumaça flutuando, avançando lentamente através da vegetação rasteira, explorando delicadamente.

Cerrou os punhos com tanta força que sentiu as unhas curtas cortando a pele das palmas e usou a dor para colocar sua mente em foco. Virou-se devagar, com os olhos fechados para se concentrar, ouvindo, virando a cabeça de um lado para o outro, buscando uma corrente de ar fresco, uma sensação de calor – qualquer coisa que indicasse a direção a tomar, para longe do fogo.

Nada. Ou melhor, tudo. A fumaça tomava tudo naquele momento, em nuvens cada vez mais espessas que se insinuavam, quase rente ao chão, ou saíam do meio das moitas em tufo negros e sufocantes. Ele podia *ouvir* o fogo agora, um ruído semelhante ao de um riso abafado, a alguém rindo com a garganta tomada por cicatrizes.

Salgueiros. Sua mente se agarrou à ideia dos salgueiros; conseguia ver alguns deles a distância, quase invisíveis acima dos bambus. Salgueiros crescem perto da água; era lá que o rio estava.

Uma pequena cobra vermelha e preta passou por cima de seu pé quando ele chegou à água, mas ele mal percebeu. Não havia tempo para sentir nenhum medo que não fosse o medo do fogo. Correu para dentro do rio e caiu de joelhos, abaixando-se para aproximar o rosto da água o máximo que conseguisse.

Havia ar em movimento ali, fresco por causa da água, e ele a bebeu em

goles tão grandes que acabou tossindo de novo, seu corpo se sacudindo em espasmos intensos, dolorosos. Para qual lado, para qual lado? O rio ziguezagueava através de acres de bambuzal e mata ciliar. Se o seguisse para um dos lados, chegaria às terras baixas – talvez longe do fogo, ou ao menos campo aberto –, um lugar onde ele pudesse enxergar de novo e correr. Se fosse para o outro lado, poderia acabar diretamente no foco do incêndio. Mas não havia nada acima dele além da escuridão nebulosa, e não havia como saber.

Pressionou os braços contra o corpo com força, tentando conter a tosse, e sentiu o volume do saco de couro. Os registros. Inferno, ele era capaz de admitir a possibilidade da própria morte, mas não a perda daqueles registros, obtidos depois de tantos dias de trabalho intenso. Tropeçando e avançando com dificuldade, ele chegou à margem do rio. Cavou freneticamente com as mãos, raspando a lama mole, desprendendo punhados do capim comprido e resistente, arrancando cavalinha pela raiz. As ervas se desfaziam em suas mãos e ele atirava os restos desesperadamente para trás, ofegando enquanto cavava.

O ar estava quente ao seu redor, fazendo seus pulmões arderem. Enfiou o saco de couro dentro do buraco úmido que cavara, estendeu os braços e começou a arrastar a terra, puxando-a para si, a lama confortante em sua pele conforme cobria o buraco.

Parou, arfando. Devia estar suando, mas o suor secava antes de chegar à superfície da pele. O fogo estava próximo. Pedras, precisava de pedras para marcar o lugar – elas não queimariam. Jogou-se de novo dentro do rio, buscando sob a superfície, minha nossa, estava gelado, estava molhado, graças a Deus, agarrou uma pedra redonda e escorregadia por causa do lodo e jogou-a na margem. Mais uma, um punhado de pedras menores, agarradas no desespero, mais uma grande, uma pedra chata, outra – era o suficiente, tinha que ser suficiente, o fogo estava chegando.

Empilhou as pedras às pressas e, entregando a alma a Deus, mergulhou no rio e partiu, tropeçando e engasgando, com as pedras rolando, escorregadias, sob seus pés. Correu enquanto suas pernas trêmulas

aguentaram, antes de a fumaça tomar sua garganta, preencher a cabeça, o nariz e o peito e sufocá-lo, a marca da cicatriz na garganta uma garra que apertava e estrangulava o ar e a vida, deixando apenas escuridão dentro de seus olhos, iluminada pelo vermelho bruxuleante do fogo.

Ele estava lutando. Lutando contra a corda em seu pescoço, contra as cordas amarrando seus pulsos, lutando, mais do que tudo, contra o buraco negro que oprimia seu peito e apertava sua garganta, lutando por um último sorvo do ar valioso. Ele se curvou, buscando todas as forças de seu ser, e então rolou pelo chão com os braços livres.

Bateu em alguma coisa com uma das mãos flácidas. Era macio e emitiu um grito de surpresa.

Então sentiu mãos em seus ombros e pernas, e estava sentado, com a visão embaçada e o peito arfando em um esforço para respirar. Alguma coisa o atingiu com força bem no meio das costas. Ele engasgou, tossiu, puxou ar suficiente para que a tosse viesse bem do fundo do centro chamuscado de seu ser, e expeliu uma grande massa de catarro escuro de dentro do peito, quente e viscoso como uma ostra podre em sua língua.

Ele cuspiu, engasgou-se e sentiu ânsia de vômito quando a bÍlis subiu ardendo pelo canal estreito e em carne viva de sua garganta. Então cuspiu outra vez, controlou a respiração, e se sentou, arfando.

Não conseguia prestar atenção a nada, ocupado com o milagre do ar e da respiração. Ouvia vozes à sua volta e via rostos vagos na escuridão; tudo cheirava a queimado. Nada importava além do oxigênio enchendo seu peito, inflando suas células murchas como uvas-passas mergulhadas em água.

A água tocou seus lábios, e ele olhou para cima, piscando os olhos e lacrimejando enquanto tentava enxergar. Seus globos oculares pareciam queimados; luz e sombra se fundiam, e ele piscou com força, as lágrimas quentes como um bálsamo para os olhos ardidos, refrescando sua pele conforme rolavam por seu rosto. Alguém segurou uma xícara junto a seus lábios; uma mulher, o rosto enegrecido de fuligem. Não, não era fuligem. Ele

piscou, estreitou os olhos, piscou de novo. Ela era negra. Escrava?

Tomou um pequeno gole da água, sem querer interromper a respiração nem mesmo para sentir o frescor em sua garganta ferida. Mas era bom... muito bom. Suas mãos se ergueram e seguraram a xícara, surpreendendo-o. Esperava a dor dos dedos quebrados, a carne dormente... mas suas mãos estavam curadas e funcionais. Levou a mão automaticamente à base do pescoço, esperando dor e o sibilar do tubo cor de âmbar – e tateou, incrédulo, a carne firme. Respirou e o ar sibilou por seu nariz e desceu pelo fundo da garganta. O mundo se movimentou ao seu redor e se realinhou.

Ele estava sentado em uma espécie de cabana precária. Havia várias pessoas ali dentro e outras espreitando da porta. A maioria era negra, todas vestindo trapos, e nenhum dos rostos parecia minimamente amigável.

A mulher que lhe oferecera água parecia amedrontada. Ele tentou sorrir para ela e tossiu outra vez. Ela olhou para ele por baixo do trapo amarrado na cabeça, e ele viu que suas escleras estavam escarlates, as bordas das pálpebras vermelhas e inchadas. Pela sensação, seus olhos deveriam estar da mesma maneira. O ar ainda estava carregado de fumaça, e ele ouvia os estalidos distantes dos bambus que rachavam com o calor, o ruído do fogo diminuindo. Em algum lugar próximo, um pássaro grasnou assustado, e então silenciou abruptamente.

Havia uma conversa em curso perto da porta, em sussurros sibilantes. Os homens que conversavam – ou melhor, discutiam – olhavam para ele de tempos em tempos, com expressões de medo e desconfiança. Tinha começado a chover; ele não conseguia sentir o cheiro da chuva, mas o ar fresco soprou em seu rosto e ele ouviu o tamborilar dos pingos de chuva no telhado e nas árvores lá fora.

Tomou o restante da água e estendeu a xícara de volta à mulher. Ela se retraiu, como se o objeto pudesse estar contaminado. Ele colocou a xícara no chão, assentindo para ela, e secou os olhos com as costas da mão. Os pelos de seu braço estavam chamuscados e se esfarelaram ao toque.

Ele se esforçou para discernir as palavras, mas ouviu apenas uma linguagem incompreensível. Os homens não falavam inglês, francês ou

gaélico. Ele ouvira alguns dos novos escravos africanos trazidos de Charleston para serem vendidos no mercado de Wilmington conversando entre si exatamente naquele murmúrio rouco, sigiloso. Alguma língua africana – ou mais de uma.

Sua pele estava coberta de bolhas, quente e sensível em muitos pontos, e o ar na cabana estava tão quente e sufocante que o suor escorria por seu rosto juntamente com as lágrimas, mas ele sentiu um arrepio na base da espinha quando caiu em si. Não estava em uma fazenda – não havia nenhuma plantação tão longe nas montanhas. As pequenas propriedades isoladas como as que existiam ali eram muito pobres para ter escravos, muito menos tantos assim. Alguns índios tinham escravos – mas não negros.

Só havia uma resposta possível, confirmada pelo comportamento deles. Seus captores – ou seriam salvadores? – eram escravos fugidos, e estavam vivendo ali em sigilo.

Sua liberdade – e talvez sua vida – dependia desse sigilo. E ali estava ele, uma ameaça viva a tudo aquilo. Sentiu um frio na barriga ao perceber a fragilidade de sua situação. *Eles* o haviam salvado do fogo? Em caso afirmativo, agora deviam estar arrependidos, a julgar pela expressão dos homens à porta.

Um deles se afastou do grupo, se aproximou e se agachou diante dele, empurrando a mulher para o lado. Olhos negros e estreitos o observaram, do rosto ao peito e de volta ao rosto.

– Quem você?

Ele não acreditava que o interrogador belicoso quisesse saber seu nome. Na verdade, ele queria saber o objetivo de Roger. Possibilidades se alternaram em sua mente – qual delas teria a maior chance de mantê-lo vivo?

Não “caçador” – se achassem que era inglês e estava sozinho, com certeza o matariam. Poderia fingir ser francês? Um francês não lhes pareceria tão perigoso. Talvez.

Piscou com força para clarear a visão e estava abrindo a boca para dizer “*Je suis français – un voyageur*”, quando sentiu uma dor aguda no meio do peito que o fez engolir ar com força.

O metal do astrolábio o queimara no incêndio, e pequenas bolhas tinham surgido e estourado embaixo dele, grudando o objeto nele com seu fluido pegajoso. Quando se moveu, o peso do astrolábio o soltou, arrancando tiras de pele com ele e deixando uma área latejante e em carne viva no centro de seu peito.

Ele enfiou dois dedos pela gola da camisa e cuidadosamente puxou a tira de couro.

– Me... di... dor – esforçou-se para dizer, forçando as sílabas com dificuldade através do nó de fuligem e cicatrizes em sua garganta.

– *Hau!*

O interlocutor olhou espantado para o disco de ouro, com os olhos arregalados. Os homens junto à porta se empurraram e se acotovelaram, tentando chegar perto para ver.

Um deles estendeu a mão e agarrou o astrolábio, puxando-o por cima de sua cabeça. Ele não tentou segurar o objeto, mas se recostou, aproveitando que a atenção deles estava concentrada no objeto para firmar os pés lentamente. Esforçava-se para manter os olhos abertos, lutando contra a vontade quase irresistível de fechá-los; até mesmo a suave luz do dia que entrava pela porta causava dor.

Um dos homens olhou para ele e disse algo de modo ríspido. Dois deles se postaram de imediato entre ele e a porta, com os olhos vermelhos fixos nele como basiliscos. O homem que segurava o astrolábio gritou alguma coisa, um nome, ele acreditava, e houve um movimento à porta, alguém abrindo caminho entre os espectadores amontoados ali.

A mulher que entrou era muito parecida com as outras; vestia farrapos, molhados pela chuva, e um pano amarrado na cabeça, escondendo seus cabelos. Havia uma grande diferença, no entanto; os braços e pernas magros que saíam do vestido eram membros queimados de sol e cobertos de sardas de uma pessoa branca. Ela olhou para Roger, mantendo os olhos fixos nele enquanto andava até o centro da cabana. Somente o peso do astrolábio em sua mão fez com que ela desviasse o olhar.

Um homem alto e esquelético, com um único olho se aproximou. Chegou

perto da mulher, tocou o astrolábio com um dedo e disse algo parecido com uma pergunta. Ela balançou a cabeça lentamente, discordando, passando o dedo sobre as marcações na borda do disco fascinada e confusa. Em seguida virou o objeto.

Roger notou seus ombros ficarem tensos quando ela viu as letras impressas no disco e um fio de esperança surgiu em seu peito; ela o conhecia. Reconhecera o nome.

Ele havia apostado na possibilidade de que eles soubessem o que era um agrimensor, de que pudessem concluir que a palavra indicava que havia pessoas esperando pelos resultados, pessoas que iriam à procura dele, se ele não voltasse. Do ponto de vista deles, não haveria nenhuma vantagem em matá-lo se outros fossem procurá-lo. Mas se a mulher conhecia o nome “James Fraser”...

A mulher lançou a Roger um olhar brusco, firme, totalmente incongruente com sua hesitação anterior. Aproximou-se dele devagar, mas sem aparentar medo.

– Você não é Jamef Fraser – disse ela, e ele se surpreendeu com o som de sua voz, clara mas ceceada.

Piscou e estreitou os olhos, então levantou-se devagar, protegendo os olhos com as mãos para conseguir vê-la contra a claridade que entrava pela porta.

Ela podia ter qualquer idade entre 20 e 60 anos, embora não houvesse fios grisalhos nos cabelos castanho-claros que apareciam em suas têmporas. O rosto dela era marcado por rugas, mas de dificuldades e fome, não de velhice, ele pensou. Ele sorriu para ela, deliberadamente, e ela abriu os lábios em reflexo, um sorriso hesitante, mas mesmo assim foi o suficiente para que ele conseguisse ver de relance seus dentes da frente, quebrados. Estreitando os olhos, ele notou a marca clara de uma cicatriz atravessando uma das sobrancelhas. Ela era muito mais magra do que Claire descrevera, mas isso não surpreendia.

– Eu não sou... James Fraser – concordou ele com a voz rouca, parando para tossir.

Pigarreou, expelindo mais fuligem e catarro. Cuspiu, virando-se educadamente de lado, e voltou a se dirigir a ela.

– Mas você é... Fanny Beardsley... não é?

Ele não tinha certeza, apesar dos dentes, mas a expressão de assombro dela diante daquelas palavras foi uma confirmação incontestável. Os homens também conheciam esse nome. O homem de um olho só deu um passo à frente e segurou a mulher pelo ombro; os outros se aproximaram de modo ameaçador.

– James Fraser é... o pai de minha esposa – disse ele, o mais depressa que pôde, antes que o pegassem. – Quer saber... sobre a criança?

O olhar de desconfiança desapareceu do rosto dela. Ela não se moveu, mas um olhar tão intenso surgiu em seus olhos que ele teve que se controlar para não dar um passo para trás.

– Fani?

O homem alto ainda mantinha a mão no ombro dela. Ele se aproximou ainda mais, seu único olho olhando de um lado para o outro, desconfiado, da mulher para Roger.

Ela disse alguma coisa, quase um sussurro, e estendeu a mão, cobrindo a mão do homem em seu ombro. O rosto dele se tornou repentinamente inexpressivo, como se a expressão tivesse sido apagada com uma borracha. Ela se voltou para ele, olhando em seu rosto, falando em um tom de voz baixo, rápido e urgente.

A atmosfera na cabana mudara. Ainda estava carregada, mas um ar de confusão agora se misturava ao clima de ameaça. Trovões ribombavam do lado de fora, muito mais alto do que o som da chuva, mas ninguém prestava atenção. Os homens perto da porta se entreolharam, franzindo o cenho para o casal discutindo aos sussurros. O clarão silencioso de um raio emoldurou as pessoas à porta contra a escuridão. Ouviu-se um murmúrio do lado de fora, expressões confusas. Outro estrondo de trovão.

Roger permaneceu imóvel, reunindo forças. Suas pernas pareciam de borracha e, apesar de respirar ainda ser uma alegria, cada respiração ardia e irritava seus pulmões. Ele não iria depressa nem longe, se tivesse que correr.

A discussão cessou abruptamente. O homem alto se virou e fez um gesto firme em direção à porta, dizendo algo que fez os outros homens resmungarem, surpresos e contrariados. Ainda assim, eles se foram, devagar. Um sujeito baixo, com os cabelos embaraçados, olhou com fúria para Roger, mostrou os dentes e passou a lateral da mão pela garganta sibilando. Com um pequeno choque, Roger viu que os dentes do homem eram irregulares, pontiagudos.

A porta da cabana mal havia se fechado quando a mulher puxou a manga de sua blusa.

– Conte-me – disse ela.

– Calma.

Ele tossiu outra vez, limpando o cuspe dos lábios com as costas da mão. Sua garganta ardia; as palavras pareciam brasas, queimando seu peito ao sair.

– Você... me tira... daqui. Depois... eu conto. Tudo o que sei.

– Conte-me!

Ela afundou os dedos no braço dele. Seus olhos estavam avermelhados por causa da fumaça, e as íris castanhas pareciam carvão em brasa. Ele balançou a cabeça, tossindo.

O homem alto empurrou a mulher para o lado, puxando Roger pela camisa. Alguma coisa reluziu sombriamente, perto demais do olho de Roger para que ele visse com clareza, e em meio ao cheiro de queimado, ele sentiu o fedor de dentes podres.

– Conte a ela, homem, ou eu arranco suas tripas!

Roger estendeu o braço entre eles e, com esforço, empurrou o homem para trás, cambaleando.

– Não – disse ele, decidido. – Você... me tira daqui. Depois, eu conto.

O homem hesitou, agachou-se, a lâmina da faca criando um pequeno arco de incerteza. Seu olho se voltou para a mulher.

– Tem certeza de que ele sabe?

A mulher não havia tirado os olhos do rosto de Roger. Ela assentiu, sem desviar o olhar.

– Ele sabe.

– Era... uma menina. – Roger olhou para ela fixamente, controlando a vontade de piscar. – Isso... você já... sabe.

– Ela está viva?

– Tire-me... daqui.

Ela não era uma mulher alta, nem de corpo avantajado, mas seu desespero parecia preencher a cabana. Ela tremia, os punhos cerrados ao lado do corpo. Ela olhou para Roger por mais um minuto e em seguida se virou, dizendo algo violento para o homem na estranha língua africana.

Ele tentou argumentar, mas foi em vão. A enxurrada de palavras da mulher atingiu-o como a água de uma mangueira de incêndio. Ele levantou as mãos, rendendo-se, frustrado, depois estendeu os braços e arrancou o trapo da cabeça da mulher. Desfez os nós com dedos rápidos e compridos, e o torceu no formato de uma venda, murmurando baixinho.

A última coisa que Roger viu antes de o homem vendar seus olhos foi Fanny Beardsley, com os cabelos presos em pequenas tranças sebosas caídas sobre os ombros, os olhos ainda fixos nele, queimando como brasas. Seus dentes quebrados estavam à mostra, e ele achou que ela o morderia, se pudesse.

Eles não partiram sem discutir. Um coro de vozes enfurecidas os cercou por algum tempo e mãos puxaram suas roupas e braços. Mas o homem de um olho só ainda segurava a faca. Roger ouviu um berro, um tumulto de pés e corpos próximos dele, e um grito agudo. As vozes se calaram e as mãos não o prendiam mais.

Continuaram a caminhar, sua mão no ombro de Fanny Beardsley para se guiar. Acreditava ser um pequeno povoado; pelo menos, não demorou muito para que começasse a sentir as árvores em volta dele. Folhas roçavam seu rosto, e o cheiro resinoso de seiva era intensificado pelo ar quente, tomado por fumaça. Ainda chovia forte, mas o cheiro de fumaça estava em toda parte. O terreno era irregular, camadas de folhas mofadas pontuadas por pedras protuberantes, tocos de árvores e galhos caídos.

O homem e a mulher trocavam comentários ocasionais, mas logo ficaram em silêncio. Suas roupas ficaram encharcadas e se grudaram ao corpo, as costuras da calça esfolando sua pele enquanto ele caminhava. A venda estava apertada demais para que ele visse alguma coisa, mas a luz penetrava pela borda e, por meio dela, ele podia perceber as mudanças do dia. Acreditava ter saído da cabana no meio da tarde; quando finalmente pararam, a luz já havia se extinguido quase totalmente.

Ele piscou quando a venda foi retirada, a repentina entrada de luz compensando a falta de claridade. Era fim do crepúsculo. Estavam em um pequeno vale, já parcialmente imerso na penumbra do anoitecer. Ao olhar para o alto, ele viu o céu acima das montanhas brilhando vermelho e laranja, a névoa esfumada iluminada como se o mundo ainda estivesse em chamas. Acima dele, as nuvens haviam se dissipado; uma nesga de céu azul se revelava, iluminada pelas estrelas do início da noite.

Fanny Beardsley olhou para ele, parecendo menor sob a copa de uma enorme castanheira, mas tão determinada quanto se mostrara na cabana.

Ele tivera tempo de sobra para pensar na questão. Deveria contar a ela onde a criança estava ou deveria dizer que não sabia? Se ela soubesse, tentaria reaver a criança? E, se fizesse isso, quais seriam as consequências – para a criança, para os escravos fugidos ou até mesmo para Jamie e Claire Fraser?

Nenhum dos dois dissera nada sobre os acontecimentos na fazenda dos Beardsleys além do simples fato de que Beardsley morrera de um ataque de apoplexia. Mas Roger já conhecia ambos o suficiente para tirar conclusões silenciosas do rosto transtornado de Claire e da expressão impassível de Jamie. Ele não sabia o que havia acontecido, mas Fanny Beardsley sabia – e provavelmente era alguma coisa que os Frasers preferiam que continuasse em segredo. Se a sra. Beardsley reaparecesse em Brownsville, querendo a filha de volta, perguntas certamente seriam feitas – e talvez não fosse bom para ninguém que elas fossem respondidas.

O céu em chamas cobriu o rosto da mulher de fogo, no entanto, e diante da urgência naqueles olhos ardentes, ele não conseguiu dizer nada além da

verdade.

– Sua filha... está bem – começou ele com firmeza, e ela emitiu um resmungo gutural.

Quando ele terminou de contar o que sabia, as lágrimas rolavam pelo rosto dela, deixando marcas na fuligem e na poeira que a cobriam, mas seus olhos permaneceram muito abertos, fixos nele, como se o simples ato de piscar pudesse fazer com que ela perdesse alguma palavra essencial.

O homem se manteve um pouco afastado, desconfiado, observando. Sua atenção se concentrava principalmente na mulher, mas ele lançava um olhar ocasional para Roger enquanto ele falava e, no fim, ficou ao lado da mulher, seu olho brilhando como os dela.

– Ela tem o dinheiro? – perguntou ele.

Em seu sotaque, percebia-se a cadência das Antilhas, e sua pele era morena como mel escuro. Ele seria um homem bonito, não fosse o acidente que o privara de um dos olhos, deixando um buraco de carne murcha por baixo de uma pálpebra enrugada e flácida.

– Sim, ela... herdou... tudo... de Aaron... Beardsley – garantiu Roger, a respiração arranhando sua garganta pelo esforço depois de falar tanto. – O sr. Fraser... cuidou disso.

Ele e Jamie tinham participado da audiência no Tribunal dos Órfãos, para que Jamie testemunhasse sobre a identidade da menina. Richard Brown e sua esposa ficaram com a guarda da criança... e de seus bens. Deram à menina – ele não sabia se por afeto ou por afronta – o nome de “Alicia”.

– Não importa ela ser negra?

Ele viu o olho do escravo piscar na direção de Fanny Beardsley, em seguida se desviar. A sra. Beardsley percebeu o tom de incerteza na voz do homem e se virou para ele como uma víbora prestes a dar o bote.

– Ela é *fua*! – disse ela. – Ela não poderia *fer* dele, não poderia!

– Sim, você disse – respondeu ele, com o rosto carrancudo. – Eles dar dinheiro para menina negra?

Ela bateu o pé no chão sem fazer ruído e deu um tapa nele. Ele se endireitou e virou o rosto, mas não fez outra tentativa de escapar de sua fúria.

– *Vofê* acha que eu a teria deixado, *fequer penfado nifo, fe* ela *fofe* branca, *fe houvefe* alguma *pofibilidade* de ela *fer* branca? – gritou ela, socando-o, golpeando nos braços e no peito. – Foi culpa *fua* eu ter que deixá-la, *fua! Fua* e daquele maldito *efconderijo* de *negrof, desgrafado!*

Foi Roger quem segurou os braços dela, que desferiam golpes sem controle, e segurou-os enquanto ela se debatia, deixando-a gritar histericamente até ficar rouca e finalmente cair aos prantos.

O escravo, que observara tudo isso com uma expressão que era um misto de vergonha e raiva, ergueu um pouco as mãos na direção dela. Foi um movimento muito discreto, mas suficiente; ela se virou na mesma hora e se jogou nos braços do amante, soluçando contra seu peito. Ele a envolveu com os braços meio sem jeito e apertou-a contra si, balançando-se para a frente e para trás. Parecia acanhado, porém não mais irado.

Roger pigarreou, fazendo uma careta de dor. O escravo olhou para ele e assentiu.

– Vá embora, homem – disse ele baixinho. Então, antes que Roger se virasse para ir, ele disse: – Espere... verdade, homem, a criança está bem cuidada?

Roger assentiu, sentindo-se extremamente cansado. A adrenalina e o instinto de sobrevivência que o mantiveram até ali já tinham se esgotado. O céu iluminado tornara-se cinza e tudo no vale estava perdendo a cor, apagando-se na escuridão.

– Ela está... bem. Vão... cuidar bem... dela. – Buscou palavras, querendo dizer mais alguma coisa. – Ela é... bonita – disse por fim. Sua voz já quase desaparecera, não mais do que um sussurro. – Uma menina... linda.

O rosto do homem mudou, dividido entre vergonha, surpresa e prazer.

– Ah! – disse ele. – Isso vem da mãe, com certeza.

Ele deu um tapinha nas costas de Fanny Beardsley, muito delicadamente. Ela havia parado de soluçar, mas permanecia com o rosto enterrado no peito dele, imóvel e muda. Já era quase noite; na penumbra, todas as cores tinham desbotado; sua pele parecia da mesma cor da dele.

O homem não usava nada além de uma camisa em farrapos, encharcada, e

sua pele escura aparecia por algumas aberturas. Ele usava um cinto de corda, no entanto, com um saco de pano preso a ele. Enfiou uma das mãos no saco e pegou o astrolábio, que estendeu para Roger.

– Não pretende... ficar com isso? – perguntou Roger.

Tinha a sensação de estar dentro de uma nuvem; tudo estava começando a parecer distante e indistinto, e as palavras chegavam até ele como se estivessem abafadas por um pedaço de algodão.

O ex-escravo balançou a cabeça.

– Não, homem, o que eu ia fazer com isso? E também – acrescentou, franzindo o canto da boca ironicamente –, talvez ninguém procure você, homem, mas o dono desse negócio pode vir procurar.

Roger pegou o disco pesado e pendurou a tira de couro no pescoço. Tentou duas vezes até conseguir; seus braços pesavam como chumbo.

– Ninguém... virá procurar – disse ele.

Virou-se e partiu, sem saber onde estava ou para onde deveria ir. Depois de alguns passos, virou-se e olhou para trás, mas a noite já os havia engolido.

QUEIMADOS ATÉ OS OSSOS

Os cavalos estavam um pouco mais calmos, mas ainda estavam inquietos, batendo as patas e puxando as cordas que os amarravam quando os trovões ressoavam ao longe. Jamie suspirou, deu um beijo no topo de minha cabeça e abriu caminho de volta pelas coníferas até a minúscula clareira onde eles estavam.

– Bem, se vocês não gostam daqui de cima – ouvi Jamie dizer –, por que vieram para cá?

Ele disse isso com tolerância, no entanto, e eu ouvi Gideon relinchar satisfeito ao vê-lo. Eu estava prestes a ir ajudá-lo, quando vi pelo canto do olho um movimento lá embaixo.

Eu me inclinei para olhar, segurando com força um dos galhos da cicuta para me apoiar, mas o que quer que estivesse ali, tinha se movido. Um cavalo, pensei, mas vindo de uma direção daquela pela qual os refugiados tinham vindo. Fui descendo em zigue-zague pela fileira de coníferas, espiando em meio aos galhos, e cheguei a um ponto bem próximo da beira do rebordo estreito de onde eu podia ver claramente o vale do rio lá embaixo.

Não exatamente um cavalo... era...

– É Clarence! – gritei.

– Quem?

Ouvi a voz de Jamie na outra extremidade do rebordo, um pouco abafada pelo farfalhar dos galhos. O vento ainda soprava com força, úmido por causa da chuva que voltava a cair.

– Clarence! O burro de Roger!

Sem esperar uma resposta, passei por baixo de um galho à minha frente e me equilibrei com dificuldade na beirada do rebordo, segurando-me a uma rocha que se projetava do penhasco no ponto onde ele encontrava o rebordo. Havia fileiras compactas de árvores embaixo, estendendo-se pela encosta, o topo das copas poucos centímetros abaixo de onde estavam meus pés, mas eu não quis correr o risco de cair sobre elas.

Era Clarence, eu tinha certeza. Eu não era nenhuma especialista em quadrúpedes a ponto de distingui-los por seu modo de andar, mas Clarence havia sofrido com uma espécie de sarna ou outra doença de pele quando era novo e os pelos cresceram brancos nos pontos onde havia feridas cicatrizadas, deixando o animal estranhamente malhado na região das ancas.

Ele trotava lentamente pelas plantações de milho, as orelhas apontadas para a frente e obviamente feliz por estar voltando à sociedade. Também estava selado e sem cavaleiro, e eu soltei um palavrão baixinho quando o vi.

– Ele arrebentou as amarras e fugiu. – Jamie aparecera ao meu lado, espreitando o burro lá embaixo. Ele apontou. – Está vendo?

Eu não havia percebido, a princípio, mas havia um pequeno trapo amarrado ao redor de uma das patas dianteiras, balançando enquanto ele trotava.

– Acho que é melhor assim – falei. Minhas mãos tinham ficado suadas, e eu enxuguei as palmas nos cotovelos das minhas mangas, sem conseguir desviar o olhar. – Quero dizer, se ele estava amarrado, então Roger não estava montado nele. Roger não foi atirado longe, derrubado nem ferido.

– Ah, não. – Jamie pareceu preocupado, mas não alarmado. – Ele vai ter que andar muito para voltar, só isso.

Ainda assim, vi seu olhar se desviar para o estreito vale do rio, agora quase tomado pela fumaça. Ele balançou a cabeça levemente e disse alguma coisa baixinho, sem dúvida algo bem parecido com o meu palavrão.

– Fico tentando imaginar se é assim que Deus se sente – disse ele em voz alta, lançando um olhar irônico para mim. – Vendo as bobagens de que os seres humanos são capazes, mas sem poder fazer nada a respeito.

Antes que eu pudesse responder, vimos o clarão de um raio e, logo

depois, o estrondo do trovão, um barulho tão forte e repentino que eu me sobressaltei, quase me desequilibrando. Jamie segurou meu braço para que eu não caísse e me puxou para trás, afastando-me da borda. Os cavalos estavam inquietos de novo na outra extremidade do rebordo, e ele se virou para os animais, mas parou de repente, a mão ainda segurando meu braço.

– O que foi?

– Olhei para onde ele estava olhando, mas não vi nada além da face do penhasco, a uns 3 metros, ornamentada com pequenas plantas.

Ele soltou meu braço e, sem responder, caminhou na direção do penhasco. E, eu vi, em direção a um antigo tronco destruído pelo fogo perto da rocha. Muito delicadamente, ele puxou alguma coisa da casca da árvore seca. Aproximei-me dele e olhei na palma de sua mão, onde ele segurava vários pelos longos e grossos. Pelos brancos.

A chuva recomeçou, determinada a encharcar tudo que pudesse. Ouvi dois relinchos estridentes dos cavalos, que não gostavam nem um pouco de ser abandonados.

Olhei para o tronco da árvore; havia pelos brancos por toda parte, presos nas fendas da casca rachada. *Um urso costuma ter uma ou duas árvores favoritas para se coçar*, eu podia ouvir Josiah dizendo. *E sempre volta para a mesma*. Engoli em seco.

– Talvez – disse Jamie, pensativo – não sejam apenas os trovões que estão perturbando os cavalos.

Talvez não, mas não estavam ajudando. Um raio brilhou no meio das árvores na base da encosta e o trovão ressoou em seguida. Mais uma vez, outro raio, depois outro, como se uma artilharia antiaérea estivesse disparando sob nossos pés. Os cavalos estavam histéricos e eu tive vontade de me juntar a eles.

Eu havia vestido minha capa com capuz ao deixar a aldeia, mas tanto o capuz quanto os cabelos estavam grudados em minha cabeça, que era açoitada pela chuva como uma saraivada de pregos. Os cabelos de Jamie também estavam grudados em sua cabeça e ele franziu o cenho em uma careta.

Fez um gesto de “fique aqui”, mas balancei a cabeça, negando, e o segui. Os cavalos estavam em um estado de desespero, com as crinas encharcadas caindo na frente dos olhos. Judas conseguira arrancar parte da pequena árvore à qual eu o amarrara, e Gideon abaixara completamente as orelhas, mexendo o lábio sem parar sobre os grandes dentes amarelos, procurando alguém ou alguma coisa para morder.

Ao ver aquilo, Jamie contraiu os lábios. Olhou para trás, em direção ao ponto onde havíamos encontrado a árvore de coçar, impossível de ver de onde estávamos agora. Vimos o clarão de um relâmpago, o trovão fez a rocha tremer e os dois cavalos guincharam e avançaram. Jamie balançou a cabeça, decidido, e agarrou as rédeas de Judas, mantendo-o no lugar. Evidentemente, íamos sair da montanha, com ou sem caminho escorregadio.

Montei na sela com as saias molhadas e me segurei às rédeas com firmeza, tentando gritar palavras tranquilizadoras no ouvido de Judas enquanto ele pulava e se contorcia, ansioso para partir. Estávamos perigosamente perto das coníferas na borda, e eu me inclinei com força para dentro, tentando conduzi-lo na direção da parede de rocha do penhasco.

Senti uma forte onda de formigamento percorrer meu corpo, como se milhares de formiguinhas estivessem me mordendo da cabeça aos pés. Olhei para minhas mãos e as vi brilhando, contornadas por uma luz azul. Os pelos dos meus antebraços estavam arrepiados, todos com um brilho azul. Meu capuz havia caído para trás e senti todos os cabelos da minha cabeça se levantarem ao mesmo tempo, como se uma mão gigante e invisível os puxasse para cima.

O ar começou de repente a cheirar a enxofre, e eu olhei ao redor, assustada. As árvores, as pedras e o chão estavam banhados por uma luz azul. Minúsculas serpentes de eletricidade branca e brilhante sibilavam na superfície rochosa do penhasco, a poucos metros.

Eu me virei para chamar Jamie e o vi montado em Gideon, virando-se na minha direção, com a boca aberta enquanto gritava e todas as palavras se perdiam na reverberação do ar ao nosso redor.

A crina de Gideon começou a se erguer, como em um passe de magia.

Os cabelos de Jamie se ergueram de seus ombros e flutuaram para cima, entremeados por trêmulos fios azuis. Cavalo e cavaleiro cintilavam com uma luz infernal, todos os músculos do rosto e dos membros delineados. Senti um sopro de ar sobre minha pele e em seguida Jamie se jogou de sua sela em cima de mim, e nós dois mergulhamos no vazio.

O raio caiu antes de atingirmos o chão.

Voltei a mim, sentindo cheiro de carne queimada e uma pontada dolorosa na garganta. Parecia que eu tinha sido virada do avesso; todos os meus órgãos pareciam estar expostos.

Ainda chovia. Fiquei parada por um tempo, deixando a chuva escorrer por meu rosto e encharcar meus cabelos, enquanto meus neurônios lentamente voltavam a funcionar. Meu dedo se contraiu de modo involuntário. Tentei fazê-lo de propósito e consegui. Flexionei os dedos – não tive muito sucesso. Mais alguns minutos, porém, e circuitos suficientes já funcionavam e eu consegui me sentar.

Jamie estava caído perto de mim, jogado de barriga para cima como um boneco de pano, no meio de uma moita de sumagre. Rastejei até ele e vi que seus olhos estavam abertos. Ele piscou para mim e um músculo contraiu-se no canto de sua boca na tentativa de esboçar um sorriso.

Eu não vi sangue, e apesar de seus membros estarem um pouco tortos, todos estavam inteiros. A chuva se empoçava em suas órbitas, escorrendo para dentro dos olhos. Ele piscou com força e virou a cabeça para que a água escorresse por seu rosto. Coloquei a mão em sua barriga e senti a pulsação abdominal forte sob meus dedos, um tanto lenta, mas constante.

Não sei quanto tempo permanecemos inconscientes, mas a tempestade também tinha passado. Uma série de relâmpagos cortava o céu além das montanhas, destacando os cumes.

– “O trovão é bom” – citei, observando-o em meio a um estupor nebuloso. – “O trovão é impressionante, mas é o raio que faz o trabalho.”

– Fez um belo trabalho em mim. Você está bem, Sassenach?

– Excelente – falei, ainda me sentindo agradavelmente distante. – E você? Ele olhou para mim curioso, mas pareceu concluir que eu estava bem.

Segurou-se em um galho de sumagre e ficou de pé com dificuldade.

– Ainda não consigo sentir os dedos dos pés – disse ele –, mas o resto está bem. Já os cavalos...

Olhou para cima e vi quando ele engoliu em seco.

Os cavalos estavam em silêncio.

Estávamos uns 6 metros abaixo do rebordo de pedra, em meio aos abetos e bálsamos. Eu *conseguia* me mover, mas não tinha forças para tanto. Permaneci sentada, me recuperando, enquanto Jamie se sacudia e começava a escalar a ribanceira de volta ao rebordo do matador.

Tudo estava muito quieto. Eu me perguntei se poderia ter ficado surda com o estrondo. Meu pé estava frio. Olhei para baixo e descobri que meu sapato esquerdo havia desaparecido – arrancado pelo raio ou perdido na queda, eu não tinha como saber, mas não o encontrei perto dali. A meia também havia sumido; uma pequena concentração escura de veias transparecia logo abaixo do meu tornozelo – um legado de minha segunda gravidez. Fiquei olhando para ela fixamente como se fosse a chave para desvendar os segredos do Universo.

Os cavalos deviam estar mortos; eu sabia. Por que nós não estávamos? Senti o cheiro forte de carne queimada e fui tomada por um leve tremor bem no fundo de mim. Estaríamos vivos agora só porque estávamos fadados a morrer em quatro anos? Quando chegasse a nossa vez, ficaríamos estendidos em meio às ruínas incendiadas de nossa casa, montes de carne queimada e fedorenta?

Queimados até os ossos, sussurrou a voz da minha memória. Lágrimas desceram pelo meu rosto, misturadas à chuva, mas eram lágrimas distantes – pelos cavalos, por minha mãe – não por mim mesma. Ainda não.

Havia veias azuis sob a superfície da minha pele, mais proeminentes do que antes. No dorso das minhas mãos, elas formavam um mapa... na carne macia atrás do meu joelho, pareciam teias e arabescos; ao longo da minha canela, uma veia grossa serpeava, distendida. Apertei-a com o dedo; era macia e desapareceu, mas voltou no instante em que tirei o dedo.

O funcionamento interno do meu corpo tornava-se aos poucos mais

visível, a pele esticada cada vez mais fina, deixando-me vulnerável, com tudo à mostra, exposto ao tempo, tudo o que antes se abrigava protegido dentro do invólucro do meu corpo. Ossos e sangue querendo sair... havia um ferimento no peito do meu pé.

Jamie estava de volta, encharcado e ofegante devido à subida. Reparei que seus dois sapatos tinham sumido.

– Judas está morto – disse ele, sentando-se ao meu lado.

Segurei minha mão fria com sua mão fria, apertando-a.

– Coitadinho – lamentei, e as lágrimas escorreram mais intensas, fios quentes misturados à chuva fria. – Ele sabia, não é? Sempre detestou raios e trovões, sempre.

Jamie passou o braço por meus ombros e pressionou minha cabeça contra seu peito, emitindo suaves ruídos para me consolar.

– E Gideon? – perguntei por fim, erguendo a cabeça e me esforçando para assoar o nariz em uma dobra da capa molhada.

Jamie negou com a cabeça, com um leve sorriso.

– Ele está vivo – respondeu Jamie. – Está com uma queimadura na lateral do ombro direito e da pata da frente, e sua crina queimou e caiu inteira. – Ele pegou uma dobra de sua própria capa rasgada e tentou limpar meu rosto, mas os resultados não foram melhores. – Acho que vai melhorar muito o temperamento dele – acrescentou, tentando fazer graça.

– Acho que sim. – Eu estava exausta e abalada demais para rir, mas consegui esboçar um sorriso, e foi bom. – Acha que consegue fazê-lo descer? Eu... eu tenho um pouco de unguento. É bom para queimaduras.

– Sim, acho que sim.

Ele me ofereceu a mão e me ajudou a levantar. Eu me virei para alisar minhas saias emboladas e, ao fazer isso, vi algo.

– Veja – falei, a voz quase um sussurro. – Jamie, veja.

A cerca de 3 metros, na ribanceira acima de nós, havia um grande abeto, com a parte de cima totalmente arrancada e metade dos galhos restantes queimados, fumegando. Presa entre um dos galhos e o toco, havia uma massa enorme e arredondada. Estava meio enegrecida, os tecidos queimados – mas

os pelos na outra metade, espigados e encharcados, eram brancos, o branco creme dos lírios-do-bosque.

Jamie ficou parado, olhando para o cadáver do urso, boquiaberto. Lentamente, ele fechou a boca e balançou a cabeça. Virou-se para mim, então, e olhou além de onde eu estava, na direção das montanhas distantes, onde os raios ainda brilhavam em silêncio.

– Dizem que uma grande tempestade anuncia a morte de um rei – falou ele, baixinho.

Tocou meu rosto com delicadeza.

– Espere aqui, Sassenach, enquanto busco o cavalo. Vamos para casa.

LAREIRA

Codilheira dos Frasers
Outubro de 1771

A estação mudou, de uma hora para outra. Ela fora dormir com a brisa morna de uma noite de verão e acordara de madrugada sob o forte frio do outono, os pés gelados embaixo da única coberta. Ainda sonolenta, não conseguia adormecer de novo, não sem mais cobertores.

Saiu da cama com os olhos semicerrados, caminhou sobre o piso gelado para ver como Jemmy estava. Ele estava bem aquecido, aconchegado no minúsculo colchão de penas, o cobertor puxado até as orelhas pequenas e rosadas. Ela pousou a mão delicadamente nas costas dele, aguardando a tranquilidade do subir e descer de sua respiração. Uma, duas, mais uma vez.

Tateou em busca de outro cobertor e o estendeu sobre a cama, pegou uma caneca de água para aliviar a garganta seca e percebeu, com um resmungo de irritação, que ela estava vazia. Teve vontade de voltar para a cama e sucumbir ao sono profundo e aquecido... mas não morrendo de sede.

Havia um balde de água da fonte perto da porta. Bocejando e fazendo uma careta, ela deslizou o ferrolho e o abriu com cuidado – apesar de Jem dormir tão profundamente à noite que não havia muito perigo de acordá-lo.

Mesmo assim, abriu a porta com cuidado e saiu, sentindo um leve arrepio quando o ar gelado fez a barra de sua camisola esvoaçar. Abaixou-se e tateou na escuridão. Nenhum balde. Onde...

Viu um movimento pelo canto do olho e se virou. Por um instante,

pensou que pudesse ser Obadiah Henderson, sentado no banco ao lado da porta, e sentiu o coração apertar quando ele se levantou. Então, ela percebeu e se lançou nos braços de Roger antes que sua mente conseguisse enxergá-lo em detalhes.

Pressionada contra ele, sem dizer nada, teve tempo de notar algumas coisas: o arco de sua clavícula contra seu rosto, o cheiro de roupas usadas por muito tempo, havia tanto tempo sem lavar que nem cheiravam mais a suor, mas sim à mata que ele atravessara e à terra sobre a qual dormira, e principalmente à fumaça amarga que inalara. A força de seus braços ao redor de seu corpo e o roçar de sua barba contra a pele dela. O couro frio e rachado de seus sapatos sob os pés descalços dela e a forma dos ossos dos pés dentro dos calçados.

– É você – disse Brianna chorando. – Voltou para casa!

– Sim, voltei para casa – sussurrou ele em seu ouvido. – Você está bem? Jem está bem?

Ela relaxou a pressão dos braços que envolviam as costelas de Roger e ele sorriu para ela – era tão estranho ver seu sorriso em meio à espessa barba negra, a curva de seus lábios familiar ao luar.

– Estamos bem. Você está bem? – Ela fungou, os olhos marejados ao fitar o marido. – O que está fazendo aqui fora, pelo amor de Deus? Por que não bateu?

– Calma. Estou bem. Não queria assustá-la. Pensei em dormir aqui fora e chamar quando amanhecesse. Por que está chorando?

Ela percebeu, então, que ele não estava sussurrando para não despertar Jem. O pouco de voz que lhe restava era um som rouco, deformado e ofegante. Mesmo assim, ele falava com clareza, sem esforço, sem a terrível hesitação de antes.

– Você está conseguindo falar – disse ela, passando as costas da mão nos olhos, depressa. – Quero dizer, está falando melhor.

Antes, ela teria hesitado em tocar sua garganta, com receio de ferir os sentimentos dele, mas por instinto soube que não deveria desperdiçar aquele momento de repentina intimidade provocada pelo choque. A tensão poderia

voltar e eles se tornariam estranhos, mas, por um momento, *aquele* momento na escuridão, ela podia dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa, e encostou os dedos na cicatriz irregular e quente, tocou a incisão que havia salvado a vida dele, uma linha fina e clara em meio à barba.

– Ainda dói para falar?

– Dói – respondeu ele, em um sussurro fraco e rouco, e seus olhos encontraram os dela, escuros e suaves ao luar. – Mas eu consigo falar. E vou falar... Brianna.

Ela deu um passo para trás, uma das mãos no braço dele, sem querer soltá-lo.

– Entre – disse ela. – Está frio aqui fora.

Eu tinha uma série de objeções a lareiras, que iam desde farpas sob as unhas e resina de madeira nas mãos até bolhas, queimaduras e o espírito indomável do fogo. No entanto, diria duas coisas a seu favor: era aconchegante, não dava para negar, e envolvia o ato de amor em uma luz tão tênue e bonita, que todas as hesitações acerca da nudez podiam ser seguramente deixadas de lado.

Nossas sombras mescladas flutuavam juntas na parede, um braço, a curva das costas ou do quadril, partes de uma fera ondulante. Jamie levantou a cabeça, uma enorme criatura de vasta cabeleira surgindo acima de mim, com as costas arqueadas.

Estiquei os braços em direção à pele brilhante e aos músculos trêmulos, toquei os pelos claros dos braços e do peito e enterrei as mãos no calor de seus cabelos, puxando-o para baixo, ofegante, para o espaço escuro entre meus seios.

Eu mantinha os olhos entreabertos, as pernas da mesma forma, sem querer largar seu corpo, sem querer abrir mão da ilusão de que éramos um só – se é que de fato era ilusão. Quantas vezes mais eu o teria assim, sob o encantamento da luz do fogo?

Agarrei-me com todas as forças a ele e ao pulsar agonizante de minha

própria carne. Mas alegria retida é alegria perdida, e logo voltei a ser apenas eu mesma. A mancha escura no meu tornozelo era perfeitamente visível, mesmo à luz da lareira.

Relaxe as mãos em seus ombros e toquei com ternura as mechas rebeldes de seu cabelo. Ele virou a cabeça e beijou meu seio, em seguida estremeceu, suspirou e deslizou para o lado.

– E dizem que galinha não tem dentes – gracejou ele, tocando com cuidado a marca de uma mordida em seu ombro.

Eu não consegui me conter e ri.

– Devem ser tão raros como o pênis de um galo.

Apoiei-me em um cotovelo e olhei na direção da lareira.

– O que foi, mulher?

– Só estou me certificando de que minhas roupas não peguem fogo.

No calor do momento, eu não havia notado onde ele tinha jogado minhas roupas, mas pareciam estar a uma distância segura das chamas. A saia estava amontoada ao lado da cama, o corpete e a combinação tinham, de algum modo, ido parar em cantos diferentes do quarto. Não vi a faixa para os seios em lugar nenhum.

A luz bruxuleava nas paredes brancas e a cama estava envolta em sombras.

– Você é linda – sussurrou Jamie para mim.

– Se está dizendo...

– Não acredita? Por acaso eu já menti para você?

– Não é isso. Quero dizer que se você está dizendo, então é verdade. Você faz com que seja verdade.

Ele suspirou e mudou de posição para nos acomodarmos confortavelmente. Um pedaço de lenha estalou de repente na lareira, jogando para cima uma chuva de faíscas douradas, em seguida cedeu, sibilando quando o calor envolveu um veio úmido escondido. Observei a madeira nova escurecer, depois se avermelhar, ardendo em uma luz incandescente.

– Pode dizer a mesma coisa sobre mim, Sassenach? – perguntou ele de repente.

Parecia tímido, e eu virei a cabeça para olhar para ele, surpresa.

– Se posso dizer o quê? Que você é lindo?

Meus lábios se curvaram involuntariamente e ele sorriu em resposta.

– Bem... não isso. Mas que ao menos tolera minha cara.

Passei o dedo pela tênue linha branca da cicatriz sobre suas costelas, feita por uma espada muitos anos antes. A cicatriz mais longa, mais grossa, da baioneta que abriu sua coxa de ponta a ponta. O braço que me envolvia, bronzeado e áspero, os pelos descoloridos até ficarem dourados por causa dos muitos dias de sol e trabalho. Perto da minha mão, seu pênis estava aconchegado entre as pernas, agora pequeno, macio e delicado, em seu ninho de pelos castanho-avermelhados.

– Você é lindo para mim, Jamie – falei suavemente, por fim. – Tão lindo que parte meu coração.

Ele tocou os nós da minha coluna, um de cada vez.

– Mas eu sou um velho – disse ele, sorrindo. – Ou deveria ser. Tenho fios brancos na cabeça; a barba está grisalha.

– Prateada – corriji, tocando os pelos curtos em seu queixo, de cores diferentes, como uma colcha de retalhos. – Em algumas partes.

– Grisalha – disse ele com firmeza. – E, ainda por cima, tem falhas. Mas mesmo assim... – Seus olhos se suavizaram ao olhar para mim. – Mesmo assim, eu queimo por dentro quando me uno a você, Sassenach... e vai ser sempre assim, acredito, até nós dois virarmos cinzas.

– Isso é poesia? – perguntei com cautela. – Ou está falando literalmente?

– Ah. Não. Eu não quis dizer... Não.

Ele me apertou mais em seus braços e inclinou a cabeça na minha direção.

– Isso eu não sei. Se tiver que ser...

– Não será.

O sopro de sua risada esvoaçou meus cabelos.

– Você parece muito certa disso, Sassenach.

– O futuro pode ser modificado; faço isso o tempo todo.

– Ah, é?

Virei-me um pouco, para olhar para ele.

– É. Veja Mairi MacNeill. Se eu não estivesse lá semana passada, ela teria morrido, assim como os gêmeos. Mas eu *estava*, e eles não morreram.

Coloquei a mão atrás da cabeça, observando o reflexo das chamas ondular como água pelas vigas do teto.

– Eu fico pensando... Há muitos que não consigo salvar, mas alguns, eu salvo. Se alguém vive por minha causa e mais tarde tem filhos, que por sua vez também têm filhos, e assim por diante... Bem, quando chegar minha época, digamos, vai haver cerca de trinta ou quarenta pessoas no mundo que, de outra forma, não existiriam, não é? E, enquanto isso, todos andaram fazendo coisas, vivendo a vida... Não acha que isso seja mudar o futuro?

Pela primeira vez, pensei em como eu estava, sozinha, contribuindo para a explosão populacional do século XX.

– Sim – disse ele devagar. Ele pegou minha mão e traçou as linhas da minha palma com seu dedo longo. – Sim, mas é o futuro *delas* que você muda, Sassenach, e talvez esteja destinada a isso. – Ele envolveu minha mão com a sua e puxou os dedos com delicadeza. Uma articulação estalou, com um breve ruído parecido com o da madeira crepitando na lareira. – Os médicos certamente salvaram muitas pessoas ao longo dos anos.

– Claro que sim. E não só médicos. – Sentei-me na cama, impelida pela força de meu argumento. – Mas não importa, não percebe? Você... – apontei o dedo para ele –, você já salvou uma ou outra vida. Fergus? Ian? E aqui estão eles, percorrendo o mundo, fazendo coisas, procriando e por aí vai. Você mudou o futuro para eles, não mudou?

– Sim, bem... talvez. Mas eu não poderia ter feito de outra forma, poderia?

Essa simples declaração me fez emudecer, e ficamos deitados em silêncio por algum tempo, observando a luz bruxuleante na parede branca. Por fim, ele se moveu ao meu lado e falou novamente.

– Não digo isso para que sinta pena de mim – disse ele. – Mas, sabe... às vezes meus ossos doem um pouco.

Ele não olhou para mim, mas espalmou a mão lesionada, virando-a à luz,

de modo que a sombra dos dedos tortos formasse uma aranha na parede.

Às vezes. Eu sabia bem. Conhecia os limites do corpo – e seus milagres. Eu já o vira se sentar ao final de um dia de trabalho, a exaustão explícita em cada linha do seu corpo. Já o vira se mover devagar, teimando contra os protestos da carne e dos ossos ao se levantar em manhãs frias. Poderia apostar que ele não vivera um só dia sem sentir dor depois de Culloden, os danos físicos da guerra agravados pela umidade e pela vida dura. E também poderia apostar que ele nunca tinha comentado sobre isso com ninguém. Até aquele momento.

– Eu sei disso – falei com carinho, e toquei sua mão.

A cicatriz irregular que atravessava sua coxa. A pequena depressão na carne do braço, deixada por uma bala.

– Mas não com você – disse ele, e cobriu minha mão pousada em seu braço com a dele. – Sabia que o único momento em que não sinto dor é na cama com você, Sassenach? Quando eu a possuo, quando me aconchego em seus braços... minhas feridas são curadas nesse momento; minhas cicatrizes, esquecidas.

Suspirei e deitei a cabeça na curva de seu ombro. Minha coxa pressionava a dele, a maciez da minha carne um molde para suas formas mais rígidas.

– Comigo também é assim.

Ele ficou em silêncio por algum tempo, acariciando meus cabelos com a mão incólume. Estavam eriçados e emaranhados, libertados da fita que os prendia durante nossas trocas, e ele alisava uma mecha encaracolada de cada vez, penteando cada cacho com os dedos.

– Seus cabelos são como uma grande nuvem de tempestade, Sassenach – murmurou ele, parecendo ensonado. – Escuros e brilhantes ao mesmo tempo. Cada fio é de uma cor.

Ele tinha razão. No cacho entre seus dedos havia fios absolutamente brancos, prateados e loiros, fios escuros, quase negros, e vários ainda exibindo o castanho-claro da juventude.

Seus dedos afundaram-se na massa de cabelos e eu senti sua mão envolver a base de meu crânio, segurando minha cabeça como uma taça.

– Eu vi minha mãe no caixão – disse ele, por fim.

Seu polegar tocou minha orelha, desceu pela curva da borda e do lóbulo, e eu estremei ao sentir seu toque.

– As mulheres haviam trançado seus cabelos, para que ficassem arrumados, mas meu pai não aceitou. Eu o ouvi. Ele não gritou, foi muito discreto. A última imagem que teria dela tinha que ser como ele a via, ele explicou. Ele estava enlouquecendo de dor, disseram, devia deixar os cabelos como estavam, ficar quieto. Ele não se deu ao trabalho de dizer mais nada, apenas foi até o caixão, desfez as tranças e espalhou os cabelos dela com as duas mãos pelo travesseiro. Ficaram com medo de impedi-lo.

Ele parou, o polegar imóvel.

– Eu estava lá, quieto em um canto. Quando todos foram falar com o padre, eu me aproximei. Nunca tinha visto um morto antes.

Deixei que meus dedos se curvassem sobre o braço dele, silenciosamente. Minha mãe me deixara certa manhã, me dera um beijo na testa e recolocara a presilha que havia caído dos meus cabelos cacheados. Eu nunca mais a vi. Seu caixão foi lacrado.

– Era... ela?

– Não – disse ele baixinho. Seus olhos estavam semicerrados enquanto ele olhava para o fogo. – Não exatamente. O rosto lembrava o dela, mas não era mais seu rosto. Como se alguém a tivesse esculpido em madeira. Mas os cabelos... ainda estavam vivos. Ainda eram... ela.

Eu o ouvi engolir em seco e pigarrear.

– Os cabelos caíam sobre o peito, encobrindo a criança que estava com ela. Pensei que talvez a criança não gostasse daquilo, de ficar abafada. Então ergui as mechas ruivas, para libertá-la. Pude vê-lo, meu irmãozinho, aninhado nos braços dela, com a cabeça em seu peito, todo encoberto e aconchegado sob a cortina de seus cabelos. Então pensei: não, ele parecia mais feliz como estava antes. E ajeitei os cabelos dela para baixo de novo, a fim de cobrir a cabeça dele. – Ele respirou fundo, e senti seu peito inflar contra meu rosto. Seus dedos desciam devagar pelos meus cabelos. – Ela não tinha nem um fio branco, Sassenach. Nem um fio.

Ellen Fraser morrerá no parto, aos 38 anos. Minha mãe morrerá aos 32. E eu... eu tive a sorte de viver todos os longos anos que elas viveram. E mais.

– Ver os anos tocarem você me deixa feliz, Sassenach – sussurrou ele –, pois significa que você está viva.

Ele ergueu a mão e deixou que meus cabelos deslizassem de seus dedos devagar, acariciando meu rosto, tocando de leve meus lábios, flutuando macios e pesados em meu pescoço e ombros, pousando como penas em cima de meus seios.

– *Mo nighean donn* – sussurrou ele –, *mo chridhe*. Minha morena, meu coração.

– Venha aqui, me envolva, me proteja, *a bhean*, me cure. Arda por mim, como eu ardo por você.

Eu me deitei sobre ele e o cobri, minha pele, seus ossos, e ainda – ainda! – aquela parte do corpo para nos unir. Deixei meus cabelos caírem ao redor de nós dois e, na caverna iluminada pelo fogo de sua escuridão, sussurrei:

– Até nós dois nos transformarmos em cinzas.

HÁ UM BURACO NO FUNDO DO MAR

Cordilheira dos Frasers
Outubro de 1771

Roger acordou subitamente, daquele modo que não permitia nenhuma transição pela sonolência; o corpo inerte, mas a mente alerta, os ouvidos sintonizados no eco do que o havia despertado. Não se lembrava do choro de Jemmy, mas ele ecoava em seu ouvido, com aquela mistura de esperança e resignação que é o destino do pai que desperta com mais facilidade.

O sono o arrastava, puxando-o de volta para dentro das ondas de sonolência como um peso de 10 toneladas amarrado a seu pé. Um pequeno ruído farfalhante mantinha sua cabeça momentaneamente fora d'água.

Volte a dormir, ele pensou com todas as forças, na direção do berço. *Shhhh. Silêncio. Quietinho. Volte... a... dormiir.* Essa hipnose telepática raramente funcionava, mas adiava por alguns segundos preciosos a necessidade de se mover. E, de vez em quando, o milagre acontecia, e seu filho *realmente* voltava a dormir, relaxando na umidade quente da fralda cheia e dos sonhos povoados de bolinhos.

Roger prendeu a respiração, agarrando-se às bordas do sono que se desvanecia, guardando os preciosos segundos de imobilidade. Então, ouviu outro barulho e imediatamente se pôs de pé.

– Bree? Bree, o que foi?

O “r” do nome dela tremeu em sua garganta, quase inaudível, mas ele não perdeu tempo se preocupando com isso. Toda a sua atenção era para ela.

Ela estava em pé, junto ao berço, uma forma fantasmagórica na escuridão. Ele a tocou, segurou-a pelos ombros. Ela abraçava o menino com força e tremia de frio e medo.

Ele a puxou para si por instinto, e o frio dela o contagiou na hora. Ele sentiu o coração gelar e forçou-se a segurá-la com mais força ainda, e a não olhar para o berço vazio.

– O que foi? – sussurrou. – Jemmy? O que... aconteceu?

Um tremor percorreu o corpo dela, e ele sentiu sua pele se arrepiar por baixo do tecido fino da camisola. Apesar do calor no quarto, ele sentiu os pelos de seus braços se arrepiarem também.

– Nada – respondeu ela. – Ele está bem.

Sua voz estava rouca, mas ela estava certa. Ao se ver apertado de modo desconfortável entre os pais, Jem despertou, soltou um gritinho surpreso e indignado e começou a agitar as pernas e os braços sem parar.

Aquela agitação inundou Roger com uma sensação morna de alívio, desfazendo as imagens frias que haviam se apoderado de sua mente ao vê-la. Com um pouco de dificuldade, ele tirou Jemmy dos braços da mãe e o acomodou sobre o próprio ombro.

Deu tapinhas nas costas pequeninas e sólidas para tranquilizá-lo – tranquilizar a si próprio, tanto quanto a Jemmy –, emitindo ruídos suaves e sibilantes por entre os dentes. Jemmy, considerando esse costumeiro procedimento calmante, bocejou, abrindo muito a boca, relaxou e começou a murmurar sonolento no ouvido de Roger, com o tom crescente e decrescente de uma sirene distante.

– Papa, papa, papa...

Brianna ainda estava parada perto do berço, os braços vazios agora em torno do próprio corpo. Roger estendeu a mão livre e acariciou seus cabelos, os ombros largos, e puxou-a contra seu corpo.

– Shhh – disse para os dois. – Shhh, shhh. Agora está tudo bem, shhh.

Ela o abraçou e ele pôde sentir as lágrimas em seu rosto através do tecido de sua blusa. Seu outro ombro já estava úmido por causa da cabecinha quente e suada de Jemmy.

– Venha para a cama – disse ele suavemente. – Venha para debaixo do cobertor, está frio aqui fora.

Não estava, o ar no chalé estava quente. Mas ela foi mesmo assim.

Brianna estendeu os braços para a criança, levando-a ao seio antes mesmo de se deitar. Como não costumava negar alimento em momento algum, Jemmy aceitou a oferta com entusiasmo, moldando o corpo ao da mãe quando ela se acomodou de lado.

Roger deitou-se na cama ao lado dela e imitou a postura do filho, erguendo os joelhos e encaixando-os atrás dos de Brianna, curvando o corpo de forma protetora sobre o dela. Protegida dessa maneira, Brianna começou aos poucos a relaxar, mas Roger ainda sentia a tensão em seu corpo.

– Tudo bem agora? – perguntou ele com delicadeza.

A pele dela ainda estava pegajosa ao toque, mas aquecida.

– Sim. – Ela respirou fundo e soltou o ar, estremecendo. – Tive um pesadelo. Me desculpe se o acordei.

– Tudo bem. – Ele acariciou a curva do quadril dela, várias vezes, como alguém acariciando um cavalo. – Quer me contar?

Esperava que sim, embora o som de Jemmy mamando fosse rítmico e relaxante, e ele sentisse o sono tomar conta dele conforme os três se aqueciam, fundindo-se como a cera derretida de uma vela.

– Eu estava com frio – disse ela em um sussurro. – Acho que o cobertor deve ter caído. Mas, no sonho, eu sentia frio porque a janela estava aberta.

– Aqui? Uma dessas janelas?

Roger ergueu a mão, indicando a sombra da janela na parede mais distante. Mesmo em meio à escuridão da noite, o couro oleado que cobria a janela ficava ligeiramente mais claro do que a escuridão ao redor dele.

– Não. – Ela respirou fundo. – Era na casa de Boston, onde eu cresci. Eu estava na cama, mas sentia frio, e o frio acabou me acordando, no sonho. Eu me levantei para ver de onde vinha a corrente de vento.

Havia janelas amplas no escritório do pai dela. O vento frio vinha de lá, esvoaçando as longas cortinas brancas dentro do cômodo. O berço ficava junto à antiga escrivaninha, a ponta de um cobertor branco e fino se

balançando com a corrente de vento.

– Ele havia desaparecido. – Sua voz estava firme de novo, mas fraquejou por um momento diante da lembrança de terror. – Jemmy havia desaparecido. O berço estava vazio, e eu sabia que alguma coisa tinha entrado pela janela para pegá-lo.

Ela pressionou o corpo contra o dele, inconscientemente buscando segurança.

– Eu estava com medo dessa coisa, o que quer que fosse, mas não importava, eu tinha que encontrar Jemmy.

Ela mantinha uma das mãos cerradas embaixo do queixo. Ele a envolveu na sua e apertou de leve, abraçando-a.

– Eu abri as cortinas e saí correndo... e não havia nada lá. Só água.

Ela tremia ao se lembrar.

– Água?

Ele acariciou seu punho cerrado com o polegar, tentando acalmá-la.

– Oceano. O mar. Apenas... água, batendo na borda do terraço. Estava escuro e eu sabia que a água se estendia infinitamente, e que Jemmy estava lá no fundo, tinha se afogado, e eu chegara tarde demais... – Ela hesitou, mas dominou a voz e continuou, mais controlada. – Mas eu mergulhei assim mesmo, tinha que fazer isso. Estava escuro e havia coisas na água comigo. Eu não conseguia vê-las, mas elas passavam, roçando em mim; coisas grandes. Eu não parava de procurar, procurar, mas não conseguia enxergar nada, e então, de repente, a água ficou mais límpida e eu... eu o vi.

– Jemmy?

– Não. Bonnet... Stephen Bonnet.

Roger forçou-se a não se mover, a não ficar tenso. Ela sonhava com frequência; ele sempre imaginava que os sonhos que ela não lhe contava eram com Bonnet.

– Ele estava segurando Jemmy, e ria. Fui pegá-lo, e ele levantou Jem, deixando-o fora do meu alcance. Ele ficava fazendo isso, e eu tentei agredi-lo, mas ele simplesmente agarrou minha mão e riu. Então olhou para cima e seu rosto mudou.

Ela respirou fundo e segurou os dedos de Roger, à procura de conforto.

– Eu nunca vi um olhar como aquele, Roger, nunca. Havia alguma coisa atrás de mim que ele conseguia ver, algo vindo... e isso o apavorou como nunca vi ninguém se apavorar. Ele estava me segurando, eu não podia me virar para olhar e não podia fugir... não podia deixar Jemmy. A coisa estava vindo... e... então eu acordei.

Ela deu uma risadinha hesitante.

– A avó da minha amiga Gayle sempre dizia que, quando caímos de um penhasco em um sonho, se batemos no fundo, é porque vamos morrer. Estou falando de morrer de verdade. Acha que o mesmo vale em sonhos nos quais somos engolidos por um monstro marinho?

– Não. Além do mais, você sempre acorda a tempo em sonhos assim.

– Até agora, sim.

Ela pareceu em dúvida. Mas, depois de contar o sonho, sentia-se menos aterrorizada; seu corpo se libertou de sua última resistência e ela respirou fundo e tranquilamente contra ele. Roger pôde sentir o peito se inflar sob seu braço.

– Vai acordar sempre. Não se preocupe mais; Jemmy está a salvo. Eu estou aqui, vou proteger vocês dois.

Passou o braço com cuidado em torno dela, abraçando-a, e colocou-a sobre o traseiro gorducho de Jemmy, quente dentro da fralda de pano. Jemmy, depois de ter todas as suas necessidades satisfeitas, entregara-se a um torpor pacífico, em uma rendição completa. Brianna suspirou e pousou a mão sobre a de Roger, apertando-a de leve.

– Havia livros sobre a mesa – disse ela, a sonolência começando a transparecer em sua voz. – Na escrivaninha do meu pai. Ele estivera trabalhando, eu sabia; havia livros abertos e papéis espalhados por todos os lados. Havia um papel no meio da mesa, com alguma coisa escrita; eu queria ler, para ver o que ele andava fazendo, mas não consegui parar.

– Hum-hum.

Brianna estremeceu ligeiramente, e o movimento fez a palha de milho do colchão farfalhar, uma leve perturbação sísmica em seu pequeno universo

aconchegante. Ela ficou tensa, lutando contra o sono, mas em seguida relaxou quando a mão de Roger envolveu seu seio.

Roger permaneceu acordado, observando o retângulo da janela aos poucos clarear, segurando a família protegida em seus braços.

O tempo estava nublado e fresco naquela manhã, mas muito úmido. Roger sentia uma capa de suor cobrir seu corpo, como a película que se forma sobre o leite fervido. Fazia menos de uma hora que havia amanhecido, ainda avistavam a casa, mas seu couro cabeludo já pinicava, gotículas de suor se acumulando sob a trança na base de seu crânio.

Flexionou os ombros com resignação e o primeiro filete de suor desceu por sua coluna, fazendo cócegas. Pelo menos o suor ajudava a diminuir a dor; seus braços e ombros estavam tão rígidos e doloridos naquela manhã que Brianna teve que ajudá-lo a se vestir, passando a camisa pela cabeça dele e abotoando a braguilha com dedos habilidosos.

Sorriu por dentro, lembrando-se do que mais aqueles dedos longos tinham feito. Aquele momento desviara seus pensamentos temporariamente da rigidez de seu corpo, por um tempo, afastando a perturbadora memória dos sonhos. Ele se alongou, gemendo, sentindo o repuxar dos músculos sobre as articulações doloridas. O tecido limpo já estava grudando no peito e nas costas.

Jamie estava à sua frente na trilha, com uma mancha molhada crescendo visivelmente entre suas escápulas no ponto onde a tira do cantil cruzava suas costas. Roger consolou-se um pouco ao ver que naquela manhã o sogro avançava com muito menos da sua elegância felina de sempre. Ele sabia que o Grande Escocês era apenas humano, mas era bom ter essa confirmação de vez em quando.

– Acha que o tempo vai continuar firme? – perguntou Roger, apenas para dizer alguma coisa.

Jamie estava longe de ser falante, mas parecia anormalmente quieto naquela manhã, tendo falado pouco além do “bom dia” em resposta ao

cumprimento de Roger. Talvez fosse o dia cinzento, com sua ameaça, ou promessa, de chuva.

O céu acima deles curvava-se turvo como o interior de uma tigela de estanho. Uma tarde dentro de casa, com a chuva batendo no couro oleado das janelas e Jemmy aconchegado, tranquilo, cochilando, enquanto sua mãe tirava a combinação e ia para a cama à tênue luz cinzenta... sim, bem, algumas maneiras de suar eram melhores do que outras.

Jamie parou e olhou para o céu cada vez mais carregado. Flexionou a mão direita, fechando-a em um punho desajeitado e abrindo-a em seguida, devagar. O quarto dedo rígido dificultava algumas tarefas delicadas, como escrever, mas oferecia um duvidoso benefício em troca; as juntas inchadas renunciavam a chuva com a confiabilidade de um barômetro.

Jamie flexionou os dedos e abriu um discreto sorriso a Roger.

– Nada além de uma garoa – disse ele. – Não vai chover antes do anoitecer. – Ele se alongou, relaxando as costas antes de começar, e suspirou. – Vamos lá então?

Roger olhou para trás; a casa e o chalé haviam desaparecido. Franziu o cenho ao olhar para as costas de Jamie, ponderando. Estavam a quase 1 quilômetro do novo campo; tempo de sobra para uma conversa. Mas não era o momento certo, ainda não. Era um assunto a ser tratado cara a cara, e durante o tempo livre – mais tarde, portanto, quando parassem para comer.

A floresta estava silenciosa, o ar parado e pesado. Até os pássaros estavam calados, apenas as bicadas de um pica-pau quebravam ocasionalmente o silêncio. Abriram caminho pela floresta, silenciosos como índios sobre a camada de folhas apodrecidas, e emergiram de um bosque cerrado de pequenos e frondosos carvalhos tão repentinamente que um bando de corvos alçou voo com seus grasnidos estridentes, abandonando o campo recém-limpo como demônios fugindo do inferno.

– Santo Deus! – murmurou Jamie, benzendo-se sem perceber.

A garganta de Roger se fechou e seu estômago revirou. Os corvos estavam se alimentando de alguma coisa no buraco deixado por uma árvore arrancada pela raiz; só conseguia ver, acima dos montes de terra, uma curva

branca que lembrava de maneira perturbadora o contorno de um ombro nu.

Era, de fato, um ombro nu – de um porco. Jamie se agachou ao lado da carcaça, franzindo o cenho ao ver as marcas que se destacavam na pele clara e grossa. Tocou os sulcos profundos no flanco do animal com nojo. Roger podia ver a movimentação agitada de moscas dentro das cavidades vermelho-escuras, quase negras.

– Urso? – perguntou ele, agachando-se ao lado de Jamie.

O sogro negou com a cabeça.

– Felino. – Ele afastou os pelos ralos e ásperos atrás da orelha e apontou as perfurações azuladas nas dobras de gordura. – Quebrou o pescoço com uma única mordida. Está vendo as marcas das garras?

Roger vira, mas não tinha o conhecimento necessário para diferenciar as marcas das garras de um urso das de uma pantera. Olhou mais de perto, memorizando o contorno.

Jamie se levantou e limpou o rosto na manga da camisa.

– Um urso teria comido uma parte maior do corpo. Este mal foi tocado. Mas os felinos fazem isso, matam a presa e a abandonam, depois voltam, por vários dias, para comer pequenas porções.

Apesar de estarem pegajosos, os pelos na nuca de Roger se eriçaram com um calafrio. Era fácil demais imaginar olhos amarelos nas sombras do bosque atrás dele, fitando com uma fria apreciação o ponto onde o crânio se encontrava com a frágil espinha dorsal.

– Acha que ele ainda está por perto?

Ele olhou em volta, tentando parecer tranquilo. A floresta estava como sempre tinha sido, mas agora o silêncio parecia antinatural e sinistro.

Jamie afastou algumas moscas curiosas, franzindo a testa.

– Sim, talvez. Esse porco foi morto há pouco tempo. Ainda não há vermes. – Meneou a cabeça indicando o ferimento aberto no flanco do animal, depois se abaixou para segurar as pernas rígidas. – Ajude-me a pendurá-lo. É muita carne para ser desperdiçada.

Arrastaram o corpo até uma árvore com um galho forte e baixo. Jamie enfiou a mão dentro da manga e tirou um lenço encardido, que amarrou ao

redor da cabeça para evitar que o suor escorresse para dentro dos olhos. Roger também pegou seu lenço – cuidadosamente lavado e passado – e fez a mesma coisa. Sabendo que lavar roupas era difícil, tiraram as camisas limpas e as penduraram em um amieiro.

Havia cordas no campo, deixadas ali quando os troncos das árvores derrubadas foram arrancados para fazer a limpeza do terreno. Jamie passou a corda várias vezes ao redor das patas dianteiras do animal e atirou a ponta livre por cima do galho. Era uma porca adulta, com cerca de 90 quilos de carne firme. Jamie firmou os pés no chão e puxou a corda, grunhindo devido ao esforço.

Roger prendeu a respiração ao se abaixar para ajudar a içar o corpo rígido, mas Jamie estava certo; o porco tinha sido morto recentemente. Sentia o cheiro natural do porco, atenuado por causa da morte, e o cheiro ácido e forte de sangue, nada mais.

Pelos ásperos raspavam a pele de sua barriga quando ele abraçou o corpo para erguê-lo, e ele trincou os dentes com uma careta de nojo. Há poucas coisas mais inertes do que um grande porco morto. Quando Jamie deu o comando, o corpo foi amarrado. Ele o soltou, e o porco balançou devagar de lá para cá, um pêndulo de carne.

Roger estava banhado em suor, mais do que apenas pelo esforço de erguer o animal. Havia uma grande mancha marrom de sangue no peito e na barriga. Ele esfregou a mão sobre o nó em seu estômago, misturando o sangue ao suor. Olhou ao redor outra vez. Nada se movia entre as árvores.

– As mulheres vão gostar – disse ele.

Jamie riu, tirando a adaga do cinto.

– Acho que não. Passarão metade da noite cortando, limpando e salgando a carne. – Ele assentiu na direção do olhar de Roger. – Mesmo que esteja perto, não virá nos perturbar. Felinos não caçam presas grandes, a menos que estejam famintos. – Olhou com ironia para o flanco dilacerado do porco dependurado. – Três quilos de bacon de primeira devem bastar por enquanto, acho. Caso contrário...

Olhou para o longo rifle apoiado, carregado, no tronco de uma nogueira

próxima.

Roger segurou o porco enquanto Jamie o estripava, depois enrolou a fétida massa de intestinos no pano que embrulhara o almoço, enquanto o sogro tentava pacientemente acender uma fogueira com gravetos verdes para manter as moscas longe do corpo dependurado. Sujo e fedendo a sangue, fezes e suor, Roger atravessou o campo e foi até o riacho que cortava o bosque.

Ajoelhou-se e lavou os braços, o rosto e o torso, tentando se livrar da sensação de estar sendo observado. Mais de uma vez, havia atravessado uma charneca deserta na Escócia e, de repente, se via diante de um veado, surgido como em um passe de mágica das urzes a seus pés. Apesar das palavras de Jamie, tinha plena consciência de que uma parte da paisagem tranquila podia abruptamente se destacar e ganhar vida em um estrondo de cascos ou em um rosnado repentino e cheio de dentes.

Enxaguou a boca, cuspiu e sorveu um grande gole, forçando a água a passar pela garganta que continuava apertada. Ainda podia sentir a rigidez fria do cadáver do porco, ver a terra endurecida nas narinas, as órbitas em carne viva de onde os corvos tinham arrancado os olhos. A pele de seus ombros se arrepiou, gelada tanto por causa de seus pensamentos quanto da água fria do córrego.

Não havia muita diferença entre um porco e um homem. Da carne à carne, do pó ao pó. Um golpe, era o que bastava. Devagar, espreguiçou-se, o que restava da dor em seus músculos.

Grasnados roucos soaram do alto da castanheira. Os corvos, manchas negras nas folhas amarelas, expressavam seu descontentamento com o roubo de seu banquete.

– Onde... vamos... jantar esta noite? – cantarolou baixinho, olhando para os corvos. – Aqui não... seus desgraçados. Deem o fora!

Tomado de repulsa, pegou uma pedra da margem do córrego e a atirou na árvore com toda a força. Os corvos debandaram em uma revoada estridente e ele voltou para o campo, sombriamente satisfeito.

Mas ainda sentia um nó no estômago, e a letra da canção dos corvos

ecoou em seus ouvidos: “Você se sentará em sua alva clavícula/ e eu arrancarei seus lindos olhos azuis. Com um cacho de seus cabelos dourados/ forraremos nosso ninho quando ele ficar vazio.”

Jamie olhou para o rosto dele quando ele voltou, mas não disse nada. Mais à frente, o corpo do porco estava pendurado acima do fogo, seus contornos escondidos pelas espirais de fumaça.

Eles já haviam cortado as hastes da cerca, feitas de pinheiros jovens que haviam arrancado. As toras de casca áspera jaziam, prontas, à beira da floresta. A cerca teria paredes de pedra unindo as hastes de madeira. Não seria uma das cercas simples feitas apenas para demarcar o terreno ou manter os veados afastados, mas uma cerca sólida o suficiente para aguentar o impacto de porcos selvagens de 150, 200 quilos.

Dentro de um mês, seria hora de levar para dentro do cercado os porcos que tinham sido soltos na floresta, engordando com os frutos das castanheiras que cobriam o chão. Alguns teriam sido mortos por animais selvagens ou por acidente, mas era provável que restassem uns cinquenta ou sessenta para abater ou vender.

Eles trabalhavam bem juntos, ele e Jamie. Na maior parte das vezes, intuía os movimentos um do outro. Quando um precisava de ajuda, a ajuda estava lá. Mas não havia necessidade de ajuda naquele momento – aquela parte do trabalho era a pior, pois não existia nada de interessante para diminuir o tédio, nenhuma habilidade para facilitar o trabalho. Apenas pedras, centenas de pedras, a serem erguidas do solo argiloso e carregadas, arrastadas, empurradas para o campo, onde seriam empilhadas e encaixadas no lugar.

Normalmente, conversavam enquanto trabalhavam, mas não naquela manhã. Cada um fazia a sua parte sozinho com seus pensamentos, caminhando com passos pesados de um lado para o outro levando a carga que não acabava. A manhã transcorreu em silêncio, quebrado apenas pelos grasnados distantes dos corvos contrariados e pelos sons e baques surdos das pedras que iam sendo empilhadas.

Tinha que ser feito. Não havia escolha. Roger já sabia disso havia muito

tempo, mas agora que a vaga possibilidade tinha se tornado realidade concreta... Roger observou o sogro disfarçadamente. Será que Jamie concordaria?

De longe, quase não dava para ver as cicatrizes em suas costas, disfarçadas pelo brilho do suor. O trabalho árduo e constante mantinha um homem vigoroso e esbelto, e ninguém que visse os contornos do corpo de Fraser – ou o visse de perto o suficiente para notar o sulco fundo de sua coluna, a barriga reta e os músculos rígidos, firmes e bem delineados dos braços e das coxas – diria que ele era um homem de meia-idade.

Jamie mostrara a ele as cicatrizes no primeiro dia em que saíram para trabalhar juntos, depois que ele voltou da medição do terreno. Parado ao lado da laticínios em construção, Jamie tirou a camisa e se virou de costas, dizendo de modo casual:

– Dê uma olhada.

De perto, as cicatrizes eram antigas, formadas, na maior parte, por linhas finas e brancas, com uma trama prateada ou uma protuberância brilhosa aqui e ali, onde uma chicotada esfolara uma área da pele grande demais para que as bordas do ferimento se unissem de novo de modo harmonioso. Havia um pouco de pele não afetada, lisa e imaculada entre os vergões, mas não muita.

E o que deveria dizer?, Roger se perguntara. Sinto muito? Obrigado por me dar o privilégio de ver?

Na ocasião, ele não disse nada. Jamie simplesmente se virou, entregou um machado a Roger de modo totalmente casual e eles deram início ao trabalho, com os torsos nus. Mas ele notou que Jamie nunca tirava a camisa para trabalhar se os outros homens estivessem com eles.

Tudo bem. Mais do que qualquer homem, Jamie entenderia o motivo, a necessidade – o peso dos sonhos de Brianna, que oprimiam o peito de Roger como rochas. Certamente, ele ajudaria. Mas permitiria que Roger terminasse tudo sozinho? Afinal, a questão também era de interesse de Jamie.

Os corvos ainda grasnavam, mas a distância, seus gritos agudos e desesperados como de almas penadas. Talvez ele fosse tolo até mesmo por pensar em agir sozinho. Despejou um monte de pedras na pilha; pedrinhas

rolaram para longe com um estalido seco.

“Filho do pastor.” Era assim que os outros garotos na escola o chamavam, e era isso que ele era, com toda a ambiguidade subentendida na expressão. A ânsia inicial de provar sua masculinidade por meio da força, o posterior reconhecimento da fraqueza moral da violência. Mas isso tinha sido em outro país...

Reprimiu o restante da citação, inclinando-se com o cenho franzido para tirar o musgo e a terra de uma pedra. Órfão de guerra, criado por um homem da paz, como podia pensar em matar? Rolou a pedra em direção ao campo, virando-a devagar.

– Você nunca matou nada além de peixes – murmurou para si mesmo. – O que o faz pensar...

Mas ele sabia muito bem por que estava pensando naquilo.

No meio da manhã, já tinham recolhido um número suficiente de pedras para que dessem início à primeira parede. Com um meneio de cabeça e um murmúrio, começaram a trabalhar, arrastando e erguendo, empilhando e encaixando, com exclamações abafadas de tempos em tempos, quando um dos dedos da mão era atingido ou um dos dedos do pé era ferido.

Jamie ergueu uma pedra grande e colocou-a no lugar, em seguida se endireitou, ofegante.

Roger também respirou fundo. Tinha que ser naquele momento, provavelmente não haveria oportunidade melhor.

– Preciso pedir um favor – disse ele, abruptamente.

Jamie olhou para cima, ofegante, uma das sobranceiras erguida. Fez um meneio de cabeça, esperando o pedido.

– Ensine-me a lutar com uma espada.

Jamie passou a manga da camisa pelo rosto suado e expirou profundamente.

– Você sabe lutar muito bem com uma espada – disse ele, esboçando um meio sorriso. – Quer saber se eu o ensinaria a usar uma espada sem cortar

fora o próprio pé?

Roger chutou uma pedra de volta para a pilha.

– Serve, para começar.

Jamie ficou parado por um momento, observando-o. Era uma análise totalmente fria, como observaria um boi que quisesse comprar. Roger ficou imóvel, sentindo o suor escorrer pela depressão no meio de suas costas, e pensou que, mais uma vez, estava sendo comparado – para sua desvantagem – com o ausente Ian Murray.

– Veja bem, você está velho para isso – disse Jamie por fim. – A maioria dos espadachins começa ainda garoto. – Fez uma pausa. – Eu ganhei minha primeira espada aos 5 anos.

Quanto tinha 5 anos, Roger ganhou um trem. Com uma locomotiva vermelha que apitava quando uma cordinha era puxada. Olhou Jamie nos olhos e sorriu de forma amistosa.

– Velho, talvez – disse ele. – Mas não morto.

– Pode ser – respondeu Jamie. – O pouco saber é coisa perigosa. Um idiota com uma espada embainhada está mais seguro do que um idiota que acha que sabe o que fazer com ela.

– *O pouco saber é coisa perigosa* – repetiu Roger. – *Bebei muito ou não proveis da fonte de Pieria*. Você me considera um idiota, então?

Jamie riu, surpreendido de modo positivo.

– *Tragos pequenos embriagam o cérebro* – respondeu ele, completando o verso –, *e o beber copiosamente faz-nos outra vez sóbrios*. Quanto à idiotice, você não vai apenas se embriagar com essa ideia, vai?

Roger sorriu de leve em resposta. Não se surpreendia mais com a cultura literária do sogro.

– Vou beber o bastante para me manter sóbrio – disse ele. – Vai me ensinar?

Jamie estreitou os olhos e ergueu um dos ombros discretamente.

– Você tem a altura a seu favor, além de um bom alcance. – Olhou Roger de cima a baixo outra vez e assentiu. – Sim, talvez você consiga.

Virou-se e caminhou na direção do monte de pedras seguinte. Roger o

seguiu, sentindo-se satisfeito, como se tivesse passado em um teste importante.

Mas o teste ainda não havia começado. Somente quando já estavam na metade da construção da nova parede de pedra é que Jamie falou outra vez.

– Por quê? – perguntou ele, olhando para a enorme pedra que empurrava lentamente para o lugar.

Era pesada demais para ser erguida, do tamanho de um barril pequeno de uísque. Tufos de raízes de capim surgiam debaixo dela, arrancados com a passagem lenta e esmagadora da pedra.

Roger se abaixou para ajudar na tarefa. Sentia os líquens na superfície da pedra, ásperos sob suas palmas, verdes e rugosos por causa do tempo.

– Tenho uma família para proteger – disse ele.

A pedra se moveu com relutância, deslocando-se alguns centímetros pelo terreno irregular. Jamie balançou a cabeça, uma, duas vezes; na terceira, empurraram juntos, com um grunhido conjunto de esforço. O monstro ergueu-se parcialmente, parou, ergueu-se por completo e tombou, encaixando-se no lugar com um baque que fez o chão tremer.

– Proteger de quê? – Jamie se ergueu e passou o pulso pelo queixo. Olhou para a frente, indicando com o rosto o porco pendurado. – Eu mesmo não enfrentaria uma pantera com uma espada.

– Ah, é? – Roger flexionou os joelhos e pegou outra pedra grande nos braços. – Soube que você matou dois ursos, um deles com uma adaga.

– Sim, bem – disse Jamie de modo seco. – Uma adaga era o que eu tinha. Quanto ao outro... se foi uma espada, foi a espada de São Miguel, não a minha.

– Sim, mas e se você soubesse com antecedência que poderia... hum... dar de cara com ele... não teria se armado... melhor?

Roger flexionou os joelhos, colocando a pedra no lugar com cuidado. Soltou-a quando faltavam poucos centímetros e limpou as mãos ardidas nas calças.

– Se eu *soubesse* que ia dar de cara com um maldito urso – disse Jamie, grunhindo enquanto erguia outra pedra para colocá-la no lugar –, teria

tomado outro caminho.

Roger resmungou e levantou mais uma pedra, encaixando-a nas outras. Havia um pequeno espaço de um dos lados que a deixava solta. Jamie viu, caminhou até a pilha de pedras e escolheu um pedaço pequeno de granito que se encaixou perfeitamente na brecha, e os dois homens sorriram um para o outro sem perceber.

– Então você acha que há outro caminho? – perguntou Roger.

Jamie passou a mão pela boca, refletindo.

– Se está falando da guerra... então sim, eu acho. – Olhou fixamente para Roger. – Talvez eu o encontre, talvez não... mas sim, há outro caminho.

– Pode ser.

Ele não se referia à guerra iminente, e achava que o sogro também não.

– Quanto aos ursos, porém... – Jamie ficou imóvel, os olhos fixos. – Há uma grande diferença entre encontrar um urso inesperadamente... e caçar um.

O sol ainda não estava visível, mas não era necessário. A metade do dia chegou com o ronco do estômago, a ardência nas mãos. Uma percepção repentina do desgaste das costas e das pernas tão a tempo quanto o soar de um relógio de pêndulo. A última pedra grande se encaixou no lugar, e Jamie se endireitou, ofegante.

Com um consentimento mútuo não expressado, eles se sentaram com o farnel, as camisas limpas amarradas sobre os ombros nus para combater o frio do suor secando.

Jamie mastigou diligentemente, tomando um gole de cerveja para ajudar a engolir. Fez uma careta involuntária, contraiu os lábios para cuspir, mas mudou de ideia e engoliu.

– Argh! A srta. Lizzie andou mexendo na mistura do malte outra vez.

Ele fez uma careta e deu uma mordida em um biscoito para atenuar o gosto.

Roger riu da cara do sogro.

– O que ela colocou na cerveja desta vez?

Lizzie andava experimentando fazer cerveja com sabores diferentes, sem sucesso.

Jamie cheirou com desconfiança o gargalo da garrafa.

– Anis? – perguntou, passando a garrafa a Roger.

Roger cheirou, torcendo o nariz involuntariamente ao sentir o odor alcoólico.

– Anis e gengibre – disse ele.

Ainda assim, tomou um gole cauteloso. Fez a mesma careta que Jamie fizera e despejou o conteúdo da garrafa sobre uma complacente amoreira silvestre.

– Não se deve desperdiçar, mas...

– Não é desperdício evitarmos ser envenenados.

Jamie se levantou, pegou a garrafa vazia e partiu na direção do córrego do outro lado do campo.

Ele voltou, sentou-se e entregou a garrafa de água a Roger.

– Eu tive notícias de Stephen Bonnet.

Ele disse aquilo de modo tão casual que Roger não assimilou o sentido das palavras logo de cara.

– Teve? – disse, finalmente.

Molho condimentado de pickles escorria pela sua mão. Roger limpou o pulso com um dedo e o levou à boca, mas não deu outra mordida no sanduíche; tinha perdido o apetite.

– Sim. Não sei onde ele está agora, mas sei onde estará em abril... ou melhor, onde eu posso fazer com que ele esteja. Seis meses e então o matamos. Acha que é tempo suficiente?

Ele estava olhando para Roger, calmo como se tivesse sugerido uma reunião com um banqueiro, em vez de um compromisso com a morte.

Roger acreditava no inferno – e em demônios, também. Não sonhara na noite anterior, mas a face do demônio sempre flutuava nas bordas de sua mente, fora de vista. Era hora de invocá-lo, talvez, para que ele se mostrasse. Era preciso evocar um demônio antes de exorcizá-lo, certo?

Havia preparativos a fazer, no entanto, antes que isso pudesse acontecer.

Ele flexionou os ombros e os braços outra vez, agora com expectativa. A dor já havia desaparecido quase por completo.

*Muitos chorarão por ele
Mas ninguém saberá para onde ele foi.
Sobre seus ossos brancos, quando expostos,
O vento soprará para sempre, ó...
O vento soprará para sempre.*

– Sim – disse ele. – É tempo suficiente.

EN GARDE

Por um momento, ele achou que não conseguiria erguer a mão para pegar o fio que abria a trava da porta pelo lado de fora. Os dois braços pesavam como chumbo, e os pequenos músculos do antebraço saltavam e tremiam de esgotamento. Precisou de duas tentativas e, mesmo assim, só conseguiu segurar o fio entre dois dedos do meio; o polegar não respondia.

Brianna o ouviu mexendo na tranca. A porta se abriu de repente e sua mão caiu, inerte. Ele teve apenas um vislumbre de cabelos soltos e um rosto radiante com uma mancha de fuligem em uma das bochechas, e então ela o abraçou e o beijou nos lábios, e ele estava em casa.

– Você chegou! – disse ela quando o soltou.

– Cheguei.

E estava contente por isso. A casa cheirava a comida quente e sabão de lixívia, com um toque leve e refrescante de zimbro se sobrepondo à fumaça de velas de junco e os aromas mais almiscarados da presença humana. Sorriu para ela, sentindo-se subitamente menos cansado.

– Papa, papa! – Jemmy dava pulinhos de animação, agarrando-se a um banquinho para manter o equilíbrio. – Pa-paaaa!

– Olá, olá – disse Roger, estendendo o braço para alisar a cabeça de fios macios. – Quem é um bom menino?

Errou a mira e tocou o rosto de pele macia, mas Jemmy não se importou.

– Eu! Eu! – gritou ele, e riu, mostrando a gengiva rosada e exibindo todos os dentinhos brancos.

Brianna acompanhou o sorriso do filho, com muito mais esmalte branco,

mas não menos empolgação.

– Temos uma surpresa para você. Veja isto! – Ela correu até a mesa e se apoiou em um dos joelhos, a um passo de Jemmy. Estendeu os braços, as mãos a apenas alguns centímetros das dele. – Venha até a mamãe, meu amor. Venha, filho, venha até a mamãe.

Jemmy cambaleou com dificuldade, soltou uma das mãos, estendeu-a para a mãe, depois soltou a outra, deu um passo trôpego, mais um e caiu nos braços dela dando um gritinho de alegria. Brianna o pegou, rindo de prazer, e o virou para Roger.

– Vá até o papai – incentivou ela. – Ande, vá até o papai.

Jemmy contraiu o rosto, em dúvida, concentrando-se, parecendo um paraquedista estreante à porta aberta de um avião em pleno voo. Oscilou vacilante para a frente e para trás.

Roger se agachou e estendeu as mãos, esquecendo o cansaço por um instante.

– Venha, camarada, venha, você consegue!

Jemmy se segurou por um instante, inclinando-se, mais para a frente, e em seguida soltou a mão da mãe e andou cambaleando na direção de Roger, cada vez mais rápido nos três passos que deu até parar nas mãos protetoras do pai.

Ele abraçou Jemmy com força, apertando-o contra si, enquanto ele se contorcia e dava gritinhos vitoriosos.

– Muito bem! Agora, você vai se meter em todo canto, não é?

– Como se ele já não fizesse isso! – exclamou Brianna, revirando os olhos, resignada.

Como se quisesse demonstrar, Jemmy desvencilhou-se das mãos de Roger e partiu, engatinhando depressa na direção de seu cesto de brinquedos.

– E o que mais vocês fizeram hoje? – perguntou Roger, sentando-se à mesa.

– O que *mais*? – Ela arregalou os olhos e os estreitou em seguida. – Não acha que aprender a andar é o bastante para um dia?

– Claro que é. É maravilhoso, incrível! – garantiu ele apressadamente. –

Eu só estava puxando assunto.

Ela relaxou, satisfeita.

– Bem, então. Esfregamos o chão, não que alguém perceba a diferença...

– Olhou com certa insatisfação para as tábuas rústicas e desbotadas do assoalho. – Fizemos pão e o deixamos crescer, mas ele não cresceu, e é por isso que você vai comer pão solado no jantar.

– Adoro pão solado – disse ele rapidamente, vendo o brilho penetrante dos olhos dela.

– Claro que sim – disse ela, erguendo uma das grossas sobrancelhas ruivas. – Ou pelo menos não morde a mão que o alimenta.

Ele riu. Ali, no calor de casa, o frio estava passando, e suas mãos começavam a latejar, mas ele se sentia bem mesmo assim. Cansado o bastante para cair da cadeira, mas bem. Bem e faminto. O estômago roncou de fome.

– Pão solado com manteiga já é um começo. O que mais? Estou sentindo o cheiro de alguma coisa saborosa. – Olhou para a panela borbulhante e farejou o ar, esperançoso. – Ensopado?

– Não, roupa lavada. – Bree olhou para a panela. – A terceira maldita leva de hoje. Não consigo enfiar muita coisa nessa panela minúscula, mas não pude levar a roupa para a panela grande na casa porque estava limpando o chão e tecendo. E quando você lava roupa lá fora, é preciso ficar lá, para tomar conta do fogo e mexer as peças na panela, então não dá para fazer muita coisa além disso ao mesmo tempo. – Ela contraiu os lábios. – Nada prático.

– Que droga! – Roger deixou de lado o assunto das roupas para tratar de questões mais urgentes. Inclinou o queixo na direção do fogo. – Mas sinto cheiro de carne. Será que um rato não caiu dentro da panela?

Ao ouvir isso, Jemmy largou uma bola de trapos e engatinhou ansioso na direção do fogo.

– Rato? Ratinho?

Brianna agarrou Jemmy pela gola da blusa e olhou de cara feia para Roger.

– Claro que não. Não, filho, nenhum ratinho. O papai está falando bobagem. Vamos, Jemmy, venha papar. – Soltando a gola, ela agarrou o menininho pela cintura e o levantou, chutando e se debatendo, e o colocou no cadeirão. – Papar, foi o que eu disse! Fique quietinho.

Jemmy arqueou as costas, resmungando e dando gritinhos em protesto, então subitamente relaxou, escorregando para fora da cadeira e se escondendo nas dobras da saia da mãe.

Brianna tentou pegá-lo, o rosto ficando vermelho por causa do riso e da exasperação.

– Então *está bem!* – disse ela, colocando Jemmy de pé. – Não coma. Não ligo. – Procurou entre os brinquedos espalhados fora do cesto e pegou um velho boneco de palha de milho. – Olha, está vendo o boneco? Que boneco bonzinho.

Jemmy apertou o boneco contra o peito, sentou-se no chão e começou a falar com o brinquedo em tom ríspido, sacudindo-o de tempos em tempos para enfatizar.

– Papá! – disse ele, bravo, cutucando a barriga do boneco. Colocou o brinquedo no chão, pegou o cesto e o virou sobre ele. – Quetínio!

Brianna passou a mão no rosto e suspirou. Olhou para Roger.

– E você quer saber o que eu faço o dia inteiro.

Estreitou os olhos e realmente olhou para ele pela primeira vez.

– E o que o senhor andou fazendo, sr. MacKenzie? Parece que veio da guerra.

Tocou o rosto dele delicadamente. Um galo se formava em sua testa – ele podia sentir a pele esticada no local e a pontada de dor quando ela a tocou.

– Algo do tipo. Jamie andou me ensinando a usar a espada.

Brianna ergueu as sobrancelhas e ele riu, envergonhado, mantendo as mãos no colo.

– Espadas de madeira, está bem?

Várias espadas de madeira. Havia quebrado três até aquele momento, apesar de as armas improvisadas serem resistentes pedaços de madeira, e não galhos fracos.

– Ele acertou sua *cabeça*?

Havia um tom de irritação na voz de Brianna, mas Roger não sabia identificar se era por causa dele ou do pai dela.

– Ah... não. Não exatamente.

Lembrando-se vagamente dos filmes de capa e espada e das partidas de esgrima da faculdade, ele não estava preparado para a força brutal envolvida em um combate real com espadas. O primeiro golpe de Jamie havia derrubado a espada de Roger, jogando-a longe; outro golpe rachou a madeira e lançou um bom pedaço da arma bem à frente, passando de raspão pela orelha dele.

– Como assim “não exatamente”?

– Bem, ele estava me mostrando uma coisa chamada *corps a corps*. É francês e significa algo como “prenda a arma do adversário com a sua, dê uma joelhada no saco dele e em seguida um soco em sua cabeça enquanto ele tenta se soltar”.

Brianna deu uma risada curta, chocada.

– Você quer dizer que ele...

– Não, mas foi por pouco – disse ele, retraindo-se ao lembrar. – Estou com um hematoma na coxa do tamanho da minha mão.

– Está ferido em algum outro lugar?

Brianna olhou para ele franzindo o cenho, preocupada.

– Não. – Sorriu para ela, mantendo as mãos sobre o colo. – Cansado. Dolorido. Faminto.

Ela relaxou o rosto e voltou a abrir um sorriso, mas uma ruguinha permaneceu entre as sobrancelhas. Pegou o prato de madeira no armário, virou-se e abaixou-se perto do fogo.

– Codornas – disse com satisfação, pegando várias trouxinhas escuras das brasas com o atizador da lareira. – Papai as trouxe hoje de manhã. Disse para não as depenar; apenas envolvê-las em barro e assá-las. Espero que ele saiba o que diz. – Ela meneou a cabeça na direção da panela fervente. – Jemmy me ajudou com o barro; foi por isso que tivemos que lavar mais roupas. Ai! – Ela retraiu a mão de repente, levando um dedo queimado aos lábios, pegou o

prato e levou-o para a mesa. – Deixe esfriar um pouco. Vou pegar aqueles legumes em conserva de que você gosta.

As codornas pareciam pedras queimadas. Ainda assim, um aroma delicioso emanava das rachaduras em alguns dos torrões pretos. Roger teve vontade de pegar uma das codornas e comê-la inteira de uma vez, com barro queimado e tudo. Em vez disso, levou a mão ao prato coberto com um guardanapo em cima da mesa e descobriu ali o famigerado pão solado. Com os dedos rígidos, conseguiu arrancar um bom pedaço e o enfiou silenciosamente na boca.

Jemmy havia deixado a bola de trapos embaixo da cama e fora ver o que o pai estava fazendo. De pé, apoiado na perna da mesa, ele viu o pão e estendeu a mão, emitindo ruídos urgentes de exigência. Com cuidado, Roger pegou mais um pedaço de pão e o entregou ao filho, quase deixando-o cair no processo. Suas mãos estavam cortadas e feridas; os nós dos dedos da mão direita estavam esfolados, inchados e escuros, com machucados recentes. Metade da unha do polegar direito havia sido arrancada, e o pedaço de carne exposta estava vermelho e sangrava.

– Do-dói. – Segurando o pedaço de pão, Jemmy olhou para as mãos do pai e em seguida para seu rosto. – Papá do-dói?

– Papai está bem – disse Roger para tranquilizá-lo. – Só cansado.

Jemmy ficou olhando para o dedo machucado, e então levou a mão lentamente à boca e enfiou nela o próprio polegar, sugando ruidosamente.

Parecia mesmo uma boa ideia. O polegar ardia e doía no ponto de onde a unha fora arrancada, e todos os seus dedos estavam frios e rígidos. Lançando um rápido olhar para Brianna, que estava de costas, ele levantou a mão e enfiou o polegar na boca.

Foi estranho, o dedo era grosso e rígido e ele sentiu o gosto metálico e frio de sangue e sujeira. Então, repentinamente, o dedo se acomodou, a língua e o palato o envolveram, exercendo uma pressão quente e reconfortante.

Jemmy deu uma cabeçada na coxa do pai, o que costumava fazer para indicar que queria colo, e Roger agarrou a parte de trás da fralda com a mão livre, içando-o até seu joelho. Jemmy se acomodou, remexendo-se e

contorcendo-se, em seguida relaxou com o pão espremido na mão, chupando o dedo tranquilamente.

Roger foi se deixando relaxar, um dos cotovelos apoiado na mesa, o outro braço envolvendo o filho. O calor e a respiração pesada de Jemmy contra suas costelas combinavam perfeitamente com os ruídos familiares que Brianna fazia enquanto servia o jantar. Para sua surpresa, o polegar parou de doer, mas ele o deixou dentro da boca, cansado demais para questionar a estranha sensação de conforto.

Seus músculos também foram relaxando aos poucos, deixando o estado de tensão e alerta em que os mantivera por horas.

As ásperas instruções ainda ressoavam em seus ouvidos: *Use o antebraço, homem – o pulso, o pulso! Não vire a mão para fora assim, mantenha-a junto ao corpo. É uma espada, não um porrete, inferno. Use a ponta!*

Ele jogara Jamie com força contra uma árvore, em dado momento. E o sogro havia tropeçado em uma pedra e caído, com Roger por cima. Quanto a qualquer dano causado usando de fato a espada, era como se tivesse lutado contra uma nuvem.

A luta suja é o único tipo de luta que existe, dissera-lhe Jamie, ofegante, quando eles se ajoelharam à beira do córrego para jogar água fria no rosto suado. *O resto não passa de exibição.*

Ele mexeu a cabeça e piscou, voltando abruptamente dos golpes de espada para a atmosfera quente dentro do chalé. O prato não estava mais lá; Brianna praguejava baixinho perto do armário, batendo o cabo de seu punhal contra os montinhos escurecidos de codorna envoltos no barro, tentando abri-los.

Atenção aos pés. Para trás, para trás – sim, agora, volte para me atacar! Não, não tão longe... não baixe a guarda!

Os dolorosos golpes da “lâmina” flexível nas coxas, nos braços e ombros, o baque seco e surdo da pancada entre as costelas, afundando em sua barriga e deixando-o sem ar. Se fosse de aço frio, ele teria morrido em minutos, com as costelas ensanguentadas.

Não pare a minha lâmina com a sua, livre-se dela. Golpeie, golpeie para repelir o ataque! Venha, dê uma estocada! Perto, perto... sim, bom... há!

Seu cotovelo escorregou e a mão despencou. Ele se endireitou, quase deixando cair a criança adormecida, e piscou, a visão borrada à luz do fogo.

Brianna sobressaltou-se com uma expressão de culpa e fechou o caderno de desenho. Levantou-se e colocou-o atrás de uma travessa de estanho, em pé no fundo do aparador.

– Está pronto – apressou-se em dizer. – Eu só... vou pegar o leite.

E desapareceu despensa adentro em um farfalhar de saias.

Roger mudou Jemmy de posição, segurou-o e levantou o sólido corpinho, colocando-o sobre o ombro, embora seus braços parecessem macarrão cozido. O menininho estava em um sono profundo, mas continuava com o polegar firmemente enfiado na boca.

O polegar de Roger estava molhado de saliva, e ele sentiu uma onda de embaraço. Meu Deus, ela o estava desenhando daquele jeito? Sem dúvida; deve tê-lo visto chupando o dedo e achou “bonitinho”. Não seria a primeira vez que ela o desenharia em posições que ele julgava comprometedoras. Ou será que estava registrando seus sonhos de novo?

Colocou Jemmy cuidadosamente no berço, afastou farelos de pão úmidos de sua coberta e ficou esfregando os nós dos dedos feridos de uma das mãos com os dedos da outra. Ruídos de líquidos vieram da despensa. Movendo-se sem fazer barulho, ele se aproximou do armário e tirou o caderno de seu esconderijo. Esboços, não sonhos.

Não mais do que alguns traços rápidos, a essência de um esboço. Um homem morto de cansado, mas ainda alerta; a cabeça em uma das mãos, o pescoço curvado de exaustão – o braço livre segurando, de modo protetor, algo precioso e indefeso.

Ela o intitulara. *En garde*, dizia, em sua letra inclinada e pontuda.

Ele fechou o caderno e voltou a colocá-lo atrás da travessa. Ela estava parada à porta da despensa, com a jarra de leite na mão.

– Venha comer – disse delicadamente, olhando-o nos olhos. – Precisa recuperar suas forças.

ROGER COMPRA UMA ESPADA

Cross Creek
Novembro de 1771

Ele já havia manuseado espadas de lâmina grossa do século XVIII; o peso e o comprimento não eram novidade. O copo ao redor do punho era ligeiramente curvo, mas não o suficiente para atrapalhar o encaixe da mão. Também já tinha feito aquilo antes. Mas havia uma diferença considerável entre colocar reverentemente um artefato antigo na vitrine de um museu e pegar um pedaço de metal afiado com a intenção consciente de enfiá-lo no corpo de uma pessoa.

– Está um pouco surrada – dissera Fraser, analisando a espada com atenção antes de entregá-la a ele –, mas a lâmina está bem equilibrada. Experimente-a, veja se lhe agrada.

Sentindo-se um perfeito idiota, ele enfiou a mão no copo e posicionou-se como um espadachim, recorrendo a suas lembranças dos filmes de Errol Flynn. Eles estavam na movimentada rua da loja de armas em Cross Creek, e alguns transeuntes paravam para observar e tecer comentários úteis.

– Quanto Moore está pedindo por esse pedaço de lata? – alguém perguntou de modo depreciativo. – Qualquer coisa além de 2 xelins seria um assalto.

– É uma boa espada – retrucou Moore, inclinando-se sobre a porta de sua forja, irritado. – Eu a herdei de meu tio, que serviu no Forte Stanwyck. Ora, essa lâmina matou muitos franceses e não sofreu nada além de uma pequena

ranhura.

– Uma ranhura! – gritou o depreciador. – Ora, o negócio está tão torto que se você der uma estocada em alguém, vai acabar cortando a orelha da pessoa!

Todos ao redor começaram a rir, abafando a resposta do ferreiro. Roger abaixou a ponta da espada e levantou-a devagar. Como alguém podia testar uma espada? Deveria brandi-la de um lado para o outro? Cravá-la em algum objeto? Havia uma carroça mais à frente, na mesma rua, cheia de sacos de aniagem – lã crua, pelo cheiro.

Ele procurou o dono das sacas, mas não conseguiu identificá-lo no grupo cada vez maior de observadores. Não havia ninguém cuidando do enorme cavalo preso à carroça, e ele torcia as orelhas, sonolento, sobre as rédeas soltas.

– Ah, se o jovem quer uma espada, Malachy McCabe tem uma melhor, de seu tempo de serviço. Imagino que ele a venderia por não mais que 3 xelins.

O sapateiro do outro lado da rua contraiu os lábios, meneando a cabeça para a espada com pose de autoridade.

– Não é uma peça elegante – concordou um ex-soldado de meia-idade, inclinando a cabeça. – Mas é eficaz, isso posso garantir.

Roger esticou o braço, avançou na direção da porta do ferreiro e por pouco não atingiu Moore, que saía para defender a qualidade de seu produto. O ferreiro deu um salto para o lado com um grito assustado e a multidão caiu na gargalhada.

O pedido de desculpas de Roger foi interrompido por uma voz alta e anasalada atrás dele.

– Vamos, senhor! Deixe-me oferecer um inimigo mais digno do aço de sua lâmina do que um ferreiro desarmado!

Ao se virar, Roger viu-se diante do dr. Fentiman, que empunhava uma lâmina longa e fina saída do cabo de sua bengala ornamental. O médico, que devia ter a metade do tamanho de Roger, brandiu o florete com uma ferocidade cordial. Depois de obviamente ter se deleitado com um almoço generoso, a ponta de seu nariz brilhava como uma lâmpada de árvore de

Natal.

– Um teste de habilidade, senhor? – O médico brandia a espada para a frente e para trás, de modo que a lâmina estreita zumbia ao cortar o ar. – O primeiro a furar o adversário, o primeiro a tirar sangue é o vitorioso. O que me diz?

– Ah, uma vantagem injusta para o doutor! Afinal, tirar sangue não é seu trabalho?

– Ha, ha! E se você atravessá-lo com sua espada em vez de furá-lo, vai fechar o buraco sem custos? – gritou outro espectador. – Ou está tentando arranjar serviço, sanguessuga?

– Tome cuidado, rapaz! Se fizer besteira, pode ser que ele lhe administre um enema!

– Melhor um enema do que uma espada no traseiro!

O médico ignorou essas e outras observações igualmente vulgares, empunhando a espada, pronto para entrar em ação. Roger olhou rapidamente para Jamie, que estava encostado na parede, parecendo se divertir. Jamie ergueu a sobrancelha e deu de ombros.

– Experimente, veja se ela lhe agrada – disse ele.

Bem, e ele achava que um duelo com um anão bêbado era um bom teste.

Roger ergueu a espada e encarou o médico com um olhar ameaçador.

– *En garde!* – exclamou, e a plateia rugiu em aprovação.

– *Gardez-vous* – retrucou o médico prontamente, avançando.

Roger girou em um dos calcanhares e o médico passou por ele, empunhando a espada como se fosse uma lança. Moore, o ferreiro, saltou para o lado bem a tempo de evitar ser espetado pela segunda vez, soltando impropérios.

– Por acaso eu sou um maldito alvo? – gritou ele, com o punho cerrado em riste.

Ignorando o fato, o médico recuperou o equilíbrio e partiu mais uma vez para cima de Roger, soltando gritos estridentes para incentivar a si mesmo.

Era mais ou menos como ser atacado por uma vespa, Roger pensou. Se não entrasse em pânico, era possível seguir o inseto e afastá-lo. Talvez o

médico fosse um bom espadachim quando sóbrio; no estado em que se encontrava, suas investidas frenéticas e floreios malucos eram facilmente combatidos – contanto que Roger prestasse atenção.

Logo de início, deu-se conta de que poderia terminar a competição a qualquer momento, apenas acertando a espada fina e estreita do médico direto no gume com sua própria arma, muito mais pesada. Mas estava começando a se divertir e tomava o cuidado de se defender dos golpes com a parte chata da lâmina.

Aos poucos, tudo, menos a ponta do florete, desapareceu da frente de Roger. Os gritos da multidão se tornaram um zumbido, a lama da rua e a parede da ferraria mal podiam ser vistas. Ele raspou o cotovelo na parede, afastou-se, movimentou-se em círculo para ganhar mais espaço, tudo sem pensar conscientemente.

O florete bateu em sua lâmina mais larga, investiu e soltou-se com um ruído agudo de metal. Baques, estalidos, o sibilo do ar vazio e a batida que reverberava nos ossos de seus braços a cada contato da espada do médico.

Observar a estocada, acompanhar, combater. Ele não tinha a menor ideia do que estava fazendo, mas fazia mesmo assim. O suor escorria para dentro de seus olhos; ele balançou a cabeça para afastá-lo, escapando por pouco de uma espetada na coxa, mas a repeliu a tempo e lançou o florete para trás.

O médico cambaleou, perdeu o equilíbrio e gritos ferozes de “*Agora! Ataque! Fure-o agora!*” ressoaram no ar empoeirado. Ele viu o colete bordado do médico, vulnerável, desprotegido, repleto de borboletas de seda, e conteve o ímpeto visceral de cravar ali a ponta da espada.

Abalado pela intensidade da ânsia de atacar, deu um passo para trás. O médico, percebendo sua fraqueza, avançou, urrando, com a ponta do florete em riste. Roger deu um meio passo para o lado e o médico passou por ele como um dardo, raspando o jarrete do cavalo no caminho.

O cavalo relinchou indignado e prontamente mandou o espadachim e a espada voando pelos ares. Eles se chocaram com a fachada da oficina do sapateiro, e o médico caiu no chão como uma mosca esmagada, cercado por formas de madeira e sapatos espalhados.

Roger ficou imóvel, ofegante. Todo o seu corpo pulsava a cada batida do coração, quente por causa da luta. Ele queria continuar, queria rir, queria bater em alguma coisa. Queria encostar Brianna contra a parede mais próxima, e *naquele instante*.

Jamie ergueu delicadamente a mão dele e abriu seus dedos, soltando-os do punho da espada. Roger não se lembrava de estar segurando-a. Sentiu o braço muito leve sem a espada, como se ele pudesse sair flutuando na direção do céu por conta própria. Seus dedos estavam rígidos por terem exercido tanta pressão, e ele os flexionou automaticamente, sentindo o formigamento conforme o sangue voltava a circular.

O sangue latejava por todo o seu corpo. Quase não ouvia as risadas e as ofertas de bebida, e quase não sentia os tapinhas de cumprimentos que recebia nas costas.

– Um enema, um enema, dê-lhe um enema! – cantava um grupo de aprendizes enquanto acompanhava o médico, que era levado para receber os primeiros socorros em um estabelecimento próximo.

O dono do cavalo, nervoso, dava voltas cuidadosamente em torno do grande baio, que parecia mais confuso do que ferido.

– Acho que ele venceu. Afinal, foi o primeiro a tirar sangue.

Roger só percebeu que havia falado quando ouviu a própria voz, estranhamente calma, em seus ouvidos.

– Esta vai servir?

Jamie olhava para ele em dúvida, com a espada equilibrada nas palmas das mãos.

Roger assentiu. A rua estava iluminada e tomada por uma poeira branca que se insinuava por baixo das pálpebras e entre os dentes quando ele fechava a boca.

– Sim – respondeu ele. – Vai servir.

– Ótimo. Você também vai – disse Jamie de modo casual quando se virou para pagar o ferreiro.

PARTE VIII

À caça



AS LUAS DE JÚPITER

Fim de novembro de 1771

Pela quarta vez em poucos minutos, Roger reafirmou a si mesmo que não era possível, do ponto de vista médico, morrer de frustração sexual. Duvidava até mesmo de que pudesse causar danos permanentes. Por outro lado, a situação tampouco lhe fazia bem, apesar de seus esforços para considerá-la um exercício de construção de caráter.

Deitou-se de costas, com cuidado para evitar que o colchão fizesse barulho, e olhou para o teto. Não ajudou: por uma fresta no canto do couro oleado que cobria a janela, uma nesga de luz da manhã iluminava a cama e, pelo canto do olho, ele ainda podia ver as ancas douradas da esposa, em destaque como se estivessem sob holofotes.

Ela estava deitada de barriga para baixo, com o rosto afundado no travesseiro, e o lençol de linho havia escorregado para baixo da curva de seu traseiro, deixando-a nua da nuca às nádegas. Ela estava tão perto dele na cama estreita, que sua perna tocava a dela, e o calor de sua respiração roçava seu ombro nu. Sua boca estava seca.

Ele fechou os olhos. Não ajudou; logo começou a relembrar cenas da noite anterior: Brianna à meia-luz do fogo que se apagava, as chamas de seus cabelos cintilando nas sombras, a luz brilhando repentinamente na curva de um seio nu quando ela deixou que o tecido macio deslizesse de seus ombros.

Apesar de ser tarde, e de estar muito cansado, ele a desejava com ardor. Mas outra pessoa a desejava mais. Entreabriu os olhos e ergueu-se um pouco,

apenas o suficiente para olhar além das mechas ruivas e desgrenhadas de Brianna, para onde o berço estava encostado na parede, ainda à penumbra. Nenhum sinal de movimento.

Eles tinham um acordo havia muito estabelecido. Ele acordava de imediato quando ouvia um barulho, ela despertava sonolenta e confusa. Então quando um grito vindo do berço o fazia acordar assustado, com o coração aos pulos e em alerta, era Roger quem se levantava, pegava a criança com a fralda molhada e cuidava das necessidades imediatas de higiene. Quando finalmente entregava Jemmy à mãe, esperneando e chorando à procura de leite, ela já havia despertado o suficiente para tirar a camisola e estender os braços para o filho, aconchegando-o em meio à escuridão acolhedora no refúgio murmurante e cheio de leite de seu corpo.

Agora que Jem não era mais tão pequeno, ele raramente acordava à noite, mas quando o fazia, com dor de barriga ou depois de um pesadelo, era preciso muito mais tempo para fazê-lo voltar a dormir do que quando ele era bebê. Roger pegou no sono de novo enquanto Bree ainda consolava Jem, mas acordou quando ela se virou na cama estreita, as nádegas resvalando em sua coxa. A palha de milho embaixo deles crepitou com um ruído como o barulho de mil fogos de artifício distantes, todos explodindo ao longo de sua coluna, acordando-o completamente com uma dolorosa ereção.

Sentira a pressão do traseiro dela contra seu corpo e quase não conseguiu conter a vontade de rolar sobre ela e tomá-la por trás. Suaves ruídos de sucção do outro lado de seu corpo o detiveram. Jem ainda estava na cama com eles.

Ele permaneceu deitado, prestando atenção, torcendo para que ela ficasse acordada tempo suficiente para levar o pestinha de volta para o berço. Às vezes, eles adormeciam juntos, mãe e filho, e Roger acordava pela manhã sentindo a mistura confusa dos cheiros de uma mulher desejável e xixi de bebê. Por fim, ele próprio adormeceu, apesar do desconforto, exausto depois de um dia derrubando árvores na encosta da montanha.

Inspirou suavemente. Não, ela o havia levado de volta para o berço. A cama não tinha cheiro algum, exceto o de Brianna, o cheiro terroso do corpo

de mulher, com um leve toque de suor e lubrificação.

Ela suspirou enquanto dormia, murmurando algo incompreensível, e virou a cabeça no travesseiro. Tinha olheiras azuladas; ficara acordada até tarde fazendo geleia e acordara mais duas vezes por causa do pequeno... do bebê. Como poderia acordá-la apenas para satisfazer seus desejos?

Como *não* acordá-la?

Trincou os dentes, dividido entre tentação, compaixão e a absoluta certeza de que, se cedesse aos próprios desejos, estaria chegando na melhor parte quando uma interrupção vinda dos arredores do berço o forçaria a parar.

A experiência tinha sido uma professora severa, mas os desejos da carne falaram mais alto do que a razão. Estendeu a mão furtivamente e com cuidado, segurou a nádega mais próxima. Era firme e macia, arredondada como uma cabaça.

Ela emitiu um pequeno ruído no fundo da garganta e espreguiçou-se com volúpia. Arqueou as costas, erguendo o traseiro de uma forma que convenceu Roger que o mais inteligente a fazer era afastar os lençóis, rolar para cima dela e atingir seu objetivo nos dez segundos que provavelmente ia levar para fazê-lo.

O máximo que conseguiu foi afastar os lençóis. Quando ergueu a cabeça do travesseiro, viu algo claro e arredondado levantar-se devagar, surgindo em seu campo de visão acima da borda do berço, como uma das luas de Júpiter. Dois olhos azuis o observaram com um desprendimento clínico.

– Ah, *merda!* – exclamou ele.

– Ah, *méda!* – disse Jemmy, imitando-o alegremente.

Agarrou-se ao berço até ficar de pé, saltitando agarrado à borda do berço que estava rapidamente ultrapassando, entoando “*Méda-méda-méda-méda!*”, no que ele sem dúvida pensava se tratar de uma canção.

Brianna despertou de súbito, piscando por trás das madeixas despenteadas.

– O que foi? O que houve?

– Ah... algum inseto me picou. – Roger colocou o lençol discretamente de volta no lugar. – Deve ter uma vespa aqui dentro.

Ela se espreguiçou no travesseiro, gemendo e afastando os cabelos do rosto com uma das mãos, em seguida pegou a caneca da mesinha e tomou um gole de água; sempre acordava com sede.

Seus olhos percorreram Roger e um lento sorriso tomou sua boca ampla e macia.

– É mesmo? Levou uma bela picada aí! Quer que eu massageie?

Ela voltou a pousar a caneca na mesinha, apoiou-se graciosamente em um dos cotovelos e estendeu a mão.

– Você é sádica – disse Roger, trincando os dentes. – Não resta a menor dúvida. Deve ter puxado ao pai.

Ela riu, tirou a mão de sob os lençóis e levantou-se, vestindo a camisola.

– MAMÃE! Méda, mamãe! – gritou Jemmy, radiante, quando ela o tirou do berço, gemendo pelo esforço.

– Pestinha – disse ela, afetuosamente. – Você não está muito popular com o papai esta manhã. Sempre escolhe os piores momentos. – Ela torceu o nariz. – E não só os piores momentos.

– Acho que isso depende do ponto de vista. – Roger rolou de lado, observando. – Imagino que, do ponto de vista *dele*, o momento não poderia ser melhor.

– É. – Brianna olhou para ele com a sobrancelha erguida. – Foi assim que ele aprendeu uma palavra nova, não foi?

– Ele já a ouviu antes – disse Roger de modo seco. – Muitas vezes.

Sentou-se, colocando as pernas para fora da cama, e passou a mão pelos cabelos e pelo rosto.

– Bem, tudo o que temos que fazer agora é descobrir como passar do abstrato para o concreto, não é? – Ela colocou Jemmy de pé e ajoelhou-se diante dele, beijando-o no nariz, e em seguida abriu o prendedor da fralda. – Minha nossa! Será que um ano e meio é cedo demais para começar a desfraldar?

– Está perguntando a mim ou a ele?

– Bem, não importa, qualquer um dos dois que tiver uma opinião a respeito do assunto.

Jemmy com certeza não tinha. Animadamente estoico, ele ignorava o ataque da mãe às suas partes íntimas com um pano úmido e gelado, distraído com uma nova canção de sua própria autoria, mais ou menos assim: “Bem, bem, méda, méda, BEM, BEM...”

Brianna pôs um ponto final à cantoria levantando-o nos braços e sentando-se com ele na cadeira de amamentar junto à lareira.

– Quer fazer um lanchinho? – perguntou ela, baixando o decote da camisola de modo convidativo.

– Ah, por favor – disse Roger, entusiasmado.

Bree riu, não sem compaixão, e ajeitou Jemmy no colo, onde ele logo se acomodou para mamar.

– Você é o próximo – garantiu ela a Roger. – Quer mingau de aveia ou polenta frita no café da manhã?

– Mais alguma coisa no cardápio?

Droga, ele já estava quase pronto para se levantar, mas voltou à estaca zero.

– Ah, claro. Torrada com geleia de morango. Queijo. Ovos, mas vai ter que buscá-los no galinheiro; não tem nenhum na despensa.

Roger tinha dificuldade de se concentrar na conversa diante da visão de Brianna na penumbra do chalé, as longas coxas separadas por baixo da camisola, os calcanhares enfiados sob a cadeira. Ela pareceu notar a falta de interesse dele nas questões alimentícias, pois olhou para a frente e sorriu para ele, observando sua nudez.

– Você está ótimo, Roger – disse ela baixinho.

Abaixou a mão livre, pousando-a de leve na curva interna de uma das coxas. Os dedos longos, de unhas curtas, traçavam círculos lentamente, em um movimento quase imperceptível.

– Você também. – A voz dele estava rouca. – Mais do que ótima.

Ela ergueu a mão e deu tapinhas delicados nas costas de Jemmy.

– Quer ver a tia Lizzie depois do café da manhã, meu amor? – perguntou ela, sem olhar para o filho.

Seus olhos estavam fixos nos de Roger, e sua boca larga se curvou

lentamente em um sorriso.

Ele achava que não conseguiria esperar até depois do café da manhã para, pelo menos, tocá-la. O xale dela estava caído ao pé da cama; ele o pegou e o enrolou ao redor dos quadris para cobrir sua intimidade ao sair da cama e atravessar o aposento para se ajoelhar ao lado da cadeira onde ela estava.

Seus cabelos se esvoaçaram com uma corrente de ar que entrou pela janela, e ele viu os pelos de seus braços se arrepiarem de repente. Envolveu-os com seus braços. A corrente de ar soprava fria em suas costas nuas, mas ele não se importava.

– Amo você – sussurrou no ouvido dela.

Pousou a mão sobre a dela, em sua coxa. Ela virou a cabeça e o beijou, um rápido contato de lábios macios.

– Também amo você.

Ela enxaguara a boca com água e vinho, e tinha o gosto de uvas outonais e córregos frios. Ele começava a dar atenção a questões mais sérias quando uma batida forte, acompanhada da voz de seu sogro, fez as dobradiças da porta estremecerem.

– Roger! Está aí, homem? Levante-se agora mesmo!

– Por que ele está perguntando se eu estou aqui? – sussurrou Roger. – Onde mais eu estaria?

– Shhh. – Ela mordiscou o pescoço dele e o soltou com relutância, percorrendo seu corpo com os olhos com clara admiração. – Ele já se levantou, pai! – gritou ela.

– Sim, e pelo jeito vai ser uma condição permanente – murmurou Roger. – Já estou indo! – berrou. – Onde diabos estão minhas roupas?

– Embaixo da cama, onde você as deixou ontem à noite.

Brianna colocou Jemmy no chão, e ele correu para bater na porta trancada, eufórico por ouvir a voz do avô. Quando finalmente se aventurou a andar, não perdeu tempo com o estágio seguinte, e em poucos dias estava correndo.

– Depressa!

O sol inundou o chalé quando o couro que cobria a janela foi afastado,

revelando o rosto de ossos largos e fortes de Jamie Fraser, corado de animação e pelo sol da manhã. Ele ergueu a sobrancelha assim que viu Roger, agachado no chão, cobrindo as partes íntimas com uma camisa.

– Ande depressa, rapaz – disse ele, mais amigável. – Não é hora de ficar andando por aí com o traseiro de fora. MacLeod disse que há animais grandes do outro lado do morro. – Soprou um beijo para Jemmy. – *A ghille ruaidh, a charaid! Ciamar a tha thu?*

Roger se esqueceu do sexo e do constrangimento. Vestiu a camisa e se levantou.

– De que tipo? Veados, alces?

– Não sei, só sei que é carne!

Ele soltou subitamente o couro da janela e o quarto voltou a ficar na penumbra.

A intrusão deixara entrar uma rajada de ar frio, que invadiu a atmosfera quente, enevoadada, levando consigo os cheiros da estação de caça, do vento cortante e das folhas avermelhadas, de lama e estrume, de lã molhada e couro liso, tudo pontuado pelo odor imaginário de pólvora.

Olhando com desejo para o corpo de sua mulher uma última vez, Roger pegou a calça.

PERIGO NA MATA

Grunhindo e bufando, os homens conseguiram acessar a zona verde-escura das coníferas ao meio-dia. No topo dos picos mais altos, aglomerações de abeto-balsâmico e cicuta se misturavam a espruces e pinheiros sobre o terreno rochoso. Ali, eles permaneciam seguros em sua imortalidade sazonal, as agulhas murmurando um lamento pela fragilidade das folhas mortas lá embaixo.

Roger estremeceu à sombra fria das coníferas e ficou grato por estar usando sua blusa de caçar de lã grossa por cima da camisa de linho. Não conversavam; mesmo quando paravam por algum tempo para recuperar o fôlego, o silêncio na floresta inibia conversas desnecessárias.

A mata selvagem ao redor deles parecia calma – e erma. Talvez fosse tarde demais e a caça já tivesse seguido para outro lugar; talvez MacLeod tivesse se enganado. Roger ainda não sabia caçar muito bem, mas havia passado muito tempo sozinho sob o sol e o vento, em silêncio. Desenvolvera alguns instintos de caçador.

Os homens saíram à plena luz do sol quando emergiram no outro lado do cume. O ar estava leve e frio, mas Roger sentiu o calor percorrer seu corpo gelado e fechou os olhos, sentindo o prazer momentâneo. Os homens ficaram parados por algum tempo, em uma apreciação silenciosa, aquecendo-se ao sol em um local abrigado, protegidos do vento por um momento.

Jamie aproximou-se da beirada de um rochedo, o sol iluminando seus cabelos cor de cobre presos em um rabo de cavalo. Virou-se de um lado para o outro, estreitando os olhos para olhar para baixo, procurando algo em meio

às árvores. Roger viu suas narinas se abrirem e sorriu. Bem, então, talvez ele realmente farejasse a caça. Roger não ficaria surpreso. Tentou farejar o ar, mas não sentiu nada além da fermentação das folhas apodrecidas e um forte odor de suor acumulado vindo do corpo de Kenny Lindsay.

Fraser balançou a cabeça, virou-se para Fergus e, dizendo algo bem baixo, subiu no rochedo e desapareceu.

– Esperamos aqui – disse Fergus laconicamente para os outros, sentando-se em seguida.

Pegou duas pedras redondas da bolsa e ficou girando-as de um lado para o outro na palma da mão, profundamente concentrado em deslizar uma das esferas entre os dedos ágeis.

Os dedos longos do sol brilhante de outono penetraram por entre os galhos desfolhados, administrando os últimos sacramentos de consolo sazonal, abençoando a terra moribunda com um toque de calor. Os homens conversavam tranquilamente, sentados ao sol. Ele não o havia notado na mata mais fria, mas ao sol, o cheiro forte de suor ficava evidente, sobrepondo-se às camadas mais profundas de sujeira e odores corporais.

Roger pensou que a dificuldade de se aproximar da caça a pé talvez não se devesse à incrível acuidade olfativa dos animais, mas sim aos odores fortes dos seres humanos. Já vira os moicanos se esfregarem com ervas para disfarçar o cheiro natural do corpo quando saíam para caçar, mas nem mesmo óleo de menta conseguiria aplacar o fedor de Kenny Lindsay.

Ele não fedia tanto quanto Kenny, fedia? Curioso, inclinou a cabeça para dentro da gola aberta da camisa e inspirou. Sentiu um filete de suor escorrer pela nuca, por baixo do cabelo. Enxugou-o com a gola e decidiu se lavar antes de voltar ao chalé, mesmo que o riacho estivesse coberto por uma fina camada de gelo.

Banhos e desodorantes tinham mais do que apenas uma importância estética, ele refletiu. Afinal, as pessoas se acostumavam depressa com quase todo tipo de mau cheiro. O que ele não havia percebido, seguro em seu ambiente moderno relativamente inodoro, eram as consequências mais íntimas dos cheiros. Às vezes, ele se sentia como um maldito babuíno, suas

reações mais primitivas extravasadas sem aviso pelo assalto repentino de um odor.

Lembrou-se do que havia acontecido na semana anterior e sentiu um forte rubor subir por sua face.

Ele havia entrado na leiteria, procurando Claire. Conseguira encontrá-la... e Jamie também. Ambos estavam completamente vestidos, longe um do outro, mas a atmosfera estava tão tomada pelo odor almiscarado de desejo e pelo cheiro forte de sêmen, que Roger sentiu o rosto queimar e os pelos do corpo se arrepiarem.

Seu primeiro impulso tinha sido se virar e ir embora, mas não haveria explicação para isso. Dera o recado a Claire, percebendo que Jamie o observava, com olhos tranquilos e confusos. Também notou a comunicação silenciosa entre os dois, uma vibração invisível no ar, como se eles fossem duas contas em um mesmo fio tensionado.

Jamie esperara Roger sair para deixar a leiteria. De soslaio, Roger percebera um ligeiro movimento, vira o breve toque da mão com o qual ele se despedira dela, e mesmo naquele momento, sentia um estranho aperto nas entranhas quando se lembrava.

Expirou para aliviar a tensão em seu peito, depois se deitou sobre as folhas, deixando o sol incidir sobre as pálpebras cerradas. Ouviu um gemido abafado de Fergus, em seguida o barulho de passos quando o francês partiu apressado outra vez. Fergus comera chucrute meio curado na noite anterior – fato que ficava evidente para quem se sentasse ao lado dele por muito tempo.

Seus pensamentos voltaram para o momento constrangedor na leiteria.

Não era lascívia nem mesmo simples curiosidade, mas ainda assim ele se flagrava com frequência observando os dois. Via-os da janela do chalé, caminhando juntos à noite, a cabeça de Jamie inclinada na direção dela, as mãos entrelaçadas nas costas. Claire mexia as mãos enquanto falava, erguendo-as longas e brancas no ar, como se ela fosse pegar o futuro e moldá-lo, como se entregasse seus pensamentos a Jamie enquanto falava, objetos lisos e lustrosos, pedaços de ar esculpido.

Quando percebia o que estava fazendo, passava a observá-los de

propósito e afastava qualquer sentimento de vergonha pela intrusão, por menor que fosse. Sua curiosidade tinha motivo; havia algo que ele precisava saber, uma necessidade tão forte que desculpava qualquer falta de modos.

Como se fazia aquela coisa do casamento?

Ele fora criado na casa de um homem solteiro. Mesmo tendo recebido na infância tudo de que precisava em termos de afeto por parte do tio-avô e da velha governanta do reverendo, percebeu que algo lhe faltava na fase adulta, que não conhecia os toques e as palavras que uniam um casal em matrimônio. Por ora, a intuição bastava.

Mas se um amor como aquele pudesse ser aprendido...

Um toque em seu cotovelo o assustou e ele se virou, dando um golpe rápido com o braço para se defender. Jamie se abaixou com habilidade, evitando o soco, e sorriu para ele.

Fraser meneou a cabeça em direção ao rochedo.

– Eu os encontrei – disse ele.

Jamie ergueu uma das mãos e Fergus se postou imediatamente ao seu lado. O francês mal chegava ao ombro do grande escocês, mas não parecia ridículo. Cobriu os olhos com a única mão, espreitando na direção para a qual Fraser apontara.

Roger se aproximou por trás deles, olhando encosta abaixo. Viu um movimento fugaz na clareira lá embaixo, reforçado pelo descer e subir do voo. O parceiro piou de dentro da mata, um som parecido com uma risada estridente. Ele não via mais nada de excepcional lá embaixo; era o mesmo emaranhado denso de loureiros, nogueiras e carvalhos que havia na encosta da montanha de onde tinham vindo; bem mais abaixo, uma linha densa de árvores altas e desfolhadas delimitava o curso de um rio.

Fraser o viu e gesticulou para baixo meneando a cabeça, apontando com o queixo.

– Perto do rio. Está vendo? – perguntou ele.

No começo, Roger não viu nada. O rio em si não era visível, mas ele

conseguia acompanhar seu curso por causa dos salgueiros e plátanos desfolhados. Então ele viu; um arbusto quase no pé da encosta se moveu, de uma forma diferente dos galhos próximos, sacudidos pelo vento. Uma guinada brusca que chacoalhou o arbusto como se algo o puxasse para se alimentar.

– Minha nossa, o que é aquilo?

O corpanzil escuro que viu de relance bastou para perceber que o animal era grande – muito grande.

– Não sei. É maior do que um veado. Um uapiti, talvez.

Fraser olhava atentamente, os olhos estreitados contra o vento. Ele parecia tranquilo, com o mosquete na mão, mas Roger podia perceber sua empolgação.

– Ou talvez um alce? – Fergus franziu as sobrancelhas sob a mão com a qual protegia os olhos. – Nunca vi um, mas são bem grandes, não são?

– Não. – Roger negou com a cabeça. – Quero dizer, sim, mas aquilo não é um alce. Já cacei alce com os moicanos. Eles não se movimentam daquela maneira.

Ele viu Fraser contrair os lábios e em seguida relaxar; por um acordo não expressado, eles evitavam falar de quando Roger fora mantido prisioneiro pelos moicanos. Mas Jamie não disse nada, apenas indicou com a cabeça a mata lá embaixo.

– Não é veado, nem alce, mas há mais de um. Estão vendo?

Roger estreitou ainda mais os olhos, então viu o que Fraser estava fazendo e o imitou – alternando o pé de apoio, deixou deliberadamente os olhos vagarem pela paisagem.

Sem tentar focalizar um único ponto no cenário lá embaixo, ele conseguia ver a encosta inteira como uma mistura borrada de cor e movimento – *como um quadro de Van Gogh*, pensou, e sorriu. Então, viu o que Jamie vira e ficou tenso, esquecendo-se totalmente da arte moderna.

Em alguns pontos, entre o cinza e o marrom desbotado e as áreas de vegetação perene, havia uma disjunção, um nó no padrão da trama da natureza – movimentos estranhos, não provocados pelo soprar do vento. Os

animais em si estavam invisíveis, mas tornavam sua presença evidente pelo balançar dos arbustos próximos. Santo Deus, qual seria o tamanho deles? Lá... e lá... ele deixou que os olhos vagassem de um lado ao outro e sentiu um aperto de empolgação no peito e no estômago. Havia meia dúzia, pelo menos!

– Eu tinha razão! Eu tinha razão, não tinha, *Mac Dubh*? – disse MacLeod, exultante. Abriu um sorriso de orelha a orelha, triunfante. – Eu disse que tinha visto animais, não disse?

– Meu Deus, há um rebanho inteiro deles – disse Evan Lindsay, ofegante, ecoando o pensamento de Roger.

O rosto do escocês estava alegre, tomado pela ansiedade. Ele olhou para Jamie.

– Como vai ser, *Mac Dubh*?

Jamie ergueu ligeiramente um dos ombros, ainda espreitando o vale.

– É difícil dizer. Eles estão em terreno aberto. Não podemos encurralá-los em lugar nenhum.

Ele lambeu um dedo e levantou-o ao vento, depois apontou.

– O vento está soprando do oeste. Vamos descer aquele arroio até o pé da encosta. Então Roger e eu passaremos para o lado, perto daquele grande afloramento de rocha, está vendo?

Lindsay assentiu devagar, um dente torto da frente pressionando a carne macia de seu lábio.

– Eles estão perto do rio. Podem dar a volta, mantendo boa distância até chegarem àquele grande cedro, estão vendo? Sim, então se separem, dois em cada margem do rio. Evan é o melhor atirador; deve ficar preparado. Roger Mac e eu chegaremos por trás do bando, para fazer com que eles sigam na direção de vocês.

Fergus assentiu, observando o terreno lá embaixo.

– Entendi. E se eles nos virem, vão se virar na direção daquele pequeno desfiladeiro e ficar encurralados. Ótimo. *Allonsy!* Vamos!

Gesticulou determinado para os outros, o gancho brilhando ao sol. Depois, fez uma careta, levando a mão à barriga quando um longo e

retumbante peito interrompeu o silêncio da mata. Jamie olhou para ele, sério.

– Fique a favor do vento, está bem? – disse ele.

Era impossível andar em silêncio pelas camadas de folhas secas, mas Roger pisava com o máximo de delicadeza possível. Ao ver Jamie carregar e preparar a própria arma, Roger fez o mesmo, sentindo uma mistura de empolgação e temor com o cheiro pungente de pólvora. Pelo que percebera do tamanho dos animais que estavam seguindo, era possível que até mesmo ele tivesse a chance de acertar um.

Deixando as dúvidas de lado, ele parou por um momento, virando a cabeça para os dois lados a fim de ouvir. Nada além do leve sopro do vento nos galhos desfolhados acima e o murmúrio distante da água. Ouviu um leve estalar no arbusto à sua frente e, de relance, viu uma cabeleira ruiva. Segurou a coronha, a madeira quente e sólida na palma, o cano voltado para cima sobre o ombro, e prosseguiu.

Escondendo-se atrás de uma moita de sumagre, Roger sentiu algo ceder repentinamente sob seu pé e deu um passo para trás a fim de manter o equilíbrio. Olhou para ver no que pisara e, apesar da decepção imediata, teve muita vontade de rir.

– Jamie! – chamou ele, sem se importar em manter o silêncio ou a discrição.

Os cabelos flamejantes de Jamie despontaram em meio a uma cortina de loureiros. Ele não disse nada, mas ergueu uma das sobrancelhas grossas, curioso.

– Não sou um grande rastreador – disse Roger, apontando para baixo –, mas sei exatamente no que acabei de pisar. – Raspou a lateral do sapato em um tronco caído e indicou com o pé. – O que acha que andamos perseguindo todo esse tempo?

Jamie parou de repente, estreitando os olhos, então deu um passo à frente e agachou-se ao lado do borão marrom. Cutucou-o com o indicador e em seguida olhou para Roger com uma expressão de irreverência e desânimo.

– Não acredito! – exclamou ele. Ainda agachado, virou a cabeça, franzindo o cenho enquanto inspecionava a mata selvagem ao redor. – Mas o que eles estão fazendo aqui?

Ficou de pé, protegendo os olhos enquanto olhava em direção ao riacho, onde o sol que se punha brilhava entre os galhos.

– Não faz o menor sentido – disse ele, estreitando os olhos para observar as sombras. – Existem apenas três vacas na Cordilheira dos Frasers, e eu vi duas delas sendo ordenhadas hoje cedo. A terceira pertence a Bobby MacLeod, e imagino que ele saberia se tivesse avistado a própria vaca. Além disso...

Virou-se lentamente, olhando para a íngreme encosta que haviam acabado de descer.

Não precisou dizer nada. Só uma vaca de paraquedas teria conseguido descer até ali.

– Há mais de uma... bem mais – disse Roger. – Você viu.

– Sim, é verdade. Mas de onde vieram? – Jamie olhou para ele, franzindo o cenho, confuso. – Os índios não criam gado, muito menos nesta estação do ano; já teriam abatido qualquer animal que tivessem para defumar a carne. E não há nenhuma fazenda a menos de 50 quilômetros.

– Talvez um rebanho selvagem? – sugeriu Roger. – Um rebanho que tenha escapado há tempos e esteja vagando por aí?

Jamie parecia especular, e seu estômago roncou esperançoso como o de Roger.

– Se for esse o caso, serão presa fácil – disse Jamie.

Havia uma ponta de ceticismo em sua voz, mesmo quando ele sorriu. Inclinou-se e pegou uma pequena amostra do monte de excremento, esfregou-a com o polegar e a jogou longe.

– Muito fresco. Estão próximos. Vamos.

Depois de meia hora caminhando, chegaram à margem do rio que tinham avistado do alto. Era amplo e raso naquele ponto e salgueiros arrastavam galhos pendentes e sem folhas na água. Nada se movia, exceto o reflexo do sol nos rifles, mas estava claro que as vacas tinham passado por ali: a lama na

margem do rio estava revirada, com marcas de cascos começando a secar, e em um ponto as plantas murchas tinham sido pisoteadas, formando uma depressão comprida onde algo grande havia chafurdado.

– Por que não me lembrei de trazer corda? – murmurou Jamie, abrindo caminho em meio aos salgueiros da margem enquanto contornavam a depressão. – Carne é bom, mas leite e queijo seriam...

Os resmungos cessaram quando ele começou a se afastar do rio, seguindo uma trilha de folhagem pisoteada que levava mata adentro.

Em silêncio, os dois homens se espalharam, caminhando com cuidado. Roger ouvia o silêncio da floresta com toda a atenção. Tinham que estar por perto; até mesmo um olho destreinado como o de Roger percebera os sinais recentes. E, no entanto, na floresta reinava a quietude do outono, o silêncio interrompido apenas por um corvo grasnando ao longe. O sol estava baixo no horizonte, envolvendo o ar da floresta em uma névoa dourada, e esfriava rapidamente. Roger atravessou uma área sombreada e estremeceu, apesar de estar usando um casaco. Logo teriam que achar os outros e montar acampamento; em breve anoiteceria. Uma fogueira seria bom, especialmente se tivessem algo para assar nela.

Estavam descendo agora, na direção de um pequeno vale onde a neblina de outono erguia-se da terra fria. Jamie se encontrava um pouco mais à frente, caminhando com a determinação que o terreno irregular permitia; evidentemente, a trilha ainda era visível para ele, apesar da vegetação densa.

Um bando de vacas não podia simplesmente desaparecer, pensou, mesmo em uma neblina densa como aquela. A não ser que fossem vacas fadas. E ele não estava muito preparado para acreditar nisso, apesar do silêncio sobrenatural da mata naquele ponto.

– Roger – chamou Jamie baixinho, mas Roger ouvia com tanta atenção que localizou o sogro na mesma hora, a certa distância à sua direita. Jamie meneou a cabeça indicando algo próximo. – Veja.

Afastou um arbusto grande e cheio de espinhos, expondo o tronco de um grande plátano. Parte da casca havia sido raspada, deixando um ponto esbranquiçado na casca cinzenta, do qual escorria seiva.

– As vacas se esfregam desse jeito?

Roger olhou em dúvida para o ponto raspado, em seguida pegou um tufo de pelos escuros e lanosos, arrancados pela casca áspera.

– Sim, às vezes – respondeu Jamie. Ele se aproximou, balançando a cabeça enquanto examinava os pelos marrons na mão de Roger. – Mas nunca vi uma vaca com pelos assim. Mais parece...

Algo se moveu ao lado de Roger. Ele se virou e viu uma enorme cabeça escura espiando por cima de seu ombro. Um olho minúsculo e avermelhado fitou os seus e ele deu um grito, jogando-se para trás. Ouviu-se um estrondo quando sua arma disparou, seguido de uma arremetida e de um baque surdo, e ele se viu caído sobre o tronco de uma árvore, completamente sem ar e lembrando-se vagamente de um vulto escuro e peludo e de uma força que o fizera voar longe como uma folha ao vento.

Sentou-se, arfando, e viu Jamie de joelhos nas folhas, procurando desesperadamente a arma de Roger.

– Levante-se! – gritou ele. – Levante-se, Roger! Meu Deus, é um búfalo!

Ele se levantou, seguindo Jamie. Ainda sem ar, mas correndo, com a arma na mão, sem se lembrar exatamente de como ela fora parar ali, o estojo de pólvora chocando-se contra seu quadril.

Jamie saltava como um cervo em meio aos arbustos, a capa enrolada batendo em suas costas. A floresta não estava mais silenciosa; à frente, ouviam-se estalidos e pancadas, e bramidos baixos.

Ele alcançou Jamie no início da encosta. Subiram com dificuldade, os pés escorregando nas folhas úmidas, os pulmões ardendo por causa do esforço. Então chegaram ao topo e se viram diante de um longo declive, pontuado por mudas de pinheiros e nogueiras, compridas e finas.

Lá estavam eles: oito ou nove daquelas feras enormes e peludas, reunidas enquanto desciam a colina, separando-se para dar a volta em moitas e árvores. Jamie se apoiou em um dos joelhos, mirou e atirou, sem nenhum efeito visível.

Não havia tempo para parar e recarregar; não podiam perder o bando de vista. Uma curva do rio brilhou entre as árvores, abaixo e à direita. Roger

desceu a encosta correndo, tomado pela ansiedade, o cantil e a caixa de balas balançando, o coração batendo como os cascos da manada de búfalos no chão. Ouviu Jamie berrando atrás dele, gritando palavrões em gaélico.

Uma exclamação em um tom diferente fez Roger olhar para trás. Jamie estava parado, o rosto paralisado pelo choque. Antes que Roger pudesse gritar para ele, a expressão de choque se transformou em fúria. Arreganhando os dentes, ele agarrou a arma pelo cano e deu um golpe com a coronha, uma pancada abafada, *tum*. Praticamente sem parar, ergueu a arma e desferiu mais um golpe, e de novo, os ombros se contraindo com o esforço.

Abandonando a caça com relutância, Roger se virou e começou a subir a encosta até Jamie.

– Que diabo...?

Então, ele viu o que era e sentiu os pelos do corpo se arrepiarem em uma onda de repulsa. Um corpo marrom e cilíndrico se contorcia em meio ao capim, grosso e coberto de escamas. Uma das pontas da cobra fora golpeada até se transformar em uma massa disforme, e o sangue manchava o cabo do mosquete de Jamie, mas o corpo continuava a se contorcer, como uma minhoca sem cabeça.

– Pare! Ela está morta. Entendeu? Pare, eu disse para parar!

Ele segurou o braço de Fraser, mas o sogro se desvencilhou, puxando o braço e aplicando mais um golpe na cobra. Então ele parou e ficou de pé, o corpo todo tremendo violentamente, meio apoiado na arma.

– Meu Deus! O que aconteceu? Ela mordeu você?

– Mordeu, na perna. Eu pisei nela.

O rosto de Jamie estava pálido até os lábios. Ele olhou para o corpo que ainda se contorcia e foi tomado de novo por um forte tremor.

Roger conteve o próprio tremor e segurou o braço de Jamie.

– Venha. Sente-se, vamos dar uma olhada.

Trôpego, Jamie o seguiu e desabou sobre um tronco caído. Tateou, procurando a barra da meia, os dedos trêmulos. Roger afastou a mão de Jamie e tirou a bota e a meia de seu pé direito. As marcas das presas da cobra eram claras, duas perfurações vermelho-escuras na panturrilha. A carne ao redor

dos furos tinha um tom azulado, visível mesmo à luz dourada do sol do fim de tarde.

– É venenosa. Tenho que cortar.

Roger sentiu a boca seca, mas estava estranhamente calmo, sem qualquer sinal de pânico. Tirou a faca da cintura, pensou logo em esterilização, porém deixou a ideia de lado. Levaria minutos preciosos para acender o fogo e não tinha tempo a perder.

– Espere.

Fraser ainda estava pálido, mas tinha parado de tremer. Pegou o pequeno cantil de uísque da cintura e despejou um pouco do líquido sobre a lâmina da faca, em seguida derramou algumas gotas nos dedos e esfregou a bebida sobre o ferimento. Contraíu o canto da boca para Roger, com a intenção de sorrir.

– Claire sempre faz isso quando vai cortar alguém. – Inclinou-se para trás, apoiando as mãos no tronco coberto de musgo, e meneou a cabeça. – Vá em frente.

Mordendo o lábio, concentrado, Roger pressionou a ponta da faca na pele logo acima de uma das marcas. A pele era surpreendentemente firme e esponjosa; a faca fez uma pequena incisão, mas não penetrou. Fraser inclinou-se para a frente e segurou a mão de Roger. Com um gemido profundo e feroz, empurrou, e a faca afundou de repente, mais de 2 centímetros. Sangue brotou ao redor da lâmina e a mão que envolvia a de Roger deixou-se cair.

– De novo. Com força e rápido, homem, pelo amor de Deus.

A voz de Jamie estava firme, mas Roger sentiu gotas de suor caírem do rosto de Fraser em sua mão, quentes e depois frias em contato com a pele.

Preparou-se para a força que precisaria exercer, enfiou a ponta da faca com firmeza e cortou com rapidez – duas marcas em X sobre as picadas, exatamente como ensinavam os guias de primeiros socorros. Os cortes sangravam profusamente, o sangue escorrendo em filetes grossos. Mas isso era bom, ele pensou. Era preciso cortar fundo, fundo o suficiente para ir além do veneno. Largou a faca e abaixou-se, levando a boca aos ferimentos.

Não havia pânico, mas uma sensação crescente de urgência. Com que rapidez o veneno se espalhava? Tinha não mais que alguns minutos, talvez menos. Roger sugou com toda a força, o sangue enchendo sua boca de um gosto metálico. Sugava e cuspiu, em um frenesi silencioso, salpicando as folhas amarelas com sangue, os pelos da perna de Fraser ásperos contra seus lábios. Com a peculiar difusão da mente que acompanha uma emergência, uma dúzia de pensamentos breves lhe ocorreram, apesar de ele estar totalmente concentrado na tarefa que executava.

Será que a maldita cobra estava mesmo morta?

Seria muito venenosa?

O búfalo tinha escapado?

Meus Deus, será que estava fazendo a coisa do jeito certo?

Brianna o mataria se ele deixasse seu pai morrer. Claire também.

Sentia uma terrível câibra na coxa direita.

Onde diabos estavam os outros? Fraser deveria chamá-los – não, ele os *estava* chamando, berrava além do que Roger conseguia alcançar. A carne da perna que ele segurava tinha ficado dura como uma rocha, os músculos rígidos sob seus dedos.

Alguém agarrou seus cabelos e torceu, forçando-o a parar. Ele olhou para cima, ofegante.

– É o suficiente, não acha? – disse Jamie sem se alterar. – Vai acabar drenando todo o meu sangue.

Ele mexeu o pé descalço com cuidado, olhando para a perna com uma careta. Os cortes eram vívidos e ainda sangravam, e a carne ao redor estava inchada por causa da sucção, manchada e ferida.

Roger sentou-se sobre os calcanhares, sugando o ar.

– Fiz... um estrago maior... do que a cobra.

Sua boca se encheu de saliva; ele tossiu e cuspiu. Fraser ofereceu a ele o cantil de uísque. Roger fez bochecho com um gole e cuspiu de novo, em seguida bebeu com vontade.

– Tudo bem?

Roger enxugou o queixo com as costas da mão, ainda sentindo o gosto

metálico, e meneou a cabeça para indicar a perna ferida.

– Estou bem. – Jamie ainda estava pálido, mas contraiu o canto da boca. – Vá ver se os outros estão por perto.

Não estavam; do alto do afloramento rochoso, viu apenas um mar de galhos desfolhados, balançando-se de um lado para outro. O vento tinha ficado mais forte. Se os búfalos ainda se movimentavam ao longo do rio, não havia vestígio claro, nem deles nem dos caçadores.

Rouco de tanto gritar ao vento, Roger desceu novamente a encosta. Jamie havia se movido um pouco, encontrando um lugar protegido entre as rochas ao pé de um grande abeto-balsâmico. Ele estava sentado, com as costas apoiadas em uma rocha e as pernas esticadas para a frente, um lenço amarrado ao redor da ferida.

– Nem sinal dos outros. Consegue andar?

Roger inclinou-se sobre o sogro e ficou alarmado ao ver que ele estava corado e suava profusamente, apesar de o ar estar cada vez mais frio.

Jamie balançou a cabeça e indicou a perna com um meneio.

– Posso, mas não por muito tempo.

A perna estava visivelmente inchada perto da mordida e a mancha azulada se espalhara; era possível vê-la, como um suave hematoma, dos dois lados do lenço amarrado.

Roger sentiu a primeira pontada de angústia. Fizera tudo o que sabia, naquele caso. Nos guias de primeiros socorros, o passo seguinte era sempre: “Imobilize o membro e leve o paciente para o hospital o mais rápido possível.” O corte e a sucção serviam para retirar o veneno da ferida, mas era óbvio que o muito que ainda restava se espalhava lentamente pelo corpo do sogro. Ele não tinha sido rápido o bastante para tirar tudo – se é que tirara um pouco que fosse. E o mais próximo de um hospital – Claire e suas ervas – estava a um dia de caminhada dali.

Roger agachou-se lentamente, pensando no que fazer em seguida. Imobilizar o membro – bem, isso tinha sido feito, se é que ia adiantar de alguma coisa.

– Dói muito? – perguntou ele, sem jeito.

– Dói.

Com essa resposta nada animadora, Jamie se recostou na pedra e fechou os olhos. Roger se sentou sobre um monte de agulhas secas, tentando pensar.

Estava escurecendo rapidamente; o breve calor daquele dia havia desaparecido, e as sombras sob as árvores tinham sido tomadas pelo tom azul-escuro da noite, embora não pudesse ser muito mais de quatro da tarde. Sem dúvida, eles não iriam a lugar algum naquela noite; localizar-se nas montanhas era quase impossível no escuro, mesmo que Fraser pudesse andar. Se os outros estivessem por perto, poderiam improvisar uma maca para carregá-lo – mas isso seria melhor do que deixá-lo onde estava? Embora desejasse muito que Claire estivesse ali, o bom senso lhe dizia que nem mesmo ela poderia fazer muita coisa – exceto, quem sabe, confortar Jamie se ele estivesse prestes a morrer...

Sentiu um nó na garganta ao pensar nisso. Afastando esse pensamento, enfiou a mão na bolsa, checando os suprimentos. Ainda tinha algumas panquecas; água nunca era uma dificuldade naquelas montanhas – pelo barulho das árvores, ouvia o gorgolejar de um córrego logo abaixo. Era melhor que ele começasse a juntar lenha enquanto ainda estava claro.

– É melhor fazermos uma fogueira – disse Jamie de repente, assustando Roger, que estava pensando a mesma coisa.

Jamie abriu os olhos e observou uma das mãos, virando-a para cima e para baixo, como se nunca a tivesse visto antes.

– Sinto pontadas nos dedos – observou ele com interesse. Tocou o rosto com uma das mãos. – Aqui também. Meus lábios ficaram dormentes. Sabe se isso é comum?

– Não sei. Creio que sim, se você tiver bebido uísque.

Foi uma péssima tentativa de fazer piada, mas ele ficou aliviado ao ver que o esforço foi recebido com uma breve risada.

– Não. – Jamie tocou o cantil a seu lado. – Achei que poderia precisar dele mais tarde.

Roger respirou fundo e se levantou.

– Certo. Fique aqui, não se mexa. Vou buscar lenha. Os outros

provavelmente verão a luz do fogo.

Os outros homens não ajudariam muito, pelo menos não antes do amanhecer – mas seria um conforto não ficar sozinho.

– Traga a cobra também! – gritou Jamie. – Olho por olho, dente por dente; vamos comer um pedaço *dela* no jantar!

Abrindo um sorriso apesar da preocupação, Roger assentiu e virou-se para descer a encosta.

Quais seriam as chances?, ele se perguntou, abaixando-se para tirar um nó grosso de pinho da madeira macia de uma tora apodrecida. Fraser era um homem robusto e saudável. Certamente, sobreviveria.

No entanto, as pessoas de fato morriam em decorrência de mordidas de cobra, e não era algo raro. Na semana anterior, ficara sabendo que uma mulher alemã fora picada perto de High Point; quando se abaixou para pegar uma tora de uma pilha de lenha, foi mordida na garganta por uma cobra que estava escondida ali e morreu em poucos minutos. Ao enfiar a mão embaixo de um arbusto para pegar um galho seco, pensou nisso e recolheu rapidamente a mão desprotegida, o braço todo arrepiado. Censurando-se por sua estupidez, pegou uma vara e remexeu o monte de folhas secas, e só então enfiou a mão ali de novo.

Não parava de olhar encosta acima de tempos em tempos, sobressaltando-se sempre que o sogro desaparecia de vista. E se Fraser perdesse os sentidos antes de ele voltar?

Então, relaxou um pouco quando se lembrou. Não, estava tudo bem. Jamie não morreria naquela noite, nem de mordida de cobra, nem de frio. Não era possível; estava destinado a morrer dali a alguns anos, em um incêndio. Pela primeira vez, o destino agourento lhe trouxe tranquilidade no presente. Respirou fundo e soltou o ar aliviado, então se preparou para pegar a cobra.

Ela estava imóvel, obviamente morta. Ainda assim, precisou se esforçar para recolhê-la. Tinha a mesma largura de seu pulso e cerca de 1,20 metro comprimento. Ela havia começado a enrijecer. No fim, foi obrigado a estendê-la sobre a lenha, como um galho escamoso. Ao vê-la, não foi difícil

imaginar como a serpente que mordera a alemã passara despercebida; os tons sutis de marrom e cinza de sua pele a tornavam quase invisível contra o fundo.

Jamie removeu a pele do animal enquanto Roger acendia a fogueira. Observando pelo canto do olho, pôde ver que o sogro realizava um trabalho excepcionalmente malfeito; a dormência em suas mãos devia estar piorando. Ainda assim, ele continuou, determinado, cortando o corpo da cobra, enfiando pedaços da carne branca e crua em um galho parcialmente descascado, com dedos trêmulos.

Quando terminou, Jamie estendeu o espeto na direção do fogo e quase o deixou cair. Roger o segurou e sentiu, pela vara, o tremor que tomava a mão e o braço do sogro.

– Você está bem? – perguntou, e estendeu a mão automaticamente para tocar a testa de Jamie.

Fraser se retraiu, surpreso e um tanto melindrado.

– Sim – disse ele, mas em seguida fez uma pausa. – Sim, bem... eu me sinto um pouco esquisito – admitiu.

Era difícil dizer à luz fraca, mas Roger achou que ele parecia bem mais do que apenas um pouco esquisito.

– Por que não se deita um pouco? – sugeriu, tentando parecer tranquilo. – Durma, se conseguir; eu o acordarei quando a refeição estiver pronta.

Jamie não argumentou, o que assustou Roger mais do que qualquer outra coisa até então. Encolheu-se em um monte de folhas, movendo a perna ferida com tanto cuidado que Roger teve uma noção exata de quanto deveria estar doendo.

A carne de cobra gotejava e chiava, e apesar de sentir certa repugnância diante da ideia de comê-la, Roger sentiu o estômago roncar de fome; o cheiro era o mesmo de galinha assada! Como já tinha feito antes, ele refletiu sobre o tênue limiar entre o apetite e a fome intensa. Se o mais refinado comensal passasse um ou dois dias sem comida, devoraria lesmas e lagartos sem a menor hesitação. Roger já tinha passado por isso, no caminho de volta de sua viagem para fazer a medição das terras.

Ficou de olho em Jamie. Ele não se movia, mas Roger viu que o sogro estremecia de vez em quando, apesar das chamas fortes da fogueira. Seus olhos estavam cerrados, o rosto parecia vermelho, mas isso podia ser apenas efeito da luz do fogo – não dava para saber qual era sua cor de fato.

Quando a carne finalmente cozinhou, já havia anoitecido. Roger buscou água, depois jogou montes de capim seco e lenha na fogueira, fazendo as chamas saltarem e tremularem acima de sua cabeça. Se estivessem em algum ponto a menos de 2 quilômetros, os outros homens as veriam.

Fraser se levantou com dificuldade para comer. Era evidente que estava sem fome, mas forçava-se a mastigar e engolir, cada mordida um doloroso esforço. O que seria?, Roger se perguntou. Simples teimosia? Uma vingança contra a cobra? Ou quem sabe alguma superstição escocesa, a ideia de que consumir a carne do réptil pudesse ser uma cura para sua mordida?

– Os índios sabiam o que fazer em caso de mordida de cobra? – perguntou Jamie, indicando que estava disposto a dar crédito à resposta.

– Sim – respondeu Roger com cautela. – Tinham raízes e ervas que misturavam com excremento ou fubá quente, para fazer um emplastro.

– Dava certo?

Fraser segurava um pedaço de carne, o pulso pendendo como se ele estivesse cansado demais para leva-la à boca.

– Eu só vi isso ser feito duas vezes. Uma vez, pareceu funcionar perfeitamente, não houve inchaço nem dor. A menininha já parecia bem ao anoitecer. Da outra vez... não funcionou.

Ele só vira o corpo enrolado em uma pele de animal sendo levado da casa principal, mas não testemunhara os detalhes tenebrosos da morte. Porém, estava claro que teria outra chance de ver de perto os efeitos de uma mordida de cobra.

Fraser resmungou.

– E o que faziam na sua época?

– Aplicavam uma injeção de algo chamado soro antiofídico.

– Uma injeção? – Jamie não pareceu entusiasmado. – Claire fez isso comigo, uma vez. Não gostei nada.

– E deu certo?

Jamie respondeu grunhindo e arrancou mais um pequeno pedaço de carne com os dentes.

Apesar da preocupação, Roger comeu com vontade sua porção de carne, e também o que Jamie não comeu. O céu se estendia escuro e estrelado acima deles, e um vento frio soprava entre as árvores, deixando as mãos e o rosto gelados.

Ele enterrou os restos da cobra – o que menos precisavam naquele momento era que um animal carnívoro aparecesse, atraído pelo cheiro de sangue – e atçou o fogo, o tempo inteiro prestando atenção a algum grito que viesse do escuro. Não ouviu nenhum som além do gemido do vento e dos estalidos dos galhos; estavam sozinhos.

Fraser tirara sua camisa de caça, apesar do frio, e estava sentado com os olhos fechados, oscilando ligeiramente. Roger se agachou ao lado dele e tocou seu braço. Santo Deus! Ele estava ardendo em febre.

Mas Jamie abriu os olhos e sorriu, sem forças. Roger ofereceu-lhe uma caneca de água; ele assentiu e a pegou, desajeitado. A perna estava assustadoramente inchada abaixo do joelho, quase o dobro do tamanho normal. Havia manchas vermelho-escuras irregulares na pele, como se um súcubo tivesse sugado a carne com sua boca voraz e partido insatisfeito.

Roger pensou, inquieto, se poderia estar enganado. Até então, estivera certo de que o passado não podia ser mudado; logo, a hora e as circunstâncias da morte de Fraser estavam determinadas – dali a cerca de quatro anos. Não fosse essa certeza, entretanto, ele estaria muito preocupado com o aspecto de Jamie. Até que ponto *tinha* certeza, afinal?

– Você pode estar enganado.

Jamie baixara a caneca e o fitava com os olhos azuis e firmes.

– A respeito do quê? – perguntou ele, alarmado ao ouvir seu pensamento ser expressado em voz alta. Será que havia resmungado sem perceber?

– A respeito da mudança. Você disse que achava impossível mudar a história. Mas e se você estiver enganado?

Roger se inclinou para atçar o fogo.

– Não estou enganado – disse ele com firmeza, tanto para si mesmo quanto para Fraser. – Pense, homem. Você e Claire tentaram impedir Carlos Stuart de fazer o que ele fez, e não conseguiram. Não é possível.

– Não é bem assim – contestou Fraser.

Recostou-se, com os olhos semicerrados diante da claridade do fogo.

– O que não é bem assim?

– É verdade que não conseguimos impedi-lo no que diz respeito à Revolta, mas isso não dependia apenas de nós e dele, havia muitas outras pessoas envolvidas. Os líderes que o seguiam, os malditos irlandeses que o bajulavam... até mesmo Luís; ele e seu ouro.

Ele fez um movimento com a mão descartando o argumento.

– Mas isso não importa. Você disse que Claire e eu não conseguimos impedi-lo... e é verdade, não conseguimos impedir o começo. Mas talvez pudéssemos ter impedido o fim.

– Está se referindo a Culloden?

Roger ficou olhando para o fogo, lembrando-se vagamente do dia, em um passado distante, em que Claire contou a ele e a Brianna a história das pedras e de Jamie Fraser. Sim, ela havia citado uma última oportunidade, a chance de evitar o massacre final dos clãs...

Ele olhou para Fraser.

– Matando Carlos Stuart?

– Sim. Se tivéssemos feito isso... mas nem ela nem eu conseguimos. – Seus olhos estavam quase fechados, mas ele balançava a cabeça sem parar, claramente desconfortável. – Tenho pensado muito nisso, se foi por decência... ou covardia.

– Ou talvez por outro motivo – disse Roger abruptamente. – Você não sabe. Se Claire tivesse tentado envenená-lo, aposto que alguma coisa teria acontecido: o prato teria virado, um cachorro o teria comido, outra pessoa teria morrido... não teria feito nenhuma diferença!

Os olhos de Fraser se abriram devagar.

– Então você acha que já está tudo determinado, não é? Um homem não pode escolher? – Esfregou a boca com as costas da mão. – E quando você

resolveu voltar, por Brianna, e depois de novo, por ela e pelo menino... não foi totalmente escolha sua, então? Você estava destinado a fazer isso?

– Eu... – Roger se interrompeu, as mãos apertando as coxas. O fedor dos porões do *Gloriana* pareceu se sobrepor de repente ao cheiro de madeira queimada. Então ele relaxou e deu uma risada curta. – Que momento para filosofar, hein?

– Sim, bem – disse Fraser, muito baixo. – É que talvez eu não tenha outra oportunidade. – Antes que Roger pudesse protestar, ele continuou: – Se não há escolha... então não há pecado nem redenção, certo?

– Meu Deus – murmurou Roger, afastando os cabelos da testa. – Saí com Olho de Águia e fui parar embaixo de uma árvore com o maldito Agostinho de Hipona!

Jamie o ignorou, concentrado em seu argumento.

– Nós escolhemos... Claire e eu. Não cometeríamos assassinato. Não derramaríamos o sangue de um homem, mas então o sangue de Culloden está em nossas mãos? Nós nos recusamos a cometer o pecado... mas ele recaiu sobre nós mesmo assim?

– Claro que não. – Roger se levantou, inquieto, e ficou atijando o fogo. – O que aconteceu em Culloden... não foi culpa sua, como poderia ser? Todos os homens que participaram daquilo... Murray, Cumberland, todos os líderes de clãs... não foi o feito de um homem só!

– Então, você acha que tudo está determinado? Nascemos condenados ou salvos, e nada pode mudar isso? E você é filho de um reverendo!

Fraser deu uma risadinha irônica.

– Sim – disse Roger, sentindo-se ao mesmo tempo desconcertado e furioso. – Quer dizer, não. Eu não acho isso. É só que... bem, se alguma coisa já aconteceu de um jeito, como pode acontecer de outro?

– É só você que acha que aconteceu – ressaltou Fraser.

– Eu não acho, eu sei!

– Humm... Sim, porque você veio do outro lado; tudo isso para você é passado. Então, talvez, você não possa mudar as coisas... mas eu posso, porque elas ainda estão no meu futuro?

Roger passou a mão no rosto com força.

– Isso não... – começou, mas parou.

Como poderia dizer que aquilo não fazia sentido? Às vezes, ele achava que nada mais no mundo fazia sentido.

– Talvez – disse, irritado. – Só Deus sabe; eu, não.

– Sim. Bem, acho que vamos descobrir em breve.

Roger olhou fixamente para ele, percebendo uma nota estranha em sua voz.

– O que quer dizer com isso?

– Você acha que sabe que eu vou morrer daqui a três anos – disse Fraser calmamente. – Se eu morrer hoje, você estará enganado, não é? O que acha que aconteceu não terá acontecido... e então o passado *pode* ser mudado, certo?

– Você não vai morrer! – rebateu Roger, e olhou furioso para o sogro, desafiando-o a contradizê-lo.

– Fico feliz em ouvir isso – disse Fraser. – Mas acho que vou tomar um pouco daquele uísque agora. Pode tirar a rolha para mim? Meus dedos não me obedecem.

As mãos de Roger também pareciam longe de estar firmes. Talvez fosse apenas o calor da febre de Fraser que fizesse sua própria pele parecer fria quando ele segurou o cantil para que o sogro bebesse. Era improvável que uísque fosse recomendável em caso de mordida de cobra, mas provavelmente não fazia muita diferença àquela altura.

– Deite-se – disse ele, irritado, quando Jamie terminou. – Vou buscar mais um pouco de lenha.

Roger não conseguia ficar parado. Havia bastante lenha à mão, mas mesmo assim ele andou pela escuridão, sem perder a fogueira de vista.

Já tivera muitas noites como aquela; sozinho sob um céu tão vasto que ficava tonto só de olhar para cima, congelado até os ossos, movendo-se para se manter aquecido. As noites em que ele relutou em se decidir, agitado demais para se deitar em um monte aconchegante de folhas, perturbado demais para dormir.

A escolha tinha sido clara na ocasião, mas difícil de fazer: de um lado Brianna e tudo o que vinha com ela – amor e perigo, dúvida e medo. E, do outro, a certeza. A certeza de quem e do que era, uma certeza que ele havia renegado em nome da mulher que era dele... e do filho que talvez fosse.

Ele tinha feito uma escolha. Droga, ele *tinha* escolhido! Nada o obrigara, ele fizera a escolha sozinho. E se isso significasse reconstruir a si mesmo do zero, então isso também tinha sido sua escolha! E ele também tinha escolhido beijar Morag. Seus lábios se contorceram quando pensou nisso. Ainda não tinha parado para pensar nas consequências *daquele* pequeno ato isolado.

Um leve eco ressoou em sua mente, uma voz suave, distante, nas sombras de sua memória.

“... aquilo que era ao nascer não importa, só o que eu farei de mim mesma, só no que me transformarei.”

Quem escrevera aquilo?, ele se perguntou. Montaigne? Locke? Um dos malditos iluministas, eles e suas ideias a respeito do destino e do indivíduo? Ele gostaria de saber o que eles teriam a dizer sobre viagens no tempo! Então se lembrou de onde havia lido aquilo, e um calafrio percorreu sua espinha.

“Este é o grimório da bruxa Geillis. É um nome de bruxa, e eu o assumo; aquilo que era ao nascer não importa, só o que eu farei de mim mesma, só no que me transformarei.”

– Certo! – disse ele em voz alta, em tom desafiador. – Certo, e você também não conseguiu mudar nada, não é, vovó?

Ouviu um ruído na floresta atrás dele e os cabelos de sua nuca se eriçaram antes mesmo de reconhecer o som. Não era uma risada, como ele pensou a princípio – apenas o rugido distante de uma pantera.

Ela mudara, no entanto, ele pensou de repente. É verdade que não tinha conseguido fazer de Carlos Stuart um rei, mas fizera muitas outras coisas. E agora que pensava no assunto... Ela e Claire tinham feito uma coisa que definitivamente provocara mudanças: tiveram filhos, de homens de outra época. Brianna... William Buccleigh – e quando ele pensou no efeito que esses dois nascimentos tiveram em sua vida, sem falar de todo o resto...

Isso *tinha* mudado as coisas, não tinha? Ele se sentou devagar em um

tronco caído, sentindo a casca fria e úmida sob ele. Sim, tinha. Para citar uma pequena consequência, sua própria existência era o resultado do fato de Geilie Duncan ter tomado as rédeas de seu próprio destino. Se Geilie não tivesse dado à luz um filho de Dougal MacKenzie... claro, ela não tinha *escolhido* fazer isso.

Mas será que a intenção fazia alguma diferença? Ou seria exatamente a questão que ele estivera discutindo com Jamie Fraser?

Levantou-se e deu a volta na fogueira, silenciosamente, espreitando as sombras. Fraser estava deitado, uma forma curvada no escuro, absolutamente imóvel.

Caminhava devagar, mas seus pés amassavam as agulhas dos pinheiros. Fraser não se moveu. Seus olhos estavam cerrados. As manchas haviam se espalhado por seu rosto. Roger achou que suas feições pareciam pesadas, congestionadas, os lábios e as pálpebras estavam ligeiramente inchados. À luz bruxuleante do fogo, era impossível saber se ele ainda respirava.

Roger ajoelhou-se e o chacoalhou com força.

– Ei! Ainda está vivo?

Pretendera dizer isso em tom de brincadeira, mas o medo em sua voz era evidente.

Fraser não se mexeu. Entreabriu um olho apenas.

– Sim – murmurou ele. – Mas não estou gostando nada.

Roger não saiu mais de perto. Limpou o rosto de Jamie com um pano úmido, ofereceu-lhe mais uísque – que ele recusou – e sentou-se ao lado dele, atento a cada respiração ruidosa e difícil.

Contra sua vontade, viu-se fazendo planos, passando de uma suposição indesejável a outra. E se o pior acontecesse? Por mais que não quisesse, achava possível. Já tinha visto várias pessoas em condições muito melhores que as de Jamie morrerem mesmo assim.

Se o pior de fato *acontecesse*, e os outros não tivessem retornado, ele teria que enterrar Jamie. Não podia carregar o corpo nem deixá-lo exposto; não com panteras e outros animais por perto.

Olhou intranquilo ao redor. Pedras, árvores, moitas – tudo parecia

estranho, as formas parcialmente camufladas pela escuridão, os contornos parecendo ondular e mudar à luz inconstante, o vento uivando como uma fera à espreita.

Lá, talvez; a extremidade de uma árvore meio caída aparecia, pontiaguda, na escuridão, tombada em um ângulo. Ele poderia abrir uma cova rasa, talvez, depois alavancaria a árvore e a derrubaria sobre a cova, cobrindo a sepultura provisória...

Pressionou a cabeça com força contra os joelhos.

– Não! – sussurrou. – Por favor, não!

A ideia de contar a Bree, de contar a Claire, causava-lhe uma dor física, era como uma punhalada no peito e na garganta. E não seriam só elas – e Jem? E Fergus e Marsali, Lizzie e seu pai, os Bugs, os Lindsays, as outras famílias da Cordilheira dos Frasers? Todos recorriam a Fraser em busca de confiança e orientação; o que fariam sem ele?

Fraser se remexeu e gemeu com o movimento. Roger pousou a mão em seu ombro e ele se aquietou.

Não se vá, pensou ele, as palavras não ditas formando um nó em sua garganta. *Fique conosco. Fique comigo.*

Ficou ali sentado por um longo tempo, a mão pousada no ombro de Fraser. Teve o pensamento absurdo de que estava, de alguma forma, segurando o sogro, mantendo-o ancorado à terra. Se continuasse a segurá-lo até o amanhecer, tudo ficaria bem. Se ele tirasse a mão, seria o fim.

A fogueira queimava bem fraca àquela altura, mas ele adiava a todo momento a necessidade de atizar o fogo, recusando-se a soltar Jamie.

– MacKenzie?

Não passava de um murmúrio, mas ele se aproximou na hora.

– Sim, estou aqui. Quer água? Um gole de uísque?

Fez um movimento para pegar a caneca enquanto falava, derramando água, ansioso. Fraser tomou dois goles, depois balançou a mão, afastando a caneca.

– Ainda não sei se você está certo ou errado – disse ele. Sua voz era suave e rouca, mas clara. – Mas, se estiver enganado, pequeno Roger, e eu estiver

morrendo, há algumas coisas que preciso lhe contar. Não quero esperar até ser tarde demais.

– Estou aqui – repetiu Roger, sem saber o que dizer além disso.

Fraser fechou os olhos, reunindo forças, em seguida apoiou as mãos embaixo do corpo e rolou de lado com dificuldade. Fez uma careta de dor e parou um instante para recuperar o fôlego.

– Bonnet. Preciso contar a você o que já coloquei em andamento.

– Sim?

Pela primeira vez, Roger sentiu algo além de simples preocupação pelo bem-estar de Fraser.

– Há um homem chamado Lyon. Duncan Innes saberá onde encontrá-lo. Ele trabalha na costa, comprando dos contrabandistas que percorrem o litoral. Ele me procurou no casamento para perguntar se eu estava interessado em fazer negócios com ele, negócios relacionados com a produção de uísque.

O plano, em linhas gerais, era bastante simples: Jamie queria mandar avisar ao tal de Lyon – por quais meios Roger não fazia a menor ideia – que estava disposto a fazer negócio, contanto que Lyon levasse Stephen Bonnet a uma reunião, para provar que tinha um homem com a reputação e a habilidade necessárias para cuidar do transporte ao longo da costa.

– A reputação necessária – repetiu Roger, sussurrando. – Sim, isso ele tem.

Jamie emitiu um som que poderia ser uma risada.

– Ele não vai concordar logo de início... vai querer barganhar e impor condições, mas no fim vai aceitar. Diga a ele que tem uísque suficiente para fazer valer a pena. Dê-lhe um barril do uísque de dois anos para ele provar, se for preciso. Quando ele vir quanto as pessoas pagarão pela mercadoria, vai ficar ansioso para fechar negócio. O lugar...

Ele parou, franzindo a testa, e respirou por um momento antes de continuar.

– Pensei em fazer isso em Wylie's Landing, mas, se for você, escolha um local de sua preferência. Leve os Lindsays com você para lhe darem cobertura, se eles concordarem em ir. Se não, encontre outra pessoa, mas não

vá sozinho. E vá preparado para matá-lo com o primeiro tiro.

Roger assentiu, engolindo em seco. As pálpebras de Jamie estavam inchadas, mas ele olhou para a frente mesmo assim, com os olhos brilhando, penetrantes, à luz da fogueira.

– Não deixe que ele se aproxime o bastante para golpeá-lo com a espada – disse ele. – Você se preparou bem, mas ainda não é bom o suficiente para enfrentar um homem como Bonnet.

– E você é?

Roger não se conteve e perguntou. Achou que o sogro sorria, mas não dava para ter certeza.

– Ah, sim – respondeu ele, baixinho. – Se eu viver.

Ele tossiu e ergueu a mão, deixando Bonnet de lado por um momento.

– Quanto ao resto, fique de olho em Sinclair. Ele é um homem que pode ser usado, sabe de tudo o que se passa no distrito, mas não confie nele, nunca.

Parou, a testa enrugada, pensativo.

– Pode confiar em Duncan Innes e em Farquard Campbell – acrescentou. – E em Fergus... Fergus vai ajudar, se puder. Quanto ao resto... – Remexeu-se outra vez e se retraiu com a dor. – Tome cuidado com Obadiah Henderson, ele vai atormentá-lo. Muitos farão isso, e você não deve se preocupar, mas não dê abertura para Henderson. Pegue-o na primeira chance que tiver, não haverá outra.

Devagar, com pausas frequentes para descansar, ele percorreu uma lista dos nomes dos homens da Cordilheira dos Frasers, dos moradores de Cross Creek, dos homens influentes do vale de Cape Fear. Caráter, tendências, segredos, obrigações.

Roger lutava contra o pânico, esforçando-se para ouvir atentamente, gravar tudo na memória, querendo tranquilizar Fraser, dizer-lhe para parar, descansar, que nada daquilo era necessário – ao mesmo tempo que sabia que era mais do que necessário. A guerra se aproximava; não era preciso ser um viajante do tempo para saber disso. Se a segurança da Cordilheira dos Frasers – de Brianna e Jemmy, de Claire – ia ser deixada nas mãos inexperientes de Roger, ele tinha que prestar atenção a toda informação que o sogro pudesse

lhe dar.

A voz de Jamie se perdeu na rouquidão. Será que ele tinha perdido a consciência? O ombro sob a mão de Roger estava mole, inerte. Roger permaneceu sentado em silêncio, sem ousar se mover.

Não seria suficiente, ele pensou, e um medo intenso se instalou na boca de seu estômago, um temor doloroso que subjazia à dor mais aguda do pesar. Ele não ia conseguir. Santo Deus, não conseguia sequer acertar um tiro em algo grande como uma casa! E agora tinha que assumir o lugar de Jamie Fraser? Manter a ordem com punhos e cérebro, alimentar uma família com arma de fogo e faca, andar na corda bamba da política sobre um barril de pólvora aceso, arrendatários e família, todos equilibrados em seus ombros? Substituir o homem que todos veneravam? Nem em um milhão de anos, ele pensou, desanimado.

A mão de Fraser contraiu-se de repente. Os dedos estavam inchados como linguças, a pele esticada, vermelha e brilhante. Roger apoiou a mão livre sobre ela e sentiu os dedos se moverem, tentando pegar a dele.

– Diga a Brianna que sinto orgulho dela – sussurrou. – Dê minha espada ao menino.

Roger assentiu, sem conseguir falar. E então, ao perceber que o sogro não conseguia vê-lo, pigarreou.

– Sim – disse, bruscamente. – Direi a ela.

Esperou, mas Fraser não disse mais nada. O fogo já estava bem baixo, mas a mão que ele segurava queimava como brasa. Uma rajada fria de vento soprou por eles, jogando mechas de seus cabelos contra o rosto, espalhando uma nuvem de faíscas da fogueira.

Esperou até onde pensou aguentar, a noite fria arrastando-se em minutos solitários. Então se inclinou mais para perto, para que o sogro pudesse ouvi-lo.

– Claire? – perguntou baixinho. – Quer que eu diga alguma coisa a ela?

Achou que havia esperado demais. Fraser ficou imóvel por vários minutos. Então, a mão enorme se moveu, tentando fechar os dedos inchados; o espectro de um movimento, procurando agarrar o tempo que lhe escapava.

– Diga a ela... que fui sincero.

ADMINISTRAÇÃO DOMÉSTICA

– Nunca vi nada parecido na vida. – Eu me inclinei para a frente para observar. – É absolutamente *bizarro*.

– E passou metade da vida como curandeira – murmurou Jamie, mal-humorado. – Não me diga que não existiam cobras na sua época.

– Não muitas no centro de Boston. Além do mais, não chamariam um cirurgião para cuidar de um caso de mordida de cobra. O mais perto que cheguei disso foi quando o zelador de um zoológico foi picado por uma cobra-real. Um amigo meu fez a autópsia e me convidou para acompanhar.

Preferi não dizer a Jamie que ele parecia bem pior no momento do que o cadáver da autópsia.

Pousei a mão com cuidado em seu tornozelo. A pele estava inchada, quente e seca ao toque. Também estava vermelha. Um vermelho vivo. A cor vibrante se estendia dos pés até quase as costelas. Ele parecia ter sido mergulhado em água fervente.

O rosto, as orelhas e o pescoço também estavam da cor de um tomate maduro; apenas a pele clara de seu peito havia escapado, e mesmo assim estava coberta de pontinhos vermelhos. Além da cor de lagosta, a pele dos pés e das mãos descamava, deixando fiapos pendurados como barba-de-velho.

Examinei atentamente seu quadril. Ali, eu podia ver que a vermelhidão era causada por uma versão mais intensa das erupções em seu peito: o pontilhado rubro ficava claramente visível na pele que cobria o ilíaco.

– Você parece ter sido assado em fogo brando – comentei, passando o

dedo sobre a erupção, fascinada. – Nunca vi nada tão vermelho em toda a minha vida.

Não eram salientes. Embora não pudesse sentir cada ponto, eu conseguia vê-los de perto. Não era uma erupção propriamente dita. Achei que poderia ser petéquia, lesões pontilhadas sob a pele. Mas eram tantos pontinhos...

– Acho que você não pode criticar muito, Sassenach – disse ele.

Fraco demais para mover a cabeça, concentrou o olhar em meus dois dedos – tingidos com grandes manchas amarelas e azuis.

– Ah, *droga*!

Fiquei de pé em um salto, estendi as cobertas depressa sobre ele e corri para a porta. Distraída pela chegada dramática de Jamie, eu deixara um tonel de tingimento abandonado no quintal ao lado da casa – e a água já estava baixa. Santo Deus, se a água secasse completamente e as roupas queimassem...

O odor quente de urina e índigo me atingiu em cheio quando saí porta afora. Apesar disso, respirei fundo, aliviada, ao ver Marsali, o rosto vermelho com o esforço de erguer uma massa de dentro do caldeirão com o enorme garfo de madeira. Corri para ajudá-la, pegando as roupas fumegantes uma a uma da pilha e atirando-as sobre os arbustos de amora silvestre para secar.

– Graças a Deus – falei, balançando os dedos escaldados no ar para esfriá-los. – Tive medo de ter arruinado tudo.

– Bem, talvez elas fiquem um pouco escuras. – Marsali passou a mão no rosto, afastando as mechas de fios louros que escapavam do lenço na cabeça. – Mas, se o tempo continuar bom, pode deixá-las ao sol para desbotarem um pouco. Venha, vamos tirar o caldeirão do fogo antes que queime!

Crostras de índigo já tinham começado a rachar e escurecer no fundo do caldeirão quando o tiramos do fogo, e nuvens de fumaça cáustica se ergueram ao nosso redor.

– Não tem problema – disse Marsali, tossindo e afastando a fumaça da frente do rosto. – Pode deixar, mãe Claire. Vou pegar água para colocar o caldeirão de molho. Você precisa cuidar do pai, não é? Vim assim que soube. Ele está muito mal?

– Ah, muito obrigada, querida.

Fiquei profundamente grata. A última coisa de que precisava naquele momento era carregar vários baldes de água da fonte para encher o caldeirão. Soprei meus dedos escaldados para esfriá-los, a pele sob as manchas de tintura quase tão vermelha quanto a de Jamie.

– Acho que ele vai ficar bem – falei para tranquilizá-la, reprimindo meus próprios temores. – Ele se sente muito mal e está com uma aparência ainda pior, nunca vi ninguém assim em toda a minha vida, mas se o ferimento não infeccionar...

Cruzei os dedos doloridos em uma profilaxia supersticiosa.

– Ah, ele vai se recuperar – afirmou Marsali, confiante. – Fergus disse que acharam que ele estava morto quando o encontraram junto com Roger Mac, mas depois de atravessarem o segundo pico, ele já fazia piadas horríveis sobre a cobra, então pararam de se preocupar.

Eu mesma não estava tão otimista depois de ver o ferimento na perna, mas sorri para tranquilizá-la.

– Sim, acho que ele vai ficar bem. Vou fazer um emplastro de cebola e limpar um pouco o ferimento. Por que não vai vê-lo enquanto eu pego as cebolas?

Felizmente, havia muita cebola; eu as havia colhido duas semanas antes, depois da primeira geada, e havia dúzias de réstias penduradas na despensa, fragrantes e crepitando quando eu esbarrava nelas. Arranquei seis cebolas grandes e levei-as para a cozinha para fatiar. Meus dedos formigavam, meio queimados e rígidos por ter manipulado as roupas quentes, e eu trabalhei devagar, tomando cuidado para não cortar um dedo por acidente.

– Pode deixar, eu faço isso, *a leannan*. – A sra. Bug pegou a faca da minha mão e cortou rapidamente as cebolas. – É um emplastro? Sim, é o melhor a fazer. Um bom emplastro de cebola cura qualquer coisa.

Ainda assim, ela franziu a testa, preocupada, quando olhou na direção do consultório.

– Posso ajudar, mãe? – Bree veio do corredor, também parecendo preocupada. – Papai está com uma cara horrível. Ele está bem?

– Bobô cheio?

Jemmy surgiu na cozinha logo atrás da mãe, menos preocupado com o avô e mais interessado na faca que a sra. Bug estava usando. Arrastou seu banquinho para perto dela, o rosto determinado sob a franja acobreada.

– Eu faz!

Afastei os cabelos do rosto com as costas da mão, os olhos lacrimejando sem parar por causa das cebolas.

– Acho que sim. – Funguei e enxuguei os olhos. – Como Roger está?

– Roger está bem.

Percebi uma leve nota de orgulho em sua voz. Jamie dissera a ela que Roger salvara sua vida. Provavelmente o salvara de fato. Eu só esperava que a vida dele *continuasse* salva.

– Ele está dormindo – acrescentou ela.

Os lábios se curvaram ligeiramente quando nos entreolhamos, com total compreensão. Se um homem estava na cama, pelo menos era possível saber onde ele estava. E que estava a salvo, por hora.

– Jem! Deixe a sra. Bug em paz! – Ela o tirou do banquinho e o afastou da tábua de cortar, e ele chutou o ar, protestando. – Precisa de alguma coisa, mãe?

Esfreguei um dedo entre as sobrancelhas, pensativa.

– Sim, pode procurar umas larvas para mim? Vou precisar delas para a perna de Jamie. – Franzi a testa, olhando pela janela para o claro dia de outono. – Acho que a geada matou todas as moscas; há dias que não vejo nenhuma. Mas tente no curral, elas põem ovos no excremento morno.

Ela fez uma careta rápida de nojo, mas assentiu, colocando Jemmy no chão.

– Vamos, rapazinho, vamos procurar bichinhos nojentos para a vovó.

– Eca-eca-eca-eca!

Jemmy saiu correndo atrás dela, ansioso.

Despejei as cebolas fatiadas em uma tigela feita de cabaça e acrescentei um pouco de água fervente. Depois, deixei as cebolas cozinhando no calor e voltei ao consultório. No meio da sala, havia uma grande mesa de pinho que

era usada como mesa de exames, cadeira de dentista, mesa de preparação de remédios ou de jantar auxiliar, dependendo das necessidades médicas e do número de convidados para o jantar. Naquele momento, sustentava o corpo de Jamie, deitado de barriga para cima, quase invisível embaixo do monte de colchas e cobertores. Marsali estava perto da mesa, com a cabeça inclinada na direção dele enquanto segurava uma caneca de água para ele beber.

– Tem certeza de que está bem, pai? – perguntou ela.

Levou uma das mãos na direção dele, mas parou, obviamente com receio de tocá-lo em sua condição atual.

– Ah, sim, vou ficar bem.

Eu podia notar o profundo cansaço em sua voz, mas ele tirou a mão de baixo das cobertas para tocar o rosto dela.

– Fergus fez um belo trabalho – disse ele. – Manteve os homens juntos durante a noite, nos encontrou, Roger e eu, pela manhã, trouxe todos de volta para casa em segurança pela montanha. Tem um excelente senso de direção.

Marsali ainda mantinha a cabeça abaixada, mas vi seu rosto se iluminar com um sorriso.

– Eu disse isso a ele. Mas ele não se perdoa por ter deixado os animais escaparem. Contou que apenas um deles daria para alimentar todos na Cordilheira dos Frasers durante o inverno.

Jamie grunhiu, contrariado.

– Ah, nós daremos um jeito.

Estava claro que ele fazia um grande esforço para falar, mas não mandei Marsali sair. Roger dissera que Jamie havia vomitado sangue no caminho de volta; eu não podia dar conhaque nem uísque a ele para aliviar a dor e estava sem láudano. A presença de Marsali podia ajudá-lo a esquecer a dor.

Abri o armário em silêncio e retirei a grande tigela com tampa onde eu guardava as sanguessugas. A tigela de cerâmica estava fria, uma sensação agradável para as minhas mãos escaldadas. Eu tinha cerca de uma dúzia das grandes; borrões negros e indolentes flutuando na turva mistura de água e raízes de taboa. Retirei três e passei para uma tigela menor, cheia de água limpa, que coloquei perto do braseiro para aquecer.

– Acordem, meninas – falei. – Está na hora de trabalhar.

Arrumei tudo de que ia precisar, ouvindo a conversa murmurada atrás de mim – Germain, a pequena Joan, um porco-espinho nas árvores perto do chalé de Marsali e Fergus.

Gaze grossa para o emplastro de cebolas, a garrafa com tampa onde armazenava uma mistura de álcool e água esterilizada, os potes de confrei, margarida-amarela e acariçoba secos. E o frasco de extrato de penicilina. Xinguei baixinho ao ler o rótulo. O prazo de validade estava vencido havia quase um mês. Ocupada com a caça ao urso e com as tarefas do outono depois de nossa volta, havia semanas que eu não preparava uma nova leva.

Teria que usar aquele mesmo. Contraindo os lábios, esfreguei as ervas entre as mãos, despejando-as na caneca de infusão de madeira de faia e com não mais do que um vago constrangimento, rezei em silêncio a prece de Santa Brígida para abençoar o remédio. Estava aceitando toda e qualquer ajuda.

– Os raminhos de pinheiro cortados que você achou no chão estavam muito frescos? – perguntou Jamie, parecendo um tanto mais interessado no porco-espinho do que no novo dente de Joan.

– Sim, verdes e frescos. Sei muito bem que ele está lá em cima, o maldito, mas é uma árvore enorme e não consigo vê-lo de baixo, muito menos atirar nele.

Marsali tinha uma pontaria sofrível, mas como Fergus não conseguia disparar um mosquete com sua única mão, ela ficava encarregada de caçar para a família.

– Humm. – Jamie pigarreou com dificuldade e ela se apressou em oferecer mais água a ele. – Pegue um pedaço de carne de porco salgada da despensa e esfregue-a em um pedaço de madeira. Deixe-o no chão, não muito longe do tronco da árvore, e mande Fergus montar guarda. O porco-espinho gosta muito de sal e de gordura; ele vai sentir o cheiro e se aventurar depois que escurecer. Quando estiver no chão, não é preciso desperdiçar bala. Basta dar uma paulada em sua cabeça. Fergus pode fazer isso com facilidade.

Abri a caixa de remédios e franzi o cenho ao olhar para a bandeja onde

ficavam as serras e os bisturis. Peguei o bisturi pequeno, de lâmina curva, sentindo o cabo gelado em meus dedos. Eu teria que limpar o ferimento – remover o tecido morto, os restos de pele, pedacinhos de folhas, tecido e terra; os homens haviam envolvido a perna dele em lama e em seguida a enrolaram com um lenço imundo. Depois, podia pingar a solução de penicilina sobre as superfícies expostas, torcendo para dar certo.

– Isso seria ótimo – disse Marsali, esperançosa. – Nunca comi esse animal, mas Ian disse que é gostoso; muito gorduroso, e os espinhos são bons para costurar e para várias outras coisas.

Mordi o lábio, olhando para as outras lâminas. A maior era uma serra dobrável, destinada à amputação em campo, com uma lâmina de quase 20 centímetros de comprimento; eu não a usava desde Alamance. Pensar em usá-la naquele momento fez o suor brotar em minhas axilas e escorrer pelas laterais do corpo – mas eu tinha visto a perna dele.

– A carne é gordurosa – disse Jamie –, mas isso é bom...

Ele parou bruscamente quando mudou de posição, emitindo um gemido abafado quando mexeu a perna.

Eu podia sentir os passos do processo de amputação ecoando nos músculos de minhas mãos e de meus braços: o esforço para cortar pele e músculo, o raspar do osso, a ruptura do tendão, e os vasos escorregadios como borracha, jorrando sangue, escorregando para dentro da carne cortada como... cobras.

Hesitei. Não. Não chegaríamos a isso. Com certeza não.

– Você precisa de carne gordurosa. Está muito magra, *a muirninn* – disse Jamie baixinho atrás de mim. – Magra demais para uma mulher grávida.

Eu me virei, dizendo outro palavrão baixinho. Eu tinha pensado na possibilidade, mas tinha esperanças de estar enganada. Três filhos em quatro anos! E um marido com uma só mão, que não conseguia fazer o trabalho “de homem” da casa e não faria o “trabalho de mulher” – cuidar das crianças e cozinhar – que conseguia realizar.

Marsali emitiu um ruído baixinho, meio risada, meio soluço.

– Como soube? Eu ainda nem contei a Fergus.

– Devia contar... embora ele já saiba.

– Ele disse isso?

– Não... mas não achei que o problema dele fosse apenas indigestão quando fomos caçar. Agora que estou vendo você, entendo por que ele estava preocupado.

Eu mordida a língua com tanta força que senti o gosto de sangue. Será que o óleo de tanásia e a mistura de vinagre que eu dera a ela não tinham funcionado? Nem as sementes de cenoura-selvagem? Ou será que, como eu desconfiava, ela não havia se dado ao trabalho de usar nenhum dos dois regularmente? Bem, era tarde demais para perguntas ou repreensões. Olhei nos olhos dela quando ela ergueu o rosto e tentei – esperando ter conseguido – parecer animada.

– Ah – disse ela, com um sorriso débil. – Vamos dar um jeito.

As sanguessugas se contorciam, os corpos se esticando devagar como elásticos vivos. Afastei o cobertor da perna de Jamie e pressionei as sanguessugas com delicadeza na carne inchada ao redor do ferimento.

– Parece pior do que está de fato – falei, calmamente, ao ouvir a exclamação de espanto de Marsali, que fora pega desprevenida.

Era verdade, mas a situação real era muito ruim. Havia uma crosta preta nas bordas dos cortes, mas as incisões ainda estavam abertas. Em vez de se fecharem e cicatrizarem normalmente, começavam a se desfazer, e os tecidos expostos exsudavam pus. A carne ao redor dos ferimentos estava assustadoramente inchada, escurecida e tomada por sinistros veios vermelhos.

Mordi o lábio, franzindo a testa enquanto analisava a situação. Eu não sabia que tipo de cobra o havia mordido – não que saber fosse fazer grande diferença, já que não havia soro antiofídico para o tratamento –, mas estava claro que o animal tinha uma poderosa toxina hemolítica. Minúsculos vasos sanguíneos haviam se rompido por todo o seu corpo – tanto interna quanto externamente –, assim como outros maiores, próximos ao local do ferimento.

O pé e o tornozelo do lado ferido ainda estavam quentes e rosados – ou melhor, vermelhos. Isso era um bom sinal, até aquele momento, já que

significava que a circulação mais profunda estava intacta. O desafio era melhorar a circulação perto do ferimento para evitar uma necrose extensa e perda de tecido. Os veios vermelhos, porém, me incomodavam muito; *podiam* ser apenas parte do processo hemorrágico, mas era mais provável que fossem os primeiros sinais de septicemia – envenenamento do sangue.

Roger não havia me contado muito sobre a noite que passaram na montanha, mas não foi preciso; eu já tinha visto outros homens que enfrentaram a escuridão tendo a morte como companhia. Se Jamie sobrevivera a uma noite e a um dia desde então, era provável que continuasse sobrevivendo – se eu conseguisse conter a infecção. Mas em que condições?

Eu nunca havia tratado mordidas de cobra, mas já tinha visto muitas ilustrações nos livros. O tecido envenenado morria e apodrecia; Jamie corria grande risco de perder a maior parte do músculo da panturrilha, o que o deixaria permanentemente aleijado – ou, pior, o ferimento poderia gangrenar.

Olhei para ele furtivamente. Estava envolto em cobertores e tão abatido que quase não conseguia se mover – e mesmo assim os contornos de seu corpo mantinham um desenho gracioso e a promessa de força. Eu não suportava a ideia de mutilá-lo – mas faria isso, se fosse preciso. Aleijar Jamie, deixá-lo manco, sem metade do membro... Senti um nó no estômago, e o suor brotou nas palmas de minhas mãos manchadas de azul.

Será que ele desejaria o mesmo?

Peguei a caneca de água que estava na cabeceira de Jamie e tomei todo o líquido. Não perguntaria a ele. Jamie tinha o direito de escolher – mas ele era meu, e eu havia feito minha escolha. Não pretendia abrir mão dele, não importava o que tivesse que fazer para mantê-lo vivo.

– Tem certeza de que está bem, pai?

Marsali estava observando meu rosto. Olhava para mim, para ele e para mim de novo, parecendo assustada. Tentei me recompor para passar uma impressão de competência e concentração.

Jamie também me observava. Contraiu um dos cantos da boca.

– Sim, bem, eu achava que sim. Mas agora não tenho mais tanta certeza.

– O que aconteceu? Está se sentindo pior? – perguntei, ansiosa.

– Não, eu me sinto bem – respondeu ele, mentindo. – É só que, todas as vezes que me machuco mas vai ficar tudo bem, você pega no meu pé como uma megera, mas, quando estou muito mal, você é doce como o mel. Bem, não me xingou nem me censurou uma vez sequer desde que cheguei em casa, Sassenach. Isso quer dizer que você acha que estou morrendo?

Ele ergueu a sobrancelha com ironia, mas pude ver um traço genuíno de medo em seu olhar. Não havia víboras na Escócia; ele não sabia o que estava acontecendo com sua perna.

Respirei fundo e apoiei as mãos de leve em seus ombros.

– Homem infernal! Pisar em uma cobra! Não podia olhar por onde pisa?

– Não enquanto estava perseguindo uma tonelada de carne encosta abaixo – respondeu ele, sorrindo.

Senti minhas mãos relaxarem levemente e controlei o ímpeto de retribuir o sorriso. Em vez disso, olhei para ele de cara feia.

– Você quase me matou de susto!

Isso, ao menos, era sincero.

A sobrancelha se ergueu outra vez.

– Acha que eu também não tive medo?

– Você não tem autorização para ter medo – falei com firmeza. – Só um de nós dois pode sentir medo por vez, e agora é a minha vez.

Jamie riu, apesar de ter começado a tossir e a tremer de frio logo em seguida.

– Pegue uma pedra quente para colocarmos nos pés dele – pedi a Marsali, ajeitando rapidamente os cobertores sobre o corpo dele. – Encha o bule de chá com água quente e traga para mim também.

Ela saiu apressada em direção à cozinha. Olhei para a janela, tentando imaginar se Brianna estava conseguindo encontrar larvas. Para limpar ferimentos purulentos sem prejudicar o tecido ao redor, elas eram imbatíveis. Se quisesse salvar a perna dele, além de sua vida, eu ia precisar de mais ajuda do que apenas a de Santa Brígida.

Perguntando-me vagamente se haveria um santo padroeiro das larvas, ergui a ponta do cobertor e dei uma olhada rápida em meus outros assistentes

invertebrados. Ótimo; deixei escapar um pequeno suspiro de alívio. As sanguessugas agiam depressa; já estavam se estufando, sugando o sangue que vazara dos capilares rompidos e inundava os tecidos da perna dele. Sem aquela pressão, a circulação saudável *talvez pudesse* ser restaurada a tempo de manter a pele e o músculo vivos.

Pude ver a mão dele agarrada à borda da mesa e senti os tremores de frio em minhas coxas, pressionadas contra a madeira. Segurei a cabeça dele; a pele de seu rosto ardia por causa da febre.

– Você *não* vai morrer! – sibilei. – Não vai! Não vou deixar!

– As pessoas não param de me dizer isso – murmurou ele, com os olhos fechados e fundos de exaustão. – Não tenho direito a minha própria opinião?

– Não – retruquei. – Não tem. Tome, beba isto.

Levei o extrato de penicilina aos lábios dele, segurando-o enquanto ele bebia. Jamie fez uma careta, fechando os olhos com força, mas engoliu sem protestar.

Marsali chegara com o bule de chá cheio de água quente. Despejei a maior parte sobre as folhas e deixei-as em infusão enquanto dava a ele uma xícara de água fria para tirar o gosto de penicilina da boca.

Ele engoliu a água, com os olhos ainda fechados, e em seguida deitou-se novamente no travesseiro.

– O que é isso? – perguntou ele. – Tem gosto de ferro.

– Água – respondi. – Tudo tem gosto de ferro porque suas gengivas estão sangrando. – Entreguei a jarra de água vazia a Marsali e pedi a ela que trouxesse mais. – Coloque um pouco de mel – falei. – Uma medida de mel para quatro medidas de água.

– Ele precisa de caldo de carne – disse ela, parando para olhar para ele, a testa franzida de preocupação. – Era o que minha mãe dizia, e a mãe dela antes dela. Quando um corpo perde muito sangue, não há nada melhor do que caldo de carne.

Pensei que Marsali devia estar mesmo muito preocupada. Ela raramente falava da mãe na minha frente, por consideração. Mas dessa vez a maldita Laoghaire estava certa; caldo de carne seria excelente – se tivéssemos carne

fresca, mas não tínhamos.

– Água com mel – falei depressa, mandando-a para fora da sala.

Fui buscar reforços no departamento de sanguessugas, parando à janela da frente para ver como Brianna estava se saindo.

Ela estava no curral, descalça, as saias amarradas como um kilt acima do joelho, tirando restos de esterco de cavalo de um dos pés. Nada de larvas até o momento, então. Ela me viu à janela e acenou, apontando para o machado que estava perto dela e em seguida para a mata. Eu assenti com a cabeça e acenei também; um tronco apodrecido poderia ser uma possibilidade.

Jemmy estava no chão, perto de Brianna, as fitas em volta de seu corpo que usávamos para sustentá-lo enquanto ele aprendia a andar bem amarradas à cerca do curral. Ele certamente não precisava mais delas para ficar de pé, mas elas o impediam de escapar enquanto a mãe estava ocupada. Ele estava concentrado na tarefa de arrancar o que restava de uma trepadeira de cabaça seca que havia crescido sobre a cerca e gritava animado enquanto pedacinhos de folhas esmigalhadas e restos secos de cabaça caíam sobre seus cabelos claros. O rostinho redondo tinha uma expressão determinada enquanto ele tentava enfiar na boca uma cabaça maior do que sua cabeça.

Vi algo pelo canto do olho que me chamou a atenção: Marsali, trazendo água da fonte para encher o caldeirão de tintura. Não, ainda não dava para perceber, porque Jamie tinha razão, ela estava muito magra, mas agora que eu sabia, percebi a palidez do rosto e as olheiras profundas.

Droga. Outro movimento; as pernas longas e claras de Bree surgindo sob as saias presas acima dos joelhos à sombra de um grande abeto-azul. Será que ela estaria usando o óleo de tanásia? Ainda amamentava Jemmy, mas isso não era nenhuma garantia, não na idade dele...

Eu me virei ao ouvir um som atrás de mim, e vi Jamie voltando devagar para o ninho de cobertores, parecendo um enorme bicho-preguiça ruivo, segurando minha serra de amputação.

– Que diabo você está fazendo?

Ele se deitou com dificuldade, fazendo uma careta, e apoiou a cabeça no travesseiro, arfando longa e profundamente. A serra dobrada estava agarrada

junto ao peito.

– Vou repetir – respondi, parando diante dele de forma ameaçadora, com as mãos nos quadris –, que diabo...

Ele abriu os olhos e levantou a serra alguns centímetros.

– Não – falou com convicção. – Sei o que está pensando, Sassenach, e não vou permitir.

Respirei fundo, para que minha voz não falhasse.

– Sabe que eu não faria isso, a não ser que não tivesse escolha.

– Não – repetiu ele, olhando para mim com determinação, um olhar conhecido.

Não era à toa que *ele* nunca se perguntava com quem Jemmy se parecia, pensei com ironia.

– Você não sabe o que pode acontecer...

– Sei o que está acontecendo com minha perna mais do que você, Sassenach – interrompeu-me ele, parando outra vez para respirar. – E não me importo.

– Talvez você não se importe, mas *eu* me importo!

– Eu não vou morrer – disse ele com firmeza –, e não quero viver com metade da perna. Essa ideia me causa horror.

– Bem, a mim também, sabia? Mas e se eu tiver que escolher entre sua perna e sua vida?

– Não terá.

– Pode ser que eu tenha!

– Não terá.

A idade não fazia a menor diferença, pensei. Dois anos ou cinquenta anos, um Fraser era um Fraser, mais teimoso do que uma mula. Passei a mão pelos cabelos.

– Está bem! – exclamei, entre os dentes. – Me dê essa maldita coisa para eu guardá-la.

– Sua palavra.

– Minha o quê?

Eu o encarei.

– Sua palavra – repetiu ele, me encarando de volta com interesse. – A febre pode aumentar e eu posso perder a consciência. Não quero que você corte a minha perna fora se eu não estiver em condições de dizer não.

– Se você estiver nesse estado, eu não terei escolha!

– Talvez você não – disse ele, sem se alterar –, mas eu, sim. Já tomei minha decisão. Sua palavra, Sassenach.

– Seu maldito, desgraçado, *irritante*...

O sorriso dele me surpreendeu, largo e alvo no rosto avermelhado.

– Se você me chamar de escocês, Sassenach, então terei *certeza* de que vou sobreviver.

Um grito agudo do lado de fora me impediu de responder. Eu me virei na direção da janela a tempo de ver Marsali largar dois baldes de água no chão. A água espirrou, ensopando sua saia e seus sapatos, mas ela não deu atenção. Olhei depressa na direção em que ela estava olhando e contive um grito.

Ele atravessara calmamente a cerca do curral, quebrando as ripas de madeira como se fossem palitos de fósforo, e estava parado no meio da plantação de abóboras, perto da casa, as vinhas pendendo da boca enquanto ele mastigava. Estava parado, enorme, escuro e peludo, a 3 metros de Jemmy, que olhava fixamente para ele com os olhos arregalados e a boca aberta, esquecendo-se da cabaça que tinha nas mãos.

Marsali deu outro grito agudo, e Jemmy, percebendo seu terror, começou a gritar pela mãe. Eu me virei e – com a sensação de que estava me movendo em câmera lenta, embora definitivamente não estivesse – arranquei a serra da mão de Jamie, saí pela porta e parti para o quintal, pensando, enquanto corria, que os búfalos pareciam muito menores no zoológico.

Quando atravessei a porta – devo ter saltado; não me lembrava dos degraus –, Brianna estava saindo da floresta. Ela corria sem emitir ruído, segurando o machado, e sua expressão era firme e determinada. Não tive tempo de gritar antes que ela o alcançasse.

Ela ergueu o machado, ainda correndo, girou-o em um arco ao dar o último passo e desferiu o golpe com toda a força bem atrás das orelhas do enorme animal. Um fino esguicho de sangue atingiu as abóboras. O animal

urrou e abaixou a cabeça, como se fosse atacar.

Bree desviou para o lado, lançou-se sobre Jemmy e se pôs de joelhos, tentando desatar os panos que o prendiam à cerca. De soslaio, vi Marsali, gritando preces e impropérios em gaélico enquanto pegava uma anágua recém-tingida dos arbustos de amoras-pretas.

Não sei como, mas eu havia desdobrado a serra enquanto corria; cortei as tiras de Jemmy com dois movimentos, levantei-me e corri de volta para a varanda. Marsali jogara a anágua sobre a cabeça do búfalo; ele ficou parado, confuso, sacudindo a cabeça e oscilando de um lado para o outro, o sangue surgindo escuro no verde-amarelado da tintura recente.

Ele chegava à altura dos meus ombros e tinha um cheiro estranho; empoeirado e quente, selvagem mas estranhamente familiar, com um odor de celeiro, como uma vaca. Ele deu um passo, depois outro, e eu enfiei os dedos em seu pelo, agarrando com força. Senti os tremores percorrendo o corpo do animal; eles me sacudiam como se estivesse havendo um terremoto.

Nunca tinha feito aquilo, mas a sensação era de que já o fizera milhares de vezes. Como se estivesse em um sonho, mas com firmeza, passei a mão sob os lábios babados e senti o bafo quente soprar pela manga do meu vestido. A pulsação forte latejava no ângulo da mandíbula; eu podia vê-lo mentalmente, o enorme coração e o sangue sendo bombeado, quente em minha mão, frio contra meu rosto onde ele estava pressionado contra a anágua encharcada.

Passei a serra pela garganta, cortei com força e senti nas mãos e nos braços o esforço para cortar pele e músculo, o raspar do osso, a ruptura do tendão e os vasos escorregadios como borracha, jorrando sangue, escorregando para dentro da carne cortada.

O mundo estremeceu. Ele vacilou, escorregou e caiu com um baque surdo. Quando voltei a mim, estava sentada no meio do pátio, uma das mãos ainda agarrada aos pelos, uma das pernas dormente sob o peso da cabeça do búfalo, as saias grudadas nas coxas, quentes e fedorentas, encharcadas de sangue.

Alguém disse alguma coisa, e eu levantei a cabeça. Jamie estava de

quatro à porta – a boca aberta, completamente nu. Marsali desabara no chão, as pernas esparramadas à sua frente, abrindo e fechando a boca sem emitir ruído.

Brianna estava na minha frente, com Jemmy no colo. Esquecendo o terror, ele se inclinou sobre o ombro dela, olhando com curiosidade para o búfalo no chão.

– Uuuuh! – exclamou.

– Sim – eu disse. – Muito bem observado.

– Você está bem, mãe? – perguntou Bree, e eu me dei conta de que ela já tinha feito a pergunta várias vezes.

Estendeu a mão e a apoiou delicadamente em minha cabeça.

– Não sei – respondi. – Acho que sim.

Segurei sua mão e libertei com esforço minha perna, me apoiando nela para me levantar. Os mesmos tremores que haviam percorrido o búfalo agora percorriam o corpo dela – e o meu –, mas desapareciam aos poucos. Ela respirou fundo, olhando para o enorme corpo. Deitado de lado, ele quase chegava a sua cintura. Marsali estava ao nosso lado, balançando a cabeça, admirada com o tamanho do animal.

– Santa Mãe de Deus, como é que nós vamos limpar *isso*? – perguntou ela.

– Ah – respondi, passando as mãos trêmulas pelos cabelos. – Acho que vamos encontrar um jeito.

EU CONSIGO, COM A AJUDA DOS MEUS AMIGOS

Encostei a testa contra o vidro frio da janela do consultório, piscando enquanto observava a cena do lado de fora. A exaustão dava ao cenário no jardim uma dose extra de surrealismo – não que precisasse de muito mais.

O sol já havia quase se posto, flamejando, dourado, nas últimas folhas ressecadas das castanheiras. Os abetos erguiam-se, escuros, contra o clarão que perdia intensidade, assim como a força no centro do pátio e os restos mortais assustadores que pendiam dela. Uma fogueira fora acesa perto dos arbustos de amoras-pretas e silhuetas se moviam por toda parte, entrando e saindo das chamas e das sombras. Alguns atacavam a carcaça dependurada, armados com facas e machadinhas; outros andavam com dificuldade, carregando pedaços de carne e baldes com gordura. Perto do fogo, era possível ver as figuras das mulheres, com suas saias em forma de sino, abaixando-se e esticando-se em um silencioso balé.

Apesar de estar escuro, eu conseguia distinguir a figura de Brianna, alta e pálida em meio à horda de demônios que atacava o búfalo – mantendo a ordem, pensei. Antes de ser mandado de volta para o consultório à força, Jamie estimou que o búfalo devia pesar entre 800 quilos e 1 tonelada. Brianna assentiu, concordando, e deixou Jemmy com Lizzie. Em seguida caminhou devagar ao redor da carcaça, concentrada, estreitando os olhos.

– Certo – disse ela, e assim que os homens começaram a chegar, vindos de suas propriedades, semivestidos, sem se barbear, com olhos arregalados de entusiasmo, deu instruções objetivas a respeito do corte de troncos de árvores e da construção de uma estrutura com roldanas que içasse e aguentasse 1

tonelada de carne.

Os homens, incomodados por não terem feito o abate, não estavam muito dispostos a lhe dar atenção, a princípio. Mas Brianna era corpulenta, enérgica e sabia dar ordens – além de ser teimosa.

– Quem foi que desferiu o primeiro golpe? – perguntou ela, lançando um olhar para Geordie Chisholm e seus filhos enquanto eles iam na direção da carcaça, já com as facas em punho.

Ela apontou para o talho profundo no pescoço, depois passou a mão na manga do vestido, chamando atenção para o sangue que espirrara ali.

– E quem fez isto?

Com o pé comprido e descalço, ela apontou a garganta cortada e a poça de sangue no chão. Minhas meias estavam jogadas à beira da poça de sangue coagulado, onde eu as tirara, trapos vermelhos, mas ainda assim femininos.

Observando da janela, eu tinha visto mais de uma pessoa olhar em direção à casa, franzindo o cenho ao recordar que Brianna era filha do Homem – um fato que os mais sensatos sempre levavam em consideração.

Mas foi Roger quem mudou a situação a favor dela com um olhar frio que fez os irmãos Lindsays se posicionarem atrás dele, empunhando os machados.

– Foi ela quem matou – disse ele, com a voz rouca. – Façam o que ela mandar.

Ele endireitou os ombros e lançou aos outros homens um olhar que sugeria com veemência que não deveria haver mais discussão.

Ao ver aquilo, Fergus deu de ombros e se inclinou para segurar o animal – com a única mão – pela cauda longa e fina.

– Onde quer que o penduremos, senhora? – perguntou ele com educação.

Todos os homens riram e, em seguida, com olhares acanhados e gestos de resignação, começaram relutantemente a trabalhar seguindo as instruções de Brianna.

Brianna olhara para Roger com surpresa, em seguida com gratidão e, por fim, com autoridade e firmeza, assumiu o comando da operação, com resultados notáveis. Ao cair da noite o animal já tinha sido quase todo

cortado, a carne distribuída entre todas as casas da Cordilheira dos Frasers. Ela conhecia todos os colonos, sabia quantas bocas havia em cada domicílio, e repartiu a carne e os órgãos à medida que foram sendo retirados. *Nem mesmo Jamie teria feito melhor*, pensei, sentindo um imenso orgulho dela.

Olhei para a mesa, onde Jamie permanecia enrolado nos cobertores. Quis levá-lo para cima, para sua cama, mas ele insistiu em permanecer no andar de baixo, de onde podia ouvir – mesmo que não visse – o que estava acontecendo.

– Estão quase terminando de repartir a carne – falei, aproximando-me e pousando a mão na cabeça dele. Ainda estava vermelho e ardendo em febre.

– Brianna fez um trabalho incrível – acrescentei, para nos distrair.

– É mesmo?

Seus olhos estavam entreabertos, mas com o olhar fixo de alguém tomado pela febre; aquele atordoamento no qual as sombras serpenteiam no ar quente e trêmulo acima do fogo. Enquanto eu falava, porém, ele voltou lentamente de onde quer que estivesse, olhou nos meus olhos, com as pálpebras pesadas mas os olhos claros, e sorriu sem forças.

– Que bom.

O couro estava estendido para secar, o enorme fígado fora fatiado para secar mais depressa, os intestinos foram deixados de molho para serem limpos, os quartos foram levados para o barracão para serem defumados, tiras de carne foram cortadas para secar ao sol e serem transformadas em charque, a gordura fora reservada para produzir sebo e sabão. Uma vez completamente descarnados, os ossos seriam fervidos para fazer sopa e depois serem transformados em botões.

Os cascos e chifres, muito valorizados, estavam em minha bancada, ensanguentados, levados até lá por Murdo Lindsay. Troféus discretos, imaginei; o equivalente do século XVIII a duas orelhas e um rabo. Eu também ficara com a vesícula biliar, embora tenha sido algo automático; ninguém a quisera, mas todos acreditavam que eu devia ter alguma utilidade medicinal para praticamente qualquer coisa. A bolsa esverdeada, do tamanho do meu punho, estava em um pires, exsudando líquido, com um aspecto um

tanto sinistro ao lado do conjunto de cascos enlameados.

Todos na Cordilheira dos Frasers apareceram ao saber da notícia – até Ronnie Sinclair, da tanoaria ao pé da encosta –, e pouco restava do búfalo agora, exceto um monte de ossos descarnados. Senti o leve cheiro de carne assando, de noqueira queimando e de café, e abri as janelas para que os apetitosos aromas entrassem.

Risadas e estalidos do fogo entraram com uma rajada de vento frio. Estava quente no consultório naquele momento e foi bom sentir em meu rosto o ar frio vindo de fora.

– Está com fome, Jamie? – perguntei.

Eu estava faminta, mas só me dei conta disso quando senti o cheiro de comida. Fechei os olhos e respirei fundo, revigorada pelo aroma de fígado e cebolas.

– Não – respondeu ele, sonolento. – Não quero comer nada.

– Devia tomar um pouco de sopa, se puder, antes de dormir.

Virei-me e afastei os cabelos de seu rosto, franzindo a testa ao olhar para ele. O rubor havia diminuído um pouco, pensei – era difícil ter certeza à luz fraca do fogo e das velas. Tínhamos conseguido fazê-lo beber bastante chá e água com mel, de modo que seus olhos não estavam mais fundos por causa da desidratação, mas os ossos da face e do maxilar ainda estavam proeminentes; ele não comia havia mais de 48 horas e a febre estava consumindo uma imensa quantidade de energia, devorando seus tecidos.

– A senhora precisa de mais água quente?

Lizzie apareceu na porta, mais desgrenhada que de costume, com Jemmy nos braços. Estava sem o lenço da cabeça e os cabelos finos e louros haviam se soltado do coque; Jemmy segurava um punhado deles na mão gorducha e puxava-os, impaciente e irritado, fazendo-a fechar os olhos com força a cada puxão.

– Mamã... Mamã... Mamã... – choramingava ele, em um tom estridente e cada vez mais alto que deixava óbvio que ele vinha repetindo aquele lamento havia algum tempo. – Mamã... Mamã... MAMÃ!

– Não, já tenho água quente suficiente. Obrigada, Lizzie. Pare com isso,

mocinho – falei, segurando a mão de Jemmy e abrindo seus dedinhos gorduchos à força. – Não pode puxar os cabelos.

Ouvi uma risadinha vinda da pilha de cobertores na mesa atrás de mim.

– Olhando para você, ninguém acreditaria, Sassenach.

– O que foi?

Virei a cabeça e olhei para ele, por um instante, perplexa, então segui a direção de seu olhar com a mão. De fato, minha touca havia desaparecido e meus cabelos pareciam uma juba de leão. Atraído pela palavra “cabelo”, Jemmy soltou as delicadas madeixas de Lizzie, inclinou-se para a frente e agarrou meus cachos.

– Mamã-mamã-mamã-mamã...

– Solte – falei, irritada, tentando abrir sua mão. – Solte, diabinho. E, aliás, por que ainda não está dormindo?

– MAMÃ-MAMÃ-MAMÃ...

– Ele quer a mãe dele – explicou Lizzie, com certa redundância. – Eu o coloquei na cama umas dez vezes, mas ele se levanta assim que dou as costas. Não consegui fazer com que ele...

A porta da frente se abriu, deixando entrar uma forte corrente de ar que fez o carvão no braseiro brilhar e soltar fumaça, e eu ouvi o ruído de pés descalços nas tábuas de carvalho no corredor.

Eu já ouvira antes a expressão “coberta de sangue”, mas não vira a cena com muita frequência, pelo menos não longe de um campo de batalha. As sobrancelhas de Brianna estavam invisíveis, vermelhas o bastante para se misturarem à máscara de sangue que cobria seu rosto. Jemmy olhou para ela atentamente e fez um beicinho, irritado e em dúvida, prestes a começar a chorar.

– Sou eu, filho – tranquilizou-o.

Estendeu a mão para ele, mas parou pouco antes de tocá-lo. Ele não chorou, mas enterrou o rosto no ombro de Lizzie, recusando-se a aceitar que aquela visão apocalíptica tivesse alguma coisa a ver com a mãe que ele chamava poucos minutos antes.

Brianna ignorou tanto a rejeição do filho quanto o fato de estar deixando

pegadas de lama e sangue por todo o chão.

– Olhe – disse ela, erguendo um punho cerrado em minha direção.

Suas mãos estavam cobertas de sangue seco; as unhas, negras. Abriu os dedos com reverência para me mostrar seu tesouro: um punhado de minúsculos vermes brancos que fizeram meu coração bater animado.

– Estes servem? – perguntou ela, ansiosa.

– Acho que sim, deixe-me ver.

Coloquei apressadamente as folhas molhadas do chá em um prato pequeno, para dar às larvas um refúgio temporário. Brianna colocou-as com cuidado sobre as folhas laceradas e levou o prato para o balcão onde ficava meu microscópio, como se ali houvesse ouro em pó, e não vermes.

Peguei um deles com a ponta da unha e o coloquei em uma lâmina de vidro, onde ele se contorceu, contrariado, buscando alimento, sem sucesso. Fiz sinal para que Bree trouxesse outra vela.

– Nada além de uma boca e uma tripa – murmurei, inclinando o espelho para captar a luz. Estava escuro demais para usar o microscópio, mas talvez houvesse luz suficiente para aquilo. – Bichinhos vorazes.

Prendi a respiração, observando pela lente delicada, esforçando-me para enxergar. As larvas das moscas-varejeiras e das moscas da carne têm uma única linha visível no corpo; as das moscas de bicheira têm duas. As linhas são tênues, invisíveis a olho nu, mas muito importantes. As larvas das moscas-varejeiras comem carniça, e apenas carniça – carne morta, em decomposição. As das moscas de bicheira penetram na carne viva e consomem o músculo vivo e o sangue de seu hospedeiro. Não podia inseri-las em um ferimento!

Fechei um dos olhos, para deixar que o outro se adaptasse às sombras na lente. O corpo escuro em forma cilíndrica do verme se contorcia, retorcendo-se em todas as direções ao mesmo tempo. Uma linha era claramente visível. Havia outra? Estreitei o olho até começar a lacrimejar, mas não vi mais nada. Soltei a respiração que estava prendendo e relaxei.

– Parabéns, pai – disse Brianna, aproximando-se de Jamie.

Ele abriu um olho, que percorreu a figura de Brianna sem muito

entusiasmo. Vestindo apenas uma combinação que ia até o joelho para cortar a carne, estava banhada de sangue escuro da cabeça aos pés, e a musselina havia grudado em seu corpo em alguns pontos.

– Ah, é? – disse ele. – Por quê?

– Pelas larvas. Você conseguiu – explicou ela. Abriu a outra mão, revelando uma bola de metal deformada, uma bala de rifle esmagada. – As larvas estavam em um ferimento na anca do animal. Eu as tirei do buraco feito pela bala.

Eu ri, por achar graça e por estar aliviada.

– Jamie! Você o acertou no traseiro?

Jamie entortou um pouco a boca.

– Achei que não o tivesse acertado em lugar nenhum – disse ele. – Eu só estava tentando fazer a manada virar na direção de Fergus.

Ergueu uma das mãos lentamente e pegou a bala, rolando-a com delicadeza entre os dedos.

– Talvez devesse guardá-la, para dar sorte – sugeriu Brianna. Ela falava de modo descontraído, mas eu podia ver a ruga entre suas sobrancelhas invisíveis. – Ou para morder enquanto a mamãe estiver cuidando da sua perna.

– Tarde demais – disse ele, esboçando um sorriso.

Foi então que ela viu a pequena tira de couro que estava sobre a mesa perto dele, coberta de meias-luas sobrepostas – as marcas profundas dos dentes de Jamie. Ela olhou para mim, abismada. Ergui um dos ombros de leve. Eu havia passado mais de uma hora limpando a ferida na perna dele, e não tinha sido fácil para nenhum de nós.

Pigarreei e me virei de novo para as larvas. Pelo canto do olho, vi Bree encostar as costas da mão delicadamente no rosto de Jamie. Ele virou a cabeça e beijou os nós de seus dedos, sem se importar por estarem sujos de sangue.

– Não se preocupe, querida – disse ele. Sua voz era fraca, mas firme. – Estou bem.

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas vi o rosto de Bree e mordi a

língua. Ela andara trabalhando duro e ainda tinha que cuidar de Jemmy e Roger; não precisava se preocupar com Jamie também... ainda não.

Coloquei as larvas em uma pequena tigela de água esterilizada e lavei-as rapidamente, em seguida as despejei de volta no leite de folhas úmidas.

– Não vai doer – garanti a Jamie, tentando tranquilizar a mim tanto quanto a ele.

– Ah, sim – disse ele, com um cinismo indecoroso. – Já ouvi isso antes.

– Na verdade, ela tem razão – disse uma voz suave e rouca atrás de mim.

Roger já tinha se lavado; seus cabelos escuros caíam úmidos sobre a gola da camisa e suas roupas estavam limpas. Jemmy, sonolento, estava deitado no ombro do pai, chupando o dedo. Roger aproximou-se da mesa para olhar para Jamie.

– Como está, homem? – perguntou baixinho.

Jamie mexeu a cabeça no travesseiro, ignorando o desconforto.

– Vou ficar bem.

– Ótimo.

Para minha surpresa, Roger tocou o ombro de Jamie em um pequeno gesto de consolo. Eu nunca o vira fazer isso antes e mais uma vez me perguntei o que teria acontecido entre eles na montanha.

– Marsali está trazendo um caldo de carne para ele, carne de búfalo! – disse Roger, franzindo ligeiramente a testa ao olhar para mim. – Talvez seja melhor você tomar um pouco também.

– Boa ideia – falei.

Fechei os olhos por um instante e respirei fundo.

Somente quando me sentei é que percebi que estava de pé desde bem cedo. A dor tomava todos os ossos de meus pés e de minhas pernas, e eu a sentia mais forte no ponto em que quebrara a tíbia esquerda, alguns anos antes. O dever me chamava, no entanto.

– Bem, o tempo e a maré não esperam por larva nenhuma – falei, ficando em pé de novo. – É melhor andarmos logo com isso.

Jamie resmungou e se espreguiçou, relaxando, e seu corpo se preparou com relutância. Observou resignado enquanto eu buscava o prato de larvas e

o fórceps, em seguida pegou a tira de couro à sua cabeceira.

– Não vai precisar disso – falou Roger. Ele pegou outro banquinho e se sentou. – É verdade o que ela disse, essas malditas não causam dor.

Jamie bufou outra vez, e Roger sorriu para ele.

– Veja bem – argumentou –, elas pinicam forte. Mas só se você ficar pensando nelas. Se conseguir se distrair, não vai ser nada de mais.

Jamie olhou para ele.

– Você é um grande consolo, MacKenzie.

– Obrigado – disse Roger, com uma risada rouca. – Tome, eu trouxe uma coisa para você.

Ele se inclinou para a frente e colocou Jemmy, sonolento, nos braços de Jamie. O menino emitiu um gritinho de surpresa, depois relaxou quando os braços do avô o envolveram em um reflexo. Uma mãozinha gorducha se balançou, procurando apoio, e o encontrou.

– Quente – balbuciou ele, sorrindo como um anjo.

Com a mãozinha agarrando os cabelos ruivos de Jamie, ele suspirou profundamente e mergulhou em um sono profundo sobre o peito febril do avô.

Jamie estreitou os olhos para mim quando peguei o fórceps. Em seguida, ergueu os ombros de leve, encostou o rosto áspero, barba por fazer, nos cabelos sedosos e brilhantes de Jemmy, e fechou os olhos, embora a tensão em seus traços contrastasse com o rostinho redondo e tranquilo do neto.

Não poderia ter sido mais fácil; simplesmente levantei o novo emplastro de cebolas e enfiei as larvas, uma por vez, nos cortes ulcerados na panturrilha de Jamie. Roger deu a volta por mim para observar.

– Já está quase parecendo uma perna outra vez – disse ele, com ar de surpresa. – Achei que nunca mais voltaria ao normal.

Sorri, mas não me virei para olhar, atenta à delicada tarefa.

– As sanguessugas são muito eficientes – expliquei. – Apesar de seu trabalho tosco com a faca também ter ajudado. Você fez buracos grandes o bastante para drenar o pus e o fluido; isso ajudou.

Era verdade; embora a perna ainda estivesse quente e horivelmente

descolorida, o inchaço havia diminuído consideravelmente. O longo osso da canela e os arcos delicados do pé e do tornozelo já podiam ser vistos outra vez. Eu tinha consciência dos perigos ainda existentes – infecção, gangrena, escaras –, mas mesmo assim meu coração ficou mais leve. Já dava para perceber os contornos da perna de Jamie.

Pincei outra larva pela cabeça com meu fórceps, com cuidado para não a esmagar. Levantei a beirada da pele com a pinça que segurava na outra mão e inseri depressa o minúsculo verme no espaço que surgiu, tentando ignorar a terrível sensação esponjosa da pele sob meus dedos e a lembrança do pé de Aaron Beardsley.

– Pronto – falei, momentos depois, recolocando delicadamente o emplastro.

Cebola e alho cozidos, envoltos em musselina com extrato de penicilina, manteriam os ferimentos úmidos e drenados. Trocados de hora em hora, eu esperava que o calor também estimulasse a circulação na perna. Depois, um curativo de mel, para evitar outras invasões bacterianas.

A concentração mantivera minhas mãos firmes. Agora que já estava terminado, não havia mais nada a fazer, a não ser esperar. O prato de folhas úmidas tamborilou quando o pousei na bancada.

Eu achava que nunca tinha ficado tão cansada.

ESCOLHAS

Roger e o sr. Bug carregaram Jamie para nosso quarto, no andar de cima. Eu não queria tirá-lo do consultório para que não mexesse a perna, mas ele insistiu.

– Não quero que você fique dormindo aqui no chão, Sassenach – disse ele, quando protestei. Ele sorriu para mim. – Você deveria estar na cama, mas sei que não vai me deixar sozinho, então isso quer dizer que eu também tenho que ir para lá, certo?

Eu teria continuado a argumentar, mas, para ser sincera, estava tão cansada que não me queixaria muito se ele insistisse para nós dois dormirmos no celeiro.

Quando ele já estava acomodado, entretanto, as dúvidas me exaltaram de novo.

– Vou esbarrar na sua perna – falei, pendurando meu vestido em um dos ganchos. – Vou fazer uma cama aqui perto da lareira e...

– Não vai, não – disse ele, decidido. – Vai dormir comigo.

Recostou-se nos travesseiros, com os olhos fechados, os cabelos ruivos espalhados sobre o linho. A vermelhidão em sua pele começara a se suavizar; já não estava tão intensa. Por outro lado, estava assustadoramente pálida nas partes não atingidas pelas pequenas hemorragias.

– Você seria capaz de discutir até no seu leito de morte – falei, irritada. – Você *não* precisa estar sempre no controle, sabia? Deveria ficar quieto e deixar que as outras pessoas cuidem das coisas, pelo menos uma vez. O que acha que aconteceria se...

Ele abriu os olhos e me lançou um olhar intenso.

– Sassenach – disse ele baixinho.

– O que foi?

– Eu queria que você tocasse em mim... sem me machucar. Só um pouco, antes de eu dormir. Você se importa?

Parei e respirei fundo, totalmente desconcertada ao me dar conta de que ele estava certo. Por ter sido atropelada pela emergência e por ter ficado preocupada com seu estado, tudo o que tinha feito nele durante o dia tinha causado dor, tinha sido invasivo, ou ambas as coisas. Marsali, Brianna, Roger, Jemmy – todos o tinham tocado com afeto, oferecendo compaixão e conforto.

E eu... estava tão aterrorizada pelo que poderia acontecer, pelo que eu poderia ser forçada a fazer, que não havia deixado tempo nem espaço para a ternura. Desviei o olhar por um instante, piscando para as lágrimas recuarem. Em seguida me levantei e me aproximei da cama, inclinei o corpo e o beijei com delicadeza.

Passei as mãos em seus cabelos para colocá-los para trás, afastando-os da testa, alisei as sobrancelhas com o polegar. Arch Bug fizera a barba dele; a pele do rosto estava lisa e quente sob a minha mão. Seus ossos estavam firmes sob a pele, emoldurando sua força – mas ao mesmo tempo ele parecia subitamente frágil. Eu também me sentia frágil.

– Quero que você durma ao meu lado, Sassenach – sussurrou ele.

– Está bem. – Sorri para ele, meus lábios um pouco trêmulos. – Vou escovar os cabelos.

Sentei-me com minha combinação, soltei os cabelos e peguei a escova. Ele me observou em silêncio, mas com um leve sorriso nos lábios, enquanto eu me dedicava à tarefa. Ele gostava de me ver escovar os cabelos; esperava que fosse tão calmante para ele quanto era para mim.

Ouvi ruídos no andar de baixo, sons abafados, distantes. As persianas estavam abertas; a luz da fogueira que se apagava lá fora bruxuleava contra os vidros da janela. Olhei para fora, me perguntando se deveria fechar as persianas.

– Deixe-as abertas, Sassenach – murmurou ele. – Gosto de ouvir as conversas.

O som de vozes do lado de fora era muito reconfortante, aumentando e diminuindo, com pequenas explosões de risos.

O ruído da escova era suave e constante, como as ondas na areia, e eu senti o estresse do dia ir diminuindo devagar, como se pudesse desembaraçar todas as ansiedades e todos os temores dos meus cabelos com a mesma facilidade com que os livrava dos pedaços da trepadeira de abóbora. Quando finalmente larguei a escova e me levantei, os olhos de Jamie estavam fechados.

Ajoelhei-me para apagar o fogo, levantei-me para soprar a vela e finalmente fui para a cama.

Deitei com cuidado a seu lado, para não incomodá-lo. Ele estava virado de lado, de costas para mim, e eu me virei para ele, moldando meu corpo à curva do corpo dele, com cuidado para não tocá-lo.

Fiquei muito quieta, ouvindo. Todos os sons da casa haviam entrado em seu ritmo noturno; o sibilar do fogo e o sopro do vento na chaminé, o estalido repentino da escada, como se alguém, por descuido, tivesse pisado na beirada do degrau. Ouvi o ronco anasalado do sr. Wemyss, reduzido a um zumbido relaxante graças às portas pesadas entre nós.

Ainda havia vozes lá fora, abafadas pela distância, meio arrastadas por causa da bebida e do avanço da hora. Todas alegres, no entanto; nenhum sinal de hostilidade ou violência incipiente. Mas eu não me importava. Por mim, os moradores da Cordilheira dos Frasers podiam se engalfinhar até a morte e dançar sobre os restos mortais. Toda a minha atenção estava concentrada em Jamie.

Sua respiração era superficial, mas regular, os ombros estavam relaxados. Eu não queria perturbá-lo; ele precisava descansar, antes de mais nada. Ao mesmo tempo, queria muito tocá-lo. Queria ter certeza de que ele estava ali, vivo, ao meu lado – mas também precisava muito saber como ele estava.

Estaria febril? A infecção na perna teria se espalhado apesar da penicilina, envenenando seu sangue?

Movi a cabeça devagar, posicionando o rosto a 1 centímetro de suas costas cobertas pela camisa, e inspirei, lenta e profundamente. Senti seu calor em meu rosto, mas não consegui saber quão quente ele de fato estava por baixo do tecido da camisa.

Ele cheirava levemente a mato, mas o cheiro de sangue estava mais forte. As cebolas do emplastro exalavam um odor ácido, assim como seu suor.

Inspirei mais uma vez, prestando atenção. Nenhum cheiro de pus. Era cedo demais para sentir o odor de gangrena, mesmo que a decomposição estivesse começando, invisível sob os curativos. Eu achei que sua pele exalava um cheiro estranho, no entanto; algo que eu nunca sentira antes. Necrose do tecido? Algum produto da decomposição do veneno da cobra? Expirei pelo nariz e inspirei novamente, dessa vez de forma mais profunda.

– Estou fedendo muito? – perguntou ele.

– O quê? – exclamei, mordendo a língua com o susto.

Ele tremeu levemente, no que imaginei que fosse uma tentativa de segurar o riso.

– Você parece um pequeno porco farejador de trufas, Sassenach, me cheirando desse jeito aí atrás.

– Ah, é mesmo? – falei, um pouco irritada. Toquei o ponto dolorido em minha língua. – Bem, pelo menos você está acordado. Como está se sentindo?

– Como um monte de tripas podres.

– Que pitoresco! – exclamei. – Poderia ser um pouco mais específico?

Apoiei a mão de leve em seu quadril, e ele soltou a respiração com um som semelhante a um gemido.

– Como um monte de tripas podres... – disse ele, e, parando para respirar fundo, acrescentou: –... coberto de *larvas*.

– Você seria capaz de fazer piada em seu leito de morte, não é?

Assim que disse isso, senti um tremor de inquietação. Ele *seria*, e eu esperava que não fosse esse o caso agora.

– Bem, vou tentar, Sassenach – murmurou ele, meio sonolento. – Mas realmente não estou na melhor forma no momento.

– Está doendo muito?

– Não. Só estou... cansado.

Ele parecia exausto demais para procurar a palavra certa, e se conformara com aquela na falta de outra melhor.

– Não surpreende que esteja. Vou dormir em outro lugar, para você poder descansar.

Fiz um movimento para afastar as cobertas e me levantar, mas ele me impediu, erguendo um pouco uma das mãos.

– Não. Não, não me deixe.

Ele se recostou e tentou levantar a cabeça do travesseiro. Fiquei ainda mais inquieta quando percebi que ele estava fraco demais para se virar sozinho.

– Não vou deixá-lo. Talvez seja melhor eu dormir na cadeira. Não quero...

– Estou com frio – disse ele, baixinho. – Estou com muito frio.

Pressionei os dedos de leve logo abaixo de seu esterno, procurando o forte pulso abdominal. Seu coração batia depressa, mais superficial do que deveria. Ele não estava febril. Não estava apenas sentindo frio, *estava* frio ao toque, a pele e os dedos gelados. Achei isso alarmante.

Já sem timidez, aconcheguei o corpo bem junto ao dele, meus seios amassados contra suas costas, o rosto pousado em sua escápula. Concentrei-me o máximo que pude em gerar calor corporal, tentando irradiar calor da minha pele para a pele dele. Tantas vezes ele havia me envolvido na curva de seu corpo, protegendo-me, dando-me calor. Desejei ardentemente ser maior para poder fazer a mesma coisa por ele agora; na verdade, eu não podia fazer mais do que me agarrar a ele como um emplastro de mostarda, pequeno e forte, torcendo para que o efeito fosse o mesmo.

Com cuidado, encontrei a barra de sua camisa e a puxei para cima, pousando minhas mãos nas curvas de suas nádegas. Elas se enrijeceram ligeiramente com a surpresa, depois relaxaram.

Fiquei me perguntando por que eu achava que devia tocá-lo, mas não ocupei minha mente com isso; já tivera essa sensação muitas vezes antes e

havia muito deixara de me preocupar com o fato de não ser algo científico.

Senti a textura ligeiramente áspera da erupção cutânea e pensei inadvertidamente na lâmia. Uma criatura escorregadia e fria ao toque, que mudava de forma, era peçonhenta e infecciosa por natureza. Uma rápida mordida e o veneno da serpente se espalhava, fazendo o coração bater mais lento, fazendo o sangue quente gelar. Eu podia imaginar pequenas escamas surgindo sob sua pele no escuro.

Afastei o pensamento à força, mas não o tremor que veio com ele.

– Claire – disse ele baixinho. – Toque-me.

Eu não conseguia ouvir seus batimentos cardíacos. Ouvia os meus; um som forte, abafado, no ouvido pressionado contra o travesseiro.

Deslizei a mão pela curva de sua barriga e a descii lentamente; os dedos foram afastando os pelos grossos e emaranhados, mergulhando mais fundo para tocar suas formas arredondadas. O pouco calor que ele tinha estava ali.

Acariciei-o com o polegar e o senti estremecer. Ele suspirou longamente, e seu corpo pareceu ficar mais pesado, afundando no colchão conforme ele relaxava. Sua carne era como cera de vela em minha mão, lisa e macia conforme se aquecia.

Eu me sentia estranha; não mais assustada, mas com todos os sentidos aguçados ao mesmo tempo de modo sobrenatural e, no entanto... em paz. Não ouvia mais nenhum som, a não ser a respiração de Jamie e as batidas de seu coração; a escuridão estava tomada por eles. Eu pensava, parecia agir puramente por instinto, acariciando-o mais fundo e mais para baixo, procurando o centro do calor no âmago de seu ser.

Logo eu estava me movendo – ou estávamos nos movendo juntos. Minha mão deslizou entre nós, entre as pernas dele, as pontas dos meus dedos tocando o ponto bem atrás de seus testículos. Minha outra mão estendeu-se por cima, ao redor, movendo-se no mesmo ritmo em que flexionava minhas coxas e erguia meus quadris, empurrando-me contra ele por trás.

Eu poderia continuar fazendo aquele movimento para sempre, e foi como se tivesse feito isso. Não percebi o tempo passar, sentia apenas uma paz sonolenta e o ritmo lento e constante conforme nos movíamos juntos no

escuro. Em algum lugar, em algum momento, senti uma pulsação constante, primeiro em uma das mãos, em seguida, nas duas, fundindo-se às batidas do seu coração.

Ele suspirou, longa e profundamente, e eu senti o ar sair de meus pulmões. Ficamos deitados em silêncio e nos rendemos à inconsciência, juntos.

Acordei sentindo-me absolutamente tranquila. Fiquei deitada sem me mover, sem pensar, ouvindo o sangue correr por minhas veias, observando as partículas de poeira iluminadas pelo sol flutuarem na luz que entrava pelas persianas semiabertas. Então me lembrei e me virei abruptamente na cama, olhando para ele.

Seus olhos estavam fechados e sua pele tinha a cor de marfim antigo. Ele estava com a cabeça ligeiramente virada para o outro lado, de modo que os tendões de seu pescoço estavam visíveis, mas eu não percebi nenhuma pulsação nele. Ainda estava quente, ou pelo menos as roupas de cama ainda estavam. Farejei o ar, ansiosa. O quarto fedia a cebolas, mel e suor causado pela febre, mas não senti o cheiro de morte iminente.

Pousei a mão aberta no centro de seu peito, e ele se sobressaltou, assustado, e abriu os olhos.

– Seu *cretino* – falei, tão aliviada ao sentir seu peito se erguer quando ele respirou que minha voz chegou a vacilar. – Tentou morrer, não foi?

Seu peito subia e descia, subia e descia sob minha mão, e meu coração estremeceu, como se eu tivesse sido puxada de volta de um precipício no momento em que estava prestes a cair.

Ele piscou para mim com os olhos pesados, ainda embaçados pela febre.

– Não foi preciso muito esforço, Sassenach – disse ele, a voz suave e rouca de sono. – Não morrer foi bem mais difícil.

Ele não se fez de desentendido. À luz do dia, eu vi claramente o que a exaustão e os efeitos do choque haviam me impedido de ver na noite anterior. Sua insistência em dormir na própria cama. As persianas abertas, para que ele

pudesse ouvir as vozes de sua família lá embaixo e de seus arrendatários lá fora. E eu a seu lado. Ele decidira, com muito tato e sem me dizer nada, como e onde queria morrer.

– Você pensou que estava morrendo quando o trouxemos aqui para cima, não foi? – perguntei.

Minha voz parecia mais aturdida do que acusatória.

Ele levou algum tempo para responder, embora não parecesse hesitante. Parecia estar procurando as palavras certas.

– Bem, eu não sabia ao certo – disse ele, devagar. – Embora estivesse me sentindo muito mal. – Seus olhos se fecharam devagar, como se ele estivesse cansado demais para mantê-los abertos. – Ainda estou me sentindo mal – acrescentou, com a voz meio distante. – Mas não precisa se preocupar. Já fiz minha escolha.

– Que diabo quer dizer com isso?

Enfiei a mão embaixo dos cobertores e senti seu pulso. Ele *estava* quente; estava febril outra vez, na verdade, e com um pulso acelerado demais, superficial demais. Ainda assim, era muito diferente do frio mortal que eu sentira em seu corpo na noite anterior, e minha primeira reação foi de alívio.

Ele respirou fundo duas vezes, então virou a cabeça e abriu os olhos para me ver.

– Quero dizer que eu poderia ter morrido essa noite.

Poderia, sem dúvida – e no entanto não era disso que ele estava falando. Ele fazia parecer algo consciente...

– Como assim, fez sua escolha? Você escolheu não morrer, afinal?

Eu tentava soar tranquila, mas não estava dando muito certo. Eu me lembrava muito bem daquela estranha sensação de quietude atemporal que nos cercara.

– Foi muito estranho – disse ele. – E ao mesmo tempo, não tinha nada de estranho.

Ele parecia ligeiramente surpreso.

– Eu acho melhor – falei com cuidado, mantendo o polegar em seu pulso – você me contar exatamente o que aconteceu.

Ele sorriu ao ouvir isso, apesar de o sorriso ter aparecido mais em seus olhos do que em seus lábios, que estavam secos e dolorosamente rachados nos cantos. Toquei seus lábios com um dedo e tive vontade de buscar uma pomada calmante para ele, água, chá – mas deixei o impulso de lado e me forcei a ficar onde estava e ouvir.

– Não sei ao certo, Sassenach... ou melhor, eu sei, mas não sei explicar.

Ele ainda parecia muito cansado, mas seus olhos permaneceram abertos. Demoraram-se em meu rosto, um azul vívido à luz da manhã, com uma expressão quase de curiosidade, como se fosse a primeira vez que ele me via.

– Você é tão linda – disse ele, com suavidade. – Tão, tão linda, *mo chridhe*.

Minhas mãos estavam cobertas de manchas azuis desbotadas e manchas de sangue de búfalo esquecidas. Eu sentia meus cabelos emaranhados grudados no pescoço, precisando ser lavados, e o cheiro de tudo, do odor de urina rançosa do tingimento até o fedor do suor que o medo fizera brotar em meu corpo. No entanto, o que ele via iluminava seu rosto como se estivesse olhando para a lua cheia em uma noite de verão, pura e encantadora.

Seus olhos permaneceram fixos em meu rosto enquanto ele falava, absorto, movendo-se ligeiramente enquanto percorriam meus traços.

– Eu estava me sentindo muito mal quando Arch e Roger Mac me trouxeram para cá – disse ele. – Terrivelmente mal, e minha perna e minha cabeça latejavam a cada batida do coração, tanto que comecei a temer a batida seguinte. Então, comecei a prestar atenção aos espaços entre as batidas. Ninguém pensa nisso – continuou ele, parecendo um tanto surpreso –, mas um bom tempo se passa entre as batidas do coração.

Começou a desejar, disse ele, naqueles intervalos, que a batida seguinte não viesse. E aos poucos percebeu que seu coração estava mesmo desacelerando – e que a dor ficava distante, separada dele.

Sua pele ficou fria, a febre cedendo tanto no corpo quanto na mente, deixando-a estranhamente lúcida.

– E é esse ponto que eu realmente não sei explicar, Sassenach. – Afastou o pulso da minha mão diante da intensidade do relato e curvou os dedos sobre

os meus. – Mas eu... vi.

– Viu o quê?

E, no entanto, eu já sabia que ele não poderia me dizer. Como qualquer médico, eu já tinha visto pessoas doentes decididas a morrer – e conhecia aquela expressão: olhos arregalados, fixos em *alguma coisa* ao longe.

Ele hesitou, esforçando-se para encontrar as palavras. Pensei em algo e me apressei em tentar ajudar.

– Conheci uma senhora idosa – falei. – Ela morreu no hospital onde eu trabalhava. Todos os filhos adultos estavam com ela, foi uma morte muito serena.

Olhei para baixo, meus olhos fixos em seus dedos, ainda vermelhos e ligeiramente inchados, entrelaçados aos meus dedos manchados de tinta e sangue.

– Ela morreu, ela estava *morta*, vi que ela não tinha pulso e não respirava mais. Todos os filhos estavam à beira da cama, chorando. E então, de repente, seus olhos se abriram. Ela não olhava para nenhum deles, mas estava vendo *alguma coisa*. E disse, com toda a clareza: “Oooh!” Bem assim, radiante, como uma menina que acaba de ver algo maravilhoso. Em seguida fechou os olhos de novo. – Olhei para ele, piscando para conter as lágrimas. – Foi... assim?

Ele assentiu, sem dizer nada, e apertou minha mão.

– Algo assim – disse, delicadamente.

Ele se sentira estranhamente suspenso, em um lugar que não conseguia descrever de modo algum, sentindo-se em paz – e vendo com muita clareza.

– Era como se houvesse... não era exatamente uma porta, mas um tipo de passagem... à minha frente. E eu podia atravessá-la, se quisesse. E eu de fato queria – disse ele, olhando para mim de soslaio, com um sorriso tímido.

Ele também sabia o que estava deixando para trás e compreendeu que, naquele momento, poderia escolher. Ir em frente – ou voltar.

– Foi quando você me pediu para tocá-lo?

– Eu sabia que você era a única coisa capaz de me trazer de volta – disse ele, simplesmente. – Sozinho, eu não tinha forças.

Senti um bolo na garganta. Não conseguia falar, mas apertei sua mão com força.

– Por quê? – perguntei por fim. – Por que você... escolheu ficar?

Minha garganta ainda estava apertada, e minha voz soava rouca. Ele ouviu e apertou minha mão. Não chegava perto da força que sua mão tinha normalmente, mas a memória dessa força estava ali.

– Porque você precisa de mim – disse ele baixinho.

– Não porque você me ama?

Ele olhou para mim, esboçando um sorriso.

– Sassenach... eu a amo agora e sempre vou amá-la. Se eu estiver morto, se você estiver morta, se estivermos juntos ou separados. Você sabe que é verdade – disse ele baixinho e tocou meu rosto. – Eu sei disso a seu respeito, e você sabe disso a meu respeito.

Ele inclinou a cabeça, os cabelos brilhantes deslizando por seu rosto.

– Não me refiro só a você, Sassenach. Ainda tenho trabalho a fazer. Pensei, por um instante, que talvez não fosse o caso; que vocês todos dariam um jeito, com Roger Mac e o velho Arch, Joseph e os Beardsleys. Mas a guerra se aproxima e, pelos meus pecados... – fez uma careta discreta –, eu sou um comandante.

Balançou a cabeça de leve, resignado.

– Deus me fez quem eu sou. Ele me deu o dever... e eu tenho que cumpri-lo, a qualquer custo.

– O custo – repeti, inquieta, ao perceber algo mais duro do que resignação em sua voz. Ele olhou para mim, depois olhou de modo quase descontraído, na direção do pé da cama.

– Minha perna não está pior – disse ele, casualmente –, mas não está melhorando. Acho que você vai ter que amputá-la.

Fiquei sentada em meu consultório, olhando pela janela, tentando pensar em uma saída. Tinha que haver alguma coisa que eu pudesse fazer. Tinha que haver.

Ele tinha razão; os veios vermelhos continuavam lá. Não haviam piorado, mas continuavam lá, feios e ameaçadores. A penicilina oral e tópica claramente tivera algum efeito sobre a infecção, mas não o bastante. As larvas estavam lidando muito bem com os pequenos abscessos, mas não podiam fazer nada a respeito da bacteriemia que envenenava o sangue dele.

Olhei para a garrafa de vidro marrom; apenas um terço cheia. Isso podia ajudá-lo a controlar a infecção por mais algum tempo, mas não havia o suficiente – e era improvável que tivesse o efeito necessário quando administrado via oral – para erradicar a bactéria mortal que se multiplicava em seu sangue.

– Dez mil para dez milhões de miligramas – murmurei.

A dosagem de penicilina recomendada para bacteriemia ou sepse, segundo o *Manual Merck*, a referência básica do médico. Olhei para o caderno de anotações de Daniel Rawlings, em seguida para a garrafa. Sem saber qual era a concentração de penicilina que eu tinha, a administração provavelmente ainda era mais eficaz do que a combinação de serpentária e alho recomendada por Rawlings – mas eu temia que não fosse o suficiente para resolver o problema.

A serra de amputação ainda estava sobre a bancada onde ele a deixara na noite anterior. Eu lhe dera a minha palavra – e ele a devolvera.

Cerrei os punhos, tomada por uma gigantesca sensação de frustração, quase tão forte quanto o desespero que tomava conta de mim. Por que, por que, *por que* eu não tinha começado a preparar mais penicilina imediatamente? Como pude ser tão descuidada, relaxada... tão *imbecil*?

Por que eu não havia insistido em ir a Charleston, ou a Wilmington, pelo menos, na esperança de encontrar um vidraceiro que pudesse fazer um tubo e o êmbolo para uma seringa hipodérmica? Certamente eu poderia ter improvisado *alguma coisa* para usar como agulha. Toda aquela dificuldade, todas as tentativas de obter a substância preciosa... e naquele momento, quando eu precisava dela desesperadamente...

Um movimento perto da porta aberta me fez virar, e tentei manter minha expressão sob controle. Eu teria que dizer a todos da casa o que estava

acontecendo, e logo. Mas deveria escolher o melhor momento e contar a todos de uma só vez.

Era um dos Beardsleys. Com os cabelos mais compridos e cuidadosamente aparados no mesmo comprimento por Lizzie, era cada vez mais difícil distinguir um do outro – a menos que estivessem perto o bastante para que eu pudesse ver seus polegares. Quando começavam a falar, no entanto, era fácil identificá-los.

– Senhora?

Era Kezzie.

– Sim?

Sem dúvida, minha resposta foi seca, mas não importava. Kezzie não conseguia distinguir nuances da fala.

Trazia uma sacola de pano. Quando entrou na sala, vi a sacola se mexer e mudar de forma, e um arrepio de nojo percorreu meu corpo. Ele percebeu e esboçou um sorriso.

– É para o senhor – disse ele, com a voz alta, ligeiramente calma, erguendo a sacola. – Ele, o velho Aaron, disse que isso funciona muito bem. Quando for picado por uma cobra, pegue uma faca, corte sua cabeça e beba seu sangue.

Ele estendeu a sacola para mim e eu a peguei com cautela, mantendo-a o mais longe possível de meu corpo. O conteúdo da sacola se mexeu outra vez, fazendo minha pele se arrepiar. Então ouvi um leve sibilo através do tecido.

– Obrigada – eu disse, com a voz fraca. – Eu... hum... vou fazer alguma coisa com isso. Obrigada.

Keziah abriu um sorriso radiante e, fazendo uma reverência, saiu e deixou sob meus cuidados a sacola dentro da qual parecia haver uma cascavel pequena, mas muito irritada. Procurei um lugar onde pudesse colocá-la. Não ousava atirá-la pela janela; Jemmy costumava brincar no quintal perto da casa.

Por fim, arrastei o jarro grande de vidro incolor cheio de sal até a borda da bancada e, segurando a sacola com o braço esticado, usei a outra mão para virar o sal sobre a bancada. Enfiei a sacola dentro do vidro e fechei a tampa.

Depois disso, corri para o outro lado do cômodo e me sentei em um banco, com a parte de trás dos joelhos molhada de suor.

Em tese, eu não me incomodava muito com cobras, mas na prática...

Brianna espiou dentro do consultório.

– Mamãe? Como está o papai esta manhã?

– Não muito bem.

Meu rosto evidentemente demonstrou a gravidade da situação, porque ela entrou e ficou parada ao meu lado, franzindo o cenho.

– É muito grave? – perguntou, baixinho, e eu balancei a cabeça assentindo, incapaz de falar. Ela expirou em um suspiro profundo. – Posso ajudar?

Soltei um suspiro idêntico e fiz um gesto de impotência. Eu tinha uma vaga ideia – ou melhor, o retorno de uma ideia que estava no fundo de minha mente havia algum tempo.

– A única coisa que consigo pensar em fazer é abrir a perna, cortar bem fundo no músculo, e despejar o resto da penicilina que ainda tenho diretamente nas feridas. É muito mais eficaz contra infecções bacterianas injetar a penicilina, em vez de administrá-la por via oral. A penicilina bruta, como essa, é altamente instável na presença de ácido. É improvável que fizesse efeito depois de passar pelo estômago.

– Foi mais ou menos o que a tia Jenny fez, não foi? O que deixou aquela cicatriz enorme na coxa dele.

Assenti, enxugando as palmas das mãos nos joelhos discretamente. Minhas mãos não costumavam suar em profusão, mas a sensação da serra de amputação estava muito clara em minha lembrança.

– Eu teria que fazer dois ou três cortes profundos. Provavelmente, ele ficará aleijado para sempre... mas pode funcionar. – Tentei abrir um sorriso. – Você por acaso não aprendeu a fabricar uma seringa hipodérmica no MIT, aprendeu?

– Por que não perguntou isso antes? – disse ela calmamente. – Não sei se consigo fazer uma seringa, mas duvido que não consiga improvisar alguma coisa parecida. Quanto tempo temos?

Olhei para ela, boquiaberta, e fechei a boca com um estalo.

– Algumas horas, pelo menos. Pensei que se os emplastros quentes não fizessem efeito, eu teria que cortar ou amputar até a noite.

– Amputar! – Ela empalideceu na hora. – Não pode fazer isso!

– Posso... mas, por Deus, não quero fazer!

Minhas mãos se fecharam com força, negando sua habilidade.

– Deixe-me pensar, então. – Seu rosto ainda estava pálido, mas o choque estava passando conforme sua mente começava a se concentrar. – Ah... Cadê a sra. Bug? Eu ia deixar Jemmy com ela, mas...

– Ela desapareceu? Tem certeza de que não está no galinheiro?

– Não, passei por lá enquanto vinha para cá. Não a vi em lugar nenhum, e o fogo da cozinha está apagado.

Isso era muito estranho; a sra. Bug tinha vindo até nossa casa, como fazia todos os dias, para fazer o café da manhã. O que poderia ter feito com que ela saísse de novo? Torci para que Arch não tivesse adoecido de repente; seria o cúmulo do azar.

– Então, cadê o Jemmy? – perguntei, procurando por ele ao redor.

Ele não costumava se afastar muito da mãe, embora estivesse começando a se aventurar um pouco, como é comum que as crianças façam.

– Lizzie o levou para cima, para ver o papai. Vou pedir para ela tomar conta dele por um tempo.

– Está bem. Ah!

Minha exclamação fez com que ela desse as costas para a porta, confusa, erguendo as sobrancelhas.

– Acha que pode levar isso – apontei o grande jarro de vidro com nojo – lá para fora, querida? Pode livrar-se disso em algum lugar?

– Claro. O que é?

Curiosa, ela foi até o jarro. A pequena cascavel havia saído da sacola e estava enrolada em um nó escuro; quando Brianna estendeu a mão na direção do jarro, a cobra deu um bote, batendo no vidro, e Brianna deu um salto para trás com um grito.

– *Jesus!* – exclamou, e eu ri, apesar do estresse e da tensão geral.

– Onde arrumou isso, e para quê? – perguntou ela.

Recuperando-se do choque inicial, inclinou-se para a frente com cuidado e bateu de leve no vidro. A cobra, totalmente irritada, bateu na lateral do jarro com um baque surdo, e Brianna afastou a mão outra vez.

– Foi Kezzie quem a trouxe. Segundo ele, Jamie deveria beber o sangue da cobra para se curar – expliquei.

Ela estendeu o dedo indicador e acompanhou o caminho de uma pequena gota de líquido amarelo que escorria pelo vidro. Duas gotas, na realidade.

– Veja só! Ela tentou me morder através do vidro! É uma cobra muito raivosa! Acho que não gostou muito da ideia.

Era verdade. A cobra se enrolou de novo, o pequeno chocalho vibrando, em uma demonstração de completa animosidade.

– Tudo bem – falei, parando ao lado dela. – Tenho certeza de que Jamie também não ia gostar muito da ideia. No momento, ele está com total aversão a cobras.

– Humm. – Ela ainda estava olhando para a pequena cobra, franzindo as grossas sobrancelhas ruivas. – Kezzie disse onde a pegou?

– Não perguntei. Por quê?

– Está esfriando... as cobras hibernam, não hibernam? Em cavernas?

– Bem, o dr. Brickell diz que sim – respondi, sem ter muita certeza.

A História Natural da Carolina do Norte, escrita pelo bom médico, era uma leitura interessante, mas eu duvidava de algumas de suas observações, particularmente as que diziam respeito a cobras e crocodilos, pois ele parecia ter uma opinião meio exagerada acerca das proezas desses animais.

Ela assentiu, sem desviar os olhos da cobra.

– Veja bem, a questão é – disse ela, parecendo meio sonhadora –, as cobras venenosas têm uma bela engenharia. As mandíbulas são desarticuladas, para poderem engolir animais maiores do que elas, e as presas se retraem em direção ao céu da boca, quando não as estão usando.

– É mesmo? – perguntei, com um olhar ligeiramente desconfiado, que ela ignorou.

– As presas são ocas – explicou ela, tocando o vidro com a ponta de um

dedo, marcando o ponto onde o veneno havia ensopado o pano de linho, deixando uma pequena mancha amarelada. – Estão ligadas a uma bolsa de veneno na bochecha da cobra, de forma que, quando ela morde, os músculos da bochecha espremem o veneno para fora do saco... e ele sai pela presa, adentrando o corpo da presa. Como uma...

– Deus do Céu! – exclamei.

Ela assentiu, desviando os olhos da cobra e olhando para mim.

– Eu estava pensando em tentar fazer alguma coisa com uma pena de escrever afiada, mas isso funcionaria muito melhor; foi feita para essa função.

– Compreendo – eu disse, sentindo uma pequena onda de esperança. – Mas você vai precisar de um tipo de reservatório...

– Primeiro, preciso de uma cobra maior – disse ela com praticidade, virando-se para a porta. – Vou procurar Jo ou Kezzie para saber se essa veio *mesmo* de uma caverna. E, se veio, quero saber se há mais delas lá.

Ela partiu no mesmo instante para cumprir a missão, levando o jarro de vidro consigo, e eu voltei a pensar na questão do antibiótico com esperança renovada. Para que eu pudesse injetar a solução, ela teria que ser filtrada e purificada ao máximo.

Eu gostaria de poder fervê-la, mas não ousava fazer isso; não sabia se altas temperaturas poderiam destruir ou inutilizar a penicilina bruta – se é que ainda havia penicilina ali. A onda de esperança que eu havia sentido ao ouvir a ideia de Brianna perdeu a força. Ter um aparato hipodérmico não ajudaria se eu não tivesse nada útil para injetar.

Agitada, eu andava pelo consultório, pegando objetos e colocando-os de volta no lugar.

Tomando coragem, coloquei a mão na serra outra vez e fechei os olhos, forçando-me a relembrar os movimentos e as sensações, tentando captar novamente a sensação de distanciamento sobrenatural com que havia matado o búfalo.

É claro que era Jamie quem andara se comunicando com o sobrenatural dessa vez. *Foi bondade sua ter dado escolha a ele*, pensei com sarcasmo. *Mas estou vendo que você não vai facilitar as coisas para ele, no entanto.*

Mas ele não pediria isso. Abri os olhos, sobressaltada. Eu não sabia se a resposta tinha vindo do meu subconsciente ou de algum outro lugar – mas lá estava ela em minha mente, e eu reconheci sua verdade.

Jamie estava acostumado a fazer suas escolhas e ater-se a elas, custasse o que custasse. Ele viu que viver provavelmente significaria a perda da perna e tudo o mais que isso implicava – e aceitara isso como o preço natural de sua decisão.

– Bem, pois eu não aceito! – falei em voz alta, com o queixo erguido na direção da janela.

Um pássaro pousado na ponta do galho de uma árvore me lançou um olhar penetrante através da máscara preta em volta de seus olhos, concluiu que eu era louca, mas inofensiva, e voltou a cuidar de seus afazeres.

Abri a porta do armário, ergui a tampa da caixa de remédios depressa e peguei uma folha de papel, pena de escrever e tinta do escritório de Jamie.

Um recipiente cheio de frutinhas vermelhas de gualtéria secas. Extrato de pírola. Casca de olmeiro liso. Casca de salgueiro, casca de cerejeira, aquileia, poejo. A penicilina era o mais eficaz dos antibióticos disponíveis, mas não era o único. As pessoas vinham travando uma guerra contra os germes havia milhares de anos, sem nenhuma noção do que estavam combatendo. Eu sabia, o que já era uma pequena vantagem.

Comecei a fazer uma lista das ervas que tinha à mão e, embaixo de cada nome, escrevi todos os usos que conhecia para a erva – quer já tivesse feito uso dela, quer não. Qualquer erva usada para tratar um problema séptico era uma possibilidade – limpar lacerações, tratar problemas bucais, diarreia, disenteria... Ouvi passos na cozinha e chamei a sra. Bug, a fim de pedir que ela me trouxesse uma chaleira com água fervente para que eu pudesse começar as infusões naquele mesmo instante.

Ela apareceu à porta, o rosto corado por causa do frio e os cabelos escapando do lenço em mechas despenteadas, um cesto grande nos braços. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se aproximou e colocou o cesto na bancada à minha frente. Logo atrás, veio o marido, com outro cesto e um pequeno barril aberto de onde saía um forte cheiro de álcool. O ar ao

redor deles tinha um leve cheiro adocicado, como o odor distante de um depósito de lixo.

– Eu ouvi a senhora dizer que não tinha mofo suficiente à mão – começou ela, ansiosa e com os olhos brilhando –, então disse para o Arch que tínhamos que dar uma passada pelas casas vizinhas e ver o que poderíamos conseguir para a sra. Fraser, afinal de contas, o pão realmente estraga muito rápido quando está úmido, e só Deus sabe como a sra. Chisholm é relaxada, apesar de eu ter certeza de que ela tem um bom coração, e não importa o que aconteça em sua casa, tenho certeza de que não gostaria nem de *pensar*, mas nós...

Eu não estava prestando atenção, porque olhava fixamente para o resultado da incursão dos Bugs nas despensas e nos restos de comida da Cordilheira dos Frasers. Crostas de pão, biscoito estragado, abóbora meio apodrecida, pedaços de torta com as marcas de dentes ainda visíveis na massa... uma mistura de restos pegajosos e em decomposição – tudo exibindo manchas de mofo aveludadas, azuis e verde-musgo, entremeadas com manchas parecidas com verrugas, rosadas e amarelas, e uma fina camada branca e poeirenta. O barril estava até a metade com milho em decomposição, o líquido turvo resultante coberto de ilhas flutuantes de mofo azul.

– Os porcos de Evan Lindsay – explicou o sr. Bug, em um raro acesso de loquacidade.

Os dois Bugs sorriram para mim, imundos depois de cumprir sua missão.

– Obrigada – falei, sentindo-me sufocar, e não só por causa do cheiro. Pisquei, os olhos lacrimejando ligeiramente por causa das emanções do álcool de milho. – Ah, muito obrigada.

Tinha acabado de escurecer quando subi, carregando minha bandeja de poções e implementos, sentindo um misto de ansiedade e temor.

Jamie estava recostado nos travesseiros, cercado de visitas. As pessoas tinham chegado para vê-lo durante todo o dia e desejar melhoras. Muitos simplesmente ficaram, e uma multidão de rostos ansiosos se virou para mim

quando entrei, iluminados pela luz das velas.

Ele parecia muito doente, corado e abatido, e me perguntei se deveria ter mandado as visitas embora. Mas vi Murdo Lindsay pegar sua mão e apertá-la com força, e compreendi que a distração e o apoio de seus homens ao longo do dia provavelmente foram muito mais benéficos para ele do que todo o resto, que ele não teria aceitado de qualquer maneira.

– Bem, então – disse Jamie, fingindo descontração –, acho que estamos prontos.

Ele esticou as pernas, flexionando os dedos dos pés com força embaixo do cobertor. Levando em conta o estado de sua perna, devia estar doendo terrivelmente, mas compreendi que ele estava aproveitando o que achava que seria a última oportunidade de mover aquela perna, e mordeu o lábio.

– Bem, estamos prontos para tentar – falei, sorrindo para ele, tentando transmitir confiança e calma. – E quem quiser rezar para que dê certo, pode começar.

Um rumor de surpresa substituiu o ar de temor que surgira com a minha chegada, e eu vi Marsali, que segurava Joan, adormecida, com uma das mãos, procurar o rosário dentro do bolso com a outra.

Apressaram-se em desocupar a mesinha de cabeceira, que estava cheia de livros, papéis, tocos de velas, várias guloseimas trazidas para abrir o apetite de Jamie – todas intocadas – e, por alguma razão inimaginável, a escala de um dulcimer e a pele parcialmente curtida de uma marmota. Pousei a bandeja na mesinha e Brianna, que subira comigo, deu um passo à frente, segurando sua invenção cuidadosamente com ambas as mãos, como um coroinha oferecendo a hóstia ao padre.

– O que é isso, em nome de Deus?

Jamie franziu o cenho para o objeto, depois para mim.

– É uma espécie de cobra cascavel caseira – explicou Brianna.

Todos murmuraram com interesse, esticando o pescoço para ver melhor – embora o interesse tenha sido imediatamente desviado quando afastei o cobertor e comecei a desenfaixar a perna de Jamie, provocando um coro de sussurros chocados e exclamações de compaixão diante da visão do

ferimento.

Lizzie e Marsali tinham passado o dia todo aplicando emplastros de cebolas e de sementes de linho frescos e quentes, e o vapor subiu das ataduras quando eu as afastei. A perna dele estava bem vermelha até o joelho, pelo menos nas partes que não estavam escuras nem exsudando pus. Nós havíamos removido as larvas temporariamente, com medo de que o calor as matasse. Naquele momento, elas estavam no andar de baixo, em um prato no meu consultório, ocupando-se dos restos mais repugnantes oferecidos pelos Bugs. Se eu conseguisse salvar a perna, elas poderiam ajudar com a limpeza depois.

Eu havia vasculhado os detritos cuidadosamente, examinando o mofo azul com meu microscópio e separando tudo o que pudesse ter *Penicillium* em uma tigela grande. Sobre essa mistura, despejei o líquido fermentado de milho, deixando que tudo ficasse em infusão durante o dia – e, com sorte, dissolvesse qualquer penicilina bruta do lixo no líquido alcoólico.

Enquanto isso, fizera uma seleção das ervas conhecidas para o tratamento interno de estados supurativos e fiz uma mistura forte com elas, que ficaram em infusão em água fervente por várias horas. Despejei a solução aromática em uma xícara e a entreguei a Roger, afastando o nariz.

– Faça com que ele beba isso – falei. – Tudo – acrescentei de modo incisivo, fixando um olhar feroz em Jamie.

Jamie cheirou a xícara e me devolveu o olhar feroz – mas bebericou com obediência, fazendo caretas exageradas, com as quais a plateia se divertiu, sem conter as risadinhas. Com o ambiente mais leve, concentrei minha atenção no passo mais importante e me virei para pegar a seringa improvisada das mãos de Bree.

Os gêmeos Beardsleys, lado a lado no canto do quarto, se aproximaram para ver, inflados de orgulho. Eles saíram de imediato ao ouvir o pedido de Bree e voltaram no meio da tarde com uma grande cascavel, de quase 1 metro de comprimento – e felizmente morta, praticamente cortada ao meio com um machado para que sua preciosa cabeça fosse preservada.

Dissequei as bolsas de veneno com muito cuidado, separei as presas e

coloquei a sra. Bug para lavá-las com álcool diversas vezes, a fim de remover quaisquer vestígios de veneno. Bree pegou a seda oleada que tinha sido usada para embrulhar o astrolábio e costurou uma parte dela, formando um pequeno tubo, selando uma das extremidades com um ponto de puxar, como uma bolsa fechada com um cordão. Cortara um grosso pedaço de uma pena de asa de peru, amolecida com água quente, e o usou para ligar a ponta fechada do tubo de seda à presa. Cera de abelha derretida selara os encaixes do tubo, da pena e da presa, e fora espalhada com cuidado, ao longo da costura, para evitar vazamentos. Era um belo trabalho, meticulosamente executado, mas *de fato* parecia uma cobra gorda e pequena, com uma enorme presa curva, que produziu diversos comentários entre os espectadores.

Murdo Lindsay ainda segurava uma das mãos de Jamie. Quando fiz um gesto para que Fergus segurasse a vela para mim, vi Jamie estender a outra mão para Roger, que por um momento pareceu surpreso, mas segurou-a e ajoelhou-se junto à cama, apertando-a com força.

Passei os dedos de leve pela perna, escolhi um bom lugar sem veias importantes, limpei-o com álcool puro e inseri a presa o mais fundo que consegui. A plateia arquejou e Jamie puxou o ar com força, mas não se mexeu.

– Certo.

Assenti para Brianna, que estava ao lado, com a garrafa de álcool de milho coado. Com os dentes mordendo o lábio inferior, ela despejou o líquido cuidadosamente, enchendo o tubo de seda enquanto eu o segurava. Fechei a extremidade do tubo com uma dobra e, com o polegar e o indicador, pressionei com firmeza para baixo, forçando o líquido a sair pela presa e penetrar nos tecidos da perna.

Jamie emitiu um ruído baixo, sem fôlego, e tanto Murdo quanto Roger se inclinaram para a frente instintivamente, pressionando os ombros contra os de Jamie, segurando firme.

Eu não me atrevia a trabalhar depressa, por medo de romper a cera que selava as aberturas ao exercer demasiada pressão, apesar de termos uma segunda seringa, feita com a outra presa, por garantia. Subi e desci pela

perna, com Bree enchendo novamente a seringa a cada injeção, o sangue brotando, brilhante, dos orifícios quando eu retirava a presa, escorrendo em filetes pelas laterais da perna. Sem que lhe pedissem, Lizzie pegou um pano e os enxugou, concentrada no trabalho.

O quarto ficou em silêncio, mas percebi que todos prendiam a respiração quando eu escolhia um novo ponto, soltavam um suspiro durante a aplicação... e se inclinavam, sem perceber, em direção à cama quando eu injetava o líquido nos tecidos infectados. Os músculos nos braços de Jamie se contraíam, e o suor escorria por seu rosto como chuva, mas nem ele, nem Murdo nem Roger emitiram qualquer som nem se mexeram.

Pelo canto do olho, vi Joseph Wemyss afastar os cabelos da testa de Jamie e secar o suor de seu rosto e de seu pescoço com uma toalha.

“Porque você precisa de mim”, dissera ele. E percebi que não era apenas a mim que se referia.

Não demorou muito. Quando terminei, espalhei mel sobre todos os ferimentos abertos e esfreguei óleo de gualtéria na pele do pé e da perna.

– Que belo trabalho de temperar carne, Sassenach. Acha que já está pronta para ir ao forno? – perguntou Jamie, mexendo os dedos dos pés e fazendo a tensão diminuir com as risadas.

Todos foram embora, dando tapinhas no ombro de Jamie ou beijando seu rosto para se despedir, desejando boa sorte. Ele sorria e assentia, acenando em despedida e fazendo piadinhas.

Quando o último deles saiu e fechou a porta, ele se recostou no travesseiro e fechou os olhos, soltando o ar em um longo e profundo suspiro. Comecei a arrumar minha bandeja, colocando a seringa de molho no álcool, fechando frascos, dobrando ataduras. Depois, sentei-me ao seu lado e ele estendeu a mão para mim, sem abrir os olhos.

Sua pele estava quente e seca, a mão vermelha por causa do forte aperto de Murdo. Passei o polegar de leve pelos nós de seus dedos, ouvindo os ruídos e a agitação da casa no andar de baixo, abafados mas cheios de vida.

– Vai funcionar – falei baixinho, após um minuto. – Sei que vai.

– Eu sei – disse ele.

Ele respirou fundo e, finalmente, começou a chorar.

SANGUE NOVO

Roger acordou repentinamente de um sono profundo e sem sonhos. Sentiu-se como um peixe fora d'água, ofegante, em um ambiente estranho e desconhecido. Enxergava, mas não entendia o que se passava ao redor; luz estranha e rostos achatados. Então sua mente reconheceu o toque de Brianna em seu braço, e ele voltou a seu corpo, a sua cama.

– Hã?

Sentou-se depressa, rouco e confuso.

– Acordei você, me desculpe.

Brianna sorriu, mas franziu as sobrancelhas enquanto observava o rosto dele. Afastou os cabelos desgrenhados de sua testa, e ele estendeu os braços para ela em reflexo, deitando-se no travesseiro com a mulher em seus braços.

– Hum...

Abraçá-la era como uma âncora que o prendia à realidade – corpo firme e pele quente, os cabelos deliciosamente macios em seu rosto.

– Tudo bem? – perguntou ela, com delicadeza.

Dedos longos tocaram o peito dele, fazendo o mamilo se enrugar e os cabelos encaracolados ao redor se eriçarem.

– Tudo bem – disse ele, e soltou um suspiro profundo.

Beijou a testa dela suavemente e relaxou, piscando os olhos. Sua garganta estava seca e ele sentia a boca pegajosa, mas voltava a pensar com coerência.

– Que horas são?

Ele estava na cama e estava escuro o suficiente dentro do chalé para ser noite, mas isso era porque a porta estava fechada e as janelas, cerradas. Havia

algo estranho na luz e no ar.

Ela saiu de cima dele, jogando para trás a cabeleira ruiva com uma das mãos.

– Já passa um pouco do meio-dia. Não queria acordá-lo, mas há um homem lá fora e eu não sei o que fazer.

Ela olhou na direção da casa-grande e baixou a voz, ainda que não houvesse ninguém perto o bastante para ouvi-la.

– Meu pai está dormindo profundamente, minha mãe também – disse ela, confirmando a impressão. – Não quero acordá-los... mesmo se conseguisse. – Esboçou um sorriso, erguendo um dos cantos da boca larga ao pensar na ironia da situação do pai. – Acho que precisaria de pólvora. Eles estão completamente alheios ao mundo.

Ela se virou e pegou a jarra que estava sobre a mesa. O barulho da água caiu nos ouvidos de Roger como chuva em terra árida; ele bebeu o líquido oferecido na caneca em três goles e a devolveu a ela em seguida.

– Mais. Por favor. Homem?

Era um bom sinal. Já estava articulando palavras inteiras outra vez e sua capacidade de pensar com coerência voltava.

– Ele diz que se chama Thomas Christie. Veio ver meu pai; diz que esteve em Ardsmuir.

– É mesmo?

Roger tomou a segunda caneca mais devagar, organizando os pensamentos. Em seguida, colocou a caneca na mesa e virou-se para encostar os pés no chão, pegando a camisa que estava pendurada no gancho.

– Certo. Diga a ele que o receberei em um minuto.

Ela o beijou rapidamente e saiu, parando apenas para desamarrar o couro da janela, deixando entrar um brilhante feixe de luz e ar frio.

Roger vestiu-se devagar, ainda tomado por um agradável torpor. Ao inclinar-se para pegar as meias que estavam debaixo da cama, porém, notou algo nos lençóis embolados, bem embaixo do travesseiro. Estendeu a mão devagar e o pegou. O minúsculo amuleto da fertilidade, a antiga pedra cor-de-rosa reluzindo ao sol, surpreendentemente pesada em sua mão.

– Não acredito! – disse ele, em voz alta.

Ficou parado, olhando para o amuleto por algum tempo, então se inclinou e o colocou de volta embaixo do travesseiro com cuidado.

Brianna havia levado o visitante para o escritório de Jamie – que a maioria dos arrendatários ainda chamava de “sala de ter uma palavrinha”. Roger parou por um instante no corredor para verificar se todas as partes de seu corpo estavam presentes e no lugar. Não teve tempo de se barbear, mas penteou os cabelos; o tal de Christie não poderia esperar muito, nas atuais circunstâncias.

Três pessoas se viraram para a porta quando ele entrou, surpreendendo-o. Bree não se lembrara de avisá-lo que Christie tinha companhia. Mas o homem mais velho, um senhor de ombros retos e largos, com cabelos muito bem aparados, negros com fios grisalhos, só podia ser Thomas Christie; o mais jovem, de cabelos escuros, não tinha mais de 20 anos, e obviamente era o filho dele.

– Sr. Christie? – Ele estendeu a mão para o homem mais velho. – Sou Roger MacKenzie; sou casado com a filha de James Fraser. Acredito que o senhor tenha conhecido minha mulher.

Christie mostrou-se levemente surpreso e olhou além de Roger, como se esperasse que Jamie aparecesse atrás dele. Roger pigarreou; a voz ainda estava pastosa por causa do sono e, portanto, ainda mais rouca do que o usual.

– Receio que meu sogro não esteja... disponível no momento. Posso ajudá-lo?

Christie franziu o cenho para ele, avaliando seu potencial, então assentiu devagar. Apertou a mão de Roger e a sacudiu com firmeza. Para seu espanto, Roger sentiu algo ao mesmo tempo familiar e muito desconhecido – a pressão inconfundível contra o nó do seu dedo de um cumprimento maçônico. Há anos não experimentava isso, e foi mais motivado pelo reflexo do que pela razão que respondeu de um modo que esperava que fosse a

contrassenha. Evidentemente, foi satisfatório; a expressão severa de Christie relaxou um pouco e ele soltou sua mão.

– Talvez possa, sr. MacKenzie, talvez possa – disse Christie. Fixou o olhar penetrante em Roger. – Quero encontrar um local onde me instalar com minha família, e me disseram que o sr. Fraser talvez pudesse conseguir algo adequado para mim.

– Talvez sim – respondeu Roger com cautela.

Mas que diabo?, pensou. Será que Christie estava apenas experimentando ao acaso ou tinha razões para esperar que aquele sinal fosse reconhecido? Nesse caso, isso presumivelmente significava que ele sabia que James Fraser o reconheceria e achava que seu genro também o reconheceria. O sogro era um maçom? Essa ideia nunca havia sequer passado pela mente de Roger, e o próprio Jamie sem dúvida jamais tocara no assunto.

– Por favor, sentem-se – disse ele abruptamente, gesticulando para as visitas.

Os acompanhantes de Christie – o filho e uma moça que podia tanto ser filha de Christie quanto a mulher do filho – também haviam se levantado quando Roger entrou, permanecendo atrás do chefe da família como se fossem assessores na retaguarda de algum potentado visitante.

Um tanto embaraçado, Roger gesticulou para que eles voltassem a se sentar, e ele próprio se acomodou à escrivaninha de Jamie. Puxou uma pena da jarra azul de vidro, na esperança de parecer mais sério. Deus do céu, que perguntas deveria fazer a um candidato a arrendatário?

– Bem, sr. Christie. – Sorriu para eles, pensando no rosto não barbeado. – Minha mulher disse que o senhor conheceu meu sogro na Escócia?

– Na prisão de Ardsmuir – respondeu Christie, lançando um olhar firme a Roger, como se o desafiasse a tirar conclusões.

Roger pigarreou de novo. Apesar de curada, a garganta ainda ficava meio seca e áspera por um tempo depois de acordar. Christie, no entanto, pareceu ter entendido o ruído como um comentário desfavorável e ficou levemente indignado. Ele tinha sobrancelhas grossas e olhos proeminentes de um marrom cor de mel, e isso, somado aos cabelos escuros cortados bem curtos e

a um pescoço praticamente inexistente, davam a ele a aparência de uma grande e irascível coruja.

– Jamie Fraser também foi prisioneiro lá – disse ele. – O senhor certamente sabe disso.

– Ah, sim – disse Roger com delicadeza. – Sei que vários dos arrendatários assentados na Cordilheira dos Frasers estiveram em Ardsmuir.

– Quem? – perguntou Christie, ainda mais parecido com uma coruja.

– Ah... os Lindsays, Kenny, Murdo e Evan – disse Roger, esfregando a mão na testa para se lembrar. – Geordie Chisholm e Robert MacLeod. E acho que... sim, tenho quase certeza de que Alex MacNeill também esteve em Ardsmuir.

Christie acompanhou a relação com muita atenção, como uma coruja-de-celeiro atenta a algo se mexendo no feno. Por fim relaxou, abaixando as penas, como pensou Roger.

– Eu os conheço – disse ele, com ar de satisfação. – MacNeill pode atestar quanto a meu caráter, se for preciso.

Seu tom sugeria fortemente que não deveria ser.

Roger nunca vira Jamie entrevistar um candidato a arrendatário, mas o ouvira conversar com Claire a respeito dos que tinha escolhido. Com base nisso, fez algumas perguntas sobre o passado recente de Christie, tentando demonstrar ao mesmo tempo cortesia e uma atitude de autoridade, e acreditava que não estava se saindo muito mal.

Christie fora transportado com os outros prisioneiros, segundo ele, mas tivera a sorte de ter seu contrato de trabalho nas colônias comprado por um proprietário de terras na Carolina do Sul que, ao descobrir que Christie tinha alguma educação, o tomou como professor de seus seis filhos, cobrando uma taxa das famílias próximas pelo privilégio de enviarem os filhos para que também tivessem aulas com Christie. Quando o contrato de trabalho de Christie terminou, ele concordou em permanecer, recebendo um salário.

– É mesmo? – perguntou Roger, seu interesse em Christie cada vez mais nítido.

Um professor. Isso agradaria muito a Bree, que poderia ceder seu cargo

involuntário como o que ela chamava de forma desdenhosa de Pastorinha. E Christie parecia mais do que capaz de lidar com alunos intransigentes. – E o que o traz aqui, então, sr. Christie? Estamos um pouco longe da Carolina do Sul.

O sujeito encolheu os ombros largos. Estava desganhado por causa da viagem e bastante empoeirado, mas seu casaco era de um tecido de qualidade e ele tinha bons sapatos.

– Minha mulher faleceu – disse ele, com a voz rouca. – De gripe. Assim como o sr. Everett, o proprietário da fazenda. O herdeiro dele não apreciava meus serviços e eu não quis continuar lá sem trabalhar. – Lançou um olhar penetrante a Roger por baixo das sobrancelhas desgrenhadas. – O senhor disse que o sr. Fraser não está disponível. Quanto tempo ele vai demorar para retornar?

– Não sei dizer.

Roger bateu a ponta da pena nos dentes de leve, hesitante. Na verdade, não sabia até quando Jamie ficaria incapacitado; na noite anterior, ele nem parecia estar vivo. Ainda que se recuperasse por completo, poderia continuar mal por mais algum tempo. E ele não queria mandar Christie embora, nem fazer com que esperasse. Estavam quase no fim do ano e não havia muito tempo a perder se ele e sua família fossem se estabelecer ali para passar o inverno.

Ele olhou para Christie e para o filho. Ambos eram homens grandes e fortes, ao que parecia. Nenhum dos dois aparentava ser um bêbado ou um idiota, e ambos tinham calos nas palmas das mãos, o que revelava ao menos familiaridade com o trabalho braçal. Tinham uma mulher para cuidar de suas necessidades domésticas. E, no fim das contas, camaradagem maçônica à parte, Christie tinha sido um dos homens de Jamie em Ardsmuir. Ele sabia que o sogro sempre fazia um esforço especial para ajudá-los.

Decidindo-se, pegou uma folha de papel em branco e destampou o tinteiro. Pigarreou mais uma vez.

– Muito bem, sr. Christie. Creio que poderemos chegar a um... acordo.

Para sua agradável surpresa, a porta do escritório se abriu e Brianna

entrou com uma bandeja de biscoitos e cerveja. Ela abaixou os olhos com timidez ao pousá-la na escrivaninha, mas ele percebeu o olhar bem-humorado dela mesmo assim. Ele inclinou a cabeça, sorrindo, e tocou seu pulso de leve, como forma de agradecer, quando ela colocou as canecas à sua frente. O gesto fez com que ele se lembrasse do aperto de mão de Christie, e ele tentou imaginar se Brianna sabia algo a respeito da história de Jamie nesse sentido. Acreditava que não; ela certamente teria mencionado alguma coisa.

– Brianna, cumprimente nossos novos arrendatários – disse ele, com um meneio de cabeça para os Christies. – O sr. Thomas Christie e...

– Meu filho, Allan – disse Christie, inclinando a cabeça de modo brusco –, e minha filha, Malva.

O filho não tinha o aspecto de coruja do pai; sua pele era muito mais clara e o rosto era largo, quadrado, bem barbeado, embora tivesse os mesmos cabelos escuros e grossos. Ele acenou com a cabeça em um cumprimento silencioso, os olhos fixos no lanche que Brianna havia trazido.

A moça – Malva? – mal ergueu o olhar, mantendo os braços cruzados no colo. Roger tinha a vaga impressão de que ela era alta, talvez tivesse 17 ou 18 anos, bem asseada em um vestido azul-escuro e lenço branco nos cabelos, com uma franja macia de cachos escuros visível em torno do rosto ovalado e pálido. Outro ponto a favor de Christie, Roger pensou com distração; jovens em idade de casar eram raras, e as bonitas, mais raras ainda. Malva Christie provavelmente receberia várias propostas antes do plantio da primavera.

Bree assentiu para cada um deles, olhando para a jovem com particular interesse. Então, um grito estridente veio da cozinha e ela saiu apressada, pedindo licença em um murmúrio.

– Meu filho – disse Roger, desculpando-se. Ergueu uma caneca de cerveja, oferecendo-a. – Aceita um pequeno lanche, sr. Christie?

Todos os contratos de arrendamento eram mantidos na gaveta do lado esquerdo da escrivaninha. Ele já os vira e sabia quais eram as linhas gerais. Vinte hectares seriam concedidos de imediato e mais terra poderia ser alugada conforme a necessidade, as condições de pagamento acertadas de acordo com cada situação. Uma breve conversa enquanto tomavam cerveja e

comiam biscoitos, e chegaram ao que parecia ser um acordo adequado.

Completando o contrato com um floreio, Roger assinou seu nome, como representante de James Fraser, e deslizou o papel sobre a mesa para Christie assinar. Foi tomado por uma agradável e profunda sensação de dever cumprido. Um bom arrendatário, disposto a pagar metade da taxa pelo uso das terras atuando como professor durante cinco meses do ano. Nem mesmo Jamie teria feito melhor, pensou.

Então parou. Não, Jamie teria dado mais um passo e oferecido aos Christies não só hospitalidade, mas casa, um lugar para ficarem até que tivessem sua própria moradia. Mas não ali, não com Jamie doente e Claire cuidando dele. Pensou por um instante, então foi até a porta e chamou Lizzie.

– Temos um novo arrendatário e sua família, *a muirninn* – disse ele, sorrindo para o rosto pequeno de Lizzie, ansiosa e prestativa. – Estes são o sr. Thomas Christie, seu filho e sua filha. Pode pedir a seu pai que os leve até o chalé de Evan Lindsay? Fica perto de onde eles terão suas terras, e acho que talvez Evan e sua mulher tenham espaço para hospedá-los por um tempo, até construírem sua própria casa.

– Ah, sim, sr. Roger. – Lizzie meneou a cabeça de modo breve na direção de Christie, que respondeu com uma pequena reverência. Em seguida, ela olhou para Roger, as sobrancelhas finas erguidas. – O Senhor sabe disso, então?

Roger sentiu o rosto corar de leve, mas não demonstrou estar constrangido.

– Está tudo bem. Eu direi a ele, assim que ele estiver melhor.

– O sr. Fraser está doente? Sinto muito.

A voz suave e desconhecida veio de trás dele, surpreendendo-o. Ele se virou e viu Malva Christie com os olhos erguidos para ele. Não a havia observado com atenção, mas ficou impressionado com a beleza dos olhos dela – de um cinza-claro diferente, amendoados e luminosos, emoldurados por longos cílios escuros. Talvez antes mesmo do plantio da primavera, ele pensou, e tossiu.

– Foi mordido por uma cobra – disse ele abruptamente. – Mas não se

preocupem, ele está se recuperando.

Estendeu a mão para Christie, desta vez pronto para o aperto de mão secreto.

– Bem-vindo à Cordilheira dos Frasers – disse. – Espero que o senhor e sua família sejam felizes aqui.

Jamie estava sentado na cama, sendo cuidado por mulheres dedicadas, o que parecia deixá-lo desesperado. Seu rosto relaxou um pouco ao ver outro homem, e despachou as criadas. Lizzie, Marsali e a sra. Bug saíram com relutância, mas Claire permaneceu, ocupada com seus frascos e lâminas.

Roger caminhou até o pé da cama e se sentou, mas foi enxotado por Claire, que o direcionou com firmeza para um banco antes de erguer o lençol para ter certeza de que o gesto descuidado dele não havia causado nenhum dano.

– Tudo bem – disse ela, por fim, apalpando o curativo com ar de satisfação.

As larvas estavam de volta, trabalhando, claro. Ela se endireitou e assentiu para Roger – como o grão-vizir concedendo uma audiência com o califa de Bagdá, pensou Roger, divertindo-se. Olhou para Jamie, que revirou os olhos e lançou a Roger um sorrisinho irônico em cumprimento.

– Como estão as coisas? – ambos disseram ao mesmo tempo.

Roger sorriu e Jamie esboçou um sorriso, dando de ombros.

– Estou vivo – disse ele. – Mas isso não prova que você estava certo. Não está.

– Certo em relação a quê? – perguntou Claire, erguendo o olhar da tigela em suas mãos com curiosidade.

– Ah, uma breve discussão filosófica – disse Jamie. – Sobre escolha e destino.

Ela bufou.

– Não quero ouvir nem uma palavra sobre esse assunto.

– Nem eu. Não estou disposto a discutir esses assuntos enquanto estiver

passando a pão e leite. – Jamie olhou com certo desagrado para uma tigela da substância pastosa, mas nutritiva, que estava pela metade à mesinha a seu lado. – Deu uma olhada na ferida na perna do burro, Roger Mac?

– Eu a examinei – disse Claire. – Está cicatrizando bem. Roger estava ocupado, entrevistando novos arrendatários.

– Ah, é?

Fraser ergueu as sobrancelhas, interessado.

– Sim, um homem chamado Tom Christie e sua família. Ele disse que esteve em Ardsmuir com você.

Por uma fração de segundo, Roger teve a sensação de que o ar do quarto havia sido removido a vácuo, congelando tudo. Fraser olhou para ele, inexpressivo. Então assentiu, a expressão de agradável interesse restaurada como por mágica, e o tempo voltou ao normal.

– Sim, eu me lembro bem de Tom Christie. Onde ele esteve nos últimos vinte anos?

Roger explicou tanto o que Tom Christie havia contado a respeito de suas andanças como o acordo a que tinham chegado para o arrendamento.

– Isso é ótimo – disse Jamie com aprovação, ao ouvir sobre a disposição de Christie de ser professor. – Diga a ele que pode usar qualquer livro daqui e que faça uma lista com outros títulos de que possa precisar. Pedirei a Fergus que os procure da próxima vez que for a Cross Creek ou Wilmington.

A conversa passou a assuntos mais corriqueiros e, após alguns minutos, Roger se levantou para sair.

Tudo parecia perfeitamente bem, e, no entanto, ele se sentia estranhamente inquieto. Será que havia imaginado aquele instante? Virando-se para fechar a porta, ele viu que Jamie tinha cruzado as mãos sobre o peito e fechado os olhos; se não dormindo, impedindo qualquer conversa. Claire fitava o marido, com os olhos de águia semicerrados, especulando. Não, ela também havia percebido.

Então, não tinha sido sua imaginação. Qual seria o problema com Tom Christie?

A NOITE DE VERÃO

No dia seguinte, Roger fechou a porta ao sair e ficou parado na varanda por um momento, respirando o ar limpo e fresco da manhã – não devia ser mais do que sete e meia, mas era bem mais tarde do que ele estava acostumado a dar início a seu dia. O sol já se espalhava por entre as castanheiras nos cumes mais altos, a curva de seu disco brilhante visível em meio às últimas folhas amarelas.

O ar ainda tinha um cheiro penetrante de sangue, mas não restavam mais vestígios do búfalo além de uma mancha escura nas trepadeiras de abóbora. Ele olhou ao redor, observando tudo enquanto pensava nas tarefas do dia. As galinhas ciscavam no chão de terra, sem folhagem devido ao outono, e ele podia ouvir um pequeno grupo de porcos fuçando à procura de comida no bosque de castanheiras.

Ele tinha a estranha sensação de ter deixado seu trabalho meses, até mesmo anos antes, não dias. A sensação de deslocamento – tão forte, a princípio – já o deixara havia muito, mas agora estava de volta, mais forte do que antes. Se fechasse os olhos por um momento e em seguida os abrisse outra vez, certamente se veria na Broad Street em Oxford, sentindo o cheiro de fumaça de automóveis em suas narinas e a perspectiva de uma manhã de trabalho tranquila entre os livros empoeirados da Biblioteca Bodleiana.

Bateu a mão na coxa, para afastar a sensação. Não naquele dia. Ele estava na Cordilheira dos Frasers, não em Oxford, e o trabalho podia ser tranquilo, mas seria realizado com as mãos, não com a cabeça. Precisava anelar árvores e recolher feno; não o capim plantado, mas os tufos selvagens espalhados

pelas montanhas que forneciam uma braçada aqui, outra ali – o suficiente para manter mais uma vaca durante o inverno.

Um buraco no telhado do barracão de defumação, aberto por um galho caído de uma árvore. O telhado tinha que ser consertado e recoberto, e o galho, cortado para ser usado como lenha. Uma nova latrina precisava ser cavada antes que o solo congelasse ou virasse lama. Havia linho a ser ceifado. E mourões a serem cortados. A roda de fiar de Lizzie a ser consertada...

Ele se sentia zozzo e tolo, incapaz de fazer uma escolha simples, muito menos de formular um pensamento complexo. Dormira o bastante – mais do que o bastante – para estar fisicamente recuperado da exaustão dos últimos dias, mas a chegada de Thomas Christie e de sua família, logo após o esforço desesperado de levar Jamie para casa com vida, tinha acabado com toda a sua energia mental.

Olhou para o céu; longos filetes de nuvens se desenhavam no firmamento. Não choveria por enquanto, o telhado podia esperar. Deu de ombros e coçou o couro cabeludo. Feno, então, e o anelamento das árvores. Enfiou uma garrafa de cerveja e os sanduíches que Bree fizera para ele dentro da mochila e foi pegar a foice e a machadinha.

A caminhada começou a despertá-lo. Fazia frio nas sombras sob os pinheiros, mas o sol já estava alto o bastante para que ele o sentisse toda vez que atravessava uma área aberta. Seus músculos se aqueceram e relaxaram com o exercício, e quando chegou ao topo do primeiro dos prados altos, já tinha começado a se sentir ele mesmo outra vez, solidamente integrado ao mundo físico da montanha e da floresta. O futuro havia voltado para o mundo dos sonhos e das lembranças, e ele mais uma vez estava ancorado na realidade e senhor de seus atos.

– Que bom – murmurou para si. – Não vai querer decepar o pé.

Largou a machadinha embaixo de uma árvore e se inclinou para cortar o feno.

Não era o trabalho monótono e calmante de ceifar feno plantado, a foice grande ceifando o capim seco e farto em golpes fáceis pelo campo. Era um

trabalho mais duro e ao mesmo tempo mais fácil, que envolvia pegar uma touceira de capim alto com uma das mãos, ceifar os talos rentes à raiz e enfiar o punhado de feno selvagem no saco de pano que havia levado consigo.

Não exigia muita força, mas requeria atenção, em vez do esforço muscular automático de colher o feno plantado. As moitas de capim se espalhavam densas por toda aquela pequena clareira, mas eram entremeadas por aflorações de granito, pequenos arbustos, tocos de árvores mortas e espinheiros.

Era um trabalho relaxante e, embora exigisse um pouco de cautela, logo sua mente começou a se concentrar em outras coisas. As coisas que Jamie dissera a ele na encosta escura da montanha, sob as estrelas.

Algumas ele já sabia: que havia animosidade entre Alex MacNeill e Nelson McIver, e o motivo; que um dos filhos de Patrick Neary provavelmente era um ladrão, e o que ele deveria fazer a respeito. Que terras vender, quando e para quem. Sobre outras, ele não tinha o menor conhecimento. Contraiu os lábios com força, pensando em Stephen Bonnet.

E no que deveria ser feito a respeito de Claire.

– Se eu morrer, ela deve partir – disse Jamie, acordando de repente de um estupor febril. Ele havia agarrado o braço de Roger com uma força surpreendente, os olhos escuros ardentes. – Mande-a de volta. Faça-a ir. Vocês todos devem voltar, se a criança puder passar. Mas ela precisa partir. Faça-a ir até as pedras.

– Por quê? – perguntara Roger baixinho. – Por que ela deve ir? – Era possível que Jamie estivesse delirando de febre, que não estivesse pensando direito. – É perigoso atravessar as pedras.

– É perigoso para ela aqui, sem mim.

Os olhos de Fraser tinham perdido momentaneamente o foco; as rugas em seu rosto relaxaram de exaustão. Seus olhos se semicerraram e ele voltou a se recostar. Então, de repente, se abriram de novo.

– Ela é uma das Antigas – disse ele. – Eles a matarão, se souberem.

Então seus olhos se fecharam outra vez, e ele só falou de novo quando os outros os encontraram na manhã seguinte.

Visto agora, à luz clara de uma manhã de outono, a salvo e distante do vento uivante e das chamas oscilantes daquela noite perdida na montanha, Roger tinha quase certeza de que Fraser estivera apenas tendo alucinações por causa da febre, a preocupação com sua mulher perturbada pelos fantasmas que brotavam do veneno em seu sangue. Ainda assim, Roger não pôde deixar de notar.

“Ela é uma das Antigas.” Fraser estava falando em inglês, o que era uma pena. Se tivesse sido em gaélico, o sentido teria ficado mais claro. Se ele tivesse dito “Ela é uma *ban-sidhe*”, Roger saberia se Jamie realmente achava que sua mulher era um ser com poderes mágicos ou se era apenas uma humana sábia.

Por certo ele não poderia... mas talvez pudesse. Mesmo na época de Roger, a crença “nos Outros” corria forte, ainda que menos amplamente admitida, no sangue dos escoceses das Terras Altas. Naquele tempo? Fraser acreditava abertamente em fantasmas – sem falar em santos e anjos. Para a mente cética e presbiteriana de Roger, não havia muita diferença entre acender velas para Santa Genoveva e oferecer uma tigela de leite para as fadas.

Por outro lado, ele reconhecia com inquietação que nunca mexeria no leite destinado aos Outros, nem tocaria em um amuleto pendurado na entrada de um curral ou no lintel de uma porta – e não apenas por respeito à pessoa que o colocara lá.

O trabalho o aquecera; a camisa começava a grudar nos ombros e o suor escorria pelo pescoço. Ele fez uma pausa para beber água do cantil e amarrar uma tira de pano ao redor da cabeça para conter o suor.

Talvez Fraser tivesse razão, pensou. Ainda que a ideia de Brianna ou ele mesmo – até mesmo de Claire – serem *sìdheanach* parecesse ridícula... havia mais do que apenas essa aparência, não havia? Eles *eram* diferentes; nem todo mundo era capaz de viajar pelas pedras, muito menos o fazia de fato.

E havia outros. Geillis Duncan. O viajante desconhecido que ela mencionara a Claire. O homem cuja cabeça decepada Claire encontrara na floresta, com as obturações de platina intactas. Pensar naquele homem fez os

pelos de seus braços se arrepiarem, suados ou não.

Jamie havia enterrado a cabeça, com o devido respeito e uma breve prece, em uma colina perto da casa – o primeiro habitante da pequena clareira ensolarada destinada a ser o cemitério da Cordilheira dos Frasers. Por insistência de Claire, ele assinalara o local da pequena sepultura com um bloco bruto de granito, sem inscrição – afinal, o que haveria a dizer? –, mas marmoreado com veios verdes serpentes.

Será que Fraser estava certo? *Vocês todos devem voltar, se a criança puder passar.*

E se eles não voltassem... então um dia todos seriam enterrados na clareira ensolarada juntos: ele, Brianna, Jemmy, cada qual sob um bloco de granito. A única diferença era que em cada bloco haveria um nome. E as datas? Que diabo colocariam no lugar das datas de nascimento e morte?, pensou de repente, limpando o suor do rosto. As de Jemmy não seriam problema, mas quanto aos outros...

Havia o obstáculo, é claro – ou um deles. *Se a criança puder passar.* Se a teoria de Claire estivesse correta e a capacidade de atravessar as pedras fosse um traço genético, como a cor dos olhos ou o tipo sanguíneo – então, as chances eram de cinquenta por cento, se Jemmy fosse filho de Bonnet; de 75 por cento, ou talvez cem por cento, se ele fosse filho de Roger.

Cortou uma touceira de capim com violência, sem se dar ao trabalho de agarrá-la, e brotos voaram como estilhaços. Então se lembrou da pequena figura cor-de-rosa embaixo do travesseiro e respirou fundo. E se desse certo, se tivessem outro filho, um que fosse dele com certeza absoluta? As chances seriam de 75 por cento – ou talvez outra lápide, um dia, no cemitério da família.

O saco estava quase cheio e não havia mais feno ali que valesse a pena cortar. Pegando a machadinha, jogou o saco sobre o ombro e começou a descer a encosta, até a borda do campo de milho mais alto.

Não era mais parecido com os milharais ingleses com os quais estava acostumado do que os prados altos com um campo de feno. Antes uma área de mata virgem, as árvores ainda estavam de pé, enegrecidas e mortas em

contraste com o pálido céu azul. Elas haviam sido aneladas e deixadas para morrer, e o milho fora plantado nos espaços entre elas.

Era o método mais rápido de limpar terreno para plantações. Com as árvores mortas, mais sol passava pelos galhos sem folhas até o milho embaixo. Um, dois ou três anos mais tarde, as raízes mortas das árvores teriam apodrecido o suficiente para que pudessem derrubar os troncos, que seriam gradualmente cortados para lenha e transportados dali. Mas por enquanto elas ainda estavam de pé, um sinistro bando de espantalhos negros, abrindo os braços vazios pelo milharal.

O milho já havia sido colhido; bandos de pombos selvagens ciscavam à cata de insetos em meio aos talos secos e um grupo de codornizes voou assustado quando Roger se aproximou, espalhando-se como bolas de gude lançadas pelo chão. Um pica-pau, em segurança acima de Roger, deu um breve pio agudo de surpresa e parou de martelar para observá-lo antes de voltar para suas barulhentas escavações.

– Você devia estar satisfeito – disse ele à ave, colocando o saco no chão e tirando a machadinha da cintura. – Mais insetos para você, não é?

As árvores mortas estavam infestadas de uma miríade de insetos; vários pica-paus podiam ser encontrados em qualquer campo de árvores aneladas, com a cabeça inclinada para ouvir os ruídos subterrâneos de sua presa entocada.

– Desculpe-me – murmurou ele para a árvore que havia escolhido.

Era ridículo sentir pena de uma árvore; ainda mais naquela vastidão selvagem, onde mudas brotavam da terra descongelada com uma força primaveril capaz de rachar pedras, e as montanhas eram cobertas por uma camada tão espessa de árvores que o próprio ar tinha um tom azul esfumado por causa de suas exalações. Por isso, a emoção não duraria mais do que o tempo necessário para iniciar o trabalho. Quando chegasse à terceira árvore, já estaria suando em bicas e praguejando contra o maldito esforço.

Ainda assim, sempre encarava o trabalho com certa relutância, detestando mais o modo como era feito do que o resultado. Cortar uma árvore para obter madeira era simples; escavar uma cinta em sua casca parecia, de certo modo,

um trabalho malévolo, apesar de prático, deixar que a árvore morresse lentamente, sem conseguir levar água das raízes acima do anel de madeira exposta. Não era tão desagradável no outono, pelo menos, quando as árvores já estavam dormentes e sem folhas; devia ser como morrer durante o sono, pensou. Ou assim esperava.

Lascas de madeira fragrante passavam voando por sua cabeça conforme ele abria um sulco ao redor do enorme tronco e seguia, sem descansar, para a vítima seguinte.

Desnecessário dizer que ele tomava cuidado para que nunca ninguém o ouvisse se desculpando com uma árvore. Jamie sempre fazia uma oração para os animais que matava, mas Roger duvidava de que ele visse uma árvore como algo além de combustível, material de construção ou simplesmente uma obstrução inconveniente. O pica-pau emitiu um pio estridente no alto. Roger se virou para ver o motivo do alarme, mas relaxou ao ver a figura baixa e seca de Kenny Lindsay vindo por entre as árvores. Parecia que Lindsay estava ali com o mesmo propósito; ergueu seu facão em uma saudação cordial.

– *Madain mhath, a Smeòraich!* – gritou ele. – É verdade o que ouvi a respeito de um recém-chegado?

Sem se surpreender mais com a velocidade com que as notícias percorriam a montanha, Roger ofereceu a garrafa de cerveja a Lindsay e deu a ele os detalhes da nova família.

– O sobrenome deles é Christie, não é? – perguntou Kenny.

– Sim. Thomas Christie, o filho e a filha. Você o conhece, ele esteve em Ardsmuir.

– É mesmo? Ah.

Lá estava de novo, o leve tremor de reação diante do sobrenome Christie.

– Christie – repetiu Kenny Lindsay. A ponta de sua língua apareceu por um breve instante quando ele disse o nome. – Hum. Sim, sei.

– Qual é o problema com Christie? – perguntou Roger, sentindo-se cada vez mais inquieto.

– Problema? – Kenny pareceu surpreso. – Não tem problema nenhum. Ou

tem?

– Não. Pergunto porque você pareceu um tanto surpreso ao ouvir o nome dele. Fiquei imaginando se ele seria um ladrão, um bêbado, ou coisa do tipo.

A compreensão se espalhou pelo rosto barbado de Kenny como o sol em um prado pela manhã.

– Ah, sim, agora entendo o que quer dizer. Não, não, Christie é um homem muito decente, até onde sei.

– Até onde sabe? Então vocês não estiveram juntos em Ardsmuir? Ele disse que sim.

– Ah, sim, ele estava lá sim – concordou Kenny, ainda parecendo um pouco hesitante.

A insistência por parte de Roger, porém, não produziu nenhum efeito, a não ser um leve erguer de ombros, e depois de alguns momentos, eles retomaram o corte das árvores, parando apenas para um ou outro gole de água ou cerveja. O tempo estava frio, graças a Deus, mas trabalhar daquele modo fazia o suor escorrer livremente e, quando terminaram, Roger tomou um último gole e despejou o restante da água sobre a cabeça, arfando com o agradável frescor em sua pele quente.

– Vamos entrar um pouco, *a Smeòraich*? – Kenny largou o machado e alongou as costas com um gemido. Meneou a cabeça na direção dos pinheiros do outro lado da campina. – Minha humilde casa fica bem ali. Minha mulher saiu para vender carne de porco, mas temos leite coalhado na fonte.

Roger assentiu, sorrindo.

– Vamos, Kenny, obrigado.

Ele acompanhou Kenny nos cuidados com os animais. Lindsay tinha duas cabras leiteiras e uma porca no chiqueiro. Kenny buscou água para elas em um pequeno córrego próximo, e Roger empilhou o feno e jogou um rastelo cheio no cercado das cabras.

– Bela porca – disse educadamente, esperando enquanto Kenny despejava milho triturado no cocho para o animal, uma enorme criatura malhada com uma orelha rasgada e olhar desagradável.

– Má como uma víbora e quase tão rápida quanto – disse Kenny, olhando

para a porca com os olhos estreitados. – Quase arrancou minha mão ontem. Eu ia levá-la até o porco de *Mac Dubh* para procriar, mas ela não quis ir.

– Não há muito que fazer com uma fêmea indisposta – concordou Roger.

Kenny balançou a cabeça de um lado para o outro, pensando.

– Bem, pode ser. Mas há maneiras de amansá-las, não? Foi um truque que meu irmão Evan me ensinou.

Abriu um sorriso banguela para Roger e meneou a cabeça, indicando um barril no canto do barracão que exalava um cheiro doce e forte de milho fermentado.

– É mesmo? – disse Roger, rindo. – Bem, espero que funcione.

Teve uma visão involuntária de Kenny e sua imponente mulher, Rosamund, juntos na cama, e se perguntou por um momento sobre o papel que o álcool desempenhava naquele casamento improvável.

– Ah, vai funcionar – disse Kenny com confiança. – Ela é louca pela mistura azeda, aquela lá. O problema é que, se lhe damos o suficiente para melhorar sua disposição, ela não consegue andar muito bem. Teremos que trazer o porco aqui quando *Mac Dubh* estiver recuperado.

– Ela está no cio? Posso trazer o porco amanhã – disse Roger, sentindo-se ousado.

Kenny pareceu surpreso, mas em seguida assentiu, satisfeito.

– Sim, muito obrigado, *a Smeòraich*. – Depois de uma breve pausa, disse casualmente: – Espero que *Mac Dubh* se recupere logo. Ele está bem o bastante para ter se encontrado com Tom Christie?

– Ele não o encontrou, não... mas eu lhe contei.

– É mesmo? Ah. Bem, então está tudo bem, certo?

Roger estreitou os olhos, mas Kenny desviou o olhar.

A sensação de inquietude em relação a Christie continuava e, tomado por um impulso repentino, Roger se inclinou por cima do feno e agarrou Kenny pela mão, assustando o homem consideravelmente. Ele apertou, deu uma batidinha no nó do dedo e soltou a mão dele.

Kenny olhou para ele, boquiaberto, piscando contra o feixe de luz que entrava pela porta. Por fim, largou o balde vazio, limpou as mãos com

cuidado em seu kilt esfarrapado e a estendeu formalmente a Roger.

Quando a soltou, o clima entre eles ainda era amistoso, mas a situação havia se alterado, muito sutilmente.

– Christie também – observou Roger, e Kenny assentiu.

– Ah, sim. Todos nós.

– Todos vocês em Ardsmuir? E... Jamie?

Ficou espantado com a ideia.

Kenny assentiu outra vez, abaixando-se para pegar o balde.

– Ah, sim, foi *Mac Dubh* quem começou. Não sabia?

Não adiantava fingir. Ele balançou a cabeça, deixando o assunto de lado. Falaria sobre isso com Jamie quando estivesse com ele – isso se Jamie estivesse em condições de responder à pergunta. Olhou com franqueza para Kenny.

– E então. Sobre Christie. Algo de errado com o homem?

A reserva anterior de Kenny havia desaparecido, agora que não se tratava mais de falar sobre um irmão da maçonaria com um não irmão. Negou balançando a cabeça.

– Ah, não. É que fiquei um pouco surpreso de vê-lo aqui. Ele não se dava muito bem com *Mac Dubh*, só isso. Se ele tivesse outro lugar para onde ir, não acho que viria para a Cordilheira dos Frasers.

Roger ficou momentaneamente surpreso por saber que havia alguém de Ardsmuir que não idolatrava Jamie Fraser, mas, pensando bem, não havia motivos para que as coisas não fossem assim. Deus sabia que o homem era tão bom em cultivar amigos quanto em fazer inimigos.

– Por quê?

O que ele estava perguntando era claro. Kenny olhou ao redor do barracão das cabras, como se procurasse uma forma de escapar, mas Roger estava entre ele e a porta.

– Nada importante – disse ele, por fim, encolhendo os ombros em capitulação. – É que Christie é protestante.

– Sim, eu sei – disse Roger de modo seco. – Mas ele ficou com os prisioneiros jacobitas. Então, houve problemas em Ardsmuir em relação a

isso, é o que está me dizendo?

Bastante provável, pensou. Em sua época, os católicos e os rígidos escoceses filhos de John Knox não morriam de amores uns pelos outros. Os escoceses adoravam uma pequena disputa religiosa – e, no fundo, a causa jacobita não passava disso.

Pegue alguns calvinistas ferrenhos, convencidos de que, se não andassem na linha, o papa entraria pela chaminé para puxar o pé deles, e jogue-os em uma prisão com homens que rezavam em voz alta para a Virgem Maria... sim, ele conseguia imaginar. As brigas de torcidas de futebol não seriam nada perto disso, se os números fossem iguais.

– Então, como ele foi parar em Ardsmuir... quero dizer, Christie?

Kenny pareceu surpreso.

– Bem, ele era um jacobita, foi capturado com os demais depois de Culloden, julgado e mandado para a prisão.

– Um jacobita protestante?

Não era impossível, nem mesmo inverossímil... a política formava alianças mais estranhas do que essa, sempre tinha sido assim. Mas era incomum.

Kenny deu um suspiro, olhando para o horizonte, onde o sol descia lentamente por trás dos pinheiros.

– Vamos entrar, então, MacKenzie. Se Tom Christie veio para a Cordilheira dos Frasers, acho melhor alguém lhe contar tudo a respeito. Se eu me apressar, você estará em casa a tempo do jantar.

Rosamund não estava em casa, mas o leite coalhado estava frio na fonte, como o marido dissera. Depois de pegar os bancos e o leite coalhado, Kenny Lindsay manteve a promessa e começou seu relato de maneira objetiva. Christie era das Terras Baixas, segundo Kenny; MacKenzie já devia imaginar. De Edimburgo. Na época da Revolta, Christie era um comerciante na cidade, com um negócio próspero, recém-herdado de um pai trabalhador. O próprio Tom Christie estava longe de ser preguiçoso e estava determinado a se tornar um homem de posses.

Com isso em mente, e o exército do príncipe *Tearlach* ocupando a cidade,

Christie vestiu suas melhores roupas e foi ter com O’Sullivan, o irlandês encarregado do abastecimento do exército.

– Ninguém sabe o que se passou entre eles, além de boatos, mas, ao fim da conversa, Christie saiu com um contrato para abastecer de provisões o exército das Terras Altas e com um convite para dançar em Holyrood naquela noite.

Kenny tomou um grande gole do leite coalhado e pousou a caneca, o bigode coberto por uma faixa branca. Assentiu de modo significativo para Roger.

– Ouvimos falar de como eram os bailes no palácio. *Mac Dubh* nos contou sobre eles diversas vezes. A Grande Galeria, com retratos de todos os reis da Escócia, e as lareiras de azulejos azuis holandeses, grandes o bastante para assar um boi. O príncipe e todas as pessoas importantes que tinham ido vê-lo vestidos de sedas e rendas. E a comida! Minha nossa, as coisas que ele nos contou!

Os olhos de Kenny ficaram arregalados e sonhadores enquanto ele se lembrava das descrições ouvidas quando estava de estômago vazio. Colocou a língua para fora e lambeu distraidamente o leite coalhado do lábio superior.

Em seguida, balançou a cabeça e voltou ao presente.

– Bem, então – disse, de modo casual. – Quando o exército deixou Edimburgo, Christie foi junto. Se foi para cuidar de seu investimento ou se pretendia continuar próximo do príncipe, não sei dizer.

Roger notou que a possibilidade de Christie ter agido por razões patrióticas não fazia parte da lista de possibilidades de Kenny Lindsay. Por prudência ou ambição, quaisquer que fossem suas motivações, Christie permanecera – e permanecera por tempo demais. Ele deixara o exército em Nairn, na véspera de Culloden, e iniciara o caminho de volta para Edimburgo, guiando uma das carroças de abastecimento do exército.

– Se ele tivesse deixado a carroça e montado um dos cavalos, talvez tivesse conseguido escapar – disse Kenny com sarcasmo. – Mas não; ele deu de cara com um monte de Campbells. Tropas do governo, sabe?

Roger assentiu.

– Ouvi dizer que ele tentou se passar por um vendedor ambulante, mas pegara uma carga de milho de uma fazenda naquela mesma estrada e o fazendeiro jurou de pés juntos que Christie fora a sua propriedade não mais do que três dias antes com o emblema da roseta branca na lapela. Então eles o levaram, e foi isso.

Christie fora levado primeiro para a prisão de Berwick e depois – por razões que só a Coroa sabia – para Ardsmuir, onde havia chegado um ano antes de Jamie Fraser.

– Eu cheguei na mesma época. – Kenny olhou dentro da caneca vazia, depois estendeu a mão para pegar o jarro. – Era uma prisão antiga, praticamente em ruínas, mas não era usada havia muitos anos. Quando a Coroa resolveu reabri-la, levaram para lá homens de vários lugares; talvez uns 150 homens, no total. A maioria jacobitas condenados, uns poucos ladrões e um ou dois assassinos.

Kenny sorriu de repente e Roger não conseguiu conter o sorriso em resposta.

Kenny não era um grande contador de histórias, mas falava com uma simplicidade tão vívida que Roger não teve dificuldade em imaginar a cena que ele descrevia: as pedras escuras de fuligem e os homens esfarrapados. Homens de toda a Escócia, arrancados de suas casas, privados de seus parentes e amigos e atirados como lixo em um monte de compostagem onde a sujeira, a fome e os ambientes claustrofóbicos geravam um calor fétido capaz de destruir tanto a sensibilidade quanto a civilidade.

Pequenos grupos tinham se formado, tanto para se protegerem quanto para desfrutarem do conforto de estarem juntos, e havia conflitos constantes entre eles. Eles se batiam uns contra os outros, como seixos atingidos pelas ondas na praia, machucando-se e, por vezes, chegando a ferir algum azarado que se metesse no meio.

– Só a comida e o calor importam, sabe? – disse Kenny, tranquilamente. – Não há nada mais com que se preocupar em um lugar assim.

Entre os grupos, havia um pequeno formado de calvinistas renitentes, comandados por Thomas Christie. Cuidando dos seus, eles compartilhavam

alimentos e cobertores, defendiam uns aos outros – e se comportavam com um senso de superioridade moral tão severo que enfurecia os católicos.

– Se um de nós pegasse fogo, e de vez em quando isso acontecia, quando alguém era empurrado para dentro da lareira enquanto dormia, eles não urinavam sobre a pessoa para apagar o fogo – disse Kenny, balançando a cabeça. – Eles não roubavam comida, é verdade, mas ficavam em um canto, orando alto, com aquele discurso sobre prostitutas, usurpadores, idólatras e afins, e fazendo questão de que soubéssemos a quem estavam se referindo!

– E então, veio *Mac Dubh*.

O sol da tarde de outono estava se pondo; o rosto barbado de Kenny estava borrado pelas sombras, mas Roger podia ver o leve enternecimento que assomou, afastando a expressão severa que acompanhava as lembranças de Lindsay.

– Algo como o Segundo Advento, certo? – perguntou Roger.

Falou baixinho e ficou surpreso quando Kenny riu.

– Só se estiver querendo dizer que alguns de nós já conheciam *Sheumais ruaidh*. Não, homem, eles o trouxeram de barco. Você sabe que Jamie Roy não gosta de barcos, certo?

– Eu já tinha ouvido algo assim – respondeu Roger de modo seco.

– O que quer que tenha ouvido, é verdade – garantiu Kenny, rindo. – Ele cambaleou para dentro da cela verde como uma moça, vomitou no canto, depois se arrastou para baixo de um banco e ficou lá um ou dois dias.

Depois de sua chegada, Fraser ficou em silêncio por algum tempo, observando para ver quem era quem e o que era o quê. Mas ele era um cavalheiro de nascença e tinha sido tanto um senhor de terras quanto um guerreiro destemido; um homem muito respeitado entre os escoceses das Terras Altas. Os homens se voltavam para ele naturalmente, querendo sua opinião, pedindo conselhos, e os mais fracos, buscando sua proteção.

– E isso deixava Tom Christie muito incomodado – disse Kenny, assentindo sabiamente. – Sabe, ele se considerava o sapo mais importante do lago.

Kenny abaixou o queixo e inflou as bochechas, esbugalhando os olhos

para ilustrar, e Roger começou a rir.

– Sim, entendi. E ele não gostou da concorrência, não é?

Kenny balançou a cabeça, sem pestanejar.

– Talvez não tivesse sido tão ruim se metade de seu grupo de salvadores não tivesse começado a fugir sorrateiramente de suas preces para ouvir *Mac Dubh* contar suas histórias. Mas o principal foi o novo diretor.

Bogle, o primeiro diretor do presídio, saíra, tendo sido substituído pelo coronel Harry Quarry, que era relativamente jovem, mas um soldado experiente, que havia lutado em Falkirk e em Culloden. Ao contrário de seu antecessor, tratava os prisioneiros sob seu comando com certo respeito – e conhecia a reputação de Jamie Fraser, considerando-o um inimigo respeitável, ainda que derrotado.

– Quarry mandou que *Mac Dubh* fosse levado até ele logo depois de assumir o comando em Ardsmuir. Não sei dizer o que aconteceu entre eles, mas logo isso se tornou comum; uma vez por semana, os guardas iam até a cela e levavam *Mac Dubh* para se barbear e tomar banho, e em seguida ele ia jantar com Quarry e conversar com ele sobre o que fosse necessário.

– E Tom Christie também não gostou disso – imaginou Roger.

Ele estava formando uma imagem abrangente de Christie; ambicioso, inteligente – e invejoso. Era competente, mas não tivera a sorte de ser bem-nascido como Fraser nem possuía sua habilidade na guerra – características das quais um comerciante, bem-sucedido por méritos próprios e com aspirações sociais, devia se ressentir, mesmo antes da catástrofe de Culloden. Roger sentia-se de certa forma secretamente solidário com Christie. Competir com Jamie Fraser não era tarefa fácil para um reles mortal.

Kenny balançou a cabeça, depois a inclinou para trás a fim de esvaziar a caneca. Colocou-a sobre a mesa com um ar satisfeito, erguendo as sobancelhas com um gesto em direção à jarra. Roger abanou a mão, recusando.

– Não, não quero mais, obrigado. Mas os maçons... como aconteceu? Você disse que tinha a ver com Christie?

A luz quase havia desaparecido. Ele teria que voltar para casa andando no

escuro, mas tudo bem; sua curiosidade não o deixaria partir sem saber o que tinha acontecido.

Kenny resmungou, rearrumando o kilt sobre as pernas. Tudo bem ser hospitaleiro, mas ele também ainda tinha tarefas a cumprir. No entanto, cortesia era cortesia, e ele gostava do Tordo, não só por ser genro de *Mac Dubh*.

– Sim, bem. – Deu de ombros, resignado. – Não, Christie não gostou nem um pouco de *Mac Dubh* ter se tornado o mandachuva, pois achava que esse lugar era dele por direito. – Lançou um olhar cortante para Roger, avaliando. – Acho que ele não sabia qual seria o ônus de ser líder em um lugar como aquele, só soube depois. Mas isso não tem relação com a história.

Abanou a mão, indicando a irrelevância.

– A questão era que Christie *era* um líder, mas não tão bom como *Mac Dubh*. E havia homens que o escutavam, e não eram apenas os carolas.

Se Roger ficara desconcertado ao ouvir essa caracterização de seus correligionários, não deixou transparecer, pois queria ouvir mais.

– É mesmo?

– Houve problemas outra vez. – Kenny deu de ombros novamente. – Pequenas coisas, mas dava para ver o que estava acontecendo.

Deslocamentos e fissuras, as pequenas falhas e os abalos que ocorrem quando duas massas de terra se encontram, pressionando e empurrando até que montanhas se ergam entre elas ou até uma ser engolida pela outra, em uma ruptura de terra e uma fragmentação de rochas.

– Nós podíamos ver *Mac Dubh* pensando – disse Kenny. – Mas ele não é homem de dizer a ninguém o que está pensando, não é?

Quase ninguém, Roger pensou de repente, lembrando-se da voz de Fraser, tão baixa que mal podia ser ouvida sob o vento ruidoso de outono. *Ele me disse*. Esse pensamento irradiou um súbito calor em seu peito, mas ele procurou não se distrair.

– Assim, uma noite, *Mac Dubh* voltou para nós, bem tarde – disse Kenny. – Mas em vez de se deitar para descansar, ele nos chamou; eu e meus irmãos, Gavin Hayes, Ronnie Sinclair... e Tom Christie.

Fraser acordara silenciosamente os seis homens e os levava para perto de uma das poucas janelas da cela, onde a luz do céu noturno pudesse iluminar seu rosto. Os homens se reuniram ao redor dele, com os olhos pesados e o corpo dolorido depois do dia de trabalho pesado, perguntando-se o que aquilo poderia significar. Desde o último pequeno confronto – uma briga entre dois homens por causa de um insulto sem importância –, Christie e Fraser não haviam trocado uma palavra, cada um em seu canto.

Era uma amena noite de primavera, o ar ainda estava fresco, mas cheirava a plantas novas que brotavam na charneca e ao sal do mar distante; uma noite para fazer um homem querer correr livre pela terra e sentir o sangue circulando em suas veias. Cansados ou não, os homens despertaram, atentos e alertas.

Christie estava alerta; olhos arregalados e vigilantes. Lá estava ele, cara a cara com Fraser e cinco dos seus maiores aliados – o que eles queriam? Era verdade que estavam em uma cela com cinquenta outros homens adormecidos, e alguns deles iriam em socorro de Christie se ele chamasse; mas um homem poderia ser espancado ou morto antes que alguém sequer se desse conta da ameaça.

De início, Fraser não disse nada, mas sorriu e estendeu a mão para Tom Christie. O outro hesitou por um momento, desconfiado, mas não havia escolha, no fim das contas.

– Era de se pensar que *Mac Dubh* tinha um raio na mão, pela maneira com que o choque percorreu o corpo de Christie.

A mão de Kenny abriu-se sobre a mesa entre eles, a palma calejada e áspera. Os dedos curtos e grossos se curvaram, fechando-se devagar, e Kenny balançou a cabeça, abrindo um sorriso amplo que enrugou seu rosto.

– Não sei como *Mac Dubh* descobriu que Christie era maçom, mas ele sabia. Você precisava ver a cara de Tom quando percebeu que Jamie Roy era um deles! Foi Quarry quem contou – explicou Kenny, vendo a dúvida ainda no rosto de Roger. – Ele também era um mestre.

Um mestre maçom e chefe de uma pequena loja militar, composta pelos oficiais da guarnição. Um de seus membros havia morrido recentemente, no

entanto, e eles ficaram sem um dos sete homens exigidos. Quarry havia refletido sobre a situação e, depois de uma cautelosa conversa sobre a questão, convidou Fraser para se juntar a eles. Um cavalheiro era um cavalheiro, afinal, jacobita ou não.

Não era exatamente uma situação ortodoxa, Roger pensou, mas o tal Quarry parecia o tipo que ajusta as normas à sua conveniência. Nesse aspecto, Fraser era igual.

– Assim Quarry o introduziu e fez com que ele passasse de aprendiz a companheiro no período de um mês, tornando-se mestre um mês depois, e foi então que ele resolveu nos contar a respeito. Dessa forma, fundamos uma nova loja naquela noite, os sete: a Loja de Ardsmuir Número Dois.

Roger riu com ironia ao imaginar a cena.

– Sim. Vocês seis... e Christie.

Tom Christie, o protestante. E Christie, arrogante mas respeitável, já tendo prestado os juramentos do maçom, não teve escolha a não ser aceitar Fraser e seus católicos como irmãos.

– Para começar. Dentro de três meses, entretanto, todos os homens na cela se tornaram aprendizes. E não houve mais problemas depois disso.

Era de esperar que não houvesse. Os maçons tinham como princípios básicos as noções de igualdade – cavalheiro, arrendatário, pescador, senhor de terras... essas distinções não eram levadas em consideração em uma loja – e tolerância. Nenhuma discussão política ou religiosa entre irmãos, essa era a regra.

– Imagino que também não tenha feito mal a Jamie fazer parte da loja dos oficiais – ponderou Roger.

– Ah – disse Kenny, de maneira vaga. – Não, creio que não.

Empurrou seu banquinho para trás e fez menção de se levantar. A história havia terminado; a noite caía e era hora de acender uma vela. Ele não fez nenhum movimento na direção do castiçal de barro que estava sobre a lareira, mas Roger olhou na direção do fogo e notou pela primeira vez que não havia cheiro de comida cozinhando.

– Preciso ir andando se quiser chegar em casa para o jantar – disse ele,

levantando-se. – Venha comigo.

Kenny se animou visivelmente.

– Eu vou, sim, *a Smeòraich*, e obrigado. Preciso apenas ordenhar as cabras e irei.

Quando voltei ao andar de cima na manhã seguinte, depois de um saboroso café da manhã com omeletes com carne de búfalo desfiada, cebolas doces e cogumelos, encontrei Jamie acordado, embora não exatamente desperto.

– Como está se sentindo hoje? – perguntei, colocando a bandeja que eu havia trazido em cima da mesinha e levando a mão à testa dele.

Ainda febril, porém não mais ardendo em febre; a temperatura já estava quase normal.

– Gostaria de estar morto, nem que fosse apenas para as pessoas pararem de perguntar como estou – respondeu ele, irritado.

Considere o mau humor um sinal de que ele estava recuperando a saúde e tirei a mão.

– Já usou o urinol hoje?

Ele ergueu a sobrancelha, furioso.

– Você já?

– Você fica insuportável quando não está bem de saúde – observei, e me levantei para espiar dentro da vasilha esmaltada.

Nada.

– Já parou para pensar, Sassenach, que talvez você fique insuportável quando não estou bem de saúde? Quando não está me dando remédios nojentos feitos de insetos esmagados e raspas de cascos, está cutucando minha barriga e fazendo perguntas íntimas sobre o funcionamento do meu intestino. Ahh!

Eu havia de fato abaixado o lençol e examinado a parte baixa de seu abdômen. Nenhuma distensão causada pela bexiga inchada; sua exclamação pareceu dever-se apenas às cócegas. Apalpei rapidamente o fígado, mas não encontrei intumescimento, o que era um alívio.

– Sente dor nas costas?

– Sinto uma dor insistente no traseiro – respondeu ele, estreitando um dos olhos para mim e dobrando os braços de forma protetora na altura da cintura.

– E está piorando a cada minuto.

– Estou tentando ver se o veneno da cobra afetou seus rins – expliquei com paciência, resolvendo ignorar sua última observação. – Se não consegue urinar...

– Consigo urinar muito bem – garantiu ele, puxando o lençol até o peito, caso eu pedisse prova. – Agora deixe-me tomar meu café da manhã e eu...

– Como você sabe? Você não...

– Já, sim.

Ao ver que olhei com desconfiança para o urinol, ele me lançou um olhar furioso e murmurou alguma coisa terminando em “janela”. Eu me virei para a janela aberta, com as persianas abertas e a vidraça levantada apesar do vento frio da manhã.

– Você fez o quê?

– Bem – defendeu-se ele –, eu estava de pé e achei melhor assim, só isso.

– Por que estava de pé?

– Ah, achei que devia.

Piscou para mim, inocente como um bebê recém-nascido. Deixei de lado a pergunta para me concentrar em questões mais importantes.

– Havia sangue na...

– O que você trouxe de café da manhã?

Ignorando minhas indagações clínicas, ele se virou para o lado e levantou o guardanapo estendido sobre a bandeja. Olhou para a tigela de pão e leite e virou a cabeça, lançando-me um olhar extremamente traído.

Antes que ele pudesse começar com outras reclamações, eu me antecipei, me sentei em um banquinho a seu lado e perguntei sem rodeios:

– Qual é o problema de Tom Christie?

Ele piscou, pego de surpresa.

– Tem alguma coisa errada com o sujeito?

– Não sei, não o vi.

– Bem, eu não o vejo há mais de vinte anos – disse ele, pegando a colher e cutucando o pão com leite com ar de desconfiança. – Se cresceu mais uma cabeça nesse meio-tempo, é novidade para mim.

– Rá-rá – falei, com tolerância. – Você pode, e eu estou dizendo *pode*, ter enganado Roger, mas eu conheço você.

Ele olhou para mim e sorriu meio de lado.

– Ah, é? E sabe que eu não gosto de pão com leite?

Meu coração palpitou ao ver aquele sorriso, mas mantive o controle.

– Se está pensando em me chantagear para que eu lhe traga um bife, pode esquecer – avisei. – Posso esperar para descobrir a respeito de Tom Christie, se for preciso.

Levantei-me, alisando minhas saias como se fosse sair, e me virei para a porta.

– Se fizer mingau com mel, eu conto.

Eu me virei e o vi rindo abertamente para mim.

– Combinado – falei, e voltei para o banco.

Ele pensou por um instante, mas pude ver que ele só estava tentando decidir como e por onde começar.

– Roger me contou sobre a loja maçônica em Ardsmuir – falei, para ajudá-lo. – Ontem à noite.

Jamie olhou para mim com surpresa.

– E como Roger Mac descobriu isso? Christie contou a ele?

– Não, foi Kenny Lindsay. Mas evidentemente Christie fez uma espécie de sinal maçônico para Roger quando chegou. Pensei que católicos não pudessem ser maçons.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Bem, o papa não estava na prisão de Ardsmuir, e eu estava. Além disso, eu não sabia que era proibido. Então, Roger também é maçom?

– Parece que sim. E talvez não seja proibido agora. Mas será, depois. – Abanei a mão, descartando essa questão. – Mas tem mais alguma coisa a respeito de Christie, não tem?

Ele assentiu e desviou o olhar.

– Sim, tem – disse baixinho. – Você se lembra de um sargento Murchison, Sassenach?

– Perfeitamente.

Eu tinha me encontrado com o sargento apenas uma vez, mais de dois anos antes, em Cross Creek. O nome me pareceu familiar em algum outro contexto mais recente. Então me lembrei de onde eu o tinha ouvido.

– Archie Hayes falou sobre ele, ou melhor, sobre eles. É isso: havia dois deles, gêmeos. Um deles foi o homem que atirou em Archie em Culloden, não foi?

Jamie assentiu. Seus olhos estavam velados, e eu pude ver que ele pensava no passado, na época que passou em Ardsmuir.

– Sim. E atirar em uma pessoa a sangue-frio era algo que se poderia esperar de qualquer um dos dois. Espero nunca encontrar outra dupla cruel como eles. – Ele esboçou um sorriso, mas sem humor. – A única coisa que Stephen Bonnet fez de bom foi ter matado um dos malditos.

– E o outro? – perguntei.

– Eu matei o outro.

O quarto pareceu repentinamente muito quieto, como se nós dois estivéssemos muito longe da Cordilheira dos Frasers, só nós dois, aquela declaração direta flutuando no ar entre nós. Ele olhava diretamente para mim, os olhos azuis reservados, esperando para ver o que eu ia dizer. Engoli em seco.

– Por quê? – perguntei, vagamente surpresa com a calma em minha própria voz.

Nesse momento, ele desviou o olhar, sacudindo a cabeça.

– Por uma centena de razões – respondeu ele baixinho – e nenhuma razão.

Esfregou distraidamente o pulso, como se sentisse o peso de correntes de ferro.

– Eu poderia lhe contar histórias da crueldade deles, Sassenach, e seriam verdadeiras. Atacavam os fracos, roubavam e agrediam, eram do tipo que se satisfazia com a crueldade. Não há como se defender desse tipo de homem,

não na prisão. Mas não digo isso como justificativa, pois não há justificativa.

Os prisioneiros de Ardsmuir eram usados para trabalhos forçados, cortar mato, quebrar e carregar pedras. Trabalhavam em pequenos grupos, cada grupo vigiado por um soldado inglês, armado com mosquete e porrete. O mosquete para impedir a fuga, o porrete para reforçar ordens e garantir a submissão.

– Era verão. Você conhece o verão nas Terras Altas, Sassenach, a luz das noites de verão?

Assenti. A luz a que ele se referia era a luz da noite nas Terras Altas em pleno verão. Ao norte, o sol mal se punha na véspera do Solstício de Verão; ele desaparecia além da linha do horizonte, mas, mesmo à meia-noite, o céu ficava pálido, de um branco-leitoso, e o ar não ficava escuro, mas parecia tomado por uma névoa sobrenatural.

O diretor da prisão aproveitava a luz, vez ou outra, para fazer os prisioneiros trabalharem até tarde da noite.

– Nós não nos incomodávamos muito – disse Jamie. Seus olhos estavam abertos, mas fixos no que quer que visse na memória. – Era melhor ficar ao ar livre do que dentro da cela. Mas à noite ficávamos tão exaustos que mal conseguíamos colocar um pé na frente do outro. Era como andar em um sonho.

Tanto os guardas quanto os prisioneiros ficavam exaustos no fim da jornada de trabalho. Os grupos de prisioneiros eram reunidos, formavam uma fila e marchavam de volta para as celas, arrastando os pés pela charneca, tropeçando e cabeceando de sono, tomados pela necessidade de se deitar e dormir.

– Ainda estávamos junto à pedreira quando eles partiram; tínhamos que carregar a carroça com as ferramentas e com os últimos blocos de pedra e segui-los. Eu lembro que coloquei um grande bloco dentro da carroça e me afastei, arfando por causa do esforço. Ouvi um barulho atrás de mim e, quando me virei, vi o sargento Murchison; era Billy, embora eu só tenha descoberto isso depois.

O sargento não passava de uma figura escura e atarracada à luz fraca, o

rosto invisível contra o céu da cor da concha de uma ostra.

– Eu às vezes me pergunto se não o teria feito se tivesse visto seu rosto.

Os dedos da mão esquerda de Jamie acariciavam seu pulso de modo distraído, e eu compreendi que ele ainda sentia o peso das algemas que usara.

O sargento erguera o porrete, cutucara Jamie com força nas costelas, depois o usou para apontar uma marreta deixada no chão. Em seguida, o sargento se virou.

– Eu não pensei duas vezes – disse Jamie baixinho. – Eu o alcancei com dois passos e pressionei sua garganta com a corrente dos meus grilhões. Ele não teve tempo de emitir nenhum som.

A carroça estava a menos de 10 metros da beira do lago da pedreira; havia uma queda íngreme de uns 12 metros direto para baixo, e a água, com 30 metros de profundidade, parecia escura e serena sob aquele céu esbranquiçado.

– Eu o amarrei a um dos blocos de pedra e o atirei lá de cima, depois voltei para a carroça. Os dois homens de meu grupo estavam lá, parados como estátuas à luz fraca, observando. Não disseram nada, nem eu. Subi na carroça e peguei as rédeas, eles subiram na parte de trás e segui em direção à prisão. Não demorou muito para alcançarmos a fila e todos voltamos juntos, sem dizer uma palavra. Ninguém deu pela falta do sargento Murchison até a noite seguinte, pois achavam que ele estava na cidade, de folga. Creio que nunca o encontraram.

Ele pareceu notar o que estava fazendo e afastou a mão do pulso.

– E os dois homens? – perguntei baixinho.

Ele assentiu.

– Tom Christie e Duncan Innes.

Suspirou profundamente e alongou os braços, remexendo os ombros como se ajeitasse o caimento da camisa, apesar de estar usando uma camisa folgada. Então ele ergueu uma das mãos e virou-a de um lado para o outro, franzindo para seu pulso à luz.

– Que estranho – disse, parecendo ligeiramente surpreso.

– O que é?

– As marcas... sumiram.

– Marcas... dos ferros?

Ele assentiu, examinando os pulsos, perplexo. A pele estava lisa e clara, levemente bronzeada, mas sem nenhuma marca.

– Elas ficaram aqui durante anos... causadas pelo atrito, sabe? Não tinha notado que não estavam mais.

Pousei a mão em seu pulso, esfregando o polegar delicadamente sobre o ponto onde a artéria radial atravessava o osso.

– Você não as tinha mais quando o encontrei em Edimburgo, Jamie. Elas desapareceram há muito tempo.

Ele olhou para os braços e balançou a cabeça, como se não conseguisse acreditar.

– Sim – disse baixinho. – Bem, assim como Tom Christie.

PARTE IX

Um negócio perigoso



AURUM

A casa estava em silêncio. O sr. Wemyss tinha ido ao moinho, levando Lizzie e a sra. Bug com ele, e já estava tarde demais para que algum visitante chegasse – todos estariam ocupados com suas tarefas, cuidando para que os animais fossem alimentados e recolhidos para a noite, água e lenha reservados e o fogo na cozinha preparado para o jantar.

Meu animal já estava alimentado e recolhido para dormir; Adso estava enrolado em uma bola sonolenta no peitoril da janela, iluminado pelo sol do fim da tarde, as patas recolhidas sob o corpo e os olhos fechados, extasiados de saciedade. Minha contribuição para o jantar – um prato a que Fergus se referia de modo elegante como *lapin aux chanterelles* (também conhecido como ensopado de coelho para os meros mortais como nós) – borbulhava no caldeirão desde o começo da manhã e não requeria nenhuma atenção de minha parte. Quanto a varrer o chão, limpar as janelas, espanar e outras tarefas desse tipo... bem, se o trabalho das mulheres nunca terminava, por que se preocupar com quanto dele não estava sendo realizado em um dado momento?

Peguei pena e tinta do armário e o caderno de anotações médicas e me sentei ao sol ao lado de Adso. Fiz uma descrição detalhada a respeito da protuberância na orelha do pequeno Geordie Chisholm, que teria de ser acompanhada, e acrescentei as medidas mais recentes que havia tirado da mão esquerda de Tom Christie.

Christie de fato sofria de artrite em ambas as mãos e tinha um leve grau de deformidade nos dedos. Depois de observar suas mãos com atenção

durante o jantar, no entanto, tive quase certeza de que o que eu estava vendo na mão esquerda não era artrite, mas contratura de Dupuytren – um estranho encurvamento do dedo anelar e do dedo mínimo na direção da palma da mão, como um gancho, em decorrência do encurtamento da aponeurose palmar.

Normalmente, eu não teria dúvida, mas as mãos de Christie tinham tantos calos devido aos anos de trabalho pesado que eu não conseguia sentir o nódulo característico na base do dedo anelar. O dedo me pareceu “estranho”, entretanto, quando examinei sua mão pela primeira vez, ao dar pontos para fechar um corte na base da palma. E eu continuava de olho sempre que via Tom Christie e conseguia convencê-lo a me deixar dar uma olhada – o que não acontecia com frequência.

Apesar das apreensões de Jamie, os Christies estavam sendo excelentes arrendatários até aquele momento, vivendo na maior parte do tempo discretos e isolados, exceto durante as aulas de Thomas Christie, área em que ele parecia ser exigente, mas eficaz.

Percebi uma presença logo atrás de mim. O raio de sol havia mudado de lugar e Adso se deslocara junto com ele.

– Nem pense nisso, gato – falei.

Ouvi um ronronado ansioso perto de minha orelha esquerda e uma pata larga esticou-se e bateu no topo de minha cabeça, com cuidado.

– Ah, tudo bem – permiti, conformada. Na verdade, eu não tinha escolha, a menos que quisesse me levantar e ir escrever em outro lugar. – Como quiser.

Adso não resistia a cabelos. Cabelos de qualquer pessoa, grudados à cabeça ou não. Felizmente, o major MacDonald tinha sido a única pessoa descuidada o bastante para sentar-se ao alcance de Adso usando uma peruca e, no fim das contas, *eu* a peguei de volta, embora para isso tivesse sido necessário me arrastar por baixo da casa até onde Adso se enfiara com sua presa; ninguém mais ousou tirá-la de suas garras. O major ficou um tanto aborrecido com o incidente e, ainda que não tivesse deixado de visitar Jamie de vez em quando, não tirava mais o chapéu durante as visitas; sentava-se à mesa da cozinha, bebendo café de chicória, com o chapéu de três pontas bem

preso à cabeça e os olhos fixos em Adso, monitorando seus movimentos.

Relaxe um pouco; não cheguei a ronronar, mas me sentia um tanto tranquila. Era extremamente relaxante ter o gato amassando e penteando meus cabelos com as garras curtas, parando de tempos em tempos para esfregar a cara de modo carinhoso na minha cabeça. Ele só era perigoso quando tinha acesso à erva-dos-gatos, que estava guardada em segurança no armário. Com os olhos semicerrados, pensei na pequena complicação de descrever a contratura de Dupuytren dessa forma, já que o barão Dupuytren ainda não havia nascido.

Bem, uma imagem valia por mil palavras, e eu achava que poderia pelo menos fazer um esboço razoável. Fiz o melhor que consegui, enquanto pensava em como convencer Thomas Christie a permitir que eu operasse sua mão.

Era um procedimento bastante rápido e simples, mas considerando a falta de anestesia e o fato de Christie ser um presbiteriano fervoroso e totalmente abstinente... talvez Jamie pudesse sentar-se em seu peito e Roger em suas pernas. Se Brianna segurasse seu pulso com força...

Desisti do problema por um momento, bocejando. A sonolência desapareceu abruptamente quando uma libélula amarela de 10 centímetros entrou zumbindo pela janela aberta, emitindo um som parecido com o de um pequeno helicóptero. Adso saltou no ar atrás dela, deixando meus cabelos desgrenhados e minha fita – que ele parecia estar mastigando silenciosamente – pendurada, molhada e esfarrapada, atrás de minha orelha esquerda. Eu a removi com certo nojo, deixei-a sobre o peitoril da janela para secar e voltei algumas páginas do livro de anotações, admirando o desenho perfeito que eu fizera da mordida de cobra de Jamie e da seringa hipodérmica que Brianna havia improvisado com a presa da cascavel.

Para minha surpresa, a perna havia cicatrizado rapidamente, e embora bastante tecido tivesse sido perdido, as larvas haviam lidado com essa questão com tanta eficácia que os únicos vestígios permanentes eram duas pequenas depressões na pele, no local das marcas originais das presas, e uma cicatriz reta e estreita de um lado a outro da panturrilha onde eu havia feito

uma incisão para colocar as larvas. Jamie ainda mancava um pouco, mas eu acreditava que isso passaria com o tempo.

Cantarolando animada, folheei lentamente as últimas páginas de anotações de Daniel Rawlings:

Josephus Howard... principal queixa: uma fístula no reto, tão antiga a ponto de ter formado um abscesso, além de um caso avançado de hemorroidas. Tratada com uma decocção de hera, misturada a alúmen queimado e um pouco de mel, tudo fervido com sumo de calêndula.

Uma observação feita posteriormente na mesma página, com data de um mês depois, fazia referência à eficácia desse composto, com ilustrações do estado do paciente antes e depois da administração. Ergui uma das sobrancelhas ao olhar para os desenhos; Rawlings não desenhava muito melhor do que eu, mas havia conseguido captar, com admirável precisão, o desconforto intrínseco do problema.

Bati a pena nos lábios, pensando, em seguida acrescentei uma anotação cuidadosa à margem, explicando que uma dieta rica em fibras deveria ser seguida para ajudar no tratamento, sendo útil para evitar prisão de ventre e as complicações mais sérias dela – nada como uma aula prática!

Limpei a pena, coloquei-a na mesa e virei a página, imaginando que planta podia ser a tal hera. Eu podia ouvir Jamie se movimentando em seu escritório; pretendia ir até lá perguntar a ele em seguida.

Quase não vi. Tinha sido escrito no verso da página com o desenho da fístula do sr. Howard, evidentemente acrescentado como um pensamento sobre as atividades do dia ocorrido posteriormente:

Falei com o sr. Hector Cameron de River Run, que me pediu que fosse examinar os olhos de sua mulher, cuja visão está muito alterada. A distância até a fazenda dele é grande, mas ele enviará

um cavalo.

Essa anotação desfez por completo a atmosfera soporífera da tarde. Interessada, eu me sentei, endireitando as costas, e virei a página para ver se o médico de fato examinara Jocasta. Uma vez, consegui – com certa dificuldade – convencê-la a me deixar examinar seus olhos e estava curiosa quanto às conclusões de Rawlings. Sem um oftalmoscópio, não havia como saber ao certo a causa de sua cegueira, mas eu tinha fortes suspeitas – e podia pelo menos descartar problemas como cataratas e diabetes com bastante tranquilidade. Eu me perguntei se Rawlings teria visto alguma coisa que eu deixara passar ou se o problema dela havia se agravado muito desde que ele a examinara.

Sangrei o ferreiro em meio litro, administrei um purgante a sua mulher, 10 gotas de óleo de sene, e administrei 3 gotas do purgante ao gato (grátis), pois observei uma infestação de vermes nas fezes do animal.

Sorri ao ler aquela anotação; apesar de seus métodos arcaicos, Daniel Rawlings era um bom médico. Tentei imaginar mais uma vez o que poderia ter acontecido a ele e se algum dia eu teria a chance de conhecê-lo. Eu tinha a triste sensação de que isso não ia acontecer; não conseguia conceber que um médico não encontrasse um modo de reaver instrumentos tão lindos como os dele, se tivesse condições de fazê-lo.

Pressionado por minha curiosidade, Jamie havia questionado algumas pessoas, mas não obtivera resultado. Daniel Rawlings partira para a Virgínia – deixando sua caixa de instrumentos – e desaparecera.

Outra página, outro paciente; sangria, purgação, abscessos, remoção de uma unha inflamada, extração de dente com abscesso, cauterização de ferida persistente na perna de uma mulher... Rawlings tivera muito trabalho em Cross Creek. Mas será que teria ido a River Run?

Sim, ali estava, uma semana mais tarde e várias páginas depois:

Cheguei a River Run após uma viagem tenebrosa, vento e chuva suficientes para afundar um navio, com a estrada completamente inundada em alguns trechos, de modo que fui obrigado a cavalgar pelo campo, açoitado pela chuva de granizo, com lama até as sobancelhas. Parti ao amanhecer com o criado negro do sr. Cameron, que levou um cavalo para mim – só chegamos ao nosso destino muito depois do anoitecer, exaustos e famintos. Fui recebido pelo sr. Cameron, que me ofereceu conhaque.

Tendo se dado ao trabalho de chamar um médico, Hector Cameron claramente decidira tirar o máximo proveito da oportunidade e fizera Rawlings examinar todos os escravos e criados, assim como o próprio dono da casa, a respeito do qual ele escrevera:

Setenta e três anos, de altura mediana, ombros largos, mas um pouco corcunda, com as mãos tão deformadas pelo reumatismo que o manuseio de qualquer instrumento mais delicado do que uma colher é impossível. Com exceção disso, está bem conservado, muito vigoroso para a idade. Queixa-se de levantar durante a noite, micção dolorosa. Suspeito de problema lúbrico da bexiga, e não de pedra ou de doença crônica das partes masculinas internas, uma vez que a queixa é recorrente, mas não de longa duração em nenhuma ocasião de sua ocorrência – cada crise dura duas semanas, em média, e é acompanhada de queimação no órgão masculino. Febre baixa, sensibilidade na parte baixa do abdômen e urina escura, com forte odor, reforçam ainda mais minha crença nesse sentido.

Como há na casa uma grande quantidade de frutas secas,

prescrevi uma decocção, o suco espessado a ser ingerido três vezes ao dia, uma xícara por vez. Também recomendei infusão de amor-de-hortelão, tomada pela manhã e à noite, devido a seu efeito calmante e para o caso de haver pequenas pedras na bexiga, o que pode agravar seu problema.

Eu me vi assentindo em concordância. Nem sempre concordava com Rawlings, tanto em termos de diagnóstico quanto em termos de tratamento, mas achei que provavelmente havia sido certo naquele caso. Mas e Jocasta?

Lá estava ela, na página seguinte:

Jocasta Cameron, 64 anos, três gestações, bem-nutrida e de boa saúde geral, muito jovem na aparência.

Três gestações? Parei por um instante diante da anotação trivial. Um termo tão simples e tão duro para designar a gravidez – sem falar da perda – de três filhos. Criar três filhos vencendo os perigos da infância, apenas para perdê-los todos de uma vez, e de modo tão cruel. O sol estava quente, mas senti meu coração gelar ao pensar naquilo.

E se fosse Brianna? Ou o pequeno Jemmy? Como uma mulher conseguia suportar tamanha perda? Eu mesma havia passado por isso e ainda não sabia como. Fazia muito tempo, mas, ainda assim, de tempos em tempos, eu acordava à noite, sentindo o peso quente de uma criança adormecida em meu peito, sua respiração quente em meu pescoço. Levei a mão ao ombro, curvado como se a cabeça da criança estivesse ali.

Eu supunha que devia ser mais fácil perder um filho no nascimento, sem os anos de convivência que deixavam buracos no tecido da vida diária. Ainda assim, eu conhecia Faith até o último átomo de seu ser; havia um buraco no meu coração no formato exato dela. Talvez fosse o fato de ter sido uma morte natural, pelo menos, que me dava a sensação de que ela ainda estava comigo

de alguma forma, bem-cuidada, e não sozinha. Mas ter filhos assassinados, sacrificados na guerra?

Tantas coisas podiam acontecer a crianças naquela época. Voltei a ler seu histórico médico, um tanto atordoada:

Nenhum sinal de doença orgânica, nem danos externos aos olhos. O branco do olho está claro, as pestanas livres de qualquer prurido, nenhum tumor visível. As pupilas respondem normalmente à luz passada diante delas e à diminuição da luz. Uma vela em um dos lados ilumina o humor vítreo do olho, mas não mostra nenhum defeito. Noto uma leve nebulosidade, indicando catarata incipiente na lente do olho direito, mas isso é insuficiente para explicar a perda gradual da visão.

– Hum – falei em voz alta.

As observações de Rawlings e suas conclusões combinavam com as minhas. Ele havia feito uma breve anotação sobre o período durante o qual a visão se perdera – aproximadamente dois anos – e sobre o processo da perda – nada brusco, mas uma diminuição gradual do campo de visão.

Eu achava provável que tivesse levado mais tempo; às vezes, a perda era tão gradual que as pessoas não notavam as minúsculas reduções até a visão estar seriamente ameaçada.

... partes da visão foram diminuindo gradualmente como lascas aparadas de um queijo. Mesmo o pouco que resta da visão só se mostra útil à meia-luz, já que a paciente demonstra grande irritação e dor quando o olho é exposto à luz do sol forte.

Já vi essa condição duas vezes antes, sempre em pessoas de certa idade, embora não muito avançada. Dei minha opinião de que a visão logo seria completamente perdida, sem nenhuma melhoria possível. Felizmente, o sr. Cameron possui um criado

negro que sabe ler, que deu a sua esposa para acompanhá-la e avisá-la sobre obstáculos, bem como para ler e descrever o ambiente para ela.

A condição dela já havia avançado além disso desde então; a luz desaparecera e Jocasta estava totalmente cega. Portanto, uma condição progressiva – o que não dizia muito, já que a maioria era. Quando Rawlings a examinara?

Poderia ser uma série de males – degeneração macular, tumor do nervo óptico, parasitismo, retinose pigmentar, arterite temporal, provavelmente não descolamento da retina, que teria acontecido de forma abrupta –, mas inicialmente, eu suspeitava de glaucoma. Eu me lembrei de Phaedre, a criada pessoal de Jocasta, torcendo panos em chá frio, comentando que sua patroa estava sofrendo de dor de cabeça “*de novo*”, com um tom de voz que sugeria que essa era uma ocorrência frequente – e Duncan me pedindo para fazer um travesseiro de lavanda, para aliviar as “enxaquecas” de sua esposa.

As dores de cabeça, porém, podiam não ter nada a ver com a visão de Jocasta – e, na ocasião, não fiz perguntas acerca da natureza dessas dores; podiam ser simples dores de cabeça por causa da tensão ou enxaquecas, em vez da pressão na cabeça que pode acompanhar – ou não – o glaucoma. Afinal, a arterite também causava dores de cabeça frequentes. O mais frustrante no caso era que o glaucoma sozinho não tinha nenhum sintoma previsível – exceto a cegueira. Era causado pela drenagem insuficiente do fluido dentro do globo ocular, de modo que a pressão dentro do olho aumentava a ponto de causar danos, sem nenhum aviso prévio ao paciente ou a seu médico. Mas outros tipos de cegueira em grande parte também não apresentavam sintomas...

Eu ainda considerava as possibilidades quando percebi que Rawlings continuara suas anotações no verso da folha – em latim.

Hesitei, um pouco surpresa. Eu sabia que ele havia escrito aquela parte como continuação do trecho anterior; a escrita com pena mostra um

escurecimento e um clareamento das palavras bastante característico, conforme a tinta é renovada a cada mergulho da pena, e as nuances de cada trecho tendiam a ser diferentes, já que diferentes tintas eram usadas. Não, aquilo tinha sido escrito na mesma ocasião do trecho na página anterior.

Mas por que passar subitamente para o latim? Rawlings sabia um pouco de latim, estava claro – o que evidenciava certo grau de educação formal, ainda que não de formação médica formal –, mas ele não costumava usá-lo em suas anotações clínicas, exceto por uma ou outra expressão necessária à descrição formal de alguma doença. Mas ali estavam uma página e meia em latim, escritas com caligrafia meticulosa, em letras menores do que a de sua caligrafia normal, como se tivesse planejado com cuidado o conteúdo daquele trecho – ou talvez acreditasse que ele exigia sigilo, como o próprio uso do latim parecia mostrar.

Folheei de novo o livro de anotações para confirmar minha impressão. Não, ele havia escrito em latim em alguns pontos – mas não com frequência, e sempre como fizera ali: como continuação de um registro iniciado em inglês. Que estranho. Voltei ao trecho referente a River Run e comecei a tentar descobrir o que estava escrito.

Depois de uma ou duas frases, desisti e fui procurar Jamie. Ele estava em seu escritório, do outro lado do corredor, escrevendo cartas. Ou não.

O tinteiro – feito de uma pequena cabaça com uma rolha de cortiça para que a tinta não secasse – estava à mão, completamente cheio; eu podia sentir o cheiro de raspas de carvalho fervidas com limalha de ferro. Sobre a mesa, uma pena de peru nova, com a ponta tão afiada que parecia mais apropriada para furar do que para escrever, e uma folha em branco sobre o mata-borrão, com três palavras solitárias e escuras no topo. Só precisei olhar de relance para o rosto dele para saber quais eram.

Minha querida irmã.

Ele olhou para mim, sorriu ironicamente e deu de ombros.

– O que devo dizer?

– Não sei.

Ao vê-lo, eu fechara o livro de anotações médicas e o colocara embaixo

do braço. Entrei, caminhei até ele e pousei a mão em seu ombro. Apertei delicadamente e ele pousou a mão sobre a minha por um momento, depois pegou a pena.

– Não posso continuar pedindo perdão. – Girou a pena de um lado para o outro entre o polegar e o dedo médio. – Digo isso em todas as cartas. Se ela estivesse disposta a me perdoar...

Se estivesse, Jenny já teria respondido ao menos a uma das cartas que ele enviava religiosamente a Lallybroch todo mês.

– Ian o perdoou. E as crianças também.

Missivas do cunhado de Jamie chegavam de tempos em tempos, juntamente com algumas mensagens de seu xará, o jovem Jamie, e de vez em quando uma ou outra linha escrita por Maggie, Kitty, Michael ou Janet. Mas o silêncio de Jenny era tão ensurdecedor que abafava todas as outras comunicações.

– Sim, seria pior se...

Ele não terminou a frase, olhando fixamente para o papel em branco. Na verdade, nada podia ser pior do que essa distância. Jenny era mais próxima dele, era mais importante para ele do que qualquer pessoa no mundo – talvez viesse apenas depois de mim.

Eu compartilhava sua cama, sua vida, seu amor, seus pensamentos. Ela compartilhara seu coração e sua alma desde o dia em que ele nasceu – até o dia em que ele perdeu o filho caçula dela. Ou pelo menos era assim que ela via as coisas.

Eu me ressentia ao vê-lo continuar se culpando pelo desaparecimento de Ian – e também sentia certo ressentimento em relação a Jenny. Eu compreendia o tamanho de sua perda e me compadecia de sua dor, mas, ainda assim, Ian não estava morto – até onde sabíamos. Somente ela poderia absolver Jamie, e certamente devia saber disso.

Puxei um banco e me sentei ao lado dele, deixando o livro de lado. Havia uma pequena pilha de papéis de um lado, cobertos por sua caligrafia tortuosa. Era difícil para ele escrever com a mão errada, e ainda por cima prejudicada – no entanto, continuava a escrever obstinadamente, quase todas as noites,

registrando os acontecimentos do dia. Visitas à Cordilheira dos Frasers, a saúde dos animais, o andamento das obras, os novos arrendatários, notícias dos condados a leste... Ele registrava tudo, uma palavra de cada vez, e as cartas eram enviadas quando chegava algum visitante que pudesse levar as páginas acumuladas na primeira etapa da complexa viagem até a Escócia. Nem todas as cartas chegavam ao destino, mas algumas chegavam. Da mesma forma, a maioria das cartas da Escócia também chegava a nós – quando eram enviadas.

Durante algum tempo, tive esperanças de que as cartas de Jenny tivessem simplesmente se extraviado, perdidas em algum lugar no caminho. Mas já fazia muito tempo, e eu tinha deixado de ter esperanças. Jamie, não.

– Achei que talvez devesse enviar isto a ela.

Remexeu na pilha de papéis ao lado na escrivaninha e retirou uma pequena folha, manchada e suja, rasgada em uma das bordas, onde tinha sido arrancada de um livro.

Era um bilhete de Ian; a única evidência concreta que tínhamos de que ele ainda estava vivo e bem. Nós o havíamos recebido na Reunião, em novembro, por intermédio do grupo de John Quincy Myers, um montanhês que vagava pelas matas, tão à vontade entre os índios quanto entre os colonos, e mais à vontade ainda entre cervos e gambás do que entre pessoas que moravam em casas.

Escrito de modo brincalhão em um latim tosco, o bilhete afirmava que Ian estava bem e feliz. Casado com uma jovem “à maneira dos moicanos” (o que queria dizer, na minha interpretação, que ele havia decidido compartilhar sua casa, sua cama e sua fogueira, e que ela permitira), ia se tornar pai “na primavera”. E era só. A primavera viera e se fora, sem nenhuma outra notícia. Ian não estava morto, mas era como se estivesse. As chances de o vermos outra vez eram remotas, e Jamie sabia disso; a natureza o havia tragado.

Jamie tocou o papel amassado delicadamente, traçando as letras arredondadas, ainda infantis. Ele contara a Jenny o que o bilhete dizia, eu sabia, mas também sabia por que ele não havia enviado o original antes. Era seu único elo físico com Ian; abrir mão dele era entregá-lo definitivamente

aos moicanos.

“Ave!”, dizia o bilhete, na caligrafia pouco definida de Ian. “*Ian salutat avunculus Jacobus.*” Ian saúda seu tio James.

Ian era para Jamie mais do que apenas um sobrinho. Por mais que adorasse todos os filhos de Jenny, Ian era especial – um filho adotivo, como Fergus; mas, diferente de Fergus, era um filho do sangue de Jamie, um substituto, de certa forma, do filho que ele havia perdido. Filho esse que também não estava morto, mas que jamais poderia ser reclamado. O mundo pareceu de repente tomado por filhos perdidos.

– Sim – falei, com um nó na garganta. – Acho que deveria enviá-la. Jenny deve recebê-la, mesmo que...

Tossi ao me lembrar subitamente da anotação no livro de registros médicos. Estendi a mão para pegá-lo, esperando distrair Jamie.

– Hum. Por falar em latim... tem uma coisa estranha aqui. Será que pode dar uma olhada?

– Sim, claro.

Ele deixou de lado o bilhete de Ian e pegou o livro, movendo-o de modo que a luz do sol do fim de tarde iluminasse a página. Ele franziu ligeiramente o cenho, o dedo percorrendo as linhas escritas.

– Santo Deus, o sujeito sabe tanto de gramática do latim quanto você, Sassenach.

– Ah, muito obrigada. Nem todo mundo pode ser culto, não é mesmo?

Eu me aproximei, espreitando por cima de seu ombro enquanto ele lia. Então eu estava certa; Rawlings não passara a escrever em latim por diversão, nem mesmo para exibir sua erudição.

– Que estranho... – disse Jamie, traduzindo devagar enquanto seu dedo se movia pela página. – “Estou acordado”, não, ele quis dizer “Fui despertado”, acredito, “por barulhos no quarto ao lado do meu. Estou achando... achei... que meu paciente tinha ido urinar e levantei para segui-lo...” Por que ele faria isso?

– O paciente, que a propósito era Hector Cameron, tinha um problema na bexiga. Rawlings certamente gostaria de vê-lo urinar, para avaliar que tipo de

difficuldade ele tinha, se sentia dor, se havia sangue na urina, esse tipo de coisa.

Jamie me olhou de soslaio, a sobrancelha erguida, depois balançou a cabeça e retornou ao livro, murmurando algo sobre os gostos peculiares dos médicos.

– “*Homo procedente...* o homem continua...” Por que ele o chama de “o homem”, em vez de chamá-lo pelo nome?

– Ele estava escrevendo em latim para manter segredo – expliquei, impaciente para ouvir o que vinha em seguida. – Se Cameron visse seu nome no livro, ficaria curioso, acho. O que aconteceu?

– “O homem sai...” Ele quis dizer de casa ou apenas do quarto? Deve ser de casa... “Ele sai e eu o sigo. Caminha a passos firmes e rápidos...” E por que não o faria? Ah, aqui... “Estou confuso. Eu dou... dei... ao homem doze gotas de láudano...”

– Doze gotas? Tem certeza de que é isso que ele diz? – Eu me inclinei sobre o braço de Jamie, espiando, mas era verdade; ele apontava a anotação em preto e branco, nítida. – Mas isso é láudano suficiente para derrubar um cavalo!

– Sim, “doze gotas de láudano para ajudar a dormir”, ele diz. Não foi à toa, então, que o médico ficou perplexo ao ver Cameron saltitando pelo gramado no meio da noite.

Eu o cutuquei com o cotovelo.

– Continue!

– Humm. Bem, ele diz que foi à latrina, certamente pensando em encontrar Cameron, mas não havia ninguém lá e não havia nenhum cheiro de... hã... Ele achava que ninguém estivera lá recentemente.

– Não precisa ficar constrangido por minha causa – falei.

– Eu sei – respondeu ele, rindo. – Mas os meus próprios pudores ainda não estão totalmente endurecidos, apesar de minha longa convivência com você, Sassenach. Ai!

Ele se afastou de repente, esfregando o braço onde eu o havia beliscado. Fechei a cara, apesar de, por dentro, estar satisfeita por ter melhorado o clima

para nós dois.

– Vamos deixar de lado os pudores, por favor – falei, batendo o pé. – Além do mais, você não tem pudor nenhum, para começo de conversa, ou não teria se casado comigo. E onde estava Cameron, afinal?

Ele continuou a leitura, os lábios formando as palavras em silêncio.

– Ele não sabe. Ele ficou perambulando pela propriedade até que o mordomo apareceu do nada, achando que ele era um saqueador ou algo assim, e o ameaçou com uma garrafa de uísque.

– Uma arma formidável – observei, sorrindo ao imaginar Ulysses, de touca de dormir, brandindo sua arma de destruição. – Como se diz “garrafa de uísque” em latim?

Jamie deu uma olhada na página.

– Ele diz “*aqua vitae*”, que sem dúvida foi o mais próximo que conseguiu chegar. Mas devia ser uísque; ele diz que o mordomo lhe deu um gole para curar o choque.

– Então ele acabou não encontrando Cameron?

– Sim, encontrou, depois de deixar Ulysses. Ele estava tranquilo em sua cama, roncando. Na manhã seguinte, o médico perguntou, mas Cameron não se recordava de ter se levantado à noite. – Jamie virou a página com um dedo e olhou para mim. – O láudano poderia impedi-lo de se lembrar?

– Poderia – respondi, franzindo a testa. – Com facilidade. Mas é simplesmente inacreditável que uma pessoa com tanto láudano no organismo pudesse estar de pé andando por aí... a menos que... – Ergui uma das sobancelhas para ele, pensando nas observações de Jocasta durante nossa conversa em River Run. – Seu tio Hector por acaso era viciado em ópio ou algo assim? Alguém que usasse muito láudano regularmente desenvolveria uma tolerância e poderia de fato não ser afetado pela dose de Rawlings.

Jamie, que não era de se chocar com nenhuma referência a depravação entre seus parentes, considerou a sugestão, mas por fim negou com a cabeça.

– Se era, nunca ouvi nada a respeito. Mas, por outro lado, não há nenhuma razão para que me contassem isso.

Ele estava certo. Se Hector Cameron tinha meios de obter narcóticos

importados – e ele sem dúvida tinha, já que River Run era uma das propriedades mais prósperas da região –, isso não era da conta de mais ninguém além dele mesmo. Ainda assim, eu imaginava que alguém teria mencionado o fato.

O raciocínio de Jamie ia em outra direção.

– Por que um homem sairia de casa no meio da noite para urinar, Sassenach? – perguntou ele. – *Sei* que Hector Cameron tinha um urinol no quarto, eu mesmo o usei. Tinha o nome dele e o brasão dos Camerons pintados no fundo.

– Ótima pergunta. – Olhei fixamente para a folha de rabiscos enigmáticos. – Se Hector Cameron estivesse sentindo muita dor ou tendo dificuldade para urinar, expelindo uma pedra do rim, por exemplo, imagino que possa ter saído de casa para não acordar todo mundo.

– Nunca ouvi dizer que meu tio fosse viciado em ópio, mas também nunca ouvi dizer que fosse muito atencioso com a mulher ou com os criados – observou Jamie, com certo cinismo. – Pelo que dizem, Hector Cameron era meio canalha.

Eu ri.

– Sem dúvida é por isso que sua tia acha Duncan tão agradável.

Adso entrou como quem não quer nada, com os restos da libélula na boca, e se sentou aos meus pés para que eu pudesse admirar sua presa.

– Muito bem – falei, afagando-o brevemente. – Não acabe com seu apetite; há muitas baratas na despensa que quero que você extermine.

– *Ecce homo* – murmurou Jamie, pensativo, tamborilando no livro de registros. – Um homem francês, talvez?

– Um o quê?

Olhei para ele sem entender.

– Não lhe ocorre, Sassenach, que talvez não tenha sido Cameron que o médico seguiu até lá fora?

– Não, não até agora. – Eu me inclinei para a frente e olhei para a página. – Mas por que seria outra pessoa, e ainda por cima um francês?

Jamie apontou a margem da folha, onde havia alguns desenhos pequenos;

rabiscos, pensei. O que estava embaixo de seu dedo era uma flor de lis.

– *Ecce homo* – repetiu ele, batendo o dedo sobre a página outra vez. – O médico não estava seguro em relação ao homem que seguiu, e foi por isso que não o chamou pelo nome. Se Cameron estava drogado, então foi outra pessoa que saiu de casa naquela noite. No entanto, ele não menciona nenhuma outra pessoa que estivesse presente.

– Mas ele poderia não ter mencionado, a não ser que tivesse examinado essa pessoa, quem quer que fosse – argumentei. – Ele de fato registra observações pessoais, porém a maior parte dos relatos se restringe ao histórico de seus casos médicos: observações sobre pacientes e sobre os tratamentos que estava administrando. Ainda assim... – Franzi o cenho. – Uma flor de lis desenhada na margem não necessariamente significa alguma coisa, muito menos que havia um francês lá.

Com exceção de Fergus, não era comum a presença de franceses na Carolina do Norte. Havia alguns povoados franceses ao sul de Savannah, eu sabia, mas ficavam a centenas de quilômetros de distância.

A flor de lis *podia* não passar de um rabisco aleatório, mas Rawlings não havia feito rabiscos semelhantes em nenhuma outra parte do livro, até onde eu me lembrava. Quando acrescentava desenhos, eram cuidadosos e objetivos, para servir de lembrete a si mesmo ou de guia para qualquer médico que viesse depois dele.

Acima da flor de lis havia uma figura que se parecia com um triângulo com um pequeno círculo no topo e uma base curva; abaixo, uma sequência de letras: *Au et Aq*.

– A... u – eu disse devagar, olhando para as letras. – Aurum.

– Ouro?

Jamie olhou para mim, surpreso. Eu assenti.

– É a abreviatura científica para ouro, sim. “*Aurum et aqua*.” Ouro e água. Imagino que ele esteja se referindo a *goldwasser*, partículas de ouro suspensas em solução aquosa. É usado como remédio para artrite. Por mais estranho que pareça, costuma funcionar, embora ninguém saiba por quê.

– Caro – observou Jamie. – Mas acredito que Cameron pudesse se dar ao

luxo. Talvez ele tivesse guardado um pouco de suas barras de ouro, não?

– Ele de fato diz que Cameron sofria de artrite. – Franzi o cenho, olhando para a folha e para suas anotações secretas à margem. – Talvez ele pretendesse recomendar o uso desse remédio para tratar o problema. Mas não sei nada sobre a flor de lis nem sobre esse outro desenho. – Apontei para ele. – Não é o símbolo de nenhum tratamento médico que *eu* conheça.

Para minha surpresa, Jamie riu.

– Imagino que não, Sassenach. É um compasso maçom.

– É? – Olhei para o desenho, depois para Jamie. – Cameron era maçom?

Ele deu de ombros, passando a mão pelos cabelos. Jamie nunca falava de sua associação com os maçons. Fora “iniciado”, como se costumava dizer, em Ardsmuir e, independentemente de qualquer sigilo imposto pela sociedade, raramente falava de qualquer coisa ocorrida entre aquelas paredes de pedra úmidas.

– Rawlings também devia ser – disse ele, claramente relutante em falar sobre maçonaria, mas sem conseguir deixar de fazer associações lógicas. – Caso contrário, não saberia o que isso significa.

Com um dedo comprido, tocou o compasso.

Eu não sabia bem o que dizer em seguida, mas fui salva da indecisão por Adso, que cuspiu um par de asas amarelas e subiu na escrivaninha à procura de mais aperitivos. Jamie agarrou o tinteiro com uma das mãos e a pena nova com a outra. Sem presa, Adso andou até a beirada da escrivaninha e sentou-se na pilha de cartas de Jamie, balançando o rabo enquanto fingia apreciar a paisagem.

Jamie estreitou os olhos diante de tamanha insolência.

– Tire seu traseirinho peludo da minha correspondência – disse ele, cutucando Adso com a parte pontiaguda da pena de escrever.

Os grandes olhos verdes de Adso se arregalaram quando viram a ponta da pena que se movia e ele se arqueou. Jamie girou a pena de modo tentador e Adso deu uma patada para pegá-la, sem sucesso.

Peguei o gato rapidamente antes que o caos se instalasse e o tirei de cima dos papéis com um protesto indignado e surpreso.

– Não, este é o brinquedo *dele* – avisei ao gato, lançando para Jamie um olhar de reprovação. – Venha comigo. Tem baratas para você caçar.

Estendi a mão para pegar o livro de anotações, mas, para minha surpresa, Jamie me impediu.

– Deixe-me ficar com ele mais um pouco, Sassenach – pediu-me. – Tem algo de muito estranho na ideia de um francês maçom vagando por River Run à noite. Eu gostaria de ler o que mais o dr. Rawlings tem a dizer quando escreve em latim.

– Tudo bem.

Ergui Adso, que agora ronronava alto diante da perspectiva de pegar baratas, acomodei-o junto ao ombro e olhei pela janela. O sol havia se tornado um clarão flamejante atrás das castanheiras e eu podia ouvir o barulho das mulheres e das crianças na cozinha; a sra. Bug estava começando a servir o jantar, ajudada por Brianna e Marsali.

– Jantar daqui a pouco – falei, e me abaixei para beijar a cabeça de Jamie, no ponto onde a luz do fim de tarde iluminava seus cabelos de fogo.

Ele sorriu e me soprou um beijo, mas já havia mergulhado na leitura das palavras que tomavam as páginas quando cheguei à porta. A folha em branco, com apenas três palavras escritas no alto, estava na beira da escrivaninha, esquecida – por enquanto.

DOENÇAS DO SANGUE

Vi um lampejo marrom do lado de fora e Adso pulou da bancada como se alguém tivesse gritado “Peixe!”. Era o que vinha logo depois na escala de preferências dele, evidentemente: Lizzie voltava da leiteria trazendo uma tigela de creme de leite em uma das mãos, uma vasilha de manteiga na outra, além de uma grande jarra de leite pressionada contra o peito, que mantinha ali a duras penas com os braços cruzados. Adso se enroscava ao redor de seus tornozelos como uma corda peluda, obviamente esperando fazer com que ela tropeçasse e derrubasse tudo.

– Nem pensar, gato – alertei, estendendo o braço para pegar a jarra de leite.

– Ah, obrigada, senhora. – Lizzie relaxou, soltando os ombros com um leve suspiro. – É que eu não queria fazer duas viagens.

Ela fungou e tentou limpar o nariz com o antebraço, quase derrubando a manteiga.

Tirei um lenço do bolso e o encostei no nariz dela, controlando o impulso maternal de pedir a ela que assoasse.

– Obrigada, senhora – repetiu ela, balançando a cabeça.

– Você está bem, Lizzie?

Sem esperar pela resposta, eu a peguei pelo braço e a levei para o consultório, onde as amplas janelas deixavam que luz suficiente entrasse para que eu pudesse vê-la melhor.

– Estou bem, senhora. Verdade, estou ótima! – protestou ela, agarrando o creme de leite e a manteiga como se quisesse usá-los para se proteger.

Lizzie estava pálida, mas isso era normal, como se ela não tivesse um glóbulo vermelho sequer de reserva. Mas sua pele exibia uma palidez estranha, que me provocava uma sensação inquietante. Fazia quase um ano desde sua última crise de malária e, de modo geral, ela parecia bem, mas...

– Venha cá – chamei, levando-a na direção de dois bancos altos. – Sente-se, só por um momento.

Visivelmente contrariada, mas sem ousar protestar, ela se sentou, equilibrando as vasilhas sobre os joelhos. Eu as tirei de suas mãos e, depois de reparar no olhar fixo e predatório de Adso, resolvi colocá-las dentro do armário.

Pulso normal – normal para Lizzie, quer dizer; sempre um pouco mais acelerado e superficial. Respiração... tudo bem, nenhuma alteração ou sibilo. As glândulas linfáticas embaixo do maxilar estavam palpáveis, mas isso não era incomum; a malária as deixara permanentemente aumentadas, como a curva de um ovo de codorna sob a pele. Mas as do pescoço também estavam aumentadas e essas em geral eu *não* conseguia apalpar.

Levantei sua pálpebra, observando com atenção o globo ocular pálido que também me observava, ansioso. Superficialmente, tudo bem, embora um pouco injetado. Mais uma vez, no entanto... havia algo que não estava muito... certo... em relação aos olhos dela, embora eu não conseguisse determinar o que poderia ser. Seria possível que a esclera estivesse ligeiramente amarelada? Franzi o cenho, virando a cabeça dela de um lado para o outro com a mão sob seu queixo, que não resistia aos movimentos.

– Olá! Está tudo bem?

Roger parou à porta, carregando uma enorme ave morta em uma das mãos.

– Um peru! – exclamei, tentando demonstrar admiração.

Eu gostava de perus, claro, mas Jamie e Bree haviam matado cinco deles na semana anterior, o que conferira certa monotonia aos jantares dos últimos dias. Três deles estavam pendurados no barracão de defumação naquele momento. Por outro lado, perus selvagens eram ágeis e difíceis de matar, e até onde eu sabia, Roger nunca tinha matado um.

– Você atirou nele? – perguntei, e me aproximei para admirar a ave.

Ele a segurava pelos pés e as enormes asas pendiam semiabertas, as penas do peito refletindo o sol em tons iridescentes de verde-escuro.

– Não. – O rosto de Roger estava corado por causa do sol, da empolgação, ou de ambos, um tom cálido se espalhando sob a pele bronzeada. – Eu o peguei com as mãos – disse ele com orgulho. – Acertei a asa com uma pedra, então corri atrás dele e quebrei seu pescoço.

– Incrível – falei, com um entusiasmo mais verdadeiro.

Não teríamos que tirar chumbo da carne ao limpá-lo nem correríamos o risco de quebrar um dente ao comê-lo.

– É uma bela ave, sr. Mac. – Lizzie havia descido do banco e também se aproximara para admirar a ave. – Como é gorda! Quer que eu a limpe para o senhor?

– O quê? Ah, obrigado, Lizzie, mas não. Eu mesmo vou cuidar disso.

Ele corou ainda mais, e eu reprimi um sorriso. Ele pretendia exhibir a ave a Brianna em toda a sua glória. Passou o peru para a mão esquerda e me estendeu a direita, enrolada em um pano manchado de sangue.

– Sofri um pequeno acidente enquanto lutava com a ave. Acha que pode...?

Desenrolei o pano, contraindo os lábios diante do que vi. O peru, lutando pela própria vida, havia feito três rasgos nas costas da mão de Roger com as garras. O sangue já havia coagulado quase por completo, mas gotas ainda escorriam do furo mais profundo, rolando pelo dedo dele e pingando no chão.

– Ah, espere um pouco – falei, olhando para ele com as sobrancelhas erguidas. – Sim, acho que sim. Venha até aqui e se sente. Vou limpar e... Lizzie! Espere aí!

Aproveitando a distração como uma oportunidade para escapar, Lizzie movia-se furtivamente em direção à porta. Ela parou como se tivesse levado um tiro nas costas.

– É sério, senhora, estou muito bem – suplicou ela. – Não há nada de errado comigo, nada mesmo.

Na verdade, eu a havia chamado apenas para lembrá-la de pegar a

manteiga e o creme de leite da prateleira. Tarde demais para o leite; Adso estava apoiado nas patas traseiras, com a cabeça e os ombros dentro do jarro, de onde vinha o som de pequenas lambidas. O som ecoou as gotas do sangue de Roger pingando no chão e eu tive uma ideia repentina.

– Tive uma ideia – falei. – Sente-se outra vez, Lizzie. Quero apenas um pouco de seu sangue.

Lizzie parecia um ratinho flagrado comendo migalhas de pão no meio de um bando de corujas, mas ela não era o tipo de pessoa que desobedecia a uma ordem. Com relutância, sentou-se de novo no banco ao lado de Roger, que havia deixado o peru no chão a seu lado.

– Para que você quer mais sangue? – perguntou ele, interessado. – Pode pegar quanto quiser do meu, de graça.

Sorrindo, ele ergueu a mão ferida.

– É uma oferta generosa – falei, estendendo uma toalha de linho, sobre a qual coloquei algumas lâminas de vidro limpas. – Mas você não contraiu malária, certo?

Tirei Adso de dentro da jarra de leite, puxando-o pela nuca, coloquei-o no chão e abri o armário.

– Não que eu saiba.

Roger observava meus preparativos, profundamente interessado.

Lizzie deu uma risadinha desolada.

– Saberá muito bem se já tivesse contraído, senhor.

– Imagino que sim. – Ele olhou para ela com compaixão. – É terrível, pelo que ouvi dizer.

– É, sim. Os ossos doem tanto que a gente pensa que estão todos quebrados, e os olhos queimam como fogo. Depois, o suor escorre da pele como um rio e vêm os calafrios, e os dentes parecem que vão quebrar de tanto baterem... – Ela se encolheu, estremecendo ao se lembrar. – Mas eu pensei que já tivesse passado – disse ela, olhando inquieta para o bisturi que eu esterilizava na chama de minha lamparina a álcool.

– Espero que tenha – falei, franzindo a testa para a minúscula lâmina. Peguei um pequeno pano e a garrafa de vidro azul na qual guardava o álcool

destilado e limpei bem a ponta de seu dedo médio. – Algumas pessoas nunca mais têm outra crise depois da primeira, e eu realmente espero que você seja uma delas, Lizzie. Mas, para quase todo mundo, os acessos voltam de tempos em tempos. Estou tentando descobrir se a sua pode estar voltando. Pronta?

Sem esperar confirmação, perfurei a pele com a lanceta, pousando-a em seguida sobre a bancada, e peguei uma lâmina de vidro. Apertei a ponta do dedo, pingando generosas gotas de sangue em cada uma das três lâminas, enrolei o pano ao redor de seu dedo e o soltei.

Agindo depressa, peguei uma lâmina limpa e coloquei-a sobre a gota de sangue, em seguida deslizei-a rapidamente, espalhando o sangue em uma fina camada sobre a lâmina original. Mais uma vez, outra, e dispus todas na bancada, deixando-as secarem.

– É só isso, então, Lizzie – disse a ela com um sorriso. – Vai ser preciso um pouco de preparação até que estejam prontas para serem examinadas. Quando estiverem, chamo você, está bem?

– Ah... não, está tudo bem, senhora – murmurou ela, descendo do banco com um olhar temeroso para as lâminas sujas de sangue. – Não preciso ver.

Tirou o pano do dedo, alisou o avental e saiu depressa do consultório, esquecendo-se da manteiga e do creme.

– Desculpe por tê-lo deixado esperando – falei para Roger. – Eu só pensei...

Abri o armário, peguei três frascos pequenos de cerâmica e tirei as tampas.

– Sem problema – garantiu-me ele.

Roger observou fascinado enquanto eu checava cada lâmina para ver se estava seca, enfiando-as cada uma em um dos frascos.

– Certo – falei.

Agora eu podia me dedicar à limpeza e ao curativo do ferimento em sua mão, um processo bastante simples.

– Não é tão grave quanto pensei – murmurei, limpando o sangue seco dos dedos. – Sangrou bastante, o que é bom.

– Sim, já que você está dizendo.

Ele não se contraiu, mas manteve o rosto virado para o outro lado, olhando fixamente pela janela.

– O sangramento lava os ferimentos – expliquei, limpando a ferida delicadamente com álcool. – Não vou precisar esfregar fundo para limpá-los.

Ele inspirou com um sibilo, depois, para se distrair, meneou a cabeça na direção dos frascos onde as lâminas estavam de molho.

– Por falar em sangue, o que vai fazer com o sangue da srta. Ratinha?

– Um teste. Não sei se vai funcionar, mas fiz algumas tinturas experimentais, usando extratos de plantas para tingir. Se alguma delas reagir com o sangue, poderei ver os glóbulos vermelhos com clareza com a ajuda do microscópio... e o que há neles – falei, com uma mistura de esperança e animação.

Tentar duplicar manchas celulares com os materiais que eu tinha à mão era difícil, mas não impossível. Eu tinha os solventes comuns – álcool, água, terebintina e seus destilados – e uma grande gama de pigmentos vegetais para testar, de índigo a rosa-mosqueta, além de um bom conhecimento acerca de suas propriedades corantes.

Eu não tinha violeta de genciana nem carbol-fucsina, mas conseguira produzir uma tintura avermelhada que deixava as células epiteliais bastante visíveis, ainda que fosse um efeito temporário. Restava saber se o mesmo corante funcionaria em glóbulos vermelhos e suas inclusões, ou se eu teria que tentar outra tintura.

– O que há dentro delas? – perguntou Roger, interessado.

– *Plasmodium vivax* – respondi. – O protozoário causador da malária.

– Consegue vê-lo? Pensei que germes fossem pequenos demais para serem vistos a olho nu, ou mesmo em um microscópio!

– Você é tão leigo quanto Jamie – falei com tolerância. – Apesar de eu adorar ouvir um escocês dizer “gerrmes”. Uma palavra tão sinistra, dita com uma voz grave com esse “r” pronunciado.

Roger riu. O enforcamento havia destruído grande parte da potência de sua voz, mas os registros mais graves, mais ásperos, continuavam intactos.

– Quase tão bom quanto “matarr” – disse ele, forçando ainda mais o “r”.

– Ah, nada é tão bom quanto “matarr” para um escocês. Vocês são todos sedentos por sangue.

– *Todos?*

Ele riu, obviamente não se importando nem um pouco com a generalização grosseira.

– Os homens são – afirmei. – À primeira vista parecem tranquilos, mas insulte um escocês ou mexa com sua família e estará botando a mão em um vespeiro. Todos os boinas azuis atravessam a fronteira e, quando menos se espera, há lanças e espadas por toda a parte em Cromdale.

– Incrível – murmurou ele, olhando para mim. – E você está casada com um há...

– Bastante tempo. – Terminei a limpeza e sequei as costas da mão dele, fazendo pequenas manchas vermelhas surgirem na gaze limpa. – Por falar em homens sedentos por sangue – acrescentei de modo casual –, você por acaso sabe seu tipo sanguíneo?

Ele ergueu a sobrancelha diante da pergunta. Bem, eu não pretendia enganá-lo, afinal; só procurei um jeito de abordar a questão.

– Sim – respondeu ele devagar –, sei. É O positivo.

Os olhos verde-escuros estavam fixos nos meus, inquisitivos.

– Muito interessante – falei.

Substituí a gaze por outra limpa e comecei a enrolar uma atadura em volta da mão.

– *Quão* interessante exatamente?

Olhei para ele e nossos olhos se encontraram.

– Moderadamente.

Peguei as lâminas, pingando corantes rosa e azul. Apoiei uma delas na jarra de leite para secar, as outras duas eu troquei, colocando a lâmina cor-de-rosa no corante azul, e vice-versa.

– Existem três grupos sanguíneos principais – expliquei, soprando levemente a lâmina apoiada na jarra. – Na verdade, existem mais, mas esses três são os que todos conhecem. É o chamado grupo ABO, o que significa que quase todo mundo tem sangue do tipo A, do tipo B ou do O. A questão é

que, como todos os outros traços, isso é determinado geneticamente e, como os seres humanos são, de modo geral, heterossexuais, você recebe metade de seus genes para qualquer traço de um dos pais e a outra metade, do outro.

– Eu me lembro vagamente de ter aprendido algo assim na escola – disse Roger de modo sério. – Todas aquelas malditas tabelas, desculpe, sobre hemofilia na família real e coisas assim. Mas presumo que agora essa questão tenha certo significado pessoal.

– Não sei – falei. – Pode ter.

A lâmina cor-de-rosa parecia seca. Eu a pousei delicadamente sob a lente do microscópio e me inclinei para ajustar o espelho.

– A questão é – continuei, estreitando os olhos para olhar pela ocular enquanto ajustava o foco – que esses grupos sanguíneos têm a ver com anticorpos, pequenas coisas de formato estranho na superfície das células sanguíneas. Ou seja, as pessoas que são do tipo A têm um tipo de anticorpo nas células, pessoas com tipo B têm outro, e pessoas com tipo O não têm nenhum.

Os glóbulos vermelhos apareceram de repente, levemente coloridos, como sombras redondas e rosadas. Em alguns pontos, uma mancha rosa mais forte indicava o que poderiam ser resíduos celulares, ou talvez um dos glóbulos brancos maiores. Não vi praticamente mais nada, no entanto.

– Assim – continuei, retirando as outras duas lâminas dos frascos –, se um dos pais deu ao filho o gene para o tipo O e o outro deu um para o tipo A, o sangue da criança vai se mostrar como tipo A, porque são os anticorpos que são testados. Mas a criança ainda tem o gene para o tipo O.

Abanei uma das lâminas para que secasse.

– Meu tipo sanguíneo é A. Bem, por acaso eu sei que o tipo sanguíneo do meu pai era O. Para que o sangue dele se mostrasse como tipo O, isso significa que seus dois genes tinham que ser do tipo O. Portanto, qualquer dos dois genes que ele tenha passado para mim vai ser necessariamente do tipo O. O gene do tipo A, portanto, veio da minha mãe.

Ao ver que ele parecia confuso, suspirei e pousei a lâmina. Bree andara desenhando figuras de esporos de penicilina para mim e havia deixado seu

bloco e seu lápis de grafite ao lado do microscópio. Eu os peguei e procurei uma página em branco.

– Veja – eu disse, fazendo um desenho rápido.



– Está vendo? – aponte com a ponta do grafite. – Eu não sei ao certo o tipo sanguíneo de minha mãe, mas não importa; para que eu tenha sangue do tipo A, ela tem que ter me dado esse gene, porque meu pai não o tinha.

A outra lâmina estava quase seca; pousei o grafite sobre a bancada, coloquei a lâmina no lugar e me inclinei para olhar pelo microscópio.

– Você consegue ver os tipos sanguíneos, esses anticorpos, através de um microscópio?

Roger estava bem atrás de mim.

– Não – respondi, sem levantar a cabeça. – A resolução está longe de ser suficiente. Mas posso ver outras coisas... ou assim espero.

Ajustei o foco uma fração de centímetro e as células ficaram nítidas. Soltei a respiração que estava prendendo e senti uma leve excitação percorrer meu corpo. Lá estavam elas; as manchas rosadas em formato de discos dos glóbulos vermelhos – e aqui e ali, dentro de alguns dos glóbulos, uma mancha mais escura, algumas arredondadas, algumas parecendo pinos de boliche em miniatura. Meu coração bateu forte, e eu emití uma pequena exclamação de alegria.

– Venha ver – falei, dando um passo para o lado.

Roger se inclinou, parecendo confuso.

– Para o que estou olhando? – perguntou ele, estreitando os olhos.

– *Plasmodium vivax* – respondi, orgulhosa. – Malária. As pequenas manchas escuras dentro das células.

As manchas arredondadas eram os protozoários, as criaturas unicelulares transferidas para o sangue por meio da picada de um mosquito. As poucas que pareciam pinos de boliche eram protozoários prestes a germinar, preparando-se para se reproduzir.

– Quando brotam – expliquei, voltando a olhar pelo microscópio –, eles se multiplicam até explodirem o glóbulo vermelho, então se instalam em novos glóbulos vermelhos, multiplicam-se e o fazem explodir. É quando o paciente sofre uma crise de malária, com a febre e os calafrios. Quando o *Plasmodium* está inativo, quando não está se multiplicando, o paciente fica bem.

– E o que faz com que se multipliquem?

Roger estava fascinado.

– Ninguém sabe ao certo. – Respirei fundo e tampei meus frascos de corantes de novo. – Mas você pode verificar, ver o que está acontecendo, se eles *estão* se multiplicando. Ninguém pode viver à base de quinino, nem tomá-lo por muito tempo. A casca da árvore da quina é muito cara, e eu não sei quais podem ser os efeitos no corpo a longo prazo. E, infelizmente, a penicilina não tem efeito sobre a maior parte dos protozoários. Mas vou examinar o sangue de Lizzie periodicamente. Se eu vir o *Plasmodium* aumentando depressa, começarei a administrar quinino de imediato. Se tivermos sorte, isso poderá evitar uma crise. Vale a pena tentar, sem dúvida.

Ele concordou, olhando para o microscópio e para a lâmina colorida de rosa e azul.

– Vale muito a pena – disse baixinho.

Ele ficou me observando andar de um lado para outro enquanto limpava os vestígios de minha experiência. Quando me abaixei para pegar o pano em que ele havia enrolado a mão, Roger perguntou:

– E certamente você sabe o tipo sanguíneo de Bree.

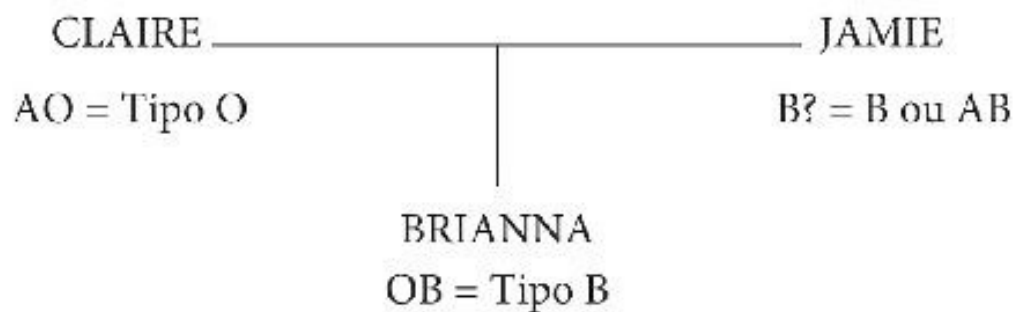
– Tipo B – respondi, olhando para a caixa de ataduras. – Muito raro, especialmente para uma pessoa caucasiana. É mais encontrado em

populações pequenas, mais isoladas, como algumas tribos indígenas no sudoeste americano, algumas populações negras; provavelmente vieram de uma região específica da África, mas é claro que quando os grupos sanguíneos foram descobertos, essa conexão já havia se perdido.

– Populações pequenas, isoladas. Os escoceses das Terras Altas, talvez? Olhei para ele.

– Talvez.

Ele assentiu em silêncio, obviamente pensando. Então, pegou o lápis e desenhou um pequeno diagrama no bloco.



– Isso mesmo – falei, assentindo quando ele olhou para mim em dúvida. – Exatamente.

Ele esboçou um sorriso em resposta, então olhou para baixo, examinando os diagramas.

– Você pode saber, então? – perguntou ele finalmente, sem olhar para mim. – Com certeza?

– Não – respondi, jogando o pano no cesto de panos para lavar com um pequeno suspiro. – Ou melhor, não posso dizer ao certo se Jemmy é seu filho. *Talvez* eu pudesse saber com certeza se ele não é.

Ele empalideceu.

– Como assim?

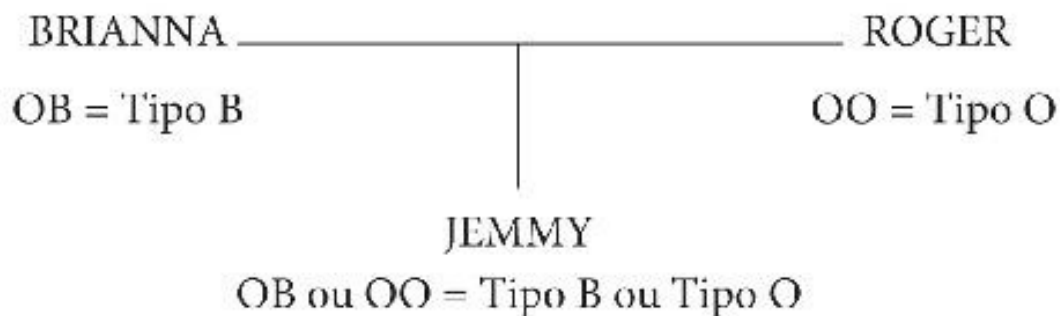
– Bree é tipo B, mas eu sou tipo A. Isso significa que ela tem um gene para o tipo B e meu gene para o tipo O; qualquer dos dois pode ter sido passado para Jemmy. Você só poderia ter transmitido a ele um gene para o

tipo O, porque é o único que você tem.

Indiquei com a cabeça uma pequena fileira de tubos perto da janela, o soro contido neles brilhando em tons dourados e marrons à luz do fim de tarde.

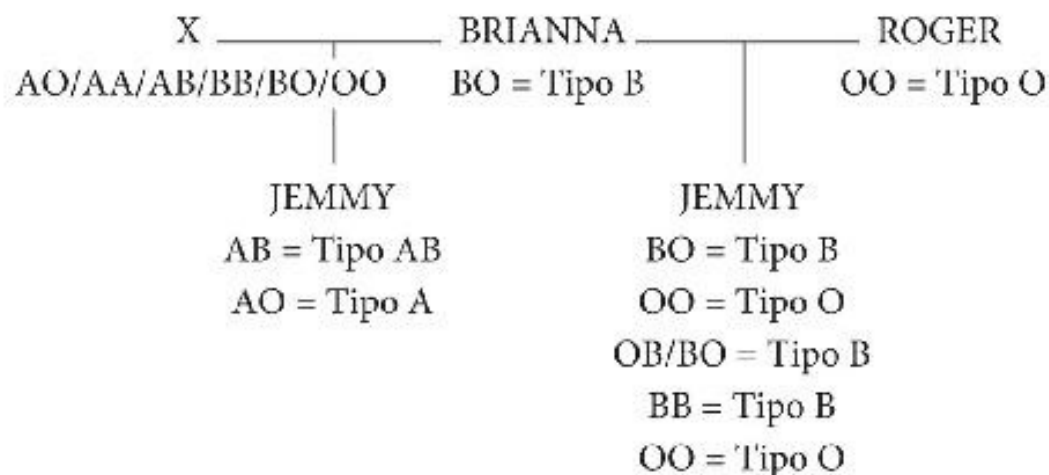
– Desse modo, se Bree deu a ele o gene do tipo O e você, o pai, deu a ele um gene do tipo O, ele teria o tipo O, ou seja, o sangue dele não terá anticorpos e não reagirá ao soro do meu sangue, nem ao de Jamie, nem ao de Bree. Se Bree deu a ele seu gene para o tipo B, e você deu o gene para o tipo O, ele seria tipo B, ou seja, seu sangue reagiria com o meu soro, mas não com o de Bree. Em ambos os casos, você poderia ser o pai, assim como qualquer pessoa com sangue tipo O. No entanto, se...

Respirei fundo e peguei o lápis de onde Roger o deixara. Desenhei devagar enquanto falava, ilustrando as possibilidades.



– Mas – bati o lápis no papel –, se Jemmy apresentasse tipo A ou tipo AB, então seu pai não poderia ser homozigoto para tipo O. Homozigoto quer dizer que os dois genes são iguais, que é o seu caso.

Escrevi as alternativas à esquerda da minha anotação anterior.



Vi os olhos de Roger moverem-se rapidamente para o “X” e me perguntei por que havia escrito daquela forma. Afinal, o outro candidato a pai de Jemmy não poderia ser qualquer um. Ainda assim, não consegui escrever “Bonnet”. Talvez fosse apenas superstição; talvez um desejo de manter a lembrança daquele homem a distância.

– Mas saiba – falei, quase como se me desculpasse – que o tipo O é muito comum na população como um todo.

Roger soltou um grunhido e ficou sentado observando o diagrama, os olhos velados em concentração.

– Bem – disse ele por fim. – Se ele for tipo O ou tipo B, ele pode ser meu, mas não com certeza. Se for tipo A ou tipo AB, não é meu... com certeza.

Ele passou o dedo devagar sobre a atadura em sua mão.

– É um teste muito grosseiro – falei, engolindo em seco. – Não posso... quero dizer, sempre há a possibilidade de haver um erro no próprio teste.

Ele assentiu, sem levantar a cabeça.

– Você disse isso a Bree? – perguntou ele baixinho.

– Claro. Ela disse que não quer saber, mas que, se você quisesse, eu deveria fazer o exame.

Eu o vi engolir em seco e levar a mão por um momento à cicatriz em sua garganta. Seus olhos estavam fixos no assoalho limpo, quase sem piscar.

Eu me virei para dar a ele um pouco de privacidade e me inclinei sobre o

microscópio. Eu teria que fazer uma grade, pensei, uma grade de medição para colocar sobre a lâmina de forma a calcular a densidade relativa das células infectadas com o *Plasmodium*. Por enquanto, porém, uma contagem grosseira bastaria.

Ocorreu-me que, agora que tinha um corante que funcionava, eu poderia examinar o sangue de outras pessoas na Cordilheira dos Frasers – as de casa, para começar. Mosquitos eram muito mais raros nas montanhas do que no litoral, mas ainda assim havia muitos, e ainda que Lizzie estivesse bem, continuava sendo uma fonte de infecção em potencial.

—... quatro, cinco, seis...

Eu contava as células infectadas baixinho, tentando ignorar tanto Roger no banco atrás de mim quanto a súbita lembrança que me ocorrera quando eu disse a ele o tipo sanguíneo de Brianna.

As amígdalas dela foram removidas aos 7 anos. Eu ainda me lembrava do médico franzindo o cenho para o prontuário que tinha em mãos – o prontuário que relacionava o tipo sanguíneo dela e de seus pais. Frank era tipo A, como eu. E dois pais tipo A não poderiam, em nenhuma circunstância, gerar uma criança tipo B.

O médico olhara para Frank e para mim, para mim e para Frank, o rosto contraído em constrangimento – e os olhos tomados por uma fria especulação enquanto olhava para mim. Era como se eu tivesse uma letra “A” escarlate bordada no peito, pensei – ou, naquele caso, um “B” escarlate.

Frank, coitado, viu o olhar e disse: “Minha mulher era viúva. Adotei Bree ainda bebê.” O rosto do médico relaxou no mesmo instante, com um ar de desculpas, e Frank segurou minha mão com força por trás das pregas da minha saia. Minha mão se retesou quando me lembrei de como apartei a mão dele de volta, em agradecimento, e a lâmina deslizou de repente, deixando-me diante de um vidro vazio e embaçado.

Ouvi um ruído atrás de mim quando Roger se levantou. Eu me virei, e ele sorriu para mim, os olhos escuros como musgo.

– O sangue não importa – disse ele baixinho. – Ele é meu filho.

– Sim – falei, sentindo um nó na garganta. – Eu sei.

Um estalo alto rompeu o silêncio momentâneo e eu olhei para baixo, surpresa. Um tufo de penas de peru passou pelo meu pé e Adso, pego no flagra, saiu correndo do consultório, com o enorme leque de uma asa arrancada na boca.

– Gato *maldito*! – gritei.

GAROTO ESPERTO

Um vento frio soprava do leste naquela noite; Roger ouvia o lamento constante atravessando a parede de taipa perto de sua cabeça e os estalos e o bater dos galhos das árvores além da casa. Uma súbita rajada atingiu o couro oleado preso sobre a abertura da janela. O couro se inflou para dentro com um estalido, soltou-se de um lado, e a corrente de ar fez os papéis voarem da mesa e inclinou a chama da vela em um ângulo alarmante.

Roger afastou a vela rapidamente e pressionou o couro da janela para baixo com a palma da mão, olhando para trás para ver se a mulher e o filho haviam despertado com o barulho. Um pano de prato se balançou no prego ao lado da lareira e a pele do seu *bodhran* ressoou baixo quando a corrente passou. Uma labareda repentina se ergueu da lareira, e ele viu Brianna estremecer quando o ar frio soprou sobre seu rosto.

Ela se aconchegou melhor embaixo das cobertas, alguns fios de cabelos ruivos brilhando ao serem erguidos pelo vento. A caminha onde Jemmy agora dormia estava protegida pela cama maior; não se ouvia nenhum som vindo daquele canto do quarto.

Roger soltou a respiração que estava prendendo, procurou na vasilha de chifre onde guardavam objetos úteis e encontrou uma tachinha sobressalente. Ele a prendeu no lugar com a base da mão, reduzindo a corrente de ar a uma pequena e fria infiltração, e se abaixou para recolher as folhas de papel espalhadas.

Oh, vais deixar os animais de Telfer voltarem?

Ou farás tudo que puder por consideração a mim?

Ele repetiu as palavras mentalmente enquanto limpava a tinta da pena, seca em parte, ouvindo as palavras na velha e dissonante voz de Kimmie Clellan.

Era uma canção chamada “*Jamie Telfer of the Fair Dodhead*” – uma das antigas baladas sobre roubos e saques que se estendiam por dezenas de versos e tinham dezenas de variações regionais, todas envolvendo as tentativas de Telfer, um fronteiro, de vingar um ataque a sua casa com a ajuda de amigos e parentes. Roger conhecia três das variações, mas Clellan cantou outra – com um subtexto totalmente novo envolvendo o primo de Telfer, Willie.

Ou pela minha fé, disse Willie Scott.

Usarei o açoite de minha senhora em ti!

Kimmie cantava para passar o tempo em uma noite solitária, contara a Roger, ou para entreter os anfitriões cujo fogo ele compartilhava. Ele se lembrava de todas as canções de sua juventude na Escócia e tinha prazer em cantá-las quantas vezes quisessem ouvi-lo, desde que mantivessem sua garganta molhada o suficiente para entoar uma melodia.

As outras pessoas da casa-grande haviam apreciado duas ou três apresentações do repertório de Clellan, começaram a bocejar e piscar durante a quarta e finalmente murmuraram desculpas e partiram, cambaleando, os olhos vidrados, direto para a cama – em massa –, deixando Roger com a tarefa de servir-lhe uísque e convencê-lo a cantar novamente a canção, até as palavras se fixarem em sua memória.

A memória era algo incerto, sujeita a perdas aleatórias e a conjecturas inconscientes que tomavam o lugar dos fatos. Era muito mais seguro registrar coisas importantes no papel.

Não vou deixar os animais voltarem,

Nem por teu amor, nem mesmo por teu medo...

A pena arranhava o papel delicadamente, capturando as palavras uma a uma, pregadas à folha como vaga-lumes. Já era tarde, e Roger sentia câibras nos músculos por causa do frio e do longo tempo que permanecera sentado, mas estava decidido a registrar todos os versos novos enquanto ainda estavam frescos em sua mente. Clellan poderia partir pela manhã e ser devorado por um urso ou soterrado por pedras em um deslizamento, mas Willie, primo de Telfer, continuaria vivo.

*Mas levarei os animais de Jamie Telfer,
Apesar de cada escocês que há...*

A vela fez um pequeno ruído quando a chama atingiu uma falha no pavio. A luz sobre o papel oscilou e bruxuleou, e as palavras desapareceram abruptamente nas sombras quando a chama da vela passou de um dedo de luz a um fiapo de brilho azulado, como a morte repentina de um sol em miniatura.

Roger largou a pena e pegou o castiçal de cerâmica xingando baixinho. Soprou o pavio com cuidado, na esperança de reavivar a chama.

– “Mas Willie foi atingido na cabeça” – murmurou consigo mesmo, repetindo as palavras entre um sopro e outro, para mantê-las vivas. – “Mas Willie foi atingido na cabeça/ E pelo elmo a espada passou/ E Harden urrou de fúria/ Ao ver Willie morto no chão... Ao ver Willie morto no chão...”

Um halo laranja se ergueu por um instante, alimentando-se de seu sopro, mas diminuiu lentamente, apesar dos sopros contínuos, reduzindo-se a um ponto vermelho incandescente que pareceu zombar dele por um ou dois segundos até desaparecer por completo, deixando não mais do que um filete de fumaça branca no quarto quase escuro e o cheiro de cera de abelha quente em seu nariz.

Ele xingou de novo, um pouco mais alto. Brianna mudou de posição na

cama e ele ouviu a palha de milho farfalhar quando ela ergueu a cabeça com um resmungo confuso.

– Está tudo bem – disse ele com um sussurro rouco, olhando para a caminha no canto. – A vela apagou. Volte a dormir.

Mas Willie foi atingido na cabeça...

– Hum.

Ele ouviu o barulho da cabeça ao recostar sobre o travesseiro de penas de ganso de novo e em seguida um suspiro.

Naquele exato momento, a cabeça de Jemmy surgiu do ninho de cobertores, os cabelos ruivos e finos recortados contra a claridade suave que vinha da lareira. Ele emitiu um ruído de urgência confusa, não exatamente um grito, e antes que Roger pudesse se mover, Brianna já havia saído da cama como um míssil teleguiado, tirando o menino dos cobertores e tateando suas roupas com uma das mãos.

– Penico! – gritou ela para Roger, apontando para atrás com o pé descalço enquanto tirava as roupas de Jemmy. – Pegue o penico! Só um minuto, querido – disse com carinho a Jemmy, mudando bruscamente o tom. – Espere sóóóó um minutinho...

Impelido à obediência instantânea por seu tom de urgência, Roger caiu de joelhos, passando o braço pelo buraco negro embaixo da cama.

Mas Willie foi atingido na cabeça... E pelo... capacete? Atordoado com a situação, um remoto bastião de memória agarrava-se com teimosia à canção, que soava dentro de seu ouvido. Só a melodia, porém... a letra estava desaparecendo rapidamente.

– Aqui!

Ele encontrou o penico de cerâmica, bateu com ele no pé da cama sem querer, graças a Deus, não quebrou!, e o empurrou pelo assoalho para Bree.

Ela colocou Jemmy, agora nu, sentado no penico com uma exclamação de satisfação, e Roger ficou tateando no escuro, à procura da vela que caíra, enquanto ela murmurava palavras de incentivo.

– Certo, querido, sim, isso mesmo...

Willie foi golpeado... não, atingido...

Encontrou a vela, felizmente intacta, e aos poucos se afastou do drama em curso para se ajoelhar e reacender o pavio nas brasas da lareira. Enquanto fazia isso, ele atçou as brasas e acrescentou mais lenha. O fogo se reanimou, iluminando Jemmy, que parecia estar fazendo um esforço bem-sucedido para voltar a dormir, apesar da posição e dos incentivos da mãe.

– Você não está precisando se aliviar? – perguntou ela, sacudindo o ombro dele com delicadeza.

– Se aliviar? – perguntou Roger, a curiosa expressão afastando o resto da música de sua mente. – O que quer dizer com se aliviar?

Ele acreditava, com base na atual experiência como pai, que as crianças pequenas já nasciam se aliviando quando bem entendiam, e iam melhorando aos poucos. Ele disse isso, fazendo com que Brianna lhe lançasse um olhar contrariado.

– *O quê?* – disse ela, irritada. – O que quer dizer com isso?

Ela mantinha uma das mãos no ombro de Jemmy, equilibrando-o, enquanto a outra envolvia sua barriguinha redonda, o dedo indicador desaparecendo nas sombras logo abaixo para direcionar a mira dele.

– Se aliviar – explicou Roger, com um gesto vago. – Você sabe, eles fazem quando e onde têm vontade.

Ela abriu a boca para responder, mas Jemmy se desequilibrou, a cabeça pendendo para a frente.

– Não, não! – disse ela, sacudindo-o de novo. – Acorde, querido! Acorde para se aliviar!

O insidioso termo se fixou, de algum modo, na mente de Roger e acabou por substituir metade das palavras do verso que ele tentava recuperar.

Willie se sentou em seu penico/ E usando o elmo se aliviou...

Balançou a cabeça, como se quisesse se livrar dos versos, mas era tarde demais – a letra real havia desaparecido. Resignado, desistiu e agachou-se ao lado de Brianna para ajudá-la.

– Acorde, amigão. Há trabalho a fazer.

Passou o dedo com cuidado embaixo do queixo de Jemmy, depois soprou em seu ouvido, agitando os sedosos fios ruivos grudados nas têmporas, ainda

úmidas de suor.

As pálpebras de Jemmy se abriram em fendas estreitas. Ele parecia uma pequena toupeira rosada, cruelmente arrancada de seu buraco aconchegante, espiando com medo o mundo inóspito lá fora.

Brianna bocejou e balançou a cabeça, piscando e franzindo a testa à luz da vela.

– Bem, se não gosta de “se aliviar”, o que dizem para uma criança na Escócia, então? – perguntou ela, mal-humorada.

Roger moveu o dedo até o umbigo de Jemmy, fazendo cócegas.

– Ah... Eu me lembro de um amigo perguntando ao filho pequeno se ele queria fazer xixi – sugeriu.

Brianna emitiu um ruído grosseiro, mas Jemmy pestanejou.

– Xixi – disse ele ensonado, gostando do som da palavra.

– Isso, essa é a ideia – disse Roger, encorajando-o.

Passou o dedo de leve em torno da depressão do umbigo, e Jemmy esboçou um risinho, começando a despertar.

– Xixiiii – disse ele. – Pipiiii.

– Se der certo, que seja – disse Brianna, ainda irritada, mas conformada. – Xixi, pipi... apenas acabe logo com isso, está bem? A mamãe quer dormir.

– Talvez você deva tirar seu dedo do... dele – Roger maneou a cabeça, indicando a que se referia. – Desse jeito, vai acabar deixando o menino complexado ou algo assim.

– Está bem.

Bree tirou a mão, e o pequeno objeto se ergueu de imediato, apontando diretamente para Roger por cima da borda do penico.

– Ei! Calma, espere um... – começou a dizer, erguendo a mão para se proteger bem a tempo.

– Xixiiii – disse Jemmy, com um sorriso sonolento de prazer.

– Merda!

– Méda! – repetiu Jemmy em seguida.

– Bem, não é bem isso... Quer parar de rir? – disse ele irritado, limpando a mão cuidadosamente em um trapo da cozinha.

Brianna resfolegava e ria, balançando tanto a cabeça que mechas de cabelo soltas de sua trança caíram ao redor de seu rosto.

– *Bom garoto, Jemmy!*

Com o elogio, Jemmy assumiu um ar de concentração, comprimiu o queixo contra o peito e, sem mais delongas, passou ao Segundo Ato do drama da noite.

– Garoto esperto! – disse Roger, com sinceridade.

Brianna olhou para ele, a surpresa momentânea interrompendo seus aplausos.

Ele também ficou surpreso. Falara por reflexo e, ao ouvir as palavras, apenas por um instante, a voz não pareceu ser sua. Muito familiar – mas não a sua. Era como escrever a letra da canção do velho Clellan, ouvindo a estranha voz dele, apesar de seus próprios lábios pronunciarem as palavras.

– Sim, muito esperto – disse ele, mais suavemente, dando tapinhas carinhos na cabeça do menino.

Ele levou o penico para ser esvaziado do lado de fora, enquanto Brianna colocava Jemmy para dormir com beijos e murmúrios de admiração. Depois de uma limpeza básica, foi até o poço lavar as mãos antes de voltar para dentro de casa para dormir.

– Terminou de trabalhar? – perguntou Brianna sonolenta quando ele se deitou na cama ao seu lado.

Ela se virou e empurrou o traseiro sem cerimônia contra a barriga dele, o que ele considerou um gesto de afeto, já que seu corpo estava bem mais quente do que o dele depois de ter saído de casa.

– Sim, por hoje.

Ele a abraçou e beijou a parte de trás de sua orelha, o calor de seu corpo um conforto e um prazer. Ela tomou a mão fria dele entre as suas sem dizer nada, fechou-a e a acomodou sob seu queixo, depois de beijá-la. Ele se alongou um pouco, depois relaxou, deixando os músculos se soltarem e sentindo os pequenos movimentos dos dois corpos se encaixando um no outro. Um ronco baixinho, como um zumbido, veio da caminha onde Jemmy dormia o sono dos justos e secos.

Brianna acabara de abafar o fogo; ele ardia com um calor suave e constante, espalhando o cheiro adocicado de noqueira e dando pequenos estalos de vez em quando, conforme a chama abafada atingia um ponto úmido ou coberto de resina. Aos poucos, o calor o envolveu e o sono veio em seguida, cobrindo seu corpo com um manto de estupor, abrindo as organizadas gavetas de sua mente e deixando que todos os pensamentos e impressões do dia se misturassem em amontoados luminosos e coloridos.

Resistindo à inconsciência por mais alguns instantes, ele vasculhou aleatoriamente as riquezas reveladas e espalhadas na vã esperança de encontrar um vestígio da música de Telfer; uma palavra ou parte da melodia que lhe permitisse recuperar os versos desaparecidos e arrastá-los de volta para a luz da consciência. Mas não foi a história do desafortunado Willie que emergiu do entulho, mas uma voz. Não a dele, nem a do velho Kimmie Clellan.

Garoto esperto!, dizia a voz, em um contralto nítido e vigoroso, pontuado pelo riso. Roger fez um movimento brusco.

– O que você disse? – murmurou Brianna, perturbada pelo movimento.

– Vá em frente... seja esperto – disse ele devagar, repetindo as palavras conforme elas se formavam em sua memória. – Foi o que ela disse.

– Ela quem?

Brianna virou a cabeça, com um farfalhar de cabelos sobre o travesseiro.

– Minha mãe. – Ele colocou a mão livre em volta da cintura dela, reajustando a posição de ambos. – Você perguntou o que se dizia na Escócia. Eu tinha me esquecido, mas era isso que ela costumava me dizer: “Vá em frente, seja esperto!” ou “Você precisa ser esperto”.

Bree soltou um resmungo ensonado de divertimento.

– Bem, é melhor do que fazer xixi – disse ela.

Ficaram em silêncio por um instante. Então ela disse, ainda baixinho, mas sem sinais de sono na voz:

– Você fala sobre seu pai às vezes, mas nunca mencionou sua mãe.

Ele encolheu um dos ombros, erguendo os joelhos para encostá-los atrás das coxas dela.

– Não me lembro de muita coisa sobre ela.

– Quantos anos você tinha quando ela morreu?

Brianna ergueu a mão e a pousou sobre a dele.

– Ah, quatro, acho, quase cinco.

– Hum.

Ela emituiu um gemido solidário e apertou a mão dele. Ficou em silêncio por alguns instantes, sozinha com seus pensamentos, mas ele a ouviu engolir em seco e sentiu uma ligeira tensão em seus ombros.

– O que foi?

– Ah... nada.

– Nada mesmo?

Ele soltou sua mão e usou-a para afastar a trança e massagear delicadamente sua nuca. Ela virou a cabeça para o outro lado para facilitar, enterrando o rosto no travesseiro.

– É só que... eu estava pensando... se eu morresse agora, Jemmy é tão pequeno... ele não ia se lembrar de mim – sussurrou ela, com a voz meio abafada.

– Sim, ele se lembraria.

Ele a contradisse automaticamente, querendo tranquilizá-la, mesmo sabendo que ela provavelmente tinha razão.

– Você não se lembra e era bem mais velho quando perdeu sua mãe.

– Ah... eu me lembro dela, sim – retrucou ele devagar, pressionando a ponta do polegar no ponto de junção entre pescoço e ombro. – Só que são fragmentos de lembranças. Às vezes, quando estou sonhando, ou pensando em outra coisa, tenho um vislumbre dela ou ouço um eco de sua voz. De algumas coisas eu me lembro com clareza, como o medalhão que ela usava no pescoço, com suas iniciais escritas com pedrinhas. Eram granadas.

Aquele medalhão provavelmente salvara a vida dele durante sua primeira tentativa frustrada de atravessar as pedras. Ele sentia a perda daquele objeto de tempos em tempos, como um espinho enterrado sob a superfície da pele, mas afastava o sentimento, dizendo a si mesmo que, no fim das contas, não passava de um pedaço de metal.

Mas ao mesmo tempo, sentia sua falta.

– É um *objeto*, Roger. – Sua voz tinha um tom incisivo. – Você se lembra *dela*? Quero dizer... o que Jemmy saberia sobre mim... sobre você, se tudo que ele tivesse de nós fossem... – ela procurou algum objeto adequado – seu *bodhran* e meu canivete?

– Ele ia saber que o pai gostava de música e que a mãe tinha sede de sangue – disse Roger secamente. – Ai! – exclamou, contraindo-se ligeiramente quando o punho de Brianna golpeou sua coxa, em seguida apoiou as mãos conciliadoramente nos ombros dela. – Não, é sério. Ele saberia muito sobre nós, e não só por causa das miudezas que tivéssemos deixado, ainda que ajudassem.

– Como?

– Bem... – Ela havia relaxado os ombros de novo; ele podia sentir a borda delgada de sua escápula, dura contra sua pele. Estava magra demais, pensou. – Você estudou história durante algum tempo, não foi? Sabe o quanto as pessoas descobrem por meio de objetos comuns, como travessas e brinquedos.

– Hum.

Bree parecia duvidar, mas ele achou que ela queria apenas ser convencida.

– E Jem saberia muito mais do que isso a seu respeito, através de seus desenhos – observou ele.

E muito mais do que um filho deveria saber, se um dia lesse seu livro dos sonhos, pensou. O súbito impulso de dizer isso, de confessar que ele próprio o lera, fez sua língua tremer, mas ele se conteve. Além do receio de como ela poderia reagir se descobrisse a intrusão, havia o medo maior de que ela parasse de registrar seus sonhos e de que aqueles breves vislumbres secretos de sua mente se perdessem para sempre.

– Acho que tem razão – disse ela, devagar. – Fico me perguntando se Jemmy vai desenhar ou se vai gostar de música.

Se Stephen Bonnet tocar flauta, Roger pensou com cinismo, mas reprimiu o pensamento subversivo, recusando-se a aceitá-lo.

– É assim que ele vai saber mais sobre nós – disse ele, continuando a delicada massagem. – Olhando para ele mesmo, não é?

– Hum?

– Bem, olhe só para você – disse ele. – Quem vê você pensa na mesma hora: “Só pode ser filha de Jamie Fraser!” E não estou me referindo apenas aos cabelos ruivos. E quanto à habilidade no tiro? E como você e sua mãe se comportam em relação aos tomates...

Ela estalou os lábios em reflexo e abriu um sorriso quando ele riu.

– Sim, está bem, estou entendendo – disse ela. – Hum. Por que falou em tomates? Usei os últimos tomates secos na semana passada e ainda faltam seis meses para a época propícia.

– Desculpe – disse ele, beijando sua nuca para se redimir. Instantes depois, acrescentou: – Tem uma coisa que sempre me perguntei. Quando você descobriu sobre Jamie, quando começamos a procurá-lo, você deve ter tentado imaginar como ele era. – Ele sabia que ela havia feito isso; *ele* certamente havia feito. – Ele era como você imaginava que ele seria, com base no que já sabia sobre ele? Ou... no que você sabia a respeito de si mesma?

Aquilo fez com que ela risse novamente, com certa ironia.

– Não sei – respondeu ela. – Eu não sabia na ocasião, e ainda não sei.

– O que quer dizer com isso?

– Bem, quando você ouve falar de alguém antes de conhecer essa pessoa, é natural que a pessoa real não corresponda exatamente ao que você ouviu falar ou como você a imaginou. Mas você também não esquece o que imaginou. Isso fica em sua mente e de certa forma se funde com o que você descobre quando conhece a pessoa. E depois... – Ela inclinou a cabeça para a frente, pensando. – Mesmo que você conheça uma pessoa *primeiro*, e tenha informações sobre ela depois... isso de certa forma afeta a maneira como você a vê, não?

– Hum, imagino que sim. Está se referindo a... seu outro pai? Frank?

– Acho que sim. – Ela se ajeitou, afastando a ideia. Não queria falar sobre Frank Randall, não naquele momento. – E quanto a seus pais, Roger? Acha

que foi por isso que o reverendo guardou todas aquelas coisas velhas nas caixas? Para que mais tarde você pudesse examiná-las, saber mais sobre eles e de certa forma acrescentar isso a suas lembranças deles?

– Eu... sim, imagino que sim – respondeu ele, pouco convicto. – Não que eu tenha alguma lembrança real de meu verdadeiro pai, de qualquer modo; ele só me viu uma vez e eu tinha menos de um ano na época.

– Mas você se lembra de sua mãe, não é? Pelo menos um pouco?

Ela pareceu um pouco ansiosa; queria que ele se lembrasse. Ele hesitou, e um pensamento o assaltou com um leve choque. Ele percebeu que, na verdade, nunca tentava se lembrar da mãe conscientemente. Ao se dar conta disso, teve uma repentina e pouco usual sensação de vergonha.

– Ela morreu na guerra, não foi?

A mão de Bree tinha retomado a massagem que Roger interrompera, estendendo-se para massagear o músculo contraído de sua coxa.

– Sim. Ela... durante o bombardeio aéreo. Uma bomba.

– Na Escócia? Mas eu pensei...

– Não. Em Londres.

Ele não queria falar sobre o assunto. *Nunca* falara sobre aquilo. Nas raras ocasiões em que a memória o conduzia naquela direção, ele desviava. Aquele território ficava guardado a portas fechadas, com um grande aviso de “Proibida a entrada” que ele nunca pensou em desobedecer. E, no entanto, naquela noite... ele sentia o eco da angústia de Bree ao imaginar que seu filho pudesse um dia não se lembrar dela. E sentiu o mesmo eco, como uma voz fraca chamando-o, a voz da mulher trancada atrás daquela porta em sua mente. Mas estaria de fato trancada, afinal?

Com uma sensação de vazio no peito, que poderia ser temor, estendeu a mão e segurou a maçaneta da porta fechada. De quanto realmente se lembrava?

– Minha avó, mãe de minha mãe, era inglesa – disse ele devagar. – Viúva. Nós fomos viver com ela em Londres depois que meu pai morreu.

Ele não pensava na avó, assim como não pensava na mãe, havia anos. Mas, ao falar, podia sentir o cheiro de loção de glicerina e água de rosas que

a avó usava nas mãos, o cheiro levemente mofado de seu apartamento na Tottenham Court Road, entulhado com móveis estofados com tecido de crina de cavalo grandes demais para o ambiente, resquícios de uma vida anterior, quando tinha uma casa, marido e filhos.

Ele respirou fundo. Bree percebeu e pressionou as costas largas e firmes contra seu peito, encorajando-o. Ele beijou sua nuca. Então a porta *de fato* se abriu – apenas uma fresta, talvez, mas a luz de uma tarde de inverno londrino brilhou através dela, iluminando uma pilha de blocos de madeira gastos sobre um tapete puído. A mão de uma mulher construía uma torre com eles, o sol fraco espalhando em todas as direções arco-íris refletido de um diamante em sua mão. Ele fechou os próprios dedos em reflexo diante da imagem daquela mão estreita.

– Mamãe... minha mãe... era pequena, como minha avó. Quer dizer, para mim, ambas pareciam grandes, mas eu me lembro... eu me lembro de vê-la na ponta dos pés, tentando alcançar as coisas na prateleira.

Coisas. A lata de chá, com seu açucareiro de vidro lapidado. A chaleira velha, três canecas que não combinavam entre si. A dele tinha o desenho de um panda. Um pacote de biscoitos, vermelho-vivo, com o desenho de um papagaio... Meu Deus, ele nunca mais vira um daqueles desde então... será que ainda eram fabricados? Não, claro que não, não agora...

Afastou a mente dessas divagações para voltar ao presente.

– Eu sei como ela era, mas mais pelas fotografias, não exatamente pelas minhas lembranças.

No entanto, ele *tinha* lembranças, percebeu, com uma perturbadora sensação na boca do estômago. Ele pensou em “mãe” e de repente não viu mais as fotos; viu a corrente de seus óculos, um cordão de minúsculas bolinhas de metal sobre a curva suave de um seio e uma maciez cálida e agradável, cheirando a sabonete contra sua bochecha; o tecido de algodão de um vestido florido. Flores azuis. Na forma de trombetas, com vinhas enroscadas; conseguia vê-las claramente.

– Como ela era? Você se parece pelo menos um pouco com ela?

Ele deu de ombros e Bree mudou de posição, virando-se para olhar para

ele, a cabeça apoiada no braço esticado. Seus olhos brilhavam na semiescuridão, o sono sobrepujado pelo interesse.

– Um pouco – disse ele lentamente. – Os cabelos dela eram escuros, como os meus.

Brilhantes, ondulados. Esvoaçados pelo vento, salpicados de grãos de areia branca. Ele havia jogado areia em sua cabeça, e ela sacudia os cabelos para tirá-la, rindo. Uma praia em algum lugar?

– O reverendo guardava algumas fotos dela em seu escritório. Em uma das fotos, ela me segurava no colo. Não sei para o que estávamos olhando, mas parecia que ambos nos esforçávamos para não rir. Estamos muito parecidos na foto. Minha boca é parecida com a dela, acho... e... talvez... a forma das sobrancelhas.

Durante muito tempo, ele sentira um aperto no coração toda vez que via as fotos da mãe. Mas então essa sensação passou, as fotos perderam o significado e se tornaram apenas objetos no amontoado de coisas da casa do reverendo. Agora ele as via com clareza outra vez, e o nó no peito voltou. Pigarreou com força, esperando diminuir aquela sensação.

– Quer água?

Ela fez menção de se levantar, estendendo a mão para a jarra e a caneca que ficavam sobre o banco ao lado da cabeceira da cama, mas ele negou com a cabeça e pôs a mão no ombro dela para impedi-la.

– Não, não precisa – disse, meio ríspido, e pigarreou de novo.

Sentia a garganta apertada e dolorida como nas semanas seguintes ao enforcamento, e sua mão procurou involuntariamente a cicatriz, alisando a linha irregular sob seu maxilar com a ponta do dedo.

– Sabe – falou, procurando uma distração momentânea –, você deveria fazer um autorretrato da próxima vez que for visitar sua tia em River Run.

– O quê, eu?

Ela pareceu espantada, ele pensou, e talvez um pouco contente com a ideia.

– Claro. Você é capaz, eu sei. E então haveria... bem, um registro permanente.

Para Jem se lembrar, caso alguma coisa aconteça com você. As palavras pairaram acima deles na escuridão, silenciando-os por um momento. Droga, e ele queria tranquilizá-la.

– Eu gostaria de ter um retrato seu – disse ele com delicadeza, esticando um dedo para traçar o contorno do rosto dela. – Para podermos olhar para ele quando formos bem velhos, e eu poder dizer que você não mudou nada.

Ela resmungou baixinho, mas virou a cabeça e beijou os dedos dele com cuidado antes de se virar e se deitar de costas. Ela se espreguiçou, esticando os dedos dos pés até suas articulações estalarem, depois relaxou com um suspiro.

– Vou pensar.

O quarto estava em silêncio, exceto pelo murmúrio do fogo e o estalido suave da madeira. A noite estava fria, mas tranquila; a manhã seria enevoadada – ele sentira a umidade se condensando no chão quando saíra, sendo soprada pelas árvores. Mas ali dentro estava quente e seco. Brianna suspirou de novo; ele podia senti-la adormecendo outra vez a seu lado, e podia sentir o sono envolvê-lo também.

A tentação de se render e deixar que o sono o carregasse para longe de forma indolor era grande. Mas, apesar de os temores de Brianna estarem apaziguados por enquanto, ele ainda ouvia aquele murmúrio: “Ele não se lembraria de mim.” Mas agora o murmúrio vinha do outro lado da porta em sua mente.

Sim, eu me lembro, mãe, ele pensou, abrindo-a totalmente.

– Eu estava com ela – disse ele baixinho.

Ele estava deitado de costas, fitando o teto de vigas de pinho, as juntas dos caibros quase invisíveis mesmo aos seus olhos adaptados ao escuro.

– O quê? Com quem?

Ele percebia o embalo do sono em sua voz, mas a curiosidade a despertou momentaneamente.

– Com minha mãe. E minha avó. Quando... a bomba.

Ele ouviu o movimento da cabeça dela no travesseiro ao se virar, ao ouvir a tensão em sua voz, mas continuou olhando para as vigas do teto, sem

piscar.

– Quer me contar?

A mão de Brianna encontrou a dele, envolvendo-a, apertando-a. Ele não sabia se queria, mas assentiu, apertando a mão dela de volta.

– Sim. Acho que devo – disse baixinho.

Suspirou profundamente, sentindo o cheiro persistente de polenta frita e cebolas que permanecia nos cantos da casa. Em algum lugar no fundo de seu nariz, a reminiscência do cheiro de dutos de aquecimento e mingau no café da manhã, roupas de lã úmidas e fumaça de caminhões despertou guias silenciosos no labirinto da memória.

– Foi à noite. As sirenes de bombardeio aéreo soaram. Eu sabia o que eram, mas elas me deixavam aterrorizado todas as vezes. Não tivemos tempo de nos vestir; minha mãe me tirou da cama e vestiu o casaco em mim por cima do pijama. Então saímos correndo escada abaixo... Eram 36 degraus; eu os havia contado naquele dia, ao voltar para casa vindo das compras... Corremos para o abrigo mais próximo.

O abrigo mais próximo para eles era a estação de metrô do outro lado da rua; ladrilhos brancos imundos e luzes fluorescentes inconstantes, a forte corrente de ar em algum lugar bem abaixo deles, como a respiração de dragões em cavernas próximas.

– Foi emocionante. – Ele conseguia ver o amontoado de pessoas, ouvir os gritos dos guardas em meio ao barulho da multidão. – Tudo vibrava; o chão, as paredes, o próprio ar.

Pés pisavam com força nas tábuas de madeira conforme montes de refugiados afluíam para as entranhas da terra, um nível abaixo até uma plataforma, mais um, outro, penetrando cada vez mais fundo em busca de segurança. Era o pânico – mas um pânico ordenado.

– As bombas conseguiam descer a 15 metros de profundidade, mas os níveis mais profundos eram seguros.

Eles tinham chegado à base do primeiro lance de escadas, correram com uma multidão, todos se acotovelando, através de um túnel curto, de ladrilhos brancos, até outra escadaria. Havia um espaço amplo no topo da escada

seguinte e todos se aglomeraram tentando descer; a multidão foi aumentando com a pressão dos refugiados que chegavam sem parar do túnel atrás, sendo drenados aos poucos como uma estreita corrente que descia para o patamar inferior.

– Havia um muro no topo da escada; eu podia ouvir minha avó preocupada, dizendo que eu ia ser esmagado contra ele... As pessoas chegavam aos montes da rua, pressionando por trás.

Ele conseguia enxergar por cima do muro, se ficasse na ponta dos pés, com o peito pressionado contra o concreto. Lá embaixo, luzes de emergência brilhavam em linhas interrompidas ao longo das paredes, projetando listras na multidão aglomerada. Era tarde da noite; a maioria das pessoas estava vestindo o que tinha conseguido pegar quando a sirene tocou, e a luz brilhava em lampejos inesperados de pele nua e vestimentas extraordinárias. Uma mulher vestia um chapéu extravagante, decorado com penas e frutas, e um sobretudo antigo.

Ele estava observando a multidão abaixo, fascinado, tentando ver se era realmente um faisão inteiro que ela levava no chapéu. Houve uma gritaria; um guarda de capacete branco agitava os braços loucamente, tentando acelerar a multidão já apressada para o fim da plataforma, abrindo espaço para aqueles que vinham da escada.

– Crianças choravam, mas não eu. Eu realmente não sentia medo nenhum.

Ele não sentia medo porque a mãe segurava sua mão. *Se ela estava lá, nada de ruim poderia acontecer.*

– Ouvimos um estrondo perto. Pude ver as luzes estremecerem. Então ouvimos um barulho, como se algo se rasgasse acima de nossas cabeças. Todos olharam para cima e começaram a gritar.

A rachadura no teto inclinado não parecera muito assustadora; apenas uma linha fina e escura que ziguezagueava como um enorme raio, seguindo as linhas dos ladrilhos. Mas de repente ela se ampliou, uma goela aberta como a boca de um dragão, e terra e ladrilhos começaram a desmoronar.

Ele já havia se aquecido havia bastante tempo, mas todos os pelos em seu

corpo se arrepiaram naquele momento. Seu coração bateu com força dentro do peito, e ele teve a sensação de que a força apertava seu pescoço outra vez.

– Ela soltou – disse ele em um sussurro estrangulado. – Ela soltou minha mão.

Brianna segurou a mão dele entre as suas, com força, tentando salvar o menino que ele tinha sido.

– Ela teve que fazer isso – disse ela, em um sussurro ansioso. – Roger, ela não teria soltado se não tivesse sido forçada a isso.

– Não. – Ele balançou a cabeça com violência. – Não foi isso... Quer dizer... Espere. Espere um minuto, está bem?

Piscou com força, tentando desacelerar a respiração, lutando contra os estilhaços daquela noite. Confusão, pânico, dor... mas o que havia realmente *acontecido*? Ele não guardara nada, a não ser a lembrança do caos. Mas ele sobrevivera; devia saber o que tinha acontecido – se conseguisse se forçar a reviver tudo aquilo.

A mão de Brianna apertava a dele, os dedos ainda pressionando o suficiente para interromper o fluxo de sangue. Ele deu tapinhas suaves na mão dela, e ela relaxou um pouco.

Ele fechou os olhos e deixou acontecer.

– No começo, eu não conseguia me lembrar – disse, por fim, baixinho. – Ou melhor, eu me lembrava, mas me lembrava do que as pessoas me disseram que havia acontecido.

Ele não se lembrava de ter sido carregado, inconsciente, pelo túnel. Depois de resgatado, passara várias semanas sendo transferido entre abrigos de assistência e lares temporários com outros órfãos, mudo por causa do choque.

– Eu sabia meu nome, é claro, e meu endereço, mas isso não ajudava muito naquelas circunstâncias. Meu pai estava morto... Enfim, quando as equipes de assistência localizaram o irmão de minha avó, o reverendo, e ele foi me buscar, eles já tinham juntado as peças da história do que acontecera no abrigo. Foi um milagre eu não ter morrido com todos que estavam na escada, segundo me disseram. Disseram que minha mãe devia ter soltado

minha mão durante o pânico... Eu provavelmente tinha sido separado dela e levado escada abaixo pela multidão; foi assim que acabei no andar de baixo, onde o teto não cedeu.

A mão de Brianna ainda estava curvada sobre a dele de modo protetor, mas não a apertava mais.

– E agora você se lembra do que aconteceu? – perguntou ela baixinho.

– Eu me lembrava de ela ter soltado minha mão – respondeu ele. – Então pensei que o resto da história também estava certo. Mas não estava. Ela soltou minha mão. – As palavras agora vinham com mais facilidade; o aperto na garganta e no peito haviam desaparecido. – Ela soltou minha mão... e me pegou no colo. Aquela mulher pequena... ela me pegou no colo e me atirou por cima do muro, bem no meio das pessoas na plataforma abaixo. Acho que desmaiei com a queda, mas me lembro do estrondo quando o teto desmoronou. Ninguém na escada sobreviveu.

Ela pressionou o rosto contra o peito dele, e ele sentiu quando ela respirou fundo, estremecendo. Acariciou seus cabelos, e seu coração começou finalmente a bater mais devagar.

– Está tudo bem – sussurrou ele, embora sua voz estivesse rouca e grave, e a luz do fogo explodisse em manchas estreladas através das lágrimas em seus olhos. – Nós não vamos esquecer. Nem Jem, nem eu. Não importa o que aconteça. Nós não vamos esquecer.

Ele conseguia ver o rosto da mãe, brilhando, nítido, entre as estrelas.

Garoto esperto, disse ela, e sorriu.

IRMÃO

A neve começou a derreter. Eu estava dividida entre o prazer com o descongelamento do mundo e o latejar da primavera no chão e a inquietação com a perda da barreira congelada que nos protegia, mesmo que temporariamente, do mundo lá fora.

Jamie não mudara de ideia. Passou a noite escrevendo uma carta de palavras cuidadosamente escolhidas para Milford Lyon. Ele agora estava pronto, conforme escreveu, para considerar a venda de sua mercadoria – leia-se uísque ilegal –, como o sr. Lyon havia sugerido, e tinha o prazer de informar que uma quantidade considerável estava disponível. Entretanto, estava preocupado com a possibilidade de algum contratempo na entrega – isto é, interceptação por autoridades alfandegárias ou roubo no trajeto – e queria alguma garantia de que sua mercadoria seria transportada por um cavalheiro de reconhecida habilidade em tais assuntos – em outras palavras, um contrabandista que tivesse bom trânsito por toda a costa.

Recebera garantias de seu bom amigo, o sr. Priestly de Edenton (que ele, claro, nunca tinha visto), Jamie escreveu, e do sr. Samuel Cornell, com quem tivera a honra de servir no Conselho de Guerra do governador, de que um certo Stephen Bonnet era de longe o mais adequado para transações desse tipo, com a reputação de ter uma habilidade sem igual. Se o sr. Lyon marcasse uma reunião com o sr. Bonnet, para que Jamie pudesse ter sua própria impressão e se certificar da segurança do arranjo planejado...

– Acha que ele fará isso? – perguntei.

– Se ele conhece Stephen Bonnet ou sabe como encontrá-lo, sim. – Jamie

pressionou o anel de cabochão do pai no selo de cera. – Priestly e Cornell são sobrenomes muito influentes, pode ter certeza.

– E se ele de fato encontrar Bonnet...

– Então irei ao encontro dele.

Arrancou o anel da cera endurecida, deixando uma marca lisa, cercada pelas minúsculas folhas de morango da insígnia dos Frasers. Constância, era o que significavam. Em determinados estados de espírito, eu tinha certeza de que era apenas outra palavra para teimosia.

A carta para Lyon partiu com Fergus, e eu tentei esquecê-la. Ainda era inverno; com um pouco de sorte, o navio de Bonnet enfrentaria uma tempestade e afundaria, poupando muito trabalho a todos nós.

Ainda assim, a questão espreitava no fundo da minha mente, e quando voltei para casa depois de realizar um parto e encontrei uma pilha de cartas sobre a escrivaninha no escritório de Jamie, senti o coração na boca.

Não havia – graças a Deus! – nenhuma resposta de Milford Lyon entre as cartas. Ainda que tal resposta tivesse chegado, no entanto, teria sido prontamente eclipsada e esquecida, pois no meio das correspondências, havia uma carta endereçada a Jamie, escrita com a caligrafia forte da irmã dele.

Quase não consegui conter o impulso de abri-la – e se nela houvesse alguma censura virulenta, lançá-la diretamente no fogo antes que Jamie pudesse vê-la. Mas o respeito falou mais alto e eu consegui me conter até Jamie chegar de Salem, coberto de lama das trilhas intransitáveis. Ao ser informado da carta que o aguardava, ele lavou o rosto e as mãos rapidamente e dirigiu-se ao escritório, tendo o cuidado de fechar a porta antes de romper o selo.

Seu rosto não demonstrava nada, mas eu o vi respirar fundo antes de abri-la, como se estivesse se preparando para o pior. Dei a volta calmamente para ficar atrás dele e coloquei a mão em seu ombro para encorajá-lo.

Jenny Fraser Murray escrevera em uma caligrafia elegante, as letras redondas e graciosas, as linhas retas e perfeitamente legíveis na página.

16 de setembro de 1771

Irmão,

Bem. Depois de pegar a pena e escrever a única palavra acima, fiquei sentada diante dela, fitando-a, até a vela ter queimado quase por completo, e ainda não tenho ideia do que dizer. Seria um lamentável desperdício de boa cera de abelha continuar assim e, no entanto, se eu apagasse a vela e voltasse para a cama, teria desperdiçado uma folha de papel sem nenhum propósito – assim sendo, acho que devo continuar, em nome da economia.

Eu poderia repreendê-lo. Isso ocuparia bastante espaço na folha de papel e perpetuaria o que meu marido gosta de chamar de os mais imundos e hediondos palavrões que já teve o privilégio de ouvir em sua longa vida. Isso parece econômico, já que tive um grande trabalho para formulá-los à época e não gostaria de ver o esforço desperdiçado. Ainda assim, acho que não tenho papel suficiente para escrever todos eles.

Acho também que talvez, no fim das contas, eu não queria censurá-lo nem condená-lo, pois você poderia considerar isso uma punição merecida e assim aliviaria sua consciência no que encararia como uma expiação, deixando de punir a si mesmo. É uma penitência simples demais; o meu desejo é que, se por acaso sente culpa, ela esfole sua alma como a perda de meu filho esfolia a minha.

Apesar disso, creio que estou escrevendo para perdoá-lo – era a minha intenção ao pegar a pena, eu sei, e embora o perdão pareça uma iniciativa duvidosa para mim no momento, espero que a ideia se torne mais palatável com a prática.

As sobrancelhas de Jamie ergueram-se quase até a raiz dos cabelos, mas ele continuou a ler em voz alta, fascinado.

Imagino que deva estar curioso a respeito do que me levou a agir desse modo, então vou lhe contar.

Fui visitar Maggie na manhã da última segunda-feira. Ela teve outro bebê, de modo que você é tio outra vez; uma linda garotinha chamada Angelica, que é um nome bobo, na minha opinião, mas ela é muito loira e nasceu com a marca de um morango no peito, o que é um talismã para toda a vida. Saí da casa deles à noite e já estava no meio do caminho para casa quando minha mula pisou em um buraco e caiu. Tanto a mula quanto eu ficamos um pouco estropiadas com o acidente, e ficou claro que eu não poderia montar a criatura, nem viajar grande distância a pé.

Eu me vi na estrada Auldearn, logo acima da colina vindo de Balriggan. Normalmente, eu não procuraria a companhia de Laoghaire MacKenzie – pois ela retomou esse nome depois que deixei claro no distrito meu desagrado diante da ideia de que ela usasse “Fraser”, já que não tinha direito a ele –, mas era o único lugar onde eu poderia obter abrigo e comida, pois a noite já chegava, com ameaça de chuva.

Assim, apeei e deixei a mula junto à estrada para encontrar seu próprio alimento, enquanto eu saía mancando à procura do meu.

Aproximei-me pelos fundos da casa, passando pela horta, e fui dar no pequeno caramanchão que você construiu. As videiras estão bem crescidas agora, por isso não consegui ver nada, mas percebi que havia gente em casa, pois ouvi vozes.

A essa altura, a chuva já começara a cair. Não era nenhum temporal, mas o barulho dos pingos nas folhas deve ter abafado minha voz, pois ninguém atendeu quando chamei. Eu me aproximei como uma lesma manca, sem dúvida, pois estava machucada por causa da queda e meu tornozelo direito doía intensamente, e estava prestes a chamar outra vez, quando ouvi sons de uma inesperada hochmagandy vindo de dentro do caramanchão.

– *Hochmagandy?*

Olhei para Jamie, erguendo as sobrancelhas, sem entender.

– Fornicação – respondeu ele.

– Ah – falei, voltando a olhar para a carta por cima de seu ombro.

Fiquei imóvel, é claro, pensando no que seria o melhor a fazer. Percebi que se tratava de Laoghaire gemendo, mas não fazia a menor ideia de quem seria seu parceiro. Meu tornozelo estava inchado como uma bexiga, por isso não conseguiria ir muito mais longe, então me vi obrigada a ficar ali na chuva, ouvindo toda aquela safadeza.

Eu saberia se ela estivesse sendo cortejada por um homem do distrito, mas não ouvira falar que ela tivesse dado atenção a nenhum, apesar de vários terem tentado; ela tem Balriggan, afinal de contas, e vive como uma rica proprietária de terras com o dinheiro que você lhe dá.

Fiquei indignada com o que ouvi, porém de alguma forma mais surpresa ao descobrir a causa. E era um sentimento de fúria em seu nome – por mais irracional que essa fúria possa parecer, nas circunstâncias. Ainda assim, ao sentir tal emoção brotando com toda a força em meu peito, fui obrigada, relutantemente, a admitir que meus sentimentos por você provavelmente não tinham morrido de todo.

Nesse ponto, o texto foi interrompido, como se Jenny tivesse sido chamada para resolver alguma questão doméstica. Foi retomado, com outra data, na página seguinte.

18 de setembro de 1771

Sonho com Ian de tempos em tempos...

– O quê?! – exclamei. – Dane-se o Jovem Ian. Quem estava com Laoghaire?

– Eu também gostaria de saber – murmurou Jamie.

As pontas de suas orelhas estavam muito vermelhas, mas ele não ergueu os olhos da carta.

Sonho com Ian de tempos em tempos. Esses sonhos com frequência tomam a forma de cenas cotidianas, e eu o vejo aqui em Lallybroch, mas vez por outra sonho com ele em sua vida entre os selvagens – se é que ele de fato ainda está vivo (e eu me convenço de que meu coração saberia, de alguma forma, se ele não estivesse).

Assim, vejo que, no final das contas, tudo se resume à mesma palavra com que comecei – aquela única palavra, “Irmão”. Você é meu irmão, assim como Ian é meu filho, ambos minha carne e meu espírito, e sempre serão. Se a perda de Ian assombra meus sonhos, a sua perda assombra meus dias, Jamie.

Ele parou por um instante, engoliu em seco e continuou com a voz firme:

Escrevi cartas a manhã inteira, discutindo comigo mesma se devia terminar esta ou atirá-la ao fogo. Mas agora os relatos foram feitos, já escrevi a todos em quem consegui pensar, e as nuvens se dissiparam, de modo que o sol brilha através da janela perto da minha escrivaninha, e as sombras da roseira de nossa mãe incidem sobre mim.

Pensei ouvir minha mãe falar comigo diversas vezes durante todos esses anos. Mas não preciso ouvi-la agora para saber muito bem o que ela diria. Portanto não vou atirar esta carta ao fogo.

Você se lembra do dia em que eu quebrei a jarra de creme de leite boa, atirando-a na sua cabeça porque você me atormentou?

Sei que se lembra da ocasião, pois certa vez mencionou o caso a Claire. Eu hesitei em admitir o crime, e você assumiu a culpa, mas nosso pai sabia a verdade e nos castigou a ambos.

Agora sou avó de uma dezena de netos, meus cabelos estão grisalhos e ainda sinto o rosto queimar de vergonha e minha barriga se contrair como um punho cerrado ao me lembrar de nosso pai nos fazendo ajoelhar lado a lado e nos inclinar sobre o banco para sermos açoitados.

Você gritou e grunhiu como um cachorrinho quando ele o golpeou com a correia, e eu mal conseguia respirar e não ousava olhar para você. Depois foi a minha vez, mas eu estava tão arrasada pelas emoções que mal senti os golpes. Sem dúvida você está lendo essas linhas e dizendo, indignado, que nosso pai era muito menos duro comigo porque eu era menina. Bem, talvez sim, e talvez não; mas devo dizer que Ian é gentil com as filhas.

Jamie resmungou.

– É, pode apostar – murmurou.

Esfregou o nariz com um dedo e continuou a ler, tamborilando na mesa enquanto lia.

Mas então nosso pai disse que você receberia outro açoite, por mentir – pois a verdade era a verdade, afinal. Eu teria me levantado e saído correndo naquele momento, mas ele me obrigou a ficar onde eu estava e me disse, calmamente, que embora você fosse pagar o preço da minha covardia, ele não achava correto que eu escapasse de todo.

Você sabe que não emitii nenhum som da segunda vez? Espero que não tenha sentido os açoites em suas costas, porque eu senti cada um deles.

Jurei naquele dia que jamais seria covarde outra vez.

E vejo que, na verdade, é covardia continuar a culpá-lo pelo que aconteceu com Ian. Eu sempre soube o que é amar um homem – seja ele marido ou irmão, amante ou filho. É algo perigoso.

Os homens vão aonde querem, fazem o que querem; não cabe à mulher pedir que fiquem, nem repreendê-los por serem quem são – ou por não voltarem.

Eu sabia disso quando mandei Ian para a França com uma cruz de madeira e uma mecha de meus cabelos transformados em amuleto de amor, rezando para que ele voltasse para mim, de corpo e alma. Eu sabia disso quando entreguei a você um rosário em sua partida para Leoch, esperando que não se esquecesse de Lallybroch nem de mim. Eu sabia disso quando o jovem Jamie nadou para a ilha da foca, quando Michael pegou o navio para Paris, e também devia saber disso quando Ian partiu com você.

Mas fui abençoada na vida; meus homens sempre voltaram para mim. Mutilados, talvez; um tanto afetados, por vezes; gravemente feridos, desalinhados, esfarrapados e dilacerados – mas eu sempre os tive de volta. Passei a acreditar que isso era direito meu, mas estava enganada.

Vi muitas viúvas desde a Revolta. Não sei dizer por que achei que devia ser poupada do sofrimento delas, por que somente eu não deveria perder nenhum dos meus homens, e apenas um dos meus bebês, minha filhinha. E como eu havia perdido Caitlin, passei a valorizar Ian ainda mais, já que sabia que ele seria o último bebê que eu ia gerar.

Eu ainda o via como meu bebê; deveria tê-lo visto como o homem que era. E, portanto, sei bem que se você pudesse tê-lo impedido, não o teria feito – porque você também é um maldito homem.

Agora eu já cheguei quase ao fim desta folha e acho exagerado começar outra.

Nossa mãe sempre o amou, Jamie, e quando soube que estava

morrendo, ela me chamou e me pediu para cuidar de você. Como se algum dia eu pudesse deixar de fazê-lo.

Sua afetuosa e amorosa irmã

Janet Flora Arabella Fraser Murray

Jamie ficou segurando o papel por um momento, depois o colocou sobre a escrivaninha com muito cuidado. Permaneceu quieto, com a cabeça abaixada, apoiada na mão, de forma que eu não pudesse ver seu rosto. Seus dedos estavam abertos entre os cabelos e não paravam de se mover, massageando sua testa enquanto ele sacudia a cabeça lentamente, para a frente e para trás. Eu podia ouvi-lo respirar com uma leve suspensão de tempos em tempos.

Por fim, abaixou a mão e olhou para mim, piscando. Seu rosto estava muito corado, havia lágrimas em seus olhos e sua expressão era intensa, uma mistura de perplexidade, raiva e humor, o humor apenas um pouco mais forte do que o restante.

– Ah, Deus! – disse ele. Fungou e enxugou os olhos com as costas da mão. – Ah, como *diabos* ela consegue fazer isso?

– Fazer o quê?

Tirei um lenço limpo do meu corpete e o entreguei a ele.

– Fazer com que eu me sinta como se tivesse 8 anos – disse ele melancolicamente. – E um idiota, ainda por cima.

Assoou o nariz e em seguida estendeu a mão para tocar as rosas achatadas com cuidado.

Fiquei exultante com a carta de Jenny e sabia que o coração de Jamie também estava muito mais leve depois de recebê-la. Ao mesmo tempo, continuava extremamente curiosa em relação ao incidente que ela começara a descrever – e sabia que Jamie estava ainda mais interessado, embora ele se abstinhasse de dizer.

Uma carta chegou mais ou menos uma semana depois, enviada por seu cunhado Ian, mas embora contivesse as notícias usuais de Lallybroch e Broch

Mordha, não fazia nenhuma menção à aventura de Jenny perto de Balriggan, nem ao flagrante no caramanchão de videiras.

– Acha que poderia perguntar a um deles? – sugeri delicadamente, sentada na cerca enquanto o observava fazer os preparativos para castrar uma ninhada de porquinhos. – Ian ou Jenny?

– Não – respondeu ele com firmeza. – E, afinal, não é da minha conta, certo? Se aquela mulher um dia já foi minha esposa, certamente não é mais agora. Se ela decidiu arranjar um amante, o problema é dela. Claro.

Ele pisou com força no fole, aumentando o fogo no qual o ferro de cauterização esquentava, e tirou a tesoura de castrar da cintura.

– Qual parte você prefere, Sassenach?

Era a escolha entre a grande possibilidade de ser mordida enquanto prendia os dentes de um lado e a certeza de ser atingida pelas fezes do outro. A desafortunada verdade era que Jamie era muito mais forte do que eu e, embora pudesse castrar um animal sem dificuldade, eu de fato tinha algum conhecimento profissional. Portanto, foi a praticidade e não o heroísmo que ditou minha escolha, e eu já tinha me preparado para a atividade protegendo-me com meu grosso avental de lona, tamancos de madeira e uma camisa velha e esfarrapada que já tinha sido de Fergus e que sairia do chiqueiro diretamente para a fogueira.

– Você segura, eu corto.

Desci da cerca e peguei a tesoura.

Seguiu-se um breve, mas ruidoso interlúdio, depois do qual os cinco porquinhos foram liberados para uma refeição de consolação composta de sobras da cozinha, com os traseiros bem cobertos por uma mistura de alcatrão e terebintina para evitar infecções.

– O que acha? – perguntei, observando-os comer em aparente estado de contentamento. – Se você fosse um porco, quero dizer. Preferiria cavar por aí em busca de alimento, mas manter suas bolas, ou abriria mão delas para chafurdar na lavagem?

Aqueles seriam mantidos no chiqueiro, alimentados cuidadosamente com restos de carne macia, enquanto a maioria dos porcos costumava ser solta na

floresta para se virar sozinha.

Jamie balançou a cabeça.

– Imagino que não possam sentir falta de algo que nunca tiveram – disse ele. – E, afinal, eles têm comida.

Ele se inclinou sobre a cerca por alguns instantes, observando os rabinhos enrolados começarem a se abanar e se contorcer de prazer, os pequenos ferimentos abaixo aparentemente esquecidos.

– Além do mais – acrescentou com cinismo –, um par de bolas pode trazer mais tristezas do que alegrias a um homem, embora eu não tenha conhecido muitos que preferissem viver sem elas, apesar dos pesares.

– Bem, os padres devem considerá-las um fardo, imagino. – Afastei a camisa suja do meu corpo cuidadosamente antes de tirá-la. – Ufa. Nada fede mais do que fezes de porco, nada.

– O quê? Nem o porão de um navio negreiro nem um corpo em decomposição? – perguntou ele, rindo. – Feridas purulentas? Um bode?

– Merda de porco – reafirmei com firmeza. – Não tem comparação.

Jamie pegou a camisa embolada da minha mão e rasgou-a em tiras, guardando as partes mais limpas para serviços como limpar ferramentas e tapar frestas. O restante ele atirou no fogo, dando um passo para trás quando uma brisa inesperada soprou uma fumaça fedorenta em nossa direção.

– Sim, bem, houve Narses. Foi um grande general, ou assim dizem, apesar de ser um eunuco.

– Talvez a mente de um homem funcione melhor sem essa distração – sugeri, rindo.

Ele apenas resmungou em resposta, mas foi um resmungo bem-humorado. Jogou terra nas cinzas da fogueira, enquanto eu recolhia meu ferro de cauterização e o pote de alcatrão, e voltamos para casa, conversando sobre outras coisas.

Minha mente, no entanto, demorou-se naquela observação: “Um par de bolas pode trazer mais tristezas do que alegrias a um homem.” Estaria falando apenas de modo geral?, eu me perguntei. Ou haveria alguma alusão pessoal por trás dessa declaração?

Em tudo que ele já me dissera a respeito de seu breve casamento com Laoghaire MacKenzie – por menos que fosse, por consentimento mútuo –, não houvera nenhuma sugestão de que ele tivesse se sentido atraído fisicamente por ela. Casara-se com ela impelido pela solidão e por uma sensação de dever, desejando uma pequena âncora no vazio em que sua vida se transformara depois de seu retorno da Inglaterra. Ou pelo menos foi o que ele disse.

E eu acreditei em suas palavras. Ele era um homem de honra e comprometimento, e eu sabia como tinha sido sua solidão – pois eu também a sentira. Por outro lado, eu conhecia seu corpo, quase tão bem quanto conhecia o meu. Tinha uma grande capacidade de suportar dificuldades, mas igual capacidade de sentir grandes prazeres. Jamie podia ser ascético por necessidade – nunca por natureza.

Durante a maior parte do tempo, eu conseguia esquecer que ele havia dividido a cama com Laoghaire, mesmo que apenas por um curto e – segundo ele – insatisfatório período. Eu não me esquecia de que ela fora, e ainda era, uma mulher muito atraente.

O que fazia com que eu desejasse muito que Jenny Murray tivesse encontrado alguma outra inspiração para a conversão de seus sentimentos em relação ao irmão.

Jamie ficou calado e distraído o resto do dia, embora tivesse se esforçado para ser sociável quando Fergus e Marsali chegaram com os filhos para uma visita depois do jantar. Ele ensinou Germain a jogar damas, enquanto Fergus recordava para Roger a letra de uma balada que ele aprendera nas vielas de Paris na época em que era batedor de carteiras. As mulheres se acomodaram perto da lareira, para bordar roupas de bebê, tricotar sapatinhos e – em homenagem à gravidez de Marsali e ao noivado de Lizzie – se divertir com histórias apavorantes de trabalho de parto e nascimento.

– O bebê estava de lado e era do tamanho de um porquinho de seis meses...

– Ah, Germain tinha uma cabeça que parecia uma bala de canhão, de acordo com a parteira, e estava virado *para trás*, o danadinho...

– Jemmy tinha uma cabeça enorme, mas o problema foram os ombros...

–... *le bourse*... a “bolsa” da mulher, é claro, é sua...

– Seu modo de ganhar a vida, sim, sei. Depois, a parte seguinte, na qual o cliente enfia os dedos dentro da bolsa *dela*...

– Não, você não pode jogar ainda, ainda é a minha vez, porque eu pulei sua peça *ali*, então posso vir para *cá*...

– *Merde!*

– Germain! – gritou Marsali.

Ela olhou furiosa para o filho, que encolheu os ombros, olhando para o tabuleiro de cara feia e fazendo bico.

– Não fique chateado, rapaz. Está vendo? Agora é sua vez, você pode ir para *lá*, e para *lá* e para *lá*...”

–... *Avez-vous été a la selle aujourd’hui?*... E o que ele está perguntando à prostituta, é claro...

– “Você... esteve na sela hoje?” Ou seria: “Você cavalgou hoje?”

Fergus riu, a ponta de seu nariz aristocrático enrubescendo de divertimento.

– Bem, essa é uma tradução, sem dúvida.

Roger ergueu a sobrancelha para ele, esboçando um sorriso.

– É mesmo?

– Essa expressão em particular é também algo que um médico francês diz – acrescentei ao ver sua incompreensão. – Coloquialmente falando, significa: “Já esvaziou o intestino hoje?”

– A senhora em questão talvez seja *une spécialiste* – explicou Fergus alegremente. – Eu conhecia uma que...

– *Fergus!*

O rosto inteiro de Marsali estava corado, embora ela parecesse mais entretida do que indignada.

– Compreendo – murmurou Roger, com a sobrancelha ainda levantada enquanto lutava com as nuances daquela sofisticada tradução.

Eu me perguntei como alguém ia musicar aquilo.

– *Comment sont vos selles, grand-père?* – perguntou Germain, evidentemente acostumado com esse tipo de questionamento social. E como vão suas fezes, vovô?

– Sem problemas – assegurou-lhe Jamie. – Coma seu mingau de aveia todas as manhãs e nunca terá hemorroidas.

– Pai!

– Ora, é verdade – protestou Jamie.

Brianna estava vermelha como um pimentão e emitindo leves sons sibilantes. Jemmy remexeu-se em seu colo.

– *Le petit rouge* come mingau – observou Germain, franzindo a testa para Jemmy, que mamava com satisfação no seio de sua mãe, os olhos fechados. – Ele caga pedras.

– *Germain!* – gritaram todas as mulheres em uníssono.

– Ora, é verdade – disse ele, em uma perfeita imitação do avô.

Com ar de importância, deu as costas para as mulheres e começou a construir torres com as peças do jogo de damas.

– Parece que ele não quer largar o peito – observou Marsali, meneando a cabeça na direção de Jemmy. – Germain também não queria, mas ele não teve escolha... nem a pobre Joanie.

Olhou melancolicamente para a barriga, que começava a se avolumar com o Número Três.

Percebi um rápido olhar entre Roger e Bree, seguido de um sorriso enigmático no rosto de Brianna. Ela se ajeitou para ficar mais confortável e acariciou a cabecinha de Jemmy. *Aproveite enquanto pode, querido*, seus atos diziam, mais vividamente do que palavras.

Senti minhas sobrancelhas se arquearem e olhei para Jamie. Ele também percebera aquela breve interação e lançou-me o equivalente masculino do sorriso de Brianna antes de se voltar novamente para o tabuleiro de damas.

– Eu gosto de mingau – disse Lizzie timidamente, em uma tentativa de mudar de assunto. – De preferência com leite e mel.

– Ah – exclamou Fergus, lembrando-se de sua tarefa original. Voltou-se

para Roger, erguendo um dedo. – Potes de mel. O refrão, sabe, onde *les abeilles* vêm zumbindo...

– Sim, sim, isso mesmo – a sra. Bug retomou habilmente a conversa quando ele parou para respirar –, mingau com mel é a melhor coisa para os intestinos, embora às vezes nem isso resolva. Conheci um homem que não conseguia aliviar seus intestinos havia mais de um mês!

– É mesmo? Ele tentou usar uma bolinha de cera mergulhada em banha de ganso? Ou um chá de folhas de uva?

Fergus se deixou distrair instantaneamente. Francês até a alma, ele era um grande conhecedor de laxantes, purgantes e supositórios.

– Tudo – assegurou a sra. Bug. – Mingau, maçãs secas, vinho misturado com bÍlis de boi, água bebida à meia-noite sob o luar... nada resolvia. Foi o assunto do vilarejo. As pessoas fazendo apostas e o pobre homem cada vez mais pálido. Espasmos nervosos, era isso, e seus intestinos firmemente amarrados, de modo que...

– Ele explodiu? – perguntou Germain, interessado.

A sra. Bug sacudiu-se de leve com uma risadinha.

– Não, nada disso, rapaz. Embora eu tenha ouvido dizer que foi por pouco.

– O que foi, afinal, que sanou o problema? – perguntou Jamie.

– Ela finalmente disse que se casaria comigo e não com o outro sujeito.

O sr. Bug, que estivera cochilando no canto da sala durante todo o tempo, levantou-se e se espreguiçou, pousando em seguida a mão no ombro da mulher e sorrindo ternamente para ela, cujo rosto estava voltado para ele.

– Foi um grande alívio, com certeza.

Já estava tarde quando fomos para a cama, após uma noite agradável que terminou com Fergus cantando a balada da prostituta inteira e todos nós aplaudindo, Jamie e Germain marcando o ritmo na mesa com as mãos.

Jamie recostou-se no travesseiro, as mãos cruzadas atrás da cabeça, rindo sozinho de tempos em tempos conforme fragmentos da canção voltavam a

sua mente. Fazia frio suficiente para as vidraças estarem embaçadas com nossa respiração, mas ele não usava camisa de dormir, e eu o admirei enquanto escovava os cabelos.

Ele se recuperara bem da picada de cobra, mas ainda estava mais magro do que o normal, de modo que o arco de sua clavícula estava visível e os longos músculos de seus braços se estendiam de um osso a outro, bem definidos sob a pele. O peito estava bronzeado onde a camisa ficava aberta, mas a pele macia embaixo dos braços era branca como leite, com traços de veias azuis à mostra. A luz projetava as sombras dos ossos proeminentes de seu rosto e se refletia nos cabelos, cor de canela e âmbar onde caíam sobre os ombros, ruivo e vermelho-dourado onde recobriam seu corpo nu.

– A luz de vela lhe cai bem, Sassenach – disse ele, sorrindo, e eu vi que me observava, os olhos azuis da cor do oceano sem fim.

– Eu estava pensando o mesmo de você – falei, levantando-me e largando a escova.

Meus cabelos flutuavam como uma nuvem ao redor de meus ombros, limpos, macios e brilhantes. Cheiravam a calêndula e girassol, assim como minha pele. Tomar banho e lavar os cabelos no inverno eram tarefas difíceis, mas eu estava decidida a não ir para a cama cheirando a cocô de porco.

– Deixe-a queimar, então – disse ele, erguendo a mão para me impedir quando me inclinei para apagar a vela.

Segurou meu pulso, puxando-me para ele.

– Venha para a cama e deixe-me observá-la. Gosto de ver como a luz se movimenta em seus olhos, qual uísque quando derramado sobre uma travessa e em seguida incendiado.

– Que poético – murmurei, e não fiz objeções quando ele abriu espaço para mim, soltou os cordões da minha combinação e me despiu.

O ar no quarto estava frio o bastante para que meus mamilos se enrijecessem de imediato, mas a pele de seu peito estava deliciosamente quente contra meus seios quando ele me abraçou, suspirando de prazer.

– Acho que a canção de Fergus me inspirou – disse ele, envolvendo um de meus seios, avaliando-o com admiração e aprovação. – Meu Deus, você

tem seios lindos. Lembra-se daquele verso, em que diz que os seios da mulher eram tão grandes que ela podia envolver a cabeça dele com eles? Os seus não são tão grandes assim, é claro, mas você acha que talvez pudesse envolver...

– Não acho que precisem ser enormes para fazerem isso – assegurei. – Venha mais para cima. Além do mais, não creio que eles a tenham envolvido de fato, mas, sim, que a espremeram, e os meus certamente são grandes o suficiente para... Viu?

– Ah – disse ele, parecendo profundamente satisfeito e um pouco ofegante. – Sim, tem razão. Isso... ah, isso parece ótimo, Sassenach... ao menos daqui.

– Parece bem interessante daqui também – falei, tentando não rir nem ficar vesga. – Qual de nós dois deve se movimentar, na sua opinião?

– Eu, por enquanto. Não vou esfolá-la, Sassenach? – perguntou.

– Bem, um pouco. Mas, espere...

Estendi a mão, tateando às cegas sobre a mesinha junto à cama. Peguei o pequeno pote da pomada de amêndoas que eu usava como creme para as mãos, destampeei-o e enfiei um dedo no creme.

– Sim, assim é bem melhor – falei. – Não é?

– Ah. Ah. Sim.

– E depois tem aquele outro verso, não? – continuei com cuidado, soltando-o por um instante e passando o dedo untado devagar pela curva de suas nádegas. – Sobre o que a prostituta fez com o garoto do coral?

– Ah, Deus!

– Sim, foi o que ele disse. De acordo com a música.

Bem mais tarde, no escuro, acordei sentindo as mãos dele em meu corpo outra vez. Ainda flutuando agradavelmente no sonho, eu não me mexi, mas fiquei parada, deixando-o fazer o que quisesse.

Minha mente estava atada frouxamente à realidade e levei algum tempo para perceber que alguma coisa não estava bem. Levei ainda mais tempo

focando minha mente e lutando para chegar à superfície da consciência, mas finalmente consegui abrir os olhos, piscando para afastar o sono.

Ele estava agachado sobre metade de mim, o rosto parcialmente iluminado pela fraca claridade do fogo que se apagava na lareira. Seus olhos estavam fechados e ele franzia o cenho de leve, respirando com os lábios entreabertos. Movia-se quase mecanicamente, e eu me perguntei, um pouco surpresa, se ele podia estar fazendo aquilo enquanto dormia.

Uma fina película de suor brilhava nas maçãs do rosto altas, na longa e afilada ponte do nariz, nas curvas e nos contornos de seu corpo nu.

Ele me acariciava de uma maneira estranha, monótona, como um homem executando uma tarefa repetitiva. O toque era mais do que íntimo, mas estranhamente impessoal; era como se eu pudesse ser qualquer pessoa – ou qualquer coisa – pensei.

Então ele se moveu e, com os olhos ainda fechados, afastou a colcha que me cobria e se posicionou entre as minhas pernas, afastando-as de uma maneira brusca que em nada lembrava seu jeito habitual. Seu cenho estava franzido, em uma expressão concentrada. Eu me movimenteí instintivamente para fechar as pernas, contorcendo-me para me desvencilhar dele. Então suas mãos seguraram meus ombros, seu joelho separou minhas pernas e ele me penetrou com força.

Emiti um som agudo de protesto assustado e seus olhos se arregalaram. Ele me encarou, os olhos quase colados aos meus, desfocados, em seguida repentinamente conscientes. Ele ficou paralisado.

– Quem diabos você pensa que eu sou? – perguntei, com a voz baixa e furiosa.

Ele se retraiu bruscamente e saiu de imediato da cama, deixando as cobertas emboladas no chão. Pegou suas roupas do gancho, chegou à porta com dois passos, abriu-a e desapareceu, batendo-a para que se fechasse.

Eu me sentei na cama, completamente perturbada. Puxei os cobertores em torno do corpo, sentindo-me zonzinha, com raiva – e, de certo modo, incrédula. Passei as mãos pelo rosto, tentando acordar totalmente. Será que eu estava sonhando?

Não. *Ele* estava. Estava semiadormecido – ou completamente adormecido – e pensou que eu fosse a maldita da Laoghaire! Nada mais poderia explicar a maneira como ele havia me tocado, com uma sensação de dolorosa impaciência e um quê de raiva; ele nunca havia me tocado daquele modo na vida.

Deitei-me novamente, mas era evidente que seria impossível voltar a dormir. Fiquei olhando para as vigas sombreadas por alguns instantes, então me levantei decidida e me vesti.

O pátio estava vazio e frio sob a luz da lua alta e brilhante. Saí, fechando a porta da cozinha com cuidado, e envolvi o corpo com a capa, prestando atenção. Nada se movia no frio, e o vento não passava de um sussurro entre os pinheiros. A certa distância, no entanto, ouvi um ruído fraco, regular, e me voltei para ele, andando com cuidado na escuridão.

A porta do celeiro estava aberta.

Recostei-me no umbral e cruzei os braços, observando enquanto ele andava de um lado para outro, empilhando feno ao luar, extravasando seus sentimentos. Os meus ainda pulsavam em minhas têmporas, mas começaram a se acalmar enquanto eu o observava.

O problema era que eu realmente compreendia, bem demais. Eu não conhecera muitas das mulheres de Frank – ele era discreto. Mas de vez em quando eu percebia uma troca de olhares em uma festa da faculdade ou no supermercado do bairro, e uma sensação de absoluta fúria se avolumava em mim, seguida de perplexidade por não saber o que fazer a respeito.

Ciúme nada tinha a ver com lógica.

Laoghaire MacKenzie estava a milhares de quilômetros; provavelmente nenhum de nós dois a veria de novo. Frank estava mais longe ainda, e era certo que nenhum de nós o veria de novo daquele lado da sepultura.

Não, ciúme não tinha absolutamente nada a ver com lógica.

Comecei a sentir frio, mas continuei ali, de pé. Ele sabia que eu estava ali; eu percebia no modo como ele mantinha a cabeça voltada para o trabalho. Ele suava, apesar do frio; o tecido fino da camisa grudava-se à sua pele, formando uma mancha escura em suas costas. Por fim, ele fincou o forçado

no monte de feno, deixou-o e sentou-se em um banco feito com a metade de um tronco. Levou as mãos à cabeça, passando os dedos pelos cabelos com violência.

Finalmente, ele olhou para mim, com uma expressão a meio caminho entre consternação e um divertimento relutante.

– Eu não entendo.

– O quê?

Eu me aproximei dele e me sentei a seu lado, encolhendo as pernas embaixo do corpo. Senti o cheiro do suor em sua pele, misturado ao unguento de amêndoas e resquícios de sua ânsia anterior.

Ele olhou para mim de soslaio e respondeu secamente:

– Nada, Sassenach.

– Não pode ser tão ruim assim, não é?

Estendi o braço e corri a mão de leve pela curva de suas costas.

Ele suspirou profundamente, soprando o ar pelos lábios contraídos.

– Quando eu tinha 23 anos, não sabia como olhar para uma mulher podia fazer meus ossos se derreterem, ao mesmo tempo que me sentia capaz de entortar aço com as mãos. Aos 25, eu não sabia como podia querer ao mesmo tempo apreciar uma mulher e tomá-la com violência.

– Uma mulher? – perguntei, e recebi o que queria: seus lábios curvados e um olhar que atravessou meu coração.

– Uma única mulher – disse ele. Tomou a mão que eu pousara em seu joelho e a apertou com força, como se temesse que eu fosse tentar recolhê-la.

– Apenas uma – repetiu com a voz rouca.

O celeiro estava em silêncio, mas as tábuas estalavam e se assentavam no frio. Eu me movi um pouco no banco, aproximando-me mais dele. Só um pouco. O luar entrava pela porta aberta, brilhando fraco sobre o monte de feno.

– E isso – disse ele, apertando meus dedos com mais força ainda – é o que não sei agora. Eu amo você, *a nighean donn*. Eu a amo desde o primeiro instante em que a vi e vou amá-la até o final dos tempos, e enquanto você estiver ao meu lado, estarei satisfeito com o mundo.

Uma onda de calor percorreu meu corpo, mas antes que eu pudesse fazer algo além de apertar sua mão em resposta, ele continuou, virando-se para olhar para mim com uma expressão de desnorreamento tão desesperada que parecia quase cômica.

– E sendo assim, Claire... por que, por Deus e todos os santos, *por que* eu quero pegar um navio para a Escócia, caçar um homem cujo nome e cujo rosto eu não conheço, e matá-lo por manter relações com uma mulher sobre a qual não tenho nenhum direito e com quem eu não suportaria ficar no mesmo cômodo por mais de três minutos?

Cerrou o punho e o bateu no tronco com tanta força que fez a madeira vibrar sob minhas nádegas.

– Eu não entendo!

Contive a vontade de dizer: “E você acha que *eu* entendo?” Em vez disso, permaneci sentada em silêncio e, após um momento, acariciei os nós de seus dedos levemente com o polegar. Não era exatamente um carinho, mas um gesto de consolo, que ele entendeu.

Ele suspirou profundamente, apertou minha mão e se levantou.

– Sou um idiota.

Continuei imóvel por um instante, mas ele parecia esperar algum tipo de confirmação, então assenti obedientemente.

– Bem, talvez – falei. – Mas você não vai para a Escócia, vai?

Em vez de responder, ele se levantou e começou a andar de um lado para outro, chutando pedaços de lama seca que explodiam como pequenas bombas. Com certeza ele não estava pensando... não podia estar. Com alguma dificuldade, mantive a boca fechada e esperei pacientemente até que ele voltasse a ficar diante de mim.

– Está bem – disse ele, no tom de alguém que faz uma declaração solene.

– Eu não sei por que me incomoda o fato de Laoghaire buscar a companhia de outro homem. Não, isso não é verdade, é? Eu sei muito bem. E não é ciúme. Ou... bem, é, sim, mas isso não é o mais importante.

Ele me lançou um olhar penetrante, como se me desafiasse a contradizer o que ele estava dizendo, mas fiquei calada. Ele expirou com força pelo nariz

e respirou fundo, olhando para baixo.

– Bem... Preciso ser sincero. – Contraiu os lábios com força por um instante. – Por quê? – perguntou com intensidade, olhando para mim. – O que ele tem?

– Quem? O homem com quem ela...

– Ela detestava ir para a cama comigo! – interrompeu-me ele, desfazendo um pedaço de lama seca com o pé. – Talvez eu seja presunçoso, ou você faça eu me sentir assim... – Lançou-me um olhar que deveria ser de fúria, mas que parecia de desorientação. – Eu sou... Eu sou...?

Eu não sabia ao certo se ele queria que eu dissesse “Sim, você é!” ou “Não, você não é!”, então me contentei com um sorriso que dizia as duas coisas.

– Sim. Bem – continuou ele com relutância –, eu não *achava* que o problema fosse eu. E antes de nos casarmos, Laoghaire gostava bastante de mim.

Devo ter bufado ao ouvir isso, porque ele olhou para mim, mas balancei a cabeça, ignorando.

– Achei que fosse uma aversão a homens de modo geral, ou apenas ao ato em si. E se fosse assim... bem, não era tão ruim, se não era minha culpa, embora eu de certo modo sentisse que precisava consertar isso... – Ele parou de falar e voltou a seus pensamentos, franzindo a testa, depois retomou o discurso com um suspiro. – Mas talvez eu estivesse errado a respeito disso. Talvez o problema *fosse* eu. E essa é uma ideia que me deixa ressentido.

Eu realmente não fazia a menor ideia do que dizer a ele, mas estava claro que eu tinha que dizer alguma coisa.

– Acho que o problema era ela – falei com firmeza. – Não você. Embora, é claro, eu possa estar sendo parcial. Afinal, ela tentou me matar.

– Ela o quê?

Ele se virou, perplexo.

– Não sabia disso? Ah.

Tentei pensar; eu não contara a ele? Não, imaginava que não. Entre uma coisa e outra, não me pareceu importante na época; eu esperava nunca mais

voltar a vê-la. E depois... bem, de fato *não era* importante. Expliquei resumidamente que Laoghaire me mandara para junto de Geillie Duncan naquele dia em Cranesmuir, sabendo perfeitamente que Geillie estava prestes a ser presa por bruxaria e esperando que eu seria presa com ela – o que de fato aconteceu.

– Aquela desgraçada! – exclamou ele, parecendo mais perplexo do que qualquer outra coisa. – Não, eu não sabia disso. Por Deus, Sassenach, você acha que eu teria me casado com aquela mulher se soubesse que ela fez isso com você?

– Bem, ela tinha apenas 16 anos na época – falei, conseguindo, diante das circunstâncias, ser razoavelmente complacente. – E talvez ela não soubesse que seríamos levadas a julgamento ou que o tribunal da bruxaria tentaria nos matar queimadas. Talvez ela quisesse apenas fazer uma maldade, achando que se eu fosse acusada de bruxaria, você perderia o interesse por mim.

A revelação do plano sujo pareceu finalmente ter distraído Jamie, o que foi bom.

Sua única reação a isso foi um resmungo. Caminhou de um lado para o outro por algum tempo, seus pés revolvendo a palha espalhada no chão. Ele não havia calçado sapatos nem meias, mas o frio não parecia incomodá-lo.

Por fim ele parou, suspirou profundamente e se inclinou para a frente, apoiando a mão no banco e a cabeça no meu ombro.

– Sinto muito – sussurrou.

Eu o abracei e o puxei para mais perto, envolvendo-o com força, até que ele suspirou outra vez e relaxou os ombros tensos. Eu o soltei e ele se endireitou, oferecendo a mão para que eu me levantasse.

Fechamos a porta do celeiro e caminhamos de volta para casa em silêncio, de mãos dadas.

– Claire – disse ele repentinamente, soando um pouco tímido.

– Sim?

– Eu não estou querendo me justificar, de jeito nenhum, é só que eu estava me perguntando... você às vezes... pensa em Frank? Quando nós... – Ele parou e pigarreou. – A sombra do inglês porventura cobre meu rosto, vez

ou outra?

E o que diabos eu poderia dizer naquele caso? Não podia mentir, claro, mas como poderia dizer a verdade de uma maneira que ele compreendesse, de uma maneira que não o magoasse?

Respirei fundo e soltei o ar, observando a névoa da respiração se desfazer lentamente.

– Eu não quero fazer amor com um fantasma – falei, por fim, com firmeza. – E também não acho que você queira. Mas imagino que de vez em quando um fantasma possa ter outras ideias.

Ele emitiu um pequeno ruído muito parecido com uma risada.

– É. Imagino que sim. Eu me pergunto se Laoghaire ia gostar mais da cama do inglês do que da minha.

– Que fizesse bom proveito, se gostasse – falei. – Mas se você gosta da minha, sugiro que voltemos para ela. Está *muito* frio aqui fora.

BALEIA MORTA

No fim de março, as trilhas que desciam a montanha já estavam transitáveis. Ainda não tínhamos recebido notícia de Milford Lyon e, após algum debate sobre a questão, ficou decidido que Jamie e eu, acompanhados de Brianna, Roger e Marsali, viajaríamos para Wilmington, enquanto Fergus levaria os relatórios da agrimensura para New Bern, para serem arquivados e registrados.

As meninas e eu compraríamos suprimentos que tinham acabado durante o inverno, como sal, açúcar, café, chá e ópio, enquanto Roger e Jamie fariam investigações discretas a respeito de Milford Lyon – e Stephen Bonnet. Fergus iria ao nosso encontro assim que terminasse de cuidar do registro das terras, fazendo suas próprias investigações ao longo da costa conforme as oportunidades surgissem.

Depois disso, presumivelmente, Jamie e Roger, após localizarem o sr. Bonnet, iriam até o local onde ele realizava seus negócios e se revezariam na tentativa de matá-lo com um tiro ou com uma espada, então voltariam para as montanhas, felizes com o trabalho bem-feito. Ou foi o que entendi que era o plano.

– Os melhores planos de ratos e homens com frequência dão errado – falei, citando Robert Burns para Jamie no meio de uma conversa sobre o assunto.

Ele ergueu a sobrancelha com um olhar penetrante.

– Que tipo de planos os ratos têm?

– Bem, agora você me pegou – admiti. – Mas o princípio vale. Você não

tem a menor ideia do que pode acontecer.

– Isso é verdade – concordou ele. – Mas independentemente do que acontecer, estarei preparado.

Deu uns tapinhas na adaga que estava no canto de sua escrivaninha e voltou às listas de suprimentos agrícolas.

O tempo esquentava perceptivelmente conforme descíamos as montanhas e, quando nos aproximamos do litoral, legiões de gaivotas e corvos começaram a sobrevoar e se aglomerar nos campos recém-arados, grasnando animados sob o brilhante sol de primavera.

As folhas mal começavam a despontar nas árvores das montanhas, mas em Wilmington, os jardins já estavam floridos e galhos compridos de aquilégias amarelas e delfínios azuis se debruçavam por cima das cercas da Beaufort Street. Encontramos acomodação em uma estalagem pequena e limpa perto do cais. Era relativamente barata e confortável, ainda que um pouco apertada e escura.

– Por que não têm mais janelas? – resmungou Brianna, massageando o dedo do pé dolorido depois de tropeçar em Germain no escuro. – Alguém vai acabar incendiando este lugar, acendendo velas para ver onde pisa. Vidro não deve ser *tão* caro assim.

– Imposto sobre janelas – disse Roger, pegando Germain no colo e pendurando-o de cabeça para baixo por cima do parapeito, para deleite do menino.

– O quê? A Coroa cobra imposto sobre *janelas*?

– Cobra. Seria de imaginar que as pessoas se importassem mais com isso do que com selos ou chá, mas parece que já estão acostumadas com o imposto sobre janelas.

– Não é de admirar que estejam prestes a fazer uma revolu... Ah, bom dia, sra. Burns! O café da manhã está cheirando muito bem.

As meninas, as crianças e eu passamos vários dias fazendo compras, enquanto Roger e Jamie uniam negócios a prazer em diversas tavernas e estalagens. A maior parte de suas tarefas estava cumprida, e Jamie conseguiu um dinheiro extra, pouco, mas bastante útil, jogando cartas e apostando em

cavalos, mas tudo que conseguiu descobrir sobre Stephen Bonnet foi que ele não era visto em Wilmington havia alguns meses. Fiquei secretamente aliviada ao saber disso.

Choveu mais para o fim da semana, o suficiente para que todos ficássemos abrigados na hospedaria por dois dias. Foi mais do que uma simples chuva; foi uma tempestade considerável, com ventos fortes o suficiente para envergar pequenas palmeiras e cobrir as ruas enlameadas de galhos caídos e folhas arrancadas. Marsali ficou acordada até tarde da noite, ouvindo o vento e alternando entre rezar o terço e jogar cartas com Jamie para se distrair.

– Fergus disse que viria de New Bern em um navio grande? O *Octopus*? Parece grande, não parece, pai?

– Ah, sim. Embora eu ache que os paquetes também sejam muito seguros. Não, não descarte essa, querida, descarte o três de espadas.

– Como sabe que eu tenho o três de espadas? – perguntou ela, franzindo a testa para ele, desconfiada. – Quanto aos paquetes, não é verdade. Sabe disso tão bem quanto eu; vimos os destroços do naufrágio de um deles no final da Elm Street anteontem.

– Sei que você está com o três de espadas porque eu não estou com ele – disse Jamie, encostando a mão cheia de cartas no peito. – E todas as outras cartas de espadas já apareceram na mesa. Além disso, pode ser que Fergus venha por terra de New Bern; talvez ele não esteja em nenhum barco.

Uma rajada de vento atingiu a casa, fazendo as persianas tremerem.

– Outra razão para não ter janelas – observou Roger, olhando por cima do ombro de Marsali para sua mão de cartas. – Não, ele está certo, descarte o três de espadas.

– Tome, você faz isso. Tenho que dar uma olhada em Joanie.

Ela se levantou abruptamente e, entregando as cartas a Roger, saiu com um farfalhar de saias em direção ao pequeno quarto ao lado, que ela dividia com os filhos. Eu não escutara Joanie chorar.

Ouviu-se uma batida surda e um ruído arrastado acima de nós quando um galho de árvore arrancado escorregou pelo telhado. Todos olharam para cima.

Por trás do uivo do vento, podíamos escutar o barulho das ondas, agitando-se pelos baixios submersos, quebrando na praia.

– Fizeram-se ao mar em navios – citou Roger baixinho –, para negócios na imensidão das águas, e viram as obras do Senhor, as suas maravilhas nas profundezas. Deus falou e provocou um vendaval que levantava as ondas.

– Ah, você está ajudando muito – disse Brianna, mal-humorada.

Já irritada, seu humor não havia melhorado com o isolamento forçado. Jemmy, aterrorizado com todo aquele barulho, ficara agarrado a ela durante a maior parte dos dois dias; ambos estavam com calor, suados e extremamente irritadiços.

Roger não pareceu se deixar intimidar por seu humor. Sorriu e, inclinando-se, pegou Jemmy do colo dela, com alguma dificuldade. Colocou o menino no chão, segurando-o pelas mãos.

– Subiam aos céus e desciam aos abismos – disse ele de modo teatral, puxando Jemmy pelas mãos de modo que ele vacilou, desequilibrado –, diante de tal perigo, perderam a coragem. Cambaleavam, tontos como bêbados, e toda a sua habilidade foi inútil.

Jemmy dava risadinhas e até Brianna estava começando a sorrir com relutância.

– Na sua aflição, clamaram ao Senhor, e Ele os *tirou* da tribulação em que se encontravam.

Ao dizer *tirou*, ele levantou Jemmy de repente, segurando o menino por baixo dos braços e girando-o no ar, fazendo-o soltar gritinhos de prazer.

– Reduziu a tempestade a uma brisa e serenou as ondas. As ondas sossegaram, eles se alegraram... – Ele puxou Jemmy para perto e beijou sua cabeça. – E Deus os guiou ao porto almejado.

Bree aplaudiu a performance com sarcasmo, mas sorriu mesmo assim. Jamie recolhera as cartas, embaralhando-as agilmente e juntando-as em um monte organizado. Parou, olhando para a frente. Ao perceber sua imobilidade repentina, virei a cabeça para olhar para ele. Ele olhou para mim e sorriu.

– O vento diminuiu – disse ele. – Está ouvindo? Amanhã, poderemos sair.

O tempo já havia se aberto de manhã, e uma brisa fresca soprava do mar, trazendo com ela o cheiro forte da praia, uma mistura de lavanda-do-mar, pinheiros e algo marítimo apodrecendo ao sol. O cais ainda exibia uma deprimente ausência de mastros; não havia nenhum navio de grande porte ancorado, nem mesmo um paquete, apesar de a água no porto de Wilmington estar tomada por pequenos barcos a vela, balsas, canoas e piretas, os pequenos botes de quatro remos que atravessavam a água como libélulas, gotas d'água brilhando em seus remos em movimento.

Um desses avistou nosso pequeno grupo desconsolado no cais e partiu veloz em nossa direção, os remadores gritando para saber se precisávamos de transporte. Quando Roger se inclinou para gritar uma educada recusa, a brisa que vinha do porto arrancou seu chapéu, que girou sem parar até as águas marrons e pousou sobre a espuma, rodopiando como uma folha.

A embarcação remou imediatamente na direção do chapéu flutuante, e um dos remadores o pegou com habilidade, erguendo-o de modo triunfante na ponta de seu remo. Quando a pireta aproximou-se do cais, no entanto, o ar de júbilo do barqueiro transformou-se em espanto.

– MacKenzie! – gritou ele. – Quero ser atingido por um raio se não for ele!

– Duff! Duff, velho camarada!

Roger abaixou-se e pegou o chapéu, depois estendeu a mão para ajudar seu velho conhecido a subir no cais. Duff, um escocês pequeno, grisalho, com um nariz comprido, uma barbicha rala no queixo e um bigode ralo que fazia com que parecesse coberto por uma camada de açúcar, saltou com agilidade para o cais e envolveu Roger em um forte abraço, com tapas nas costas e exclamações de surpresa, tudo retribuído animadamente por Roger. O resto de nós permaneceu observando educadamente esse reencontro, enquanto Marsali impedia Germain de pular do cais para dentro da água.

– Você o conhece? – perguntei a Brianna, que examinava o velho amigo de seu marido com ar de dúvida.

– Eu *acho* que ele pode ter viajado em um navio com Roger – respondeu ela, segurando Jemmy, que estava animadíssimo com as gaivotas, achando-as

muito mais interessantes do que o sr. Duff.

– Ora, olhem só para ele! – exclamou Duff, dando um passo para trás e passando a manga da camisa alegremente embaixo do nariz. – Um casaco de senhor de terras com botões combinando. E o chapéu! Minha nossa, rapaz, que elegância!

Roger riu e abaixou-se para pegar o chapéu encharcado. Bateu-o na coxa para tirar uma alga e entregou-o distraidamente a Bree, que ainda olhava para o sr. Duff com desconfiança.

– Minha esposa. – Roger a apresentou e fez um gesto com a mão indicando o restante de nós. – E a família dela. O sr. James Fraser, a sra. Fraser... e a cunhada de minha mulher, também sra. MacKenzie.

– A seu dispor, senhor, senhoras.

Duff fez uma reverência para Jamie e levou um dedo ao infame objeto em sua cabeça em um breve sinal de respeito. Olhou para Brianna e abriu um amplo sorriso.

– Ah, então você se casou com ela. Estou vendo que a tirou daquelas calças. – Cutucou Roger nas costelas com intimidade e passou a sussurrar. – Você pagou ao pai dela ou ele pagou a você para ficar com ela?

Emitiu um grunhido que acreditei ser sua risada.

Jamie e Bree lançaram olhares frios idênticos para o sr. Duff, mas antes que Roger pudesse responder, o outro remador gritou algo incompreensível do barco.

– Ah, sim, sim, não se afogue, homem. – O sr. Duff balançou a mão para que seu parceiro aguardasse. – É brincadeira – explicou em confiança. – Como somos marinheiros, sabe... “Não se afogue”, não se afobe. Entendeu?

Ele se sacudiu, emitindo sua risada rouca de novo.

– Muito engraçado – falei para ele. – Ele disse algo sobre uma baleia?

– Ah, certamente! Não foi por isso que vieram para a praia hoje de manhã?

Todos olharam para ele sem entender.

– Não – respondeu Marsali, muito ocupada com sua tarefa para prestar atenção a qualquer outra coisa, mesmo que fossem baleias. – Germain, volte

aqui! Não, senhor, viemos saber se chegou alguma notícia do *Octopus*. O senhor sabe de alguma coisa a respeito?

Duff balançou a cabeça.

– Não, senhora. Mas o tempo esteve traiçoeiro assim durante todo o mês... – Ele viu o rosto de Marsali empalidecer e acrescentou: – Muitos navios mudaram de rota. Foram para outro porto, talvez, ou quem sabe estejam na costa, esperando o tempo melhorar para aportar. Lembra-se, MacKenzie? Nós fizemos isso quando viemos no *Gloriana*.

– Sim, é verdade – assentiu Roger, embora seus olhos tenham ficado cautelosos diante da menção ao *Gloriana*. Ele olhou rapidamente para Brianna, em seguida novamente para Duff, e passou a falar um pouco mais baixo. – Então deixou a tripulação do capitão Bonnet.

Senti uma corrente elétrica passar pela sola dos meus pés, como se o cais estivesse eletrificado. Jamie e Bree também reagiram, mas de modos diferentes. Ele deu um passo na direção de Duff, ela deu um passo para trás.

– Stephen Bonnet? – perguntou Jamie, examinando Duff com interesse. – Conhece esse cavalheiro, então?

– Sim, eu o conheci, senhor – respondeu Duff, e se benzeu.

Jamie assentiu lentamente.

– Sim, compreendo. E por acaso sabe por onde o sr. Bonnet anda?

– Ah, bem, quanto a isso...

Duff olhou para ele com um ar especulativo, examinando os detalhes de suas roupas e de sua aparência, obviamente calculando quanto valeria a resposta para aquela pergunta. Seu companheiro lá embaixo estava ficando cada vez mais inquieto, no entanto, e gritou com impaciência.

Marsali também estava inquieta.

– Para onde eles podem ter ido, então? Se foram para outro porto... Germain, pare! Você vai cair desse jeito!

Ela se inclinou para pegar o filho, que se pendurava na borda do cais, explorando tranquilamente a parte de baixo, e o encaixou no quadril.

– Bonnet?

Jamie ergueu as sobrancelhas, conseguindo parecer ao mesmo tempo

encorajador e ameaçador.

– Eles vão ver a baleia ou não? – gritou o homem no barco, impaciente para partir para tarefas mais lucrativas.

Duff pareceu confuso em relação a quem responder primeiro. Seus olhos pequeninos piscaram, alternando-se entre Jamie, Marsali e seu parceiro cada vez mais vociferante lá embaixo. Dei um passo à frente para desfazer o impasse.

– Que história é essa de baleia?

Obrigado a se concentrar na pergunta direta, Duff pareceu aliviado.

– Ora, a baleia morta, senhora. Uma grande, que encalhou na ilha. Pensei que vocês todos estivessem indo até lá para vê-la.

Olhei para a água e pela primeira vez percebi que o tráfego de barcos não era totalmente aleatório. Enquanto algumas balsas e canoas grandes dirigiam-se para a boca do cabo Fear, a maioria das embarcações menores trilhava o mesmo percurso de ida e volta, desaparecendo na névoa distante ou voltando dela, com pequenos grupos de passageiros. Guarda-sóis de linho floresciam como cogumelos nos barcos e havia pequenos agrupamentos de pessoas da cidade por todo o cais, paradas como nós, olhando com ansiedade para a entrada do porto.

– Dois xelins por barco – sugeriu Duff. – Ida e volta.

Roger, Brianna e Marsali se mostraram interessados. Jamie pareceu inquieto.

– *Nisso aí?* – perguntou ele, lançando um olhar cético para a pireta, que oscilava suavemente lá embaixo.

O parceiro de Duff – um sujeito de raça e língua indeterminadas – pareceu inclinado a se ofender com aquela crítica implícita a sua embarcação, mas Duff procurou nos tranquilizar.

– Ah, está muito calmo hoje, senhor, muito calmo. Vai ser como estar sentado no banco de uma taverna. Agradável, não? Muito adequado para a conversa.

Ele piscou, inocentemente afável.

Jamie respirou fundo e eu o vi olhar novamente para a embarcação. Jamie

detestava barcos. Por outro lado, em sua busca por Stephen Bonnet, estava disposto a fazer coisas muito mais perigosas do que navegar. A única dúvida era se o sr. Duff tinha mesmo alguma informação sobre seu paradeiro ou se estava apenas querendo persuadir passageiros em potencial. Jamie engoliu em seco e endireitou os ombros, preparando-se para a travessia.

Sem esperar mais, Duff reforçou sua posição virando-se astuciosamente para Marsali.

– Há um farol na ilha, senhora. Pode-se enxergar bem longe mar adentro lá de cima. Dá para ver se há algum navio se aproximando.

Marsali enfiou a mão no bolso de imediato, procurando o cordão. Observei Germain tentando enfiar um marisco morto, por cima do ombro dela, dentro da boca avidamente aberta de Jemmy, como uma mãe pássaro alimentando os filhotes com uma succulenta minhoca, e rapidamente o impedi, pegando Jemmy no colo.

– Não, querido – falei, jogando o marisco na água. – Você não vai querer essa coisa nojenta. Em vez disso, não quer ver uma enorme baleia morta?

Jamie suspirou, conformado, e enfiou a mão na bolsa.

– É melhor você chamar outro barco, então, para não naufragarmos todos juntos.

Estava extremamente agradável na água, com o sol coberto por uma nevoenta camada de nuvens e uma brisa fresca que me fez tirar o chapéu apenas pelo prazer de sentir o vento nos cabelos. Embora a água não estivesse totalmente parada, o leve subir e descer das ondas era relaxante e agradável – para aqueles que não sofriam de enjoos.

Olhei para as costas de Jamie, mas sua cabeça estava abaixada, os ombros movendo-se em um ritmo tranquilo e vigoroso enquanto ele remava.

Conformado com o inevitável, ele havia tomado as rédeas da situação, chamando outro barco e colocando Bree, Marsali e os meninos a bordo. Em seguida, desprendeu o broche do kilt e anunciou que ele e Roger remariam na outra pireta, de modo que Duff pudesse ficar à vontade, aumentando suas

chances de conseguir informações interessantes sobre Stephen Bonnet.

– Corro menos risco de vomitar se estiver ocupado fazendo alguma coisa
– disse ele para mim, despindo o casaco e a faixa xadrez que usava sobre o ombro.

Roger deu uma risadinha, mas assentiu, concordando, e tirou o casaco e a camisa. Com Duff e Peter sentados em uma das extremidades do barco, rindo por receberem para serem transportados em seu próprio barco, fui mandada para a outra ponta da embarcação, de frente para eles.

– Só para ficar de olho nas coisas, Sassenach.

Por baixo das roupas emboladas, Jamie colocou minha mão sobre a coronha de sua pistola e apertou-a de leve. Ele me ajudou a entrar no barco, em seguida desceu com cuidado, empalidecendo ligeiramente quando a embarcação oscilou com seu peso.

Era *mesmo* um dia calmo, felizmente. Uma tênue névoa pairava acima da água, obscurecendo a forma indistinta da ilha de Smith ao longe. Pequenas gaivotas e andorinhas voavam em círculo no alto, e uma gaivota grande e pesada parecia flutuar, imóvel, no ar perto dali, deixando-se levar pelo vento conforme nós remávamos devagar na direção da entrada do porto.

Sentado bem à minha frente, Roger remava com facilidade, os ombros largos e nus flexionando-se de modo ritmado, claramente acostumado ao exercício. Jamie, no banco à frente de Roger, manejava os remos com bastante elegância, porém com um pouco menos de segurança. Ele não era marinheiro, e nunca seria. Ainda assim, remar de fato parecia distrair seu estômago. Por ora.

– Ah, eu poderia me acostumar com isso. O que acha, Peter?

Duff ergueu o nariz, semicerrando os olhos e desfrutando a novidade de ser levado enquanto outros remavam.

Peter, que parecia ser uma exótica mistura de índio e africano, resmungou em resposta, mas se reclinou no banco ao lado de Duff, igualmente satisfeito. Ele usava apenas calças de tecido rústico manchadas, amarradas na cintura com um pedaço de corda, e estava tão bronzeado que parecia um negro, não fossem os longos cabelos pretos que caíam sobre um dos ombros, decorados

com pedacinhos de conchas e minúsculas estrelas-do-mar secas.

– Stephen Bonnet? – perguntou Jamie de modo simpático, puxando os remos com força.

– Ah, ele.

Duff parecia mais inclinado a ignorar o assunto indefinidamente, mas ao olhar para Jamie, rendeu-se ao inevitável.

– O que deseja saber, então?

O homenzinho arqueou os ombros, cauteloso.

– Para começar, onde ele está – disse Jamie, resmungando por causa da força que fazia nos remos.

– Não faço a menor ideia – respondeu Duff de imediato, parecendo mais satisfeito.

– Bem, onde viu o homem pela última vez? – perguntou Jamie, paciente.

Duff e Peter trocaram um olhar.

– Bem... – começou Duff com cautela – o que quer dizer com “ver”? Quando foi a última vez que pus os olhos no capitão?

– O que mais ele estaria dizendo, idiota? – perguntou Roger, grunhindo com uma remada para trás.

Peter balançou a cabeça, pensativo, obviamente em nosso favor, e cutucou Duff nas costelas.

– Ele estava em uma taverna em Roanoke, comendo torta de peixe – disse Duff, rendendo-se. – Assada com ostras e farinha de rosca em cima, acompanhada de uma grande caneca de cerveja preta. Pudim de melado também.

– É muito observador, sr. Duff – disse Jamie. – Como anda o seu senso de tempo?

– Hã? Ah, sim, entendo, senhor. Quando foi... dois meses atrás, aproximadamente.

– E se estava perto o bastante para ver o que o homem estava comendo – observou Jamie com a voz mansa –, então imagino que estivesse na mesma mesa que ele, certo? Sobre o que ele falou?

Duff pareceu ligeiramente constrangido. Olhou para mim, depois para

uma das gaivotas voando em círculo.

– Sim, bem. Sobre o traseiro da garçonete, na maior parte do tempo.

– Não creio que esse seja um assunto capaz de ocupar todo o tempo de uma refeição, mesmo que a moça fosse muito bonita – disse Roger.

– Ah, você ficaria surpreso com quanto há para se falar no que diz respeito ao traseiro de uma mulher, rapaz – respondeu Duff. – Aquele era redondo como uma maçã e tenro e morno como um pudim. Estava muito frio, e a ideia de ter aquele pedaço farto e suculento de carne nas mãos... sem querer ofendê-la, senhora – apressou-se em acrescentar, tocando a ponta do chapéu na minha direção.

– Não me ofendi – tranquilizei-o cordialmente.

– Sabe nadar, sr. Duff? – perguntou Jamie, o tom de voz ainda exibindo uma discreta curiosidade.

– O quê? – hesitou Duff, surpreso. – Eu... ah... é...

– Não, ele não sabe – disse Roger, animado. – Ele me contou.

Duff lançou a Roger um olhar traído e indignado por cima da cabeça de Jamie.

– Bem, isso é que é lealdade! – disse ele, escandalizado. – Grande companheiro de navio *você é*, me entregando dessa maneira... devia se envergonhar!

Jamie levantou os remos, que pingavam, para fora da água, e Roger fez o mesmo. Devíamos estar a cerca de 400 metros da praia e a água sob nosso casco era de um verde suave e profundo, indicando que o fundo estava a muitos metros de profundidade. O barco oscilou suavemente, erguendo-se depois de uma onda longa e lenta.

– Bonnet – disse Jamie, ainda com educação, mas com um tom incisivo inconfundível.

Peter cruzou os braços e fechou os olhos, deixando claro que o assunto não lhe dizia respeito. Duff suspirou e olhou para Jamie com os olhos estreitados.

– Sim, bem. É verdade, não faço a menor ideia de onde o sujeito esteja. Quando o vi em Roanoke, ele estava tomando providências para o transporte

de... determinados produtos. Se essa informação lhe for útil – acrescentou, de forma pouco gentil.

– Que produtos? Transportados para onde? E ele ia para onde?

Jamie estava apoiado em seus remos parados, aparentemente tranquilo. Eu podia ver certa tensão nas linhas de seu corpo, no entanto, e me ocorreu que, embora sua atenção pudesse estar fixa no rosto de Duff, ele também estava, por necessidade, observando o horizonte atrás do homem – que subia e descia hipnoticamente conforme as ondas erguiam a pireta e em seguida a faziam deslizar para baixo, repetidamente...

– Caixas de chá foi o que eu trouxe para ele – respondeu Duff com cautela. – O resto, eu não sei.

– O resto?

– Por Deus, homem, todo barco nestas águas traz para a costa algum contrabando! Certamente vocês sabem disso.

Os olhos de Peter se abriram em duas fendas; eu os vi pousarem no rosto de Jamie com certa expressão de interesse. O vento mudara um pouco de direção e o cheiro de baleia morta estava definitivamente mais forte. Jamie inspirou fundo, devagar, e soltou o ar outra vez, um pouco mais rápido.

– Então você trouxe chá. De onde? De um navio?

– Sim.

Duff também observava Jamie, cada vez mais fascinado. Eu me ajeitei nervosamente no banco estreito. Não dava para saber olhando para sua nuca, mas achei bem provável que ele estivesse começando a ficar esverdeado.

– Do *Sparrow* – continuou Duff, os olhos fixos em Jamie. – Ancorou depois dos recifes e os barcos iam até lá. Carregávamos os barcos e voltávamos para a costa pela enseada de Joad. Atracávamos em Wylie's Landing e passávamos a mercadoria para um sujeito de lá.

– Que... sujeito?

O vento estava frio, mas eu podia ver o suor escorrendo pela nuca de Jamie, molhando o colarinho de sua camisa e fazendo o linho se colar à pele entre seus ombros.

Duff não respondeu de imediato. Um olhar especulativo tomou seus olhos

miúdos e fundos.

– Nem pense nisso, Duff – disse Roger, com serenidade, mas ao mesmo tempo com grande firmeza. – Posso atingi-lo de onde estou com o remo.

– É mesmo? – Duff olhou para Jamie e para Roger, em seguida para mim. – Sim, acho que pode. Mas mesmo que você saiba nadar, MacKenzie, e mesmo que o sr. Fraser consiga se manter à tona... não creio que o mesmo valha para a senhora, não é? Saias e anáguas... – Ele balançou a cabeça, contraindo os lábios, pensativo, enquanto olhava para mim. – Ela afundaria como uma pedra.

Peter se moveu quase imperceptivelmente, escolhendo os pés para baixo do corpo.

– Claire? – disse Jamie.

Vi seus dedos se fecharem com força ao redor dos remos e ouvi a tensão em sua voz. Suspirei e tirei a pistola de baixo do casaco no meu colo.

– Tudo bem – falei. – Em qual deles devo atirar?

Os olhos de Peter se arregalaram tanto que eu vi o branco das escleras aparecer em todo o entorno das pupilas escuras. Ele olhou para a pistola, depois para Duff, e então diretamente para Jamie.

– Demos o chá para um homem chamado Butlah – disse ele. – Ele trabalha para o sr. Lyon. – Apontou para mim, e em seguida para Duff. – Atire nele – sugeriu.

Daí em diante, não demorou muito para que nossos dois passageiros nos contassem todo o restante do que sabiam, fazendo apenas algumas pausas para que Jamie vomitasse entre uma pergunta e outra.

Era contrabando, como Duff havia sugerido, tão comum na região a ponto de se tornar uma prática de negócios usual; a maioria dos comerciantes – e todos os pequenos barqueiros – em Wilmington estavam envolvidos, assim como muitos outros na costa das Carolinas, a fim de evitar os pesados impostos sobre mercadorias importadas pelas vias oficiais. Stephen Bonnet, entretanto, não era apenas um dos contrabandistas mais bem-sucedidos, mas também uma espécie de especialista.

– Acho que traz mercadorias sob encomenda – disse Duff, entortando o

pescoço para conseguir coçar melhor entre as escápulas. – E no que se pode chamar de grandes quantidades.

– Que quantidade?

Os cotovelos de Jamie estavam apoiados sobre os joelhos, a cabeça afundada nas mãos. Parecia estar ajudando; sua voz era firme.

Duff franziu os lábios e estreitou os olhos, calculando.

– Éramos seis na taverna em Roanoke. Seis com barcos pequenos, quero dizer, que podiam trafegar pelas enseadas. Se cada um de nós fosse buscar o máximo que conseguisse transportar... digamos, cinquenta caixas de chá no total, então...

– E ele traz uma carga dessa com que frequência, a cada dois meses?

Roger havia relaxado um pouco, apoiando-se nos remos. Eu não, e lancei um olhar firme para Duff por cima da pistola, para deixar bem claro.

– Ah, com mais frequência do que isso – respondeu Duff, observando-me com cautela. – Não sei dizer exatamente, mas ouvimos coisas por aí, não é? Pelo que os outros barqueiros disseram, acho que ele tem uma carga chegando a cada duas semanas na estação, em algum lugar da costa entre Virgínia e Charleston.

Roger emitiu um breve resmungo de surpresa e Jamie olhou para a frente.

– E quanto à Marinha? – perguntou ele. – A quem ele está pagando?

E era uma boa pergunta. Por mais que barcos pequenos pudessem escapar à fiscalização da Marinha, a operação de Bonnet envolvia grandes quantidades de contrabando, chegando em grandes navios. Seria difícil esconder algo dessa magnitude – e a resposta óbvia era que ele não estava se importando em esconder.

Duff balançou a cabeça e deu de ombros.

– Não sei dizer, homem.

– Mas não trabalha para Bonnet desde fevereiro? – perguntei. – Por que não?

Duff e Peter se entreolharam.

– Uma pessoa só come escorpião-d'água se estiver faminta – disse Peter.
– Você não vai querer comer se tiver coisa melhor.

– O quê?

– O homem é perigoso, Sassenach – traduziu Jamie de modo seco. – Eles não gostam de lidar com ele, a não ser que não haja outro jeito.

– Veja bem, Bonnet... – disse Duff, animando-se com o assunto. – Ele não é ruim para fazer negócios, desde que seus interesses sejam os mesmos. Mas se de repente os interesses deixarem de convergir...

Peter passou o dedo pelo pescoço musculoso, assentindo em confirmação.

– E ele nem sequer avisa – acrescentou Duff, balançando a cabeça também. – Em um minuto, são charutos e uísque, no minuto seguinte, você está caído sobre a serragem, com o rosto cheio de sangue e feliz por ainda estar vivo.

– Pavio curto, não é?

Jamie passou a mão pelo rosto, depois limpou a palma da mão suada na camisa. O linho úmido grudava-se em seus ombros, mas eu sabia que ele não ia tirá-la.

Duff, Peter e Roger balançaram a cabeça ao mesmo tempo ao ouvirem a pergunta.

– Frio como gelo – disse Roger, e eu percebi uma leve tensão em sua voz.

– Mata qualquer um sem pestanejar – assegurou Duff.

– E o retalha como uma maldita baleia – acrescentou Peter para ajudar, fazendo um gesto com a mão na direção da ilha.

A corrente nos carregara para perto da terra e eu podia ver a baleia, além de sentir o seu cheiro. Aves marinhas voavam em círculo e grasnavam em uma grande nuvem sobre a carcaça, dando voos rasantes para arrancar bocados da carne, e uma pequena multidão de pessoas aglomerava-se ali perto, todos com a mão no nariz, obviamente segurando lenços e sachês.

Naquele exato momento, o vento mudou de direção e uma rajada fétida de decomposição nos atingiu como uma onda. Tapei o nariz com a camisa de Roger e até Peter pareceu empalidecer.

– Santa Mãe de Deus, tenha piedade de nós – disse Jamie, com um sussurro. – Eu... Ah, meu Deus!

Inclinou-se sobre a borda do barco e vomitou várias vezes.

Cutuquei Roger no traseiro com a ponta do sapato.

– Reme – sugeri.

Roger obedeceu com celeridade, e em poucos minutos a quilha da pireta tocou a areia. Duff e Peter saltaram para puxar a embarcação até a praia, e em seguida me ajudaram gentilmente a sair do barco, claro, sem ter a arma apontada para eles.

Jamie lhes pagou, depois cambaleou por uma pequena distância pela praia e sentou-se na areia sob um pinheiro selvagem. Tinha quase o mesmo tom da baleia morta, um cinza pálido com manchas brancas.

– Devemos esperar pelo senhor para levá-los de volta?

Duff, a bolsa agora cheia, pairava prestativamente acima de Jamie.

– Não – respondeu Jamie. – Pode levá-los. – Ele acenou para mim e para Roger sem forças, em seguida fechou os olhos e engoliu com esforço. – Quanto a mim, acho... acho que vou... voltar nadando.

MONSTROS E HERÓIS

Os meninos estavam loucos para ver a baleia e arrastavam suas relutantes mães atrás de si como pipas. Eu os acompanhei, mantendo uma distância um pouco mais discreta da grande carcaça e deixando que Jamie se recuperasse na praia. Roger se afastou com Duff para conversar com ele por um instante, enquanto Peter se entregou à sonolência no fundo do barco.

A carcaça tinha ido dar à praia havia pouco, embora o animal já devesse estar morto havia algum tempo antes de encalhar ali; um estado tão avançado de decomposição devia ter levado dias para se instalar. Apesar do fedor, vários visitantes mais corajosos estavam de pé em cima da carcaça, acenando animadamente para seus companheiros na praia, e um cavalheiro armado com uma machadinha ocupava-se de arrancar pedaços de carne da lateral do corpo do animal, jogando-os em seguida dentro de dois grandes baldes. Eu o reconheci como o proprietário de uma taverna em Hawthorn Street e no mesmo instante registrei em minha mente que deveria riscar aquele estabelecimento de nossa lista de possíveis lugares onde comer.

Diversos pequenos crustáceos, de hábitos muito menos exigentes, pululavam alegremente sobre a carcaça, e eu vi várias pessoas, também munidas de baldes, pegando lagostins e caranguejos maiores como se fossem frutas maduras. Milhões de pulgas-do-mar haviam se juntado ao circo também e eu me afastei, mantendo uma distância segura e esfregando os tornozelos.

Olhei de novo para a praia e vi que Jamie já havia se levantado e se juntara à conversa – Duff parecia cada vez mais inquieto, olhando de um lado

para o outro, da baleia para seu barco. Claramente, estava ansioso para voltar aos negócios antes que a atração desaparecesse por completo.

Por fim, ele conseguiu escapar e se apressou em direção à pireta, parecendo perturbado. Jamie e Roger vieram na minha direção, mas os meninos claramente ainda não estavam prontos para deixar a baleia. Brianna se ofereceu para tomar conta dos dois, para que Marsali pudesse subir até o farol próximo a fim de ver se havia algum sinal do *Octopus*.

– O que andaram dizendo ao coitado do sr. Duff? – perguntei a Jamie. – Ele me pareceu bastante preocupado.

– É mesmo? Ele não tem com que se preocupar – disse ele, olhando para a água, onde a pireta de Duff se afastava rapidamente na direção do cais. – Só dei a ele uma pequena incumbência.

– Ele sabe onde Lyon está – disse Roger.

Ele parecia incomodado, mas animado.

– E o sr. Lyon deve saber onde Bonnet está. Caso contrário, pelo menos sabe como mandar um recado para ele. Vamos subir um pouco?

Jamie ainda estava pálido; meneou a cabeça em direção à escada da torre, limpando o suor do pescoço.

O ar estava realmente mais fresco no alto da torre, mas eu não estava muito interessada na vista do mar.

– E então...? – perguntei, sem saber bem se queria ouvir a resposta.

– Então, pedi a Duff que levasse um recado ao sr. Lyon. Se tudo der certo, vamos nos encontrar com o sr. Bonnet em Wylie's Landing daqui a uma semana.

Engoli em seco, sentindo uma tontura que nada tinha a ver com a altura em que estávamos. Fechei os olhos, agarrando o corrimão de madeira que cercava a minúscula plataforma onde nos encontrávamos. O vento soprava forte, e as tábuas da torre rangiam e gemiam, parecendo assustadoramente frágeis.

Ouvi Jamie movimentar-se na direção de Roger.

– Ele é só um homem, sabe? – disse ele com calma. – Não um monstro.

Será? Era um monstro, eu acreditava, que assombrava Brianna – e talvez

o pai dela. Matá-lo o reduziria, faria dele não mais do que um homem de novo?

– Eu sei.

A voz de Roger estava firme, mas sem convicção.

Abri os olhos e vi o mar estendendo-se à minha frente em um banco de neblina flutuante. Vasto e lindo – e vazio. Uma pessoa podia muito bem despencar da borda do fim do mundo, pensei.

– Você navegou com nosso Stephen, não foi? Por quanto tempo? Dois, três meses?

– Quase três – respondeu Roger.

Nosso Stephen? E o que Jamie pretendia com esse jeito familiar de se referir a ele?

Jamie assentiu, sem virar a cabeça. Olhou para longe, para as ondas do mar, a brisa agitando os fios soltos de seus cabelos e fazendo-os dançar como labaredas à luz do dia.

– Então, conhece bem o sujeito.

Roger apoiou todo o peso sobre o corrimão. Era sólido, mas estava molhado e pegajoso por causa dos respingos de espuma das ondas que quebravam nas pedras abaixo.

– Bem o suficiente – respondeu. – Sim. Bem o suficiente para quê?

Jamie virou-se para ele e o encarou. Seus olhos estavam estreitados contra o vento, mas firmes e brilhantes como lâminas.

– Bem o suficiente para saber que ele é um homem... nada além disso.

– O que mais ele seria?

Roger sentiu a intensidade na própria voz. Jamie virou-se novamente para o mar, cobrindo os olhos com a mão ao olhar para o sol que se punha.

– Um monstro – disse ele baixinho. – Algo menos do que um homem... ou mais.

Roger abriu a boca para responder, mas descobriu que era incapaz. Afinal, era um monstro que encobria seu coração de medo.

– Como os marinheiros o viam?

A voz de Claire veio do outro lado de Jamie; ela se inclinou sobre o corrimão para olhar para ele, e o vento agitou seus cabelos em uma nuvem esvoaçante, tempestuosa como o céu distante.

– No *Gloriana*?

Roger respirou fundo, um pouco do fedor da baleia morta misturando-se ao forte cheiro do pântano salgado atrás deles.

– Eles... o respeitavam. Alguns o temiam.

Como eu, pensou ele, então acrescentou:

– Ele tinha fama de ser severo, mas competente. Os homens gostavam de trabalhar a bordo com ele, porque ele sempre chegava em segurança e suas viagens eram sempre lucrativas.

– Ele era cruel? – perguntou Claire.

Uma linha tênue se formou entre suas sobrancelhas.

– Todos os capitães são cruéis às vezes, Sassenach – disse Jamie com um leve tom de impaciência. – Têm que ser.

Ela olhou para ele, e Roger viu a expressão dela mudar, a lembrança enternecendo seus olhos, um pensamento melancólico fazendo com que ela esboçasse um sorriso. Ela apoiou a mão no braço de Jamie, e ele viu os nós de seus dedos embranquecerem pela pressão exercida.

– Você nunca fez nada além do que tinha que fazer – disse ela, tão baixinho que Roger mal pôde ouvi-la. Não importava; as palavras obviamente não se destinavam a ele. Em seguida ela falou um pouco mais alto. – Existe uma diferença entre crueldade e necessidade.

– Sim – concordou Jamie, quase em um sussurro. – E uma linha tênue, talvez, entre um monstro e um herói.

A BATALHA EM WYLIE'S LANDING

O som era calmo e monótono, a superfície levemente agitada por pequenas marolas provocadas pelo vento. Que ótimo, Roger pensou, olhando para o sogro. Jamie estava de olhos abertos, pelo menos, e os mantinha fixos na praia com uma espécie de intensidade desesperada, como se a visão de terra firme, ainda que fora de alcance, pudesse lhe oferecer algum conforto. Gotículas de suor brilhavam acima de seu lábio superior e seu rosto tinha a mesma cor nacara da do céu ao amanhecer, mas ele ainda não havia vomitado.

Roger não estava mareado, mas se sentia quase tão enjoado quanto Jamie. Nenhum dos dois comera nada no café da manhã, mas ele tinha a sensação de ter engolido uma grande quantidade de mingau acompanhado de pregos.

– Chegamos. – Duff se recostou nos remos, meneando a cabeça para o ancoradouro à frente.

Estava fresco na água – quase frio àquela hora –, mas o ar estava carregado de umidade e o suor escorria de seu rosto por causa do esforço. Peter permanecia sentado e calado entre seus próprios remos, o rosto escuro tomado por uma expressão que deixava claro que ele preferia não ter nenhuma ligação com aquela transação e quanto antes a carga fosse descarregada, melhor.

Wylie's Landing parecia uma miragem, flutuando em uma camada de névoa acima da água, entre montes de juncos e espartinas. Terrenos pantanosos, matas de vegetação costeira mirrada e amplas extensões de água cercavam o lugar, sob um arco avassalador de céu cinza-claro. Em comparação com as áreas fechadas e verdes das montanhas, parecia exposto

de um modo desconfortável. Ao mesmo tempo, era completamente isolado, evidentemente a quilômetros de qualquer outro indício de habitações humanas.

Isso era, em parte, uma ilusão. Roger sabia que a casa da fazenda estava a pouco mais de um quilômetro do ancoradouro, mas ficava escondida por uma mata de aparência desgrenhada que brotava do terreno pantanoso como uma floresta de Sherwood disforme e reduzida, tomada por trepadeiras e mato.

O ancoradouro em si consistia em um pequeno cais sobre estacas de madeira e alguns barracões em ruínas, desbotados até adquirirem um tom cinza-prateado que parecia prestes a se fundir com o céu carregado. Havia um pequeno barco na areia, emborcado. Uma cerca de madeira em zigue-zague cercava um pequeno curral atrás dos barracões. Wylie devia transportar gado por barco de tempos em tempos.

Jamie tocou a caixa de cartuchos pendurada em seu cinto, para se acalmar ou talvez apenas para ter certeza de que ainda estava seca. Olhou para o céu, avaliando, e Roger entendeu, tomado por uma repentina apreensão, que se chovesse, não poderiam contar com as armas. A pólvora empedrava quando úmida; com um pouco mais de umidade, as armas não disparariam. E a última coisa que ele desejava era ficar cara a cara com Stephen Bonnet munido de uma arma inútil.

Ele é só um homem, nada mais, repetiu baixinho para si mesmo. Se deixasse Bonnet ganhar proporções sobrenaturais em sua mente, estaria arruinado. Procurou uma imagem que renovasse sua confiança e agarrou-se a uma lembrança de Stephen Bonnet, sentado na proa do *Gloriana*, com as calças ao redor dos pés descalços, o rosto coberto pela barba loura por fazer, descontraído à luz da manhã, os olhos semicerrados pelo prazer de cagar em paz.

Merda, pensou. Pensar em Bonnet como um monstro tornava aquilo impossível; pensar nele como um homem era ainda pior. Mas tinha que ir até o fim.

Suas palmas suavam; esfregou-as nas calças, sem nem ao menos tentar disfarçar. Levava uma adaga no cinto, além de duas pistolas; a espada estava

no fundo do barco, embainhada. Pensou na carta de John Grey e nos olhos do capitão Marsden, e sentiu um gosto amargo e metálico no fundo da garganta.

Sob ordens de Jamie, a pireta aproximou-se lentamente do ancoradouro, todos a bordo alertas a qualquer sinal de vida.

– Ninguém mora aqui? – perguntou Jamie em voz baixa, inclinando-se por cima do ombro de Duff para observar as construções. – Nenhum escravo?

– Não – respondeu Duff, grunhindo com o esforço de remar. – Wylie quase não tem usado o ancoradouro nos últimos tempos, porque construiu uma nova estrada que sai de sua casa para o interior e se junta à estrada principal em direção a Edenton.

Jamie lançou a Duff um olhar cínico.

– E se Wylie não o usa, outras pessoas o fazem, não é?

Roger observou que o ancoradouro ficava bem situado para um contrabando ocasional; fora da vista de quem estivesse em terra, mas facilmente acessível para quem chegasse pelo canal. O que de início ele acreditara ser uma ilha à direita deles era, na verdade, um labirinto de bancos de areia separando o canal que levava a Wylie's Landing do estreito principal. Ele podia ver pelo menos quatro canais menores que levavam aos bancos de areia, dois deles largos o suficiente para acomodar um brigue de bom tamanho.

Duff deu uma risadinha baixa.

– Há uma pequena estrada de conchas que leva até a casa, homem – explicou ele. – Se alguém vier por ali, você vai saber com antecedência.

Peter se remexeu, inquieto, meneando a cabeça em direção aos bancos de areia.

– Maré – murmurou.

– Ah, sim. Não terá que esperar muito, ou talvez tenha, depende.

Duff riu, obviamente achando aquilo engraçado.

– Por quê? – perguntou Jamie de modo ríspido, sem achar graça nenhuma.

Estava com uma aparência melhor, agora que se aproximavam da terra firme, mas claramente ainda não estava com disposição para piadas.

– A maré está subindo.

Duff parou de remar e apoiou-se nos remos por tempo suficiente para tirar seu gorro surrado e enxugar a frente da cabeça calva. Balançou o gorro na direção dos bancos de areia, onde um bando de pequenas aves marinhas andava erraticamente em todas as direções.

– Quando a maré está baixa, o canal fica raso demais para entrar nele com um brigue. Daqui a duas horas – estreitou os olhos para o clarão a leste que indicava o nascer do sol e balançou a cabeça para si mesmo – ou um pouco mais, eles já poderão entrar. Se estiverem à espera, lá fora, entrarão de imediato para terminar logo o trabalho e ir embora antes que a maré mude outra vez. Contudo, se ainda não tiverem chegado, talvez tenham que esperar a maré da tarde. É perigoso arriscar-se pelos canais à noite, mas Bonnet não é homem de se deixar intimidar pela escuridão. Porém, se não estiver com pressa, pode muito bem esperar até a manhã seguinte. Sim, talvez vocês tenham que esperar um pouco.

Roger percebeu que estava prendendo a respiração. Soltou o ar e inspirou lenta e profundamente, sentindo o cheiro do sal e dos pinheiros, com um leve odor de mariscos mortos. Então seria logo – ou talvez não antes do anoitecer, ou do amanhecer do dia seguinte. Esperava que fosse logo – e ao mesmo tempo esperava que não fosse.

A pireta deslizou ao longo do ancoradouro e Duff forçou um dos remos contra uma das estacas de madeira cobertas de craca, fazendo o pequeno barco deslizar com agilidade. Jamie pulou rapidamente para o cais, ansioso para pisar em terra firme. Roger entregou-lhe as espadas e a pequena trouxa que continha os cantis e a pólvora sobressalente, e subiu em seguida. Ajoelhou-se na doca, todos os sentidos alertas ao menor sinal de movimento humano, mas ouviu apenas o cantarolar fluido de melros no pântano e o grasnado das gaivotas no estreito.

Jamie procurou na bolsa e tirou um pequeno saco de dentro dela, que jogou para Duff, meneando a cabeça. Não havia mais nada a dizer; era uma parte do pagamento. O restante seria pago quando Duff voltasse para buscá-los, em dois dias.

Jamie havia esperado até o último momento possível para fazer os preparativos, a fim de se certificar de que Bonnet pelo menos ficaria inalcançável até o fim do encontro – da emboscada. Se tudo desse certo, Jamie pagaria o resto do dinheiro combinado entre eles. Caso contrário... Claire pagaria.

Pensou no rosto de Claire, pálido e abatido, assentindo em concordância com os lábios contraídos, enquanto Jamie explicava os planos a Duff. Ela olhara para Duff então, com a feroz falta de compaixão de um falcão prestes a eviscerar um rato, e ele viu Duff se encolher diante da ameaça implícita. Disfarçou um sorriso ao se lembrar. Se a amizade e o dinheiro não fossem suficientes para manter a boca de Duff fechada, talvez o medo da Dama Branca bastasse.

Eles ficaram em silêncio no cais, observando a pireta se afastar aos poucos. Roger sentiu o nó no estômago se apertar. Ele teria rezado, mas não conseguiu. Não podia pedir ajuda para o que pretendia fazer – nem a Deus, nem ao arcanjo Miguel; nem ao reverendo, nem a seus pais. Somente a Jamie Fraser.

Às vezes ele se perguntava quantos homens Fraser havia matado – se é que ele contava. Se é que ele sabia. Claro que matar um homem em uma batalha ou em legítima defesa era diferente de armar uma emboscada, arquitetando o assassinato a sangue-frio. Ainda assim, com certeza o que pretendiam fazer era mais fácil para Fraser.

Encarou o sogro e viu que ele observava o barco se afastar. Ele estava imóvel como uma rocha, e Roger viu que seus olhos se fixavam em algum lugar muito além do barco, além do céu e da água – mirando algo perverso, sem piscar. Fraser respirou fundo e engoliu em seco. Não, não seria mais fácil para ele.

De algum modo, isso pareceu um consolo.

Examinaram todos os barracões rapidamente, e só encontraram lixo espalhado: engradados destruídos, montes de palha com mofo, alguns ossos

roídos abandonados por cachorros ou escravos. Dava para ver que um ou dois dos barracões tinham sido usados como moradia em algum momento, mas não recentemente. Algum animal havia feito um ninho grande e desmazelado junto à parede de um dos barracões. Quando Jamie o cutucou com uma vara, um tipo de roedor, gordo e cinzento, deu um salto, passou correndo por entre os pés de Roger, atravessou o cais e se atirou na água com um baque perturbador.

Resolveram montar guarda no maior dos barracões, construído sobre o próprio ancoradouro, e se acomodaram para esperar. Mais ou menos.

O plano era bastante simples: atirar em Bonnet assim que ele aparecesse. A menos que chovesse, pois, nesse caso, seria necessário usar espadas e facas. Explicado desse modo, o procedimento parecia bastante elementar. A imaginação de Roger, no entanto, não conseguia se contentar com isso.

– Vá dar uma volta, se quiser – disse Jamie, depois de passar quinze minutos observando o nervosismo de Roger. – Nós ouviremos quando ele chegar.

Ele estava sentado calmamente, como um sapo em uma ninfeia, verificando cada detalhe das armas dispostas à sua frente.

– Humm. E se ele não vier sozinho?

Jamie deu de ombros, os olhos fixos na pederneira da pistola em sua mão. Ele a sacudiu para ver se estava firme no lugar, depois pousou a arma no chão.

– Se não vier, paciência. Se houver homens com ele, teremos que separá-los deles. Eu o levarei para um dos barracões menores, sob o pretexto de ter uma conversa em particular, e darei cabo dele lá mesmo. Você impede que alguém vá atrás de nós. Não vou precisar de mais do que um minuto.

– Ah, é? E então você vai sair andando calmamente, vai dizer aos homens que acabou de matar o capitão deles e depois? – perguntou Roger.

Jamie passou a mão na ponte do nariz e deu de ombros outra vez.

– Ele estará morto. Acha que ele é um homem capaz de inspirar tanta lealdade a ponto de seus homens tentarem vingá-lo?

– Bem... não – disse Roger lentamente. – Talvez não.

Bonnet era o tipo de homem que inspirava seus subordinados a trabalhar duro, mas era um trabalho baseado no medo e na esperança de lucro, não na lealdade.

– Descobri muita coisa a respeito do sr. Bonnet – disse Jamie, colocando a pistola no chão. – Ele tem parceiros regulares, sim, mas não tem amigos. Não navega sempre com o mesmo parceiro, nem com a mesma tripulação, o que os capitães costumam fazer quando encontram homens que lhes servem bem. Bonnet escolhe suas tripulações conforme a ocasião, e os escolhe pela habilidade e pela força, não por gostar deles. Assim, não acho que vamos encontrar, entre seus homens, ninguém que goste muito dele.

Roger assentiu, reconhecendo a verdade da observação. Bonnet comandara o *Gloriana* com mão de ferro, mas sem nenhum senso de camaradagem, nem mesmo com seu imediato e seu contramestre. E também era verdade o que Jamie dissera; até onde sabiam, Bonnet escolhia seus assistentes de acordo com a necessidade. Ainda que levasse homens para aquele encontro, era pouco provável que fossem um tenente e uma tripulação devotados. Provavelmente seriam marujos escolhidos nas docas de modo aleatório.

– Tudo bem. Mas se... quando nós o matarmos, qualquer homem que esteja com ele...

– Vai precisar de um novo emprego – interrompeu Jamie. – Não, desde que tomemos o cuidado de não atirar contra eles ou de lhes dar motivo para pensar que somos uma ameaça, acredito que não vão se preocupar muito com o destino de Bonnet. Ainda assim...

Pegou a espada, franzindo ligeiramente a testa, e deslizou-a para fora e para dentro da bainha, para conferir se estava se movendo com facilidade.

– Acho que, se for o caso, eu levarei Bonnet para algum lugar reservado, como já disse. Espere um minuto enquanto dou cabo dele, depois dê alguma desculpa e saia como se fosse me buscar. Mas não pare. Passe direto pelos barracões e vá para o meio das árvores. Eu me encontrarei com você lá.

Roger olhou para Jamie em dúvida. Minha nossa, ele parecia estar falando de um passeio de domingo – uma volta pelo rio e nos encontramos no

parque, levarei sanduíches de presunto e você leva o chá.

Ele pigarreou duas vezes e pegou uma de suas pistolas. Sentiu-a fria e sólida em sua mão, um peso reconfortante.

– Tudo bem, mas só uma coisa: eu dou cabo de Bonnet.

Fraser olhou para ele com severidade. Roger manteve o olhar firme, ouvindo a pulsação que começara a martelar forte em seus ouvidos.

Viu Fraser começar a falar, depois parar. O sogro olhou para ele pensativo, e ele conseguiu ouvir seus argumentos, batendo dentro de seu ouvido no ritmo da pulsação, claros como se tivessem sido ditos em voz alta.

Você nunca matou um homem, nem lutou em uma batalha. Não é um bom atirador e faz apenas o básico com uma espada. Pior, você tem medo do homem. E se tentar e falhar...

– Eu sei – disse ele em voz alta, para os olhos azuis profundos de Fraser.

– Ele é meu. Eu vou matá-lo. Brianna é sua filha, eu sei... mas é minha mulher.

Fraser piscou e desviou o olhar. Tamborilou os dedos no joelho por um instante e em seguida parou, suspirando profundamente. Endireitou-se devagar e virou-se de novo para Roger, olhando-o nos olhos.

– É um direito seu – disse ele, formalmente. – Pois bem. Não hesite, não o desafie. Mate-o assim que tiver oportunidade. – Fez uma pausa, depois voltou a falar, os olhos fixos nos de Roger. – Mas se você for morto... saiba que eu o vingarei.

O mingau cheio de pregos em seu estômago pareceu subir, obstruindo sua garganta. Tossiu, para afastar a sensação, e engoliu em seco.

– Ótimo – disse ele. – E se você for morto, eu o vingarei. Negócio fechado?

Fraser não riu e, naquele momento, Roger compreendeu por que os homens o seguiriam aonde quer que ele fosse, para fazer qualquer coisa. Ele apenas olhou para Roger por um momento e então assentiu.

– Um belo negócio – disse ele baixinho. – Obrigado.

Tirando a adaga do cinto, começou a polir a lâmina.

Eles não tinham ideia de que horas eram, mas não precisavam saber. Mesmo com o céu tomado por nuvens baixas e o sol invisível, era possível sentir o passar dos minutos, a mudança lenta da terra conforme os ritmos do dia mudavam. Pássaros que gorjeavam ao amanhecer pararam a cantoria, e os que caçavam pela manhã começaram seu ritual. O som da água batendo nas estacas do cais mudou de tom conforme a maré alta começou a ecoar no espaço sob o ancoradouro.

A maré alta veio e se foi; o eco embaixo do ancoradouro passou a soar oco quando a água começou a descer. A pulsação nos ouvidos de Roger começou a se atenuar, assim como o aperto que sentia no peito.

Então algo bateu no ancoradouro e a vibração repercutiu no chão do barracão.

Jamie se levantou na hora, duas pistolas no cinto, outra na mão. Meneou a cabeça para Roger e em seguida desapareceu pela porta.

Roger enfiou suas pistolas no cinto, tocou o cabo da adaga por segurança e foi atrás dele. Viu um vislumbre do barco, a madeira escura da proa surgindo logo acima da linha do ancoradouro, e entrou no barracão menor à direita. Jamie não estava em nenhum lugar à vista; devia estar em seu próprio posto, à esquerda.

Encostou-se na parede, espreitando através da fresta entre a dobradiça e a porta. O barco deslizava devagar ao longo da borda do cais, ainda não amarrado. Ele conseguia ver uma pequena parte da popa; o resto estava fora de seu campo visual. Não importava; ele não poderia atirar enquanto Bonnet não aparecesse no cais.

Secou a palma da mão nas calças e escolheu a melhor de suas duas pistolas, verificando pela milésima vez se a carga de pólvora e a pederneira estavam prontas. O metal da pistola exalava um cheiro forte de óleo em sua mão.

O ar estava úmido; suas roupas se grudavam ao corpo. Será que a pólvora ia disparar? Levou a mão à adaga, pela milionésima vez, lembrando as instruções de Fraser sobre matar com uma faca. *Com a mão apoiada no ombro dele, enfie-a abaixo do esterno, com força. Por trás, o rim, de baixo*

para cima. Santo Deus, poderia fazer isso cara a cara? Sim. Esperava que fosse cara a cara. Queria ver...

Um rolo de corda foi jogado no cais; ele ouviu o baque surdo e em seguida o som de alguém saltando por cima da amurada para amarrar o barco. Um farfalhar e um gemido de esforço, uma pausa... Ele fechou os olhos, tentando ouvir acima das batidas fortes de seu coração. Passos. Lentos, mas não hesitantes. Vindo em sua direção.

A porta estava entreaberta. Ele deu um passo silencioso na direção dela, prestando atenção. Esperando. Uma sombra, indistinta na luz embaçada, atravessou a porta. O homem entrou.

Ele saiu de trás da porta, lançou todo o peso do corpo sobre o homem e o jogou contra a parede com um baque surdo. O homem gritou de surpresa com o impacto, e o som do grito o fez parar justamente quando agarrou um pescoço nada masculino.

– Merda! – disse ele. – Ou melhor, eu... eu... eu sinto muito, senhora.

Ela estava imprensada contra a parede, todo o peso dele em cima dela, e ele podia perceber muito bem que o resto de seu corpo também não era nada masculino. Com o rosto corado e quente, ele a soltou e deu um passo para trás, ofegante.

Ela se sacudiu como um cachorro, ajeitando as roupas e apalpando com cuidado a parte de trás da cabeça onde havia batido contra a parede.

– Sinto muito – disse ele, sentindo-se ao mesmo tempo chocado e um completo idiota. – Não tive a intenção... A senhora se machucou?

A jovem era tão alta quanto Brianna, porém mais forte, com cabelos castanho-escuros e um rosto bonito, de ossos largos e olhos fundos. Ela sorriu para Roger e disse algo incompreensível, exalando o forte cheiro de cebola. Ela o examinou de cima a baixo sem pudor e, evidentemente aprovando o que via, levou as mãos aos seios em um inconfundível gesto convidativo, meneando a cabeça em direção a um canto do barracão, onde montes de feno úmido exalavam um cheiro fecundo de decomposição não de todo desagradável.

– Ahhh... – disse Roger. – Não. Receio que esteja enganada. Não, não

toque aí. Não. *Non! Nein!*

Ele tentou segurar as mãos dela, que pareciam determinadas a abrir seu cinto. Ela disse algo mais em sua língua desconhecida. Ele não entendeu uma palavra, mas compreendeu perfeitamente o sentido.

– Não, sou casado. Pare, por favor!

Ela riu, lançou-lhe um olhar malicioso por baixo dos longos cílios negros e voltou ao ataque.

Ele acharia que estava alucinando, não fosse pelo cheiro. Presos em um lugar fechado, ele concluiu que o odor de cebolas era o menor dos males. Ela não tinha a aparência de uma pessoa suja, mas exalava o fedor penetrante de alguém que acabara de fazer uma longa viagem de navio; ele reconheceu o cheiro imediatamente. Além disso, um inconfundível cheiro de porcos emanava das saias dela.

– *Excusez-moi, mademoiselle.*

A voz de Jamie surgiu de algum lugar atrás dele, parecendo bastante alarmada. A jovem se assustou, embora não parecesse estar com medo. Ela soltou seus testículos, no entanto, permitindo que ele recuasse um passo.

Jamie estava com a pistola na mão, embora a segurasse ao lado do corpo. Ergueu uma das sobrancelhas para Roger.

– Quem é essa?

– Como diabos eu vou saber? – Fazendo um esforço para se recompor, Roger se sacudiu em uma tentativa de se endireitar. – Achei que ela fosse Bonnet ou um de seus homens, mas evidentemente não é.

– Evidentemente. – Fraser parecia inclinado a achar graça na situação; um músculo perto de sua boca se contraía furiosamente. – *Qui êtes-vous, mademoiselle?* – perguntou à mulher.

Ela franziu a testa para ele, claramente sem compreender, e disse alguma coisa em sua estranha língua de novo. Jamie ergueu as sobrancelhas ao ouvi-la.

– Que língua ela está falando? – perguntou Roger.

– Não faço a menor ideia. – Com a expressão de divertimento agora tomada pela cautela, Jamie se virou para a porta, erguendo a pistola. – Vigie-

a, está bem? Ela não deve estar sozinha.

Isso era óbvio; ouviam-se vozes no cais. As vozes de um homem e de outra mulher. Roger trocou olhares desorientados com Jamie. Não, a voz masculina não era de Bonnet nem de Lyon – e o que, em nome de Deus, todas aquelas mulheres estavam fazendo ali?

As vozes se aproximavam, no entanto, e a jovem de repente gritou alguma coisa em sua própria língua. Não pareceu um aviso, mas Jamie se encostou rapidamente na parede junto à porta, com a pistola engatilhada e a outra mão na adaga.

O vão estreito da porta se escureceu quase por completo quando uma cabeça escura e descabelada apareceu no barracão. Jamie deu um passo à frente e enfiou a pistola sob o queixo de um homem enorme e muito surpreso. Segurando o sujeito pela gola, Jamie recuou, puxando-o para dentro do barracão.

O homem foi seguido quase imediatamente por uma mulher forte e alta, com um rosto bonito que deixava claro que se tratava da mãe da jovem. A mulher, entretanto, era loura, enquanto o homem – seria o pai? – era tão escuro quanto um urso, com o qual se parecia. Ele era quase tão alto quanto Jamie, mas tinha quase o dobro da largura, de peito e ombros fortes e barba espessa.

Nenhum deles parecia alarmado. O homem parecia surpreso; a mulher, afrontada. A jovem ria com vontade, apontando para Jamie, depois para Roger.

– Estou começando a me sentir um idiota – disse Jamie para Roger. Recolhendo a pistola, ele deu um passo para trás com cautela. – *Wer seid Ihr?* Quem são vocês? – perguntou.

– Não creio que sejam alemães – disse Roger. – Ela – ele apontou com o polegar, indicando a jovem, que agora examinava Jamie com atenção, como se medisse seu potencial para se divertir no feno – não pareceu entender francês nem alemão, embora pudesse estar fingindo.

O homem franzia a testa, olhando de Jamie para Roger em uma tentativa de entender o que diziam. Ao ouvir a palavra *francês*, no entanto, pareceu se

animar.

– *Comment ça va?* Como vai? – perguntou ele, com o sotaque mais execrável que Roger já ouvira.

– *Parlez-vous Français?* Fala francês? – replicou Jamie, ainda olhando para o sujeito com cautela.

O homenzarrão sorriu e mostrou o dedo indicador e o polegar calejados a 2 centímetros um do outro.

– *Un peu.*

Um pouco bem pequeno mesmo, como logo descobriram. O sujeito não dominava mais do que dez palavras em francês, o suficiente apenas para se apresentar como Mikhail Chemodurov; sua mulher, Iva; e sua filha, Karina.

– Rooshki – disse Chemodurov, batendo a mão no peito grande.

– Russos?

Roger olhou para eles, estupefato, embora Jamie parecesse fascinado.

– Nunca conheci um russo – falou. – Mas o que, em nome de Cristo, eles estão fazendo aqui?

Com alguma dificuldade, essa pergunta foi transmitida ao sr. Chemodurov, que abriu um sorriso e ergueu o enorme braço, indicando o cais.

– *Les cochons* – disse ele. – *Pour le monsieur Wylie.* – Olhou ansioso para Jamie. – *Monsieur Wylie?*

Considerando o fedor que exalava dos três russos, a menção a porcos não foi uma grande surpresa. A conexão entre criadores de porcos russos e Phillip Wylie era um pouco menos óbvia. Antes que a questão pudesse ser aprofundada, no entanto, ouviu-se uma forte batida do lado de fora e o ruído de algo sendo raspado, como se um grande objeto de madeira tivesse atingido o ancoradouro. Em seguida, ouviu-se um coro agudo de gritos e berros, a maioria suínos, mas alguns humanos – e femininos.

Chemodurov moveu-se com incrível rapidez para seu tamanho, embora Jamie e Roger tenham partido atrás dele assim que disparou porta afora.

Roger mal teve tempo de ver que agora havia dois barcos ancorados no cais; o pequeno barco dos russos e uma embarcação menor, aberta. Vários

homens, armados com facas e pistolas, pulavam do barco menor no ancoradouro.

Ao ver aquilo, Jamie desviou para o lado, desaparecendo de vista pela lateral de um dos barracões menores. Roger pegou a pistola, mas hesitou, sem saber ao certo se seria melhor atirar ou correr. Hesitou por tempo demais. Um mosquete o golpeou por baixo das costelas, deixando-o sem ar, e mãos agarraram seu cinto, arrancando a adaga e as pistolas.

– Não se mexa, camarada – disse o homem que segurava o mosquete. – Ao menor movimento, faço seu fígado sair pelas costas.

O homem falou sem muito ânimo, mas com sinceridade suficiente para que Roger não se sentisse inclinado a desafiá-lo. Ficou imóvel, as mãos parcialmente erguidas, observando.

Chemodurov havia se lançado sobre os invasores sem hesitar, desferindo golpes desajeitados para todo lado. Um homem já estava na água, depois de ter sido atirado para fora do ancoradouro, e o russo já segurava outro, enforcando-o com uma eficiência brutal. Ele ignorava os gritos, ameaças e socos, concentrado no homem que estava matando.

Gritos cortaram o ar; Iva e Karina haviam corrido em direção a seu barco, onde dois dos invasores estavam no convés, cada um segurando uma versão um pouco menor de Karina. Um dos homens apontou uma arma para as mulheres russas. Pareceu puxar o gatilho; Roger viu uma faísca e uma pequena nuvem de fumaça, mas a arma falhou. As mulheres não hesitaram e partiram para cima dele, aos gritos. Em pânico, ele largou a arma e a garota que segurava e pulou na água.

Um baque surdo e nauseante desviou a atenção de Roger de seu enredo paralelo. Um dos homens, uma figura baixa e atarracada, dera um golpe na cabeça de Chemodurov com a coronha de uma arma. O russo piscou, balançou a cabeça e relaxou as mãos no pescoço da vítima. Seu agressor fez uma careta e segurou a arma com mais força, aplicando mais um golpe. Os olhos do russo se reviraram, e ele caiu no ancoradouro, fazendo as tábuas tremerem com o impacto.

Roger olhava de um homem para outro, à procura de Stephen Bonnet no

meio da confusão. Por mais que procurasse, entretanto, não havia sinal do antigo capitão do *Gloriana*.

O que estava acontecendo? Bonnet não era covarde, era um combatente por natureza. Era impensável que enviasse homens em seu lugar. Roger olhou outra vez, contando as cabeças, na tentativa de identificar os homens, mas a conclusão foi ficando mais evidente à medida que o caos aos poucos se desfez. Stephen Bonnet não estava ali.

Roger não teve tempo de decidir se estava decepcionado ou aliviado com essa descoberta. O homem que golpeará Chemodurov virou-se para ele nesse momento, e ele reconheceu David Anstruther, o xerife do condado de Orange. Anstruther também o reconheceu – ele viu os olhos do sujeito se estreitarem –, mas não pareceu surpreso em vê-lo.

A luta estava sendo rapidamente contida. As quatro mulheres russas tinham sido reunidas e empurradas para dentro do barracão maior, entre muitos berros e impropérios, e Chemodurov, desmaiado, também foi arrastado para dentro, deixando um inquietante rastro de sangue pelas tábuas atrás de si.

Nesse momento, um par de mãos bem-cuidadas apareceu na borda do cais e um homem alto, esbelto e elegante surgiu de dentro do barco. Roger não teve dificuldade em reconhecer o sr. Lillywhite, um dos magistrados do condado de Orange, apesar de ele estar sem a peruca e sem o casaco verde-garrafa.

Lillywhite havia se vestido para a ocasião com uma roupa simples, de tecido fino e preto, embora sua camisa de linho fosse como sempre de muito boa qualidade e ele levasse uma espada de cavalheiro presa na cintura. Ele atravessou o cais, sem muita pressa, observando a situação enquanto avançava. Roger viu sua boca se contrair de nojo diante do rastro de sangue.

Lillywhite fez um gesto para o homem que segurava Roger e, por fim, a dolorosa pressão do cano da arma diminuiu, e ele pôde respirar fundo.

– Sr. MacKenzie, não é? – perguntou Lillywhite amavelmente. – E onde está o sr. Fraser?

Ele já esperava por essa pergunta e tivera tempo de pensar na resposta.

– Em Wilmington – respondeu, no mesmo tom amistoso de Lillywhite. – O senhor também está um pouco longe de casa, não é?

As narinas de Lillywhite se abriram por um momento, como se tivessem detectado um cheiro ruim, o que certamente acontecera, embora Roger duvidasse de que o fedor dos porcos fosse o motivo de seu desagrado.

– Não brinque comigo, senhor – disse o magistrado de modo direto.

– Nem sonharia com isso – disse Roger, atento ao homem com o mosquete, que parecia disposto a voltar a golpeá-lo. – Mas já que estamos fazendo esse tipo de pergunta, onde está Stephen Bonnet?

Lillywhite deu uma risada curta, uma espécie de humor glacial surgindo em seus olhos cinza-pálidos.

– Em Wilmington.

Anstruther apareceu ao lado do magistrado, atarracado e suado. Meneou a cabeça para Roger e abriu um sorriso desagradável.

– MacKenzie. Prazer em revê-lo. Onde está seu sogro e, mais importante, onde está o uísque?

Lillywhite franziu a testa para o xerife.

– Não o encontrou? Procurou nos barracões?

– Sim, já olhamos nos barracões. Não há nada lá além de destroços. – Ficou na ponta dos pés, de modo ameaçador. – Então, MacKenzie, onde o escondeu?

– Não escondi nada – respondeu Roger sem se alterar. – Não há uísque nenhum.

Ele estava começando a relaxar um pouco. Onde quer que Stephen Bonnet estivesse, não estava ali. Não achava que ficariam contentes ao descobrir que o uísque era um ardil, mas...

O xerife deu-lhe um soco na boca do estômago. Roger se dobrou para a frente, sua vista escureceu e ele respirou com esforço, lutando contra um lampejo de pânico ao se lembrar do enforcamento, da escuridão, da falta de ar...

Pontos luminosos apareceram nas extremidades de seu campo de visão, e ele respirou fundo, arfando. Estava sentado no cais, com as pernas estendidas,

o xerife agarrando um punhado de seus cabelos.

– Tente outra vez – aconselhou Anstruther, sacudindo-o com força pelos cabelos.

A dor era irritante, mais do que desconfortável, e ele deu um soco no xerife, acertando-o com força na coxa. O homem deu um grito e o soltou, dando um salto para trás.

– Olhou no outro barco? – perguntou Lillywhite, ignorando o desconforto do xerife.

Anstruther olhou com ódio para Roger, massageando a coxa, mas balançou a cabeça em resposta.

– Não há nada lá além de porcos e garotas. E de onde diabos *eles* vieram? – perguntou ele.

– Da Rússia.

Roger tossiu, travando os dentes diante da onda de dor que o tomou, e se levantou lentamente, mantendo o braço sobre a barriga para impedir que suas entranhas saíssem pela boca. O xerife preparou o punho com antecedência, mas Lillywhite fez um gesto para que ele se contivesse. Olhou, incrédulo, para Roger.

– Rússia? E o que eles têm a ver com este negócio?

– Nada, até onde eu sei. Chegaram logo depois de mim.

O magistrado resmungou, parecendo contrariado. Franziu a testa por um momento, pensativo, e decidiu tentar outra tática.

– Fraser tinha um acordo com Milford Lyon. Eu assumi a parte do sr. Lyon no acordo, portanto deve entregar o uísque a mim – disse ele, tentando imprimir um tom de educada formalidade a sua voz.

– O sr. Fraser mudou de planos – comentou Roger, com a mesma cortesia. – Ele me enviou para dizer isso ao sr. Lyon.

Aquilo pareceu deixar Lillywhite desconcertado. Ele contraiu os lábios, movendo-os para dentro e para fora enquanto fitava Roger implacavelmente, como se quisesse avaliar a veracidade do que ele dizia. Roger o encarou de volta com serenidade, esperando que Jamie não aparecesse de repente e estragasse sua história.

– Como chegou aqui? – perguntou Lillywhite de forma abrupta. – Se não veio naquele barco?

– Vim por terra, partindo de Edenton. – Agradecendo a Duff pela informação, acenou descontraidamente por cima do ombro. – Há um caminho de conchas lá atrás.

Os dois homens o observavam. Ele os encarou de volta, sem se deixar intimidar.

– Alguma coisa não está cheirando nada bem e não é o pântano. – Anstruther farejou o ar ruidosamente para enfatizar, em seguida tossiu e desdenhou. – Minha nossa! Que fedor!

Lillywhite o ignorou e continuou a encarar Roger com os olhos semicerrados.

– Creio que talvez tenha que importuná-lo um pouco mais, sr. MacKenzie – disse ele, virando-se para o xerife. – Prenda-o com os russos, se é que eles são russos de fato.

Anstruther aceitou a incumbência com entusiasmo, cutucando Roger nas nádegas com a ponta do mosquete enquanto o obrigava a andar na direção do barracão onde os russos estavam presos. Roger travou os dentes e o ignorou, tentando imaginar a que altura o xerife ricochetearia se fosse erguido e jogado com força contra as tábuas do cais.

Os russos estavam todos amontoados em um canto do barracão, as mulheres cuidando do marido e pai ferido, mas todos se voltaram para olhar quando Roger entrou, balbuciando saudações e perguntas incompreensíveis. Roger sorriu para eles da melhor maneira que pôde e fez um gesto para que recuassem, pressionando a orelha contra a parede do barracão a fim de ouvir o que Lillywhite e seu grupo estavam planejando.

Tinha esperanças de que simplesmente aceitassem sua história e fossem embora – e talvez ainda fizessem isso quando se convencessem de que não havia mesmo uísque escondido em lugar nenhum perto do ancoradouro. Outra possibilidade lhe ocorrera, no entanto; uma possibilidade que o estava deixando cada vez mais inquieto.

Estava bastante claro, pelo comportamento dos homens, que eles

pretendiam levar o uísque à força – se houvesse algum uísque. E a forma como Lillywhite havia demorado a se mostrar, escondendo-se... não ficaria bem, obviamente, para um magistrado do condado, se soubessem que ele tinha ligações com contrabandistas e piratas.

Naquelas circunstâncias, já que não havia uísque, Roger não podia denunciar nenhum crime da parte de Lillywhite – era ilegal fazer contrabando, é claro, mas esse tipo de acordo era tão comum na costa que um simples rumor a respeito provavelmente não causaria danos à reputação de Lillywhite em seu próprio condado. Por outro lado, Roger estava sozinho – ou pelo menos Lillywhite achava que ele estava.

Estava claro que havia alguma ligação entre Lillywhite e Stephen Bonnet – e se Roger e Jamie Fraser comessem a fazer perguntas, havia grandes chances de isso ser revelado. Será que o suposto negócio no qual Lillywhite estava envolvido era perigoso o bastante para que ele achasse que valia a pena matar Roger para impedir que ele falasse? Ele tinha a incômoda sensação de que Lillywhite e Anstruther poderiam muito bem chegar a essa conclusão.

Poderiam simplesmente levá-lo para o pântano, matá-lo, enterrar seu corpo e em seguida voltar para junto de seus companheiros, anunciando que ele voltara para Edenton. Mesmo que alguém acabasse seguindo as pistas até os membros da quadrilha de Lillywhite e eles fossem persuadidos a falar – ambas as possibilidades remotas –, nada poderia ser provado.

Ouviu batidas e pancadas do lado de fora, aos poucos sucedidas por chamados mais distantes, conforme os barracões eram vasculhados mais uma vez e a busca se estendia ao pântano próximo dali.

Ocorreu a Roger que Lillywhite e Anstruther podiam muito bem ter planejado matar Jamie e ele depois de pegarem o uísque. Nesse caso, havia ainda menos motivo para que mudassem de ideia agora; já estariam preparados para isso. Quanto aos russos – poderiam lhes fazer algum mal? Esperava que não, mas não havia como saber.

Ouviu um leve tamborilar no teto de zinco do casebre; começava a chover. Ótimo, se a pólvora ficasse úmida, não atirariam nele; teriam que

cortar sua garganta. Ele alternava entre o receio de que Jamie não aparecesse cedo demais e a esperança fervorosa de que não aparecesse tarde demais. Quanto ao que ele faria se *de fato* aparecesse...

As espadas. Ainda estariam onde as haviam deixado, no canto do barracão? A chuva estava barulhenta demais para que ele ouvisse alguma coisa lá fora, de qualquer maneira. Então, abandonou seu posto de escuta e foi olhar.

Os russos olhavam para ele com expressões que eram um misto de cautela e preocupação. Ele sorriu e assentiu, fazendo gestos discretos para que saíssem do caminho. Sim, as espadas ainda estavam lá – já era alguma coisa, e ele sentiu uma leve pontada de esperança.

Chemodurov estava consciente; disse alguma coisa com a voz arrastada, e Karina levantou-se imediatamente e foi até Roger. Deu um tapinha no braço dele e em seguida pegou uma das espadas. Tirou-a da bainha com um som sibilante que fez com que todos se assustassem, depois rissem de nervosismo. Segurou o cabo com ambas as mãos e ergueu a espada acima do ombro, como um taco de beisebol. Marchou para a porta e assumiu seu posto ao lado da entrada, fazendo uma cara feia.

– Ótimo – disse Roger, abrindo um largo sorriso de aprovação. – Se alguém enfiar a cabeça por ali, arranque-a fora, certo?

Fez uma mímica indicando o movimento de corte com a lateral da mão, e todos os russos grunhiram, demonstrando seu apoio entusiástico. Uma das jovens estendeu a mão para pegar a outra espada, mas ele sorriu e mostrou que ficaria com aquela, muito obrigado.

Para sua surpresa, ela balançou a cabeça, dizendo alguma coisa em russo. Ele ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça, sem saber o que fazer. Ela o puxou pelo braço e fez com que ele a acompanhasse de volta até o canto do barracão.

Eles tinham estado ocupados durante o breve período de seu cativeiro. Haviam afastado o entulho para improvisar uma cama confortável para o homem ferido – e descobriram um grande alçapão no chão, feito para ser usado pelos barcos que entravam por baixo do ancoradouro na maré baixa a

fim de que o carregamento fosse descarregado diretamente no barracão, e não no cais.

A maré estava baixando naquele momento; era uma queda de quase 2 metros até a superfície escura da água. Ele tirou a camisa e se pendurou na beirada do alçapão antes de se soltar e cair de pé, sem querer se arriscar a mergulhar no que poderiam ser baixios perigosos lá embaixo.

No entanto, a água encobriu sua cabeça e ele afundou em uma torrente de bolhas prateadas. Então seus pés tocaram a areia do fundo e ele se impulsionou para cima, indo à tona para respirar. Acenou para tranquilizar os russos que o observavam da beirada do alçapão, depois seguiu para a outra extremidade do ancoradouro.

De onde estava, empoleirado no telhado do barracão, Jamie observou os movimentos do magistrado, e o modo como ele acariciava a arma. Lillywhite se virou, levando a mão com nervosismo ao cabo de sua espada. Um longo alcance e uma boa postura; rápido também, embora um tanto brusco. Usar uma espada naquelas circunstâncias sugeria tanto familiaridade com a arma quanto uma predileção por ela.

Não conseguia ver Anstruther, que estava colado na parede do barracão, sob a borda do telhado, mas não estava muito preocupado com o xerife. Era um valentão, e de braço curto.

– Acho que devemos matar todos eles. Só por garantia.

Lillywhite resmungou, demonstrando dúvidas a respeito dessa solução.

– Pode ser... mas e os homens? Não vamos querer colocar nossa sorte nas mãos de testemunhas que podem acabar dando com a língua nos dentes. Poderíamos ter cuidado de Fraser e MacKenzie longe da vista deles... mas todas essas pessoas... Talvez seja melhor deixarmos os russos partirem; são estrangeiros e não parecem falar nada de inglês...

– Sim, mas como chegaram aqui? Eu gostaria de saber. Garanto que não foram pegos por uma correnteza e vieram parar aqui por acaso. Alguém sabe deles, alguém virá procurá-los... E quem quer que seja tem como se

comunicar com eles, eu garanto. Eles já viram coisas demais... e se pretende continuar a usar este lugar...

A chuva ainda estava fraca, mas constante. Jamie virou a cabeça para secar as gotas em seus olhos no ombro. Ele estava deitado, braços e pernas abertos, como um sapo, para não escorregar pelo telhado de zinco inclinado. Não ousava se mexer, não ainda. A chuva rumorejava sobre o estreito, enrugando a superfície da água e estalando no metal a sua volta. Se chovesse um pouco mais forte, qualquer ruído que ele fizesse seria encoberto.

Mudou um pouco a distribuição do peso do corpo, sentindo a pressão da adaga contra o osso do quadril. As pistolas estavam ao seu lado no telhado, provavelmente inutilizadas pela chuva. A adaga era sua única arma de verdade naquele momento, muito melhor para um ataque surpresa do que para um ataque frontal.

—... mande os homens de volta com o barco. Podemos ir por terra, depois...

Os dois homens ainda conversavam, em voz baixa, mas ele percebeu que a decisão já tinha sido tomada. Lillywhite só precisava se convencer que era uma questão de necessidade, o que não demoraria muito. Mandariam os homens embora antes, no entanto; o magistrado estava certo em temer testemunhas.

Ele piscou para tirar a água dos olhos e olhou na direção do barracão maior, onde Roger Mac e os russos estavam. Os barracões ficavam próximos uns dos outros, e os espaços entre os telhados de zinco não eram maiores do que 1 metro ou 1,20 metro. Havia um único barracão entre ele e o barracão maior. Ótimo.

Aproveitaria a partida dos homens para passar pelos telhados e contaria com a sorte e com a chuva para impedir que Lillywhite ou Anstruther olhassem para cima. Ficaria agachado acima da porta do barracão e, quando eles chegassem para matar os prisioneiros, esperaria abrirem a porta e então se atiraria sobre o magistrado, esperando quebrar seu pescoço ou ao menos imobilizá-lo. Depois contaria com Roger Mac para sair e ajudá-lo a lidar com o xerife.

Foi o melhor plano que conseguiu traçar naquelas circunstâncias, e não o considerava ruim. Se não escorregasse e quebrasse o pescoço, é claro. Ou uma perna. Flexionou a perna esquerda, sentindo a leve rigidez dos músculos da panturrilha. Estava curada, mas não havia como negar que ficara ligeiramente mais fraca. Consequia andar normalmente, mas pular por telhados...

– Bem, no inferno, abraça o capeta – murmurou.

Se ele caísse e machucasse a perna outra vez, seria melhor torcer para que o xerife o matasse, caso contrário Claire certamente o faria.

Esse pensamento fez com que ele sorrisse, mas não podia pensar nela naquele momento. Mais tarde, quando tudo estivesse terminado. Sua camisa estava ensopada, grudada nos ombros, e a chuva tilintava nos tetos de zinco como um coral de pequenos sinos. Virando-se com cuidado, conseguiu encolher as pernas sob o corpo e ergueu-se, ficando agachado, pronto para se deitar de novo se alguém olhasse para cima.

Não havia ninguém no cais. Havia quatro homens além de Lillywhite e o xerife; todos estavam no terreno ao sul do ancoradouro, vasculhando o capim que chegava à cintura sem muita motivação. Ele respirou fundo e ficou lentamente de pé. Quando deu meia-volta, porém, percebeu um leve movimento pelo canto do olho e ficou paralisado.

Santo Deus, havia homens saindo da mata. Por um segundo, pensou que fosse mais gente de Lillywhite, mas logo percebeu que os homens eram negros. Todos, exceto um.

Les cochons, os russos tinham dito. *Pour le monsieur Wylie*. E lá estava monsieur Wylie, vindo com seus escravos para pegar os porcos!

Deitou-se de bruços de novo e esgueirou-se pelo zinco molhado, rastejando até a parte de trás do telhado do barracão. Restava saber, ele pensou, se Wylie estaria mais disposto a ajudá-lo ou a matá-lo com as próprias mãos – mas acreditava que o sujeito tinha interesse em preservar os russos.

A água estava fria, mas não chegava a entorpecer os músculos, e a corrente da maré vazante ainda não era muito forte. Ainda assim, a lesão em seu pescoço e a fumaça do incêndio do bambuzal o haviam deixado com muito menos fôlego do que antes, e Roger via-se obrigado a subir à superfície para respirar a cada três ou quatro braçadas.

Lábios de rubi, fora da água, cantarolou ironicamente para si mesmo, *soprando lindas bolhinhas...* Inspirou fundo e ficou parado com a cabeça fora d'água, atento. Tinha ido para o lado sul do ancoradouro primeiro, mas ouvira vozes acima e por isso mudara de direção. Estava bem embaixo da extremidade norte agora, escondido à sombra do barco dos russos.

O cheiro de porcos era pungente, e ele ouvia batidas e grunhidos abafados vindos do porão através da madeira ao seu lado. Santo Deus, tinham vindo naquela minúscula embarcação desde a Rússia? Aparentemente, sim; a madeira do casco estava coberta de marcas e endentações.

Nenhum som de vozes nas proximidades. A chuva forte abafava os sons no estreito; isso ajudaria a encobrir qualquer ruído que ele fizesse. Preparar, firmar e ir. Encheu os pulmões de ar e lançou-se na luz chuvosa além do ancoradouro.

Nadou desesperadamente, tentando não espirrar água, esperando um tiro de mosquete entre as escápulas a qualquer momento. Embrenhou-se em meio às plantas aquáticas, sentiu o capim-navalha açoitando seus braços e pernas, rolou meio de lado, ofegante, o sal fazendo os ferimentos arderem, e logo estava de quatro, rastejando pelo emaranhado de plantas do brejo, as extremidades dos juncos ondulando acima de sua cabeça, sentindo a chuva bater em suas costas, a água logo abaixo do queixo.

Finalmente parou, o peito arfando pela falta de ar, e se perguntou que diabo fazer em seguida. Era bom estar longe do barracão, mas ele não tinha um plano para o que fazer naquele momento. Encontrar Jamie, supunha – se pudesse, sem ser capturado outra vez.

Como se o pensamento tivesse chamado a atenção para ele, ouviu os ruídos de alguém andando devagar pelo pântano próximo. Procurando. Ficou paralisado, esperando que a chuva encobrisse o ruído de sua respiração, alta e

ruidosa em seus ouvidos.

Mais perto. Droga, estavam se aproximando. Procurou em seu cinto, mas havia perdido a adaga enquanto nadava. Ergueu um dos joelhos, aproximando-o do queixo, e se preparou para saltar e correr.

O junco acima dele abriu-se repentinamente e ele ficou de pé em um salto, bem a tempo de desviar da lança que cortou a água onde ele estava segundos antes.

A lança vacilou à sua frente, a 15 centímetros de seu rosto. Do outro lado, um homem negro fitava-o com os olhos arregalados, boquiaberto. O negro fechou a boca, piscou e falou em um tom de profunda acusação:

– Você não é um gambá!

– Não – disse Roger com tranquilidade. – Não sou. – Passou a mão trêmula pelo peito para conferir se o coração ainda estava lá dentro. – Desculpe.

Phillip Wylie parecia bem diferente em casa, pensou Roger, do que aparentava ser na sociedade. Vestido para caçar porcos selvagens com calças largas e uma camisa de camponês molhada pela chuva, sem vestígio de peruca, maquiagem, talco ou adereços, ele ainda era esbelto e elegante, mas parecia muito normal e razoavelmente competente. Também parecia um pouco mais inteligente, embora sua boca continuasse se abrindo de tempos em tempos e ele insistisse em interromper os relatos de Jamie com perguntas e comentários.

– Lillywhite? Randall Lillywhite? Mas o que ele...

– Preste atenção, homem – disse Jamie com impaciência. – Estou lhe dizendo agora e vou lhe contar mais depois, mas ele e o xerife vão retalhar seus amigos russos como presunto de Natal se não cuidarmos desse assunto imediatamente.

Wylie olhou com raiva para Jamie, em seguida olhou com desconfiança para Roger, que estava parado sob as árvores da floresta, seminu, encharcado e coberto de lama e sangue.

– Ele tem razão – disse Roger, a voz rouca e entrecortada; então pigarreou e repetiu com mais firmeza: – Ele tem razão, não há tempo a perder.

Os lábios de Wylie comprimiram-se em uma linha fina e ele expirou com força pelo nariz, fazendo barulho. Olhou para seus escravos, como se os contasse; meia dúzia de homens, todos carregando varas grossas. Um ou dois tinham um facão de cortar cana preso ao cinto. Wylie assentiu, tomando uma decisão.

– Então, vamos.

Evitando o ruidoso caminho de conchas, avançaram devagar mas a uma velocidade constante através do pântano.

– Por que porcos? – Roger ouviu Jamie perguntar com curiosidade, enquanto ele e Wylie abriam caminho na frente do grupo.

– Porcos, não – retrucou Wylie. – Javalis russos. Por esporte. – Falou com certo orgulho, zunindo sua própria vara pelo capim denso. – Todos dizem que, dentre todos os animais de caça, o javali russo é o adversário mais feroz e mais astuto. Pretendo soltá-los na mata de minha propriedade e deixar que procriem.

– Pretende caçá-los, então? – Jamie pareceu um tanto incrédulo. – Já caçou um javali?

Roger viu os ombros de Wylie se enrijecerem sob a camisa molhada ao ouvir a pergunta. A chuva estava mais fraca, porém persistente.

– Não – disse ele. – Ainda não. Você já?

– Sim – respondeu Jamie, mas sabiamente não estendeu a resposta.

Quando se aproximaram do ancoradouro, Roger vislumbrou um movimento mais além. O barco menor estava se afastando.

– Eles desistiram de procurar por mim ou pelo uísque e mandaram os homens embora. – Jamie passou a mão pelo rosto, afastando a água da chuva. – O que acha disso, Wylie? Não há tempo a perder. Os russos estão no barracão principal, no cais.

Uma vez decidido, Wylie não pensava duas vezes.

– Vamos invadir o lugar – disse de modo sucinto.

Ergueu a mão, fazendo um gesto para que os escravos o seguissem, e se

dirigiu a passos largos para o ancoradouro. O grupo inteiro entrou na trilha de conchas, retumbando na direção do cais como uma avalanche. Isso deveria fazer Lillywhite e Anstruther interromperem seus planos assassinos, pensou Roger. Eles soavam como um exército se aproximando.

Descalço, Roger mantinha-se no terreno pantanoso e, assim, avançava mais devagar do que os outros. Viu um rosto assustado espreitar por entre os barracões e rapidamente recuar.

Jamie também viu e deu um de seus gritos ferozes das Terras Altas. Wylie se assustou, surpreso, mas logo se juntou a ele, gritando.

– Saiam daí, seus desgraçados!

Encorajados, os negros começaram a gritar e vociferar, brandindo as varas com entusiasmo enquanto invadiam o ancoradouro.

Foi uma espécie de anticlímax chegar ao cais e não encontrar ninguém lá a não ser os prisioneiros russos, que por pouco não decapitaram Phillip Wylie quando ele abriu imprudentemente a porta de seu cativeiro sem se anunciar.

Uma rápida busca no barco russo e no pântano ao redor não revelou nenhum vestígio de Lillywhite ou de Anstruther.

– O mais provável é que tenham fugido a nado – disse um dos negros, voltando da busca. Apontou para o outro lado do canal, na direção do labirinto de bancos de areia, e tocou em sua lança. – Vamos caçá-los?

Era o homem que encontrara Roger, evidentemente ainda ávido por tentar sua sorte.

– Eles não fugiram a nado – disse Wylie de modo sucinto. Gesticulou, indicando a minúscula praia perto do ancoradouro, um trecho de conchas de marisco vazio. – Levaram meu barco, os filhos da mãe.

Virou-se, frustrado, e começou a dar ordens para que os javalis fossem descarregados e colocados no cercado. Chemodurov e sua família já tinham sido levados para a casa da fazenda, com as jovens alternando surpresa diante dos escravos negros e olhares dissimulados para Roger, que recuperara a camisa e os sapatos, mas permanecia com as calças coladas ao corpo.

Um dos escravos saiu do barracão com os braços cheios de armas descartadas, fazendo Wylie se lembrar temporariamente de suas obrigações

como anfitrião.

– Agradeço sua ajuda em preservar minha propriedade, senhor – disse ele a Jamie. Fez uma reverência um pouco rígida. – Permita que eu ofereça minha hospitalidade ao senhor e ao sr. MacKenzie.

Ele não parecia muito satisfeito com isso, Roger notou, mas ainda assim a ofereceu.

– Eu é que agradeço por sua ajuda em preservar nossa vida, senhor – disse Jamie com igual rigidez, retribuindo a reverência. – E agradeço, mas...

– Seria um prazer – interrompeu Roger. – Obrigado.

Deu um forte aperto de mão em Wylie, surpreendendo-o bastante, e agarrou o braço de Jamie, levando-o na direção do caminho de conchas antes que ele pudesse protestar. Havia hora e lugar para ser orgulhoso, ele imaginava, mas aquela ocasião não era um deles.

– Veja bem, você não precisa bajular o homem – disse ele em resposta aos resmungos de Jamie, conforme vadeavam pela água em direção à floresta. – Vamos deixar que o mordomo dele nos dê uma toalha seca e um pouco de comida e partiremos enquanto ele ainda estiver ocupado com seus javalis. Não tomei café da manhã, você também não. E se vamos ser obrigados a andar até Edenton, não vou fazer isso de barriga vazia.

A menção a comida pareceu acalmar os ânimos de Jamie, e quando chegaram ao abrigo da mata, um estado de espírito de alegria quase eufórica havia surgido entre eles. Roger se perguntou se aquele era o tipo de sentimento que se experimentava depois de uma batalha; o puro alívio de estar vivo e ileso que dava vontade de rir e dançar só para provar que ainda era possível fazer isso.

Por um consentimento tácito, deixaram as discussões sobre os acontecimentos recentes – e as especulações a respeito do paradeiro de Stephen Bonnet – para depois.

– Javalis russos, pelo amor de Deus – disse Jamie, sacudindo-se como um cachorro quando pararam sob o abrigo da floresta. – E eu duvido que o homem já tenha visto um javali na vida! Ele poderia muito bem se matar sem se dar a tanto trabalho e tanta despesa!

– Sim, quanto acha que deve ter custado? Mais dinheiro do que veremos em dez anos, provavelmente, só para transportar um monte de javalis por... o quê, quase 10 mil quilômetros?

Ele balançou a cabeça, assombrado com a ideia.

– Bem, para ser justo, são mais do que simples javalis – disse Jamie com tolerância. – Você não os viu?

Roger os vira, mas muito rápido. Os escravos levavam um dos animais pelo cais quando ele saiu do barracão com suas roupas. Era grande e peludo, com enormes presas amarelas que pareciam bastante perigosas.

Estava abatido pela longa viagem marítima, entretanto, as costelas aparentes e metade da pelagem eriçada arrancada pelo atrito. Obviamente, ainda estava zonzinho por causa do balanço do mar, cambaleando e andando meio de lado, trôpego, com seus cascos ridiculamente pequenos, revirando os olhos e grunhindo de pânico conforme os escravos gritavam e cutucavam-no com suas varas. Roger sentiu pena do animal.

– Ah, sim, são bem grandes – disse ele. – E imagino que, quando se recuperarem, serão extraordinários. Mas me pergunto se vão se adaptar aqui, depois da Rússia.

Fez um gesto com a mão, indicando a floresta úmida ao redor. O ar estava carregado pela umidade da chuva, mas as árvores bloqueavam a maior parte da água que caía, deixando a floresta escura e com cheiro de resina sob as copas baixas de carvalhos-anões e pequenos pinheiros. Galhos menores e cascas de bolotas eram triturados sob suas botas na terra arenosa.

– Bem, há bolotas e raízes de sobra – observou Jamie – e um ou outro negro de vez em quando, como petisco. Acho que vão se adaptar muito bem.

Roger riu, e Jamie grunhiu, divertindo-se.

– Acha que estou de brincadeira? Imagino que você também nunca tenha caçado javali.

– Humm. Bem, talvez o sr. Wylie nos convide para vir e...

Sua nuca explodiu e tudo desapareceu.

Em algum momento, ele recobrou os sentidos. Sentia, acima de tudo, uma dor tão forte a ponto de tornar preferível o desfalecimento. Mas estava consciente também de seixos e folhas pressionados contra seu rosto e de ruídos próximos. Os baques, golpes e gemidos de homens lutando.

Forçou-se a recobrar a consciência e levantou a cabeça, mas o esforço fez com que luzes coloridas explodissem em seu cérebro, resultando em uma intensa vontade de vomitar. Procurou reprimir a náusea cruzando os braços em torno do corpo com força, os dentes cerrados, e depois de alguns instantes, sua visão clareou, embora tudo ainda parecesse borrado.

Demorou um pouco para se dar conta do que estava acontecendo: os homens estavam a cerca de 3 metros do local onde ele estava caído, algumas árvores e arbustos obscurecendo a visão. Ouviu um *A Dhia!* murmurado entre grunhidos e arfadas, entretanto, e sentiu uma forte onda de alívio. Jamie estava vivo, então.

Apoiou-se nos joelhos, cambaleante, e ficou parado nessa posição por um instante, sua visão entrando e saindo de foco. Quando se estabilizou, sua cabeça havia pendido para a frente e ele olhava para o chão. Sua espada estava alguns metros adiante, meio encoberta por folhas e areia remexida. Uma de suas pistolas estava ao lado dela, mas ele não se preocupou com isso; não conseguiria segurá-la com firmeza, mesmo que a pólvora estivesse suficientemente seca para disparar.

Procurou às apalpadelas e tateou pelo chão, mas quando encaixou a mão na guarda do cabo da espada, sentiu-se um pouco melhor; não a deixaria cair agora. Algo úmido escorria por sua nuca – sangue, chuva? Não importava. Cambaleou, agarrou-se a uma árvore com a mão livre, piscou para clarear a visão turva, deu mais um passo.

Sentia-se como um javali, o terreno desconhecido instável e traiçoeiro sob seus pés. Pisou em algo que rolou e cedeu, e caiu, tombando com tudo sobre o cotovelo.

Virou-se meio desajeitado, os movimentos dificultados pela espada, e descobriu que havia pisado na perna de Anstruther. O xerife estava caído de costas, a boca aberta, parecendo surpreso. Na garganta havia um grande

corde, e uma boa quantidade de sangue havia encharcado a areia ao seu redor, exalando um forte cheiro ferroso.

Recuou, e o choque fez com que ficasse de pé, embora ele não se lembrasse de ter se levantado. Lillywhite estava de costas para ele, o linho de sua camisa molhado e grudado à pele. Ele se lançou para a frente, grunhindo, em seguida saltou para trás, golpeou, contra-atacou...

Roger balançou a cabeça, tentando afastar os termos idiotas da luta de espadas, depois parou, arfando de dor. Jamie abria um meio sorriso feroz, os dentes à mostra enquanto ele seguia a arma do adversário. Mas tinha visto Roger.

– Roger! – gritou ele, ofegante por causa da luta. – Roger, *a charaid!*

Lillywhite não se virou, mas se lançou para a frente, simulando um ataque, golpeando, recuando para a terceira posição.

– Não... idiota... – disse, arfando.

Roger notou vagamente que Lillywhite achava que Jamie estava blefando, tentando fazer com que ele se virasse. Sua visão vacilava de novo nas extremidades e ele se agarrou a uma árvore, lutando para se manter em pé. A folhagem estava molhada; sua mão escorregava.

– Ei... – disse ele com a voz rouca, incapaz de pensar em palavras. Ergueu a espada, cuja ponta tremia. – Ei!

Lillywhite deu um passo para trás e girou nos calcanhares, os olhos arregalados de susto. Roger lançou-se sobre ele às cegas, sem um alvo, mas com todas as forças que ainda lhe restavam.

A espada penetrou no olho de Lillywhite e um tremor subiu pelo braço de Roger quando o metal resvalou no osso e atravessou algo mais macio, onde se alojou. Ele tentou soltar a espada, mas sua mão estava presa na guarda. Lillywhite se enrijeceu, e Roger sentiu a vida do homem esvair-se pela espada, por sua mão, subindo por seu braço, rápida e atordoante como uma corrente elétrica.

Em pânico, ele se contorceu e se sacudiu, tentando soltar a espada. O corpo de Lillywhite foi tomado por espasmos, ficou flácido e caiu na direção dele, como um enorme peixe morto, enquanto Roger puxava com toda a

força, tentando em vão se desvencilhar da espada.

Então, Jamie segurou-o pelo pulso e o soltou, passou o braço ao redor dele e o afastou, tropeçando e cego por causa do pânico e da dor. Segurou sua cabeça e esfregou suas costas, murmurando palavras sem sentido em gaélico enquanto ele vomitava e respirava com dificuldade. Limpou seu rosto e seu pescoço com um punhado de folhas molhadas, tirou o muco do nariz com a manga molhada da camisa.

– Você está bem? – balbuciou Roger, em algum momento no meio de tudo isso.

– Sim, estou – respondeu Jamie, dando tapinhas em suas costas. – Você também está, certo?

Por fim, conseguiu ficar em pé de novo. Sua cabeça já estava além da dor; ainda doía, mas a dor parecia algo separado dele, pairando em algum lugar por perto, mas sem afetá-lo de fato.

Lillywhite jazia de rosto para cima, no meio das folhas. Roger fechou os olhos e engoliu em seco. Ouviu Jamie dizer alguma coisa baixinho e, em seguida, um grunhido, um farfalhar de folhas e um pequeno baque surdo. Quando abriu os olhos, Lillywhite estava com o rosto virado para baixo, as costas da camisa sujas de areia e cascas de bolotas.

– Vamos.

Jamie segurou-o pela cintura, passando o braço dele por cima de seu ombro.

Roger ergueu a mão livre e fez um gesto vago na direção dos corpos.

– Eles... O que vamos fazer com... eles?

– Vamos deixá-los para os javalis.

Roger já conseguia caminhar sem ajuda quando saíram da floresta, embora pendesse mais para um lado, incapaz de andar em linha reta. A casa de Wylie estava à frente deles, uma bonita construção de tijolos aparentes. Atravessaram o gramado, ignorando os olhares de vários criados, reunidos nas janelas do andar superior, apontando para eles e cochichando entre si.

– Por quê? – perguntou Roger, parando por um instante para tirar algumas folhas da camisa. – Eles disseram?

– Não.

Jamie puxou da manga um pedaço de pano encharcado que um dia tinha sido um lenço e o lavou na fonte ornamental. Com ele, limpou o rosto, olhou de modo crítico para a sujeira no lenço e o lavou na fonte outra vez.

– A primeira coisa que ouvi foi o barulho do golpe que Anstruther deu em você com um porrete... Tome, sua cabeça ainda está sangrando. Eu me virei e vi você estendido no chão e, no instante seguinte, uma espada surgiu do nada e me golpeou bem no meio das costelas. Veja só isso aqui. – Enfiou os dedos por um grande talho em sua camisa. – Eu me agachei atrás de uma árvore e mal consegui pegar minha espada a tempo. Mas nenhum dos dois disse uma palavra sequer.

Roger pressionou o lenço que lhe fora oferecido com cuidado na nuca. Inspirou por entre os dentes cerrados com um sibilo quando a água fria entrou em contato com o ferimento.

– Merda. Minha cabeça está avariada ou isso realmente não faz nenhum sentido? Por que, em nome de Cristo, se empenhar tanto em nos matar?

– Porque nos queriam mortos – disse Jamie de modo pragmático, enrolando as mangas da camisa para lavar as mãos na água da fonte. – Ou outra pessoa queria.

A dor havia resolvido se instalar na cabeça de Roger outra vez. Estava começando a se sentir enjoado de novo.

– Stephen Bonnet?

– Se eu fosse de apostar, apostaria nisso.

Roger fechou um dos olhos para ver se parava de ver dois Jamies à sua frente.

– Você é de apostar. Já o vi jogando.

– Bem, então é isso.

Jamie passou a mão distraidamente pelos cabelos desgrehados e se voltou para a casa. Karina e suas irmãs haviam aparecido à janela e acenavam extasiadas.

– O que eu gostaria muito de saber agora é onde Stephen Bonnet está.

– Em Wilmington.

Jamie se virou, franzindo a testa.

– O quê?

– Wilmington – repetiu Roger. Cautelosamente, abriu o outro olho, mas tudo parecia bem. Via apenas um Jamie. – Foi o que Lillywhite disse... mas pensei que ele estivesse brincando.

Jamie o encarou por um momento.

– Gostaria muito que estivesse – disse ele.

NO MEIO DAS MURTAS

Wilmington

Em comparação com a Cordilheira dos Frasers, Wilmington era uma metrópole agitada e, em circunstâncias normais, as meninas e eu teríamos aproveitado seus encantos. Mas, levando em conta a ausência de Roger e Jamie e a natureza da missão em que estavam envolvidos, quase não conseguíamos nos distrair.

Não por falta de tentativa. Sobrevivemos aos minutos arrastados de noites interrompidas por choro de criança e assombradas por imaginações piores do que pesadelos. Eu lamentava que Brianna tivesse visto o que vira depois da batalha de Alamance, ideias vagas baseadas no medo já eram ruins o bastante, as baseadas no contato direto com carne mutilada, ossos esmagados e olhos inertes e sem vida eram muito piores.

Levantando-nos com os olhos pesados em meio a um amontoado de roupas espalhadas e roupas de cama velhas, alimentamos e vestimos as crianças e saímos à procura de qualquer coisa que distraísse nossa mente durante o dia, como corridas de cavalos, compras ou saraus realizados toda semana – em noites consecutivas – pela sra. Crawford e pela sra. Dunning, as duas anfitriãs mais importantes da cidade.

A noite musical da sra. Dunning havia acontecido um dia após a partida de Roger e Jamie. Apresentações de harpa, violino, cravo e flauta foram intercaladas com recitais de poesia – ou pelo menos algo que se considerava poesia – e canções cômicas e trágicas, interpretadas pelo sr. Angus

McCaskill, o popular e cortês proprietário do maior restaurante de Wilmington.

As canções trágicas foram, na realidade, muito mais engraçadas do que as cômicas, graças ao hábito que o sr. McCaskill tinha de revirar os olhos durante os trechos mais lúgubres, como se as letras das músicas estivessem escritas dentro de seu crânio. Eu mantive uma expressão adequadamente séria de apreciação, entretanto, mordendo a parte interna da bochecha o tempo inteiro.

Brianna não precisou de nenhum artifício para demonstrar cortesia. Ela permaneceu sentada durante as apresentações com uma expressão tão intensa e séria que pareceu desconcertar alguns dos músicos, que olhavam para ela com nervosismo e se esgueiravam para o outro lado do salão, colocando o cravo entre eles e Brianna, por segurança. Sua atitude nada tinha a ver com o espetáculo, eu sabia, mas com o fato de ela insistir em repassar as discussões que haviam precedido a partida dos homens.

Foram discussões prolongadas, acaloradas e levadas a cabo em voz baixa, enquanto nós quatro andávamos de um lado para outro nas docas ao pôr do sol. Brianna mantivera-se eloquente, exaltada e feroz. Jamie fora paciente, frio e inabalável. Eu permaneci de boca fechada, ao menos dessa vez, mais teimosa do que qualquer um dos dois. Não podia, em sã consciência, ficar ao lado de Bree; eu sabia quem Stephen Bonnet era. Não queria ficar ao lado de Jamie; eu sabia quem Stephen Bonnet era.

Mas também sabia quem Jamie era, e apesar de a ideia de vê-lo partir para acabar com seu desafeto fosse suficiente para me dar a sensação de estar pendurada pelo pescoço por uma corda puída acima de um poço sem fundo, eu sabia que havia poucos homens mais bem preparados para a tarefa. Pois além da questão de extrema habilidade, que ele certamente tinha, havia a questão da consciência.

Jamie era um escocês das Terras Altas. Embora Deus insista que a vingança cabe a Ele, nunca conheci nenhum homem das Terras Altas que achasse certo deixar que Deus lidasse com essas questões sem ajuda. Deus fizera o homem por uma razão, e no topo da lista dessas razões estavam a

proteção da família e a defesa da honra – a qualquer preço.

O que Bonnet fizera a Brianna não era um crime que Jamie pudesse um dia perdoar, menos ainda esquecer. E além da mera vingança e da ameaça constante que Bonnet poderia representar para Brianna e Jemmy, havia o fato de Jamie se sentir responsável, ao menos em parte, pelos males que Bonnet pudesse causar no mundo – à nossa família ou a outras. Ele já havia ajudado Bonnet a escapar da forca uma vez; não ficaria em paz enquanto não reparasse esse erro... e disse isso.

– Ótimo! – Brianna dissera entre os dentes, cerrando os punhos ao lado do corpo. – Então você ficará em paz. Muito bem! E que paz acha que mamãe e eu encontraremos se você ou Roger morrerem?

– Preferia que eu fosse um covarde? Ou que seu marido fosse um covarde?

– Sim!

– Não, não é verdade – disse ele com firmeza. – Você só diz isso agora porque está com medo.

– Claro que estou com medo! Mamãe também está, só que ela não diz, porque acha que você vai de qualquer modo!

– Se ela acha isso, está certa – disse Jamie, lançando-me um olhar de soslaio e esboçando um sorriso. – Ela me conhece há muito tempo.

Olhei para ele, mas balancei a cabeça e desviei o olhar, contraindo os lábios e fitando os mastros dos navios ancorados no porto enquanto a discussão continuava.

Roger finalmente pôs fim à discussão.

– Brianna – disse ele com delicadeza, quando ela parou para respirar.

Ela se virou para ele, o rosto angustiado, e ele tocou seu ombro.

– Não vou deixar esse homem viver no mesmo mundo que os meus filhos – disse ele, ainda calmo – ou a minha mulher. Assim sendo, iremos com sua bênção... ou sem ela?

Ela prendeu a respiração, mordeu o lábio e se virou de costas. Vi as lágrimas marejarem seus olhos e o movimento de sua garganta enquanto as engolia. Ela não disse mais nada.

Qualquer bênção que ela pudesse ter dado a ele fora dada durante a noite, no silêncio da cama deles. Eu dei minha bênção e me despedi de Jamie na mesma escuridão – ainda sem dizer uma palavra. Eu não podia. Ele *iria* de qualquer modo, não importava o que eu dissesse.

Nenhum de nós dois dormiu aquela noite; permanecemos deitados, abraçados, percebendo em silêncio cada respiração e cada movimento do corpo, e quando feixes de luz cinzenta começaram a entrar pelas cortinas, nós nos levantamos – ele para cuidar dos preparativos, eu porque não conseguia ficar deitada e vê-lo partir.

No momento da partida, fiquei na ponta dos pés para beijá-lo e sussurrei a única coisa que realmente importava.

– Volte – falei.

Ele sorriu para mim, ajeitando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Lembra-se do que eu disse em Alamance? Bem, também não vai ser desta vez, Sassenach. Nós dois vamos voltar.

A reunião da sra. Crawford, realizada na noite seguinte, contou com os mesmos músicos, em sua maioria, do sarau da sra. Dunning, mas teve uma novidade; foi lá que pela primeira vez senti o cheiro de velas de murta.

– Que cheiro delicioso é este? – perguntei à sra. Crawford durante o intervalo, cheirando os candelabros que decoravam seu cravo.

As velas eram de cera de abelha, mas o perfume era ao mesmo tempo delicado e picante – um pouco como pimenta-da-jamaica, porém mais suave.

– Murta – respondeu ela, satisfeita. – Eu não a uso para as velas em si, embora possa ser usada... mas seria necessária uma quantidade imensa de bagas, quase 4 quilos para se obter apenas meio quilo de cera, veja você! Minha criada passou uma semana colhendo-as e mal conseguiu o bastante para produzir doze velas. Por isso, fiz a cera, mas a misturei com cera de abelha comum na hora de fazer as velas, e devo dizer que fiquei satisfeita. O cheiro é realmente muito bom, não acha?

Ela se aproximou de mim, baixando a voz para um sussurro confidencial.

– *Alguém* me contou que a casa da sra. Dunning ontem à noite estava com um cheiro horrível, como se a cozinheira tivesse queimado as batatas do jantar!

E assim, no terceiro dia, tendo que escolher entre ficarmos confinadas com três crianças pequenas em nossos cômodos apertados ou revisitarmos os restos já bem reduzidos da baleia morta, pedi vários baldes emprestados à nossa senhoria, a sra. Burns, encomendei uma cesta de piquenique e levei minha tropa para uma expedição.

Brianna e Marsali concordaram prontamente com a ideia, apesar de não estarem muito entusiasmadas.

– Qualquer coisa é melhor do que ficar parada, tomada por preocupações – disse Brianna. – Qualquer coisa!

– Sim, e qualquer coisa é melhor do que o cheiro de fralda suja e de leite azedo – acrescentou Marsali. Abanou-se com um livro, meio pálida. – Estou precisando de um pouco de ar fresco.

Eu me preocupava um pouco com a capacidade de Marsali de caminhar tanto, levando em consideração seu estado – ela estava no sétimo mês de gravidez –, mas ela insistiu que o exercício faria bem, e Brianna e eu poderíamos ajudar a carregar Joanie.

Como costuma acontecer em passeios com crianças pequenas, demoramos um pouco para sair. Joanie cuspiu purê de batata-doce na roupa, Jemmy cometeu uma gafe sanitária de grandes proporções e Germain desapareceu durante a confusão gerada por esses contratempos. Foi encontrado, ao fim de meia hora de buscas envolvendo todos na rua, atrás do estábulo público, ocupado em atirar bosta de cavalo nas carroças e carruagens que passavam.

Todos limpos, de roupas trocadas e, no caso de Germain, ameaçado de morte e esquartejamento, descemos as escadas outra vez e descobrimos que a senhoria, a sra. Burns, muito prestativa, havia desencavado uma velha carrocinha puxada por um bode, que teve a bondade de nos oferecer. O bode, entretanto, estava empenhado em comer agulhas de pinheiros no quintal do

vizinho e se recusava a ser apanhado. Depois de quinze minutos de ferrenha perseguição, Brianna declarou que preferia puxar ela mesma a carrocinha em vez de gastar mais um minuto que fosse brincando de pega-pega com um bode.

– Sra. Fraser, sra. Fraser!

Estávamos descendo a rua com as crianças, os baldes e a cesta de piquenique no carrinho de bode, quando a sra. Burns saiu correndo da estalagem atrás de nós, com uma pequena jarra de cerveja em uma das mãos e uma pistola velha de pederneira na outra.

– Cobras – explicou ela, entregando-me a última. – Minha Annie disse que viu pelo menos dez víboras da última vez que andou para aqueles lados.

– Cobras – repeti, aceitando com relutância o objeto e a parafernália que o acompanhava. – Que ótimo.

Uma vez que “víbora” podia significar qualquer coisa desde cobras grandes até cobrinhas inofensivas, e também tendo em vista o grande talento de Annie Burns para fazer drama, não fiquei preocupada sem necessidade. Pensei em deixar a arma dentro da cesta de piquenique, mas ao olhar para Germain e Jemmy, dois anjinhos inocentes, me convenci do disparate que seria deixar até mesmo uma arma descarregada perto deles. Então, coloquei a pistola dentro do meu balde de colher bagas e o envolvi com o braço.

O dia estava nublado e frio, com uma leve brisa soprando do oceano. O ar estava úmido e, na minha opinião, era grande a chance de chover em pouco tempo, mas por enquanto estava muito agradável ao ar livre, com a terra arenosa bem assentada devido às chuvas anteriores, o que facilitava a caminhada.

Seguindo as indicações da sra. Crawford, descemos cerca de um quilômetro e meio pela praia e nos vimos à margem de uma densa vegetação costeira, alguns pinheiros esparsos se misturando às plantas do mangue e a pequenas palmeiras, formando um emaranhado entrecortado pelo sol e coberto por trepadeiras. Fechei os olhos e respirei fundo, as narinas alargando-se com a mistura inebriante de odores: pântano e areia molhada, resina de pinheiros e maresia, os resquícios do cheiro de baleia morta e o que

eu estava procurando – o aroma fresco e pungente de murta.

– Por ali – falei, apontando a vegetação cerrada.

Naquele terreno, o carrinho não conseguia passar, por isso o abandonamos, deixando que os meninos corressem livremente, perseguindo minúsculos caranguejos e pássaros coloridos enquanto avançávamos com dificuldade para dentro da floresta. Marsali carregava Joan, que se enroscou como um ratinho nos braços da mãe e pegou no sono, embalada pelo som do mar e do vento.

Apesar da vegetação cerrada, a caminhada era mais agradável ali do que na praia aberta; as árvores atrofiadas pelo vento eram altas o suficiente para oferecer uma agradável sensação de refúgio, e o terreno era melhor, com uma fina camada de agulhas e folhas em decomposição sob nossos pés.

Jemmy se cansou de andar e puxou minha saia, erguendo os dois braços para que eu o pegasse no colo.

– Está bem.

Pendurei o balde de bagas em um dos braços e o ergui, minhas vértebras estalando; ele era um garotinho bem robusto. Enroscou os pés cheios de areia confortavelmente ao redor de minha cintura e apoiou o rosto em meu ombro com um suspiro de alívio.

– Está muito bom para você, não é? – falei, dando tapinhas em suas costas. – Quem vai carregar a vovó no colo, hein?

– Vovô – disse ele, com uma risadinha. Ergueu a cabeça, olhando ao redor. – Cadê o vovô?

– O vovô está ocupado – respondi, tomando o cuidado de manter a voz descontraída e animada. – Logo vamos ver o vovô e o papai.

– Quero papai!

– Sim, a mamãe também quer – murmurei. – Veja, querido. Está vendo? Está vendo as frutinhas? Nós vamos colher algumas, não vai ser divertido? Não, não pode comê-las! Jemmy, eu disse *não, não* as coloque na boca, elas fazem mal!

Havíamos encontrado um exuberante aglomerado de murtas e logo nos dispersamos, perdendo-nos de vista entre os arbustos conforme colhíamos as

bagas, mas chamando de vez em quando, para não nos perdermos por completo.

Eu havia colocado Jemmy no chão outra vez e me perguntava, distraída, se a polpa das bagas serviria para alguma coisa depois que fossem fervidas para a retirada da cera, quando ouvi um ruído suave de folhas trituradas pelos passos de alguém do outro lado do arbusto de onde eu colhia as bagas.

– É você, querida? – chamei, pensando que fosse Brianna. – Talvez fosse melhor almoçarmos logo. Acho que vem chuva por aí.

– Bem, é um convite gentil, certamente – disse uma voz masculina, parecendo achar graça. – Agradeço, senhora, mas tomei um belo café da manhã não faz muito tempo.

O homem saiu de trás do arbusto e eu fiquei paralisada, totalmente incapaz de falar. Minha mente, no entanto, não estava nem um pouco paralisada; meus pensamentos voavam à velocidade da luz.

Se Stephen Bonnet está aqui, Jamie e Roger estão em segurança, graças a Deus.

Onde estão as crianças?

Onde está Bree?

Onde está a maldita arma?

– Quem é esse, *grand-mère*?

Surgindo de trás de um arbusto com o que parecia ser um rato morto em uma das mãos, Germain aproximou-se de mim com cautela, os olhos azuis semicerrados analisando o homem.

– Germain – falei com a voz rouca, sem tirar os olhos de Bonnet. – Encontre sua mãe e fique com ela.

– *Grand-mère*, não é? E quem será a mãe dele, então?

Bonnet olhou para mim e para Germain e novamente para mim, curioso. Inclinou para trás o chapéu que usava e coçou a lateral do maxilar.

– Não interessa – falei, com toda a firmeza que consegui. – Germain, vá!

Olhei disfarçadamente para baixo, mas a pistola não estava em meu balde. Havia seis baldes, e havíamos deixado três no carrinho; sem dúvida a arma estava em um deles, para o meu azar.

– Ah, não vá ainda, rapazinho.

Bonnet fez um movimento na direção de Germain, que se assustou com o gesto e recuou depressa, jogando o rato no homem. O animal atingiu-o no joelho, e ele se assustou e hesitou pela fração de segundo necessária para que Germain desaparecesse no meio do mato. Eu podia ouvir seus pés pisando na areia conforme ele corria e torci para que soubesse onde Marsali estava. A última coisa de que precisávamos era que se perdesse.

Bem, talvez não a última coisa, me corrija. A última coisa de que precisávamos era que Stephen Bonnet pusesse os olhos em Jemmy, o que aconteceu assim que ele saiu dos arbustos um instante depois, com a roupa curta enlameada e mais lama saindo por entre os dedos de seus punhos fechados.

Não fazia sol, mas os cabelos de Jemmy pareciam brilhar como labaredas. A paralisia desapareceu em um segundo, eu o peguei no colo e recuei vários passos, virando o balde parcialmente cheio de bagas de murta.

Os olhos de Bonnet eram verde-claros como os de um gato e brilharam naquele momento com a intensidade de um felino que localiza um rato.

– E quem é esse lindo rapazinho? – perguntou ele, dando um passo na minha direção.

– Meu filho – falei na mesma hora, pressionando Jemmy com força contra meu ombro, ignorando seus protestos.

Com a obstinação natural das crianças pequenas, ele parecia fascinado pela cadência irlandesa de Bonnet e não parava de virar a cabeça para observar o desconhecido.

– É parecido com o pai, dá para ver.

Gotas de suor brilhavam nas densas sobrancelhas loiras. Com a ponta do dedo, alisou primeiro uma, depois a outra, e o suor escorreu pela lateral de seu rosto, mas os olhos verde-claros não vacilaram.

– Assim como a... irmã. E sua linda filha está aqui por perto, minha cara? Gostaria de renovar meus votos de amizade. Uma jovem encantadora, Brianna.

Ele sorriu.

– Sem dúvida você gostaria – falei, sem fazer esforço para disfarçar a raiva em minha voz. – Não, ela não está aqui. Está em casa... com o marido.

Enfatizei a palavra *marido*, na esperança de que Brianna estivesse perto o suficiente para me ouvir e entender o aviso, mas ele não deu a menor atenção a isso.

– Em casa, então. E onde fica sua casa, senhora?

Ele tirou o chapéu e enxugou o rosto com a manga da camisa.

– Ah... no interior. No campo.

Acenei vagamente na direção que eu acreditava ser o oeste. O que era aquilo, um bate-papo? Ainda assim as possibilidades pareciam bem limitadas. Eu poderia me virar e sair correndo – e, se fizesse isso, ele me pegaria com facilidade, pois eu carregava Jemmy. Ou podia ficar ali parada até que ele revelasse o que queria. Eu não achava que ele estivesse ali para um piquenique no meio das murtas.

– No campo – repetiu ele, e um músculo se contraiu em seu rosto. – O que faz tão longe de casa, posso saber?

– Não, não pode – respondi. – Ou melhor, pode perguntar ao meu marido. Logo ele estará aqui.

Dei mais um passo para trás ao dizer isso e, ao mesmo tempo, ele avançou, mantendo a distância de antes. Um lampejo de pânico deve ter passado pelo meu rosto, porque ele pareceu achar graça e deu mais um passo à frente.

– Ah, duvido muito, minha cara sra. Fraser. Pois fique sabendo que o homem já deve estar morto a esta altura.

Apertei Jemmy com tanta força que ele soltou um gritinho estrangulado.

– O que quer dizer? – perguntei com a voz rouca.

O sangue fugia da minha cabeça, coagulando em uma bola de gelo ao redor do meu coração.

– Foi um acordo, sabe? – disse ele, com a expressão de quem estava se divertindo cada vez mais. – Uma divisão de obrigações, poderíamos dizer. Meu amigo Lillywhite e o bom xerife foram ao encontro do sr. Fraser e do sr. MacKenzie, e o tenente Wolff ficou encarregado de cuidar da sra. Cameron.

Dessa forma, fiquei com a agradável incumbência de me reencontrar com meu filho e sua mãe.

Seus olhos se estreitaram, olhando para Jemmy.

– Não sei do que está falando – retruquei, com os lábios tensos, segurando Jemmy com mais força enquanto ele observava Bonnet com os olhos arregalados.

Ele deu uma risadinha.

– Claro, e a senhora não sabe mentir, perdoe-me a observação. Jamais poderia jogar cartas. Sabe muito bem do que estou falando. A senhora me viu em River Run. Confesso que gostaria de saber exatamente o que a senhora e o sr. Fraser estavam fazendo, retalhando aquela negra que Wolff matou. Já ouvi dizer que a imagem de um assassino fica gravada nos olhos da vítima, mas a senhora não parecia examinar os olhos dela, pelo que pude ver. Era alguma espécie de magia o que estava fazendo?

– Wolff, então foi ele?

Naquele exato momento, eu não me importava se o tenente Wolff havia assassinado dezenas de mulheres, mas estava disposta a manter qualquer conversa que oferecesse a possibilidade de distraí-lo.

– Sim. Ele é um incompetente – disse ele, sem se abalar. – Mas foi ele quem descobriu sobre o ouro, antes de mais nada, então exigiu uma parte nos lucros.

A que distância estariam Marsali e Brianna? Será que Germain as havia encontrado? Eu não conseguia ouvir nada em meio ao zumbido dos insetos e ao barulho distante das ondas quebrando na praia. Mas certamente elas conseguiam nos ouvir.

– Ouro – falei, elevando um pouco a voz. – Como assim, ouro? Não há ouro em River Run. Jocasta Cameron nos disse isso.

Ele bufou, demonstrando não acreditar.

– Eu diria que a sra. Cameron sabe mentir melhor do que você, minha cara, mas na verdade eu também não acreditei nela. O médico viu o ouro.

– Que médico?

Ouvi um gritinho de criança vindo dos arbustos. Joan. Tossi, esperando

encobri-lo, e repeti, mais alto:

– De que médico está falando?

– Rawls era o nome dele, acho, ou Rawlings. – Bonnet franzira ligeiramente a testa, a cabeça voltada na direção do som. – Não tive o prazer de conhecê-lo, no entanto, então posso estar enganado.

– Sinto muito, ainda não faço a menor ideia do que você está falando.

Eu tentava ao mesmo tempo prender seu olhar e examinar a área próxima à procura de alguma coisa que pudesse servir de arma. Bonnet tinha uma pistola na cintura e uma faca, mas não demonstrava intenção de sacar nem uma nem outra. E por que o faria? Uma mulher carregando uma criança de 2 anos não era nenhuma ameaça.

Ele arqueou uma grossa sobrancelha loura, mas não parecia ter muita pressa em fazer o que pretendia.

– Não? Bem, foi Wolff, como eu estava dizendo. Ele precisou arrancar um dente ou algo assim, então conheceu esse médico em Cross Creek. Pagou um drinque para o sujeito como recompensa e acabou passando o resto da noite bebendo com ele. Deve saber que o tenente é fraco para a bebida. O médico também bebia muito, pelo que ouvi dizer, e os dois estavam unidos como parceiros de crime quando amanheceu. Rawlings deixou escapar que vira uma grande quantidade de ouro em River Run, pois tinha acabado de vir de lá, entendeu?

Rawlings havia perdido a consciência ou ficara sóbrio de repente, o suficiente para que não dissesse mais nada, mas a revelação tinha bastado para renovar a determinação do tenente em conseguir a mão – e a propriedade – de Jocasta Cameron.

– Mas a sra. Cameron não queria saber dele e declarou que ia se casar com o sujeito de um braço só. Foi um duro golpe no orgulho do tenente.

Ele riu ao dizer isso, expondo a falta de um molar de um dos lados.

O tenente Wolff, furioso e perplexo, recorreu ao amigo Randall Lillywhite em busca de conselhos.

– Ora, então foi por isso que ele prendeu o padre na Reunião? Para impedir que ele casasse a sra. Cameron e Duncan Innes?

Bonnet assentiu.

– Foi para isso. Uma maneira de adiar o casamento, pode-se dizer, para ter a oportunidade de examinar melhor a questão.

A tal oportunidade se apresentou no casamento. Como havíamos suposto, alguém – o tenente Wolff – de fato havia tentado drogar Duncan Innes com uma xícara de ponche com láudano. O plano era deixá-lo inconsciente e jogá-lo no rio. Durante o tumulto causado pelo desaparecimento e pela morte supostamente acidental de Duncan, Wolff teria a chance de vasculhar a propriedade em busca do ouro – e por fim renovar sua proposta de casamento a Jocasta.

– Mas a negra desgraçada tomou a bebida – disse ele sem se alterar. – E o pior é que não morreu. Mas poderia revelar quem lhe deu a bebida, obviamente, de forma que Wolff deu um jeito de misturar vidro moído ao mingau que resolveram lhe dar.

– O que eu quero saber é exatamente como *você* se envolveu nisso. Por que estava em River Run?

– E o tenente não tem sido um ótimo amigo todos esses anos, minha cara? Ele veio me pedir ajuda para dar cabo do sujeito maneta, de modo que ele pudesse se certificar de ser visto no meio da festa, divertindo-se com toda a inocência, enquanto um acidente se abatia sobre seu rival.

Franziu um pouco a testa, dando batidinhas com um dedo no cabo da pistola.

– Eu devia ter acertado na cabeça do tal Innes com um porrete e atirado o sujeito no rio quando vi que o láudano tinha sido consumido por outra pessoa. Mas não consegui pegá-lo, ele passou metade do dia na latrina e sempre tinha alguém lá com ele, para azar deles.

Não havia nada no chão ao meu redor que pudesse ser usado como arma. Pequenos galhos, folhas, pedaços de conchas espalhados, um rato morto – bem, havia funcionado para Germain, mas eu não acreditava que pudesse surpreender Bonnet com isso duas vezes. Jemmy estava perdendo o medo do estranho conforme conversávamos e começava a se remexer para descer do colo.

Eu me afastei mais um pouco. Bonnet notou e sorriu; não se importou. Obviamente achava que eu não poderia escapar e estava esperando alguma coisa. Claro, ele mesmo me dissera isso. Estava à espera de Brianna. Percebi tardiamente que ele havia nos seguido até ali desde a cidade. Sabia que Marsali e Brianna estavam por perto e que seria muito mais fácil simplesmente esperar que elas se revelassem.

Minha esperança era que alguma outra pessoa aparecesse. O tempo estava úmido e pegajoso, mas ainda não chovia, e ali era um lugar procurado para piqueniques, segundo a sra. Burns. Se alguém de fato aparecesse, como eu poderia tirar proveito disso? Eu sabia que Bonnet não teria o menor remorso em atirar em quem cruzasse seu caminho – ele se gabava do restante de seus planos sanguinários.

– A sra. Cameron, ou a sra. Innes agora, pareceu disposta a falar depois que sugeri que seu marido poderia acabar perdendo algumas de suas partes mais preciosas, mas, no fim das contas, ela também estava mentindo, a velha trapaceira. Ocorreu-me, pensando na questão mais tarde, que talvez ela se mostrasse mais disposta a colaborar se seu herdeiro estivesse em risco. – Meneou a cabeça na direção de Jemmy e estalou a língua para o menino. – Então, rapaz, vamos ver sua tia-avó?

Jemmy olhou para Bonnet com desconfiança, aconchegando-se em mim.

– Quê? – perguntou ele.

– Ah, uma criança esperta conhece o pai, não é? Sou seu pai, garoto, sua mãe não lhe contou?

– Papai? – Jemmy olhou para Bonnet, depois para mim. – Não é papai!

– Não, ele não é seu pai – tranquilizei Jemmy, mudando-o de posição em meu colo. Meus braços começavam a doer por causa do peso. – Ele é um homem mau, nós não gostamos dele.

Bonnet riu.

– Não tem vergonha, minha cara? Claro que ele é meu, foi sua própria filha quem disse, na minha cara.

– Bobagem – retruquei.

Eu havia conseguido me posicionar em uma brecha estreita entre duas

moitas de murta. Tentaria distraí-lo de novo com a conversa, esperaria pelo momento em que pudesse me virar, colocar Jemmy no chão e mandar que saísse correndo. Se tivesse sorte, eu poderia bloquear a passagem por tempo suficiente para impedir que Bonnet o agarrasse antes que ele conseguisse escapar – se é que ele ia correr.

– Lillywhite – falei, retomando a conversa. – O que quis dizer quando falou que Lillywhite e o xerife iam... cuidar do meu marido e do sr. MacKenzie?

O simples fato de mencionar a possibilidade me deixou nauseada; o suor escorria pelas laterais de meu corpo, mas meu rosto parecia gelado e suado.

– Ah, isso? Foi o que eu disse, sra. Fraser. Seu marido está morto.

Ele havia começado a olhar para além de mim, os olhos verde-claros percorrendo a vegetação na expectativa de que Brianna aparecesse a qualquer momento.

– O que aconteceu no casamento deixou claro que não poderíamos deixar a sra. Cameron com tanta proteção. Não, se quiséssemos tentar outra vez, precisávamos nos certificar de que ela não tivesse nenhum homem a quem recorrer, nem para pedir ajuda nem para pedir que a vingasse. Assim, quando seu marido sugeriu ao sr. Lyon que me levasse a uma reunião particular, achei que seria uma boa oportunidade de acabar com ele e com o sr. MacKenzie: dois coelhos com uma cajadada só, como dizem. Mas então pensei que talvez fosse melhor que Lillywhite cuidasse dessa parte, ele e seu obediente xerife. – Sorriu. – Achei melhor vir buscar meu filho e a mãe dele para não correr o risco de algo dar errado, entende? Nós...

Eu me movi, girei nos calcanhares e coloquei Jemmy no chão, do outro lado dos arbustos.

– Corra! – disse com urgência para ele. – Corra, Jem! Vá!

Vi algo vermelho de relance quando ele saiu correndo, choramingando de medo, e em seguida Bonnet me derrubou.

Ele tentou me empurrar para o lado, mas eu estava preparada para isso e agarrei a pistola em seu cinto. Ele sentiu quando a puxei e tentou recuar, mas minha mão já estava firme na coronha. Soltei-a e joguei-a para trás, caindo no

chão com ele por cima de mim.

Ele saiu de cima de mim e ficou de joelhos, mas parou de imediato.

– Fique onde está, ou juro pela Virgem Maria que vou explodir seus miolos!

Arfando por causa da queda, eu me sentei devagar e vi Marsali, pálida como uma folha de papel, mirando a antiga arma na direção dele por cima do volume de sua barriga.

– Atire nele, *maman*! – Germain estava atrás dela, o rosto tomado de ansiedade. – Atire nele como em um porco-espinho!

Joan estava um pouco para trás, no meio dos arbustos; ela começou a chorar ao ouvir a voz da mãe, mas Marsali não desviou os olhos de Bonnet. Santo Deus, será que ela tinha tomado o cuidado de carregar e engatilhar a arma? Eu achava que sim; era possível sentir um leve cheiro de pólvora.

– Tudo bem, então – disse Bonnet devagar.

Pude ver que ele calculava a distância até Marsali – uns 5 metros, longe demais para alcançá-la com um movimento súbito. Ele apoiou um pé no chão, começando a se levantar. Poderia alcançá-la com três passadas grandes.

– Não deixe que ele se levante!

Eu me levantei com dificuldade, empurrando-o pelo ombro. Ele caiu de lado, apoiando-se em uma das mãos, em seguida se ergueu, mais rápido do que eu poderia imaginar, me agarrou pela cintura e me puxou de novo para baixo, desta vez por cima dele.

Ouvi gritos atrás de mim, mas não tive tempo de prestar atenção. Enfiei os dedos em seu olho e só não acertei porque ele me puxou para o lado; minhas unhas deslizaram por seu rosto, deixando arranhões profundos em sua pele. Rolamos em uma confusão de anáguas e palavrões em irlandês, eu tentando agarrar suas partes íntimas enquanto ele tentava ao mesmo tempo me esganar e se proteger.

Então ele se contorceu e virou-se como um peixe se debatendo, passando o braço ao redor de meu pescoço e segurando-me contra o peito. Ouvi o som de algo metálico passando pelo couro e senti um objeto frio pressionando minha garganta. Parei de resistir e respirei fundo.

Os olhos de Marsali estavam arregalados, a boca fechada e contraída. Seu olhar, graças a Deus, ainda estava fixo em Bonnet, assim como a arma.

– Marsali – falei, com muita calma –, atire nele. Agora mesmo.

– Abaixei a arma, mocinha – disse Bonnet, com a mesma calma –, ou corto a garganta dela no três. Um...

– Atire nele! – gritei com todas as minhas forças, puxando o ar pela última vez.

– Dois.

– Espere!

A pressão da lâmina em minha garganta diminuiu e eu senti o corte quando respirei, o que eu não esperava fazer de novo. Não tive tempo de aproveitar a sensação, no entanto; Brianna surgiu em meio às murtas, com Jemmy agarrado às suas saias.

– Largue ela!

Marsali estava prendendo a respiração; soltou o ar com uma arfada e inspirou com força.

– Ele não vai me soltar, e isso não importa – falei com firmeza para as duas. – Marsali, atire nele. *Agora!*

Ela segurou a arma com mais força, mas não conseguia dispará-la. Olhou para Brianna, pálida, e então para Bonnet de novo, com a mão trêmula.

– Atire nele, *maman!* – sussurrou Germain, mas a ansiedade havia desaparecido de seu rosto. Ele também estava pálido e agarrado à mãe.

– Você vem comigo, querida, você e o menino. – Eu sentia a vibração no peito de Bonnet enquanto ele falava e o sorriso em seu rosto, mesmo sem vê-lo. – Os outros podem ir.

– Não faça isso – falei, tentando fazer Bree olhar para mim. – Ele não vai nos deixar ir, você sabe que não. Ele vai me matar e matar Marsali, não importa o que diga. A única coisa a fazer é atirar nele. Se Marsali não consegue, Bree, você vai ter que atirar.

Isso chamou a atenção dela. Seus olhos se arregalaram para mim, chocados, e Bonnet grunhiu, meio contrariado, meio rindo.

– Condenar a própria mãe? Ela não é o tipo de garota que faria isso, sra.

Fraser.

– Marsali, ele vai matar você e o bebê – falei, forçando cada músculo para fazê-la entender, para fazer com que atirasse. – Germain e Joan vão morrer aqui sozinhos. O que acontecer a mim não importa, pode acreditar. Pelo amor de Deus, *atire nele agora!*

Ela atirou.

Uma faísca surgiu, junto com uma pequena nuvem de fumaça branca, e Bonnet fez um movimento brusco. Então Marsali relaxou a mão, o cano da arma voltado para baixo e a bucha e a bala caíram na areia com um som baixo. Tiro falhado.

Marsali gemeu, horrorizada, e Brianna se moveu como um relâmpago, pegando o balde caído e atirando-o na cabeça de Bonnet. Ele gritou e se atirou para o lado, soltando-me. O balde me atingiu no peito e eu o peguei, olhando para dentro dele como uma tola. Estava molhado, com várias bagas de cera azul-esbranquiçadas grudadas à madeira.

Então Germain e Jemmy começaram a chorar, Joan berrando a plenos pulmões no meio da mata, e eu larguei o balde e rastejei desesperadamente para me abrigar atrás de um arbusto de chá-dos-apalaches.

Bonnet estava de pé outra vez, o rosto vermelho, a faca na mão. Era claro que estava furioso, mas ele se esforçou para sorrir para Brianna.

– Ah, agora, querida – disse ele, tendo que elevar a voz para ser ouvido em meio à algazarra. – Quero apenas você e meu filho. Não vou fazer mal a nenhum de vocês dois.

– Ele não é seu filho – disse Brianna, a voz baixa e feroz. – Ele jamais será seu.

Ele riu, desdenhando.

– Ah, é? Não foi o que ouvi naquele porão em Cross Creek, querida. E olhando para ele agora... – Ele olhou para Jemmy outra vez, assentindo devagar. – Ele é meu, querida. É a minha cara, não é, garoto?

Jemmy escondeu o rosto nas saias de Brianna, berrando a plenos pulmões.

Bonnet suspirou, deu de ombros e desistiu de qualquer tentativa de

conquistá-lo.

– Vamos logo – disse ele, dando um passo à frente, obviamente com a intenção de pegar Jemmy.

A mão de Brianna ergueu-se do meio das saias, mirando a pistola que eu havia arrancado do cinto dele bem no lugar de onde ela viera. Bonnet parou, boquiaberto.

– E então? – sibilou ela, os olhos fixos nele, sem piscar. – Você mantém a sua pólvora seca, Stephen?

Ela segurou a pistola com ambas as mãos, mirou no meio das pernas dele e atirou.

Ele foi rápido, devo admitir. Não teria tempo de se virar e correr, mas conseguiu cobrir suas bolas com as mãos no mesmo instante em que ela puxou o gatilho. O sangue explodiu em um jorro espesso através de seus dedos, mas eu não sabia dizer o que o tiro havia atingido.

Ele cambaleou para trás, as mãos unidas ao corpo. Olhou desesperado ao redor, como se não conseguisse acreditar no que estava acontecendo, e então caiu apoiado em um dos joelhos. Ouvi sua respiração rápida e difícil.

Nós todos ficamos paralisados, observando. Uma de suas mãos resvalou a areia, deixando sulcos ensanguentados. Então ele se levantou, devagar, dobrou-se sobre si mesmo, a outra mão pressionada entre as pernas. Seu rosto estava mortalmente pálido, os olhos verdes como água suja.

Cambaleou, arfando, e fugiu como um inseto que acaba de ser pisoteado, gotejando e se deslocando com dificuldade. Ouvimos estalidos conforme ele se embrenhava no meio dos arbustos, e então ele desapareceu. Além de uma pequena palmeira, pude ver uma linha de pelicanos voando, desajeitados mas inacreditavelmente graciosos contra o céu carregado.

Eu ainda estava agachada no chão, paralisada pelo choque. Senti algo morno escorrer pelo meu rosto e vi que era uma gota de chuva.

– Ele está certo? – Brianna estava agachada ao meu lado, ajudando-me a me sentar. – Acha que ele está certo? Eles estão mortos?

Seus lábios estavam pálidos, mas ela não estava histérica. Com um dos braços, segurava Jemmy, que se agarrava ao seu pescoço.

– Não – falei.

Tudo parecia remoto, como se estivesse acontecendo em câmera lenta. Eu me levantei devagar, equilibrando-me com dificuldade, como se não soubesse exatamente como fazê-lo.

– Não – repeti, e não senti medo nem pânico ao me lembrar do que Bonnet dissera; nada além de uma certeza em meu peito, como um peso leve e reconfortante. – Não, não estão.

Jamie me dissera que aquele não era o dia em que ele e eu íamos nos separar.

Marsali desaparecera na mata para pegar Joanie. Germain estava inclinado sobre as manchas de sangue na areia, examinando-as, fascinado. Pensei vagamente em me perguntar de que tipo podiam ser, mas afastei o pensamento.

Ele nunca será seu, ela dissera.

– Vamos – falei, dando tapinhas nas costas de Jemmy. – Acho que podemos ficar sem velas perfumadas, por enquanto.

Roger e Jamie apareceram ao amanhecer, dois dias mais tarde, acordando todos na estalagem ao baterem forte na porta, fazendo os vizinhos afastarem as cortinas e espreitarem a rua ainda com toucas de dormir, assustados com os gritos. Eu tinha quase certeza de que Roger sofrera uma pequena concussão, mas ele se recusou a ir para a cama – apesar de ter deixado Bree segurar sua cabeça em seu colo, dizendo palavras de solidariedade devido ao enorme galo que se formara, enquanto Jamie nos relatava brevemente a batalha em Wylie's Landing e nós explicávamos, de um jeito confuso, nossas aventuras no bosque de murta.

– Então, Bonnet não está morto? – perguntou Roger, abrindo um dos olhos.

– Bem, não sabemos – expliquei. – Ele conseguiu fugir, mas não sei se o ferimento foi grave. Não havia uma quantidade muito grande de sangue, mas se foi atingido na parte inferior do abdômen, foi um ferimento muito grave, e

quase certamente fatal. Peritonite é uma maneira muito lenta e sofrida de morrer.

– Ótimo – disse Marsali, de modo vingativo.

– Ótimo! – repetiu Germain, olhando para ela com orgulho. – *Maman* atirou no bandido, *grand-père* – disse ele a Jamie. – E a titia também. Ele ficou *cheio* de buracos, havia sangue por todo lado!

– Buracos – disse Jemmy alegremente. – Buracos, buracos, muitos buracos!

– Bem, talvez um furo – murmurou Brianna.

Ela não desviou os olhos do pano molhado com o qual limpava delicadamente o sangue seco do couro cabeludo e dos cabelos de Roger.

– Ah, é? Bem, se você só arrancou um de seus dedos ou uma de suas bolas, ele pode sobreviver – observou Jamie, sorrindo para ela. – Mas creio que isso não melhoraria em nada o temperamento dele.

Fergus chegou no paquete do meio-dia, trazendo com orgulho os documentos registrados, assinados e oficialmente selados para as duas concessões de terras, encerrando assim o dia de alegrias. As comemorações foram limitadas, no entanto, já que ainda havia a preocupação com uma grande ponta solta da história.

Depois de uma intensa discussão, ficou decidido – ou seja, Jamie tomou sua decisão e se recusou a considerar qualquer opinião diferente – que ele e eu seguiríamos imediatamente para oeste, para River Run. As jovens famílias continuariam em Wilmington por alguns dias, para finalizar os negócios e ficar atentos a qualquer notícia sobre um homem à beira da morte ou ferido. Depois voltariam para a Cordilheira dos Frasers, mantendo distância de Cross Creek e River Run.

– O tenente Wolff não poderá ameaçar você nem o menino para influenciar minha tia, se vocês não estiverem por perto – disse Jamie a Brianna. – E quanto a vocês, *mo charadean* – falou a Roger e Fergus –, não podem deixar as mulheres e crianças sozinhas. Só Deus sabe em quem elas podem atirar da próxima vez!

Foi apenas depois de fechar a porta, abafando os risos resultantes, que ele

se virou para mim, passou a ponta do dedo no arranhão em minha garganta e em seguida me puxou com tanta força contra si que eu pensei que minhas costelas iam se partir. Agarrei-me a ele com força no patamar da escada, sem dar importância ao fato de não conseguir respirar ou ao fato de que alguém pudesse nos ver; estava feliz apenas em tocá-lo e em tê-lo ao meu lado.

– Você agiu muito bem, Claire – murmurou ele por fim, com a boca em meus cabelos. – Mas, pelo amor de Deus, nunca mais faça isso!

E foi assim que ele e eu partimos na manhã do dia seguinte, sozinhos.

ESPERTOS COMO RAPOSAS

Chegamos a River Run quase ao pôr do sol três dias mais tarde, com os cavalos exaustos e imundos, e nós mesmos em condições não muito melhores. O lugar parecia bastante tranquilo, a fraca luz da primavera brilhando nos gramados verdes e cintilando nas estátuas de mármore branco e na lápide do mausoléu de Hector entre os teixos escuros.

– O que você acha? – perguntei a Jamie.

Havíamos parado ao pé do gramado, estudando a situação com cautela antes de nos aproximarmos da casa.

– Bem, ninguém incendiou a casa – retrucou ele, ficando de pé nos estribos para avaliar o cenário. – E não vejo rios de sangue descendo em cascata pelas escadas da frente. Ainda assim...

Ele voltou a se sentar, enfiou a mão no alforje e retirou uma pistola, que carregou e preparou por precaução. Com a arma enfiada no cós da calça e escondida pelas abas do casaco, percorremos lentamente o caminho até a porta de entrada.

Quando chegamos à porta, eu já sabia que havia alguma coisa errada. A casa estava tomada por um silêncio sinistro. Nenhum ruído de criados andando de um lado para outro, nenhuma música sendo tocada na sala de estar, nem o cheiro do jantar sendo trazido da cozinha externa. E o mais peculiar de tudo: Ulysses não estava lá para nos receber. Vários minutos se passaram até que alguém viesse responder às nossas batidas à porta, e quando ela finalmente se abriu, foi Phaedre, a aia particular de Jocasta, quem apareceu.

Sua aparência estava péssima da última vez que eu a vira, quase um ano antes, após a morte da mãe. Agora, não estava muito melhor. Havia manchas escuras sob seus olhos e sua pele parecia ferida e sem viço, como uma fruta que começa a apodrecer.

Ao nos ver, entretanto, seus olhos brilharam e sua boca relaxou, com um alívio visível.

– Ah, sr. Jamie! – exclamou ela. – Tenho rezado para alguém vir nos ajudar, desde ontem, mas tinha quase certeza de que seria o sr. Farquard, e então talvez tivéssemos mais problemas ainda, por ele ser um homem da lei, mesmo que seja amigo de sua tia.

Jamie ergueu a sobrancelha diante dessa declaração um tanto confusa, mas balançou a cabeça para tranquilizá-la e apertou sua mão.

– Sim, menina. Acho que nunca fui resposta a uma prece antes, mas não me oponho. Minha tia está... bem?

– Ah, sim, senhor. *Ela* está muito bem.

Recuando antes que pudéssemos fazer mais perguntas, ela fez sinal para que subíssemos a escada.

Jocasta estava em seus aposentos, tricotando. Ergueu a cabeça ao ouvir o som de passos, atenta, e antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, perguntou com a voz trêmula, ficando de pé:

– Jamie?

Mesmo longe, pude ver que havia falhas na peça que ela estava tricotando, carreiras abertas e pontos faltando; muito diferente de seus meticulosos trabalhos manuais.

– Sim, sou eu, tia. E Claire. O que aconteceu?

Atravessando o cômodo com duas passadas largas, ele a alcançou e segurou seu braço, dando um tapinha carinhoso em sua mão para tranquilizá-la.

Seu rosto foi tomado pelo mesmo alívio que tínhamos visto em Phaedre, e eu achei que seus joelhos fossem fraquejar. Mas ela endireitou a coluna e se virou para mim.

– Claire? Graças à abençoada Santa Brígida você veio, embora como...

bem, isso não importa agora. Podem me acompanhar? Duncan está ferido.

Duncan estava deitado no quarto ao lado, inerte sob um monte de cobertas. A princípio, temi que estivesse morto, mas ele se moveu imediatamente ao ouvir o som da voz de Jocasta.

– *Mac Dubh?* – perguntou ele, intrigado. Ergueu a cabeça dos cobertores, estreitando os olhos para ver na penumbra do quarto. – Pelo amor de Deus, o que os trouxe aqui?

– Tenente Wolff – disse Jamie, com certa seriedade. – O nome é familiar?

– Sim, pode-se dizer que sim.

Havia um tom ligeiramente estranho na voz de Duncan, mas eu não dei atenção, ocupada em acender velas e em tirá-lo o suficiente de debaixo das cobertas para entender qual era o problema.

Eu esperava encontrar um ferimento de faca ou arma de fogo. Em um primeiro exame, não havia nada semelhante à vista, e foram necessários alguns momentos de concentração para descobrir que ele estava com uma perna quebrada. Era uma fratura simples na parte inferior da tíbia, felizmente, e por mais dolorosa que fosse, não parecia representar grande risco a sua saúde.

Mandeí Phaedre procurar algumas talas, enquanto Jamie, informado de que Duncan não corria grandes riscos, se sentou para esclarecer os fatos.

– Ele esteve aqui? O tenente Wolff? – perguntou ele.

– Sim, esteve.

Novamente a leve hesitação.

– Já se foi, então?

– Ah, sim.

Duncan estremeceu um pouco, involuntariamente.

– Dói onde estou mexendo? – perguntei.

– Ah, não, sra. Claire – assegurou-me ele. – Eu estava apenas... bem...

– É melhor você me contar logo a verdade, Duncan – disse Jamie, com um tom de leve exasperação. – Imagino que não seja uma história que melhore com o tempo, não é? E se for o tipo de história que imagino, então também tenho uma historinha para lhe contar.

Duncan estreitou os olhos, mas em seguida suspirou, capitulando, e se recostou no travesseiro.

O tenente havia chegado a River Run dois dias antes, mas, ao contrário do que costumava fazer, não foi até a porta da frente para ser anunciado. Em vez disso, deixara o cavalo amarrado em um campo a pouco mais de 1 quilômetro da casa e se aproximara furtivamente a pé.

– Só nos demos conta disso porque encontramos o cavalo mais tarde, sabe? – explicou Duncan enquanto eu colocava uma tala em sua perna. – Eu não fazia ideia de que ele estava aqui até que saí para ir à latrina depois do jantar, e ele saltou em cima de mim, surgido da escuridão. Quase morri de susto, depois quase morri com um tiro, pois ele atirou em mim, e se eu tivesse um braço deste lado, creio que teria sido baleado. Mas já que não tenho, ele não me acertou.

Apesar de sua deficiência, Duncan lutara contra ele com unhas e dentes, golpeando o tenente no rosto, lançando-se para cima dele e jogando-o para trás.

– Ele cambaleou, tropeçou no caminho de tijolos e caiu para trás, batendo a cabeça de uma forma terrível. – Voltou a estremecer ao se lembrar do som. – Como um melão golpeado com um machado.

– Ah, sim. Então ele morreu na hora? – perguntou Jamie, interessado.

– Bem, não. – Duncan estava mais à vontade, contando a história, mas nesse momento começou a ficar inquieto outra vez. – Pois bem, *Mac Dubh*, aí é que está o problema. Eu também saí cambaleando depois que o derrubei, pisei no canal de pedra que sai da latrina, quebrei a perna e lá fiquei, gemendo, ao lado do caminho. Ulysses finalmente ouviu meus gritos e foi até mim, com Jo atrás dele.

Duncan tinha contado a Jocasta o que acontecera enquanto Ulysses foi buscar dois cavaleiros para ajudar a carregar Duncan para dentro de casa. E então, com a dor da perna quebrada e o hábito de deixar as dificuldades para o mordomo resolver, ele também deixou de lado o tenente.

– Foi minha culpa, *Mac Dubh*, e eu sei disso muito bem – disse ele, o rosto abatido e pálido. – Eu devia ter dado algum tipo de ordem; embora na

verdade eu não consiga pensar nem mesmo agora no que deveria ter dito, e tive tempo de sobra para pensar.

O resto da história, arrancada dele com alguma relutância, foi que Jocasta e Ulysses evidentemente debateram sobre o assunto e concluíram que o tenente tinha deixado de ser apenas inconveniente e se tornara uma completa ameaça. E sendo assim...

– Ulysses o matou – disse Duncan sem rodeios, depois se deteve, como se estivesse horrorizado de novo. Engoliu em seco, parecendo profundamente infeliz. – Jo diz que deu ordens para que ele fizesse isso, e Deus sabe, *Mac Dubh*, que ela pode de fato ter feito isso. Ela não é mulher de se deixar desafiar, muito menos permitir que matem seus criados, que a ameacem ou ataquem seu marido.

Percebi pela sua hesitação, no entanto, que uma pequena dúvida sobre o papel de Jocasta na história ainda persistia em sua mente.

Jamie, porém, tinha compreendido o que mais afligia Duncan.

– Santo Deus! – exclamou ele. – Ulysses vai ser enforcado na hora, ou coisa pior, se alguém ficar sabendo disso. Quer minha tia tenha ordenado, quer não.

Duncan parecia um pouco mais calmo agora que a verdade tinha sido revelada. Ele assentiu.

– Sim, é isso – concordou. – Não posso deixá-lo ir para a forca, mas o que vou fazer a respeito do tenente? É preciso levar a Marinha em consideração, sem falar nos xerifes e magistrados.

Esse era o principal problema. Grande parte da prosperidade de River Run dependia dos contratos com a Marinha para o fornecimento de madeira e alcatrão; o tenente Wolff era o responsável por esses contratos. Era bem possível que a Marinha de Sua Majestade não visse com bons olhos um proprietário que havia matado seu representante local, não importava qual fosse o motivo. Eu supunha que a lei, na pessoa do xerife e dos magistrados, pudesse até ter uma visão mais leniente da situação, mas não do perpetrador.

Um escravo que derramava o sangue de um branco era condenado no mesmo momento, independentemente da provocação que tivesse sofrido. O

que tinha acontecido não faria qualquer diferença – ainda que houvesse uma dúzia de testemunhas afirmando que Wolff atacara Duncan, Ulysses estava condenado. Se alguém descobrisse o que acontecera. Comecei a compreender o ar de desespero que pairava sobre River Run; os demais escravos sabiam muito bem o que poderia acontecer.

Jamie esfregou o nó do dedo sob o queixo.

– Ah... exatamente como... quero dizer, não seria possível alegar que você fez isso, Duncan? Foi legítima defesa, afinal de contas, e tenho provas de que o sujeito realmente veio até aqui com o intuito de matá-lo para se casar com minha tia à força ou ao menos fazê-la sua refém para que ela se visse obrigada a contar sobre o ouro.

– Ouro? – Duncan pareceu não compreender. – Mas não há ouro nenhum aqui. Achei que isso tivesse ficado bem claro no ano passado.

– O tenente e seus comparsas acreditavam que havia – falei. – Mas Jamie poderá lhe explicar melhor tudo isso daqui a pouco. O que de fato aconteceu com o tenente?

– Ulysses cortou sua garganta – disse Duncan, engolindo em seco, o pomo de adão subindo e descendo em seu pescoço. – Eu adoraria dizer que fiz isso, é só que...

Além da dificuldade de cortar a garganta de alguém usando apenas uma das mãos, era evidente que o corte tinha sido feito por uma pessoa canhota – e Duncan, é claro, não tinha a mão esquerda.

Por acaso, eu sabia que Jocasta Cameron – assim como seu sobrinho – era canhota, mas pareceu melhor não dizer isso naquele momento. Olhei para Jamie, que ergueu as sobrancelhas para mim.

Ela faria uma coisa dessas?, perguntei a mim mesma.

Uma MacKenzie de Leoch?, o olhar cínico dele disse em resposta.

– E onde está Ulysses? – perguntei.

– No estábulo, provavelmente, se já não partiu para o oeste.

Sabendo que se alguém descobrisse a verdade a respeito da morte do tenente, Ulysses seria condenado imediatamente, Jocasta mandara seu mordomo preparar um cavalo, com instruções de fugir para as montanhas se

alguém aparecesse.

Jamie respirou fundo e passou a mão no rosto, pensando.

– Muito bem, então. Eu diria que o melhor, talvez, seja o tenente desaparecer. Onde vocês o deixaram por enquanto, Duncan?

Um músculo perto da boca de Duncan se contraiu, em uma tentativa nervosa de sorrir.

– Acho que ele está no fosso de churrasco, *Mac Dubh*. Coberto com aniagem e uma pilha de lenha de nogueira, disfarçado de carcaça de porco.

Jamie ergueu as sobancelhas de novo, mas apenas assentiu.

– Sim, bem, deixe isso comigo, Duncan.

Deixei instruções para que oferecessem água com mel e um chá de casca de cerejeira e eupatório a Duncan, e saí com Jamie para discutir os métodos de desaparecimento.

– Acho que o mais simples seria simplesmente enterrá-lo em algum lugar – sugeri.

– Humm – murmurou Jamie.

Ele ergueu a tocha de pinho que carregava, franzindo a testa, pensativo, enquanto olhava para o volume enrolado em aniagem dentro do buraco. Eu não gostava nem um pouco do tenente, mas aquilo me pareceu lastimável.

– Talvez. Mas eu estava pensando... todos os escravos sabem o que aconteceu. Se o enterrarmos aqui, eles vão saber disso também. Não contariam a ninguém, é claro, mas ele vai assombrar o lugar, não acha?

Um calafrio percorreu minha espinha, motivado não apenas por seu tom pragmático, mas também por suas palavras, e eu apertei o xale com mais força ao redor do corpo.

– Assombrar o lugar?

– Sim, é claro. Uma vítima de assassinato, morto e escondido aqui, sem ser vingado?

– Você quer dizer... de fato assombrar o lugar? – perguntei com cautela –, ou quer dizer apenas que os escravos pensariam assim?

Ele deu de ombros, contraindo-os com desconforto.

– Acho que não importa tanto, não é? Eles evitarão o local onde ele for

enterrado, uma das mulheres verá o fantasma à noite, boatos começarão a circular, como sempre acontece, e logo um escravo em Greenoaks vai dizer alguma coisa, alguém da família de Farquard ficará sabendo e, quando menos esperarmos, alguém aparecerá aqui fazendo perguntas. Considerando que a Marinha provavelmente não vai levar muito tempo para procurar pelo tenente, de qualquer modo... O que acha de colocar pesos no corpo e jogá-lo no rio? Afinal, é o que ele tinha planejado fazer com Duncan.

– Não é má ideia – falei, considerando a possibilidade. – Mas ele queria que Duncan fosse encontrado. Há muito tráfego de barcos no rio e até aqui ele não é muito profundo. Ainda que amarrássemos um grande peso, seria possível que viesse à tona ou que algum barqueiro espetasse o corpo com sua vara. Acha que faria alguma diferença se alguém o encontrasse, no entanto? O corpo não estaria ligado a River Run.

Ele balançou a cabeça devagar, afastando a tocha para impedir que as fagulhas caíssem sobre sua manga. Soprava um vento suave, e os olmos próximos ao fosso de churrasco sibilavam acima de nós.

– Sim, é verdade. Mas, se alguém o encontrar, haverá um inquérito. A Marinha enviará alguém para tentar descobrir o que aconteceu, e eles virão até aqui para fazer perguntas. O que acha que acontecerá se pressionarem os escravos, perguntando se viram o tenente e coisas assim?

– Humm, entendi.

Considerando o atual estado de nervos dos escravos, eu imaginava que uma investigação os deixaria em pânico, fazendo com que qualquer coisa pudesse vir à tona.

Jamie estava imóvel, com o olhar fixo na figura enrolada em aniagem, totalmente absorto. Respirei fundo, senti um leve cheiro de sangue em decomposição e soltei o ar depressa.

– Imagino... que possamos queimá-lo – falei, sentindo um repentino gosto de bile na boca. – Afinal de contas, ele já está no fosso.

– É uma ideia – disse Jamie, esboçando um sorriso. – Mas acho que tenho outra melhor, Sassenach.

Ele se virou, olhando na direção da casa, pensativo. Algumas janelas

estavam fracamente iluminadas, mas todos estavam dentro de casa, encolhidos de medo.

– Vamos – disse ele, decidido. – Deve haver uma marreta no estábulo, acredito.

A frente do mausoléu era coberta por uma grade ornamental de ferro fundido preto, complexo, com uma enorme fechadura, o metal decorado com rosas jacobitas de dezesseis pétalas. Sempre considerei aquilo mais um dos caprichos de Jocasta Cameron, já que duvidava que ladrões de sepulturas fossem uma grande ameaça em um cenário tão rural. As dobradiças emitiram um tênue rangido quando Jamie destrancou a porta de grade e a abriu; como todas as coisas em River Run, eram mantidas em condições impecáveis.

– Você realmente acha que isso é melhor do que enterrá-lo ou queimá-lo? – perguntei.

Não havia ninguém por perto, mas falei quase em um sussurro.

– Ah, sim. O velho Hector tomará conta dele e não deixará que faça nenhum mal – respondeu Jamie de forma pragmática. – E é solo sagrado, de certa forma. Assim, a alma dele não vai ficar vagando por aí, criando caso, entende?

Assenti, um pouco em dúvida. Era provável que ele tivesse razão. No que dizia respeito a crenças, Jamie entendia os escravos bem melhor do que eu. Por exemplo, eu não sabia ao certo se ele estava falando apenas sobre qual seria o efeito psicológico sobre eles ou se ele próprio estava convencido de que Hector Cameron seria capaz de lidar com essa ameaça *ex post facto* a sua mulher e a sua propriedade.

Ergui a tocha para que Jamie pudesse ver o que estava fazendo e mordi o lábio inferior.

Ele havia enrolado a marreta em trapos, para não lascas os blocos de mármore. Os pequenos blocos da parede da frente, dentro da grade, tinham sido cortados com precisão para se encaixar e foram apenas levemente cimentados no lugar. O primeiro golpe deslocou dois dos blocos alguns

centímetros. Mais alguns golpes e abriu-se um vão escuro o suficiente para mostrar a escuridão dentro do mausoléu.

Jamie parou para secar o suor da testa e murmurou algo baixinho.

– O que você disse?

– Eu disse que fede – respondeu ele, parecendo intrigado.

– É surpreendente, não? – perguntei, um pouco inquieta. – Há quanto tempo Hector Cameron morreu? Quatro anos?

– Bem, sim, mas não...

– *O que estão fazendo?*

Ouvi a voz de Jocasta Cameron atrás de mim, estridente e nervosa, e me sobressaltei, deixando cair a tocha.

A chama bruxuleou, mas não se apagou, e eu a peguei outra vez, balançando-a para avivar a chama, que cresceu e se estabilizou, lançando uma luz avermelhada sobre Jocasta, que estava atrás de nós, parecendo um fantasma com sua camisola branca. Phaedre estava encolhida atrás da patroa, e de seu rosto só se via o tênue brilho dos olhos na escuridão. Os olhos pareciam amedrontados, indo de Jamie e de mim para o buraco escuro na fachada do mausoléu.

– O que estou fazendo? Enterrando o tenente Wolff, o que mais? – Jamie, que ficara tão surpreso quanto eu com o repentino aparecimento da tia, pareceu um pouco irritado. – Deixe isso comigo, tia. Não precisa se preocupar.

– Você não... não, não abra o túmulo de Hector!

O nariz comprido de Jocasta se franziu, obviamente sentindo o cheiro de decomposição – leve, mas inconfundível.

– Não se preocupe, tia – disse Jamie. – Volte para casa. Eu cuido disso. Vai ficar tudo bem.

Ela ignorou as palavras tranquilizadoras e avançou pelo caminho, as mãos Tateando o ar.

– Não, Jamie! Não faça isso! Feche-o de novo. Feche-o, pelo amor de Deus!

O pânico na voz dela era claro, e eu vi Jamie franzir a testa, confuso. Ele

olhou desconfiado para a tia e para a abertura no mausoléu. O vento havia diminuído, mas agora aumentara e soprava em pequenas rajadas, espalhando um cheiro de morte bem mais forte à nossa volta. A expressão de Jamie mudou e, ignorando os gritos de protesto da tia, derrubou mais alguns blocos com várias marretadas em sequência.

– Traga a tocha, Sassenach – pediu ele, largando a marreta.

Tomada por uma sensação arrepiante de horror, fiz o que ele pediu.

Ficamos ombro a ombro, espiando pela abertura estreita nos blocos. Havia dois caixões de madeira polida lá dentro, ambos sobre pedestais de mármore. E no chão entre eles...

– Quem é ele, tia? – perguntou Jamie, com a voz serena ao se virar para ela.

Ela parecia paralisada, a musselina da camisola esvoaçando ao redor de suas pernas com o vento e fios de cabelo brancos se soltando da touca. Seu rosto estava congelado, os olhos cegos se moviam de um lado para o outro, buscando uma fuga impossível.

Jamie deu um passo à frente e a segurou com firmeza pelo braço, fazendo-a sair do transe.

– *Co a th’ann?* – vociferou ele. – Quem é ele? Quem?

Sua boca se moveu, tentando formar as palavras. Ela parou, engoliu em seco, tentou de novo, os olhos ainda se movendo arregalados de um lado para o outro acima do ombro de Jamie, olhando só Deus sabia para o quê. Ela ainda enxergava quando o colocaram lá?, eu me perguntei. Estaria se lembrando disso agora?

– Ele se chamava... Ele se chamava Rawlings – disse ela baixinho, e algo dentro do meu peito despencou como um peso de ferro.

Eu devo ter me movido ou feito algum ruído, porque Jamie olhou para mim. Estendeu a mão para segurar a minha e a apertou com força, embora continuasse a olhar para Jocasta.

– Como? – perguntou ele, calmo, mas com um tom de voz que deixava claro que não aceitaria nenhuma evasiva.

Ela fechou os olhos e suspirou, os ombros largos se encolhendo de

repente.

– Hector o matou – respondeu ela.

– É mesmo? – Jamie lançou um olhar cínico para os caixões dentro do mausoléu e para a massa encolhida que jazia no chão entre os dois. – Um belo truque deve ter sido esse. Eu não sabia que meu tio era tão forte.

– Antes. – Seus olhos se abriram de novo, mas ela falou em um tom monótono, como se nada mais importasse. – Rawlings era médico. Já tinha vindo examinar meus olhos uma vez. Quando Hector ficou doente, mandou chamar o homem de novo. Não sei exatamente o que aconteceu, mas Hector o pegou bisbilhotando onde não devia e esmagou sua cabeça. Hector era um homem temperamental.

– Imagino que sim – disse Jamie, olhando de novo para o corpo do dr. Rawlings. – Como ele veio parar aqui?

– Nós... ele... escondeu o corpo, pretendendo mais tarde levá-lo e deixá-lo na mata. Mas então... Hector piorou e não conseguiu mais sair da cama. Um dia depois ele também morreu. E então...

Ela ergueu a mão comprida e pálida, gesticulando na direção da corrente de ar frio e úmido que saía da tumba aberta.

– Grandes mentes pensam de forma similar – murmurei, e Jamie me lançou um olhar duro, soltando minha mão.

Ele ficou contemplando a quietude dentro do mausoléu profanado, as sobancelhas grossas franzidas em concentração.

– É mesmo? – disse ele outra vez. – De quem é o outro caixão?

– Meu.

Jocasta estava recobrando a frieza; endireitou os ombros e ergueu o queixo.

Jamie fez um pequeno muxoxo e olhou para mim. Eu conseguia acreditar que Jocasta fosse insensível o bastante para deixar um morto exposto no chão em vez de colocá-lo dentro de seu imaculado caixão... mas fazer isso aumentaria drasticamente as chances de ser descoberta, por mais tênues que fossem.

Ninguém abriria o caixão de Jocasta antes da hora de receber seu corpo; o

cadáver do dr. Rawlings poderia ter ficado ali na mais completa segurança, ainda que o mausoléu fosse aberto por algum outro motivo. Jocasta Cameron era egoísta, mas não era burra.

– Coloque Wolff aí dentro, se achar melhor – disse ela. – Pode ficar no chão junto com o outro.

– Por que não o colocamos em seu caixão, tia? – perguntou Jamie, e eu vi que ele olhava para ela intensamente.

– Não! – Ela havia começado a se virar para ir embora, mas diante disso voltou-se de novo para nós, o rosto cego feroz à luz da tocha. – Ele é um verme. Deixe-o aí para que apodreça!

Jamie estreitou os olhos ao ouvir a reação dela, mas não respondeu. Em vez disso, virou-se para o túmulo e começou a afastar os blocos soltos.

– O que está fazendo?

Jocasta podia ouvir o som do mármore sendo arrastado e ficou nervosa outra vez. Deu meia-volta, mas ficou desorientada, olhando na direção do rio. Percebi que ela agora devia estar totalmente cega, incapaz até mesmo de discernir a luz da tocha.

Mas não podia dar atenção a ela naquele momento. Jamie se esgueirou pela abertura entre os blocos e entrou.

– Ilumine aqui, Sassenach – disse ele baixinho, e sua voz ecoou levemente na pequena câmara de pedra.

Respirando muito superficialmente, eu o segui. Phaedre havia começado a gemer na escuridão lá fora, parecia uma *ban-sidhe* que uiva quando a morte se aproxima – mas aquela morte acontecera muito tempo antes.

Os caixões tinham placas de bronze, ligeiramente esverdeadas por causa da umidade, mas ainda assim facilmente legíveis. “Hector Alexander Robert Cameron”, estava escrito em uma delas, e “Jocasta Isobeail MacKenzie Cameron”, na outra. Sem hesitar, Jamie segurou as bordas da tampa do caixão de Jocasta e a levantou.

Não estava pregada; a tampa era pesada, mas cedeu imediatamente.

– Ah – disse Jamie baixinho ao olhar para baixo.

Ouro nunca se altera, por mais umidade e mofo que haja no ambiente.

Pode ficar no fundo do mar por séculos, até um dia emergir na rede de um pescador qualquer, brilhante como no dia em que foi fundido. Ele reluz da matriz rochosa, um canto de sereia que seduz os homens há milhares de anos.

Os lingotes estavam em uma camada rasa no fundo do caixão. O suficiente para encher duas pequenas arcas, cada qual tão pesada que seriam necessários dois homens para carregá-la – ou um homem e uma mulher forte. Em cada lingote estava gravada uma flor de lis. Um terço do ouro do francês.

Pestanejei diante do brilho e olhei para o lado, meus olhos desfocados pela luz fraturada. Estava escuro no chão, mas eu ainda conseguia ver a figura encolhida contra o mármore claro. “Bisbilhotando onde não devia.” O que Daniel Rawlings tinha visto que o fizera desenhar a flor de lis na margem de seu livro de anotações médicas, com aquela discreta inscrição “Aurum”?

Hector Cameron ainda estava vivo na época. O mausoléu ainda não tinha sido selado. Seria possível que quando o dr. Rawlings se levantou para seguir seu paciente em suas perambulações, Hector o tivesse levado sem querer até ali, ao descer durante a noite para apreciar seu tesouro? Talvez. Nem Hector Cameron nem Daniel Rawlings poderiam dizer agora como as coisas tinham se desenrolado ou o que havia acontecido.

Senti um aperto na garganta pelo homem cujos ossos agora estavam aos meus pés, o amigo e colega de profissão cujos instrumentos eu herdara, cuja sombra permanecia ao meu lado, me imbuindo de coragem e me oferecendo consolo quando eu colocava as mãos nos doentes e procurava curá-los.

– Que lástima – falei baixinho, olhando para baixo.

Jamie abaixou a tampa do caixão com cuidado, como se o caixão acomodasse um ocupante cujo repouso havia sido perturbado.

Lá fora, Jocasta permanecia imóvel. Passara o braço em volta de Phaedre, que parara de choramingar, mas não estava claro qual delas amparava a outra. Jocasta devia saber, pelo barulho, onde nós estávamos agora, mas continuou a fitar o rio, os olhos fixos, sem piscar à luz da tocha.

Pigarreei, apertando mais o xale junto ao corpo com a mão livre.

– O que devemos fazer, então? – perguntei a Jamie.

Ele se virou e olhou para o túmulo por um momento, depois deu de

ombros.

– Deixaremos o tenente aos cuidados de Hector, como tínhamos planejado. Quanto ao médico...

Inspirou lentamente, o olhar perturbado fixo nos ossos finos que jaziam em um gracioso leque, pálidos e imóveis à luz da tocha. A mão de um cirurgião... um dia.

– Vamos levá-lo conosco para a Cordilheira dos Frasers. Para que ele descanse entre amigos.

Passou pelas duas mulheres sem olhar para elas nem pedir licença e foi buscar o tenente Wolff.

O SONHO DE UM TORDO

*Cordilheira dos Frasers**Maio de 1772*

O ar da noite estava frio e puro. Àquela altura do ano, as moscas e os pernilongos sedentos ainda não tinham aparecido; apenas uma mariposa ou outra entrava pela janela aberta de vez em quando, para rodopiar sobre as brasas da lareira como pedacinhos de papel em chamas, passando pelas pernas esticadas com uma leve carícia.

Ela continuava onde tinha caído, metade por cima dele, o coração batendo alto e devagar nos ouvidos. Dali, podia ver pela janela a sombra negra e recortada das árvores no outro lado do pátio, e mais além delas um pedaço de céu, repleto de estrelas, tão próximas e tão brilhantes que devia ser possível sair e andar entre elas, de uma para a outra, cada vez mais alto, até a lua crescente.

– Não está com raiva de mim? – sussurrou ele.

Falava com mais facilidade agora, mas deitada com o ouvido em seu peito, ela podia sentir a leve hesitação em sua voz, o ponto em que ele forçava o ar pela garganta cicatrizada para formar as palavras.

– Não. – A mão dele acariciava os cabelos dela. – Eu nunca disse que você não podia lê-lo.

Seus dedos tocaram o ombro dela de leve, e os dedos dos pés de Brianna se contraíram de prazer. Ela se importava? Não. Achava que devia se sentir exposta de alguma forma, a privacidade de seus pensamentos e sonhos

escancarada para ele – mas confiava nele. Ele jamais usaria aquelas coisas contra ela.

Além disso, uma vez colocados no papel, os sonhos se tornavam algo separado dela. Como os desenhos que fazia; reflexo de uma faceta de sua mente, um breve lampejo de algo já visto, já pensado, já sentido – mas não a mesma coisa que a mente ou o coração que os criara. Não exatamente.

– Mas o que é justo é justo. – Seu queixo descansava no côncavo do ombro dele. O cheiro era bom, forte e almiscarado, com um toque de desejo satisfeito. – Conte-me um dos seus sonhos, então.

Uma risada reverberou em seu peito, quase sem som, mas ela a sentiu.

– Só um?

– Sim, mas tem que ser um sonho importante. Não aqueles nos quais você voa ou está sendo perseguido por um monstro, ou aqueles nos quais você vai para a escola sem roupa. Não os que todo mundo sonha, mas um que só você tenha sonhado.

Uma de suas mãos acariciava delicadamente o peito dele, fazendo os pelos encaracolados e escuros se torcerem e se eriçarem. A outra estava embaixo do travesseiro; se movesse os dedos ligeiramente, poderia sentir a pequena forma lisa da mulherzinha, como ela a chamava. Conseguia imaginar seu próprio útero inchando, redondo e rígido. Conseguia sentir o aperto e o suave espasmo na parte inferior de sua barriga; efeitos do ato de fazer amor. Teria sido dessa vez?

Ele virou a cabeça no travesseiro, pensando. Os longos cílios descansavam sobre seu rosto, negros como as linhas das árvores lá fora. Ele virou novamente a cabeça, erguendo-os, e seus olhos eram da cor de musgo, ternos e vívidos na penumbra.

– Eu poderia ser romântico – sussurrou ele, descendo os dedos suavemente pelas costas dela e deixando um rastro de pelos arrepiados. – Eu poderia dizer que este é o meu sonho; você e eu, aqui sozinhos... nós e nossos filhos.

Ele virou um pouco a cabeça, olhando para a caminha no canto, mas Jemmy dormia um sono profundo, invisível.

– Poderia – repetiu ela, abaixando a cabeça de modo que sua testa ficasse pressionada contra o ombro dele. – Mas isso é sonhar acordado, não sonhar de verdade. Sabe o que quero dizer.

– Sim, sei.

Ele ficou em silêncio por um instante, a mão imóvel, grande e quente na base da coluna dela.

– Às vezes – sussurrou ele por fim –, às vezes eu sonho que estou cantando e acordo com a garganta doendo.

Ele não conseguia ver o rosto dela, nem as lágrimas que brotaram no canto de seus olhos.

– O que você canta? – perguntou ela, sussurrando.

Ela ouviu o som do travesseiro de linho quando ele balançou a cabeça.

– Nenhuma canção que eu já tenha ouvido ou que eu conheça – respondeu ele. – Mas sei que estou cantando para você.

O LIVRO DO CIRURGIÃO II

27 de julho de 1772

Fui chamada para atender Rosamund Lindsay, que apareceu no fim da tarde com uma grave lesão na mão esquerda, causada por um machado enquanto cortava árvores. O ferimento era grande, o polegar esquerdo fora quase decepado; a laceração ia da base do indicador até 5 centímetros acima do processo estiloide do rádio, lesionado superficialmente. Ela se ferira cerca de três dias antes, e a ferida fora tratada com gordura de porco e uma bandagem improvisada. Grave sepse aparente, com supuração, grande inchaço da mão e do antebraço. Polegar escurecido; gangrena aparente; odor pungente característico. Manchas subcutâneas vermelhas, indicativas de infecção no sangue, estendendo-se do local do ferimento até quase a fossa antecubital.

Paciente apresentava febre alta (aprox. 40°C, ao toque), sintomas de desidratação, leve desorientação. Taquicardia evidente.

Diante da gravidade da condição da paciente, foi recomendada a amputação imediata do membro na altura do cotovelo. A paciente não aceitou a orientação, insistindo, em vez disso, na aplicação de emplastro de pombo, que consiste no corpo aberto de um pombo recém-abatido, aplicado sobre o ferimento (o marido da paciente havia levado o pombo, com o pescoço recém-torcido).

Retirei o polegar na base do metacarpo, liguei o restante da artéria radial (esmagada na lesão original) e da superficialis volae. Desbridei e drenei o ferimento, apliquei aproximadamente 15 gramas de pó de penicilina bruta (fonte: casca apodrecida de melão casaba, lote 23, prep. 15/4/72), tópico, seguido de aplicação de alho cru amassado (três dentes), unguento de bérberis – e emplastro de pombo, por insistência do marido, aplicado sobre o curativo. Administrei fluidos via oral; mistura febrífuga de centáurea vermelha, erva-de-impigem e lúpulo; água ad lib. Injetei preparado de penicilina líquida (lote 23), IV, dosagem de 7 gramas em suspensão em água esterilizada.

O estado da paciente se deteriorou rapidamente, com sintomas crescentes de desorientação e delírio, além de febre alta. Extensa urticária surgiu no braço e na parte superior do torso. Tentei aliviar a febre com aplicações repetidas de água fria, sem resultado. A paciente tornou-se incoerente, pediu-se ao marido permissão para amputar; a permissão foi negada com o argumento de que a morte parecia iminente e a paciente “não desejaria ser enterrada em pedaços”.

Repetida a aplicação de penicilina. Paciente entrou em coma logo depois e faleceu pouco antes do amanhecer.

Mergulhei a pena de novo na tinta, mas em seguida hesitei, deixando as gotas de tinta pingarem da ponta afiada. O que mais eu deveria dizer?

A disposição enraizada para a precisão científica entrava em conflito com a cautela. Era importante descrever o ocorrido da maneira mais completa possível. Ao mesmo tempo, eu hesitava em colocar por escrito o que poderia vir a ser uma admissão de homicídio culposo – não fora assassinato, reforcei para mim mesma, embora meu sentimento de culpa não fizesse tais distinções.

– Os sentimentos não correspondem à verdade – murmurei.

Do outro lado da sala, Brianna ergueu o olhar do pão que estava fatiando, mas eu abaixei a cabeça sobre o papel, e ela retornou à conversa sussurrada com Marsali junto ao fogo. Ainda estávamos no meio da tarde, mas chovia e já estava escuro do lado de fora. Eu havia acendido uma vela para conseguir escrever, mas as mãos das meninas passavam por cima da mesa penumbrosa como mariposas, iluminando aqui e ali entre pratos e travessas.

A verdade era que eu não achava que Rosamund Lindsay morrera de septicemia. Tinha quase certeza de que ela morrera devido a uma reação aguda a uma mistura impura de penicilina – em consequência do remédio que eu lhe dera, em suma. É claro que também era verdade que a infecção certamente a teria matado, se não fosse tratada.

Na realidade, eu também não tinha como saber quais seriam os efeitos da penicilina – mas era esse o objetivo, não era? Certificar-me de que outra pessoa *pudesse* saber?

Fiquei brincando com a pena, passando-a entre o polegar e o indicador. Eu mantinha um registro preciso de minhas experiências com penicilina – as culturas em meios que iam de pão a mamão mastigado e casca de melão podre, minuciosas descrições da apresentação microscópica e a olho nu dos mofos de *Penicillium*, os efeitos – até então – de aplicações muito limitadas.

Sim, certamente devia incluir uma descrição dos efeitos. A verdadeira questão, entretanto, era: para quem eu estava fazendo aquele minucioso registro?

Mordi o lábio, pensativa. Se fosse apenas para minha própria referência, seria mais fácil; eu poderia simplesmente registrar os sintomas, a evolução e os efeitos, sem explicitar a causa da morte; afinal, era improvável que eu me esquecesse das circunstâncias. Mas se a ideia era que aquele registro um dia fosse útil para alguém... alguém que não tivesse nenhuma noção dos benefícios e riscos de um antibiótico...

A tinta estava secando na pena. Apoiei a ponta sobre o papel.

Idade – 44, escrevi devagar. Naquela época, os livros de registros médicos como aquele em geral terminavam com uma piedosa descrição dos últimos momentos do falecido, marcados – presumivelmente – pela

resignação cristã por parte do santo e arrependimento por parte do pecador. Nenhuma das duas atitudes tinha marcado o falecimento de Rosamund Lindsay.

Olhei para o caixão, apoiado nos cavaletes sob a janela molhada pela chuva. O chalé dos Lindsays era muito pequeno, nada adequado para um funeral sob uma chuva torrencial, para o qual se esperava um grande número de presentes. O caixão estava aberto, esperando o velório à noite, mas a mortalha de musselina tinha sido colocada sobre o rosto.

Rosamund tinha sido prostituta em Boston. Depois de engordar e ficar velha demais para seguir no ramo com sucesso, começou a viajar para o sul, à procura de um marido. “Eu não suportaria mais um daqueles velhos”, ela me confidenciara, pouco depois de chegar à Cordilheira dos Frasers. “Nem aqueles pescadores fedidos.”

Encontrou o refúgio necessário em Kenneth Lindsay, que procurava uma mulher para compartilhar o trabalho na terra. Não foi uma união originada da atração física – os dois Lindsays juntos somavam apenas seis dentes bons – nem da compatibilidade de gênios, mas ainda assim parecia um relacionamento afável.

Mais em choque do que pesaroso, Kenny fora levado por Jamie para tomar uísque – um tratamento um pouco mais eficaz do que o meu. Pelo menos eu achava que não seria letal.

Causa imediata da morte – escrevi e parei de novo. Eu duvidava que a reação de Rosamund à morte iminente teria encontrado vazão na prece ou na filosofia, mas ela não tivera a oportunidade de recorrer a nenhuma das duas. Morrera com o rosto cianótico, congestionado, os olhos arregalados, incapaz de falar ou respirar por causa dos tecidos inchados em sua garganta.

Senti um nó na garganta ao me lembrar disso, como se eu estivesse sendo estrangulada. Peguei a xícara de chá de erva-de-gato que esfriava e tomei um gole, sentindo o líquido pungente descer com uma agradável sensação pela garganta. Não era consolo saber que a septicemia a teria matado mais lentamente. O sufocamento foi mais rápido, porém não muito mais agradável.

Bati a ponta da pena delicadamente no mata-borrão, deixando pontinhos

de tinta que se espalharam pelas fibras ásperas do papel, formando uma galáxia de minúsculas estrelas. Quanto a isso, havia outra possibilidade. Era possível que a morte tivesse sido causada por embolia pulmonar – um coágulo no pulmão. Seria uma complicação possível da septicemia e poderia explicar os sintomas.

Era um pensamento otimista, mas no qual eu não depositava muita fé. Foi a voz da experiência, tanto quanto a voz da consciência, que me fez mergulhar a pena e escrever “choque anafilático”, sem pensar duas vezes.

Será que “choque anafilático” já era um termo médico conhecido? Eu não o tinha visto em nenhuma das anotações de Rawlings – mas não tinha lido todas elas. Ainda assim, mesmo que a morte por reação alérgica não fosse desconhecida na época, não era comum, e podia não ser conhecida pelo nome. Era melhor descrevê-la com detalhes, para quem fosse ler aquelas anotações depois.

E essa era a dificuldade, obviamente. *Quem* leria? Eu achava improvável, mas e se um estranho lesse minhas anotações e considerasse meu relato uma admissão de assassinato? Era uma possibilidade remota – mas podia acontecer. Eu havia escapado por pouco de ser executada como bruxa, em parte devido às minhas atividades de cura. Quem brinca com fogo acaba se queimando, pensei ironicamente.

Grande inchaço no membro afetado, escrevi e levantei a pena, a última palavra desbotando enquanto a pena secava. Mergulhei-a de novo na tinta e continuei escrevendo. *Inchaço estendido à parte superior do torso, rosto e pescoço. Pele pálida, pontuada por manchas vermelhas. Respiração cada vez mais acelerada e superficial, batimentos cardíacos rápidos e fracos, com ausculta dificultada. Palpitações evidentes. Lábios e orelhas cianóticos. Forte exoftalmia.*

Engoli em seco de novo ao me lembrar dos olhos de Rosamund, esbugalhados sob as pálpebras, revirando-se de um lado para o outro, aterrorizados. Nós tentamos fechá-los quando lavamos o corpo e o preparamos para o enterro. Era costumeiro descobrir o rosto do morto para o velório; mas achei que não seria adequado, no caso.

Eu não queria olhar para o caixão outra vez, mas o fiz, meneando a cabeça discretamente em sinal de reconhecimento e como se pedisse um pedido de desculpas. Brianna olhou para mim e desviou o olhar abruptamente. O aroma da comida disposta na mesa para o velório tomava o cômodo, misturando-se aos cheiros da lenha de carvalho queimando na lareira e da tinta de noz-de-galha – e ao cheiro das tábuas de carvalho recém-cortadas para o caixão. Tomei depressa mais um gole de chá para evitar a náusea.

Eu sabia muito bem por que a primeira frase do juramento de Hipócrates era: “Primeiro, não causarás mal.” Era fácil demais causar mal a alguém. Era necessário muito atrevimento para colocar as mãos em alguém, intervir. Os corpos eram delicados e complexos, e as intrusões de um médico, grosseiras.

Eu poderia ter me refugiado no consultório ou no escritório para escrever essas anotações. Sabia por que não tinha feito isso. A mortalha rústica de musselina brilhava suavemente à luz opaca que adentrava a janela. Apertei forte a pena entre o polegar e o indicador, tentando esquecer o estalo da cartilagem cricoide quando perfurei com um canivete a garganta de Rosamund em uma derradeira e vã tentativa de fazer o ar penetrar em seus pulmões fatigados.

Ainda assim... não havia um único médico no exercício de sua profissão, pensei, que nunca tivesse se deparado com uma situação como aquela. Aquilo já acontecera comigo algumas vezes antes – mesmo em um hospital moderno, equipado com todos os aparelhos para salvar vidas conhecidos pelo homem – naquela época.

Algun médico do futuro enfrentaria o mesmo dilema; tentar um tratamento potencialmente perigoso ou deixar um paciente que *poderia* ter sido salvo morrer. E esse tinha sido meu dilema – pesar a possibilidade remota de ser processada por homicídio culposo contra o provável valor de meus registros para alguém que pudesse buscar conhecimento neles.

Quem poderia ser essa pessoa? Limpei a pena, pensando. Naquela época ainda havia pouquíssimas escolas de medicina, e a maioria delas ficava na Europa. A maior parte dos médicos obtinha seu conhecimento como aprendiz

e por meio da experiência. Passei o dedo pelo livro, folheando, distraída, as páginas iniciais, mantidas pelo primeiro dono do livro.

Rawlings não frequentara uma escola de medicina. E ainda que o tivesse feito, muitas de suas técnicas ainda seriam chocantes para os meus padrões. Franzi os lábios ao pensar em alguns dos tratamentos que eu vira descritos naquelas páginas repletas de texto – infusões de mercúrio líquido para curar sífilis; escaldamentos e ventosas contra ataques epiléticos; lancetadas e sangrias para tratar toda espécie de distúrbio, da indigestão à impotência.

E, mesmo assim, Daniel Rawlings era médico. Lendo seus registros de casos, eu podia perceber seu cuidado com os pacientes, a curiosidade com relação aos mistérios do corpo.

Em um ímpeto, voltei às páginas com as anotações de Rawlings. Talvez eu estivesse apenas adiando o momento de meu subconsciente chegar a uma decisão – ou talvez eu sentisse a necessidade, por mais remota que fosse, de me comunicar com outro médico, alguém como eu.

Alguém como eu. Olhei fixamente para a página com sua caligrafia cuidadosa e pequena, as ilustrações bem-feitas, sem me ater a nenhum dos detalhes. Haveria alguém como eu?

Ninguém. Eu já tinha pensado nisso, mas apenas vagamente, como um problema do qual me dava conta mas que era tão distante que não exigia nenhuma urgência. Na colônia da Carolina do Norte, até onde eu sabia, havia apenas um “médico” formalmente considerado como tal – Fentiman. Fiz um muxoxo e tomei outro gole de chá. Era preferível Murray MacLeod com sua panaceia, a maioria inofensiva, pelo menos.

Bebi meu chá, olhando para Rosamund. A verdade era que eu também não duraria para sempre. Com sorte, ainda teria um bom tempo, mas mesmo assim, não a eternidade. Eu precisava encontrar alguém a quem pudesse transmitir ao menos os rudimentos de meus conhecimentos.

Ouvi uma risadinha contida vinda da mesa, onde as meninas sussurravam por sobre as travessas de linguiça, as tigelas de *sauerkraut* e batatas cozidas. Não, pensei, com certo pesar. Brianna, não.

Ela seria a escolha lógica; ao menos conhecia a medicina moderna. Não

seria necessário vencer a ignorância e a superstição, não haveria necessidade de convencê-la sobre os benefícios da assepsia, sobre os perigos dos germes. Mas ela não tinha nenhuma inclinação natural, nenhum instinto para a cura. Não ficava nauseada com facilidade, nem tinha medo de sangue – já havia me ajudado em diversos partos e procedimentos cirúrgicos simples –, mas faltava-lhe a peculiar combinação de empatia e impiedade que um médico precisa ter.

Talvez ela fosse mais parecida com Jamie do que comigo, pensei, observando a luz do fogo ondular em seus cabelos quando ela se movia. Bree tinha a coragem dele, sua imensa ternura, mas era a coragem de um guerreiro, a ternura de uma força capaz de esmagar, se quisesse. Eu não havia conseguido transmitir a ela meu dom; o conhecimento do sangue e dos ossos, dos funcionamentos secretos das câmaras do coração.

Brianna ergueu a cabeça de repente, virando-se para a porta. Marsali, mais devagar, também se virou, atenta.

Quase não dava para ouvir através do tamborilar da chuva, mas sabendo que estava lá, eu consegui distingui-la – uma voz masculina, alta, em cantoria. Uma pausa e em seguida um leve murmúrio em resposta que poderia ser uma trovada distante, mas não era. Os homens estavam descendo do refúgio na montanha.

Kenny Lindsay pedira a Roger que cantasse o *caithris* por Rosamund; o lamento gaélico formal para os mortos.

– Ela não era escocesa – dissera Kenny, limpando os olhos embaçados pelas lágrimas e pela longa vigília da noite. – Nem mesmo temente a Deus. Mas gostava de música e admirava muito sua maneira de cantar, MacKenzie.

Roger nunca havia entoado um *caithris*; eu tinha certeza de que jamais tinha ouvido um.

– Não se preocupe – murmurou Jamie para ele, pousando a mão em seu braço –, precisa apenas cantar alto.

Roger balançara a cabeça de maneira grave, assentindo, e seguira Jamie e Kenneth para beber uísque perto da área de maltagem e saber tudo o que pudesse sobre a vida de Rosamund, a fim de poder lamentar sua morte.

A cantoria rouca desapareceu; o vento havia mudado de direção. Tinha sido um capricho da tempestade que os tivéssemos ouvido tão cedo. Eles deviam estar descendo na direção da Cordilheira dos Frasers agora, a fim de chamar os moradores das cabanas mais distantes para velar a morta e, em seguida, levá-los em procissão de volta para a casa principal, para o banquete, os cânticos e as histórias que se prolongariam noite adentro.

Bocejei sem querer, meu maxilar estalando diante do pensamento. Eu não aguentaria até o fim, concluí, consternada. Dormira apenas algumas horas pela manhã, mas não o suficiente para me manter acordada durante um velório e um funeral gaélicos completos. Os assoalhos estariam tomados de gente pela manhã, todos cheirando a uísque e roupas molhadas.

Bocejei outra vez e pisquei, meus olhos lacrimejando quando balancei a cabeça para afastar os pensamentos. Cada osso do meu corpo doía de fadiga e eu só queria ficar na cama durante vários dias.

Distraída em meus pensamentos, não notei que Brianna se aproximara de mim por trás. Ela apoiou as mãos em meus ombros e se aproximou mais, de modo que senti o calor de seu corpo. Marsali havia saído; estávamos sozinhas. Ela começou a massagear meus ombros, os polegares longos subindo devagar pelos tendões do meu pescoço.

– Cansada? – perguntou ela.

– Humm. Vou sobreviver – respondi.

Fechei o livro e me inclinei para trás, relaxando momentaneamente com o alívio do toque de suas mãos. Eu não havia percebido que estava tão tensa.

A enorme sala estava silenciosa e arrumada, pronta para o velório. A sra. Bug cuidava do churrasco. As meninas tinham acendido um par de velas, uma em cada extremidade da mesa, e sombras tremeluziram nas paredes brancas e no caixão quando as chamas bruxulearam com uma repentina corrente de ar.

– Acho que a matei – falei de repente, sem a menor intenção de dizer isso.
– Foi a penicilina que a matou.

Os dedos longos não interromperam os movimentos relaxantes.

– É sério? – murmurou ela. – Mas você não poderia ter feito nada diferente, não é?

– Não.

Um leve tremor de alívio percorreu meu corpo, tanto pela confissão repentina quanto por sentir que a tensão se esvaía gradualmente de meus ombros e de meu pescoço.

– Está tudo bem – disse ela baixinho, sem parar de massagear. – Ela morreria de qualquer forma, não é? É triste, mas você não fez nada de errado. Sabe disso.

– Sei.

Para minha surpresa, uma única lágrima escorreu por meu rosto e caiu sobre a página, enrugando o papel. Pisquei com força, em um esforço para conter as lágrimas. Não queria preocupar Brianna.

Ela não estava preocupada. Tirou as mãos de meus ombros e eu ouvi o arrastar das pernas de um banquinho. Então, senti seus braços me envolverem e deixei que ela me puxasse para trás, minha cabeça pousada logo abaixo de seu queixo. Ela ficou me segurando ali, deixando que o ritmo de sua respiração me acalmasse.

– Fui jantar na casa de tio Joe uma vez, logo depois de ele perder um paciente – disse ela. – Ele me contou como é.

– É mesmo?

Fiquei um pouco surpresa; não imaginei que Joe conversasse sobre coisas assim com ela.

– Não era a intenção dele, mas vi que alguma coisa o estava perturbando, então perguntei. Ele precisava falar, e eu estava lá. Mais tarde, ele disse que foi como se você estivesse lá. Eu não sabia que ele a chamava de lady Jane.

– Sim – falei. – Por causa da minha maneira de falar, ele dizia.

Senti o sopro de uma risada em minha orelha e sorri em resposta. Fechei os olhos e vi meu amigo, gesticulando em uma conversa animada, o rosto iluminado pelo desejo de provocar.

– Ele disse que quando uma coisa desse tipo acontecia, às vezes havia uma espécie de inquérito no hospital. Não como um julgamento, nada disso,

mas uma reunião com os outros médicos para se apurar o que havia acontecido, o que dera errado. Segundo ele, era uma espécie de confissão, contar aos outros médicos, que podiam compreender... e que isso ajudava.

– Ahã.

Ela se balançava ligeiramente, me embalando enquanto se movia, como embalava Jemmy, me acalmando.

– É isso que a está incomodando? – perguntou com delicadeza. – Não apenas Rosamund, mas o fato de você estar sozinha? De não ter ninguém que entenda a situação de fato?

Ela passou os braços ao redor dos meus ombros, as mãos cruzadas pousadas em meu peito. Mãos jovens, grandes, capazes, a pele lisa e clara, cheirando a pão quente e geleia de morango. Ergui uma delas e apoiei a palma quente contra meu rosto.

– Pelo visto, eu tenho – respondi.

A mão se curvou, acariciou meu rosto e se afastou. A mão jovem e grande moveu-se devagar, ajeitando os cabelos atrás da minha orelha com terna afeição.

– Vai ficar tudo bem – disse ela. – Tudo vai ficar bem.

– Sim – falei, e sorri, apesar das lágrimas que enchiam meus olhos.

Eu não podia ensinar Brianna a ser médica. Mas evidentemente, sem perceber, de alguma forma eu a havia ensinado a ser mãe.

– Você devia ir se deitar – disse ela, afastando as mãos com relutância. – Eles ainda vão levar pelo menos uma hora para chegar aqui.

Soltei a respiração em um suspiro, sentindo a paz da casa ao meu redor. Ainda que a Cordilheira dos Frasers tivesse sido um paraíso de curta duração para Rosamund Lindsay, tinha sido um lar de verdade. Nós a sepultaríamos de maneira adequada e a honraríamos em sua morte.

– Já vou – respondi, assoando o nariz. – Preciso terminar uma coisa antes.

Eu me endireitei e abri meu livro. Molhei a pena e comecei a escrever as linhas que deveriam ficar ali, para o médico desconhecido que viria depois de mim.

ZUGUNRUHE

Setembro de 1772

Acordei ensopada de suor. A camisola fina que eu vestia estava colada em meu corpo, molhada e transparente; a cor de minha pele se revelava em manchas através do tecido, mesmo à luz fraca que entrava pela janela com a persiana aberta. Eu havia afastado o lençol e a colcha em meu sono agitado e estava esparramada com a camisola de linho embolada acima das coxas – mas ainda assim meu corpo pulsava de calor, em ondas quentes que me cobriam como cera de vela derretida.

Coloquei as pernas para fora da cama e me levantei, sentindo-me zozza e incorpórea. Meus cabelos estavam úmidos e meu pescoço molhado por causa da transpiração. Um fio de suor escorreu por entre meus seios e sumiu.

Jamie ainda dormia; eu podia ver a forma curvada de seus ombros e os cabelos espalhados e escuros pelo travesseiro. Ele se mexeu de leve e murmurou alguma coisa, mas em seguida retomou a respiração profunda e regular. Eu precisava de ar, mas não queria acordá-lo. Afastei o mosquiteiro de gaze, caminhei cuidadosamente até a porta e entrei no quartinho do outro lado do corredor.

Era um cômodo pequeno, mas havia uma janela grande para compensar a do nosso quarto. Essa janela ainda não tinha vidro; estava fechada apenas com persianas de madeira, e eu podia sentir as correntes do ar da noite atravessando as frestas, soprando pelo chão e acariciando minhas pernas nuas. Ansiosa pelo frescor da noite, tirei a camisola molhada e suspirei de

alívio quando a corrente de ar subiu por meus quadris, seios e braços.

O calor persistia, no entanto, ondas quentes pulsando por minha pele a cada batida do coração. Tateando no escuro, destravei as persianas e abri a janela por completo, absorvendo em grandes lufadas o ar frio da noite que me envolvia.

Dali, eu enxergava acima das árvores que encobriam a casa, a descida da montanha, quase até a fraca linha preta do rio ao longe. O vento balançava a copa das árvores, murmurando, e soprava sobre mim com o abençoado frescor e o cheiro forte de folhas e seiva de verão. Fechei os olhos e fiquei parada; em um ou dois minutos, o calor desapareceu, como um carvão em brasa apagado, deixando-me úmida mas tranquila.

Eu ainda não queria voltar para a cama; meus cabelos estavam úmidos e os lençóis ainda estariam pegajosos. Apoiei-me nua no parapeito, a penugem do meu corpo formigando de modo agradável conforme minha pele esfriava. O farfalhar calmo das árvores foi interrompido pelo som estridente do choro de uma criança, e eu olhei na direção do chalé.

O chalé ficava a cerca de 100 metros da casa; o vento devia estar soprando na minha direção, para ter trazido o som até mim. De fato, o vento mudou quando me debrucei na janela, e o choro se perdeu no ruído do movimento das folhas. A brisa continuou, no entanto, e eu pude ouvir os guinchos altos, mais fortes agora, no silêncio.

O choro se tornava mais forte à medida que se aproximava. Ouvi um estalido e o gemido da madeira quando a porta do chalé se abriu e alguém saiu. Não havia lampião nem vela acesos dentro da cabana e o ligeiro vislumbre que tive do vulto que saía mostrou apenas uma figura alta contra a luz fraca da lareira do lado de dentro. A pessoa parecia ter cabelos longos, mas tanto Roger quanto Brianna dormiam com os cabelos soltos e sem touca. Era bom imaginar as mechas pretas de Roger misturadas às madeixas cor de fogo de Brianna sobre o travesseiro. Será que eles dividiam um travesseiro?, pensei de repente.

O choro não tinha cessado. Nervoso e irritado, mas não desesperado. Não era dor de barriga. Um pesadelo, talvez? Esperei um instante, observando

para ver se alguém ia levar a criança até a casa, à minha procura, e peguei a camisola amarrotada, só por precaução. Não. A pessoa desapareceu no bosque de abetos; eu ouvia o choro cada vez mais distante. Não era febre, então.

Percebi que meus seios haviam começado a pinicar e a se enrijecer em reação ao choro, e sorri meio melancólica. Era estranho que o instinto fosse tão forte e durasse tanto tempo. Será que um dia eu deixaria de reagir ao choro de uma criança, ao cheiro de um homem excitado, ao roçar dos meus cabelos compridos em minhas costas nuas? E se realmente chegasse esse dia, sofreria pela perda ou me sentiria em paz, livre para contemplar a vida sem ser invadida por essas sensações animais?

As glórias do corpo não eram as únicas dádivas do mundo, afinal de contas; um médico também vê a amplidão de sofrimentos aos quais o corpo está sujeito, mas... parada sob o ar fresco do fim do verão que soprava pela janela, as tábuas lisas sob meus pés descalços e o toque do vento em minha pele nua... eu não podia desejar ser um espírito puro – ainda não.

O choro ficou mais forte e eu ouvi o murmúrio baixo da voz de um adulto em meio aos gritos, tentando acalmá-lo, sem sucesso. Roger.

Segurei meus seios delicadamente, sentindo seu peso e seu volume. Lembrei-me de como eram na minha juventude; pequenos e túrgidos, tão sensíveis ao toque da mão de um rapaz que meus joelhos fraquejavam. Ao toque da minha própria mão, para falar a verdade. Eram diferentes agora – mas ao mesmo tempo iguais de um modo peculiar.

Não era a descoberta de algo novo e não imaginado, mas apenas uma nova sensação, a descoberta de algo surgido enquanto eu estava de costas, como uma sombra projetada na parede, sua presença insuspeitada, vista somente quando me virasse para olhar para ela, porém sempre presente.

Ah, tenho uma pequena sombra que segue a me acompanhar

E aquilo que ela pode fazer vai além do que posso imaginar.

E se eu me virasse de costas outra vez, a sombra não me deixaria. Estava ligada a mim de modo definitivo, quer eu notasse sua presença, quer não, contida, sempre etérea, intangível, mas *presente*, pequena o suficiente para

desaparecer sob meus pés quando a luz de outras preocupações se acendia, alçada a proporções gigantescas ao clarão de algum desejo repentino.

Demônio ou anjo da guarda? Ou apenas a sombra da fera, uma lembrança constante da natureza inescapável do corpo e de seus apetites?

Outro barulho se misturou aos lamentos lá embaixo; tosse, pensei, mas não parou, e o ritmo parecia dissonante. Coloquei a cabeça para fora, cautelosa como um caracol após uma tempestade, e decifrei algumas palavras no cantarolar desafinado.

—... *escavando uma mina... mineiro... filha-a, Clementine.*

Roger estava cantando.

Senti as lágrimas arderem em meus olhos e coloquei a cabeça para dentro apressada, para não ser vista. Não havia afinação – o tom não variava mais do que o assobio do vento pela boca de uma garrafa vazia – mas ainda assim era música. Era uma canção obstinada, áspera, mas o choro de Jemmy se acalmou até se tornar um soluçar abafado, como se ele tentasse entender a letra da canção cantada com tanta dificuldade pela garganta dilacerada de seu pai.

— *Alimentava os pati-nhos... à beira d'á-gua...*

Ele precisava fazer uma pausa para recuperar o fôlego a cada frase sussurrada, o som parecido com o de linho sendo rasgado. Cerrei os punhos, como se apenas com a força do meu desejo eu pudesse ajudá-lo a pronunciar as palavras da canção.

— *Caixas de aren-que... sem tam-pa... sandá-lis para.. Clementine.*

A brisa soprava forte outra vez, agitando as copas das árvores. O verso seguinte se perdeu em meio ao ruído das folhas e não ouvi mais nada por um ou dois minutos, por mais que tentasse.

Então vi Jamie, parado.

Ele não fez nenhum ruído, mas eu senti sua presença no mesmo instante; o ar fresco do quarto mais denso, mais cálido.

— Você está bem, Sassenach? – perguntou ele baixinho.

— Sim, estou – respondi em um sussurro, para não acordar Lizzie e seu pai, que dormiam no quarto dos fundos. — Só precisava de um pouco de ar;

não queria acordá-lo.

Ele se aproximou, um fantasma alto e despido, cheirando a sono.

– Sempre acordo quando você acorda, Sassenach, não durmo bem sem você ao meu lado. – Ele tocou minha testa rapidamente. – Achei que talvez você estivesse com febre; a cama estava úmida onde você estava deitada. Tem certeza de que está tudo bem?

– Eu estava com calor, não conseguia dormir. Mas, sim, estou bem. E você?

Toquei seu rosto; a pele estava quente de sono.

Ele parou ao meu lado na janela, olhando para fora, para a noite do fim de verão. Era lua cheia, e os pássaros estavam inquietos; bem perto, ouvi o canto suave de um rouxinol de ninhada tardia, e mais ao longe, o pio de uma coruja caçando.

– Você se lembra de Laurence Sterne? – perguntou Jamie, certamente recordando-se do naturalista por causa dos sons.

– Duvido que quem o conheceu consiga esquecê-lo – respondi com seriedade. – A sacola de aranhas secas deixa uma impressão duradoura. Sem falar do cheiro.

Stern tinha um aroma característico, uma mistura em partes iguais de odores naturais do corpo, uma colônia cara da qual ele gostava – suficientemente forte para competir com os odores de vários conservantes, como cânfora e álcool, mas não para se sobrepor a eles – e um leve fedor de decomposição dos espécimes que colecionava.

Ele riu baixinho.

– É verdade. Ele fede mais do que você.

– Eu não sou fedida! – respondi, indignada.

– Humm. – Ele pegou minha mão e a levou ao nariz, cheirando-a delicadamente. – Cebolas... e alho. Algo apimentado... Grãos de pimenta. Sim, e cravo. Sangue de esquilo e caldo de carne. – Colocou a língua para fora, como uma cobra, tocando rapidamente as articulações dos meus dedos. – Amido, batatas... Algo amadeirado. Cogumelos chapéu-de-sapo.

– Isso não é justo – protestei, tentando afastar a mão. – Sabe

perfeitamente o que comemos no jantar. E não eram chapéus-de-sapo, eram orelhas-de-judeu.

– Hum? – Ele virou minha mão e cheirou a palma, em seguida meu pulso e meu antebraço. – Vinagre e endro. Andou preparando pickles de pepino, não é? Ótimo, eu adoro. Hum, ah, e leite azedo aqui nos pelinhos do seu braço. Andou batendo manteiga ou fazendo creme?

– Adivinhe, já que é tão bom nisso.

– Manteiga.

– Droga.

Eu ainda tentava me desvencilhar, mas só porque os pelos ralos de sua barba faziam cócegas na minha pele sensível. Ele foi cheirando meu braço, até a clavícula, fazendo-me gemer conforme os fios soltos de seus cabelos roçavam-me a pele.

Levantou meu braço, tocou os pelos sedosos e úmidos e levou o dedo ao nariz.

– *Eau de femme* – murmurou, e percebi sua voz bem-humorada. – *Ma petite fleur*.

– E eu também *tomei banho* – falei em tom melancólico.

– Sim, com sabonete de girassol – disse ele, um leve tom de surpresa depois de cheirar a base de meu pescoço.

Eu dei um gritinho agudo e ele ergueu a mão grande e quente para cobrir minha boca. *Ele* cheirava a pólvora, feno e esterco, mas eu não podia dizer isso com a boca coberta.

Ele se endireitou levemente e se inclinou mais para perto, de forma que sua barba áspera roçou meu rosto. Ele abaixou a mão, e eu senti a maciez de seus lábios em minha têmpora, o toque de borboleta de sua língua em minha pele.

– E sal – disse ele, baixinho, e senti seu hálito quente em minha face. – Há sal no seu rosto e seus cílios estão úmidos. Você chorou, Sassenach?

– Não – respondi, embora sentisse uma ânsia repentina e irracional de fazer exatamente isso. – Não, eu suei. Eu estava... com calor.

Não mais. Minha pele estava refrescada, fria onde a corrente de ar da

noite que entrava pela janela esfriava minhas nádegas.

– Ah, mas aqui... hum. – Ele estava de joelhos agora, um braço ao redor de minha cintura para me segurar, o nariz enterrado entre meus seios. – Ah – exclamou, e sua voz mudou outra vez.

Normalmente eu não usava perfume, mas tinha um óleo especial, enviado das Índias, feito de flores de laranjeira, jasmim, baunilha e canela. Era um frasco minúsculo e eu só usava uma gotinha de tempos em tempos – em ocasiões que achava que talvez fossem especiais.

– Você me queria – disse ele, desolado. – E eu adormeci sem sequer tocar em você; me desculpe, Sassenach. Você deveria ter dito.

– Você estava cansado.

Sua mão deixara minha boca. Acaricieei seus cabelos, ajeitando os longos fios atrás da orelha. Ele riu, e eu senti o calor de seu hálito em minha barriga nua.

– Para isso, você podia me ressuscitar dos mortos, Sassenach, e eu não me importaria.

Ele se levantou, de frente para mim, e mesmo à luz fraca, vi que não seria necessária nenhuma medida tão desesperada de minha parte.

– Está calor – eu disse. – Estou suando.

– Acha que não estou?

Suas mãos seguraram minha cintura e ele me ergueu de repente, sentando-me no largo parapeito da janela. Arfei ao contato com a madeira fria, agarrando os batentes de ambos os lados em um reflexo.

– O que está fazendo?

Ele não se deu ao trabalho de responder. Não passava de uma pergunta puramente retórica, de qualquer modo.

– *Eau de femme* – murmurou, seus cabelos macios roçando minhas coxas quando se ajoelhou. As tábuas do assoalho estalaram sob seu peso. – *Parfum d’amour*, hum?

A brisa fresca soprou em meus cabelos, agitou-os em minhas costas como o mais leve dos toques de um amante. As mãos de Jamie continuavam firmes na curva de meu quadril. Não havia risco de eu cair e, no entanto, sentia o

vazio vertiginoso atrás de mim, a noite límpida e infinita, com o céu vazio cravejado de estrelas no qual eu poderia cair e cair, uma minúscula partícula, queimando mais e mais com o atrito de minha passagem e por fim explodindo na incandescência de uma... estrela cadente.

– Sssh – murmurou Jamie, ao longe.

Ele estava de pé agora, as mãos na minha cintura, e o som de um gemido podia ter sido o vento, ou eu mesma. Seus dedos roçaram meus lábios. Podiam ser fósforos, riscando chamas na minha pele. O calor percorria meu corpo, barriga e seios, pescoço e rosto, queimando na frente, frio atrás, como são Lourenço ardendo em sua grelha de ferro.

Eu o envolvi com minhas pernas, um dos calcanhares entre suas nádegas, seus quadris fortes entre minhas pernas minha única âncora.

– Solte-se – disse ele em meu ouvido. – Eu seguro você.

Soltei as mãos e inclinei-me para trás, no ar, segura em suas mãos.

– Você ia começar a me dizer alguma coisa sobre Lawrence Stern – murmurei mais tarde, sonolenta.

– É verdade.

Jamie se espreguiçou e se acomodou, uma das mãos curvada possessivamente sobre minha nádega. As juntas de meus dedos roçavam os pelos de sua coxa. Estava quente demais para ficarmos abraçados, mas não queríamos nos desligar inteiramente.

– Estávamos falando sobre pássaros; ele gostava muito deles. Eu perguntei por que, no fim do verão, os pássaros cantam à noite. As noites são mais curtas nesse período, era de imaginar que desejassem descansar, mas não. Há murmúrios e gorjeios e toda a sorte de ruídos a noite toda nas cercas vivas e nas árvores.

– É mesmo? Eu não havia notado.

– Você não tem o hábito de dormir na floresta, Sassenach – disse ele, tolerante. – Eu, sim, e Stern também. Ele havia notado a mesma coisa, conforme me disse, e também se perguntara por quê.

- E tinha uma resposta?
- Não uma resposta... mas uma teoria, pelo menos.
- Ah, melhor ainda – falei, sonolenta.

Ele deu um leve grunhido concordando e virou-se ligeiramente de lado, permitindo que um pouco de ar bem-vindo soprasse entre nossas peles suadas. Eu via o brilho do suor na curva de seu ombro e as gotículas entre os cabelos escuros e encaracolados de seu peito. Ele passou as unhas pelo peito, com um som áspero, suave e agradável.

– O que ele fez foi pegar vários pássaros e trancá-los em gaiolas forradas com papel.

– O quê? – Isso me despertou um pouco, mesmo que fosse apenas para rir. – Para quê?

– Bem, não completamente forradas, somente o chão – explicou Jamie. – Ele pousou no chão um pratinho cheio de tinta e uma vasilha com sementes no meio, de modo que os pássaros não conseguiriam comer sem molhar as patas na tinta. Então, quando saltassem de um lado para outro, suas patas deixariam marcas no papel.

– Humm. E o que, precisamente, isso mostrou, além de pegadas pretas?

Os insetos estavam começando a nos perturbar, atraídos pelo almíscar de nossos corpos quentes. Um minúsculo zumbido junto ao meu ouvido me fez dar um tapa no mosquito invisível e puxar a gaze do mosquiteiro que Jamie havia afastado quando se levantou para me procurar. O mosquiteiro ficava preso por um mecanismo complexo – invenção de Brianna –, fixo na viga acima da cama, de forma que, quando desenrolado, o tecido caía por todos os lados, protegendo-nos das hordas sanguinárias nas noites de verão.

Coloquei-o de volta no lugar com certa lástima, pois embora afastasse os mosquitos, as muriçocas e as enervantes mariposas, também bloqueava inevitavelmente um pouco do ar e toda a vista do luminoso céu noturno além da janela. Voltei a me deitar na cama, meio afastada; embora a fornalha natural do corpo de Jamie fosse um grande conforto nas noites de inverno, tinha suas desvantagens no verão. Eu não me importava de derreter em um inferno de desejo incandescente, se fosse preciso, mas não tinha mais

camisolas limpas.

– Havia muitas pegadas, Sassenach, mas a maioria ficava de um lado só da gaiola. Em todas as gaiolas.

– Ah, é mesmo? E o que Stern achava que isso queria dizer?

– Bem, ele teve a grande ideia de colocar uma bússola nas gaiolas. E parece que, durante toda a noite, os pássaros saltavam e avançavam para sudeste, que é a direção na qual migram no outono.

– Isso é muito interessante. – Puxei meus cabelos para trás em um rabo de cavalo, tirando-os do pescoço para refrescá-lo. – Mas ainda não é hora de migrar, no fim do verão, certo? E eles não voam à noite, mesmo quando migram, ou voam?

– Não. É como se percebessem a iminência do voo e sua atração, e isso perturbasse o sono deles. O mais estranho é que a maioria de seus pássaros era jovem, aves que ainda não tinham feito a viagem; nunca tinham visto o lugar para onde estavam destinados a ir e, no entanto, o sentiam... chamando-os, talvez, despertando-os de seu sono.

Eu me remexi um pouco e Jamie tirou a mão de minha perna.

– Zugunruhe – disse ele baixinho, percorrendo com a ponta do dedo a marca úmida que deixara em minha pele.

– O que é isso?

– Foi como Stern chamou a vigília dos pequenos pássaros, preparando-se para partir em seu longo voo.

– Essa palavra tem algum significado em particular?

– Sim. “Ruhe” é quietude, descanso. E “zug” é uma espécie de jornada. Então “zugunruhe” é uma inquietude, um desassossego antes de uma longa jornada.

Virei-me para ele, pousando a cabeça carinhosamente em seu ombro. Inspirei, como alguém apreciando o aroma delicado de um bom charuto.

– *Eau de homme*?

Ele ergueu a cabeça e farejou o ar em dúvida, enrugando o nariz.

– *Eau de chevre*, acho – disse ele. – Embora possa ser algo pior. Acha que existe uma palavra em francês para gambá?

– *Le Pew* – sugeri, com uma risadinha.
Os pássaros cantaram a noite toda.

TULACH ARD

Outubro de 1772

Jamie meneou a cabeça para algo atrás dele e sorriu.

– Vejo que temos ajuda hoje.

Roger olhou para trás e viu Jemmy andando com passos pesados atrás deles, a pequena testa franzida em concentração, carregando com ambas as mãozinhas uma pedra do tamanho de um punho cerrado junto ao peito. Roger sentiu vontade de rir diante da cena, mas se virou e agachou, esperando o menino alcançá-los.

– Isso é para o novo chiqueiro, *a ghille ruaidh*, meu menininho ruivo? – perguntou ele.

Jemmy assentiu com seriedade. A manhã ainda estava fria, mas suas faces estavam vermelhas por causa do esforço.

– Obrigado – disse Roger, sério. Estendeu a mão. – Posso levá-la, então?

Jemmy negou, a franja pesada balançando.

– Eu levo!

– É uma longa caminhada, *a ghille ruaidh* – disse Jamie. – E sua mãe vai sentir sua falta, não acha?

– Não!

– O vovô está certo, *a bhalaich*, a mamãe precisa de você – disse Roger, estendendo a mão para pegar a pedra. – Vamos, deixe o papai...

– Não!

Jemmy agarrou a rocha e a protegeu contra o peito, os lábios contraídos

com determinação.

– Mas você não pode... – começou Jamie.

– Vamos!

– Não, eu disse que você precisa... – começou Roger.

– VAMOS!

– Olhe aqui, rapaz... – os dois homens começaram a dizer, depois pararam, olharam um para o outro e riram.

– Onde está a mamãe, então? – perguntou Roger, tentando outra tática. – A mamãe vai ficar preocupada com você, viu?

A cabecinha ruiva sacudiu-se, negando veementemente.

– Claire comentou que as mulheres iam fazer colchas de retalhos hoje – disse Jamie. – Marsali trouxe um molde. Devem ter começado a costurar.

Ele se agachou ao lado de Roger, olhando bem dentro dos olhos do neto.

– Você fugiu da mamãe, é isso?

A boquinha rosada, até aquele momento firmemente cerrada, se entortou, deixando escapar uma risadinha.

– Foi o que pensei – disse Roger, resignado. – Vamos, então. Para casa.

Ele se levantou e pegou Jemmy nos braços, com pedra e tudo.

– Não, não! NÃO! – Jemmy enrijeceu o corpo, resistindo, os pés chutando a barriga de Roger enquanto arqueava o corpo para trás. – Eu ajuda! Eu AJUDA!

Tentando expor seus argumentos acima dos berros de Jemmy sem gritar, ao mesmo tempo que o segurava para que não tombasse para trás, Roger não ouviu os primeiros gritos vindos da direção da casa. Quando finalmente teve a ideia de tampar a boca do filho com a mão, gritos femininos de “Jeeeeemmmmyyyyy!” puderam ser ouvidos claramente em meio às árvores.

– Está vendo, a srta. Lizzie está procurando você – disse Jamie ao neto, balançando o polegar na direção do som.

– E não é só Lizzie – disse Roger. Mais vozes femininas ecoavam em coro, cada vez mais irritadas. – A mamãe, a vovó Claire e a vovó Bug e a tia Marsali, também, pelo que estou ouvindo. Não parecem muito felizes com você, rapaz.

– É melhor nós o levamos de volta – disse Jamie. Olhou para o neto com compaixão. – Prepare-se, é bem capaz de você levar uma palmada, rapazinho. As mulheres não ficam felizes quando fugimos delas.

Essa ameaça fez Jemmy largar a pedra e enrolar as pernas e os braços ao redor do corpo de Roger, com força.

– Com VOCÊ, papai – disse ele, em um tom persuasivo.

– Mas a mamãe...

– MAMÃE, NÃO! Quero papai!

Roger deu um tapinha nas costas pequenas de Jemmy, robustas e sólidas sob a blusa suja. Estava dividido. Era a primeira vez que Jem preferira ele a Bree de forma tão determinada, e tinha que admitir que sentia certo prazer nisso. Por mais que a escolha do filho fosse motivada tanto pelo medo da bronca quanto por querer sua companhia, Jem quisera ir com ele.

– Acho que ele pode ficar conosco – disse ele a Jamie, por cima da cabeça de Jem, agora aninhada contra seu ombro. – Só durante a manhã; posso trazê-lo de volta ao meio-dia.

– Ah, sim – concordou Jamie. Sorriu para o neto, pegou a pedra caída e a devolveu a ele. – Construir chiqueiros é trabalho de homem, não? Nada dessas frescuras de que as mulheres tanto gostam.

– Por falar nisso... – Roger ergueu o queixo na direção da casa, de onde os gritos de “JEEMMYYY!” agora ganhavam um tom claramente enfurecido, com um toque de pânico. – É melhor avisarmos que estamos com ele.

– Eu vou. – Jamie largou a mochila com um suspiro e ergueu uma das sobancelhas para o neto. – Está me devendo uma, ouviu, rapaz? Quando as mulheres ficam irritadas, descontam no primeiro homem que aparece, quer ele tenha culpa, quer não. É bem provável que *eu* leve uma palmada.

Revirou os olhos, mas riu para Jemmy, depois se virou e caminhou depressa na direção da casa.

Jemmy deu uma risadinha.

– Palmada, vovô! – exclamou ele.

– Quietos, seu danadinho.

Roger deu-lhe um tapinha no traseiro e percebeu que Jem estava vestindo calças curtas por baixo da blusa, mas não usava fralda. Colocou o menino no chão.

– Precisa se aliviar? – perguntou automaticamente, usando o vocabulário peculiar de Brianna.

– Não – respondeu Jem, da mesma forma automática, mas levando a mão entre as pernas em um reflexo, o que fez o pai pegá-lo pelo braço, puxando-o com firmeza para trás de um arbusto.

– Venha. Vamos tentar enquanto esperamos o vovô.

Muito tempo pareceu passar até Jamie reaparecer, embora os gritos indignados das mulheres tivessem cessado rapidamente. Se Jamie havia levado uma palmada, Roger pensou com cinismo, parecia ter gostado. Seu rosto estava um tanto corado, mas ele tinha um inequívoco ar de satisfação.

Isso foi logo explicado quando Jamie tirou um pequeno embrulho de dentro da camisa e desenrolou uma toalha de linho, revelando meia dúzia de biscoitos frescos, ainda mornos, dos quais pingavam manteiga derretida e mel.

– Acho que a sra. Bug pretendia servi-los ao grupo de costura – disse ele, distribuindo o produto da pilhagem. – Mas ainda havia muita massa na tigela; acho que não vão dar falta.

– Se perceberem, vou botar a culpa em você – disse Roger, pegando uma gota de mel morno que escorrera por seu pulso. Limpou-o e lambeu o dedo, fechando os olhos por um momento, em êxtase.

– Vai me dedurar para a Inquisição? – Os olhos azuis de Jamie irradiavam bom humor enquanto ele limpava os farelos da boca. – E mesmo depois de eu ter compartilhado com você o produto do meu roubo! Quanta gratidão!

– Sua reputação vai resistir – disse Roger com ironia. – Jem e eu somos *persona non grata* depois do que aconteceu com o bolo de especiarias na semana passada, mas o Senhor está sempre certo no que diz respeito à vovó Bug. Ela não se importaria se você comesse sozinho a despensa inteira.

Jamie lambeu um pouco de mel do canto da boca, com a complacência presunçosa de quem sabia que era o queridinho da sra. Bug.

– Bem, pode ser – admitiu. – Mas, se espera colocar a culpa em mim, é melhor limpar um pouco das evidências no pequeno antes de voltarmos.

Jemmy dava cabo de seus biscoitos muito concentrado, e o resultado era um rosto completamente lambuzado de manteiga, gotas de mel escorrendo em filetes amarelos pela blusa e o que pareciam ser vários pedacinhos de massa mastigada presos nos cabelos.

– Como diabos você fez isso tão depressa? – perguntou Roger, espantado.
– Veja o que fez com a sua blusa! Sua mãe vai nos matar.

Pegou uma toalha e tentou, em vão, limpar um pouco da sujeira, mas só conseguiu espalhá-la ainda mais.

– Não se preocupe – disse Jamie, com tolerância. – Ele vai estar tão imundo ao fim do dia que a mãe mal vai notar uns farelos a mais. Cuidado, rapaz!

Um gesto rápido salvou metade do biscoito, que se quebrou quando o menino tentou enfiar o último deles inteiro na boca de uma vez.

– Ainda assim – disse Jamie, mordendo a metade de biscoito resgatada enquanto olhava para o neto, pensativo –, acho melhor limpá-lo um pouco no riacho. Não queremos que os porcos sintam o cheiro de mel nele.

Roger foi tomado por uma onda de inquietude ao perceber que Jamie não estava brincando a respeito dos porcos. Era comum ver ou ouvir porcos na mata ao redor, fuçando nas folhas mortas sob os carvalhos e álamos, ou grunhindo diante de um tesouro de bolotas de castanheiro. Havia alimento de sobra naquela época do ano, e os porcos não eram ameaça para um homem adulto. Mas um menininho cheirando a mel... achava-se que porcos comiam apenas raízes e castanhas, mas Roger se lembrava muito bem da enorme porca branca, vista alguns dias antes, com o rabo pelado e sujo de sangue de um gambá pendendo do canto da boca enquanto ela o mastigava tranquilamente.

Um pedaço do biscoito parecia estar preso em sua garganta. Pegou Jemmy no colo, apesar de o menino estar lambuzado, e o segurou embaixo do

braço, com pernas e os braços balançando no ar.

– Vamos, então – disse Roger, resignado. – A mamãe não vai gostar nem um pouco se você for comido por um porco.

As hastes para a cerca estavam empilhadas perto do pilar de pedra. Roger vasculhou até encontrar uma peça lascada, curta o bastante para usar como alavanca e levantar uma grande pedra de granito, apenas o suficiente para enfiar as duas mãos por baixo dela. Agachando-se, ele a pousou sobre as coxas e, devagar, começou a se levantar, endireitando as costas uma vértebra por vez, os dedos cravando-se na superfície coberta de musgo com o esforço. O pano amarrado ao redor de sua cabeça estava encharcado e o suor escorria por seu rosto. Balançou a cabeça para afastar o suor incômodo dos olhos.

– Papai, papai!

Roger sentiu um puxão repentino em sua calça, piscou para afastar o suor dos olhos e firmou os pés bem separados para manter o equilíbrio e não deixar que a pedra pesada caísse.

– O que foi, rapaz?

Jemmy agarrava-se ao tecido com ambas as mãos. E olhava para a mata.

– Porco, papai – sussurrou. – Porco *grande*.

Roger olhou na direção em que o menino fitava e ficou paralisado.

Era um enorme javali preto, a menos de 3 metros. O animal tinha mais de 1,5 metro de altura e devia pesar 100 quilos ou mais, com presas curvas e amarelas do tamanho do antebraço de Jemmy. Estava parado com a cabeça erguida, o focinho úmido movimentando-se conforme farejava o ar à procura de alimento ou como forma de ameaça.

– Merda – disse Roger sem querer.

Jemmy, que normalmente imitava qualquer palavrão inadvertido e o alardeava alegremente, apenas agarrou-se com mais força à perna do pai.

Os pensamentos percorriam a mente de Roger velozes como vagões de trem em rota de colisão. O animal atacaria se ele se movesse? Precisava se mover; os músculos de seus braços tremiam devido ao esforço. Ele havia

lavado as mãos e o rosto de Jem, mas será que o menino ainda teria cheiro ou aparência de algo que atraísse porcos?

Extraiu um pensamento coerente dos destroços.

– Jem – disse, a voz muito calma –, fique atrás de mim. Faça isso *agora* – acrescentou com ênfase quando o javali virou a cabeça na direção deles.

O animal os viu; Roger pôde ver os pequenos olhos escuros mudarem de foco. Deu alguns passos à frente, os cascos pequenos e delicados sob o corpo grande e ameaçador.

– Está vendo o vovô, Jem? – perguntou ele, mantendo a voz calma.

Línguas de fogo queimavam por seus braços e seus cotovelos pareciam ter sido esmagados em um torno.

– Não – sussurrou Jemmy.

Roger podia sentir o menino encolher-se atrás dele, pressionado contra suas pernas.

– Bem, olhe ao redor. Ele foi até o rio; vai voltar daquela direção. Vire-se e olhe.

O javali parecia cauteloso, mas não amedrontado. Era isso que dava não caçar o suficiente daqueles animais, ele pensou. Deviam estripar alguns na mata uma vez por semana, como uma lição prática para os demais.

– Vovô!

Roger ouviu a voz de Jemmy atrás dele, tomada pelo medo.

Com o grito, os pelos no pescoço do javali se eriçaram de repente, formando uma barreira de pelos ásperos ao longo de sua espinha, e ele abaixou a cabeça, os músculos contraídos.

– Corra, Jem! – gritou Roger. – Corra para o vovô!

Uma descarga de adrenalina o tomou e de repente a pedra não pesava nada. Ele a atirou sobre o porco que vinha correndo na direção deles, atingindo-o no ombro. O javali resfolegou de surpresa, vacilou, depois abriu a boca com um rugido e se lançou na direção de Roger, as presas cortando o ar conforme ele sacudia a cabeça.

Ele não podia desviar para o lado e deixá-lo passar; Jem ainda estava logo atrás dele. Chutou sua mandíbula com toda a força e se lançou sobre ele,

tentando agarrar-se ao seu pescoço.

Seus dedos escorregavam, sem conseguir se agarrar com firmeza aos pelos duros, apertando e deixando escapar as dobras firmes de carne sólida. Santo Deus, era como lutar com um saco de concreto animado! Ele sentiu algo quente e úmido na mão e a afastou com um puxão; teria se cortado? Não sentia dor. Talvez fosse apenas saliva das mandíbulas que se contraíam, talvez sangue de algum ferimento muito profundo para sentir. Não havia tempo para procurar. Abaixou a mão de novo, tateando às cegas, agarrou uma perna peluda e a puxou com toda a força que conseguiu.

O javali caiu de lado guinchando, atirando-o para longe de suas costas. Ele caiu no chão apoiado nas mãos e em um dos joelhos, o outro atingindo em cheio uma pedra. Uma dor lancinante o atravessou do tornozelo à virilha, e ele se curvou sem querer, momentaneamente paralisado com o choque.

O javali tinha se levantado, grunhido e se chacoalhado, os pelos tremendo, mas olhou para o outro lado. A poeira se levantou e ele pôde ver o rabo enroscado, uma espiral colada ao traseiro. Mais um segundo e o porco se viraria, o rasgaria da barriga à garganta e pisotearia os pedaços. Agarrou uma pedra, mas ela se desfez em sua mão, nada além de um torrão de terra.

A respiração ofegante e o barulho das passadas de um homem correndo surgiram à sua esquerda, e ele ouviu um grito ofegante.

– *Tulach Ard! Tulach Ard!*

O javali ouviu o grito de Jamie e virou-se para encarar seu novo inimigo, com a boca aberta e os olhos vermelhos de fúria.

Jamie segurava a adaga, Roger viu o brilho do metal quando o sogro se abaixou e girou-a em um movimento amplo, cortando o javali, depois se lançou para o lado quando ele atacou. Uma faca. Usar uma *faca* para enfrentar uma fera como aquela?

Você é totalmente maluco, Roger pensou com clareza.

– Não, não sou – disse Jamie, arfando, e Roger percebeu que provavelmente havia pensado alto.

Jamie se agachou, se equilibrou nos calcanhares e estendeu a mão livre para Roger, ainda olhando para o animal, que fizera uma pausa, amassando o

chão com os cascos e cerrando os dentes, girando a cabeça de um lado para o outro entre os dois homens, analisando suas possibilidades.

– *Bioran!* – disse Jamie, acenando com urgência. – Pau, lança, me dê uma lança!

Lança... A haste de madeira lascada. Sua perna dormente ainda se recusava a funcionar, mas ele podia se mover. Atirou-se para o lado, pegou o pedaço de madeira lascada e voltou a se abaixar, segurando-o à sua frente como uma lança de caça, voltando a ponta aguda para o inimigo.

– *Tulach Ard!* – vociferou. – Venha aqui, seu gordo desgraçado!

Distraído por um instante, o porco se voltou para ele. Jamie partiu para cima do animal, esfaqueando-o, mirando entre as omoplatas. Ouviu-se um guincho estridente e o javali se virou, o sangue jorrando de um profundo corte no ombro. Jamie se jogou para o lado, tropeçou em algo, caiu e deslizou com tudo pela lama e pelo capim, a faca voando em espirais de sua mão aberta.

Jogando-se para a frente, Roger enfiou a lança improvisada com toda a força logo abaixo do rabo do javali. O animal emitia um berro estridente e pareceu se erguer no ar. A lança escorregou por suas mãos, a madeira áspera esfolando suas palmas. Ele a segurou com força e conseguiu continuar agarrado a ela quando o javali caiu de lado com um estrondo furioso, rangendo os dentes, guinchando e espirrando sangue e lama preta em todas as direções.

Jamie já estava de pé, sujo de lama e aos berros. Ele havia pegado outra haste de madeira, com a qual desferiu um golpe contundente no animal que se levantava, a madeira chocando-se contra sua cabeça com um estalo como uma tacada certa de beisebol no momento exato em que o animal se erguia. O javali, um pouco zozinho, deu um grunhido e se sentou.

Um grito estridente vindo de trás fez Roger se virar. Jemmy, erguendo a adaga do avô acima da cabeça com ambas as mãos e vacilando, corria em zigue-zague na direção do javali, o rosto de um vermelho intenso em sua feroz intenção.

– Jem! – gritou ele. – Para trás!

O javali resfolegou alto atrás dele e Jamie gritou alguma coisa. Roger não conseguiu prestar atenção; correu na direção do filho, mas percebeu um movimento na mata atrás de Jemmy que o fez erguer o olhar. Um vislumbre cinzento, rente ao chão e em um movimento tão rápido que ele conseguiu ter apenas uma vaga ideia do que era.

Foi o suficiente.

– Lobos! – gritou para Jamie e, sentindo que ser atacado por lobos, além de javalis, era definitivamente injusto, alcançou Jemmy, agarrou a faca e atirou-se por cima do menino.

Pressionou-se contra o chão, sentindo Jemmy debater-se sem parar sob ele, e esperou, estranhamente calmo. Presas ou dentes?, ele se perguntou.

– Está tudo bem, Jem. Fique quietinho. Está tudo bem, o papai está com você.

Sua testa estava apoiada na terra, a cabeça de Jem acomodada na cavidade de seu ombro. Ele protegia o menino com um dos braços, segurando a faca na outra mão. Encolheu os ombros, sentindo a nuca exposta e vulnerável, mas não era capaz de se mover para protegê-la.

Podia ouvir o lobo uivando para seus companheiros. O javali fazia um ruído infernal, como um grito prolongado, e Jamie, sem fôlego para continuar gritando, parecia estar praguejando com breves e incoerentes palavrões em gaélico.

Ouviu um zumbido estranho acima de sua cabeça e um baque peculiar e surdo, sucedido por um completo e repentino silêncio.

Espantado, Roger levantou a cabeça alguns centímetros e viu o javali de pé alguns metros à sua frente, com a boca pendendo aberta em absoluta perplexidade. Jamie estava de pé atrás dele, sujo de lama e sangue da cabeça aos pés, igualmente perplexo.

Em seguida, as patas dianteiras do javali cederam e ele caiu de joelhos. Cambaleou, os olhos turvos, e desmoronou de lado, uma flecha projetando-se do lombo, parecendo frágil e sem importância comparada ao volume do animal.

Jemmy se contorcia e chorava embaixo de Roger, que se sentou devagar e

segurou o filho nos braços. Notou, vagamente, que suas mãos tremiam, mas ele se sentia curiosamente vazio. Por causa da pele esfolada, as palmas de sua mão ardiam, e o joelho latejava. Dando tapinhas nas costas de Jemmy para confortá-lo, virou a cabeça na direção da floresta e viu o índio parado diante das árvores, arco na mão.

Pensou debilmente em procurar pelo lobo. Estava farejando a carcaça do javali, a poucos passos de Jamie, mas o sogro não prestava atenção nisso. Ele também olhava fixamente para o índio.

– Ian – disse ele baixinho, e seu rosto se iluminou de alegria em meio às manchas de lama, capim e sangue. – Ah, meu Deus. É você, Ian.

A VOZ DO TEMPO

Como Lizzie não tinha mãe para “prepará-la” para o casamento, as mulheres da Cordilheira dos Frasers se uniram para providenciar itens como anáguas, camisolas e meias tricotadas, algumas das mais habilidosas costurando uma colcha. Quando a parte de cima da colcha ficasse pronta, todas iriam à “Casa Grande” para finalizá-la – o laborioso trabalho de costurar a parte de cima e o forro, com o que houvesse à mão para ser usado como enchimento – cobertores velhos, panos remendados ou fios de lã –, tudo colocado entre a parte de cima e o forro para que a colcha pudesse aquecer.

Eu não tinha tempo nem paciência para a costura de modo geral, mas tinha a destreza manual para pontos pequenos e bem-feitos. Mais importante ainda, eu tinha uma cozinha grande, bem iluminada e com espaço suficiente para costurar uma colcha, além dos préstimos da sra. Bug, que mantinha as costureiras bem servidas de canecas de chá e infindáveis pratos de pãezinhos de maçã.

Estávamos costurando uma parte da colcha que a sra. Evan Lindsay havia montado com retalhos cor de creme e azuis quando Jamie apareceu de repente na porta do corredor. Entretidas em uma envolvente conversa sobre o ronco dos maridos de modo geral, e dos delas em particular, a maioria das mulheres não notou a presença dele, mas eu estava de frente para a porta. Ele parecia não querer interromper nem atrair atenção, pois não entrou no aposento – mas quando nossos olhares se cruzaram, ele fez um sinal urgente com a cabeça e caminhou em direção ao escritório.

Olhei para Bree, que estava sentada ao meu lado. Ela também o vira;

ergueu a sobrancelha e deu de ombros. Dei um nó – enfiando a ponta da linha com o nó entre as camadas de tecido, para que ficasse escondido –, preendi a agulha na parte de cima da colcha e me levantei, murmurando uma desculpa.

– Sirva cerveja para ele no jantar – dizia a sra. Chisholm para a sra. Aberfeldy. – Muita cerveja, bem aguada. Assim, ele vai precisar se levantar para urinar a cada meia hora e não vai começar aquela barulheira que faz tremer até o telhado.

– Ah, sim – comentou a sra. Aberfeldy. – Já tentei isso. Mas depois, quando volta para a cama, ele quer... hum. – Ela corou quando as mulheres caíram na risada. – Durmo menos do que quando ele está roncando!

Jamie esperava por mim no corredor. Assim que apareci, ele me segurou pelo braço e me levou depressa para a porta da frente.

– O que... – comecei a dizer, confusa. Então, vi o índio alto, sentado na beirada do alpendre. – O que... – repeti, e então ele se levantou, se virou e abriu um sorriso para mim.

– Ian! – gritei, correndo para seus braços.

Ele estava magro e rígido como uma peça de couro cru seca ao sol, e suas roupas cheiravam a terra e madeira úmida, com um eco de fumaça e dos odores corporais de uma casa indígena comunitária. Dei um passo para trás, enxugando os olhos para olhar para ele, e senti um focinho frio cutucando minha mão, o que me fez dar outro gritinho.

– Você! – exclamei ao ver Rollo. – Achei que nunca mais o veria!

Tomada pela emoção, eu acariciava suas orelhas sem parar. Ele deu um latido breve e apoiou-se nas patas da frente, balançando o rabo também sem parar.

– Au-au! Au-au! Aqui, au-au!

Jemmy disparou pela porta de sua própria casa, correndo o mais rápido que suas perninhas curtas permitiam, com os cabelos molhados arrepiados e o rosto radiante. Rollo partiu em sua direção, pulou em cima dele e o derrubou em meio a gritinhos de alegria.

A princípio, temi que Rollo – que, afinal, era meio lobo – visse Jemmy como uma presa, mas logo ficou claro que os dois estavam envolvidos em

uma alegre brincadeira. O radar materno de Brianna, no entanto, detectara os gritos, e ela veio correndo pela porta.

– O que... – começou a dizer, olhando para a confusão no gramado.

Então Ian deu um passo à frente, abraçou-a e beijou-a. Seu grito, por sua vez, fez o grupo de costura surgir de repente no alpendre, em um alvoroço de perguntas, exclamações e novos gritinhos de empolgação geral.

No meio do pandemônio que se seguiu, notei de repente que Roger, que surgira de algum lugar, tinha um novo arranhão na testa e um olho roxo e vestia uma camisa limpa. Olhei para Jamie, em pé ao meu lado observando os acontecimentos, o rosto iluminado por um riso permanente. Sua camisa, ao contrário, não apenas estava imunda, mas também rasgada na frente e com um rasgo enorme em uma das mangas. Havia grandes manchas de lama e sangue seco no tecido, embora eu não visse sangue fresco. Considerando os cabelos molhados e a roupa limpa de Jemmy – não que ainda estivesse limpa, não mais –, tudo aquilo era muito suspeito.

– Que diabo vocês andaram fazendo? – perguntei.

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo.

– Nada importante, Sassenach, embora eu tenha um javali fresco para você limpar... quando der.

Afastei uma mecha de cabelos, exasperada.

– Isso é o equivalente local a sacrificar um bezerro em homenagem ao retorno do filho pródigo? – perguntei, meneando a cabeça para Ian, que a essa altura estava completamente submerso em um mar de mulheres. Lizzie, eu vi, estava agarrada a um de seus braços, o rosto pálido corado de emoção. Senti uma leve inquietação ao ver a cena, mas afastei o pensamento por ora.

– Ian trouxe amigos? Ou quem sabe a família?

Ele dissera que sua mulher estava grávida, e isso tinha sido dois anos antes. A criança – se tudo tivesse corrido bem – já deveria ter quase idade para estar andando.

O sorriso de Jamie diminuiu um pouco.

– Não – respondeu ele. – Ele está sozinho. A não ser pelo cachorro, é claro – acrescentou, indicando Rollo com um movimento da cabeça.

Rollo estava deitado de costas, com as patas para cima, contorcendo-se feliz diante das investidas de Jemmy.

– Ah. Bem.

Ajeitei os cabelos e amarrei a fita novamente, começando a pensar nas providências a tomar no que dizia respeito às costureiras, ao javali abatido e a uma espécie de jantar de boas-vindas – embora eu imaginasse que a sra. Bug cuidaria disso.

– Ele disse quanto tempo vai ficar?

Jamie respirou fundo, apoiando a mão em minhas costas.

– Para sempre – respondeu ele, e sua voz estava plena de felicidade, mas uma leve tristeza nela fez com que eu olhasse para ele, confusa. – Ele voltou para casa.

Já era muito tarde quando o corte do javali, a costura e o jantar terminaram, e as visitas foram embora, cheias de coisas para contar. Embora não fossem tantas coisas assim; Ian tinha sido simpático com todos, porém reticente, contando muito pouco sobre sua viagem para o sul – e absolutamente nada sobre os motivos por trás dela.

– Ian lhe contou alguma coisa? – perguntei a Jamie, ao encontrá-lo sozinho por um momento em seu escritório antes do jantar.

Ele negou, balançando a cabeça.

– Muito pouco. Apenas que voltou para ficar.

– Acha que algo ruim aconteceu à mulher dele? E ao bebê?

Senti uma pontada forte de inquietação, tanto por Ian, quanto pela bela jovem moicana chamada Wakyo'teyehsnonhsa, A Que Trabalha com as Mãos. Ian a chamava de Emily. A morte no parto não era incomum, mesmo entre os indígenas.

Jamie balançou a cabeça outra vez, parecendo sério.

– Não sei, mas acho que deve ser algo assim. Ele não disse nada a respeito deles, seus olhos parecem muito mais velhos do que ele é.

Lizzie apareceu à porta nesse momento, com uma mensagem urgente da

sra. Bug sobre as providências para o jantar, e eu tive que ir. Ao seguir Lizzie em direção à cozinha, no entanto, tentei imaginar o que o retorno de Ian poderia significar para ela – em especial se estivéssemos certos em nossas suposições acerca da esposa moicana dele.

Lizzie tinha se apaixonado por Ian antes de ele partir, e sofrera por meses depois de sua decisão de permanecer com os Kahnyen'kehaka. Mas isso tinha sido mais de dois anos antes, e dois anos era muito tempo, principalmente na vida de uma pessoa jovem.

Eu sabia o que Jamie queria dizer a respeito dos olhos de Ian e tinha certeza de que ele não era mais o mesmo rapaz alegre e impulsivo que havíamos deixado com os moicanos. Lizzie tampouco era a menininha tímida e apaixonada que fora um dia.

Ela *era*, no entanto, a noiva de Manfred McGillivray. Fiquei aliviada por nem Ute McGillivray nem qualquer de suas filhas estarem presentes no grupo de costura naquela tarde. Com sorte, a comoção com a volta de Ian duraria pouco.

– Você vai ficar bem aqui embaixo? – perguntei a Ian, em dúvida.

Eu havia colocado várias colchas e um travesseiro de penas na mesa do consultório para ele, já que ele havia rejeitado educadamente a oferta do sr. Wemyss de usar sua cama e o desejo da sra. Bug de improvisar para ele uma confortável cama em frente à lareira da cozinha.

– Ah, sim, tia – respondeu ele, e sorriu para mim. – Não acreditaria nos lugares em que Rollo e eu temos dormido. – Espreguiçou-se, bocejou e piscou. – Deus, há um mês ou mais não fico acordado depois do pôr do sol.

– E acorda assim que o sol se levanta, imagino. Por isso achei que você ficaria mais bem instalado aqui; ninguém vai perturbá-lo se quiser dormir até tarde.

Ele riu.

– Só se eu deixar a janela aberta para que Rollo possa ir e vir à vontade. Embora ele pareça achar a caçada aqui dentro boa o bastante.

Rollo estava sentado no meio do caminho, com o focinho erguido e atento, os olhos amarelos de lobo fixos na porta de cima do armário. Um

ronco baixo, como água fervendo em uma chaleira, veio de trás da porta.

– Eu aposto no gato, Ian – disse Jamie, entrando no consultório. – Ele tem muita autoconfiança, o pequeno Adso. Eu o vi perseguir uma raposa na semana passada.

– O fato de você tê-lo perseguido com uma arma nada teve a ver com a fuga da raposa, é claro – falei.

– Bem, não no que diz respeito ao *cheetie* – concordou Jamie rindo.

– *Cheetie* – repetiu Ian, baixinho. – É... muito bom falar escocês outra vez, tio Jamie.

Jamie tocou o braço de Ian.

– Imagino que seja, *a mhic a pheathar*, meu sobrinho – disse ele, também baixinho. – Já esqueceu o gaélico?

– *'S beag 'tha fhios aig fear a bhaile mar 'tha fear na mara bèò* – respondeu Ian, sem hesitação.

Era um ditado conhecido: “Pouco sabe o homem que vive na terra sobre a vida do homem do mar.”

Jamie riu, agradavelmente surpreso, e Ian abriu um largo sorriso. A pele de seu rosto estava curtida pelo sol, bem morena, e as linhas pontilhadas de suas tatuagens moicanas estendiam-se em meias-luas do nariz às maçãs do rosto – mas, por um instante, vi seus olhos cor de avelã ganharem um brilho travesso e voltei a ver o rapaz que tínhamos conhecido.

– Eu costumava repetir as coisas mentalmente – disse ele, o sorriso se suavizando um pouco. – Eu olhava para as coisas e dizia as palavras em minha mente... “*Avbhar*”, “*Coire*”, “*Skirlie*”... para não esquecer. – Olhou com timidez para Jamie. – Você me disse para não esquecer, tio.

Jamie piscou e pigarreou.

– É verdade, Ian – murmurou ele. – Fico feliz.

Ele apertou o ombro de Ian com força e, em seguida, os dois deram um forte abraço, batendo nas costas um do outro com uma emoção sem palavras.

Quando enxuguei meus olhos e limpei o nariz, eles já tinham se separado e retomado a atmosfera de elaborada descontração, fingindo ignorar meu deslize de sentimentalismo feminino.

– Eu mantive o escocês e o gaélico, tio – disse Ian, pigarreando. – Mas o latim estava um pouco além de minha capacidade.

– Imagino que não tenha tido muitas oportunidades de praticar seu latim – redarguiu Jamie. Passou a manga da camisa embaixo do nariz, sorrindo. – A não ser que algum jesuíta errante aparecesse por lá.

Ian pareceu um pouco estranho ao ouvir aquilo. Olhou para Jamie e para mim, depois para a porta do consultório, para ter certeza de que ninguém estava vindo.

– Bem, não foi exatamente isso, tio – disse ele.

Caminhou em silêncio até a porta, espiou no corredor, depois fechou-a devagar, voltando para a mesa. Ele levava consigo uma pequena bolsa de couro amarrada à cintura, que – além da faca, do arco e das flechas – parecia conter todos os seus bens materiais. Guardara-a mais cedo, mas voltou a pegá-la e procurou depressa dentro dela, retirando um pequeno livro, encadernado em couro preto. Entregou-o a Jamie, que o pegou, parecendo confuso.

– Quando eu... quer dizer, pouco antes de eu partir de Snaketown, a velha índia, Tewaktenyonh, me deu esse livrinho. Eu já o tinha visto antes. Emily... – Ele parou, pigarreando com força, e prosseguiu com firmeza. – Emily suplicou por uma página dele para mim, para que eu mandasse um bilhete a vocês dizendo que tudo estava bem. Vocês o receberam?

– Sim, recebemos – assegurei-lhe. – Jamie o enviou para sua mãe depois.

– É mesmo? – O rosto de Ian se iluminou ao pensar na mãe. – Que bom. Espero que ela fique contente em saber que eu voltei.

– Aposto o que você quiser que ela vai ficar – garantiu Jamie. – Mas o que é isto? – Ele levantou o livro, erguendo a sobrancelha, curioso. – Parece o breviário de um padre.

– Parece mesmo. – Ian assentiu, coçando uma mordida de mosquito no pescoço. – Mas não é. Dê uma olhada.

Eu me aproximei de Jamie, olhando por cima de seu cotovelo enquanto ele abria o livro. Havia uma borda irregular de papel onde a folha de rosto tinha sido arrancada. Mas não havia título, nem nada impresso. Parecia ser

uma espécie de diário; as páginas estavam repletas de palavras manuscritas em tinta preta.

Duas palavras se destacavam no alto da primeira página, rabiscadas em letras grandes e trêmulas.

Ego sum, diziam. Eu sou.

– Você é, então? – perguntou Jamie, em um meio sussurro. – Sim, e quem é você?

Mais abaixo na página, o texto continuava. Ali, a caligrafia era menor, mais controlada, apesar de haver algo de estranho a respeito dela.

– *Prima cogitatio est...*

– Esta é a primeira coisa que me vem à mente – leu Jamie em voz baixa, traduzindo.

*“Eu sou. Eu ainda existo. Eu existia, naquele lugar no meio?
Creio que sim, pois me lembro. Mais tarde tentarei descrevê-lo.
Agora não tenho palavras. Estou me sentindo muito mal.”*

As letras eram pequenas e redondas, cada qual escrita separadamente. O trabalho de alguém cuidadoso e preciso, mas hesitante, as palavras subindo trôpegas pela página. Ele realmente se sentia mal, pelo que indicava a caligrafia.

Quando a minuciosa redação foi retomada na página seguinte, a caligrafia miúda estava mais firme, assim como o ânimo de quem escrevera.

*“Ibi denum locus...
É o lugar. É claro que seria. Mas também é a época certa, eu sei. As árvores, os arbustos são diferentes. Havia uma clareira para oeste que agora está totalmente tomada por loureiros. Eu estava olhando para uma grande magnólia quando entrei no círculo e agora ela desapareceu; há um jovem carvalho no lugar. O som é diferente. Não se ouve o ruído de estrada e veículos ao*

longe. Apenas pássaros, cantando muito alto. Vento.

Ainda estou tonto. Minhas pernas estão fracas. Ainda não consigo ficar em pé. Acordei sob o muro onde a cobra engole a própria cauda, mas a alguma distância da cavidade onde deixamos o círculo. Devo ter rastejado, minhas mãos estão sujas e arranhadas, e minhas roupas, cobertas de terra. Permaneci deitado por algum tempo depois de acordar, sem forças para me levantar. Estou melhor agora. Ainda fraco e nauseado, mas mesmo assim exultante. Deu certo. Nós conseguimos.”

– Nós? – falei, olhando para Jamie com as sobrancelhas erguidas. Ele deu de ombros e virou a página.

“A pedra desapareceu. Há apenas um pouco de fuligem em meu bolso. Raymond estava certo, então. Era uma pequena safira bruta. Devo me lembrar de anotar tudo, para os outros que possam vir depois de mim.”

Senti um leve tremor de premonição subir pelas minhas costas, fazendo meu couro cabeludo formigar e meus cabelos se arrepiarem. “Outros que possam vir depois de mim.” Sem pensar, estendi a mão e toquei o livro, em um ímpeto irresistível. Eu tinha que tocá-lo de alguma forma, fazer contato com o autor desaparecido daquelas palavras de alguma forma.

Jamie olhou para mim com curiosidade. Com algum esforço, afastei a mão, cerrando o punho. Ele hesitou por um momento, mas depois fitou de novo o livro, como se a escrita preta e cuidadosa atraísse seu olhar como atraía o meu.

Agora eu sabia o que havia chamado minha atenção naquelas palavras. Não tinham sido escritas com uma pena. A escrita à pena, mesmo a mais habilidosa, tinha uma cor irregular, escura logo que a pena era mergulhada na tinta e desbotando devagar até o fim de uma frase. Todas as palavras ali eram

iguais – escritas em linhas finas, firmes, de tinta preta, que marcavam de leve as fibras do papel. As penas nunca faziam isso.

– Caneta esferográfica – falei. – Ele escreveu isso com uma caneta esferográfica. Meu Deus!

Jamie olhou de novo para mim. Eu devia estar pálida, pois ele fez menção de fechar o livro, mas eu balancei a cabeça, fazendo sinal para que ele continuasse lendo. Ele franziu a testa, em dúvida, porém, ainda me observando, retomou a leitura. Então sua atenção se voltou completamente para o livro, e ele ergueu as sobrancelhas ao ler as palavras na página seguinte.

– Veja – disse ele baixinho, virando o livro para mim e apontando para uma frase.

Estava escrita em latim como as outras, mas havia palavras desconhecidas misturadas no texto – palavras compridas e estranhas.

– Moicano? – perguntou Jamie, olhando para Ian. – Esta é uma palavra de uma língua indígena, sem dúvida. Uma das línguas algonquinas, não?

– Chove Forte – disse Ian, baixinho. – É a língua Kahnyen’kehaka, a língua moicana, tio. Chove Forte é o nome de alguém. E as outras palavras escritas aí também... Caminhante Forte, Seis Tartarugas e Fala com Espíritos.

– Pensei que os moicanos não tivessem língua escrita – comentou Jamie, erguendo uma sobrancelha ruiva.

Ian balançou a cabeça.

– E não têm mesmo, tio Jamie. Mas alguém escreveu isso. – Ele indicou a página. – E se reproduzir o som das palavras.... – Deu de ombros. – São nomes moicanos. Tenho certeza.

Jamie olhou para ele por um bom tempo e então, sem dizer nada, abaixou a cabeça e retomou a tradução:

“Eu estava com uma das safiras. Chove Forte, com a outra. Fala com Espíritos tinha um rubi, Caminhante Forte ficou com o diamante e Seis Tartarugas, com a esmeralda. Não tínhamos

certeza sobre o diagrama – se deveria ter quatro pontas, correspondendo aos pontos cardeais, ou cinco, como um pentagrama. Mas éramos cinco, tínhamos feito um pacto de sangue para realizar o feito, então formamos um círculo, ficando em pontos equidistantes.”

Havia uma pequena lacuna entre a última frase e a seguinte, e a caligrafia mudou, tornando-se firme e regular, como se o autor tivesse feito uma pausa, retomando a história um pouco depois.

“Voltei para olhar. Não há sinal do círculo, mas não vejo por que deveria haver, afinal. Devo ter ficado inconsciente por algum tempo; formamos o círculo logo na entrada da fenda, mas não há marcas na terra ali que mostrem como eu me arrastei ou rolei para o lugar onde acordei. Só há marcas no solo feitas pela chuva. Minhas roupas estão úmidas, mas não sei se estão assim por causa da chuva, do sereno da manhã ou do suor por eu ter ficado deitado ao sol. Era quase meio-dia quando acordei, o sol já estava bem alto e fazia calor. Estou com sede. Será que me arrastei para longe da fenda e depois perdi os sentidos? Ou fui jogado longe pela força da transição?”

Tive uma sensação curiosa ao ouvir aquilo, como se as palavras ecoassem em algum lugar dentro da minha mente. Não que eu as tivesse ouvido antes, mas, ainda assim, as palavras eram assustadoramente familiares. Balancei a cabeça para afastar os pensamentos e me deparei com os olhos de Ian fixos em mim, castanho-claros e perscrutadores.

– Sim – falei sem rodeios, em resposta ao seu olhar. – Eu sou. Brianna e Roger também.

Jamie, que havia parado para decifrar uma frase, ergueu o olhar. Viu o rosto de Ian e o meu, e estendeu a mão, colocando-a sobre a minha.

– Quanto você conseguiu decifrar, rapaz? – perguntou ele com serenidade.

– Bastante, tio – respondeu Ian, sem desviar os olhos dos meus. – Não tudo – esboçou um breve sorriso –, e tenho certeza de que não entendi a gramática muito bem, mas acho que compreendi o sentido. E você?

Não ficou claro se ele dirigia a pergunta a mim ou a Jamie. Nós hesitamos, trocamos um olhar... então eu me virei para Ian e assenti, e Jamie fez o mesmo, apertando minha mão.

– Humm – disse Ian, e seu rosto se iluminou com uma expressão de profunda satisfação. – Eu *sabia* que você não era uma bruxa, tia Claire!

Sem conseguir se manter acordado por muito mais tempo, Ian finalmente se recolheu, bocejando, mas parou a caminho da cama para puxar Rollo pelo pescoço e segurá-lo enquanto eu tirava Adso do armário. Com os pelos eriçados, ele tinha o dobro do tamanho normal e sibilava como uma cobra. Segurei o gato para que ele não fosse estripado, tirei-o do caminho e o levei para o nosso quarto, colocando-o sem a menor cerimônia em cima da cama e virando-me imediatamente para Jamie.

– O que aconteceu depois? – perguntei.

Ele já estava acendendo uma vela nova. Desamarrando a camisa com uma das mãos e folheando o livro com a outra, sentou-se na cama, ainda concentrado na leitura.

– Ele não conseguiu encontrar nenhum de seus amigos. Vasculhou a região por dois dias, chamando, mas não havia sinal deles. Ficou transtornado, mas acabou concluindo que devia ir em frente; precisava de comida e não tinha nada além de uma faca e um pouco de sal. Tinha que caçar ou encontrar pessoas.

Ian dissera que Tewaktenyongh lhe dera o livro, insistindo com ele para que o levasse até mim. Pertencera a um homem chamado Dente de Lontra, segundo ela – um membro da minha família.

Senti um arrepio na espinha que não se dissipou. Ondas de ansiedade

faziam cócegas em minha pele como o toque de dedos fantasmagóricos. Minha família, de fato.

Eu tinha dito a ela que Dente de Lontra talvez fosse alguém da “minha família”, incapaz de explicar a afinidade entre viajantes do tempo de outra maneira. Eu nunca conhecera Dente de Lontra – pelo menos não ao vivo e em cores –, mas se ele fosse o homem que eu pensava ser, então era a cabeça dele, com as obturações de platina, que estava enterrada em nosso pequeno cemitério.

Talvez eu fosse finalmente saber quem ele de fato tinha sido – e como tivera aquele surpreendente fim.

– Ele não era um grande caçador – disse Jamie de modo crítico, franzindo a testa enquanto olhava para a página. – Não conseguia pegar nem um esquilo com uma armadilha, e em pleno verão, ainda por cima!

Felizmente Dente de Lontra – se é que era ele, de fato – estava familiarizado com diversas plantas comestíveis e pareceu bastante satisfeito consigo mesmo por reconhecer papaia e caqui.

– Reconhecer um caqui não é nada de mais, pelo amor de Deus – falei. – Parecem bolas de beisebol cor de laranja!

– E têm gosto de fundo de urinol – acrescentou Jamie, que não gostava nem um pouco de caqui. – Mas ele devia estar faminto àquela altura, e quando uma pessoa está com muita fome...

Parou de falar, os lábios movendo-se silenciosamente enquanto prosseguia com sua tradução.

O sujeito tinha perambulado pelo mato por algum tempo – ainda que “perambular” não parecesse a palavra correta. Ele havia escolhido uma direção específica, orientado pelo sol e pelas estrelas. O que estaria procurando?

O que quer que fosse, ele acabou encontrando uma aldeia. Não falava a língua dos habitantes – “por que ele acreditava que falaria?”, questionou Jamie em voz alta –, mas ficou extremamente perturbado, de acordo com seu relato, ao descobrir que as mulheres usavam panelas de ferro para cozinhar.

– Tewaktenyongh disse isso! – interrompi. – Quando estava me falando

dele... se é que se trata do mesmo homem – acrescentei, *pro forma*. – Ela contou que ele ficava falando o tempo todo sobre as panelas, as facas e as armas. Ele afirmava que os índios eram... como foi mesmo que ela disse?... que eles precisavam “retomar os hábitos de seus ancestrais, ou o homem branco os comeria vivos”.

– Um sujeito muito temperamental – murmurou Jamie, ainda grudado ao livro. – Afeito à retórica, também.

Uma ou duas páginas depois, a razão das estranhas preocupações de Dente de Lontra em relação às panelas ficou mais clara.

– “Eu falhei” – disse Jamie. – “Cheguei tarde demais.”

Endireitou as costas e olhou para mim, então continuou:

“Não sei exatamente em que época estou, nem tenho como descobrir... Essas pessoas não registram os anos de nenhuma maneira que eu conheça, mesmo que eu soubesse a língua delas o suficiente para perguntar. Mas sei que cheguei tarde demais.

Se eu tivesse chegado quando pretendia, antes de 1650, não haveria ferro em uma aldeia tão no interior. Encontrá-lo sendo usado de forma tão casual significa que cheguei pelo menos cinquenta anos depois... ou mais!”

Dente de Lontra ficou muito consternado diante dessa constatação e passou vários dias no mais completo desespero. Depois, no entanto, se recompôs, concluindo que não havia nada a fazer além de seguir em frente. E assim partiu sozinho, levando algum alimento ofertado pelos habitantes da aldeia, rumo ao norte.

– Não faço a menor ideia do que o sujeito achava que estava fazendo – disse Jamie. – Mas eu diria que ele demonstrou coragem. Seus amigos estavam mortos ou desaparecidos e ele não tinha nada consigo, não fazia ideia de onde estava... e mesmo assim continuou.

– Sim... mas, para ser sincera, não acredito que ele pudesse fazer nada

diferente, sabe?

Toquei o livro outra vez, delicadamente, lembrando-me dos primeiros dias depois de minha passagem pelas pedras.

A diferença, é claro, era que aquele homem havia escolhido atravessar as pedras por vontade própria. O motivo e o modo exatos ainda não tinham sido revelados.

Viajando sozinho pela região selvagem, com apenas um livrinho como companhia, Dente de Lontra havia – como ele dissera – decidido ocupar a mente fazendo um relato de sua jornada, com seus motivos e suas intenções.

“Talvez eu não seja bem-sucedido em minhas intenções – nossas intenções. Na verdade, parece provável, no momento, que eu simplesmente morra aqui, na natureza selvagem. Mas, se isso acontecer, pensar que algum registro do nosso nobre feito permanecerá será um consolo e é o legado que posso deixar em nome daqueles que foram meus irmãos, meus companheiros nesta aventura.”

Jamie parou e esfregou os olhos. A vela havia queimado quase até o fim; meus olhos estavam lacrimejando tanto devido aos bocejos que eu mal conseguia ver a página à luz inconstante e estava zonzinha de fadiga.

– Vamos parar – falei, encostando a cabeça no ombro de Jamie, aconchegando-me em seu corpo quente e firme. – Não consigo mais ficar acordada, realmente não consigo. E não parece certo ler a história dele com tanta pressa. Além do mais – parei, interrompida por um bocejo de estalar os maxilares que me deixou piscando –, talvez Bree e Roger também devam ouvi-la.

Jamie me viu bocejar e também abriu a boca, depois balançou a cabeça com força, piscando como se fosse uma grande coruja-vermelha bruscamente espantada de sua árvore.

– Sim, tem razão, Sassenach.

Fechou o livro e o pousou delicadamente na mesa ao lado da cama.

Não me preocupei em fazer nenhum tipo de toalete antes de dormir, apenas tirei as roupas de cima, escovei os dentes e me deitei na cama vestindo minha combinação. Adso, que estivera cochilando no travesseiro, satisfeito, ficou desapontado quando tomamos seu lugar, mas moveu-se por insistência de Jamie, indo para o pé da cama, onde se deixou cair aos meus pés como um tapete grande e felpudo.

Após alguns instantes, no entanto, esqueceu a raiva, afofou as roupas de cama – e meus pés – levemente com as patas e começou a ronronar de um jeito preguiçoso.

Achei sua presença quase tão relaxante quanto o ronco baixo e regular de Jamie. De modo geral, eu me sentia em casa, segura no lugar que encontrara para mim no mundo, feliz por estar com Jamie, quaisquer que fossem as circunstâncias. Mas de tempos em tempos eu pensava, subitamente e com clareza, no tamanho do abismo que tinha atravessado – na grande perda do mundo no qual eu havia nascido –, e me sentia muito sozinha. E com medo.

Ouvir as palavras daquele homem, constatar seu pânico, seu desespero, fez com que eu me lembrasse de todo o terror e de todas as dúvidas de minhas viagens através das pedras.

Aconcheguei-me junto ao meu marido adormecido, aquecida e segura, e ouvi as palavras de Dente de Lontra, como se tivessem sido ditas em meu ouvido – um grito de desolação que ecoava através das barreiras do tempo e do idioma.

Mais para o pé daquela página em particular, a minúscula caligrafia em latim tornava-se cada vez mais apressada, algumas letras não passando de borrões de tinta, o final das palavras engolido em uma dança aracnídea frenética. E então, as últimas frases, escritas em inglês, o latim do autor dissolvido em desespero.

“Ah, Deus, meu Deus...

Onde eles estarão?”

Somente na tarde do dia seguinte conseguimos reunir Brianna, Roger e Ian e fomos para o escritório de Jamie sem atrair atenção indesejada. Na noite anterior, a sensação de fadiga depois da chegada repentina de Ian fizera quase tudo parecer razoável. Mas enquanto executava as tarefas diárias à luz clara da manhã, achava cada vez mais difícil acreditar que o diário realmente existisse e não fosse apenas algo com que eu tivesse sonhado.

Ali estava ele, no entanto, pequeno, negro e sólido sobre a escrivaninha de Jamie. Ele e Ian haviam passado a manhã no escritório, imersos na tradução. Quando me juntei a Jamie, pude ver por seus cabelos desgrehados que ele considerara o relato do diário profundamente fascinante ou terrivelmente perturbador... ou talvez as duas coisas.

– Contei a eles o que é – disse Jamie sem rodeios, meneando a cabeça na direção de Bree e Roger.

Os dois estavam sentados um ao lado do outro em bancos, com ar sério. Jemmy, recusando-se a se separar da mãe, estava embaixo da mesa, brincando com um cordão de contas de madeira entalhadas.

– Você leu o diário todo? – perguntei, acomodando-me na cadeira extra.

Jamie assentiu, olhando para o Jovem Ian, que estava parado junto à janela, agitado demais para ficar sentado. Seus cabelos tinham sido cortados curtos, mas estavam quase tão desgrehados quanto os de Jamie.

– Sim, li. Não vou ler o texto todo em voz alta, mas acho melhor começar pela parte em que ele decide contar tudo desde o princípio.

Ele havia marcado a página com o pedaço de couro curtido que costumava usar como marcador de livro. Abrindo o diário, encontrou o ponto marcado e iniciou a leitura:

“Meu nome de batismo é Robert Springer. Rejeito esse nome e tudo relacionado a ele, pois é o fruto amargo de séculos de assassinatos e injustiças, um símbolo de roubo, escravidão e opressão...”

Jamie olhou por cima da borda do livro e disse:

– É por isso que eu não quero ler cada palavra. O sujeito começa a ficar entediante.

Correndo o dedo pela página, ele retomou a leitura:

– *No ano de Nosso Senhor, do senhor deles, aquele Cristo em nome do qual estupram e saqueiam e...* Bem, o texto segue assim, mas, quando ele aborda o assunto de maneira direta, ficamos sabendo que o ano era 1968. Então imagino que estejam familiarizados com essa história de assassinos e roubos, certo?

Ele ergueu as sobrancelhas para Bree e Roger.

Ela endireitou-se de repente, agarrando o braço do marido.

– Eu conheço esse nome – disse ela, parecendo ofegante. – Robert Springer. Eu o conheço!

– Você *o conheceu*? – perguntei, sentindo a ansiedade, o medo ou simplesmente a curiosidade tomar conta de mim.

– Não, eu *não o conheci* pessoalmente, mas conheço o nome. Eu o vi nos jornais. Você viu...?

Ela se virou para Roger, mas ele balançou a cabeça, franzindo o cenho.

– Bem, talvez não tenha visto, não no Reino Unido, mas ele era famoso em Boston. *Acho* que Robert Springer fazia parte do Projeto Montauk.

Jamie levou a mão à ponte do nariz.

– Projeto o quê?

– Foi só uma... uma coisa que as pessoas fizeram para chamar atenção. – Brianna balançou a mão, sem se dar o trabalho de explicar. – Não importa agora. Eram ativistas do Movimento Indígena Americano, ou ao menos começaram assim, só que eram meio esquisitos até mesmo para o movimento, então...

– Esquisitos?

– Ouvindo uma palavra que lhe chamou a atenção, Jemmy saiu de baixo da mesa.

– Não se preocupe, querido. Não é nada.

Olhando à volta em busca de algum objeto de interesse para distraí-lo,

Bree tirou a pulseira de prata do braço e a entregou a ele. Ao ver os olhares perplexos do pai e do primo, ela respirou fundo e recomeçou, tentando – com um ou outro esclarecimento meu ou de Roger – definir os acontecimentos da época e fazer um relato breve, ainda que confuso, das tristes condições dos índios americanos no século XX.

– Então esse Robert Springer é, ou era, um tipo de índio, na sua época? – Jamie tamborilou na mesa, franzindo o cenho, concentrado. – Bem, isso combina com o relato: ele e os amigos aparentemente não aprovavam o comportamento daqueles a quem chamavam de “brancos”. Imagino que estivessem se referindo aos ingleses? Ou europeus, pelo menos?

– Bem, sim... Em 1968, eles não eram mais europeus, eram americanos, só que os índios já existiam antes deles, e foi por isso que começaram a se intitular americanos nativos e...

Roger deu tapinhas no joelho de Bree, fazendo-a parar no meio da explicação.

– Talvez possamos nos concentrar na parte histórica mais tarde – sugeriu.
– O que você leu sobre Robert Springer nos jornais?

– Ah. – Desconcertada, ela franziu a testa para se concentrar. – Ele desapareceu. Eles desapareceram, os cinco homens do Projeto Montauk, quero dizer. Eram todos procurados pelo governo, por explodirem coisas ou, pelo menos, ameaçarem; algo assim, eu me esqueci. E foram presos, mas saíram mediante pagamento de fiança e, em seguida, desapareceram.

– Evidentemente – murmurou Ian, olhando para o diário.

– Foi assunto dos jornais por mais ou menos uma semana – continuou Brianna. – Os outros ativistas acusaram o governo de ter dado sumiço neles, temendo que, durante o julgamento, viessem à tona informações que o deixariam em maus lençóis. Claro que o governo negou. Então houve uma grande busca, e acho que me lembro de ter lido que encontraram o corpo de um dos desaparecidos em uma mata em New Hampshire ou Vermont, algo assim... Mas não souberam dizer como ele tinha morrido... e ninguém conseguiu achar sinal dos outros.

– *Onde eles estarão?* – perguntei baixinho, sentindo os pelos do pescoço

se arrepiarem. – *Ah, Deus, meu Deus, onde eles estarão?*

Jamie assentiu com seriedade.

– Sim. Bem, acho que esse Springer pode muito bem ser o sujeito de quem você está falando.

Tocou a página diante de si, com algo similar a respeito.

– Ele e seus quatro companheiros renunciaram a toda e qualquer relação com o mundo dos brancos, adotando novos nomes de seus verdadeiros ancestrais, ou assim diziam.

– Seria o certo a fazer – disse Ian, baixinho.

Ele agia com uma estranha calma, e eu me lembrei de que nos últimos dois anos ele tinha sido moicano, livre de seu sangue branco, adotando o novo nome de Irmão do Lobo – um dos Kahnyen’kehaka, os Guardiões do Portão Ocidental.

Achei que Jamie também havia percebido essa calma, mas ele mantinha os olhos no diário, folheando as páginas devagar conforme resumia o conteúdo.

Robert Springer, ou Ta’wineonawira, Dente de Lontra, como ele escolheu se chamar dali em diante, tinha muitas ligações com o mundo sombrio das políticas extremistas e com as sombras ainda mais profundas do que ele chamava de xamanismo nativo americano. Eu não tinha ideia da semelhança existente entre o que ele fazia e as crenças originais dos iroqueses, mas Dente de Lontra acreditava ser descendente dos moicanos e abraçou os resquícios daquela tradição conforme conseguiu encontrá-los ou inventá-los.

Foi em uma cerimônia de batismo que eu conheci Raymond. Eu me empertiguei de repente ao ouvir isso. Ele havia mencionado Raymond no começo, mas eu não tinha prestado atenção ao nome na ocasião.

– Ele descreve esse Raymond? – perguntei, ansiosa.

Jamie balançou a cabeça.

– Não a aparência. Ele diz apenas que Raymond era um grande xamã, capaz de se transformar em pássaros ou animais e de viajar no tempo – acrescentou baixinho.

Olhou para mim, erguendo a sobrancelha.

– Não sei – falei. – Eu até pensei nisso, certa vez... mas agora não sei.

– O que foi?

Brianna olhava para nós dois, confusa. Balancei a cabeça, ajeitando meus cabelos para trás.

– Nada importante. Eu conheci um homem em Paris chamado Raymond e pensei que... Mas o que, em nome de Deus, ele estaria fazendo nos Estados Unidos em 1968? – perguntei, espantada.

– Bem, você estava lá, não estava? – disse Jamie. – Mas deixando isso de lado por ora...

Ele voltou ao texto, enunciando tudo no inglês estranhamente pomposo da tradução: intrigado com Raymond, Dente de Lontra encontrou-se diversas vezes com o sujeito e também levou vários amigos seus até ele. Aos poucos, o projeto, *um plano espetacular e audacioso, surpreendente em sua concepção, foi arquitetado.*

– Modesto, não? – murmurou Roger.

“Houve um teste. Muitos fracassaram, mas eu não. Cinco de nós passaram no teste, ouvimos a voz do tempo, juramos com nosso sangue e pelo nosso sangue que íamos empreender essa grande aventura, resgatar nosso povo da catástrofe. Reescreveríamos sua história e repararíamos as injustiças cometidas contra eles...”

Roger soltou um gemido baixo.

– Ah, Deus – murmurou. – O que pretendiam fazer? Matar Cristóvão Colombo?

– Não exatamente – ponderei. – Ele disse que pretendia chegar antes de 1600. O que aconteceu nessa época, você sabe?

– Eu não sei o que aconteceu nessa época – respondeu Jamie, passando a mão pelos cabelos –, mas sei muito bem o que ele achava que estava fazendo. Seu plano era ir à Liga Iroquesa para incitá-los contra os colonizadores brancos. Ele acreditava que havia poucos colonos na época e que os índios

poderiam acabar facilmente com eles se os iroqueses os liderassem.

– Talvez ele tivesse razão – disse Ian baixinho. – Ouvi os anciãos contarem histórias. Sobre como os primeiros O’seronni vieram, como foram recebidos, como trouxeram mercadorias para permutar. Há cem anos, os O’seronni eram poucos... e os Kahnyen’kehaka eram os chefes, os líderes das nações indígenas. Sim, podiam ter feito isso, se quisessem.

– Sim, mas ele não teria como deter os europeus – replicou Brianna. – Eles eram muitos. Ele não queria que os moicanos invadissem a Europa, queria?

Jamie abriu um largo sorriso diante da ideia.

– Eu gostaria de ter visto isso – disse ele. – Os moicanos teriam dado aos Sassenachs algo com que se preocupar. Mas não – olhou para mim com sarcasmo –, nosso amigo Robert Springer não era *tão* ambicioso.

O que Dente de Lontra e seus companheiros tinham em mente era bastante ambicioso e talvez... quem sabe?... possível. Eles não tinham a intenção de impedir totalmente o assentamento de brancos. Eram lúcidos o suficiente para compreender a impossibilidade disso. O que pretendiam era alertar os índios a respeito dos brancos, para estabelecerem o comércio *nos seus termos*, negociando de uma posição de poder.

– Em vez de permitir que se estabelecessem em grupos numerosos, poderiam manter os brancos restritos a pequenas cidades. Em vez de permitir que construíssem fortificações, podiam exigir armas desde o começo. Estabelecer o comércio em seus termos. Mantê-los sempre em menor número e com menos armas, forçando os europeus a ensiná-los a manipular o metal.

– *Prometheus redux* – falei, e Jamie riu.

Roger balançou a cabeça, admirado.

– É um plano maluco, mas temos que reconhecer a audácia do grupo. Poderia ter funcionado... se ele conseguisse convencer os iroqueses e se eles agissem na hora certa, antes que a balança de poder pendesse para o lado dos europeus. Mas tudo deu errado, não foi? Primeiro, ele foi parar na época errada, tarde demais, depois percebeu que nenhum de seus amigos completou a jornada com ele.

Eu vi os braços de Brianna se arrepiarem e percebi como ela olhou para mim – um olhar de súbita compreensão. Ela havia imaginado como seria chegar de repente a outra época... sozinha.

Abri um sorriso para ela e toquei o braço de Jamie. Distraído, ele pousou a mão sobre a minha e apertou-a de leve.

– Sim. Ele quase se desesperou quando viu que tudo tinha dado errado. Pensou em voltar, mas não tinha mais uma pedra preciosa, e Raymond dissera que era preciso ter uma para se proteger.

– Ele acabou encontrando uma, no entanto – falei.

Ficando de pé, estendi a mão para a prateleira de cima e peguei a grande opala bruta, o fogo interior tremeluzindo através da espiral esculpida na superfície.

– Isto é, supondo que não possa haver vários índios chamados Dente de Lontra relacionados a Snaketown.

Tewaktenyongh, uma velha índia moicana e líder do Conselho das Mães, me dera a pedra quando fomos à aldeia de Snaketown salvar Roger do cativeiro. Ela também havia me contado a história de Dente de Lontra e de como ele morrera – e eu estremei, embora estivesse quente na sala.

A grande pedra lisa esquentava em minha mão; esfreguei o polegar cuidadosamente sobre a espiral. *A cobra que engole a própria cauda*, dissera ele.

– Sim. Ele não menciona isso, no entanto. – Jamie se recostou, passando as mãos pelos cabelos soltos e, em seguida, esfregando a mão no rosto. – A história termina quando ele decide que não há alternativa. Qualquer que fosse o ano, e ele não fazia a menor ideia de qual era, e quer estivesse sozinho, quer não, ele levaria o plano adiante.

Todos fizeram silêncio por um instante, pensando na grandeza – e na inutilidade – daquele plano.

– Não é possível que ele tenha imaginado que podia dar certo – disse Roger, a voz grave e rouca encerrando a questão.

Jamie balançou a cabeça, fitando o livro, embora seus olhos obviamente estivessem vendo através dele, azuis e distantes.

– E de fato não imaginou – murmurou. – O que ele falou, no fim – Jamie tocou a página com delicadeza –, foi que milhares de seu povo morreram lutando por sua liberdade, e outros milhares morreriam nos anos seguintes. Ele percorreria o caminho que eles percorreram, pois honrar seu sangue e morrer lutando era tudo o que um guerreiro moicano podia querer.

Ouvi Ian inspirar ofegante atrás de mim e Brianna abaixar a cabeça, os cabelos brilhosos escondendo seu rosto. Roger se virou para ela, com o semblante sério – mas eu não via nenhum deles. Eu via um homem com o rosto pintado de preto para enfrentar a morte caminhando por uma floresta úmida à noite, segurando uma tocha que ardia com uma chama fria.

Um puxão em minha saia desfez essa visão, eu olhei para baixo e vi Jemmy de pé ao meu lado, segurando minha mão.

– Que isso?

– O que... Ah! É uma pedra, querido. Uma pedra linda, está vendo?

Estendi a opala para ele, que a segurou com as duas mãos e se sentou para examiná-la. Brianna limpou o nariz, emocionada, e Roger pigarreou forte.

– O que quero saber – disse ele com a voz áspera, gesticulando na direção do diário – é por que diabos ele escreveu isso em latim?

– Ah. Ele explica por quê. Ele aprendeu latim na escola, e talvez tenha sido isso o que o fez se voltar contra os europeus. – Jamie riu para o Jovem Ian, que fez uma careta. – E achou que, se escrevesse em latim, quem o lesse pensaria se tratar apenas do breviário de algum padre e não daria atenção.

– Eles realmente acharam que era, os Kahnyen'kehaka – observou Ian. – Mas a velha Tewaktenyonh guardou o livro. E quando eu... parti, ela o entregou a mim e disse que eu deveria trazê-lo comigo e entregá-lo a você, tia Claire.

– A mim?

Senti certa hesitação em encostar no livro, mas ainda assim estendi a mão e toquei as páginas abertas. A tinta, pelo que percebi, havia começado a secar mais para o fim, as letras sumiam ou falhavam, e algumas palavras eram apenas marcas no papel. Será que ele tinha jogado fora a caneta vazia ou a guardara como uma lembrança inútil de seu futuro desaparecido?

– Acha que ela sabia o que estava escrito no livro? – perguntei.

O rosto de Ian manteve-se impassível, mas seus meigos olhos castanhos pareciam um pouco confusos. Quando era escocês, não costumava esconder seus sentimentos.

– Não sei – respondeu ele. – Ela sabia *alguma coisa*, mas não sei dizer o quê. Ela não me contou, falou apenas que eu devia trazer o livro para você. – Hesitou, olhando de mim para Brianna e Roger, depois para mim de novo. – É verdade? – perguntou ele. – O que você contou, prima, sobre... o que vai acontecer aos índios?

Ela ergueu o olhar, encarando-o, e assentiu.

– Receio que sim – disse baixinho. – Sinto muito, Ian.

Ele apenas assentiu, esfregando o nó do dedo na ponte do nariz, mas eu fiquei pensando.

Eu sabia que ele não havia renegado o próprio povo, mas os Kahnyen'kehaka também eram seu povo. Não importava o que o fizera partir.

Eu estava abrindo a boca para perguntar a Ian sobre sua mulher quando ouvi Jemmy. Ele havia voltado para debaixo da mesa com seu prêmio e mantinha com ele uma conversa amigável, ainda que ininteligível, havia vários minutos. Mas sua voz mudou repentinamente, ganhando um tom assustado.

– Quente – disse ele –, mamãe, QUENTE!

Brianna já se levantava do banco, com um olhar de preocupação, quando ouvi o barulho. Era um zumbido estridente, como o estranho assovio de um copo de cristal quando se corre um dedo molhado por sua borda várias e várias vezes. Roger endireitou-se, assustado.

Brianna se abaixou, tirou Jemmy de baixo da mesa e, ao se levantar com ele, ouviu-se um estouro repentino, como o estampido de um tiro, e o zumbido parou de repente.

– Santo Deus – disse Jamie, um pouco calmo demais diante das circunstâncias.

Faíscas apareceram na prateleira, nos livros, nas paredes e nas grossas pregas das saias de Brianna. Uma delas zuniu bem próximo à cabeça de

Roger, passando de raspão por sua orelha; um fio fino de sangue escorria por seu pescoço, embora ele não parecesse ter notado ainda.

Vários pontos brilhantes cintilavam sobre a mesa, uma chuva dos estilhaços afiados que haviam sido lançados para cima através da madeira de mais de 2 centímetros de espessura. Ouvi Ian emitir uma exclamação aguda e o vi abaixar-se para retirar um fragmento de sua panturrilha. Jemmy começou a chorar. Do lado de fora, Rollo latia furiosamente.

A opala havia explodido.

Ainda estava claro; a chama da vela era quase invisível, não mais do que uma ondulação de calor na luz do fim de tarde que entrava pela janela. Jamie apagou a vareta que havia utilizado para acendê-la e sentou-se a sua escrivaninha.

– Você não sentiu nada estranho na pedra quando a entregou ao menino, Sassenach?

– Não. – Eu ainda estava atordoada com a explosão, os ecos do estampido misterioso em meu ouvido. – Senti algo quente, mas tudo no cômodo estava meio quente, e certamente não estava fazendo aquele barulho.

– Barulho? – Ele olhou para mim sem entender. – Quando explodiu, você quer dizer?

Foi a minha vez de olhar para ele, desconfiada.

– Não, antes disso. Você não ouviu?

Ele balançou a cabeça, uma pequena ruga surgindo entre seus olhos, e eu olhei para os outros presentes. Bree e Roger assentiram – ambos pareciam pálidos e nauseados –, mas Ian negou, parecendo ao mesmo tempo interessado e confuso.

– Eu não ouvi nada – disse ele. – Como era o barulho?

Brianna abriu a boca para responder, mas Jamie ergueu a mão para interrompê-la.

– Um momento, *a nighean*. Jem, *a ruradh*, você ouviu um barulho antes da explosão?

Jemmy parecia ter se acalmado, mas ainda estava aninhado no colo da mãe, com o polegar na boca. Encarou o avô, arregalando os olhos azuis, que já começavam a ficar amendoados, e assentiu devagar, sem tirar o dedo da boca.

– E a pedra que a vovó deu a você... estava quente?

Jemmy lançou um olhar acusatório em minha direção e aquiesceu outra vez. Senti uma leve onda de culpa, seguida de outra bem maior quando pensei no que poderia ter acontecido se Bree não o tivesse pegado imediatamente.

Nós havíamos retirado a maior parte dos estilhaços da madeira; estavam sobre a mesa em um montinho. Um deles havia cortado um pedacinho da pele do nó de meu dedo. Eu o levei à boca, sentindo o gosto metálico do sangue.

– Santo Deus, esses pedaços são afiados como estilhaços de vidro.

– São estilhaços de vidro.

Brianna apertou Jem ainda mais contra si.

– Vidro? Você quer dizer que não era uma opala de verdade?

Roger ergueu as sobrancelhas, inclinando-se para a frente a fim de pegar um dos pedaços, afiado como uma agulha.

– Claro que era, mas opalas são vidro. Na realidade, vidro vulcânico. Pedras preciosas têm uma estrutura cristalina que as torna bonitas; a das opalas é quebradiça se comparada à maioria das outras.

O rosto de Brianna começava a ganhar cor de novo, embora ela continuasse abraçando o filho.

– Eu sabia que era possível quebrar uma opala com uma martelada ou algo assim, mas nunca ouvi falar em uma que fizesse *isso*.

Ela meneou a cabeça, indicando a pilha de fragmentos brilhantes perto do filho.

Jamie pegou um grande com o indicador e o polegar e o estendeu para mim.

– Coloque-o na mão, Sassenach. Está quente?

Peguei o pedaço irregular da pedra com cautela. Era fino, não pesava

quase nada, e era translúcido, lançando vívidas faíscas azuis e cor de laranja.

– Sim – falei, movimentando-o na palma da mão com cuidado. – Não muito quente, mas na temperatura da pele.

– Para mim ela está fria – disse Jamie. – Dê o pedaço a Ian.

Entreguei-o ao jovem, que o colocou na palma da mão e passou a ponta de um dos dedos sobre ele, como se fosse um pequeno animal que poderia mordê-lo se incomodado.

– Para mim está frio – revelou ele. – Como um pedaço de vidro, como a prima Brianna disse.

Depois de experimentarmos um pouco mais, concluímos que a pedra parecia quente – mas não muito – para Brianna, para Roger e para mim, mas não para Jamie e Ian. A essa altura, a cera no topo da grande vela-relógio havia derretido, permitindo que Jamie retirasse as pedras preciosas que estavam ali. Ele pegou todas elas, limpou o que restava da cera quente com o lenço e colocou-as em fila na beirada da escrivaninha para que esfriassem.

Jemmy olhou para elas com grande interesse, aparentemente esquecendo-se da aventura malsucedida.

– Gosta destas, *a ghille ruaidh*? – perguntou Jamie, e ele assentiu na mesma hora, inclinando-se para fora do colo da mãe para tentar pegar as pedras.

– Quente – disse ao se lembrar, e retraiu-se, indeciso. – Quente?

– Bem, espero que não – respondeu o avô. Ele respirou fundo e pegou a esmeralda, uma pedra grosseiramente lapidada do tamanho da unha de seu polegar. – Estenda a mão, *a bhalaich*.

Brianna parecia querer protestar, mas mordeu o lábio inferior e incentivou Jemmy a fazer o que o avô pedira. Ele pegou a pedra, ainda desconfiado, mas o ar de cautela logo se desfez em um sorriso quando ele olhou para a pedra.

– Pedra bonita!

– Está quente? – perguntou Brianna, preparada para arrancá-la de sua mão.

– Sim, quente – disse ele, satisfeito, segurando-a contra a barriga.

– Deixe a mamãe ver. – Com um pouco de dificuldade, Brianna

conseguiu encostar os dedos na pedra, embora Jemmy não quisesse soltá-la. – Está morna – disse ela, levantando a cabeça. – Como o pedaço de opala, mas não muito quente. Se ficar muito quente, você deve soltar a pedra *depressa*, está bem? – ordenou ela a Jemmy.

Roger observava a cena, fascinado.

– Ele tem, não tem? – perguntou ele. – Cinquenta por cento de chance, você disse, ou três chances em quatro, dependendo...

– O quê?

Jamie olhou para Roger, depois para mim, erguendo a sobrancelha, confuso.

– Acho que ele pode... viajar – falei, sentindo um aperto no peito diante da ideia. – Você sabe o que Dente de Lontra disse... – Meneei a cabeça, indicando o diário, que estava esquecido sobre a mesa. – Ele disse que precisaram fazer um teste... para ver se podiam ouvir “a voz do tempo”. Sabemos que nem todo mundo pode... fazer isso. – Eu me senti um tanto constrangida falando do assunto na presença de Ian. – Mas algumas pessoas podem. Pelo que Dente de Lontra disse, havia uma maneira de descobrir quem podia e quem não podia, com antecedência, sem ter que experimentar de verdade.

Jemmy não estava nem um pouco interessado na conversa dos adultos, apenas se balançava para a frente e para trás, balbuciando para a pedra presa na mão gorducha.

– Você acha que a “voz do tempo” é... Jem, você consegue ouvir a pedra? – Roger se inclinou para a frente, segurando o braço de Jemmy para desviar sua atenção da esmeralda. – Jem, a pedra está cantando para você?

Jemmy olhou para cima, surpreso.

– Não – disse ele, em dúvida, mas em seguida acrescentou: – Sim. – Levou a pedra ao ouvido, franzindo a testa, e a jogou para Roger. – Você canta, papai!

Roger pegou a esmeralda com cuidado, sorrindo para Jemmy.

– Não sei nenhuma canção de pedras – falou ele com a voz grave e rouca. – A menos que seja uma dos Rolling Stones.

Levou a pedra ao ouvido, envergonhado. Prestou atenção, franzindo a testa, depois abaixou a mão, balançando a cabeça.

– Não... não consigo, eu não poderia afirmar que *ouço* alguma coisa. No entanto... veja, tente você.

Entregou a pedra a Brianna, que em seguida a passou para mim. Nenhum de nós ouviu nada em especial, mas achei que podia discernir algo se ouvisse com muito cuidado. Não exatamente um som, era mais a sensação de uma vibração muito, muito fraca.

– O que foi? – perguntou Ian. Ele estava acompanhando nossos experimentos com grande interesse. – Vocês não são *sìdheanach*, vocês três... mas por que conseguem fazer... o que fazem, e tio Jamie e eu não conseguimos? Você não consegue, não é, tio? – perguntou ele, em dúvida.

– Não, graças a Deus – respondeu o tio.

– É genético, não é? – perguntou Brianna, erguendo o olhar. – Só pode ser.

Jamie e Ian pareceram desconfiados ao ouvir o termo desconhecido.

– Genético? – indagou Ian.

Suas sobrancelhas arrepiadas uniram-se em uma expressão de perplexidade.

– Por que não seria? – falei. – Todo o resto é... tipo de sangue, cor dos olhos.

– Mas todos têm olhos e sangue, Sassenach – objetou Jamie. – Qualquer que seja a cor dos olhos de uma pessoa, todo mundo pode ver. Isto...

Com a mão, indicou a pequena coleção de pedras.

Suspirei com impaciência.

– Sim, mas há outras coisas que são genéticas. Tudo, se pensarmos bem! Veja...

Eu me virei para ele e coloquei a língua para fora. Jamie piscou, e Brianna deu uma risadinha diante da expressão dele.

Sem dar atenção, coloquei a língua para dentro e então para fora de novo, desta vez com a ponta virada para cima, formando um cilindro.

– E agora? – perguntei, fechando a boca outra vez. – Consegue fazer isso?

Jamie pareceu achar graça.

– Claro que consigo. – Botou para fora a língua enrolada e a contorceu, demonstrando, em seguida a recolheu de novo. – Todo mundo consegue fazer isso, não? Ian?

– Ah, sim, claro – afirmou Ian, fazendo o mesmo. – Qualquer um.

– Eu não consigo – disse Brianna.

Jamie olhou para ela, desconcertado.

– Como assim não consegue?

– Blah. – Ela esticou a língua plana e a mexeu de um lado para o outro. – Não consigo.

– Claro que consegue. – Jamie franziu a testa. – Veja, é simples. Qualquer um consegue fazer isso!

Ele colocou a língua para fora outra vez, enrolando-a e desenrolando-a como um tamanduá incentivando ansiosamente o filhote na direção de um apetitoso aglomerado de insetos. Olhou para Roger com as sobrancelhas erguidas.

– Era de esperar que sim, não é? – disse Roger melancolicamente.

Ele esticou a própria língua, sem conseguir enrolá-la.

– Viu? – falei de modo triunfante. – Algumas pessoas conseguem enrolar a língua e outras simplesmente não conseguem. Não é algo que se possa aprender: ou a pessoa nasce com isso ou não nasce.

Jamie olhou de Bree para Roger e novamente para a filha, franzindo o cenho, depois se virou para mim.

– Supondo que você tenha razão, por que ela não consegue fazer isso, se você e eu conseguimos? Você garantiu que ela é minha filha, certo?

– Ela é sua filha, pode ter certeza – falei. – Como todo mundo que tem olhos pode ver.

Ele olhou para Brianna, observando como ela era alta e esbelta, admirando sua cabeleira ruiva. Ela sorriu, semicerrando os olhos azuis. Ele sorriu de volta e virou-se para mim, dando de ombros com bom humor.

– Bem, vou aceitar sua palavra, Sassenach, porque é uma mulher honrada. Mas e a língua?

Ele enrolou a própria língua outra vez, com ar de dúvida, ainda sem conseguir acreditar que alguém não pudesse fazer isso se realmente tentasse.

– Bem, você sabe de onde vêm os bebês – comecei. – O óvulo e o...

– Eu sei – disse ele, com a voz um pouco vacilante.

As pontas de suas orelhas ficaram ligeiramente rosadas.

– Quer dizer, é preciso algo da mãe e algo do pai. – Eu senti meu rosto ligeiramente corado, mas continuei heroicamente: – Às vezes a influência do pai é mais visível que a da mãe. Às vezes é o contrário. Mas... hum.... as duas influências estão presentes. Nós as chamamos de genes: aquilo que os bebês recebem dos pais que determina a aparência e as habilidades do filho.

Jamie olhou para Jemmy, que cantarolava outra vez, concentrado em tentar equilibrar uma pedra preciosa em cima da outra, a luz do sol se refletindo em seus cabelos ruivos. Os olhos de Jamie encontraram os de Roger e ele rapidamente olhou de novo para mim.

– Sim, e daí?

– Bem, os genes afetam mais do que simplesmente a cor dos cabelos ou dos olhos. Mas – falei, animada com a aula – cada pessoa tem dois genes para cada característica, um do pai, outro da mãe. E quando os... hum... gametas são formados nos ovários e testículos...

– Talvez seja melhor me contar sobre isso mais tarde, Sassenach – interrompeu Jamie, olhando para Brianna de soslaio.

Estava claro que ele não considerava adequado que sua filha ouvisse a palavra “testículos”; suas orelhas estavam ardendo.

– Tudo bem, pai. Eu sei de onde vêm os bebês – garantiu Bree, rindo.

– Muito bem – falei, retomando o controle da conversa. – Temos um par de genes para cada traço, um gene da mãe e outro do pai, mas na hora de passá-los aos filhos, só podemos passar um do par. Porque a criança vai obter outro gene do outro membro do casal, entendem?

Ergui a sobrancelha para Jamie e Roger, que assentiram ao mesmo tempo, como se estivessem hipnotizados.

– Certo. Bem, então, alguns genes são dominantes e outros, recessivos. Se uma pessoa tem um gene dominante, então é esse que vai se expressar, que

vai ser visível. Ela pode ter outro gene recessivo, que não pode ser visto, mas ainda assim pode ser passado para o filho.

Minha plateia parecia atenta.

– Você com certeza aprendeu isso na escola, Roger, certo? – perguntou Bree, rindo.

– Bem, sim – murmurou ele –, mas acho que não estava prestando muita atenção na época. Afinal, eu não achava que isso pudesse ser de fato importante.

– Certo – falei com seriedade. – Muito bem, então. Você e eu, Jamie, evidentemente temos um dos genes dominantes que nos possibilita enrolar a língua, mas – continuei, erguendo um dedo – devemos ter também um gene recessivo, que não permite essa habilidade. E, logicamente, cada um de nós transmitiu o gene recessivo a Bree. Portanto, ela não consegue enrolar a língua. Da mesma maneira, Roger deve ter duas cópias de genes recessivos que não permitem que ele enrole a língua. Já que, se ele tivesse ao menos um dos genes dominantes, poderia fazê-lo, mas não consegue.

Fiz uma reverência.

– O que é “testico”? – perguntou uma vizinha baixa.

Jemmy havia deixado as pedras de lado e olhava para mim com muito interesse.

– Ahn... – balbuciei.

Olhei ao redor da sala, em busca de ajuda.

– É a palavra em latim para as suas bolas, rapaz – disse Roger com a expressão séria, contendo um sorriso.

Jemmy pareceu muito interessado.

– Bolas? Onde tenho bolas?

– Hã... – disse Roger, olhando para Jamie.

– Hum – fez Jamie, fitando o teto.

– Bem, você está vestindo um kilt, tio Jamie – comentou Ian, rindo.

Jamie olhou para o sobrinho como quem se sentia muito traído, mas antes que pudesse se mover, Roger já havia se inclinado para a frente e colocado a mão delicadamente entre as pernas de Jemmy.

– Bem aqui, *a bhalaich* – disse ele.

Jemmy levou a mão aos testículos depressa, em seguida olhou para Roger com as pequenas sobrancelhas ruivas franzidas, sem entender.

– Não é bola. É pintinho!

Jamie suspirou fundo e ficou de pé. Fez sinal com a cabeça para Roger, depois se abaixou e pegou Jemmy pela mão.

– Tudo bem. Vamos lá fora comigo e com seu pai e nós vamos lhe mostrar.

O rosto de Bree estava vermelho como seus cabelos, e seus ombros estremeceram levemente. Roger, também corado, abriu a porta e deu um passo para o lado para Jamie e Jem passarem.

Não acho que Jamie tenha parado para pensar; em um ímpeto, virou-se para Jemmy, formando um rolo com a língua, colocando-a para fora.

– Consegue fazer isso, *a ruaidh*? – perguntou ele, colocando a língua para dentro outra vez.

Brianna inspirou com força, com um som como o de um pato assustado, e ficou paralisada. Roger também, os olhos fixos em Jemmy, como se o menino fosse um aparato explosivo engatilhado para explodir como a opala.

Tarde demais, Jamie percebeu o que fizera e empalideceu.

– Merda – disse ele, devagar, quase em um sussurro.

Os olhos de Jemmy se arregalaram.

– Feio, vovô! Palavra feia. Não é, mamãe?

– Sim – respondeu Brianna com os olhos semicerrados, voltados para Jamie. – Vamos ter que lavar a boca do vovô com sabão, não é?

A cara dele era de quem já tinha comido um bocado de sabão, e sabão de lixívia, para piorar.

– Sim – disse ele e pigarreou. O rubor havia desaparecido de seu rosto. – Sim, foi muito feio o que eu disse, Jeremiah. Peço desculpas às senhoras. – Fez uma reverência muito formal para mim e para Brianna. – *Je suis navré, mesdames. Et monsieur* – acrescentou baixinho para Roger, que assentiu com um movimento quase imperceptível.

Ainda olhava para Jemmy, mas suas pestanas estavam baixas e o rosto

cuidadosamente impassível.

Jemmy fez a carinha de encantado que fazia sempre que alguém falava francês perto dele e – como Jamie queria, claramente – e contribuiu de imediato com o que sabia daquele idioma de arte e cavalheirismo.

– *Frère Jacques, Frère Jacques...*

Roger olhou para Bree, e algo pareceu se passar entre eles. Ele se abaixou e pegou a outra mão de Jem, interrompendo a música temporariamente.

– Então, *a bhalaich*, consegue fazer isso ou não?

– *FRÈRE...* Fazer o quê?

– Olhe para o vovô.

Roger inclinou a cabeça indicando Jamie, que respirou fundo e colocou a língua para fora, enrolada.

– Consegue fazer isso? – perguntou Roger.

– *Caro*. – Jemmy sorriu e colocou a língua para fora. Reta. – Blé.

Todos suspiraram ao mesmo tempo. Jemmy, sem perceber, impulsionou as pernas para cima, suspenso pelas mãos de Jamie e Roger, em seguida pousou os pés no chão outra vez, lembrando-se de sua pergunta.

– O vovô tem bolas? – perguntou ele, puxando as mãos dos homens e inclinando a cabeça bem para trás a fim de olhar para Jamie.

– Sim, rapaz, tenho – disse Jamie com seriedade. – Mas as do seu pai são maiores. Vamos, então.

Ao som do cantarolar desafinado de Jemmy, os homens o levaram para fora, pendurado como um gibão entre eles, os joelhos erguidos até o queixo.

HOMEM DE GUERRA

Esfarelei folhas secas de sálvia nas mãos, deixando os pedacinhos verde-acinzentados caírem sobre as brasas. O sol já estava baixo no céu, acima das castanheiras, mas o pequeno cemitério estava tomado pelas sombras e o fogo ardia, intenso.

Nós cinco formamos um círculo ao redor do pedaço de granito com o qual Jamie havia marcado a sepultura do desconhecido. *Éramos cinco, então formamos um círculo, ficando em pontos equidistantes.* Por consenso geral, não foi apenas pelo homem com as obturações de platina, mas por seus quatro companheiros desconhecidos – e por Daniel Rawlings, cuja sepultura definitiva ficava sob um freixo da montanha ali perto.

A fumaça subia da pequena panela de ferro, clara e aromática. Eu também havia levado outras ervas, mas sabia que, para os tuscarroras, os cherokees e os moicanos, a sálvia era sagrada, sua fumaça representava purificação.

Esfreguei agulhas de zimbro entre as mãos dentro do fogo, seguidas de arruda e alecrim.

As folhas das árvores próximas farfalhavam lentamente à brisa da tarde e o crepúsculo iluminava a fumaça que se desprendia das brasas, transformando-a de cinzenta em dourada, conforme se erguia para a abóbada do céu, onde as estrelas mais fracas aguardavam.

Jamie levantou a cabeça, incendiada por um fogo quase tão brilhante quanto as brasas aos seus pés, e olhou para o oeste, para onde voam as almas dos mortos. Falou baixinho, em gaélico, mas todos já sabíamos o suficiente para entender.

*“Tu vais para casa esta noite, para tua casa de inverno,
Para tua casa de outono, de primavera e de verão;
Tu vais para casa esta noite, para tua casa eterna,
Para tua cama eterna, para teu descanso eterno.*

*Que o sono das sete luzes seja teu, ó irmão,
Que o sono das sete alegrias seja teu, ó irmão,
Que o sono dos sete descansos seja teu, ó irmão,
Nos braços de Jesus das bênçãos, do Cristo de Graças.*

*A sombra da morte toma teu rosto, amado,
Mas o Jesus das Graças tem Sua mão ao teu redor;
Junto à Trindade não há mais sofrimento,
Cristo está diante de ti e a paz está em Sua mente.”*

Ian permaneceu ao lado dele, sem tocá-lo. A luz pálida iluminava seu rosto, destacando suas cicatrizes. Primeiro fez a prece na língua moicana, depois em inglês, para nós.

*“Que a caça seja bem-sucedida,
Que seus inimigos sejam destruídos diante de seus olhos,
Que seu coração seja eternamente alegre no abrigo de seus
irmãos.”*

– Deve-se repetir essa prece inúmeras vezes – acrescentou ele, abaixando a cabeça, como se pedisse desculpas. – Com os tambores, entendem? Mas acho que uma vez é suficiente agora.

– Está bem assim, Ian – assegurou-lhe Jamie, e em seguida olhou na direção do genro.

Roger tossiu e pigarreou, depois falou, com a voz rouca tão clara e tão penetrante quanto a fumaça:

*“Senhor, faz-me saber meu fim,
E a medida de meus dias, qual seja;
Para que eu saiba quão frágil sou.
O Senhor fez meus dias como palmos;
E minha idade não é nada diante de Ti.
Ouve minha súplica, ó Senhor, e ouve meu grito;
Não te cales à vista de minhas lágrimas,
Pois para Ti sou como um forasteiro.
E um peregrino, como todos os meus pais.”*

Permanecemos quietos enquanto a escuridão nos envolvia silenciosamente. Quando a luz desapareceu e as folhas acima de nós perderam seu brilho, Brianna pegou a jarra de água e a virou sobre a panela de brasas. Fumaça e vapor elevaram-se em uma nuvem fantasmagórica, e o cheiro da lembrança embrenhou-se entre as árvores.

Já estava quase escuro quando descemos a estreita trilha de volta para casa. Eu via Brianna à minha frente, liderando o grupo; os homens vinham um pouco atrás de nós. Os vaga-lumes revoavam em bandos, espalhando-se entre as árvores e iluminando o capim junto aos meus pés. Um deles faiscou nos cabelos de Brianna e ficou agarrado ali por um momento, piscando.

Um bosque ao entardecer é dominado por um profundo silêncio, que induz o coração a ficar calmo e os pés a pisarem a terra de leve.

– Você já pensou, então, *a cliamhuinn*? – perguntou Jamie, atrás de mim.

Sua voz era baixa, o tom bastante amistoso, mas a maneira formal de falar deixava claro que a pergunta era séria.

– Em quê?

A voz de Roger estava calma, mais baixa devido à cerimônia, e quase não dava para perceber a rouquidão.

– No que pretendem fazer, você e sua família. Agora que sabem que o menino pode atravessar, e o que isso pode significar, se ficarem.

O que poderia significar para todos eles. Respirei fundo, inquieta. Guerra. Batalha. Incerteza, o perigo a única certeza. Perigo de doença ou acidente, para Brianna e Jem. Perigo de morte no trabalho de parto, se ela engravidasse outra vez. E quanto a Roger, perigo tanto de corpo quanto de alma. Sua mente estava curada, mas eu via a imobilidade no fundo de seus olhos quando ele pensava em Randall Lillywhite.

– Ah, sim – respondeu Roger, baixinho, sem que eu o visse, atrás de mim.
– Já pensei... e ainda estou pensando... *m’athair-cèile*.

Esbocei um sorriso ao ouvi-lo chamar Jamie de “sogra”, mas o tom de sua voz era totalmente sério.

- Devo contar o que penso? E você conta a mim?
- Sim, faça isso. Ainda há tempo para pensar.
- Tenho pensado, ultimamente, em Hermon Husband.
- O quacre?

Jamie pareceu surpreso. Husband deixara a colônia com a família depois da batalha de Alamance. Acreditava ter ouvido alguém dizer que ele foi para Maryland.

– Sim, ele mesmo. O que acha que poderia ter acontecido se ele não fosse um quacre? Se tivesse seguido em frente e deixado os reguladores travarem sua guerra?

Jamie resmungou um pouco, pensando.

– Não sei – respondeu, embora parecesse interessado. – Está dizendo que eles poderiam ter sido bem-sucedidos se tivessem um líder adequado?

– Sim. Ou talvez não... Eles não tinham armas, afinal, mas teriam se saído melhor se tivessem. E se tivesse sido assim...

Já estávamos avistando a casa. Víamos as janelas de trás iluminadas conforme a lareira e as velas eram acesas para a noite e o jantar.

– Estou pensando no que vai acontecer aqui... No que aconteceria se os reguladores tivessem sido bem liderados... Talvez tivesse começado aqui mesmo, não daqui a três anos, em Massachusetts.

– É? E se fosse assim, o que aconteceria?

Roger emitiu um ruído, o equivalente verbal a um dar de ombros.

– Quem sabe? Eu sei o que está acontecendo na Inglaterra agora. Eles não estão prontos, não fazem a menor ideia do que estão arriscando aqui. Se a guerra acontecesse de repente, sem aviso prévio, se tivesse acontecido em Alamance, poderia se espalhar rapidamente e terminar antes que os ingleses tivessem sequer ideia do que estava acontecendo. Anos de guerra poderiam ter sido poupados, milhares de vidas poderiam ter sido salvas.

– Ou não – disse Jamie, sério, e Roger riu.

– Ou não – concordou ele. – Mas o problema é o seguinte: acho que há momentos para homens de paz e momentos para homens de guerra também.

Brianna havia chegado à casa, mas se virou e esperou pelo resto de nós. Ela também estava ouvindo a conversa.

Roger parou ao seu lado, olhando para cima. Faíscas voavam da chaminé em uma chuva de fogos de artifício, iluminando seu rosto com a claridade.

– Você me chamou – disse ele finalmente, ainda olhando para cima, para a escuridão sendo iluminada. – Na Reunião, junto à fogueira.

– *Seas vi mo lâmh, Roger an t’oranaiche, mac Jeremiah mac Choinneich* – falou Jamie com calma. – Sim, é verdade. Fique ao meu lado, Roger, o cantor, filho de Jeremiah.

– *Seas vi mo lâmh, a mhic mo thaighe* – disse Roger. – Fique ao meu lado, filho da minha casa. Estava falando sério?

– Você sabe que sim.

– Então eu também falo.

Ele estendeu o braço e apoiou a mão no ombro de Jamie, e eu vi os nós dos seus dedos embranquecerem quando ele o apertou.

– Eu ficarei ao seu lado. Nós ficaremos.

Ao meu lado, Brianna suspirou aliviada, como a brisa do anoitecer.

AINDA ASSIM SAEM A SEU ENCONTRO

A grande vela-relógio havia queimado um pouco, mas ainda restavam muitos dos aros pretos que marcavam as horas. Jamie recolocou as pedras na poça de cera derretida ao redor da chama: uma, duas, três – e a apagou. A quarta pedra, o grande topázio, estava guardada em uma pequena caixa de madeira que eu havia embrulhado e costurado em tecido oleado. Seria enviada a Edimburgo, aos cuidados do marido da prima da sra. Bug, que, por meio de suas conexões com bancos, negociaria a venda da pedra e – mediante a dedução de uma comissão adequada por sua ajuda – transferiria o dinheiro para Ned Gowan.

A carta que a acompanharia, selada dentro da caixa com a pedra, dava a Ned a missão de determinar se Laoghaire MacKenzie estava vivendo com um homem em estado equivalente ao casamento. Caso estivesse, o incumbia ainda de declarar que o contrato entre Laoghaire MacKenzie e James Fraser fora cumprido, após o que os lucros da venda da pedra seriam depositados em um banco, para serem usados como dote para Joan MacKenzie Fraser, filha da citada Laoghaire, quando ela se casasse.

– Tem certeza de que não quer pedir a Ned para dizer quem é o sujeito? – perguntei.

Ele balançou a cabeça com firmeza.

– Se ele quiser me dizer, tudo bem. Se não, tudo bem também.

Ele olhou para mim com um ar irônico. A curiosidade não satisfeita seria sua penitência, evidentemente.

No fim do corredor, eu podia ouvir Brianna ao mesmo tempo

conversando com a sra. Bug e repreendendo Jemmy, depois a voz de Roger, interrompendo, e o grito entusiasmado de Jemmy quando o pai o jogou para cima.

– Acha que Roger fez uma boa escolha? – perguntei baixinho.

Eu ficara muito feliz com a decisão do meu genro e sabia que Jamie também ficara. Mas, apesar da perspectiva peculiar que Brianna, Roger e eu tínhamos sobre os acontecimentos futuros, eu sabia que Jamie tinha uma ideia muito melhor do que de fato estava por vir. E se a passagem pelas pedras representava perigos, a guerra também.

Ele parou, pensando, depois se inclinou por cima de mim, pegando um pequeno volume no fim da estante de livros. Tinha uma capa simples, de pano, e estava bastante surrado; uma edição de Tucídides que ele havia adquirido na esperança incrivelmente otimista de que Germain e Jemmy pudessem um dia aprender o suficiente de grego para lê-lo.

Abriu o livro devagar para que as folhas não caíssem. As letras gregas me pareciam os rastros deixados por uma minhoca banhada em tinta, mas ele encontrou o trecho que procurava sem dificuldade.

“Os mais corajosos com certeza são aqueles que têm a visão mais clara do que está diante deles, tanto glória quanto perigo, e ainda assim saem ao seu encontro.”

As palavras estavam à sua frente, e no entanto, parecia que ele não as lia do papel, mas das páginas de sua memória, do livro aberto de seu coração.

A porta bateu com força e eu ouvi Roger gritando lá fora, a voz rouca mas alta, chamando Jemmy, e depois sua risada, grave e meio engasgada, quando Bree disse algo a ele, um som mais baixo, distante demais para que eu compreendesse as palavras.

Então, eles se afastaram e fez-se silêncio, exceto pelo sopro do vento nas árvores.

– “Os mais corajosos são aqueles que têm a visão mais clara.” Bem, você

sabe disso melhor do que ninguém, não é? – falei com delicadeza.

Apoiei a mão em seu ombro, na junção com o pescoço. Percorri os tendões fortes de seu pescoço com o polegar, olhando as letras retorcidas na página. Ele sabia, e eu também, pois a visão que ele tinha era a que eu havia lhe mostrado.

Jamie continuou segurando o livro, mas inclinou a cabeça para que sua face roçasse minha mão, e seus cabelos espessos tocaram meu pulso, macios e quentes.

– Ah, não – disse ele. – Eu, não. Só se é corajoso quando se tem escolha, certo?

Eu ri, funguei e passei o pulso de minha mão livre sobre os olhos.

– E você acha que não tem escolha?

Ele parou por um instante, depois fechou o livro, embora continuasse a segurá-lo.

– Não – respondeu, por fim, com um tom estranho. – Agora não.

Jamie se virou em sua cadeira, olhando pela janela. Tudo que se via era o grande abeto-vermelho ao lado da clareira e a sombra escura dos carvalhos mais atrás, misturada aos arbustos de amoras silvestres que se alastravam pelo pátio. A mancha escura onde estivera a cruz de fogo estava agora coberta de mato, tomada pela cevada silvestre.

O vento soprou e eu percebi que não fazia um silêncio absoluto, afinal. Os sons da montanha nos cercavam, pássaros cantando, água correndo ao longe – e vozes também, no tráfego murmurado das rotinas diárias, uma palavra junto ao chiqueiro, um chamado da latrina. E, acima de tudo, o som de crianças, gritinhos e risadinhas carregados pelo ar.

– Acho que você tem razão – falei, depois de um instante.

Ele tinha razão; não havia escolha agora, e essa constatação me deu um pouco de paz. O que estivesse por vir, viria. Nós o enfrentaríamos da melhor maneira que pudéssemos e esperaríamos sobreviver. E só. Se não sobrevivêssemos, talvez eles sobrevivessem. Segurei o rabo de cavalo dele e o enrolei nos dedos, segurando com força, como a corda de uma âncora.

– Mas e quanto às outras escolhas? – perguntei, olhando pela janela com

ele, para o pátio vazio e as sombras da floresta mais além. – Todas as escolhas que você fez e que nos trouxeram até aqui? Elas foram reais, e muito corajosas, se quer saber.

Sob a ponta do meu dedo indicador, eu podia sentir a linha da espessura de um fio de cabelo de sua antiga cicatriz, enterrada no fundo de suas madeixas ruivas. Ele se inclinou para trás e se virou para me olhar, de modo que minha mão agora segurava seu maxilar.

– Ah. Bem... – disse ele, sorrindo levemente. Sua mão tocou a minha e ele entrelaçou os dedos nos meus. – Você sabe muito bem, não é, Sassenach?

Sentei-me ao seu lado, bem junto a ele, apoiando a mão em sua perna, a mão dele sobre a minha. Ficamos assim por algum tempo, lado a lado, observando as nuvens de chuva se aproximarem, vindas do rio, como uma ameaça de guerra distante. E eu pensei que, se era ou não uma questão de escolha, provavelmente, no fim das contas, dava na mesma.

A mão de Jamie permanecia sobre a minha. Fez um pouco de pressão e eu o encarei, mas seus olhos ainda estavam fixos em algum lugar além das montanhas e das nuvens distantes. Sua mão pressionou um pouco mais e senti as bordas de minha aliança pressionando minha carne.

– Quando chegar o dia em que tivermos que nos separar – disse ele baixinho, e virou-se para me olhar –, se minhas últimas palavras não forem “eu amo você”, saiba que isso não aconteceu porque não tive tempo.

AGRADECIMENTOS

Os mais sinceros agradecimentos da autora...

... à minha editora, Jackie Cantor, sempre a melhor de todas no que diz respeito a livros.

... a meu agente, Russ Galen, que sempre esteve a meu lado, com lança e escudo.

... a Stacey Sakal, Tom Leddy e todas as outras pessoas incríveis da produção que abriram mão de seu tempo, talento e saúde mental para produzir este livro.

... a Kathy Lord, a mais rara e incrível das criaturas, uma excelente revisora.

... a Virginia Norey, designer do livro (*também conhecida como Deusa do Livro*), que conseguiu enfiar a coisa toda entre duas capas e deixar tudo incrível.

... a Irwyn Applebaum e Nita Taublib, editor executivo e editora executiva assistente, que se juntaram ao grupo e trouxeram suas armas.

... a Rob Hunter e Rosemary Tolman, pelas informações não publicadas sobre a Guerra da Regulação e seus pitorescos e interessantes antepassados, James Hunter e Hermon Husband. (*Não, eu não invento todas essas pessoas; só algumas delas.*)

... a Beth e Matthew Shope, e Liz Gaspar, pela informação a respeito da história dos quacres da Carolina do Norte e de suas crenças. (*E precisamos assinalar, por questão de pura exatidão, que Hermon Husband não era exatamente um quacre na época dessa história, tendo sido deixado de fora da reunião local por ser muito intenso.*)

... a Bev LaFlamme, Carol Krenz e seus (respectivos) maridos francês e franco-canadense (*que sem dúvida devem se perguntar que tipo de amigas suas esposas têm*), pelas opiniões de especialistas acerca dos termos em francês relacionados ao funcionamento dos intestinos e pela ajuda com

expressões idiomáticas francesas muito pitorescas.

... a Julie Giroux, pela música de Roger, e pela incrível “Sinfonia de Culloden”. Roy Williamson por “The Flowers of Scotland” (letra e música) © The Corries (music) Ltd.

... a Roger H. P. Coleman, R. W. Odlin, Ron Parker, Ann Chapman, Dick Lodge, Olan Watkins e muitos membros do Compuserve Masonic Forum pelas informações sobre a maçonaria e as lojas irregulares em c. 1755 (*o que foi um bom tempo antes do estabelecimento do Rito Escocês, por isso não se deem ao trabalho de me escrever sobre isso, certo?*)

... a Karen Watson e Ron Parker, por me darem conselhos a respeito das estações de metrô de Londres durante a Segunda Guerra Mundial – cujos detalhes técnicos eu tomei a liberdade de mudar um pouco.

... a Steven Lopata, Hall Elliott, Arnold Wagner, R.G. Schmidt e Mike Jones, guerreiros respeitáveis, por discussões úteis a respeito de como os homens pensam e se comportam antes, durante e depois da batalha.

... a R. G. Schmidt e várias outras pessoas cujos nomes eu infelizmente me esqueci de anotar, que contribuíram com informações úteis a respeito das crenças, da língua e dos costumes cherokees. (*O cântico de caça ao urso que termina com “Yoho!” é objeto de registro histórico. Há muitas coisas que eu não poderia inventar nem mesmo se tentasse.*)

... à família Chemodurow, por terem permitido que eu tomasse liberdade em relação a seus membros, retratando-os como criadores de suínos russos. (*Porcos selvagens russos realmente eram importados para a Carolina do Norte para caça no século XVIII. Isso pode ter algo a ver com a popularidade do churrasco no Sul.*)

... a Laura Bailey, pelos conselhos e comentários valiosos a respeito dos costumes e das roupas no século XVIII – prestei atenção à maioria deles.

... a Susan Martin, Beth Shope e Margaret Campbell, pelas opiniões de especialista sobre a flora, a fauna, a geografia, o clima e a situação mental na Carolina do Norte (*e todas gostariam de deixar registrado que só um bárbaro colocaria tomates no molho de churrasco*). As aberrações nesses aspectos da história são resultado de inadvertência, licença literária e/ou

invencionice por parte da autora.

... a Janet McConnaughey, Varda Amir-Orrel, Kim Laird, Elise Skidmore, Bill Williams, Arlene McCrea, Lynne Sears Williams, Babs Whelton, Joyce McGowan e dezenas de outras pessoas gentis e solícitas do Compuserve Writers Forum, que respondem a qualquer pergunta tola em um piscar de olhos, principalmente se tiver algo a ver com mutilação, assassinato, doença, costura ou sexo.

... à dra. Ellen Mandell, pelos conselhos técnicos a respeito de como enforcar alguém e, em seguida, cortar sua garganta sem matá-lo no processo. Quaisquer erros na aplicação desses conselhos são meus.

... a Piper Fahrney, por suas excelentes descrições sobre como é aprender a lutar com uma espada.

... a David Cheifetz, por matar dragões.

... a Iain MacKinnon Taylor, por sua inestimável ajuda com as traduções do gaélico e suas adoráveis sugestões para o discurso de Jamie.

... a Karl Hagen, pelos conselhos acerca da gramática do latim, e Barbara Schnell, pelas partes em latim e em alemão, sem falar de suas incríveis traduções dos romances para o alemão.

... a Julie Weathers, meu falecido sogro, Max Watkins e Lucas, pela ajuda com os cavalos.

... às Senhoras de Lallybroch, pelo contínuo e entusiasmado apoio moral, incluindo a atenciosa seleção internacional de papel higiênico.

... às centenas de pessoas que, de maneira gentil e voluntária, me enviaram informação interessante a respeito de tudo, desde o desenvolvimento e os usos da penicilina até como tocar *bodhrans*, a distribuição do espruce vermelho e o gosto da carne de gambá (*dizem que é gordurosa, se querem saber*).

... e a meu marido, Doug Watkins, pela última frase do livro.

SOBRE A AUTORA

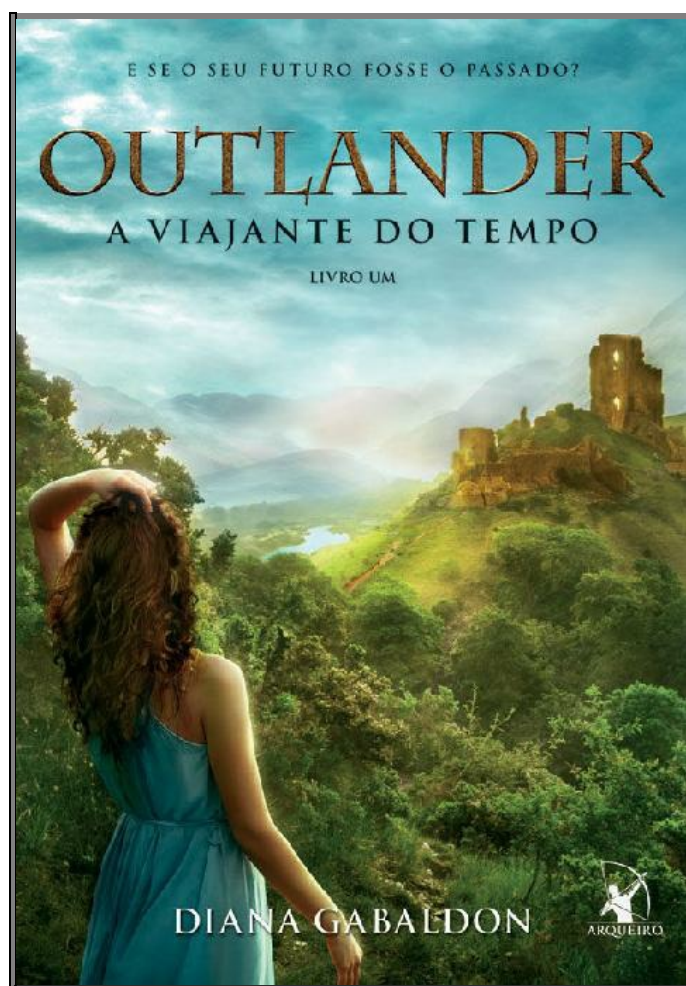


DIANA GABALDON cresceu no Arizona, EUA, e é de ascendência mexicano-americana e inglesa. Tem formação em Zoologia, Biologia Marinha e Ecologia. Foi professora universitária durante mais de doze anos antes de se dedicar à escrita em tempo integral. Sua série Outlander se transformou em um enorme sucesso mundial e foi adaptada para a TV em 2014. Atualmente Diana mora em Scottsdale, no Arizona.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE OUTLANDER

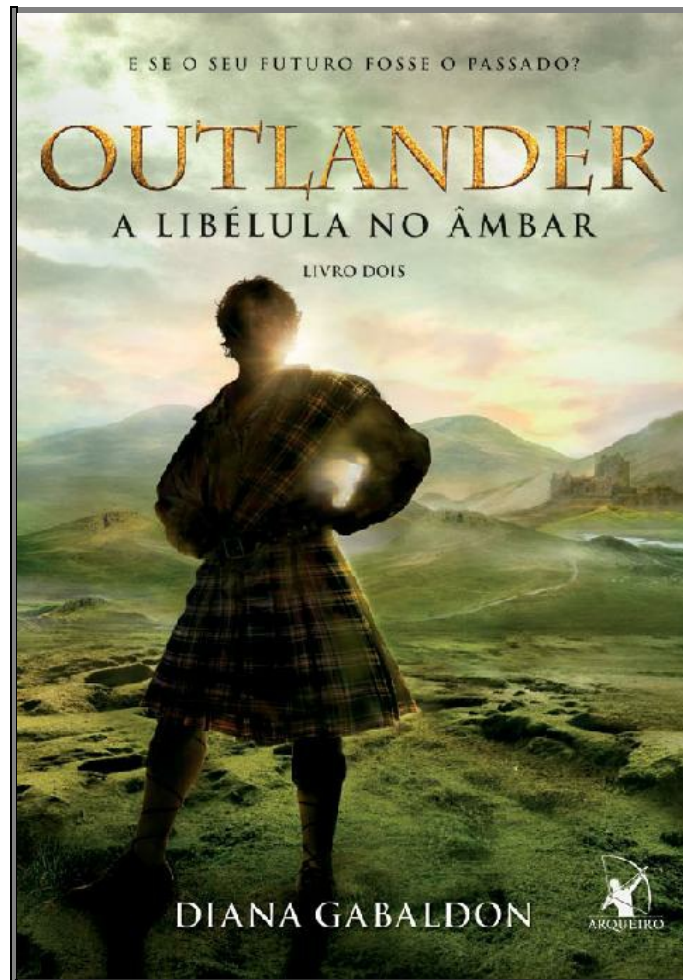
A viajante do tempo

LIVRO UM

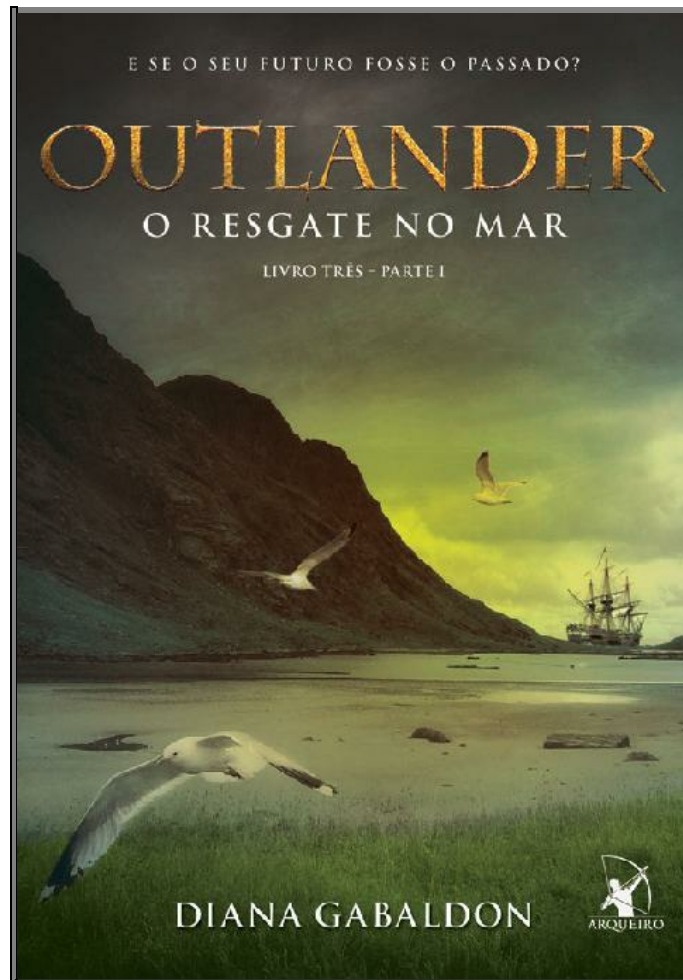


A libélula no âmbar

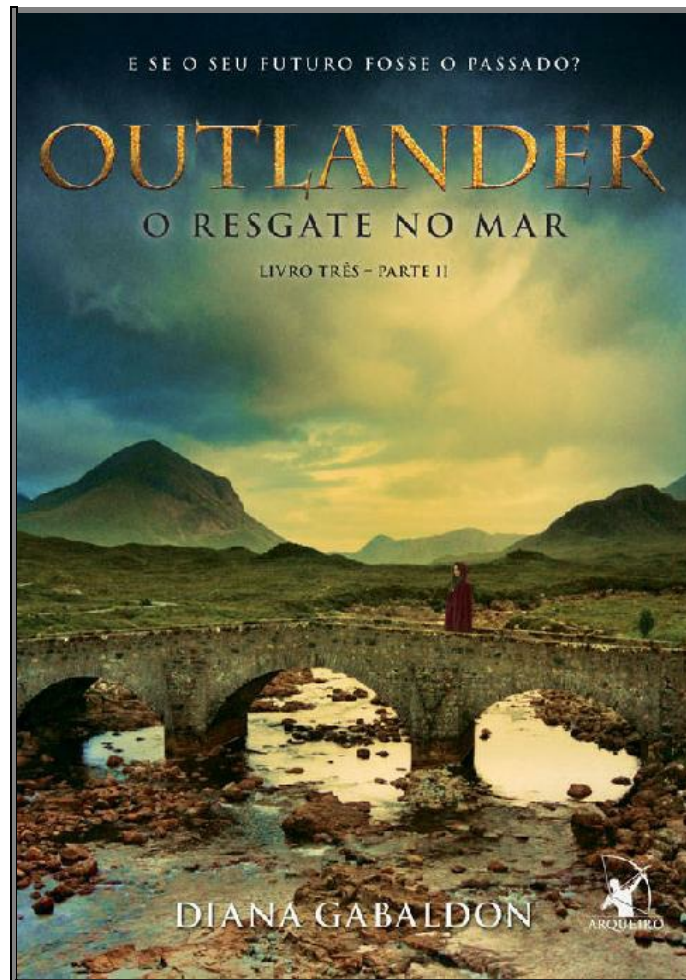
LIVRO DOIS



O resgate no mar
LIVRO TRÊS – PARTE I



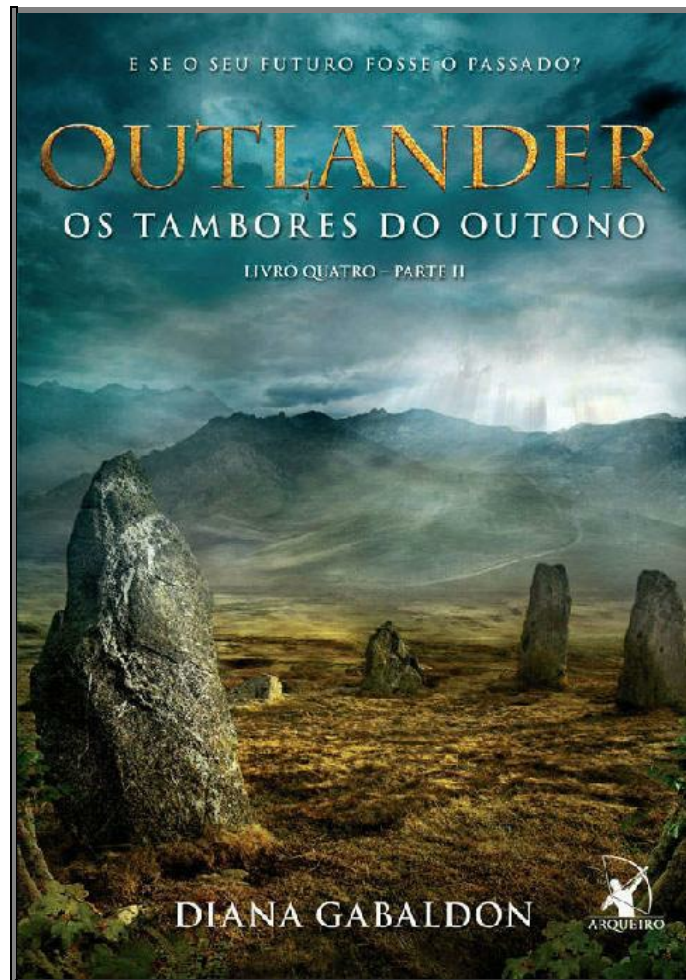
O resgate no mar
LIVRO TRÊS – PARTE II



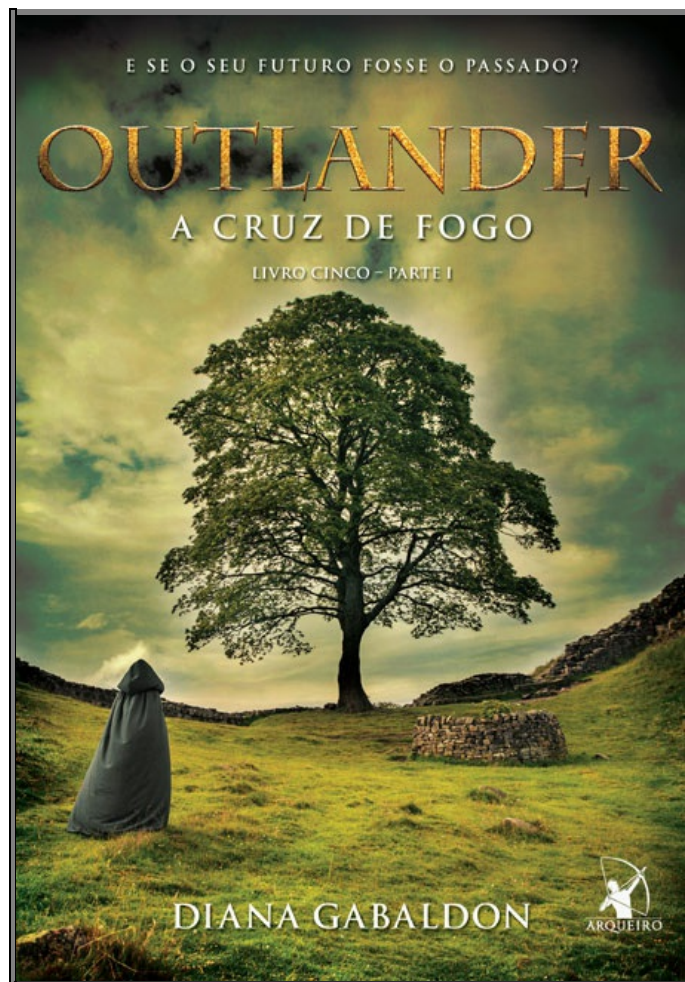
Os tambores do outono
LIVRO QUATRO – PARTE I



Os tambores do outono
LIVRO QUATRO – PARTE II



A cruz de fogo
LIVRO CINCO – PARTE I



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém; Desaparecido para sempre; Confie em mim; Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa; A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno; O símbolo perdido; O Código Da Vinci; Anjos e demônios; Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada; O melhor de mim; O guardião; Uma curva na estrada; O casamento; À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; Agência

de Investigações Holísticas Dirk Gently e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

PARTE VI

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

PARTE VII

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

PARTE VIII

89

90

91

92

93

94

95

PARTE IX

96

97

98

99

100

101

102

[103](#)

[104](#)

[105](#)

[106](#)

[107](#)

[108](#)

[109](#)

[110](#)

[111](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da série Outlander](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)